

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA



COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SIMONE DE BEAUVOIR OS MANDARINS





OS MANDARINS


COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO
•

SIMONE DE BEAUVOIR OS MANDARINS

3ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO
HÉLIO DE SOUZA


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

© Éditions Gallimard 1954
Título original: *Les Mandarins*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem de capa: Ilustração a partir de óleo sobre tela de Robert Finale, 2004.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B352m

Beauvoir, Simone de, 1908-1986

Os mandarins / Simone de Beauvoir ; tradução de Hélio de Souza. - [3. ed.] - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017.
736 p. (Clássicos de ouro)

Tradução de: Les mandarins

ISBN: 978.85.209.3812-6

1. Ficção francesa. I. Série.

17-42280

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

A Nelson Algren.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo I

I

II

Capítulo II

I

II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Sobre a autora

Colofão

Capítulo I

I

Henri lançou um derradeiro olhar para o céu: um cristal escuro. Mil aviões destruindo o silêncio, difícil imaginar. Todavia, as palavras lhe carambolavam na cabeça, com um ruído alegre: ofensiva paralisada, derrota alemã, vou poder partir. Dobrou a esquina do cais. As ruas cheirariam a óleo e a flor de laranjeira, pessoas falariam alto nos terraços iluminados, ele tomaria um café de verdade, ao som dos violões. Seus olhos, suas mãos, sua pele tinham fome. Que prolongado jejum! Subiu lentamente a escada fria.

— Enfim! — Paule o apertava entre os braços, como se o tivesse reencontrado após longos perigos. Por sobre o seu ombro, ele olhou o pinheiro faiscante que os grandes espelhos refletiam até o infinito. A mesa estava carregada de pratos, copos e garrafas. Tufos de visgo e azevinho jaziam em desordem, ao pé de um banquinho. Henri se desvencilhou dela e jogou o sobretudo em cima do divã.

— Ouviu o rádio? Há boas notícias.

— Ah! Diga-me logo. — Ela nunca ouvia rádio, só queria saber notícias vindas de sua boca.

— Você não notou como a noite está clara? Fala-se de mil aviões sobre a retaguarda de Von Rundstedt.

— Meu Deus! Então eles não voltarão.

— Jamais se cogitou sua volta.

Sinceramente, a mesma ideia também lhe passava pela cabeça.

Paule sorriu misteriosamente:

— Eu havia tomado minhas precauções.

— Que precauções?

— No fundo do porão, há um pequeno abrigo. Pedi à mulher da portaria que o desentulhasse: Você ficaria escondido lá.

— Você fez mal de falar disso com a mulher da portaria: é assim que se fabricam os pânicos.

Ela apertava na mão esquerda as pontas de seu xale, tinha o ar de quem protege o próprio coração.

— Eles o teriam fuzilado — disse ela. — Ouço-os todas as noites: batem, abro, vejo-os.

Imóvel, os olhos semicerrados, ela na verdade parecia ouvir vozes.

— Não acontecerá — disse Henri, alegremente.

Ela abriu os olhos e deixou tombar as mãos.

— Acabou de fato a guerra?

— Não haverá mais guerra por muito tempo. — Henri colocou o escabelo embaixo da grossa viga que sustentava o teto. — Quer que eu a ajude?

— Os Dubreuilh virão me ajudar.

— Por que esperá-los?

Ele agarrou o martelo. Paule pôs a mão em seu braço:

— Você não vai trabalhar?

— Esta noite, não.

— Todas as noites você diz a mesma coisa. Faz mais de um ano que não escreve coisa alguma.

— Não se preocupe: estou com vontade de escrever.

— Este jornal toma-lhe muito tempo. Veja a que horas você volta. Garanto que não comeu nada. Está com fome?

— Não por enquanto.

— Está cansado?

— De jeito nenhum.

Sob aqueles olhos que o devoravam com solicitude, ele se sentia um grande tesouro, frágil e perigoso. E era isso que o cansava. Ele subiu no escabelo e se pôs a martelar um prego com pancadinhas prudentes: a casa não era nova.

— Posso até dizer-lhe o que escreverei: será um romance alegre.

— Que quer dizer? — perguntou Paule, com uma voz inquieta.

— Justamente o que disse: estou com vontade de escrever um romance alegre.

Por pouco não inventou ali mesmo o seu romance. Pensar nisso em voz alta o teria divertido. Mas Paule lhe lançava um olhar tão intenso, que ele

se calou.

— Passe-me o tufo grande de visgo.

Ele suspendeu com cuidado a grande bola verde salpicada de olhinhos brancos. Paule estendeu-lhe outro prego. Sim, a guerra estava terminada. Pelo menos para ele. Verdadeira festa, esta noite. A paz começava, tudo recomeçava: as festas, os lazeres, o prazer, as viagens, talvez a felicidade, certamente a liberdade. Ele acabou de pendurar ao longo da viga o visgo, o azevinho, as guirlandas de cabelo de anjo.

— Certo? — perguntou, descendo do escabelo.

— Perfeito. — Paule aproximou-se do pinheiro, rearrumou uma das velas: — Se não houver mais perigo, você partirá para Portugal?

— Naturalmente.

— Você não vai trabalhar durante a viagem?

— Acho que não.

Ela manuseava, com ar hesitante, uma das bolas douradas que balançavam nos galhos. E ele disse as palavras que ela esperava:

— Estou triste por não poder levá-la comigo.

— Bem sei que não é sua culpa. Não fique triste: tenho cada vez menos vontade de correr o mundo. Que adianta isso? — Ela sorriu: — Vou esperá-lo. Esperar, quando a gente está em segurança, não cansa.

Henri teve vontade de rir: que adianta isso? Que pergunta! Lisboa. Porto. Sintra. Coimbra. Bonitos nomes! E ele não tinha sequer necessidade de pronunciá-los para sentir-se cheio de alegria. Bastava que dissesse a si mesmo: não estarei mais aqui, estarei em outro lugar. Em outro lugar... Palavras ainda mais belas que os mais belos nomes.

— Você não vai se vestir? — perguntou ele.

— Já vou.

Ela subiu a escada interna e ele se aproximou da mesa. Pensando bem, ele estava com fome. Mas bastava confessar seu apetite para que a inquietação tomasse a expressão de Paule. Passou uma porção de patê numa fatia de pão, mordeu e disse a si mesmo, decididamente: “Ao voltar de Portugal, vou instalar-me no hotel.” É tão agradável, à noite, retornar a um quarto onde ninguém nos espera! Mesmo quando estava apaixonado por Paule, sempre fez questão de viver só. Apenas, entre 1939 e 1940, Paule caía morta, todas as noites, com seu cadáver horivelmente mutilado: quando Henri retornasse, poderia ousar negar-lhe alguma coisa?

De resto, o toque de recolher tornava cômoda esta situação. “Você pode ir embora”, dizia ela. Ele ainda não tinha podido ir. Agarrou uma garrafa e enterrou o saca-rolha na cortiça chiante. Em um mês Paule se habituaria a ficar sem ele. E, se não se habituasse, tanto pior. A França não era mais uma prisão, as fronteiras se abriam, a vida não devia mais ser uma prisão. Quatro anos de austeridade, quatro anos a se ocupar somente dos outros: era muito, era demais. Já era tempo de se ocupar um pouco de si mesmo! E, para tanto, tinha necessidade de ser só e de ser livre. Reencontrar-se, ao fim de quatro anos, não é fácil para ninguém. Havia muitas coisas que precisava esclarecer. Quais? Bem... Não o sabia claramente, mas lá, ao passear pelas ruazinhas que cheiram a óleo, tentaria orientar-se. De novo o coração estremeceu-lhe: o céu seria azul, nas janelas flutuariam roupas brancas. Ele andaria de mãos nos bolsos, como turista, em meio a pessoas que não falariam a sua língua e cujas preocupações não lhe dariam respeito. Deixar-se-ia viver, sentir-se-ia viver. Isto bastaria, talvez, para que tudo se tornasse claro.

— Bonito!... Você abriu todas as garrafas! — Paule desceu a escada com passinhos suaves.

— Decididamente, você cismou com o violeta! — disse ele, com um sorriso.

— Mas você adora o violeta! — redarguiu ela. Fazia dez anos que ele adorava o violeta: bastante tempo, dez anos. — Não gosta deste vestido?

— Oh! É muito bonito — disse ele com solicitude. — Apenas estava pensando na existência de outras cores que lhe iriam bem: o verde, por exemplo — lançou ele, ao acaso.

— Verde? Você me imagina de verde?

Ela se havia plantado diante de um dos espelhos, com o ar de quem se encontra ao desamparo. Era inútil! De verde ou de amarelo, ele jamais a reencontraria tal como há dez anos: então a desejou, quando ela, com um gesto indolente, estendera-lhe as longas luvas violeta. Ele sorriu-lhe:

— Venha dançar.

— Sim, dancemos — assentiu ela. A voz era-lhe tão ardente, que Henri gelou. A vida comum que levaram fora tão triste durante este último ano, que a própria Paule pareceu entediar-se. Mas ela mudara bruscamente no começo de setembro. Agora, em todas as suas palavras, beijos, olhares,

havia um frêmito de paixão. Quando a enlaçou, ela colou-se a ele, murmurando:

— Lembra-se da primeira vez que dançamos juntos?

— Sim, no Pagode. Você disse que eu dançava muito mal.

— Foi no dia em que lhe mostrei o museu Grévin. Você não o conhecia, não conhecia coisa alguma — disse-lhe ela, a voz enternecida. Apoiou a fronte contra a face de Henri: — Parece que estou nos vendo...

Também ele se revia. Estavam ambos montados sobre um pedestal, no meio do Palais des Mirages, e em toda parte, em torno deles, o par que representavam se havia multiplicado até o infinito, entre florestas de colunas e espelhos: “Diga-me que sou a mais bela das mulheres. — Você é a mais bela das mulheres. — E você será o homem mais glorioso do mundo.” Ele dirigiu os olhos para um dos grandes espelhos: o casal enlaçado repetia-se infinitamente, ao longo de uma alameda de pinheiros, e Paule lhe sorria, maravilhada. Ela não se dava conta de que não era mais o mesmo par?

— Estão batendo — disse Henri, e se precipitou em direção à porta. Eram os Dubreuilh, carregados de cestos e caixas. Anne apertava entre os braços um ramalhete de rosas e Dubreuilh jogara no ombro enormes cachos de pimentão vermelho. Nadine os seguia, aborrecida.

— Feliz Natal!

— Feliz Natal!

— Sabem da última? Finalmente a força aérea pôde atacar.

— Sim, mil aviões!

— Eles estão liquidados.

— É o fim.

Dubreuilh colocou no divã a braçada de frutos vermelhos:

— Aí está, para decorar este pequeno bordel.

— Obrigada — disse Paule, fria.

Irritava-a que Dubreuilh chamasse bordel ao estúdio: por causa, dizia ele, de todos estes espelhos e destes papéis de parede vermelhos. Ele respeitava o cômodo:

— Vamos suspendê-los na viga do meio. Farão mais efeito que o visgo.

— Gosto do visgo — disse Paule, com voz firme.

— Tolice, o visgo traz mau gosto, isso é histórico. Além do mais, é um parasita.

— Pendure os pimentões no alto da escada, ao longo da balaustrada — sugeriu Anne.

— Ficaria muito melhor aqui — replicou Dubreuilh.

— Faça questão de meu visgo e de meu azevinho — contraveio Paule.

— Bem, bem, você está em sua casa — emendou Dubreuilh, fazendo sinal a Nadine: — Venha ajudar-me.

Anne desembrulhava picadinho de carne de porco, manteiga, queijos, bolos.

— Isto é para o ponche — dizia ela, pondo sobre a mesa duas garrafas de rum. Passou um pacote às mãos de Paule: — Tome, é um presente para você. — Depois, estendendo a Henri um cachimbo de barro, uma garra de ave segurando um ovinho, acrescentou: — Aqui está para você. — Era exatamente o cachimbo que Louis fumava, quinze anos antes.

— Formidável! Faz quinze anos que desejo um cachimbo assim. Como você adivinhou?

— Porque você me disse!

— Um quilo de chá! Você salvou minha vida — exclamou Paule. — E que cheiro bom: chá autêntico!

Henri pôs-se a cortar fatias de pão. Anne cobria-as de manteiga e Paule de picadinho, observando ansiosamente Dubreuilh, que batia pregos a grandes marteladas.

— Sabe o que está faltando aqui? — gritou ele a Paule. — Um grande lustre de cristal. Acharei um para você.

— Mas acontece que não quero!

Dubreuilh suspendeu os cachos de pimentão e desceu da escada.

— Nada mau! — disse ele, examinando seu trabalho com um olho crítico. Aproximou-se da mesa e abriu um saquinho de especiarias. Fazia anos que, a menor oportunidade, ele confeccionava esse ponche, cuja receita havia trazido do Haiti. Apoiada à balaustrada, Nadine mastigava um pimentão. Com dezoito anos, a despeito de suas vagabundagens em camas francesas e americanas, parecia ainda em plena adolescência.

— Não coma a decoração — gritou-lhe Dubreuilh. Ele esvaziou uma garrafa de rum na saladeira e voltou-se para Henri: — Anteontem encontrei Samazelle. Estou muito satisfeito porque ele pareceu disposto a ir conosco. Amanhã à tarde você estará livre?

— Não posso deixar o jornal antes de onze horas — disse Henri.

— Passe às onze — acrescentou Dubreuilh — Vamos discutir o caso e gostaria de que você estivesse lá.

— Não vejo bem por quê — disse Henri, sorrindo.

— Eu disse a ele que você trabalha comigo, com sua presença a discussão terá mais peso.

— Não penso que um tipo como Samazelle dê muita importância a isso — disse Henri, continuando a sorrir. — Ele deve saber muito bem que não sou um político.

— Mas ele pensa como eu, que não se deve mais abandonar a política aos politiquinhos — obtemperou Dubreuilh. — Venha, mesmo que seja por pouco tempo. Ele, Samazelle, tem atrás de si um grupo interessante: tipos jovens, como precisamos.

— Escutem, vocês não vão mais falar de política! — disse Paule, agastada. — Hoje é dia de festa.

— E daí? — perguntou Dubreuilh. — É proibido falar do que interessa, em dias de festa?

— Mas por que você procura tanto meter Henri nesta história? — indagou, por sua vez, Paule. — Ele já se cansa bastante e já lhe disse vinte vezes que a política o enfastia.

— Eu sei: Você me toma por um corruptor, que tenta perverter seus amiguinhos — disse Dubreuilh, sorrindo. — Mas a política não é um vício, minha beleza, nem uma brincadeira social. Se uma nova guerra eclodisse dentro de três anos, você seria a primeira a lastimar-se.

— Isto é chantagem — redarguiu Paule. — Quando esta guerra tiver acabado verdadeiramente, não haverá ninguém com vontade de começar outra.

— Você crê que a vontade das pessoas influi! — acrescentou Dubreuilh.

Paule ia responder, mas Henri tomou-lhe a palavra.

— Na verdade, não é má vontade, mas não tenho tempo.

— Tempo nunca falta — emendou Dubreuilh.

— Para você, não — murmurou Henri, rindo. — Mas eu sou um ser normal. Não posso trabalhar vinte horas a fio, nem deixar de dormir durante um mês.

— Nem eu tampouco! — interveio Dubreuilh. — Não tenho mais vinte anos. E ninguém está pedindo tanto a você — acrescentou, provando o ponche, o ar inquieto.

Henri encarou-o jovialmente: com vinte anos ou oitenta, Dubreuilh teria sempre esse ar tão jovem, devido aos seus olhos, enormes e galhofeiros, que devoravam tudo. Que fanático! Em comparação, Henri muitas vezes era tentado a julgar-se desligado, preguiçoso, inconsistente; todavia, era inútil forçar-se. Com vinte anos, admirava tanto Dubreuilh que se diria obrigado a imitá-lo. Resultado: Vivia com sono, enchia-se de drogas e perdia-se na imbecilidade. Precisava tomar partido: privado de lazeres, perdia o gosto de viver e ao mesmo tempo o de escrever, transformava-se em máquina. Tinha sido máquina durante quatro anos. Agora, fazia questão, antes de mais nada, de voltar a ser homem.

— Quero saber em que minha experiência poderia servi-lo — disse.

— A inexperiência... isso tem seu lado bom — fez Dubreuilh. E com um meio sorriso: — De resto, neste momento você tem um nome que representa muita coisa para muita gente. — O sorriso acentuou-se: — Samazelle arrastou-se, antes da guerra, por todas as facções e facções de facções, mas não é por isso que quero tê-lo: é porque se trata de um herói da Resistência, o nome dele impressiona.

Henri pôs-se a rir. Nunca Dubreuilh lhe parecia mais ingênuo do que quando pretendia ser cínico. Paule tinha razão de acusá-lo de chantagem. Se ele acreditasse mesmo na iminência de uma terceira guerra, não estaria de tão bom humor. A verdade é que via abrirem-se possibilidades de ação e desejava ardentemente explorá-las. Henri se sentia menos entusiasmado. Evidentemente, tinha mudado desde 1939. Antes era de esquerda, porque a burguesia o enojava, a injustiça o indignava e ele considerava todos os homens como irmãos. Belos sentimentos generosos, que não o comprometiam com coisa alguma. Agora sabia que, se desejasse deixar de ser solidário com sua classe, teria que arriscar-se. Malefilatre, Bourgoin, Picard se foram durante a luta, mas pensaria sempre neles como se estivessem vivos. Estava com eles à mesa diante de um guisado de lebre, bebiam vinho branco e falavam, sem muita esperança, no futuro. Quatro soldados. Mas, finda a guerra, haveria de novo um burguês, um camponês, dois metalúrgicos. Henri tinha compreendido, nesse instante, que aos olhos dos três outros e aos seus próprios ele pareceria um privilegiado até certo ponto envergonhado, mas, consentindo com esta situação, não estaria mais ligado a eles. Para permanecer companheiro deles, só haveria um meio: continuar a fazer coisas com eles. Havia compreendido isso melhor

ainda, quando, em 1941, trabalhara com o grupo de Bois-Colombes. No começo, a coisa não caminhara sozinha. Flamand exasperava-o, repetindo a todo momento: “Você compreende, sou um operário, raciocino como um operário.” Mas, graças a ele, Henri conhecera concretamente alguma coisa que antes ignorava e cuja ameaça haveria doravante de sentir sempre: o ódio. Tinha-o desarmado. Na ação comum, eles o haviam reconhecido como um de seus companheiros. Mas, se ele voltasse à condição de burguês indiferente, o ódio renasceria, e com razão. A menos que desse prova do contrário, era um inimigo para centenas de milhões de homens, um inimigo da humanidade. E isso ele não queria de jeito algum: daria a prova. O diabo é que a ação mudara de figura. A Resistência era uma coisa; a política, outra. Esta, a política, estava longe de apaixonar Henri. E ele sabia o que significava um movimento como aquele com que Dubreuilh sonhava: comitês, conferências, congressos, *meetings*, falar, falar. Era preciso, ininterruptamente, manobrar, negociar, aceitar compromissos claudicantes. Tempo perdido, concessões irritantes, tédio sombrio, nada mais repulsivo. Dirigir um jornal, isso era trabalho de que gostava. Mas, evidentemente, uma coisa não colidia com a outra; ao contrário, ambas se completavam: impossível utilizar *L’Espoir* como álibi. Não, Henri não se sentia com direito de esquivar-se; apenas tentaria diminuir sua parcela de culpa.

— Meu nome, um ou outro ato de presença, isso não posso recusar-lhe — disse. — Entretanto, não me peçam muito mais.

— Pedirei mais, com certeza — rosnou Dubreuilh.

— Em todo caso, não imediatamente. Até a minha partida, tenho trabalho em excesso.

Dubreuilh olhou fixamente Henri:

— Continua de pé esse seu projeto de viagem?

— Agora mais do que nunca. Dentro de três semanas, se tanto, vou-me embora.

— Não é sério! — redarguiu Dubreuilh, contrariado.

— Ah! Tenho certeza!... — disse Anne, encarando-o com malícia. — Se fosse você que tivesse vontade de passear, faria isso e ainda por cima diria tratar-se da única coisa inteligente a fazer.

— Mas não tenho vontade de fazê-lo, e nisso está minha superioridade — respondeu Dubreuilh.

— Devo dizer que as viagens me parecem um mito — disse Paule. Sorriu para Anne: — Uma rosa que você me traz me dá mais do que os jardins de Alhambra depois de quinze horas de trem.

— Oh! Uma viagem pode ser apaixonante! — exclamou Dubreuilh. — Neste momento, porém, é bem mais apaixonante ficar aqui.

— Pois bem, quanto a mim, tenho tanta vontade de estar fora que, se fosse necessário, partiria a pé, com os sapatos cheios de pedras — disse Henri.

— E *L'Espoir*? Você abandona o jornal assim, por um mês?

— Luc cuidará dele muito bem sem mim — rematou Henri.

Olhou os três com admiração: “Eles não se dão conta!” Sempre as mesmas caras, o mesmo cenário, as mesmas conversas, os mesmos problemas. Quanto mais a coisa muda, mais se assemelha a si mesma. Ao morrer nos sentimos vivos. A amizade, as grandes emoções históricas, ele apreciara tudo isso devidamente. Agora, porém, tinha necessidade de outra coisa: uma necessidade tão violenta, que tentar explicar-se seria irrisório.

— Feliz Natal!

A porta se abria: Vincent, Lambert, Sézenac. Chancel, toda a equipe do jornal. Traziam garrafas e discos, tinham as faces rosadas de frio e cantavam com estridência a febre musical dos dias de agosto:

Não mais havemos de vê-los.

Acabou-se. Estão perdidos.

Henri sorriu-lhes, contente. Sentia-se tão jovem como eles e tinha ao mesmo tempo a impressão de havê-los criado, em certa medida. Pôs-se a cantar junto. De repente, apagou-se a luz. O ponche flamejava, as estrelas de Natal crepitavam, Lambert e Vincent aspergiam Henri de faíscas. Paule acendia as velinhas no pinheiro.

— Feliz Natal!

Chegavam aos pares, aos grupos. Escutavam o violão de Django Reinhardt, dançavam, bebiam, riam todos. Henri enlaçou Anne, que disse, com emoção na voz:

— Exatamente como na véspera do desembarque. O mesmo lugar, as mesmas pessoas!

— Sim. E, agora, aconteceu.

— Para nós, aconteceu — disse ela.

Ele sabia o que ela pensava: nesse momento, vilarejos belgas crepitavam, o mar inundava os campos holandeses. Entretanto, aqui, a noite era de festa: o primeiro Natal de paz. É preciso, às vezes, que haja festa: do contrário, de que serviriam as vitórias? Estava-se em festa. Ele reconhecia o cheiro de álcool, de tabaco e de pó de arroz, o cheiro das noites longas. Milhares de jatos de água com pequenos arco-íris dançavam em sua memória. Tantas noites houve, antes da guerra: nos cafés de Montparnasse, onde as pessoas se embriagavam de cafés com creme de leite e de palavras; nos estúdios, que recendiam a pintura a óleo; nos pequenos *dancings* onde ele apertava nos braços a mais bela das mulheres, Paule. E sempre, na madrugada de rumores metálicos, uma voz docemente delirante murmurava dentro dele que o livro que estava escrevendo seria bom, que nada no mundo era mais importante.

— Sabe, decidi escrever um romance alegre — disse ele.

— Você? — Anne fixou-o com um ar divertido. — Quando vai começar?

— Amanhã.

Sim, de repente tinha pressa de tornar a ser o que era, o que sempre havia querido ser: um escritor. Reconhecia também esta alegria inquieta: o começo de um novo livro. Falaria de todas as coisas que estavam renascendo: as auroras, as noites intermináveis, as viagens, a alegria.

— Você parece estar de muito bom humor esta noite — disse Anne.

— De fato. Tenho a impressão de ter saído de um longo túnel. Você não?

— Não sei — disse, hesitante. — Assim mesmo, houve bons momentos nesse túnel.

— Sem dúvida.

Ele sorriu para Anne. Ela estava linda, esta noite, e ele a achava romanesca, no seu *tailleur* austero. Se não fosse uma velha amiga, e mulher de Dubreuilh, ele lhe teria feito, de bom grado, um pouco de corte. Dançou com ela várias vezes seguidas, depois convidou Claudie de Belzunce, que, generosamente decotada, coberta de joias de família, viera festejar com a elite intelectual. Convidou Jeannette Cange, Lucie Lenoir. Todas estas mulheres, ele as conhecia bem. Mas haveria outras festas, outras mulheres. Henri sorriu para Preston, que atravessava o estúdio, titubeando um pouco. Era o primeiro americano conhecido que Henri havia encontrado em agosto. Caíram nos braços um do outro.

— Fiz questão de vir festejar com você! — disse Preston.

— Festejemos — acrescentou Henri.

Beberam, e Preston pôs-se a falar sentimentalmente das noites de Nova York. Estava um pouco embriagado e apoiava-se no ombro do interlocutor:

— Você deve ir a Nova York — repetia, com autoridade na voz. — Garanto que terá êxito.

— Certamente, irei a Nova York — disse Henri.

— Ao chegar lá, alugue um pequeno avião: é a melhor maneira de ver o país — aconselhou Preston.

— Não sei pilotar.

— Oh! É mais fácil do que dirigir um automóvel.

— Aprenderei a pilotar — concluiu Henri.

Sim, Portugal era apenas um começo. Em seguida, haveria a América, o México, o Brasil, e talvez a URSS, a China: tudo. Novamente, Henri conduziria automóveis, pilotaria aviões. O ar, de um cinzento azul, estava carregado de promessas; o futuro ampliava-se até o infinito.

De repente, fez-se silêncio. Henri viu com surpresa que Paule se sentava ao piano. Ela começou a cantar. Fazia muito tempo que isto não acontecia. Henri tentou ouvi-la imparcialmente: nunca conseguira formar uma ideia exata sobre o valor daquela voz. Não era, com certeza, uma voz indiferente: por instantes, acreditar-se-ia ouvir, envolvido em veludo, o eco de um sino de bronze. Uma vez mais ele se perguntou: “Por que, na verdade, ela teria abandonado a carreira?” Imediatamente viu no seu sacrifício uma perturbadora prova de amor. Mais tarde, admirou-se de que Paule tivesse eludido todas as oportunidades de tentar a sorte. Ele então se perguntava se o amor que os unia não tinha sido para ela um pretexto, a fim de se submeter à prova.

Choveram aplausos. Ele aplaudiu com os outros.

— A voz dela é sempre tão linda! Se reaparecesse em público, estou certa de que faria sucesso — murmurou Anne.

— Você acredita? É um pouco tarde, não? — ponderou Henri.

— Por quê? De novo, com algumas aulas... — Anne observou Henri, com um ar um pouco hesitante: — Parece-me que isso faria bem a ela. Você deveria encorajá-la.

— Talvez.

Ele encarou Paule, que ouvia, sorridente, os escancarados elogios de Claudie de Belzunce. Evidentemente, isto mudaria sua vida. De nada lhe valia a passividade. “Quanto a mim”, disse ele a si mesmo, “isto simplificaria as coisas!” Afinal, por que não? Nessa noite, tudo parecia possível. Paule tornar-se-ia célebre, apaixonar-se-ia por sua carreira, ele ficaria livre, iria a toda parte e teria, aqui e ali, alegres e rápidos amores. Por que não? Sorriu e aproximou-se de Nadine, que, de pé, junto ao aquecedor, mordiscava goma de mascar, tristemente:

— Por que você não dança?

— Com quem? — disse, encolhendo os ombros.

— Comigo, se quiser.

Ela não era bonita. Parecia-se muito com o pai e era penoso reencontrar aquele rosto duro arrematando um corpo de moça. Os olhos, azuis como os de Anne, eram, entretanto, tão frios, que se diriam gastos e pueris, ao mesmo tempo. Contudo, sob o vestido de lã, o corpo era mais elástico, os seios mais túmidos do que Henri poderia pensar.

— É a primeira vez que dançamos juntos — disse ele.

— Sim — respondeu ela e acrescentou: — Você dança bem!

— Isso a surpreende?

— Surpreende. Nenhum destes fedelhos sabe dançar.

— Não tiveram ocasião de aprender.

— Sei — disse ela. — A gente nunca teve ocasião para nada.

Ele lhe sorriu. Embora feia, uma mulher jovem é uma mulher. Ele apreciava seu cheiro austero de água-de-colônia, de roupas novas. Dançava mal, o que não tinha importância: havia as vozes jovens, os risos, o coro da trombeta, o sabor do ponche, ao fundo dos espelhos pinheiros floridos de brilhos, por detrás das cortinas um puro céu negro. Dubreuilh exibía um número de prestidigitação: recortava um jornal em pedaços e o recompunha num instante. Lambert e Vincent batiam-se em duelo com garrafas vazias. Anne e Lachaume cantavam ópera. Trens, aviões, navios giravam em torno da terra, e a gente podia tomá-los.

— Você não dança mal — disse ele polidamente.

— Danço como um novilho, mas não ligo. Não gosto de dançar. — Ela o examinou desconfiada: — A rapaziada excêntrica, o jazz, os porões que fedem a tabaco e a suor, isso o diverte?

— De quando em quando. — Ele perguntou: — Que é que a diverte?

— Nada.

Era tão irada a voz com que respondeu, que ele a encarou com curiosidade. Ele se perguntava se teria sido a decepção ou o prazer que a havia atirado em tantos braços. É possível que a perturbação suavizasse o duro feitio de seu rosto. A cabeça de Dubreuilh num travesseiro, como seria isso?

— Quando penso que você vai a Portugal, você me parece, singularmente, um felizardo — disse ela com rancor.

— Logo será fácil viajar de novo — emendou ele.

— Logo! Você quer dizer daqui a um ano, daqui a dois anos! Que jeito você deu?

— Os serviços de propaganda francesa incumbiram-me de fazer conferências.

— É evidente que ninguém pedirá a mim que faça conferências — murmurou ela. — Você fará muitas?

— Cinco ou seis.

— E ficará passeando durante um mês!

— Os velhos precisam ter suas compensações — disse ele com jovialidade.

— E quais são as que a gente tem quando jovem? — interrogou Nadine. Suspirou ruidosamente: — Se pelo menos acontecessem coisas.

— Que coisas?

— Sempre se diz que estamos em revolução! Mas, afinal, nada sai do lugar...

— Em agosto se saiu um pouco do lugar — disse Henri.

— Em agosto, diziam que tudo ia mudar, e tudo está como antes: são sempre os que mais trabalham os que menos comem, e todo o mundo continua a achar isso muito direito.

— Ninguém aqui acha isso direito — disse Henri.

— Mas todo o mundo se acomoda — insistiu Nadine, pondo irritação na voz. — Já é intolerável demais perder tempo com o trabalho. Se ainda por cima não se faz nada para comer, o melhor mesmo é a gente tornar-se gângster.

— Estou de pleno acordo, estamos todos de acordo — disse Henri. — Mas, espere um pouco, você está apressada demais.

— Você fala o que em casa já me explicaram em excesso: que é preciso esperar. Mas desconfio das explicações. — Deu de ombros: — Falando sério, ninguém faz nada.

— E você? — perguntou Henri, sorrindo. — Você faz alguma coisa?

— Eu? Não tenho a idade que é preciso ter — respondeu Nadine. — Quem sou eu?

Henri se pôs a rir com franqueza.

— Não fique chateada. A idade há de vir, e virá depressa!

— Depressa! São precisos 365 dias para um ano! — acrescentou Nadine. Baixou a cabeça e, durante um momento, ruminou em silêncio. Bruscamente, ergueu os olhos: — Leve-me com você.

— Aonde? — interrogou Henri.

— A Portugal.

— Isso não me parece muito possível — disse ele, rindo.

— Bastaria que o fosse um pouco. — Ele não respondeu e ela perguntou, num tom insistente: — Por que não é possível?

— Antes de mais nada, não me dariam duas ordens de missão.

— Vamos com isso! Você conhece todo o mundo. Diga que sou sua secretária. — A boca de Nadine ria, mas o olhar estava interessadamente sério. Ele foi franco:

— Se fosse levar alguém, seria Paule.

— Ela não gosta de viajar.

— Mas ficaria contente em acompanhar-me.

— Há dez anos que ela o vê diariamente. E vai continuar a vê-lo. Ora, um mês a mais, um mês a menos, em que isso poderá atingi-la?

Henri sorriu de novo:

— Trarei algumas laranjas para você.

A fisionomia de Nadine fechou-se, e Henri teve diante de si a máscara intimidativa de Dubreuilh:

— Você sabe que não tenho mais oito anos.

— Sei.

— Não! Para você, serei sempre a garota mal-educada que dava pontapés na lareira.

— De maneira alguma! A prova é que a convidei para dançar.

— Oh! Trata-se de uma festa de família. Mas você não me convidaria para sairmos juntos.

Ele a fixou com simpatia. Aí estava pelo menos uma que desejava mudar de ar. Ela desejava uma porção de coisas: outras coisas. Pobre menina! Não tivera mesmo ocasião para nada. Île-de-France de bicicleta era quase tudo o que ela fizera em matéria de viagem. Uma amarga juventude a sua e, além do mais, o rapaz havia morrido... Parecia ter-se consolado logo, mas sobre ela pairava, em todo caso, uma recordação sem brilho.

— Pois bem, enganou-se — disse ele. — Você está convidada.

— Verdade? — Os olhos de Nadine lampejavam. Ficava muito mais agradável à vista, quando sua fisionomia se animava.

— Sábado à noite não vou ao jornal: encontramos-nos no bar Rouge às oito horas.

— E que iremos fazer?

— Você decidirá.

— Não tenho ideia.

— Daqui até lá terei alguma. Venha tomar alguma coisa.

— Não bebo, mas comeria de bom grado um sanduíche.

Ambos se aproximaram do bufê. Lenoir e Julien discutiam: era crônico. Censuravam um ao outro por haverem traído sua mocidade de forma indigna. Outrora, como achassem excessivamente calculada a extravagância do surrealismo, fundaram juntos o movimento “para-humano”. Lenoir tornara-se professor de sânscrito e escrevia poemas herméticos. Julien era bibliotecário e deixara de escrever, talvez porque, depois de vitórias precoces, houvesse encarado com medo a mediocridade do amadurecimento.

— Que pensa a respeito? — indagou Lenoir. É preciso tomar providências contra os escritores colaboracionistas, não?

— Esta noite não quero pensar — disse alegremente Henri.

— É uma tática errada, essa de impedi-los de publicar — comentou Julien. — Enquanto você redige com violência seus libelos, eles têm tempo para escrever bons livros.

Henri sentiu sobre o ombro a mão imperiosa de Scriassine.

— Veja o que trago: uísque americano. Consegui fazer passar duas garrafas. Boa ocasião para bebê-las, esta primeira ceia de Natal parisiense.

— Magnífico! — exclamou Henri. Encheu um copo de *bourbon* e o estendeu a Nadine.

— Não bebo — repetiu ela, ofendida.

Nadine retirou-se e Henri levou o copo à boca. Havia esquecido completamente esse gosto. Na verdade, antes bebia *scotch*, mas, como também lhe havia esquecido o gosto, agora não notava diferença entre um e outro.

— Quem quer um copo de uísque verdadeiro?

Luc aproximou-se, arrastando os grandes pés gotosos, seguido de Lambert e de Vincent. Cada qual encheu seu copo.

— Prefiro uma aguardente boa — disse Vincent.

— Nada mau — acrescentou Lambert sem convicção. Encarou Scriassine, interrogando: — É verdade que eles bebem um litro por dia, na América?

— *Eles?* Mas *eles* quem? — perguntou Scriassine. — Existem cento e cinquenta milhões de americanos, e nem todos são parecidos com os heróis de Hemingway. — Sua voz era desagradável. Nem sempre se mostrava amável com tipos mais jovens. Voltou-se para Henri, deliberadamente: — Acabo de conversar seriamente com Dubreuilh. Não estou nada tranquilo.

Tinha o ar de quem se achava preocupado. Seu ar habitual. Parecia que tudo o que se passasse onde ele estivesse, e mesmo onde não estivesse, lhe dizia respeito pessoalmente. Henri não tinha vontade alguma de compartilhar as preocupações dele. Sem entusiasmo, perguntou:

— Por quê?

— Eu pensava que o movimento que ele está organizando tinha a finalidade essencial de separar o proletariado do PC. Mas não é isto, em absoluto, o que Dubreuilh parece querer — disse Scriassine com voz sombria.

— Não, em absoluto — confirmou Henri.

Pensou, com abatimento: “Eis aí o gênero de conversa que serei obrigado a suportar o dia todo, quando me tiver deixado enrolar por Dubreuilh.” De novo, sentiu-se invadido, da cabeça aos pés, por uma devorante vontade de estar fora daquilo.

— Você o acompanhará? — perguntou Scriassine, fitando-o nos olhos.

— A passos muito curtos — disse Henri. — Política não é o meu forte.

— Você com certeza não compreendeu o que Dubreuilh está tramando — declarou Scriassine. Fixou em Henri um olhar de reprovação: — Ele

organiza uma pretensa esquerda independente, mas que aceita a unidade de ação com os comunistas.

— Sim, eu sei. E daí?

— Bem, ele faz o jogo dos comunistas. Existe muita gente a quem o comunismo apavora e Dubreuilh vai aproximar-se deles.

— Não me venha dizer que você é contrário à unidade de ação — disse Henri. — Seria bonito que a esquerda começasse a dividir-se!

— Uma esquerda submetida aos comunistas! É uma mistificação — gritou Scriassine. — Se você está decidido a segui-los, inscreva-se no PC. Será mais certo.

— Nada disso. Estamos em desacordo sobre muitos pontos! — protestou Henri.

— Neste caso, daqui a três meses, os stalinistas denunciarão vocês como socialistas traidores — disse Scriassine, dando de ombros. — Veremos.

Henri não tinha a mínima vontade de continuar discutindo, mas Scriassine cravou-lhe os olhos nos olhos:

— Disseram-me que *L'Espoir* tem muitos leitores no seio da classe operária. É verdade?

— Sim, é verdade.

— Neste caso, você tem em mãos o único jornal não comunista que atinge o proletariado! Já pesou suas responsabilidades?

— Tenho consciência delas.

— Se puser *L'Espoir* a serviço de Dubreuilh, será cúmplice de uma vil manobra — disse Scriassine. — Dubreuilh pode ser seu amigo, mas é preciso opor-se a ele — acrescentou.

— Ouça-me. Quanto ao jornal, jamais estará a serviço de quem quer que seja: nem de Dubreuilh, nem de você — desabafou Henri.

— É muito importante que qualquer dia *L'Espoir* defina seu programa político — continuou Scriassine.

— Não. Jamais terei programa *a priori*. Faço questão de dizer o que penso e como penso, sem tomar partido.

— Isso não tem valor — disse Scriassine.

A plácida voz de Luc se fez ouvir de chofre:

— Não queremos programa político, porque queremos salvar a unidade da Resistência.

Henri encheu um copo de *bourbon*:

— Tolices! — resmungou entre dentes.

Luc não tinha na boca senão estes vocábulos: o espírito da Resistência, a unidade da Resistência. E Scriassine ficava fora de si quando lhe falavam na URSS. Teriam feito melhor se cada um fosse delirar em seu canto. Henri esvaziou o copo. Não precisava de que lhe dessem conselhos: tinha ideias pessoais sobre o que deve ser um jornal. Certamente *L'Espoir* seria levado a tomar partido no plano político: mas com toda a independência. Henri não conservara essa publicação para fazer dela um jornaleco igual aos de antes da guerra. Naquele tempo, toda a imprensa enganava o público, aparentando autoridade. Resultado: privados de seu oráculo diário, os leitores ficaram completamente desorientados. Hoje, todo o mundo mais ou menos se entendia sobre o essencial, findas as polêmicas e as campanhas partidárias: devia-se aproveitar essa circunstância para preparar os leitores e não para encher-lhes a cabeça. Não impor-lhes opiniões, mas ensiná-los a julgar por si mesmos. Não era simples. Muitas vezes reclamavam respostas. Não se devia dar-lhes uma impressão de ignorância, de dúvida, de incoerência. Mas nisto justamente é que consistia o esforço: merecer-lhes a confiança, em vez de perdê-la. A prova de que este método dava certo estava em que *L'Espoir* circulava em quase toda parte. Henri dizia a si mesmo que não valia a pena censurar o sectarismo dos comunistas, já que também os outros são tão dogmáticos quanto eles.

— Você não acha que se poderia transferir esta discussão para outro dia?
— disse Henri, interrompendo Scriassine.

— De acordo. Combinemos um encontro. — Tirou uma caderneta do bolso: — Penso que é urgente confrontar nossas posições.

— Aguardemos o meu regresso — observou Henri.

— Você vai viajar? Viagem profissional?

— Não, uma viagem de passeio.

— Agora?

— Sim!

— Não será uma deserção? — perguntou Scriassine.

— Deserção? — atalhou Henri, alegre. — Não sou soldado. — E indicou, com o queixo, Claudie de Belzunce: — Você devia convidar Claudie para dançar, aquela mulher tão despida e tão faiscante de joias. É uma dama de alta classe e que muito o admira.

— Um dos meus vícios são as mulheres de alta classe — disse Scriassine, com um leve sorriso. Sacudiu a cabeça: — Confesso que não compreendo.

Foi convidar Claudie. Nadine dançava com Lachaume. Dubreuilh e Paule circulavam em torno da árvore de Natal: ela não gostava de Dubreuilh, mas muitas vezes ele conseguia fazê-la rir.

— Você scandalizou Scriassine extremamente! — disse Vincent prazeroso.

— O fato de eu ir viajar scandaliza a todos — acrescentou Henri. — A Dubreuilh em primeiro lugar.

— Eles são formidáveis! — exclamou Lambert. — Você fez mais do que eles, não? Tem todo direito de entrar em férias!

“Decididamente”, pensou Henri, “entendo-me muito melhor com os jovens.” Nadine o invejava, Vincent e Lambert o compreendiam: também eles, assim que puderam fazê-lo, trataram de ir ver o que se passava em outra parte, se inscrevendo, imediatamente, como correspondentes de guerra. Henri ficou com eles longo tempo, e recordaram juntos, pela centésima vez, os famosos dias em que haviam ocupado os escritórios do jornal, em que *L’Espoir* era vendido sob o nariz dos alemães, enquanto Henri, com um revólver na gaveta, redigia o seu editorial. Esta noite, ele descobria um encanto novo nessas velhas histórias, porque as ouvia de muito longe: deitado na areia fina, o mar era azul, ele pensava indolentemente em tempos passados, em amigos distantes e se maravilhava de estar só e livre. Era feliz.

De súbito reviu-se no estúdio vermelho, às quatro horas da manhã. Muitos já haviam saído, todos iam sair, e ele permaneceria com Paule. Seria preciso falar-lhe, acarinhá-la.

— Meu amorzinho, sua festa esteve uma obra-prima — disse Claudie, beijando Paule. — E você tem uma voz maravilhosa. Se quisesse, seria uma das atrações do pós-guerra.

— Não aspiro a tanto — disse Paule, com jovialidade.

Não, ela não tinha esse tipo de ambição. Sabia o que queria: reconhecer-se a mais bela das mulheres, nos braços do maior triunfador do mundo. E não seria fácil fazê-la mudar de ideal. Os últimos convidados se retiravam. Bruscamente, o estúdio ficou vazio. Ouvia-se um barulho na escada;

passos martelaram o silêncio da rua e Paule se pôs a juntar os copos esquecidos nas poltronas.

— Claudie tem razão — disse Henri. — Sua voz é bela ainda. Havia tanto tempo que eu não a escutava! Por que você não canta mais?

O rosto de Paule iluminou-se:

— Gosta de minha voz? Quer que cante às vezes para você?

— Claro! — Ele sorriu: — Você não sabe o que Anne me disse: que você deveria recomeçar a cantar em público.

Paule fitou-o, escandalizada:

— Ah!, não! Não me fale nisso. É assunto liquidado há muito tempo.

— E por quê? — interrogou Henri. — Viu como todos a aplaudiram? Ficaram sensibilizados. Neste momento, estão abrindo muitas boates, e há falta de novas estrelas.

— Não, por favor, não insista — interrompeu Paule. — Exibir-me em público... Isso me horrorizaria. Não insista — repetiu ela, implorando.

Ele a fitou com perplexidade.

— Horrorizaria? — perguntou, pondo na voz um tom incerto. — Não compreendo: antigamente isso não lhe causava nenhum horror. Ora, você não envelheceu, sabe disso. Ao contrário, está até mais bonita.

— Tratava-se de outra época da minha vida, uma época enterrada para sempre. Cantarei para você e para mais ninguém — disse ela com tanta veemência, que Henri se calou. Mas prometeu a si mesmo voltar à carga. Seguiu-se um silêncio, que ele quebrou:

— Vamos subir?

— Vamos.

Paule sentou-se na cama, tirou os brincos, os anéis. Com a voz amainada, disse:

— Se dei a impressão de censurar sua viagem, desculpe-me.

— Que pensamento! Você tem todo o direito de não gostar de viagens e de dizer-mo. — Ele sentiu um mal-estar à ideia de que, durante toda a noite, ela havia escrupulosamente alimentado aquele remorso.

— Compreendo perfeitamente que você tenha vontade de viajar — disse ela. — Compreendo, mesmo, e muito bem, que você queira viajar sem mim.

— Não que eu o queira.

Ela o interrompeu com um gesto:

— Não precisa ser delicado. — Pousou inteiramente as mãos sobre os seus joelhos. Os olhos fixos, o busto muito ereto, ela exibia a aparência de uma pitonisa tranquila: — Jamais pensei em encerrá-lo em nosso amor. Você deixaria de ser quem é, se não ambicionasse novos horizontes, novos estímulos. — Inclinou-se para a frente e pousou sobre ele um olhar cristalizado: — Basta-me ser-lhe necessária.

Henri não respondeu. Não queria desesperá-la, nem encorajá-la. Pensava: “Se pelo menos eu pudesse querer-lhe mal!” Mas não havia qualquer motivo de queixa.

Paule ergueu-se e sorriu. Suas feições voltaram a humanizar-se. Pôs as mãos sobre os ombros de Henri, colocou seu rosto ao dele: — Poderia viver sem mim?

— Você bem sabe que não.

— Sim, eu sei — acrescentou ela, satisfeita. — Se você dissesse o contrário, eu não acreditaria.

Ela se dirigiu para o banheiro. Era impossível não lhe dar, de vez em quando, um retalho de frase, um sorriso. Ela embalsamava tais relíquias em seu coração e delas arrancava milagres, quando, por acaso, a fé lhe vacilava. “Apesar de tudo, ela, no fundo, sabe que não a amo mais”, disse ele consigo mesmo, tranquilizando-se. Começou a tirar a roupa, enfiou o pijama. Paule o sabia, vá lá, mas isso de nada adiantaria, enquanto não admitisse concretamente. Ele ouviu um ruído de seda amarrotando, depois um outro, agora de água e de cristal: os mesmos ruídos que outrora lhe cortavam a respiração. Pensou, indisposto: “Hoje, não.” Paule apareceu à porta, os cabelos em desalinho sobre os ombros, grave e nua. Estava quase tão perfeita como outrora. Só que toda essa beleza não significava mais nada para Henri. Meteu-se debaixo das cobertas e juntou-se a ele, sem uma palavra: ele não tinha nenhum pretexto para repeli-la. Ela já suspirava com êxtase, colando-se-lhe mais estreitamente. Ele se pôs a acariciar-lhe o ombro, os flancos familiares, e sentiu que o sangue afluía docilmente ao seu órgão sexual. Melhor assim. Paule não teria disposição para se contentar com um beijo nas têmporas, e levaria muito menos tempo satisfazê-la que dar-lhe explicações. Ele cobriu a boca ardente que se abriu sob a sua, segundo a velha rotina. Mas, ao cabo de um instante, Paule deixou-lhe os lábios, e ele a ouviu, constrangido, murmurar batidos vocábulos, que nunca mais ele dissera a ela:

— Sou ainda seu belo buquê de glicínias?

— Ainda.

— E você me ama? — disse ela, pousando a mão sobre o seu sexo intumescido. — É verdade que ainda me ama?

Ele não tinha coragem para provocar um drama. Estava resignado a todas as confissões, e ela o sabia.

— É verdade.

— Você é meu?

— Sou seu.

— Diga-me que me ama, diga.

— Eu te amo.

Ela ofegou longamente, crédula, e ele a apertou com violência, sufocando-lhe a boca sob os seus lábios. Sem rodeios, entrou nela: para pôr fim àquilo o mais depressa possível. Tudo, para ela, era vermelho, como o estúdio muito vermelho. Pôs-se a gemer e gritar palavras, como antes. Mas antes o amor de Henri a protegia. Seus gritos, seus lamentos, seus risos, suas mordidas eram oferendas sagradas. Hoje, ele estava deitado sobre uma mulher desvairada, que dizia obscenidades e cujas garras lhe doíam. Tinha horror dela e de si mesmo. A cabeça para trás, fechados os olhos, os dentes desembainhados, ela estava tão totalmente entregue, tão horivelmente perdida, que ele teve vontade de esbofeteá-la, a fim de reconduzi-la à realidade, e de lhe dizer: é você, sou eu, estamos fazendo amor, isso é tudo. Parecia-lhe violar um corpo morto, ou uma louca, e ele não conseguia libertar-se do seu prazer. Quando afinal se deixou recair sobre ela, ouviu um gemido triunfal; ela murmurou:

— Você está feliz?

— Evidente.

— Estou tão feliz! — exclamou ela, fitando-o com olhos iluminados, onde rebrilhavam lágrimas. Ele escondeu junto ao ombro esse rosto de um brilho insuportável. “As amendoeiras florescerão”, disse ele a si mesmo, os olhos fechados... “E haverá laranjas nas laranjeiras.”

II

Não, não vai ser hoje o dia em que conhecerei minha morte. Nem hoje, nem nunca. Morrerei para os outros, sem jamais me ver morrer.

Fechei de novo os olhos, mas sem poder recuperar o sono. Por que a morte se intrometeu outra vez em meus sonhos? Ela ronda, sinto que ronda. Por quê?

Nunca soube que ia morrer. Criança, acreditei em Deus. Um vestido branco e duas asas flamejantes me aguardavam nos vestiários do céu. Eu desejava romper as nuvens. Estendia-me sobre o meu colchão, de mãos postas, e abandonava-me às delícias do além. Às vezes, dormindo, eu me dizia: “Estou morta.” E minha voz vigilante me garantia a eternidade. Foi com horror que descobri o silêncio da morte. Uma sereia expirava à beira-mar. Por amor de um jovem, ela renunciara a sua alma imortal, e dela só restou um pouco de espuma branca, sem recordação, sem voz. Para me tranquilizar, eu dizia a mim mesma: “É um conto!”

Não era um conto. Eu era a sereia. Deus tornou-se uma ideia abstrata no fundo do céu, e uma tarde cancelei-a. Nunca senti falta de Deus: ele roubava-me a terra. Mas um dia compreendi que, renunciando a ele, eu me condenara à morte. Tinha quinze anos. No apartamento deserto, gritei. Retomando o controle de mim mesma, perguntei-me: “Como agem os outros? Como agirei eu? Será que vou viver com este medo?”

A partir do momento em que ameí Robert, nunca mais tive medo de nada. Bastava-me pronunciar o seu nome para sentir-me segura. Ele trabalha a paredes-meias: posso levantar-me, abrir a porta... Mas fico deitada: não sei ao certo se ele também ouve este barulho de coisa que rói. A terra estala sob nossos pés. Por cima de nossas cabeças há um abismo, e não sei mais quem somos, nem o que nos espera.

Ergui-me bruscamente, abri os olhos. Como conceber que Robert esteja em perigo? Como admitir isso? Ele nada me disse de verdadeiramente inquietante, nada me disse de novo. Estou cansada, bebi demais, é um pequeno delírio, próprio das quatro horas da manhã. Mas quem pode decidir a que horas a gente vê claro uma situação? Não delirava,

precisamente quando supunha achar-me ainda em segurança? E será que eu o supunha, verdadeiramente?

Não consigo lembrar. Não éramos muito atentos à nossa própria vida. Só os acontecimentos importavam: o êxodo, o retorno, as sirenes, as bombas, as filas, nossas reuniões, os primeiros números de *L'Espoir*. No estúdio de Paule, uma pálida vela cuspiu cinzas. Com duas latas de conservas, tínhamos improvisado um fogãozinho, onde queimávamos papel, a fumaça nos fazia arder os olhos. Fora, havia poças de sangue, o estalejar das balas, o ribombar dos canhões e dos tanques. Havia em todos nós o mesmo silêncio, a mesma fome, a mesma esperança. De manhã, acordava-nos a pergunta de sempre: será que a suástica ainda está flutuando no alto do Senado? Era sempre uma festa para os nossos corações quando dançávamos no cruzamento de Montparnasse, ao redor de uma fogueira. Depois disso, o outono passou e ainda há pouco, enquanto acabávamos de esquecer nossos mortos sob as luzes da árvore de Natal, eu me dava conta de que recomeçávamos a existir, cada um para si. Paule perguntava: “Você acredita que o passado possa ressuscitar?” E Henri me disse: “Estou com vontade de escrever um romance alegre.” Eles podem falar novamente em voz alta, publicam livros, discutem, organizam-se, fazem projetos. É por isso que todos estão felizes: enfim, quase todos. Não é o momento que eu devia ter escolhido para atormentar-me. É de festa esta noite: o primeiro Natal de paz, o último Natal em Buchenwald, o último Natal na terra, o primeiro Natal que Diego não viveu. Dançávamos, abraçávamo-nos em torno da árvore cintilante de promessas, e eles eram numerosos, ah! Tão numerosos os que não estavam lá! Ninguém havia testemunhado suas últimas palavras, e não estavam enterrados em parte alguma: o vácuo os havia devorado. Dois dias depois da Libertação, Geneviève estava num caixão de defunto. Seria o melhor? Não encontraram o corpo de Jacques. Um companheiro afirmava que ele havia enterrado cadernetas sob uma árvore. Que cadernetas? Que árvore? Sônia mandou pedir um pulôver e meias de seda. Depois disso nunca mais pediu nada. Onde estavam os ossos de Rachel e os da formosíssima Rosa? Com os braços que tantas vezes apertaram o doce corpo de Rosa, Lambert apertava Nadine, e esta ria como no tempo em que Diego a tinha nos braços. Eu olhava a alameda de pinheiros ao fundo dos grandes espelhos, e pensava: aí estão as velas, o azevinho, o visgo que eles não veem. Tudo isso que me é dado estou

roubando deles. Abateram-lhes. Quem foi o primeiro? Seu pai ou ele? A morte não entrava nos seus planos. Ele soube que ia morrer? Revoltou-se? Resignou-se? Como saber? E, agora que ele está morto, que importância tem isso?

Nenhum aniversário, nenhum túmulo: é por isso que ainda o procuro, às cegas, através desta vida que ele amava apaixonadamente. Estendo a mão até o *dimmer*, deixo-a apagar a luz. Em minha mesa há uma fotografia de Diego, mas poderei olhá-la durante horas, jamais reverei, sob o matagal dos cabelos, seu rosto de carne, esse rosto em que tudo era tão grande: os olhos, o nariz, as orelhas, a boca. Ele estava sentado no escritório e Robert perguntava: “Em caso de vitória nazista, que você faria?” Ele respondeu: “A vitória nazista não entra nos meus planos.” Seus planos eram desposar Nadine e tornar-se um grande poeta. Teria triunfado talvez: com dezesseis anos já sabia transformar as palavras em brasa. Talvez precisasse de muito pouco tempo: cinco anos, quatro. Vivia em ritmo tão apressado! Acotovelamo-nos em volta do aquecedor, e eu me divertia a olhá-lo devorando Hegel ou Kant: ele virava as páginas tão rapidamente como se estivesse folheando um romance policial. E o fato é que compreendia tudo. Apenas seus sonhos eram lentos.

Passava em nossa casa quase todo o tempo de que dispunha. Seu pai era um judeu espanhol, que teimava em ganhar dinheiro nos negócios; dizia-se protegido pelo cônsul da Espanha. Diego o reprovava, tanto pelo seu luxo como por causa de uma opulenta amante loura. Nossa austeridade lhe agradava. De resto, ele estava na idade de admirar, e admirava Robert: Viera um dia trazer-lhe seus poemas, e foi assim que o ficamos conhecendo. Desde o instante em que encontrara Nadine, dera-lhe impetuosamente seu amor: seu primeiro, seu único amor. Ela se comoveu, sentindo-se, afinal, necessária. Instalou Diego em casa. Ele tinha afeição por mim, embora me achasse racional demais. De noite, Nadine exigia que eu fosse fazer-lhe companhia, como antes, e, deitado ao lado dela, ele me perguntava: “E a mim? Não me beija?” Eu o beijava. Naquele ano, minha filha e eu fomos amigas. Ela me satisfazia por ser capaz de um amor sincero. Era-me grata, porque não lhe contrariei o coração. Por que o haveria de ter feito? Tinha apenas dezessete anos. Mas nós pensávamos, Robert e eu, que nunca é muito cedo para a felicidade.

Sabiam ser felizes com uma grande impetuosidade. Perto deles, minha juventude renascia: “Venha jantar conosco, venha, hoje a noite é de festa”, diziam, puxando-me cada qual por um braço. Diego havia roubado uma moeda de ouro do pai nesse dia: preferia tomar a receber. Em sua idade é assim. Sem dificuldades, transformou em dinheiro o seu tesouro e passou a tarde com Nadine nas montanhas-russas do Luna Park. À noite, quando os reencontrei na rua, estavam comendo uma enorme torta, comprada na venda ao fundo de uma padaria. Era assim que abriam o apetite. Robert, convidado por telefone, não quis abandonar o trabalho; eu os acompanhei. O rosto de ambos estava sujo de marmelada; as mãos, pretas do pó das feiras. E havia nos seus olhos a arrogância dos criminosos felizes. O homem do restaurante acreditou, com certeza, que eles vinham gastar, à pressa, o dinheiro adquirido num baixo expediente. Mostrou-nos uma mesa ao fundo e perguntou, com fria polidez: “O cavalheiro não tem paletó?” Sobre o velho pulôver furado de Diego, Nadine atirou o seu próprio casaco, desvendando uma blusa amarfanhada e suja: contudo, fomos servidos. Inicialmente, pediram sorvetes e sardinhas, depois bifes, batatas fritas, ostras e mais sorvetes: “De um jeito ou de outro, isso se acomoda no estômago”, explicavam-me, patinhando de boca cheia no óleo e no creme de leite. Estavam tão alegres por poderem comer à vontade! Inútil intervir, pois ainda tínhamos fome: “Coma, coma”, diziam-me eles, com autoridade. E puseram nos bolsos porções de patê para Robert.

Foi mais ou menos nessa época que, certa manhã, os alemães tocaram a campainha na casa do sr. Serra: o cônsul da Espanha fora substituído, sem que ele o soubesse. Essa noite, Diego dormira na casa do pai. A loura não foi incomodada. “Diga a Nadine que não receie por mim”, recomendou Diego. “Voltarei, pois quero voltar.” Foram as últimas palavras recolhidas dele. O mais que disse submergiu para sempre, ele que tanto gostava de falar.

Era primavera. O céu estava muito azul; os pessegueiros, rosados. Quando andávamos de bicicleta, Nadine e eu, pelos jardins floridos, havia em nossos pulmões a alegria dos fins de semana de paz. Os arranha-céus de Drancy destruíam brutalmente estas ilusões. A loura dera três milhões a um alemão chamado Félix, que nos trazia recados dos prisioneiros e que prometera facilitar-lhes a fuga. Duas vezes, com binóculos, pudemos divisar Diego a uma janela distante. Haviam-lhe cortado os cachos macios,

e já não era mais ele, inteiro, que nos sorria: sua imagem mutilada flutuava fora do mundo.

Numa tarde de maio, achamos desertos os grandes quartéis. Colchões de palha arejavam nas janelas abertas dos quartos vazios. Disseram-nos no café, a que recolhíamos nossas bicicletas, que três trens haviam deixado a estação durante a noite. De pé junto à cerca de arame farpado, espreitamos longo tempo. E, de súbito, distinguimos muito longe, muito ao alto, duas silhuetas solitárias, que se debruçavam sobre nós. O mais jovem agitou o gorro de lã com um grande gesto triunfal: Félix dissera a verdade, Diego não havia sido embarcado. A alegria nos sufocava, enquanto pedalávamos na direção de Paris.

“Estão num campo de prisioneiros americanos”, disse-nos a loura, “vão bem, tomam banhos de sol.” Ela, todavia, não os tinha visto. Enviamos-lhes pulôveres, chocolate. Agradeciam-nos por intermédio de Félix. Mas não mais nos chegava nenhum recado escrito. Nadine pediu um sinal: o anel de Diego, uma mecha de cabelos; mas já os haviam mudado de campo, estavam em algum lugar, longe de Paris. Pouco a pouco, a ausência deles deixou de estar situada aqui ou ali: foram declarados ausentes, nada mais. Não estar em parte alguma, ou não mais existir, não faz muita diferença. Foi como se nada tivesse acontecido quando Félix finalmente nos disse, um dia, com mau humor: “Faz muito tempo que foram abatidos.”

Nadine gritou durante noites. Desde o anoitecer até a manhã, eu a conservava nos meus braços. Depois, ela recuperou o sono. No início, Diego aparecia de noite nos seus sonhos, com um ar malévolo. Pouco mais tarde, sua própria sombra evaporou-se. Ela tem razão; na verdade, não a censuro. Que fazer de um cadáver? Sei: são utilizados na confecção de bandeiras, de escudos, de fuzis, de condecorações, de porta-vozes e também de bibelôs de apartamentos. É preferível deixar em paz suas cinzas. Monumentos ou pó. E eles tinham sido nossos irmãos. Mas não temos escolha: por que nos deixaram? Que também nos deixem em paz. Esqueçamo-los. Permaneçamos entre nós. Já temos muito que fazer com nossas vidas. Os mortos estão mortos; não têm problemas. Nós, porém, os vivos, após esta noite de festa, vamos acordar. E então como viveremos?

Nadine ria com Lambert, um disco tocava, o assoalho trepidava sob nossos pés, as fagulhas azuis oscilavam. Eu olhava para Sézenac, deitado

de comprido sobre um tapete: com certeza pensava nos dias gloriosos em que passeava em Paris, com o fuzil a tiracolo. Olhava para Chancel, condenado à morte pelos alemães e à última hora trocado por um de seus prisioneiros. E para Lambert, cujo pai denunciara a noiva. E para Vincent, que, sozinho, acabou com doze milicianos. Que vão fazer deste passado tão indigesto, tão escasso, e do futuro informe que os aguarda? Será que poderei ajudá-los? Ajudar é meu ofício: posso estendê-los num divã e fazê-los contar os seus sonhos; mas não posso ressuscitar Rosa, nem os doze milicianos que Vincent liquidou com as próprias mãos. E, mesmo que conseguisse neutralizar-lhes o passado, que futuro tenho a oferecer-lhes? Espanto os temores, desbasto os sonhos, cerceio os desejos, adapto, adapto, mas a que os adaptarei? Não vejo mais nada de pé em volta de mim.

Evidentemente, bebi demais. Não fui eu quem criou o céu e a terra, ninguém me pede contas: por que fico o tempo todo a ocupar-me dos outros? Seria tão bom que me ocupasse um pouco de mim. Apoio a face sobre o travesseiro. Estou aqui, sou eu. O tédio é que não acho razões para pensar sobre mim. Oh! Se me perguntarem quem sou, posso mostrar minha ficha. Para vir a ser analista, precisei deixar-me analisar: descobriram em mim um complexo de Édipo muito acentuado, que explica meu casamento com um homem vinte anos mais velho do que eu, uma evidente agressividade em relação a minha mãe, algumas tendências homossexuais que desapareceram devidamente. Devo à minha educação católica um superego muito desenvolvido: nele está a razão de meu puritanismo e da deficiência de meu narcisismo. A ambivalência dos sentimentos que dedico à minha filha provém de minha inimizade pela minha mãe, de minha indiferença para comigo mesma. A história de minha vida é das mais clássicas. Ela se dobrou docilmente às normas estabelecidas. Aos olhos dos católicos, meu caso é também muito banal: deixei de crer em Deus quando descobri as tentações da sensualidade; meu casamento com um descrente acabou por me levar à perdição. Socialmente, Robert e eu somos intelectuais de esquerda. Nada disso tudo é totalmente inexato. Eis-me, portanto, claramente catalogada e aceitando sê-lo, adaptada a meu marido, a meu ofício, à vida, à morte, ao mundo, a seus horrores. Trata-se de mim, precisamente de mim, isto é, de ninguém.

Pensando bem, não ser ninguém é um privilégio. Via-os ir e vir, através do estúdio, eles todos que tinham nomes, e não os invejava. Robert, vá lá, era um predestinado. Mas os outros, como se atrevem? Como se pode ser tão arrogante, ou tão doidivanas, para se entregar a um bando de desconhecidos? Seus nomes se emporcalham em milhares de bocas. Os curiosos arrombam-lhes o pensamento, o coração, a vida: se eu também fosse entregue à cupidez de todos esses trapeiros, acabaria por considerar-me um monte de lixo. Felicitava-me por não ser alguém.

Aproximei-me de Paule; a guerra não destruiu sua elegância agressiva. Trajava uma saia de seda comprida com reflexos violeta, e tinha nas orelhas cachos de ametistas.

— Você está muito linda esta noite — disse eu.

Ela deu uma olhadela num dos grandes espelhos.

— Sim, estou linda — disse tristemente.

Estava linda, mas sob os olhos havia olheiras que combinavam com a cor da roupa. No fundo, ela sabia muito bem que Henri poderia tê-la levado a Portugal. Estava mais certa disso do que pretendia.

— Você deve estar contente: seu *réveillon* esteve muito bom!

— Henri gosta muito de festas — disse Paule. Suas mãos, carregadas de anéis de bispo, alisavam maquinalmente a seda furta-cor do vestido.

— Você não vai cantar alguma coisa para nós? Seria um prazer ouvi-la.

— Cantar? — perguntou, surpresa.

— Sim, cantar — respondi, rindo. — Você se esqueceu de que antigamente cantava?

— Antigamente está longe.

— Agora não mais. Agora é outra vez como antigamente.

— Você acha? — Seu olhar mergulhou até o fundo de meus olhos. Parecia interrogar, por detrás de meu rosto, uma bola de cristal: — Acha que o passado pode ressuscitar?

Eu sabia a resposta que ela esperava de mim, e ri, um pouco constrangida:

— Não sou um oráculo.

— É preciso que Robert me explique o que é o tempo — disse ela, num tom meditativo.

Estava prestes a negar espaço e tempo, para não admitir que o amor possa não ser eterno. Eu tinha medo, por ela. Durante estes quatro anos,

Paule havia compreendido que Henri não lhe dava mais do que um afeto mesclado de tédio. Mas, após a Libertação, não sei que esperança louca ressurgiu nela.

— Você se lembra do *negro spiritual* de que eu gostava tanto? Não quer cantá-lo para nós?

Ela se encaminhou para o piano e levantou-lhe a tampa. Sua voz estava um pouco sumida, mas ainda enternecia. Eu disse a Henri: “Ela deveria apresentar-se novamente em público.” Ele pareceu surpreso. Cessados os aplausos, aproximou-se de Nadine e puseram-se a dançar: eu não apreciava a maneira como ela o fitava. A ela tampouco, eu não tinha meio algum de ajudá-la. Dera-lhe meu único vestido decente e emprestara meu colar mais bonito: era tudo o que podia fazer. Inútil sondar-lhe os sonhos: eu sei. O que lhe falta é o amor que Lambert está disposto a dar-lhe. Mas como impedi-la de o destruir? Entretanto, quando Lambert entrara no estúdio, ela descera de quatro em quatro degraus a escadinha do alto da qual nos vigiava com ar de censura. Estacou no último degrau, embaraçada pelo próprio impulso. Ele se dirigiu para ela, sorriu-lhe gravemente:

— Estou tão feliz com a sua vinda!

E ela, num tom brusco:

— Vim para vê-lo.

Essa noite, ele estava realmente bonito, com o elegante terno escuro. Costuma vestir-se com o austero esmero de um quarentão. Tem maneiras cerimoniosas, voz grave, e policia os sorrisos. Todavia, o olhar confuso, a doçura da boca revelam-lhe a mocidade. Nadine sente-se lisonjeada com a seriedade do rapaz, tranquilizada pela sua fraqueza. Encarava-o com uma complacência mais ou menos simples:

— Você se divertiu muito? Parece tão bonita a Alsácia!

— Você sabe, toda paisagem, militarizando-se, se torna lúgubre.

Foram sentar-se a um degrau da escada. Conversaram, dançaram, riram durante muito tempo. Depois, para variar, tiveram que discutir. Com Nadine a coisa sempre acaba assim. Agora Lambert estava sentado ao lado do aquecedor, aborrecido, e não era o caso de ir procurá-los a uma e outra extremidade do estúdio, para que se dessem as mãos.

Fui ao bufê, bebi um copo de aguardente. Meu olhar desceu pela minha saia preta e parou na perna: era engraçado pensar que eu tinha perna, ninguém duvidava disso, nem mesmo eu. Era delgada e decidida, sob a

meia de seda, cor de pão queimado. Bem que merecia outra! E um dia seria enterrada, sem jamais ter existido: parecia injusto. Eu estava absorta em contemplá-la, quando Scriassine veio a mim:

— A senhora não parece divertir-se muito.

— Faço o que posso.

— Há rapazes demais e os rapazes nunca são alegres. E um número excessivo de escritores. — Com o queixo, ele apontou Lenoir, Pelletier e Cange. — Todos escrevem, não é?

— Todos.

— E a senhora? Não escreve?

— Deus meu, não! — disse eu, rindo.

Suas maneiras ab-ruptas me agradavam. Outrora, como todo mundo, li seu livro célebre, *Le Paradis Rouge*. Mas sobretudo o que me deixou emocionada foi sua obra sobre a Áustria nazista: era bem melhor do que uma reportagem, era um testemunho apaixonado. Ele fugiu da Rússia, depois da Áustria, e naturalizou-se francês. Mas passara estes quatro anos na América, e o havíamos encontrado, pela primeira vez, neste outono. Logo passou a tratar Robert e Henri por você, mas jamais pareceu notar que eu existia. Seu olhar se desviou de mim.

— Gostaria de saber o que será deles.

— Deles quem?

— Dos franceses em geral e destes em particular.

Observei-o, por minha vez. Esse rosto triangular, de maçãs salientes, de olhos vivos e duros, de boca fina, quase feminina, não era um rosto francês. Para ele, a URSS era um país inimigo; ele não gostava da América: não havia um lugar na terra onde se sentisse em casa.

— Voltei de Nova York num navio inglês — disse ele, com um sorriso leve. — O comissário de bordo me declarou um dia: “Pobres franceses! Não sabem se ganharam ou se perderam a guerra.” Isto parece resumir muito bem a situação.

Havia em sua voz uma condescendência que me irritou.

— Os nomes que se dão aos acontecimentos passados não interessam. O que está em jogo é o futuro — disse eu.

— Justamente — respondeu ele com vivacidade. — Para vencer o futuro é preciso encarar face a face o presente, e a impressão que eu tenho é a de que o pessoal daqui não se dá conta disso. Dubreuilh me fala de uma

revista literária; Perron, de uma viagem de lazer. Imaginam que poderão viver como antes da guerra.

— E o céu mandou o senhor para abrir-lhes os olhos!

Minha voz era seca e Scriassine sorriu:

— Sabe jogar xadrez?

— Muito mal.

Ele continuava sorrindo, e todo o pedantismo se havia apagado de seu rosto: tínhamos sempre sido amigos íntimos, cúmplices. Pensei: “Ei-lo que me domina com o encanto eslavo”; mas o encanto agia, e eu também sorri.

— Quando assisto de fora a uma partida de xadrez, vejo os lances muito mais lucidamente do que os jogadores, mesmo não sendo mais forte do que eles. Pois bem, aqui se dá o mesmo: Venho de fora; então, vejo.

— O quê?

— O impasse.

— Que impasse?

Foi com ansiedade que, subitamente, passei a interrogá-lo. Durante tão longo tempo tínhamos vivido entre nós, lado a lado e sem testemunhas: este olhar, vindo de fora, me inquietava.

— Os intelectuais franceses estão num impasse. — E ele acrescentou, com uma espécie de satisfação: — É a vez deles; sua arte, seu pensamento não terão sentido a não ser que uma certa civilização consiga manter-se; e, se quiserem salvá-la, não lhes restará mais nada para dar à arte, nem ao pensamento.

— Não é a primeira vez que Robert faz política ativa — disse eu. — E isto jamais o impediu de escrever.

— Sim, em 1934 Dubreuilh sacrificou muito de seu tempo à luta antifascista — disse Scriassine, com cortesia. — Mas ela lhe parecia moralmente conciliável com preocupações literárias. — E acrescentou, com uma espécie de cólera: — Na França a senhora nunca sentiu em toda a extensão de sua urgência a pressão da história. Já na URSS, na Áustria, na Alemanha, seria impossível subtrair-se a ela. Essa a razão por que eu, por exemplo, não escrevi.

— O senhor escreveu.

— Acredita que eu não pensava também em outros livros? Mas não se tratava disso. — Encolheu os ombros: — Era preciso ter atrás de si uma

sagrada tradição de humanismo para se interessar por problemas de cultura, diante de Stalin e de Hitler. Evidentemente — continuou — no país de Diderot, de Vitor Hugo, de Jaurès, a gente imagina que a cultura e a política marchem de mãos dadas. Durante muito tempo, Paris julgou ser Atenas. Atenas não existe mais, acabou-se.

— Quanto a sentir a pressão da história, acredito que Robert seria superior ao senhor.

— Não estou atacando seu marido — contraveio Scriassine, com um leve sorriso, que negava qualquer alcance a minhas palavras; ele as reduzia a uma explosão de lealdade conjugal. — De fato — acrescentou —, considero que os dois maiores espíritos de nosso tempo são Robert Dubreuilh e Thomas Mann. Mas justamente: se prevejo que ele abandonará a literatura, é porque confio em sua lucidez.

Mostrei-me indiferente. Se ele estava querendo lisonjear-me, escolheu o pior caminho: detesto Thomas Mann.

— Robert jamais renunciará a escrever — disse eu.

— O que há de notável na obra de Dubreuilh é que ele soube conciliar altas exigências estéticas com uma inspiração revolucionária. Na vida, ele realizara um equilíbrio análogo: organizava os comitês de vigilância e escrevia romances. Mas foi precisamente esse belo equilíbrio que se tornou impossível.

— Robert inventará outro, conte com ele.

— Sacrificará suas exigências estéticas — disse Scriassine. O rosto iluminou-se-lhe. Perguntou, triunfante: — A senhora estudou pré-história?

— Não mais do que o xadrez.

— Mas sabe, talvez, que, durante um longo período, as pinturas murais e os objetos encontrados nas escavações testemunham um progresso artístico contínuo. Depois, desenhos e esculturas desaparecem, constata-se um eclipse de muitos séculos, coincidindo com o surto de novas técnicas. Pois bem, chegamos a uma era em que, por motivos diferentes, a humanidade estará às voltas com problemas que não mais lhe deixarão o luxo de exprimir-se.

— Os raciocínios por analogia não provam grande coisa — intervi.

— Deixemos de lado a comparação — disse, a voz paciente, Scriassine.

— Suponho que a senhora tenha vivido esta guerra muito de perto, para compreendê-la bem. Trata-se de coisa inteiramente diferente de uma

guerra: é a liquidação de uma sociedade, até mesmo de um mundo; o começo da liquidação. Os progressos da ciência e da técnica, as transformações econômicas vão de tal modo conturbar a Terra, que nossas próprias maneiras de pensar e de sentir ficarão em consequência revolucionadas: teremos dificuldade em recordar que existimos. Entre outras coisas, a arte e a literatura não mais serão para nós senão entretenimentos superados.

Sacudi a cabeça e Scriassine continuou com ardor:

— Vejamos, que importância conservará a mensagem dos escritores franceses, no dia em que a hegemonia do mundo pertencer à URSS ou aos Estados Unidos? Ninguém mais os compreenderá. Sua própria linguagem não será mais falada.

— Percebe-se que semelhante perspectiva lhe dá satisfação.

— Aí está precisamente uma reflexão de mulher. Elas são incapazes de manter-se num terreno objetivo — disse com um gesto de desdém.

— Conservemo-nos nesse terreno — disse eu. — Objetivamente, não está provado que o mundo deva tornar-se americano ou russo.

— Entretanto, mais dia menos dia, isto será fatal. — Ele me deteve com um gesto e me endereçou um bonito sorriso eslavo: — Compreendo-a. A Libertação é ainda muito nova. Todos estão nadando em plena euforia. Durante quatro anos, sofreram muito. Pensaram que tinham pago o suficiente; mas nunca se paga o suficiente — arrematou ele, com aspereza repentina. Fitou-me nos olhos: — Sabe que existe em Washington uma facção muito poderosa que gostaria de prolongar a campanha da Alemanha até Moscou? De seu ponto de vista, essa gente tem razão. O imperialismo americano assim como o totalitarismo russo exigem uma expansão ilimitada: será necessário que um dos dois leve a melhor. — A sua voz se entristeceu: — Todos acreditam estar festejando a derrota alemã: mas é a Terceira Guerra Mundial que se inicia.

— Segundo seus prognósticos pessoais — disse eu.

— Sei que Dubreuilh acredita na paz e nas chances de uma Europa — prosseguiu Scriassine, e sorriu com indulgência. — Mesmo os grandes espíritos se enganam. Seremos anexados por Stalin, ou colonizados pela América.

— Então — disse eu alegremente — não há impasse. Inútil preocupar-se: aqueles a quem distrai escrever que continuem escritores.

— Escrever, se não há leitores... Que brincadeira idiota!

— Quando tudo está perdido, só o que resta é brincar com coisas idiotas.

Scriassine calou-se. Depois, um sorriso manhoso passou-lhe pelo rosto:

— Certas conjunturas seriam, do mesmo modo, menos desfavoráveis que outras — disse ele, num tom de confiança. — No caso de a URSS vencer, nenhum problema: será o fim da civilização, o fim de nós todos. Se o vencedor for a América, o desastre será menos radical. Conseguindo impor-lhes certos valores, manter algumas de nossas ideias, poderemos esperar que as futuras gerações se reentrem um dia em nossa cultura e em nossas tradições: mas é preciso encarar a mobilização integral de todas as nossas possibilidades.

— Não me diga que em caso de conflito o senhor desejaria a vitória da América!

— De qualquer modo, a história deve fatalmente resultar no advento de uma sociedade sem classe — disse Scriassine; — isto será obra de dois ou três séculos. Para felicidade dos homens que viverem no intervalo, desejo ardentemente que a revolução se faça num mundo dominado pela América e não pela URSS.

— Começo a pensar que, num mundo dominado pela América, a revolução sofrerá um singular atraso — disse eu.

— E a senhora pode imaginar o que seria uma revolução feita pelos stalinistas? A revolução... Ela era muito bonita na França, por volta de 1930. Digo-lhe que já o era menos na URSS. — Fez um gesto de indiferença — Os franceses estão preparando para si estranhas surpresas. No dia em que os russos ocuparem a França, hão de constatá-lo. Infelizmente, será tarde demais.

— Uma ocupação russa... O senhor mesmo não acredita nisso.

— Ai de mim! — gemeu Scriassine. E suspirou: — Enfim, vá lá. Sejam os otimistas. Admitamos que a Europa tenha suas chances. Ela só poderia ser salva por uma luta de todos. Nada de trabalhar cada um para si.

Quanto a mim, calei-me. Tudo quanto Scriassine desejava era reduzir ao silêncio os escritores franceses, e eu compreendia bem por quê. Suas profecias nada tinham de convincentes. Entretanto, sua voz trágica despertava um eco em mim: “Como vamos viver?” A pergunta me punha, desde o princípio da noite. Há quantos dias e quantas semanas?

— Das duas uma — disse Scriassine, ameaçando-me com o olhar: ou homens como Dubreuilh e Perron vão encarar a situação de frente e participar de uma ação que os absorverá de modo total, ou vão dissimular e se obstinar em escrever: suas obras serão apartadas da realidade e privadas de qualquer futuro; serão trabalhos de cegos, tão desoladores como a poesia dos alexandrinos.

É difícil discutir com um interlocutor que, ao falar do mundo e de outrem, fala, sem parar, de si mesmo. Eu não podia tranquilizar-me, sem magoá-lo. Disse, contudo:

— É inútil encerrar a pessoas em dilemas. A vida acaba por fazê-los rebentar.

— Não neste caso. Alexandria ou Esparta, não há outra escolha. É preferível dizer hoje estas coisas — acrescentou ele, com uma espécie de doçura: — os sacrifícios deixam de ser dolorosos, quando vão ficando para trás.

— Tenho certeza de que Robert nada sacrificará.

— Voltaremos ao assunto daqui a um ano — declarou Scriassine. — Em um ano ou mais, ou ele terá desertado, ou deixado de escrever. Não penso que deserte.

— Não deixará de escrever.

— Quanto quer apostar? — perguntou Scriassine, com a fisionomia animada. — Uma garrafa de champanhe?

— Não aposto absolutamente nada.

— A senhora é como todas as mulheres, que precisam de estrelas fixas no céu e marcos quilométricos no caminho — disse sorrindo.

— O senhor sabe — respondi desdenhosamente —, elas, as estrelas fixas, têm valsado estranhamente nestes quatro anos.

— Sim, mas a senhora continua, em todo o caso, convencida de que a França será sempre a França e Robert Dubreuilh, Robert Dubreuilh. Do contrário, acreditar-se-ia perdida.

— Escute — disse-lhe eu, alegremente —, sua objetividade me parece muito duvidosa.

— Sou obrigado a acompanhá-la, em seu próprio terreno: a senhora só me opõe convicções subjetivas — disse Scriassine. Um sorriso reanimou-lhe os olhos inquiridores. — A senhora leva tudo muito a sério, não é?

— Depende.

— Haviam-me prevenido a respeito. Mas aprecio muito as mulheres sérias.

— Quem o preveniu?

Com um gesto vago, ele designou todo mundo e ninguém.

— As pessoas.

— Que lhe disseram?

— Que a senhora era distante e austera, o que não me parece.

Cerrei os lábios, para não fazer novas perguntas. A armadilha dos espelhos, consegui enganá-la. Mas os olhares... Quem pode resistir a tão vertiginoso abismo? Visto-me de preto, falo pouco, não escrevo e tudo isso configura um tipo que os outros veem. É fácil dizer que não sou ninguém: eu sou eu. Quem? Onde me encontrar? Seria preciso estar do outro lado de todas as portas, mas se sou eu quem bate, não haverá resposta. Senti repentinamente que o rosto me queimava. Gostaria de podê-lo arrancar.

— Por que não escreve? — perguntou Scriassine.

— Há livros bastantes.

— Não é a única razão. — Ele me fixava com seus olhinhos esquadrinhadores: — A verdade é que a senhora não deseja expor-se.

— Expor-me a quê?

— A senhora aparenta segurança, mas, no fundo, é extremamente tímida. É dessas pessoas que sentem orgulho daquilo que não fazem.

— Não tente analisar minha psicologia — interrompi. — Conheço-a perfeitamente: sou psiquiatra.

— Eu sei. — Ele me sorriu: — Será que não poderíamos jantar juntos, uma noite destas? Todos estão tão perdidos, nesta Paris totalmente sombria... Não se conhece mais ninguém.

Pensei instantaneamente: “Ah! Minhas pernas, para ele, valem alguma coisa.” Tirei minha agenda. Não tinha razão alguma para recusar o convite.

— Jantemos juntos — disse eu. — Que tal no dia 3 de janeiro?

— De acordo. Às oito horas, no bar do Ritz. Certo?

— Certo.

Eu me sentia indisposta. Oh! O que ele pudesse, afinal, pensar de mim... pouco me importava. Quando adivinho minha própria imagem no fundo de uma consciência estranha, tenho sempre um momento de pânico. Mas isso não dura: passo por cima. O que me desconcertava era ter visto Robert

com outros olhos, que não os meus. Estaria ele, realmente, num impasse? Agarrara Paule pela cintura, fazia-a rodar e com a outra mão desenhava no ar não sei o quê. Talvez lhe explicasse o curso do tempo. Em todo caso, ela ria, ele ria e não parecia estar em perigo. Se estivesse correndo algum risco, ele teria sabido: raramente se engana e jamais se ilude. Fui-me esconder no vão de uma janela, atrás de uma cortina vermelha. Scriassine dissera muitas tolices, mas também colocara alguns problemas, de que eu não podia desembaraçar-me com facilidade. Durante todas estas semanas, procurei fugir aos problemas. A gente esperou tanto o momento da Libertação, da vitória, e eu queria aproveitá-lo. Sempre haveria tempo, amanhã, de pensar no dia seguinte. Pois bem, estava pensando justamente nisso e querendo saber o que Robert pensava. Suas dúvidas nunca se traduzem por abatimento, mas por um excesso de atividade: será que estas conversas, estas cartas, estes telefonemas, esta incontinência de trabalho noturno não dissimulavam uma inquietação? Ele não me esconde nada, mas assim mesmo acontece-lhe guardar só para si, provisoriamente, certas preocupações. “Aliás”, pensava eu com remorso, “ainda esta noite ele disse a Paule: ‘Estamos na encruzilhada dos caminhos.’” Ele o dizia frequentemente, e era por covardia que eu evitava dar a estas palavras o peso verdadeiro que mereciam. “A encruzilhada dos caminhos.” Aos olhos de Robert, portanto, o mundo se achava em perigo. Para mim, o mundo era ele: ele estava em perigo! Enquanto vogávamos, de braços dados, ao longo do cais e através da escuridão familiar, sua voz volúvel não bastava para sossegar-me. Ele bebera em excesso e estava muito alegre. Quando fica fechado dias e noites, a menor saída sua transforma-se em epopeia. Essa noite ganhava, em sua linguagem, tanto relevo, que eu a via como se a tivesse atravessado cegamente. Mas ele a enxergava por todos os lados da cabeça e tinha doze pares de orelhas. Eu o escutava, mas por dentro continuava a interrogar-me. Por que ele não concluía aquelas memórias que escrevera, com ardor, durante toda a guerra? Seria um sintoma? De quê?

— Pobre Paule! É uma catástrofe para a mulher ser amada por um literato — dizia Robert. — Ela acreditou em tudo quanto Perron lhe contou sobre ela mesma.

Procurei concentrar meu interesse em Paule:

— Temo que a Libertação lhe tenha subido à cabeça — disse eu. — No ano passado, ela não tinha mais ilusões. E agora recomeça a fingir-se de apaixonada. Mas está fingindo sozinha.

— Ela queria que eu dissesse à força que o tempo não existe — declarou Robert. E acrescentou: — O melhor de sua vida ficou para trás. Agora, finda a guerra, ela espera reencontrar o passado.

— Nós todos esperamos isso, não? — perguntei. Minha voz pareceu-me galhofeira. Robert apertou-me o braço:

— Que é que há de errado?

— Nada, vai tudo muito bem — disse eu, com desembaraço.

— Vamos! Vamos! Sei o que significa quando você começa a falar com voz de grande dama. Estou certo de que, nesse momento, há um rebuliço nessa cabeça. Quantos copos de ponche você tomou?

— Seguramente menos do que você; e o ponche não tem nada com isso.

— Ah! Confessou! — exclamou Robert, triunfalmente. — Há alguma coisa e o ponche é inocente. O quê, então?

— É Scriassine — respondi, rindo. — Ele me explicou que os intelectuais franceses estão perdidos.

— Ele bem desejaria que estivessem!

— Eu sei. Mas, assim mesmo, ele me meteu medo.

— Uma criatura de sua idade, deixando-se influenciar pelo primeiro profeta que aparece! Gosto muito de Scriassine. Agita-se, divaga, entra em efervescência, observa o que acontece ao seu redor, mas não se deve levá-lo a sério.

— Ele diz que a política vai devorar você, que você não escreverá mais!

— E você acreditou nele? — interrogou Robert, alegremente.

— Uma coisa, todavia, é verdade: Você não termina suas memórias.

— É um caso especial — disse, depois de hesitar por um segundo.

— Por quê?

— Forneço tantas armas contra mim mesmo nestas memórias!

— É por isso que o livro tem o valor que tem — disse eu, vivamente. — Um homem que ousa descobrir-se... É tão raro! E, finalmente, quando o ousa, ganha a partida.

— Sim, uma vez que tenha morrido — disse Robert. Encolheu os ombros: — Eis-me de volta à vida política, tendo um bando de inimigos. Pode calcular a alegria deles, no dia em que estas memórias aparecerem?

— Seus inimigos sempre acharão armas contra você, essas ou outras.

— Imagine minhas memórias nas mãos de Laufarie, ou de Lachaume, ou do pequeno Lambert. Ou nas de um jornalista — acrescentou Robert.

Afastado de toda vida política, de todo futuro, de todo público, ignorando mesmo se o livro seria um dia publicado, Robert, ao escrevê-lo, tinha encontrado a solução anônima do principiante que se arrisca à aventura, sem orientação, nem proteção. Na minha opinião ele nunca escrevera nada de melhor. Eu disse com impaciência:

— Então, quando se é político, não se tem mais o direito de escrever livros sinceros?

— Sim — respondeu Robert. — Não, porém, livros escandalosos. E você bem sabe que hoje há mil coisas a respeito das quais um homem não pode falar sem escândalo. — Sorriu: — Para dizer a verdade, tudo o que é individual se presta a escândalo.

Demos alguns passos em silêncio:

— Você passou três anos a escrever essas memórias e não se importa de jogá-las ao fundo de uma gaveta?

— Não penso mais nelas. Penso em outro livro.

— Que livro?

— Falaremos sobre o assunto dentro de alguns dias.

Encarei Robert com desconfiança:

— E você acredita que achará tempo para escrevê-lo?

— Certamente.

— Oh! Isto não me parece assim tão certo: Você não dispõe de um minuto para si.

— Em política, o mais duro é o começo: a coisa, depois, diminui.

Sua voz me pareceu extremamente sincera.

— E se não diminuir? — insisti. — Você deixaria que seu movimento fracassasse, ou pararia de escrever?

— Sabe, não haveria nada de trágico, se eu parasse um momento — disse Robert, com um sorriso. — Já escrevi tanto em minha vida!

— Você afirmava, outro dia, que sua obra está à frente de si mesmo — disse eu, com um aperto no coração.

— Ainda penso assim; mas ela pode esperar.

— Esperar? Um mês? Um ano? Dez anos?

— Escute — prosseguiu Robert, com voz conciliadora —, mais um livro no mundo, menos um livro, não é tão importante assim. E a situação é apaixonante. Pense bem: é a primeira vez que a esquerda está com a sorte nas mãos, a primeira vez que se pode tentar uma integração independentemente dos comunistas, sem o risco de servir à direita. Não se vai deixar passar esta chance! Esperei por ela toda a minha vida.

— Quanto a mim, acho seus livros muito importantes — disse eu. — O que eles anunciam é algo único. Ao passo que um trabalho político... Não é só você que pode encarregar-se disso.

— Sou o único que pode orientá-lo segundo minha opinião — disse Robert com jovialidade. — Você deveria compreender-me: os comitês de vigilância, a resistência eram muito úteis. Mas tudo permaneceu negativo. Hoje, trata-se de construir. É interessante, de outra maneira.

— Compreendo-o muito bem, mas sua obra continua a interessar-me ainda mais.

— Sempre pensamos que não se escreve por escrever — disse Robert. — Em determinados momentos, outras formas de ação se tornam mais urgentes.

— Não para você, que é, antes de tudo, um escritor.

— Bem sabe que não — disse Robert, reprovando-me. — O que importa para mim, acima de tudo, é a revolução.

— Sim, mas o melhor meio que você possui para servir à revolução é escrever seus livros.

— Tudo depende das circunstâncias — disse Robert, sacudindo a cabeça.

— Estamos vivendo um momento crítico: é preciso, antes, ganhar a partida no terreno político.

— E o que acontecerá, se ela não for ganha? Você de fato não acredita que se esteja correndo o risco de uma nova guerra?

— Não creio que estoure nova guerra amanhã. Mas o que se deve evitar é que se crie no mundo uma situação de guerra: neste caso, a briga recomeçaria, cedo ou tarde. Importa evitar também que esta vitória seja explorada pelo capitalismo. — Ele sacudiu os ombros: — Há um mundo de coisas a evitar, antes de a gente se divertir escrevendo livros que talvez ninguém nunca leia.

— O quê? — indaguei, estacando no meio da calçada. — Também você pensa que a literatura vai perder o interesse?

— Na verdade, o homem vai ter coisas mais importantes para fazer — disse Robert.

Sua voz era decididamente sincera. Indignada, abri-me:

— Isto não parece sensibilizá-lo. Mas um mundo sem literatura e sem arte seria horivelmente triste.

— De qualquer modo, neste momento há milhões de indivíduos para quem a literatura não vale nada — disse Robert.

— Sim, mas bem que você esperava que isso mudasse.

— Espero-o sempre. Que é que você acha? Mas, justamente, se o mundo se decidir a mudar, atravessaremos sem dúvida um período em que a literatura não terá vez.

Entrávamos no escritório. Sentei-me no braço da poltrona de couro. Na verdade, eu havia bebido muito ponche: as paredes giravam em volta de mim. Olhei a mesa sobre a qual Robert escrevia noite e dia, havia vinte anos. Ele agora tinha sessenta. Se este período durasse muito tempo, ele correria o risco de não lhe ver o fim. Ora, isto não podia ser-lhe tão indiferente assim.

— Vejamos, você crê que sua obra ainda está por fazer; há cinco minutos dizia que ia começar um novo livro: isto quer dizer que há leitores para você.

— Oh! É o mais provável — disse Robert. — Mas, enfim, é preciso encarar também a outra hipótese. — Sentou-se na poltrona, perto de mim: — Ela, a literatura, não é tão terrível como você diz — acrescentou, com alegria —; é feita para os homens, não os homens para ela.

— Para você, seria muito triste... Se deixasse de escrever, nunca mais seria feliz.

— Não sei — disse Robert. Sorriu: — Não tenho ideia.

Ele tem ideia. E eu me recordava do quanto ele estava ansioso na noite em que me disse: “Minha obra ainda está à frente de mim.” Ele faz questão de que essa obra tenha peso, de que permaneça. Não adianta protestar: ele é, antes de tudo, um escritor. Talvez no começo só pensasse em servir à revolução, e a literatura era apenas um meio. Tornou-se um fim. Ele a ama por si mesma, todos os seus livros o provam; e, em particular, essas memórias, que ele não quer mais publicar: escreveu-as pelo prazer de escrever. Não, a verdade é que lhe repugnava falar de si, e uma tal repugnância não era de bom augúrio.

— Mas eu sei — disse a ele.

As paredes giravam, mas eu me sentia muito lúcida, muito mais lúcida do que quando sóbria. Quando sóbria, a gente tem muitas defesas, dá um jeito de não saber o que sabe. Repentinamente, eu via claramente a situação. A guerra terminava: começava uma nova história, em que nada mais tinha garantia. Não estava garantido o futuro de Robert: era possível que ele deixasse de escrever, inclusive que toda a sua obra passada se precipitasse no vácuo.

— Que pensa você, seriamente? — perguntei. — As coisas acabarão bem ou mal?

— Ah! Não sou profeta! — disse Robert, rindo. — Mesmo assim, tem-se muitos trunfos em mãos — acrescentou.

— Mas há quantas chances de ganhar?

— Quer que eu o adivinhe pelo baralho ou pela borra do café?

— Não vale a pena zombar de mim. De vez em quando, deve-se poder questionar a si mesmo.

— Eu não deixo de me questionar, você sabe — disse Robert.

Ele o fazia, e o fazia mais seriamente do que eu, que não agia. Por isso eu me tornava facilmente patética. Tinha consciência de estar errada, mas, com Robert, estar errada custa-me tão pouco!

— Você só formula as perguntas a que pode dar resposta — disse eu.

— De preferência, sim — disse, rindo outra vez. — As outras não têm grande valia.

— Não é razão para deixar de propô-las. — Minha voz tornava-se agressiva; não, porém, por causa de Robert: antes por causa de mim mesma, de minha cegueira nas últimas semanas. — Gostaria, mesmo assim, de ter uma ideia do que vai acontecer-nos — disse eu.

— Você não acha que já é muito tarde, que bebemos muito ponche e que teremos ideias mais claras amanhã cedo? — indagou Robert.

Amanhã de manhã as paredes não balançariam mais, os móveis e bibelôs estariam em ordem, sempre na mesma ordem, minhas ideias também, e eu recomeçaria a viver no dia a dia, sem olhar para trás, antes olhando para a frente e bem longe; não me ocuparia mais destas pequenas confusões em meu coração. Estava cansada desta higiene. Olhei a almofada em que Diego se sentava, ao canto da lareira. Ele dizia: “A vitória nazista não entra em meus planos.” E abateram-no.

— As ideias são sempre muito claras! — disse eu. — A guerra está ganha, eis aí uma ideia clara. Pois bem, achei esquisita a festa desta noite, com todos estes mortos, ausentes de lá!

— Apesar de tudo, há diferença entre dizer que a morte deles serviu para alguma coisa e dizer que não serviu para absolutamente nada — afirmou Robert.

— A de Diego de nada serviu — disse eu. — E, admitindo-se que tivesse servido? — Com irritação, prossegui: — Interessa muito aos vivos este sistema pelo qual tudo se ultrapassa, na direção de outra coisa. Mas os mortos continuam mortos. São traídos. Não são ultrapassados.

— Não são forçosamente traídos — disse Robert.

— São traídos quando são esquecidos e também quando são utilizados. Uma saudade... Ou é coisa inútil, ou já não é uma verdadeira saudade.

— Suponho que eu não seja dotado para sentir saudades. — Disse-o com um ar perplexo. — Não me deixo atrair muito pelos problemas que não posso resolver, pelos acontecimentos em que nada posso mudar. — E acrescentou: — Não estou dizendo que tenha razão.

— Oh! Não estou dizendo que você esteja errado. De qualquer forma, os mortos estão mortos e nós, nós vivemos: as saudades não mudam nada.

— Não procure inventar remorsos — disse Robert, pousando a mão sobre a minha. — Também nós morremos, você sabe disso; isso nos aproxima muito deles.

Retirei minha mão. Nesse instante, qualquer amizade era minha inimiga. Não queria ser consolada, ainda não.

— Ah! Certamente o seu maldito ponche me estragou o estômago — disse eu. — Vou tratar de dormir.

— Vá dormir. E amanhã faremos todas as perguntas que quisermos, mesmo as que não servem para nada.

— E você? Não vai dormir?

— Creio que antes vou tomar uma chuva e trabalhar.

Ao deitar-me, considerei que Robert, evidentemente, está mais bem-armado que eu contra as saudades. Trabalha, age, e o futuro para ele existe mais do que o passado. E escreve: tudo o que incide fora do seu campo de ação, a infelicidade, o fracasso, a morte, registra em seus livros e com isto se sente livre. Quanto a mim, não tenho nenhum recurso. O que perco não recupero em parte alguma e nada resgata minhas infidelidades. De repente,

comecei a chorar. Pensei: “São meus olhos que choram; ele vê tudo, não, porém, com meus olhos.” Chorava. E pela primeira vez, depois de vinte anos, me sentia só: só com meus remorsos, com meu medo. Adormeci e sonhei que havia morrido. Acordei sobressaltada, e o medo sempre presente. Debato-me com ele, pelo espaço de uma hora; continua comigo, e a morte sempre rondando. Acendo a luz, apago a luz. Se Robert vir a luz debaixo de minha porta, inquietar-se-á. Inutilmente. Esta noite ele não vai poder ajudar-me. Quando quis falar-lhe a seu respeito, subtraiu-se às perguntas: sabe que está em perigo. E é por ele que receio. Até aqui, sempre confiei em seu destino. Nunca pensei apreciá-lo em sua justa medida: para mim, ele representava a medida de todas as coisas. Vivi com ele como em mim mesma, sem distância. Mas, de súbito, não tenho mais confiança em coisa alguma. Nem estrela fixa, nem marco de estrada, Robert é um homem, e um homem de sessenta anos, falível e vulnerável, a quem o passado não protege mais e o futuro ameaça. Encosto-me ao travesseiro, os olhos abertos. É preciso que eu me ajeite para poder recuar e vê-lo, como se não o tivesse amado durante vinte anos sem nunca hesitar.

É difícil. Houve um tempo em que o via a distância; mas eu era muito jovem, olhava-o de muito longe. Colegas me apontaram-no, na Sorbonne, falava-se muito a respeito dele, com um misto de admiração e de escândalo. Murmurava-se que bebia e que era frequentador de bordéis, coisa que antes teria me atraído. Eu estava mal curada de minha infância religiosa. Aos meus olhos, o pecado manifestava, pateticamente, a ausência de Deus, e, se me dissessem que Dubreuilh violava as mocinhas, eu o teria tomado por uma espécie de santo. Mas seus vícios permaneciam menores e as glórias muito bem-estabelecidas me irritavam. Quando comecei a frequentar-lhe as aulas, estava decidida a considerá-lo como um falso grande homem. Ele era, fora de dúvida, diferente de todos os outros professores. Chegava apressado, estava sempre atrasado quatro ou cinco minutos. Por um instante, examinava-nos com seus grandes olhos maliciosos e, depois, punha-se a falar, em tom muito amistoso ou muito agressivo. Havia um quê de provocante nas suas feições ásperas, na sua voz violenta, nas suas gargalhadas, que, às vezes, nos pareciam meio loucas. Sua roupa branca era muito alva, as mãos cuidadas, a barba feita com esmero, tão bem que seus blusões, seus pulôveres, seus sapatos pesados, não podiam desculpar-se pela negligência. Ele preferia o conforto

à decência, com uma desenvoltura que declarei afetada. Eu tinha lido seus romances e não os havia apreciado; esperava que me trouxessem uma mensagem exaltadora e me falaram de pessoas insignificantes, de sentimentos frívolos, de uma porção de coisas que não me pareciam essenciais. Quanto às suas aulas, eram interessantes, com efeito, mas, enfim, ele nada dizia de genial. E estava de tal forma certo de ter razão que eu sentia, por isso, um irresistível desejo de contradizê-lo. Oh! Também eu estava convencida de que a verdade pertencia à esquerda. Desde a infância achava que o pensamento burguês tinha um cheiro, e muito ruim, de tolice e mentira. Mais tarde, aprendera no Evangelho que os homens são todos iguais, todos irmãos, e continuava acreditando nisso piamente. Mas, para minha alma cheia de verdades absolutas, o vazio do céu tornava toda moral irrisória, e Dubreuilh imaginava que podia haver salvação nesta terra. Expliquei-me a respeito, em minha primeira dissertação. “A revolução, bom”, dizia eu, “e depois?” Quando ele me devolveu o trabalho, oito dias mais tarde, à saída da aula, ridicularizou-me vivamente: minhas verdades absolutas, segundo ele, eram um sonho abstrato de pequena burguesa incapaz de enfrentar a realidade. Eu carecia de meios para opor-me a ele, que vencia em todos os lances, forçosamente, o que não provava nada; e eu lhe disse isso. Na semana seguinte, recomeçamos a discussão. Desta vez procurou convencer-me, não vencer-me. Tive de reconhecer que, quando estávamos a sós, ele não tinha, de maneira alguma, esse ar de quem quer passar por grande homem. Pôs-se a falar comigo muitas vezes, findas as aulas. Não raro me acompanhava até a minha porta, mudando o próprio itinerário. Depois saímos juntos de tarde, de noite: não falávamos mais de moral, nem de política, nem de qualquer outro assunto elevado. Contava-me histórias e, sobretudo, me levava a passear. Mostrava-me ruas, praças, cais, canais, cemitérios, zonas, entrepostos, terrenos baldios, botecos, uma porção de recantos parisienses que eu não conhecia; e eu constatava que jamais vira as coisas que julgava conhecer. Com ele, tudo tomava milhares de sentidos: as fisionomias, as vozes, os trajes das pessoas, uma árvore, um cartaz, um anúncio luminoso de néon, qualquer coisa. De um só fôlego, reli seus romances. Compreendi que nada compreendera a respeito deles. Dubreuilh dava a impressão de escrever caprichosamente, para sua exclusiva recreação, coisas inteiramente gratuitas. Todavia, fechando o livro, a gente se encontrava de

novo agitada de cólera, de desgosto, de revolta, querendo que as coisas mudassem. Com base em certas passagens de sua obra, ele poderia ser tomado por um puro esteta: tem o gosto das palavras; sem segunda intenção, interessa-se pela chuva e pelo bom tempo, pelos caprichos do amor e do acaso, por tudo. Só que não fica nisso: de repente, a gente se vê atirada em meio à multidão de homens e todos os seus problemas nos dizem respeito. Daí a razão por que insisto tanto em que ele continue a escrever. Sei por mim mesma o que ele traz ao leitor. Não existe distância entre seu pensamento político e suas emoções poéticas. É porque ele ama tanto a vida que deseja que todos os homens tenham nela, amplamente, a sua parte; e, porque ama os homens, tudo o que pertence à vida humana o apaixona.

Eu relia seus livros, ouvia-o, interrogava-o. Achava-me tão ocupada, que não cuidava de procurar saber ao certo por que ele se comprazia ao meu lado: já me faltava tempo para decifrar o que se passava em meu próprio coração. Quando ele me tomou em seus braços, uma noite, no meio dos jardins do Carroussel, eu disse com escândalo: “Só beijarei o homem que eu amar.” Ele me respondeu tranquilamente: “Mas você me ama!” E vi, imediatamente, que era exato. Se não me havia dado conta disso, é porque acontecera muito depressa: com ele, tudo ia tão depressa! Aliás, foi o que de início me subjugou; os outros eram tão lentos, tão lenta era a vida! Ele destruía o tempo, empurrava tudo. A partir do momento em que descobri que o amava, segui-o com entusiasmo de surpresa em surpresa. Aprendia que era possível viver sem móveis e sem horário, não almoçar, não deitar-se à noite, dormir à tarde, fazer amor num bosque tão bem como numa cama. Tornar-se uma mulher nos seus braços pareceu-me simples e alegre. Quando o prazer me assustava, seu sorriso me restituía à tranquilidade. Só uma sombra me apertava o coração: aproximavam-se as férias e aterrorizava-me a ideia de uma separação. Robert, evidentemente, o percebeu: teria sido por isso que me propôs casamento? Então, tal ideia nem me passou pela cabeça: aos dezenove anos, parece tão natural ser amada pelo homem a quem se ama como por pais respeitados ou por Deus todo-poderoso.

— Mas eu amava você — respondeu-me Robert, muito mais tarde. Em sua boca, que significam exatamente essas palavras? Ter-me-ia amado um ano mais cedo, quando ainda estava envolvido de corpo e alma no

mundinho político? E, naquele ano, para se consolar de sua inatividade, não poderia ele ter escolhido outra? Aí está precisamente o gênero de problemas que não servem para nada, admitamos. O que é certo é que ele de fato desejou minha felicidade e que não falhou em seu projeto. Até então, eu não era propriamente infeliz. Mas tampouco era feliz. Tinha saúde, tinha momentos de alegria, mas passava a maior parte de meu tempo triste. Tólice, mentira, injustiça, sofrimento: fazia-se em torno de mim um caos muito escuro. E que absurdo eram os dias, a se repetirem de semana em semana, de século em século, sem levarem a parte alguma! Viver era aguardar a morte durante quarenta ou sessenta anos, patinando no nada. Por isso é que eu estudava com tanta dedicação! Só os livros e as ideias resistiam a tudo, só eles me pareciam reais.

Graças a Robert, as ideias baixaram à terra e a terra tornou-se coerente como um livro, um livro que começa mal, mas que acabará bem. A humanidade tinha uma direção; a história, um sentido. E minha própria existência também. A opressão, a miséria encerravam a promessa de seu desaparecimento. O mal já estava vencido; o escândalo, dispersado. O céu fechou-se sobre minha cabeça e os velhos temores me abandonaram. Não foi a poder de teorias que Robert me libertou deles; demonstrou-me que a vida se basta a si mesma, só com o ser vivida. À morte ele não dava nenhuma importância, e suas atividades não eram entretenimentos: ele gostava do que gostava, queria o que queria, de nada fugia. Em resumo, eu não pedia senão para assemelhar-me a ele. Se pusera minha vida em questão, era principalmente porque me aborrecia em casa: e agora não me aborrecia mais. Robert tirara do caos um mundo cheio, ordenado, purificado por este futuro que ele produzia: esse mundo era o meu. O único problema era arranjar nele o meu lugar. A mim não me bastava ser a mulher de Robert. Antes de casar com ele, jamais encarei a possibilidade de seguir uma carreira de esposa. Por outro lado, não pensei, sequer um minuto, em ocupar-me ativamente com a política. Neste particular, as teorias podem apaixonar-me e tenho alguns sentimentos fortes, mas a prática me desagrada. Devo confessar que me falta paciência: a revolução está em marcha, mas caminha tão lentamente, a passos curtos e tão incertos! Para Robert, uma solução melhor que outra é boa, um mal menor ele toma por um bem. Tem razão, certamente, mas eu, sem dúvida, não liquidei inteiramente meus velhos ideais de absoluto: isso não me satisfaz.

E, depois, o futuro me parece muito distante, tenho dificuldades em interessar-me pelos homens que ainda não nasceram, tenho antes vontade de ajudar os que se encontram vivendo exatamente neste momento. É por isso que semelhante ocupação me tentava. Oh! Jamais pensei que se pudesse trazer de fora a alguém uma salvação pré-fabricada, mas, frequentemente, são besteiras que separam os homens de sua felicidade, e eu queria libertá-los de tais contrapesos. Robert me encorajou. Neste particular, ele se separa dos comunistas ortodoxos: crê que a psicanálise possa ser empregada com proveito entre a sociedade burguesa e que talvez ainda tenha um papel a desempenhar numa sociedade sem classe; parecia-lhe, mesmo, um trabalho apaixonante reformular a psicanálise clássica, à luz do marxismo. O fato é que isso me conquistou. Meus dias eram tão cheios como a terra à minha volta. Cada manhã acordava a alegria da manhã precedente, e à noite eu me reencontrava enriquecida de mil novidades. É uma grande sorte, com vinte anos de idade, receber o mundo da mão amada! É uma grande sorte ocupar aí exatamente o seu lugar. Robert também teve êxito no esforço de me proteger contra o isolamento, sem me privar da solidão. Tudo nos era comum: entretanto, eu tinha minhas amizades, meus prazeres, meu trabalho, minhas preocupações pessoais. Podia, à vontade, passar a noite debruçada sobre a ternura de um ombro, ou, como hoje, ficar só no quarto, como uma moça solteira. Olho estas paredes, o raio de luz sob a porta: quantas vezes conheci a doçura de adormecer, enquanto ele trabalhava, ao alcance de minha voz? Há muitos anos já que, entre nós, o desejo se arrefeceu. Mas estávamos unidos muito estreitamente para que a união de nossos corpos pudesse ter grande importância. Renunciando a isso, nada perdemos, por assim dizer. Poderia acreditar tratar-se de uma noite de antes da guerra. A própria inquietação que me mantém acordada não é nova. Muitas vezes, o futuro do mundo foi sobremaneira negro. Que há, portanto, de mudado? Por que será que a morte voltou a rondar? Ela continua rondando... Por quê?

Que teimosia insensata! Tenho até vergonha. Durante estes quatro anos, a despeito de tudo, convenci-me de que iríamos reencontrar o pré-guerra no pós-guerra. Ainda há pouco eu dizia a Paule: “Agora é outra vez como antigamente.” E eis que tento dizer a mim mesma: antes era exatamente como agora. Mas não, estou mentindo: não é, nunca mais será como antes. Então, eu tinha a certeza, no fundo, em face das mais inquietadoras crises,

de que sempre haveria uma saída. Robert forçosamente deveria escapar; seu destino me garantia o destino do mundo, e reciprocamente. Mas, com o passado que tínhamos atrás de nós, como ainda confiar no futuro? Diego havia morrido, houve muitas mortes, o escândalo retornou à terra, a palavra felicidade perdeu o significado. De novo o caos se acha à minha volta. Pode ser que o mundo saia desta. Mas quando? Demorará muito, dois ou três séculos, ao passo que nossos dias estão contados: se a vida de Robert acabar no fracasso, na dúvida e no desespero, nada disso será recuperado, nunca.

Há um movimento suave em seu escritório; ele lê, reflete, faz planos. Terá êxito? Se não, que lhe acontecerá? Não há necessidade de encarar o pior, ninguém nos devorou; simplesmente, vegetamos ao acaso de uma história que já não é a nossa. Robert está reduzido ao papel de testemunha passiva: o que fará dele? Sei até que ponto a revolução está ligada ao seu íntimo: para ele, é o absoluto. Sua mocidade o marcou para sempre. Durante todos os anos em que cresceu entre casas e vidas cor de fuligem, o socialismo era sua única esperança: não acreditou nele por generosidade, nem por lógica, mas por necessidade. Tornar-se um homem significava-lhe tornar-se, como seu pai, um militante. Muita coisa foi necessária para afastá-lo da política: a furiosa decepção de 1914, seu rompimento com Cachim, dois anos depois de Tours, sua incapacidade para reacender no partido socialista a velha chama revolucionária. Na primeira oportunidade, lançou-se de novo à ação; e, então, mais apaixonado do que nunca. Para tranquilidade minha, eu disse a mim mesma que ele tem bastante energia. Depois do nosso casamento, durante os anos em que não era militante, escreveu muito e era feliz. Mas era mesmo? Convinha-me crer nisso e, até esta noite, nunca ousei observar secretamente os seus sentimentos mais íntimos: já não me sinto muito segura do nosso passado. Se ele quis um filho tão depressa, foi sem dúvida porque eu não bastava para justificá-lo a existência. É também possível que ele procurasse uma vingança contra esse futuro sobre o qual não tinha mais influência. Sim, esse desejo de paternidade me parecia bem significativo. Significativa também a tristeza de nossa peregrinação a Bruay. Passeávamos pelas ruas de sua infância, ele me mostrava a escola em que seu pai lecionava e o edifício sombrio onde, aos nove anos, ouvira Jaurès. Narrava-me seus primeiros contatos com a desgraça diária, com o trabalho sem esperança; falava

muito depressa, e com excessiva indiferença. Repentinamente, disse com a voz agitada: “Nada mudou, mas eu, eu escrevo romances.” Eu quis acreditar numa emoção fugaz; Robert era demasiadamente alegre para se supor que sentisse remorsos sérios. Mas, depois do Congresso de Amsterdã, durante toda a época em que organizou os comitês de vigilância, vi que ele podia ser ainda muito mais alegre e precisei confessar-me a verdade: antes ele se continha. Se tornar a encontrar-se condenado à impotência, à solidão, tudo lhe parecerá inútil, mesmo escrever; sobretudo escrever. Entre 1925 e 1932, atormentado pela impaciência, ele escrevia, sim. Mas era bem diferente. Permanecera ligado aos comunistas e a certos socialistas; guardava a esperança da unidade operária e de uma vitória final. Tenho de cor estas palavras de Jaurès que ele repetia a cada passo: “O homem de amanhã será o mais complexo, o mais rico de vida que a história jamais conheceu.” Estava convencido de que seus livros ajudavam a construir o futuro e que o homem de amanhã os leria; por isso, evidentemente, escrevia. Diante de um futuro fechado, isto não teria o menor sentido. Se seus contemporâneos não mais o ouvem, se a posteridade não mais o compreender, só lhe restará calar-se.

E então? Que vai ser dele? Uma criatura viva, transformada em espuma, é horrível. Mas existe um destino pior: o do paralítico de língua atada. Antes a morte! Será que um dia virei a desejar a morte de Robert? Não. Nem é possível imaginar. Ele já recebeu duros golpes e sempre se saiu deles. Sair-se-á, mais uma vez. Não sei como, mas inventará alguma coisa. Não é impossível, por exemplo, que se inscreva um dia no partido comunista. É certo que neste momento não pensa em tal coisa, critica muito violentamente a política do partido. Mas suponhamos que mude a linha partidária; suponhamos que não exista, fora dos comunistas, nenhuma esquerda coerente: pergunto-me se Robert, a ficar inativo, não preferiria reunir-se a eles. Não gosto desta ideia. Para ele seria mais duro do que para qualquer outro dobrar-se às palavras de ordem com as quais não estaria de acordo. Sobre a tática a seguir, ele sempre teve ideias especificamente suas. Depois, tentaria em vão o cinismo; bem sei que permanecerá fiel à sua velha moral. O idealismo dos outros fá-lo sorrir: ele também tem o seu; há certas palavras de ordem comunistas a que jamais poderia aderir. Não, esta solução não é solução. Há muitas coisas que o separam dos comunistas: seu humanismo não é o humanismo

comunista. E não somente ele não poderia escrever mais nada que fosse sincero como ainda seria obrigado a renegar todo o seu passado.

“Tanto pior!”, me dirá. Há pouco dizia: “Um livro a mais, um livro a menos, não tem grande importância.” Mas será realmente o que ele pensa? Dou muito valor aos livros. Talvez demais. No tempo de minha própria pré-história, eu os preferia ao mundo real. Ficou-me daí alguma coisa; os livros guardaram para mim um gostinho de eternidade. Sim, esta é uma das razões por que me interesso tanto pela obra de Robert: se ela perece, tornamo-nos ambos perecíveis. O futuro não é mais que um túmulo. Robert não vê as coisas assim: mas não é também um militante exemplar, perfeitamente esquecido de si mesmo. Espera deixar um nome, um nome que signifique muito, para muita gente. E escrever é do que ele mais gosta no mundo; é sua alegria, sua necessidade, é ele mesmo. Renunciar a isso seria um suicídio.

Pois bem! Não lhe restará nada senão resignar-se a escrever sob encomenda. Outros o fazem; outros, não ele. A rigor, imagino-o trabalhando contra a vontade: mas escrever é outra coisa. Se ele não pudesse mais expressar-se à sua maneira, a caneta lhe cairia das mãos.

Ah! Vejo o impasse. Robert está integrado em algumas ideias, e antes da guerra tínhamos a certeza de que elas um dia viriam corresponder à realidade. Por toda a vida ele se empenhou, ao mesmo tempo, em enriquecê-las e em preparar-lhes a realização. Mas suponhamos que esta não se concretize nunca. O humanismo que Robert sempre defendeu... suponhamos que a decisão se volte contra ele! Que pode fazer? Se ajuda a construir um futuro hostil a todos os valores em que acredita, sua ação é absurda. Mas, se se obstina em manter os valores que nunca serão deste mundo, torna-se um desses velhos sonhadores, aos quais, antes de tudo, faz questão de não se assemelhar. Não, nesta alternativa, não há escolha possível: de um modo ou de outro, o que há é o malogro, a impotência; para Robert, é como morrer em vida. Daí o fato de ele se lançar tão apaixonadamente à luta: diz-me que a situação lhe oferece uma oportunidade esperada durante toda a sua vida. Que seja. Mas esta mesma situação comporta também um perigo mais grave do que todos os que ele conheceu, e sabe disso. Sim, estou certa, tudo o que acabo de dizer-me ele se diz, também. Diz que, possivelmente, o amanhã lhe será um túmulo, no qual se perderá sem deixar mais vestígio do que deixaram Rosa e Diego. E

ainda pior. Pode ser que os homens de amanhã o olhem como um retardado, um simplório, um mistificador, inútil ou culpado; uma escória. É possível que um dia ele seja tentado a ver-se com os olhos cruéis de tais homens: então sua vida acabará no desespero. Não, Robert desesperado será um escândalo mais intolerável do que a própria morte. Eu me conformaria com a minha morte, com a dele, não com o seu desespero. Não: não suportarei acordar amanhã, e nos dias seguintes, com esta enorme ameaça no horizonte. Não. Mas posso repetir cem vezes não, não e não, que nada mudarei aí. Acordarei amanhã, e nos dias subsequentes, tendo à minha frente essa ameaça. De uma certeza, talvez se pudesse morrer. Mas este medo assombroso, será preciso vivê-lo.

Capítulo II

I

Na manhã do dia seguinte, o rádio confirmou a derrota alemã. “É realmente a paz que começa”, repetia Henri consigo mesmo, sentando-se à sua mesa. “Posso escrever, enfim!” Decidiu que daria um jeito de escrever todos os dias. O quê, exatamente? Não sabia e se felicitava por isso; das outras vezes, sabia-o demais. Agora tentaria dirigir-se aos leitores sem premeditação, como se escreve a um amigo, e talvez conseguisse dizer-lhes as coisas que nunca tinham encontrado lugar nos seus livros, por demais construídos. Há tantas coisas que a gente gostaria de reter com palavras e que se perdem! Levantou a cabeça e fitou o céu frio através da janela. Pena pensar que essa manhã ia ser perdida. Tudo parecia tão precioso, nessa manhã: o papel branco, o cheiro de álcool e do fumo que esfriou, a música árabe que subia do café vizinho. Notre-Dame apresentava-se álgida como o céu, um vagabundo dançava no meio da viela, trazia um enorme chapéu de penas de galo azuis e duas moças, em trajes domingueiros, o olhavam, rindo. Era Natal, era a derrota alemã. E alguma coisa recomeçava. Sim, todas estas manhãs e noites que ele tinha deixado escorregar por entre os dedos, durante os últimos quatro anos, durante trinta anos, Henri tentaria recuperá-las. Não se pode dizer tudo, de acordo; mas pode-se assim mesmo tentar reproduzir o verdadeiro sabor da vida da gente. Cada vida tem um sabor, só dela, e é necessário dizê-lo, ou não vale a pena escrever: “Falar do que amei, do que amo, do que sou.” Desenhou um buquê. Quem era ele? A quem reencontraria, depois de tão longa ausência? Difícil, do próprio interior, definir-se e limitar-se. Não era um maníaco da política, nem um fanático da arte de escrever, nem um grande apaixonado. Sentia-se, antes, um qualquer; mas, pensando bem, isso não o incomodava. Um homem como todo o mundo, que falasse sinceramente de si, falaria em nome de todo o mundo e para todo o

mundo. A sinceridade era a única originalidade que ele devia ter em mira, a única palavra de ordem a impor-se. Acrescentou uma flor ao seu buquê. Não é tão fácil ser sincero. Ele não pretendia confessar-se. E quem diz romance diz mentira. Ah! Veria isso mais tarde. No momento precisava, sobretudo, não se atrapalhar com problemas; partir ao acaso, começar não importa como: pelos jardins de El-Ued, ao luar. O papel estava vazio, precisava aproveitar-se disso.

— Você começou seu romance alegre? — perguntou Paule.

— Não sei.

— Como não sabe? Não sabe o que escreve?

— Faço uma surpresa a mim mesmo — respondeu, rindo.

Paule encolheu os ombros. Entretanto, era verdade: ele não queria saber; fixava desordenadamente uma porção de momentos de sua vida no papel; isto o divertia enormemente e não queria mais nada. Na noite em que foi encontrar Nadine, abandonou o trabalho com pesar. Dissera a Paule que ia sair com Scriassine: durante o último ano, aprendera a economizar sua franqueza. Estas simples palavras “vou sair com Nadine” Teriam provocado tantas perguntas e tantos comentários que ele preferiu dizer outras. Mas era realmente absurdo esconder-se para levar a passear aquela adolescente, que ele tinha como uma espécie de sobrinha; acima de tudo, era absurdo ter marcado um encontro com ela. Empurrou a porta do bar Rouge e aproximou-se da mesa a que ela estava sentada, entre Lachaume e Vincent.

— Nenhuma confusão hoje?

— Zero — disse Vincent, despeitado.

Os jovens acotovelavam-se naquele corredor vermelho menos para se encontrar entre camaradas do que para afrontar os adversários: todas as facções políticas lá se achavam representadas. Henri vinha amiúde passar um momento ali. Teria gostado de sentar-se e de conversar sobre assuntos diversos com Lachaume e Vincent, olhando os outros. Mas Nadine levantou-se logo.

— Você me leva para jantar?

— Vim para isso.

Fora estava escuro, a calçada coberta de lama gelada: que é que ele iria poder fazer com Nadine?

— Aonde você quer ir? Ao Italien?

— Ao Italien.

Ela não era propensa a contrariar. Deixou-o escolher a mesa e encomendou, como ele, *peperoni* e um *ossobuco*. Aprovava tudo o que ele dizia, com um ar contente que logo pareceu suspeito a Henri. Na verdade, ela não o ouvia, comia com plácida rapidez, sorrindo para o próprio prato. Ele deixou a conversa morrer, sem que ela aparentemente o percebesse. Engolido o último bocado, ela limpou a boca com um gesto amplo.

— E agora, aonde você me leva?

— Não gosta de jazz, nem de dançar?

— Não.

— Pode-se tentar o Tropicque du Cancer.

— É divertido?

— Você conhece boates divertidas? No Tropicque, pode-se conversar.

— Para conversar, servem muito bem os bancos do metrô — disse ela, com um gesto de desdém. Depois, seu rosto iluminou-se: — Há boates de que gosto muito: aquelas em que se veem mulheres nuas.

— Impossível! Isso a diverte?

— Oh! sim; é mais engraçado nos banhos turcos, mas mesmo nos cabarés não é mau.

— Será que você não é um pouquinho depravada? — perguntou Henri, rindo.

— É possível — disse ela, secamente. — Que é que você propõe de melhor?

Olhar mulheres nuas em companhia daquela moça, que não era nem virgem nem mulher... não se podia imaginar nada de mais incoerente. Mas, enfim, Henri se encarregara de distraí-la e lhe faltava inspiração. Em Chez Astarté, sentaram-se diante de um balde de gelo com o champanhe. A sala ainda estava vazia; ao redor do bar, mulheres sensuais conversavam. Nadine examinou-as longamente.

— Se eu fosse homem, todos os dias sairia com uma mulher diferente.

— Uma mulher diferente, todos os dias, acaba sendo a mesma.

— Certamente que não. A moreninha, a ruiva, que tem uns bonitos seios postiços, sob a roupa, não são absolutamente iguais. — Apoiou o queixo contra a palma da mão e encarou Henri: — As mulheres não o divertem?

— Não assim.

— Como então?

— Bem, gosto muito de observá-las, quando são bonitas, de dançar com elas ou de conversar.

— Para conversar, são preferíveis os homens — disse Nadine; seu olhar tornou-se desconfiado: — Em resumo, por que você me convidou? Não sou bonita, danço mal e não converso bem.

— Você não se lembra? — disse Henri, rindo. — Censurou-me por não a convidar nunca.

— Cada vez que alguém o censura por não fazer uma coisa, você a faz?

— E por que aceitou meu convite? — indagou Henri.

Ela lhe lançou um olhar tão ingenuamente provocante que ele se desconcertou. Seria mesmo, como Paule o afirmava, que ela não podia ver um homem sem se oferecer?

— Nunca se deve recusar nada — declarou ela.

Por um momento, a moça tomou seu champanhe em silêncio; a conversa tornou a avivar-se, mas, de vez em quando, Nadine se calava. Olhava Henri fixamente e havia no seu rosto um ar surpreso de censura. “Contudo”, pensava ele, “não posso aproveitar-me dela.” Ela lhe agradava apenas em parte. Conhecia-a demais, era demasiado fácil e, depois, ficaria aborrecido por causa dos Dubreuilh. Ele tentava preencher os momentos de silêncio, mas por duas vezes ela bocejou com afetação. Também a ele o tempo parecia longo. Alguns casais dançavam; sobretudo americanos e prostitutas, além de um ou dois falsos casais provincianos. Ele decidiu ir-se embora, logo que as *girls* acabassem seu número, e sentiu-se aliviado quando finalmente as viu chegar. Eram seis, com *soutiens* e calcinhas bordadas de lantejoulas, chapéus altos em que se viam as cores francesas e americanas; não dançavam bem, nem mal; eram feias sem excesso. Tratava-se de um espetáculo desinteressante, que nem fazia rir. Por que Nadine tinha um ar tão alegre? Quando as moças tiraram os *soutiens*, a fim de descobrir os seios parafinados, ela atirou uma olhadela sorrateira a Henri:

— Qual a que lhe agrada mais?

— Equivalem-se.

— A loura, à esquerda, não acha que tem um umbiguinho soberbo?

— Mas uma cara muito triste.

Nadine calou-se; inspecionava as mulheres com um olhar conhecedor e um pouco enfadado. Depois que saíram, recuando, agitando as calcinhas

com uma das mãos e batendo com a outra os chapéus tricolores contra o sexo, Nadine perguntou:

— É mais importante ter uma cara bonita ou ser bem-feita de corpo?

— Depende.

— De quê?

— Do conjunto, e dos gostos.

— Que nota mereço no conjunto e a seu gosto?

— Dir-lhe-ei dentro de três ou quatro anos; você ainda não está completa — disse ele, medindo-a.

— Nunca se está completa antes de morrer — disse ela, com voz aborrecida. Seu olhar vagueava em torno da sala. Deteve-se sobre a dançarina de feições tristes, que tinha vindo sentar-se no bar, vestida simplesmente, de preto: — É verdade que ela tem o ar triste. Você deveria tirá-la para dançar.

— Não seria isso que iria alegrá-la.

— As amigas dela estão acompanhadas. Ela parece uma rejeitada. Convide-a. Que lhe custa? — perguntou Nadine, com súbita veemência. A voz suavizou-se-lhe, fez-se suplicante: — Pelo menos uma vez!

— Se você faz tanta questão...

A loura seguiu-o sobre a pista, sem entusiasmo. Era banalmente simplória, e ele incapaz de ver por que Nadine se interessava por ela. Para dizer a verdade, os caprichos de Nadine começavam a enfastiá-lo. Quando ele voltou e retomou seu lugar, ela enchera duas taças de champanhe e contemplava a ambas, meditativamente.

— Você é muito gentil — disse ela, os olhos doces. Sorriu bruscamente: — Você fica engraçado quando se embriaga?

— Quando estou bêbado, fico muito engraçado.

— E que pensam os outros a respeito?

— Quando estou bêbado, não ligo para o que os outros pensam.

— Embebede-se — disse, mostrando a garrafa.

— Com champanhe não vou longe.

— Quantas taças é capaz de beber, sem se embriagar?

— Muitas.

— Mais de três?

— Certamente.

Ela o considerou com incredulidade:

— Gostaria de ver isso. Você engoliria, de uma vez só, estas duas taças, e não lhe fariam nada?

— Não fariam nada.

— Então vamos ver.

— Não tenho motivo.

— As pessoas sempre se vangloriam: é preciso pô-las à prova.

— Depois disso, você vai pedir que eu ande de cabeça para baixo? — indagou Henri.

— Depois, você poderá ir para casa, e deitar-se. Beba, sem parar.

Ele esvaziou uma das taças e sentiu um choque no fundo do estômago; ela colocou-lhe na mão outra taça:

— Eu — disse sem parar.

Ele esvaziou a outra taça.

Ao acordar, estava numa cama, deitado, nu, ao lado de uma mulher nua, que o havia agarrado pelos cabelos e lhe sacudia a cabeça.

— Quem está aí? — murmurou.

— É Nadine. Desperte, que já é tarde.

Abriu os olhos. A luz estava acesa. O quarto era desconhecido, um quarto de hotel. Sim, ele se recordava da portaria, da escada. Antes bebera champanhe, doía-lhe a cabeça.

— Que aconteceu? Não compreendo.

— Seu champanhe estava misturado com aguardente, de setenta graus — disse Nadine com uma gargalhada.

— Você pôs aguardente no champanhe?

— Um pouco! É um truque de que me sirvo muitas vezes com os americanos, quando preciso que se embriaguem. — Ela sorriu: — Era o único meio de possuí-lo.

— E você me possuiu?

— Se se pode dizer isso...

— Não me lembro de nada — disse, com as mãos na cabeça.

— Oh! Não havia de quê.

Ela saltou fora da cama, tirou um pente da bolsa e, nua, diante do guarda-roupa com espelho, pôs-se a pentear-se. Como o seu corpo era novo! Teria ele de fato apertado contra si aquele delicado busto de ombros redondos, de seios leves? Ela surpreendeu-lhe o olhar:

— Não me olhe assim! — Agarrou a combinação e vestiu-a às pressas.

— Você é muito bonita!

— Não diga tolices! — emendou ela, com arrogância na voz.

— Por que se veste de novo? Venha.

Ela sacudiu a cabeça e ele disse, com alguma inquietação:

— Tem alguma coisa de que me recriminar? Eu estava bêbado, você sabe.

Ela voltou para a cama e beijou Henri na face:

— Você foi muito gentil. Mas não gosto de repetir — acrescentou, distanciando-se. — No mesmo dia, não.

Na verdade, era vergonhoso não recordar nada. Ela enfiava as meias curtas e ele se sentia indisposto, deitado nu sob os lençóis:

— Vou levantar-me; vire-se.

— Quer que me vire?

— Faça o favor.

Ela se plantou num canto, o nariz contra a parede, as mãos atrás das costas, como uma colegial de castigo. Mas logo perguntou, pondo na voz um tom zombeteiro:

— Pronto?

— Pronto — disse ele, fechando a calça.

Ela o examinou com olho crítico.

— Como você é complicado!

— Eu?

— Complica-se para deitar-se, complica-se para levantar-se.

— E que dor de cabeça você me arranjou! — exclamou Henri.

Ele lamentava que ela não tivesse querido começar de novo: tinha um lindo corpo, era uma moça singular.

Já sentados, tendo xícaras com café solúvel diante de si, no pequeno Biard que despertava ao lado da estação de Montparnasse, ele perguntou com jovialidade:

— Em suma, por que fez questão de dormir comigo?

— Para conhecê-lo.

— É sempre assim que você conhece as pessoas?

— Quando a gente dorme com alguém, a inibição desaparece; fica-se melhor em companhia um do outro do que antes. Não?

— A inibição desapareceu — disse, rindo, Henri. — Mas por que você queria tanto me conhecer?

— Queria que você me achasse agradável.

— Acho-a muito agradável.

Ela o encarou com um ar malicioso e embaraçado, ao mesmo tempo.

— Quero que me ache bastante agradável, para que possa levar-me a Portugal.

— Ah! Então é isso! — Pousou a mão no braço de Nadine: — Eu lhe disse que era impossível.

— Por causa de Paule? Mas, uma vez que ela não vai com você, posso muito bem ir.

— Não, não pode: isso a faria muito infeliz.

— Não lhe diga nada.

— Seria uma mentira feia. — Ele sorriu: — Ainda mais porque ela descobriria.

— Então, para poupar-lhe um dissabor, você me priva de uma coisa que desejo tão ardentemente?

— Você o deseja tanto?

— Um país onde há sol e de que se empanturrar... Venderia minha alma para ir até lá.

— Você passou fome durante a guerra?

— E como. E para isso mamãe foi formidável. Fazia oitenta quilômetros de bicicleta para trazer-nos um quilo de cogumelos ou um pedaço de carne. Mas isto não impedia a fome. O primeiro americano que me atirou aos braços sua caixa de rações... fiquei louca.

— É por isso que gosta tanto dos americanos?

— Sim. De resto, a coisa, no início, divertia-me. — Ela deu de ombros: — Agora estão muito organizados, já não há mais graça. Paris anda sinistra de novo. — Olhou Henri com ar implorativo: — Leve-me.

Bem que ele teria gostado de dar-lhe esse prazer; oferecer a alguém uma verdadeira felicidade é tão reconfortante! Mas como fazer para Paule aceitar esta situação?

— Já lhe aconteceu ter tido complicações — disse Nadine —, e Paule se acomodou.

— Quem lhe contou?

Nadine riu dissimuladamente.

— Quando uma mulher fala de seus amores a outra mulher, a coisa se espalha.

De fato, Henri confessara a Paule algumas infidelidades, que ela perdoara com superioridade. Hoje, a dificuldade era que uma explicação o levaria fatalmente ou a enroscar-se numa mentira, o que ele não queria mais, ou a reivindicar cruelmente a sua liberdade, e para tanto lhe faltava coragem.

— Uma viagem de um mês é uma coisa diferente.

— Mas a gente se separaria, ao voltar; não quero roubá-lo de Paule! — Nadine riu com insolência: — Quero passear, é tudo.

Henri hesitou. Passear por ruas desconhecidas, sentar-se nos terraços dos cafés, com uma mulher que riria para ele; à noite, num quarto de hotel, reencontrar seu jovem corpo tépido; sim, era tentador. E, uma vez que ele estava decidido a acabar com Paule, que ganhava em esperar? O tempo não consertava nada: ao contrário.

— Ouça — disse —, não lhe posso prometer coisa alguma. Fique bem certa, portanto, de que não se trata de uma promessa: mas vou tentar falar com Paule e, se me parecer possível levar você, muito bem, de acordo.

II

Olhei, com desânimo, o quadrinho. Dois meses antes, eu dissera ao menino: “Desenhe uma casa.” E ele desenhara uma casa de campo, com telhado, chaminé, fumaça; nenhuma janela, nenhuma porta e, em torno, uma alta grade preta, com barras pontudas. “Agora, desenhe uma família”, e ele desenhara um homem dando a mão a um garoto. E hoje havia pintado uma casa sem porta, cercada de barras pretas e enceradas: não fazíamos progresso. Seria um caso particularmente difícil, ou eu é que não sabia tratá-lo? Coloquei o desenho numa pasta. Eu não sabia, ou não queria? Talvez a resistência do menor traduzisse a que eu sentia em mim: esse desconhecido, morto dois anos antes em Dachau, horrorizava-me expulsá-lo do coração de seu filho. “Deveria, então, abandonar este caso”, pensei. Permaneci de pé, ao lado de minha mesa de trabalho. Dispunha de duas horas, poderia classificar meus apontamentos, mas não me decidia. Na verdade, sempre me coloquei uma porção de problemas. Muitas vezes curar é mutilar. Numa sociedade injusta, que vale o equilíbrio individual? Mas apaixonava-me ter de inventar uma resposta para cada caso. Meu objetivo não estava em proporcionar a meus doentes um falacioso conforto interior. Se procurava libertá-los de suas quimeras íntimas, era para torná-los capazes de afrontar os verdadeiros problemas que o mundo coloca. E, cada vez que o conseguia, imaginava ter feito um trabalho útil. A tarefa é tão vasta, reclama a cooperação de todos: era no que eu pensava ontem. Mas isto fazia supor que todo homem sensato tinha um papel a desempenhar numa história que encaminhava o gênero humano para a felicidade. Não creio mais nesta linda harmonia. O futuro nos escapa, realizar-se-á sem nós. Neste caso, a atermo-nos ao presente, que vantagem haveria em que o pequeno Fernand se tornasse risonho e inconsequente, como as outras crianças? “Estou me comprometendo”, pensei. “Se isto continuar, não me restará nada senão fechar o consultório.” Dirigi-me ao banheiro, donde trouxe uma bacia e um pacote de jornais velhos. Ajoelhei-me diante da lareira, onde se queimavam, sem pressa, bolotas de papel. Umedeci as folhas impressas, comecei a amassá-las. Tinha menos repugnância do que antes por este gênero de trabalho. Com auxílio de

Nadine e às vezes uma ajudazinha da mulher da portaria, eu dirigia mais ou menos a casa. Na pior das hipóteses, enquanto triturava aqueles jornais velhos, estava certa de fazer alguma coisa útil. O que aborrecia é que só minhas mãos se ocupavam. Consegui não mais pensar no pequeno Fernand, nem em minha profissão, mas com isso não ganhei grande coisa. O disco recomeçou a dar voltas em minha cabeça: “Em Stavelot não há caixões suficientes para enterrar todas as crianças assassinadas pelos SS...” Nós havíamos escapado; mas acontecera em algum lugar. Esconderam-se apressadamente as bandeiras, as armas foram atiradas à água, os homens haviam fugido para os campos, as mulheres entrincheiraram-se atrás das portas, e nas ruas, abandonadas à chuva, ouviram-se-lhes as vozes roucas: desta vez, não chegavam como conquistadores magnânimos, voltavam com o ódio e a morte no coração. Tinham ido embora. Mas, do vilarejo em festa, não restava mais do que uma terra calcinada e montes de pequenos cadáveres.

Uma corrente de ar frio fez-me arrepiar: Nadine, bruscamente, abrira a porta.

— Por que não me pediu que a ajudasse?

— Pensei que estivesse se vestindo.

— Há muito tempo que estou pronta. — Ajoelhou-se a meu lado e pegou um jornal: — Você receia que eu não saiba? Mas sou perfeitamente capaz.

O fato é que ela o fazia mal: molhava muito o papel, não o comprimia como era necessário. Apesar de tudo, eu devia tê-la chamado. Examinei-a.

— Deixe-me arrumá-la um pouco — disse-lhe.

— Para quem? Para Lambert?

Fui procurar em meu guarda-roupa uma echarpe e um broche antigo, e estendi-lhe os escarpins de sola de couro, presente de uma cliente que se acreditava curada. Ela hesitou.

— Mas você vai sair esta noite. Que irá calçar?

— Ninguém olhará meus pés — respondi, rindo.

— Obrigada! — resmungou, pegando os sapatos.

Tive vontade de responder: “Não há de quê!” Meus cuidados, minhas liberalidades constrangiam-na, porque ela não me reconhecia realmente e se recriminava disso. Sentia-a hesitar entre a gratidão e a desconfiança, enquanto, desajeitadamente, amassava as bolotas. Tinha razão de desconfiar. Meu devotamento, minha generosidade eram o mais injusto

dos meus ardis: eu a fazia parecer errada, quando só procurava eludir-lhe os remorsos. Remorsos, porque Diego estava morto, porque Nadine não tinha vestido de festa, porque ria mal e a tristeza a tornava feia. Remorsos, porque eu não sabia obedecê-la e porque não a amava o bastante. Teria sido mais honesto não a atordoar com os meus benefícios. Pode ser que a tivesse aliviado, tomando-a em meus braços e dizendo-lhe: “Minha pobre filhinha, perdoe-me por não amá-la mais.” Se a houvesse segurado nos braços, talvez me tivesse protegido contra os pequenos cadáveres não enterrados por falta de meios.

Ela ergueu a cabeça:

— Tornou a falar ao papai sobre o emprego de secretária?

— De anteontem para cá, não. — E acrescentei com solicitude: — A revista só sairá em abril, temos tempo.

— Mas eu preciso saber o que vou fazer — disse Nadine. Atirou uma bolota ao fogo: — Não compreendo por que ele é contra.

— Ele lhe disse: acha que você vai perder seu tempo. — Uma ocupação, responsabilidades de pessoa adulta... eu pensava que talvez fosse bom para Nadine. Mas Robert era mais ambicioso.

— E a química? Não é tempo perdido? — disse ela, num erguer de ombros.

— Ninguém a obriga a estudar química.

Foi para nos magoar que Nadine escolhera a química. Estava, em consequência, bem-punida.

— Não é a química que me chateia — disse ela —, é ser estudante. Papai não percebe: sou bem mais velha do que você com a minha idade; quero fazer algo de real.

— Você bem sabe que estou de acordo — disse eu. — Fique tranquila, se seu pai vir que você não muda de opinião, acabará concordando.

— Concordará: sei de que modo! — disse Nadine, amuada.

— Nós o convenceremos. Sabe o que eu faria em seu lugar? Aprenderia imediatamente a escrever a máquina.

— Agora não posso — disse ela. Hesitou, olhou-me com um pouco de provocação: — Henri vai levar-me com ele a Portugal.

Fui apanhada desprevenida:

— Vocês decidiram isso ontem? — perguntei, com voz que mal escondia o meu desgosto.

— Eu tinha decidido há muito tempo — disse Nadine. Acrescentou, agressiva: — Com certeza você me censura, não? Censura-me por causa de Paule?

Rolei uma bolota úmida entre as mãos:

— Penso que você vai ser infeliz.

— Isso é comigo.

— É verdade.

Nada mais acrescentei. Sabia que meu silêncio a irritava, mas ela me deixa agastada, quando rejeita, decisivamente, as explicações que deseja. Quer que eu lhe force a mão, e a mim me repugna entrar no seu jogo. Mesmo assim, fiz um esforço.

— Henri não a ama — disse eu —; não está em condições de amar...

— Ao passo que Lambert fecharia os olhos a tudo para casar comigo? — perguntou ela, com hostilidade.

— Nunca empurrei você para o casamento. O fato é que Lambert a ama...

— Antes de mais nada, ele não me ama — disse Nadine, interrompendo-me. — Nem sequer me pediu, jamais, para dormir com ele. Nem naquela outra noite, no Natal: dei-lhe corda, e ele me mandou passear.

— É que ele espera outra coisa de você.

— Se não lhe agrado, isso é com ele. Aliás, compreendo a sua dificuldade, depois de ter possuído uma garota como Rosa. Peço que você acredite que tenho minhas compensações. Apenas não me venha dizer que ele está caído por mim.

A voz de Nadine crescia. Fiz um gesto de quem não estava ligando.

— Aja como quiser! — disse eu. — Deixo-a livre. Que mais você quer?

Ela tossiu, como fazia sempre que se sentia intimidada.

— Entre mim e Henri, não passa de uma aventura. Não ficaremos juntos, depois do regresso.

— Francamente, Nadine, você acredita nisso?

— Sim, acredito — disse ela, com demasiada convicção.

— Depois que tiver vivido um mês com Henri, vai apegar-se a ele.

— De modo algum. — Reacendeu-se-lhe nos olhos a provocação. — Se você quiser saber, dormi com ele ontem, e nada senti de especial.

Desviei os olhos: não tinha interesse em saber. Sem confessar meu constrangimento, disse:

— Não é uma garantia. Estou certa de que, ao regressarem, você quererá conservá-lo. E ele não vai querer.

— Veremos — disse ela.

— Ah! Você concorda: espera guardá-lo para si, e nisso se engana: tudo o que ele deseja no momento é ser livre.

— É uma jogada e isso me diverte.

— Calcular, manobrar, espreitar, esperar, tudo isso a diverte. E você nem o ama!

— Não, talvez; mas eu o quero.

Jogou sobre o fogo um punhado de bolotas:

— Com ele, viverei, compreende?

— Não se tem necessidade de ninguém para viver — disse eu, com mau humor.

— Você chama a isso viver — disse, olhando em derredor. — Francamente, minha pobre mamãe, você acredita que viveu? Conversar com o papai a metade do dia e cuidar de loucos durante a outra metade... falar em existência! — Levantou-se, limpou os joelhos. A voz dela se exasperava: — Acontece-me fazer tolices, não o nego. Mas preferiria acabar num bordel a passear pela vida com luvas de pelica. Você nunca tira as luvas. Passa o tempo a dar conselhos. E que sabe a respeito de homens? Tenho certeza de que nunca se olha no espelho e que nunca tem pesadelos.

Essa era a sua tática de me atacar, sempre que estava errada, ou simplesmente quando duvidava de si mesma. Eu não respondi e ela se encaminhou em direção à porta. Parou à soleira e perguntou, já com voz mais calma:

— Você virá tomar uma xícara de chá conosco?

— É só você me chamar.

Levantei-me, acendi um cigarro. Que podia fazer? Não ousava fazer mais nada. Quando Nadine começou, de cama em cama a procurar Diego e a fugir dele, tentei intervir; mas ela descobrira a desgraça muito brutalmente, e estava por demais perdida de revolta e de desespero para que pudesse sujeitar-se a alguém. Assim que procurei falar-lhe, tapou os ouvidos, gritou, fugiu: só voltou para casa de madrugada. A meu pedido, Robert tratou de chamá-la à razão. Naquela noite, ela não foi reencontrar seu capitão americano: permaneceu fechada no quarto. Mas, no dia

seguinte, desapareceu, deixando um recado: “Vou-me embora.” Durante toda uma noite, todo um dia, mais uma noite, Robert a procurou. Eu, em casa, esperava. Horrível espera! Por volta de quatro da manhã, um empregado de bar de Montparnasse telefonou. Encontrei Nadine deitada numa banqueta do bar, completamente embriagada, com um olho inchado. “Deixe-a livre, nada de violências”, disse-me Robert. Não havia alternativa para mim. Se continuasse lutando, Nadine passaria a odiar-me, haveria de desprezar-me, deliberadamente. Mas ela sabe que cedi a contragosto e que a reprovo: ela me quer mal. Talvez não esteja inteiramente errada. Se eu a tivesse amado mais, nossas relações teriam sido diferentes: talvez eu a houvesse impedido de levar uma vida que desaprovo. Permaneci de pé muito tempo, a olhar as chamas e a me repetir: “Não a amo o bastante.”

Não a desejei; foi Robert que quis logo um filho. Quis mal a Nadine, por ter vindo estragar nossa vida a dois. Amava muito a Robert, e o interesse que tinha por mim mesma não era de molde a que pudesse enternecer-me o fato de rever seus traços, ou os meus, na pequena intrusa. Constatei sem indulgência seus olhos azuis, seus cabelos, seu nariz. Repreendi-a o menos possível, porém ela sentiu minhas reticências: fui-lhe sempre suspeita. Nenhuma menina pôs mais obstinação em triunfar sobre a rival no coração do pai. E nunca ela se resignou a pertencer à mesma espécie a que eu pertencia. Quando lhe expliquei que ela em breve teria as regras e o que isso significava, ouviu-me com uma atenção bravia. Depois, despedaçou contra o chão o seu vaso predileto. Após a primeira menstruação, sua cólera foi tão violenta que dezoito meses se passaram sem que o fato se repetisse. Diego criou entre nós um novo clima: ela possuía, afinal, um tesouro, que lhe pertencia exclusivamente; sentia-se igual a mim e uma nova amizade nascia entre nós duas. Depois, porém, tudo piorou. No momento, tudo está pior.

— Mamãe.

Nadine me chamava. Indo pelo corredor, calculei: se eu ficar muito tempo, ela dirá que monopolizo seus amigos; se sair muito depressa, pensará que faço pouco deles. Empurrei a porta: lá estavam Lambert, Sézenac, Vincent, Lachaume. Mulher, nenhuma. Nadine não tinha amigas. Tomavam café americano à volta de um aquecedor. Ela me estendeu uma xícara de água preta e amarga:

— Chancel foi morto — disse bruscamente.

Eu não conhecia muito Chancel. Mas, dez dias antes, vira-o com os outros, rindo, em torno da árvore de Natal. Robert talvez tivesse razão: não há muita distância entre os vivos e os mortos. No entanto, estes futuros mortos, que tomavam silenciosamente seu café, exibiam, como eu, um ar de acanhados, por estarem tão vivos. Sézenac tinha os olhos ainda mais vazios do que habitualmente. Parecia um Rimbaud descerebrado. Perguntei:

— Como aconteceu?

— Não se sabe — disse Sézenac. — Seu irmão recebeu um recado, dizendo que ele havia morrido no campo de honra.

— Será que ele não fez de propósito?

— Talvez — disse Sézenac, encolhendo os ombros.

— Também é possível que não lhe tivessem pedido a opinião — disse Vincent. — Eles, nossos generais, não são econômicos com material humano. São todo-poderosos.

No centro de seu rosto pálido, os olhos injetados de sangue pareciam duas feridas. A boca assemelhava-se a uma cicatriz. Não se notava, de início, que seus traços eram regulares e finos. A face de Lachaume, ao contrário, era plácida e atormentada, como um rochedo.

— Questão de prestígio! — disse ele. — Se quisermos bancar uma grande potência, precisamos de um número conveniente de mortos.

— Depois, diga-me, desarmar os FFI não seria mau: se se pudesse liquidá-los devagar, isto conviria ainda mais a tais senhores — ponderou Vincent, cuja cicatriz se abriu numa espécie de sorriso.

— Que é que você está insinuando? — perguntou Lambert, com uma voz severa, fixando Vincent nos olhos. — De Gaulle ordenou a De Lattre que se livrasse de todos os comunistas? Se é isto o que você quer dizer, diga-o: tenha ao menos essa coragem.

— Não há necessidade de ordem — disse Vincent. — Para bom entendedor meia palavra basta.

— Você mesmo não acredita nisso — falou Lambert, dando de ombros.

— Pode ser verdade — disse Nadine, com voz agressiva.

— É claro que não é.

— Quem é que prova? — interrogou ela.

— Ah! Você está imitando a técnica — disse Lambert. — Inventam um fato com todas as letras e, depois, pedem que provemos que ele é falso. Evidentemente, não posso demonstrar-lhe que Chancel não foi morto com uma bala nas costas.

— Vincent não disse isso — tornou Lachaume, sorrindo.

As coisas sempre se passavam assim. Sézenac ficava calado; Vincent e Lambert discutiam e, no momento preciso, Lachaume intervinha. Em geral censurava Vincent por seu esquerdismo e a Lambert por seus preconceitos pequeno-burgueses. Nadine ficava num ou noutro campo, segundo sua disposição. Evitei tomar parte na discussão, então mais veemente que de costume, sem dúvida porque a morte de Chancel os havia mais ou menos perturbado. De qualquer modo, Vincent e Lambert não tinham sido feitos para se entenderem. Lambert cheirava a filho de família. Com sua jaqueta forrada de pele e o rosto malsão, Vincent tinha mais um ar de malandro. Havia em seus olhos algo que não tranquilizava muito, mas eu não chegava, ainda assim, a acreditar que ele houvesse matado homens de verdade, com um revólver de verdade. Cada vez que o via, pensava nisso, mas sem chegar a acreditar. Pode ser que Lachaume também tivesse matado, em outra parte, mas não falara a ninguém sobre o assunto e o fato não o transtornava.

Lambert virou-se para mim.

— Nem com os amigos a gente pode falar mais. Ah! Não há nada de engraçado em Paris, agora. Pergunto-me se Chancel não teve razão, não direi de se deixar executar, mas de ter ido fugir.

Nadine olhou-o com ar aborrecido.

— Você nunca está em Paris — disse ela.

— Estou aqui o bastante para achar que é sinistro. E, quando passeio pela frente de guerra, não me sinto orgulhoso.

— Entretanto, você fez tudo para ser um correspondente de guerra — disse ela, com azedume.

— Eu ainda preferia isso a ficar aqui; mas é uma meia medida.

— Oh! Se você se enche em Paris, ninguém o retém — disse Nadine, cujo rosto estava francamente encolerizado. — Parece que De Lattre gosta dos rapazes bonitos. Vá, portanto, bancar o herói, vá.

— Isso é outra história — sussurrou Lambert, ao mesmo tempo que plantava nela um olhar carregado de subentendidos.

Nadine mediu-o por um momento.

— Você não ficaria mal como ferido grave, com ataduras por toda parte.

— Ela troçou: — Apenas não conte comigo para visitá-lo no hospital. Daqui a quinze dias, estarei em Portugal.

— Em Portugal?

— Perron vai me levar como secretária — disse ela, negligentemente.

— Bem, o nosso homem tem sorte — declarou Lambert —, possuirá você só para ele, durante todo um mês.

— Nem todo mundo é tão difícil como você — disse Nadine.

— Sim, atualmente os homens são fáceis — assentiu Lambert, entre dentes —; fáceis como as mulheres.

— Você é um grosseiro! — concluiu Nadine.

Eu me perguntava com irritação por que se deixavam envolver em suas manobras pueris! Estava certa, entretanto, de que teriam podido auxiliar-se, um ao outro, a reviver. Juntos, conseguiriam vencer as recordações que os uniam e separavam. Mas talvez fosse justamente por isso que se dilaceravam mutuamente: cada qual detestava no outro a sua própria infidelidade. Em todo caso, intervir teria sido a maior inabilidade. Deixei-os brigando, abandonei a sala. Sézenac me seguiu até a sala de espera:

— Posso dizer-lhe uma palavra?

— Como não?

— É um favor — disse ele. — Um favor que queria pedir-lhe.

Recordava-me de como ele tinha boa aparência, a 25 de agosto, com sua barba, seu fuzil, seu lenço vermelho: um verdadeiro soldado de 48. Agora, seus olhos azuis estavam mortos; a face, inchada. Notei, ao apertar-lhe as mãos, que as palmas estavam úmidas.

— Durmo mal — disse ele. — Sinto... sinto dores. Uma vez um amigo me deu um supositório de eubina, que me aliviou muito. Mas os farmacêuticos exigem uma receita...

Olhava-me com ar de súplica.

— Que tipo de dores?

— Oh! Por todo o corpo. Na cabeça. Principalmente pesadelos...

— Não se curam pesadelos com eubina.

A fronte tornou-se-lhe úmida como as mãos:

— Vou dizer-lhe tudo. Tenho uma amiga. Uma amiga a quem muito amo e com quem gostaria de casar. Mas, sem tomar eubina, nada posso fazer

com ela.

— A eubina é à base de ópio — disse eu. — Você faz uso frequente disso?

Mostrou-se assustado.

— Oh! Não! Só uma vez ou outra, quando passo a noite com Lucie.

— Ainda bem. Com esses negócios, a gente se intoxica depressa. — Ele me olhava com olhos suplicantes, com pérolas de suor sobre a fronte. — Venha procurar-me amanhã cedo. Verei se posso dar-lhe a receita.

Entrei em meu quarto. Certamente, ele já estava um tanto quanto intoxicado. Desde quando estaria usando drogas? E por quê? Suspirei. Mais um que eu ia estender sobre o divã e tentar esvaziar. Por momentos, punham-me nervosa todos esses estendidos. Fora, de pé, representavam mais ou menos o seu papel de adultos. Aqui, voltavam a ser lactentes de fraldas sujas, e cabia-me lavá-los naquilo que ainda havia neles de infantil. Todavia, eu falava com uma voz impessoal, a voz da razão e da saúde. Suas verdadeiras vidas estavam em outra parte, e a minha também. Não era de admirar que eu estivesse cansada deles, e de mim.

Estava cansada. Nadine dizia: “Luvas de pelica.” Scriassine havia dito: “Distante, intimidativa.” Era assim que me viam? Eu era assim? Lembrava-me de minhas cóleras de criança, do bater de meu coração adolescente, das febres daquele mês de agosto. Mas isso tudo já estava longe. O fato é que nada mais se mexia dentro de mim. Passei um pente nos cabelos, retoquei a maquilagem. Não se pode perseverar indefinidamente no medo: a gente se cansa. Demais, Robert começava um livro, estava em excelente estado de espírito. Eu já não acordava mais com terrores noturnos. Mas continuava abatida. Não via nenhuma razão de estar triste, não. O que havia é que eu ficava infeliz por não poder sentir-me feliz: sem dúvida, fui excessivamente mimada. Peguei a bolsa, as luvas, fui bater à porta de Robert. Não tinha vontade alguma de sair.

— Não está com muito frio? Não quer se aquecer um pouco?

Ele recuou sua poltrona, sorriu-me.

— Estou muito bem.

Por certo, Robert sempre se achava bem. Durante dois anos alimentou-se, com alegria, de chucrute com nabos e de nabos da Suécia. Nunca sentia frio: parecia que ele próprio produzia o seu calor, ao modo dos iogues. Ainda que eu voltasse para casa cerca de meia-noite, encontrá-lo-ia

escrevendo, enrolado em sua manta escocesa. E se surpreenderia: “Mas que horas são?” Ainda não me havia falado, senão confusamente, a respeito de seu novo livro, mas eu tinha a impressão de que ele estava contente. Sentei-me.

— Nadine acaba de dar-me uma notícia extravagante — disse eu. — Vai acompanhar Perron a Portugal.

Ele levantou vivamente os olhos para mim:

— Isso a contraria?

— Sim, porque Perron não é do tipo que se pega e se larga: ela vai prender-se muito a ele.

Robert pôs a mão sobre a minha.

— Não se preocupe por Nadine. Em primeiro lugar, seria surpresa para mim que ela se prendesse a Perron; e, finalmente, ela logo se consolará.

— Em todo o caso, não irá passar a vida a se consolar! — disse eu. Robert pôs-se a rir.

— Não há nada a fazer. Você sempre fica chocada com o fato de que sua filha se entregue ao sexo a torto e a direito, como um rapaz. Em sua idade eu fazia a mesma coisa.

Robert jamais quis considerar que Nadine não era um rapaz.

— Não é a mesma coisa; Nadine agarra-se a um homem após outro, porque, quando está só, não se sente viva. É isso o que me atormenta.

— Ouça, é muito compreensível que ela tenha medo de ficar só: esta história de Diego ainda está muito fresca.

Sacudi a cabeça.

— Não é somente por causa de Diego.

— Eu sei, você pretende que haja culpa de nosso lado — disse ele, num tom cético. Fez um gesto de ombros: — Ela mudará, tem tempo para mudar.

— Esperemos por isso. — Olhei Robert com insistência: — Você sabe, seria muito importante para ela ter uma ocupação pela qual se interessasse verdadeiramente. Dê-lhe esse emprego de secretária. Ela acaba de falar-me sobre o assunto. Quer muito o emprego.

— No entanto, nada há de sedutor nesse trabalho — disse Robert. — Datilografar envelopes e arrumar fichas o dia inteiro... Inteligente como ela é, isso é até um crime.

— Ela se sentirá útil, encorajada.

— Ela pode ocupar-se em coisa melhor. Que continue os seus estudos.

— Por enquanto, ela tem necessidade de fazer bem alguma coisa, e seria uma boa secretária. — Ajuntei: — Não se deve pedir muito às pessoas.

No meu modo de ver, as exigências de Robert sempre haviam sido fortalecedoras, mas acabaram por desencorajar Nadine. Ele não lhe dava ordens: tinha confiança nela, aguardava, e ela se mantinha tenazmente obstinada. Muito jovem ainda, já havia lido livros austeros e participado, precocemente, de conversas de gente adulta. Depois, cansara-se desse regime, amuara-se, primeiro contra si mesma, e agora tomava uma espécie de revanche, aplicando-se em decepcionar Robert. Ele me olhou com perplexidade, como quando pressente uma recriminação em minhas palavras.

— Se você crê de fato que é isso o que convém a ela... Você sabe melhor que eu.

— Creio, de fato — disse eu.

— Então, que seja assim.

Havia cedido muito facilmente, o que provava que Nadine soube, de fato, desapontá-lo. Quando Robert não pode mais entregar-se sem reserva a uma afeição ou a algum empreendimento, passa logo a desinteressar-se.

— É claro que uma ocupação que a tornasse independente de nós seria ainda melhor — disse eu.

— Mas não é o que ela quer; ela quer fingir independência — emendou Robert, secamente. Ele não tinha mais vontade de falar em Nadine, e eu não podia insuflar-lhe entusiasmo a respeito de um projeto que ele desaprovava. Esqueci o caso. Ele disse, num tom subitamente animado:

— Na verdade, não compreendo por que Perron quer fazer esta viagem.

— Deseja férias — disse eu —; eu compreendo. — Acrescentei com calor: — Acho que ele tem o direito de usufruir um bom período de tempo. Já fez muito...

— Fez mais do que eu. Mas não se trata disso. — Robert olhou-me, resoluto: — Para que o SRL se movimente, temos necessidade de um jornal.

— Eu sei. — E ajuntei, com hesitação: — Pergunto-me...

— O quê?

— Se Henri cederá a você, um dia, o jornal, a que ele está tão preso.

— A questão não é de ele nos ceder o jornal — disse Robert.

— A questão é ele colocar-se sob as ordens do SRL.

— Mas ele faz parte do movimento. E teria toda vantagem, se adotasse um programa definido: um jornal sem programa político não se sustenta.

— É a ideia deles...

— Você chama a isso uma ideia! — Robert encolheu os ombros. — “Perpetuar o espírito da Resistência além das facções!”: é bom para o pobre Luc, essa espécie de salada. O espírito da Resistência, olhe, faz-me pensar no espírito de Locarno. Perron não se deixa levar por mesas giratórias. Estou tranquilo, ele acabará aderindo. Só que, enquanto isto, perde-se tempo.

Receava que Robert estivesse preparando para si uma péssima surpresa. Quando se apegava a um projeto, os outros para ele não passam de simples instrumentos. Henri entregou-se a esse jornal de corpo e alma. Era a sua grande aventura. Não iria deixar, de boa vontade, que lhe ditassem programas.

— Por que você ainda não lhe falou a esse respeito? — perguntei.

— Ele só pensa em ir passear.

Robert parecia tão descontente, que sugeri:

— Tente convencê-lo a ficar.

Por Nadine, convinha-me que Henri renunciasse a viajar. Mas, no tocante a ele, seria uma pena: estava tão entusiasmado!

— Você o conhece bem — disse Robert. — Quando teima com uma coisa, pronto. É melhor que eu aguarde o retorno dele. — Arrumou a coberta em volta dos joelhos: — Não é para mandá-la embora — continuou, alegremente —, mas você sempre detesta atrasar-se...

— Você tem razão — disse, levantando-me. — Devo sair. Está certo de que não deseja vir?

— Oh! Não! Não tenho nenhuma vontade de falar sobre política com Scriassine; a você ele saberá poupar, talvez.

— Esperemos.

Durante os períodos em que Robert se enclausurava, muitas vezes me acontecia sair sem ele. Mas, essa noite, quando mergulhei no frio, na escuridão, lamentei haver aceitado o convite de Scriassine. Oh! Eu me compreendia: estava um pouco cansada de ver sempre as mesmas caras; os amigos, conhecia-os demais; durante quatro anos, vivíamos lado a lado, não havia tréguas; agora, nossa intimidade sofrera um resfriamento, já

estava mofando, sem vantagem; cedi à atração da novidade. Que podíamos achar para dizer-nos? Eu tampouco tinha vontade de falar sobre política. Parei no vestíbulo do Ritz, examinei-me num espelho. Para manter-me elegante, apesar do figurino, teria sido necessário pensar nisso incessantemente. Havia preferido esquecer, esquecer absolutamente: com o sobretudo desbotado e os sapatos de sola de madeira, eu não tinha, na verdade, boa aparência. Meus amigos me aceitavam tal como eu era. Mas Scriassine chegava da América, onde as mulheres se cuidam muito, e iria notar meus sapatos grosseiros. “Eu não devia ser tão desleixada”, pensei.

Certamente o sorriso de Scriassine não o traiu. Ele me beijou a mão, o que detesto. A mão é mais descoberta que o rosto: perturba-me olharem-na de tão perto.

— Que vai tomar?— perguntou ele. — Um martíni?

— Vá, um martíni.

O bar estava repleto de oficiais americanos e de mulheres bem-vestidas. O calor, o cheiro de cigarros, o sabor picante do gim me subiram imediatamente à cabeça. Senti-me contente de estar lá. Scriassine passara quatro anos na América, o grande país libertador, o país onde as fontes jorram ondas de sucos de frutas e de creme de leite gelado. Interroguei-o avidamente. Ele respondia de bom grado, enquanto eu tomava um segundo martíni. Jantamos num pequeno restaurante, onde comi sem culpa carne malpassada e torta com creme. Por sua vez, Scriassine me fazia falar: era difícil responder às suas perguntas, tão precisas. Se eu tentava reencontrar o sabor cotidiano de meus dias (o odor do caldo verde na casa protegida pelo guarda-fogo, o silêncio em meu coração, quando Robert demorava para voltar de uma reunião clandestina), ele me interrompia com autoridade. Ouvia muito bem, sentia-se que as palavras o penetravam profundamente. Mas era preciso que a gente falasse para ele, não para si. Pedia informações práticas: como se fazia para fabricar documentos de identidade, para imprimir *L’Espoir*, para distribuí-lo? Reclamava também amplos retratos: em que clima moral vivíamos? Apliquei-me em satisfazer-lhe a curiosidade, mas sem grande êxito: tudo fora pior, ou mais suportável, do que ele imaginava; as verdadeiras desgraças não haviam desabado sobre mim e, no entanto, povoavam minha vida. Como falar da morte de Diego? As palavras eram muito patéticas para a minha boca, muito áridas para a sua memória. Por nada no mundo eu queria que esse

passado recomeçasse; e, todavia, ele adquiria a distância uma doçura melancólica. Eu compreendia que Lambert se aborrecesse com esta paz que nos devolvia nossas vidas, sem nos devolver nossas razões de viver. Reencontrando, à porta do restaurante, o frio, a escuridão, lembrava-me do orgulho com que havia pouco os tínhamos enfrentado. Agora, precisava de luz, de calor: tinha vontade de outra coisa qualquer. Scriassine acabava de lançar-se, sem ser provocado, numa longa discussão filosófica, e eu desejava que ele mudasse logo de assunto: censurava acerbamente a De Gaulle por sua viagem a Moscou.

— O que é grave — disse-me ele, com voz acusadora — é que o país inteiro parece aprová-lo. Ver Perron e Dubreuilh, homens de bem, marchar de mãos dadas com os comunistas perturba inominavelmente a quem quer que esteja informado.

— Robert não marcha com os comunistas — disse eu, para acalmá-lo. — Esforça-se por criar um movimento independente.

— Ele me falou a respeito. Mas deixou bem claro que não pretende trabalhar contra os stalinistas. Ao lado deles, não contra eles! — disse Scriassine, com abatimento.

— Mesmo assim, o senhor não haveria de querer que ele se dedique ao anticomunismo, neste momento.

Scriassine me olhou severamente:

— Leu meu livro *Le Paradis Rouge*?

— Como não?

— Então a senhora teve uma ideia do que nos acontecerá quando dermos a Europa de presente a Stalin.

— Não se trata disso — disse eu.

— É exatamente disso que se trata.

— Mas, não! Precisamos ganhar a partida contra a reação e, se a esquerda começar a se dividir, essa partida estará perdida.

— A esquerda! — ironizou Scriassine, com um gesto autoritário. — Não falemos de política. Tenho horror de falar de política com mulheres.

— Não fui eu quem começou,

— Tem razão — acudiu ele, com uma gravidade inesperada. — Desculpe-me.

Voltamos ao bar do Ritz e sentamo-nos. Scriassine pediu dois uísques. Este sabor me agradava, porque era um sabor novo. E Scriassine tinha o

grande mérito de não me ser familiar. A noitada era imprevisível; por isso, desprendia-se dela um velho perfume de mocidade. Antigamente, havia noites que não se pareciam umas com as outras. Encontravam-se pessoas desconhecidas, que diziam coisas inesperadas. E, às vezes, algo acontecia. Uma multidão de fatos aconteceu nos últimos cinco anos: para o mundo, para a França, para a cidade de Paris, para outros; não para mim. Será que nunca mais me aconteceria nada?

— É extravagante estar aqui — disse eu.

— Extravagante por quê?

— O calor, o uísque, este barulho, estes uniformes...

— Não gosto deste lugar — disse Scriassine olhando em derredor. — Reservaram-me um quarto, aqui, porque sou correspondente de uma revista franco-americana. — Sorriu: — Felizmente, isto vai ficar muito caro para mim e serei obrigado a ir embora.

— O senhor não pode sair, sem ser obrigado?

— Não; daí o motivo por que acho o dinheiro muito corruptor. — Um clarão de alegria rejuvenesceu-lhe o rosto: — Quando o tenho, cuido de desfazer-me dele.

— Victor Scriassine, não é? — Um velhote calvo, de olhos muito suaves, aproximara-se de nossa mesa.

— Sim. — Eu lia a desconfiança nos olhos de Scriassine, mas igualmente, uma espécie de esperança.

— O senhor não me reconhece? Envelheci muito, desde Viena. Manès Goldman. Prometi-me agradecer-lhe pelo seu livro, se um dia o encontrasse: obrigado pelo seu livro.

— Manès Goldman! Certamente! — disse Scriassine, com calor. — O senhor agora vive na França?

— Desde 1935. Passei um ano no acampamento de Gurs, mas deixei-o na hora... — A voz era-lhe ainda mais doce que o olhar. Tão doce que parecia morta: — Não quero incomodá-lo. Estou contente de ter apertado a mão do homem que escreveu *Vienne la Brune*.

— Estou contente de revê-lo — disse Scriassine.

O pequeno austríaco já se havia afastado a passos abafados. Desapareceu pela porta envidraçada, atrás de um oficial americano. Scriassine seguiu-o com os olhos e disse bruscamente:

— Mais uma derrota!

— Uma derrota?

— Eu deveria tê-lo feito sentar-se, deveria ter-lhe falado; ele queria alguma coisa e eu não tenho seu endereço, não lhe dei o meu. — Havia cólera na voz de Scriassine.

— Se ele quiser reencontrá-lo, virá procurá-lo aqui.

— Não ousaria tanto. Competia-me tomar a dianteira, interrogá-lo. E, entretanto, não era difícil! Um ano em Gurs e, suponho-o, escondido quatro anos mais. Tem minha idade, e parece um velho. Decerto esperava alguma coisa, e eu o deixei partir!

— Ele não parecia decepcionado. Talvez quisesse apenas agradecer-lhe.

— Foi o pretexto que achou. — Scriassine esvaziou o copo de um trago: — E era tão simples convidá-lo para sentar-se! Quando se pensa em tudo o que se poderia fazer e não se faz! Nas ocasiões que a gente deixa passar! Não se tem a ideia, o impulso; em vez de se estar aberto, fica-se fechado. Eis aí o pecado maior: o pecado por omissão. — Falava sem associar-me ao seu monólogo, com remorsos torturantes: — Eu, durante estes quatro anos, estive na América, ao abrigo, em segurança, bem-alimentado!

— Não podia ter ficado aqui! — disse eu.

— Poderia ter-me escondido, também.

— Não vejo para que serviria isto.

— Quando meus camaradas foram deportados para a Sibéria, eu estava em Viena; outros foram assassinados em Viena pelos camisas-pardas, e eu estava em Paris; encontrava-me em Nova York durante a ocupação de Paris. A questão é saber se continuar vivo serve para alguma coisa.

A entonação de Scriassine me sensibilizava. Também nós, quando pensávamos nos deportados, sentíamos vergonha: não nos censurávamos a nós mesmos, mas não sofremos o bastante.

— As desgraças que a gente não partilha... É como se fôssemos culpados — disse eu. E acrescentei: — Sentir-se culpado é odioso.

Bruscamente Scriassine me sorriu, com um ar de secreta conivência:

— Isso depende.

Durante um instante, perscrutei aquele rosto calculista e atormentado:

— O senhor quer dizer que há certos remorsos que nos protegem contra outros.

Por sua vez, ele me olhou:

— A senhora realmente não é tola. Em geral, não gosto das mulheres inteligentes; talvez porque não sejam bastante inteligentes; então querem dar provas da capacidade, falam sem cessar e nada compreendem. O que me impressionou vivamente, da primeira vez em que a vi, foi a sua maneira de calar-se.

— Não tinha outra coisa a fazer — disse eu rindo.

— Todos nós falávamos muito; Dubreuilh, Perron, eu mesmo, a senhora escutava, com ar tranquilo...

— O senhor sabe, meu ofício é ouvir.

— Sim, mas o faz de modo diferente. — Meneou a cabeça: — Deve ser muito boa psiquiatra; se eu tivesse dez anos menos, confiar-me-ia aos seus cuidados.

— Não o tenta deixar-se analisar?

— Agora é muito tarde. Um homem feito é um homem que se serviu de suas deficiências e de suas taras para se construir. Pode-se demoli-lo, não curá-lo.

— Depende da moléstia.

— Há uma só que conta: sermos nós mesmos, justamente nós mesmos.

Repentinamente, seu rosto foi desarmado por uma sinceridade quase insuportável; a tristeza confiante de sua voz tocou-me o coração.

— Há pessoas mais doentes que o senhor — disse eu num impulso.

— Como?

— Há pessoas que a gente, ao vê-las, se pergunta como podem suportar-se. Acabamos achando que, a menos que sejam alienadas, deveriam causar horror a si próprias. Não é o efeito que o senhor causa.

O rosto de Scriassine permanecia grave.

— A senhora nunca sente horror de si?

— Não. — Sorri. — Mas é que eu tenho poucas relações comigo.

— Por isso a senhora é tão tranquilizadora. Eu te achei tranquilizadora logo de início: parecia uma mocinha bem-educada, deixando os adultos conversar.

— Tenho uma filha de dezoito anos.

— Isto não quer dizer nada. Aliás, não tolero as mocinhas. Mas uma mulher que se assemelha a uma mocinha é encantadora! — Examinou-me minuciosamente. — Engraçado! No meio em que a senhora vive, todas as

mulheres são muito livres. E com a senhora a gente fica pensando se alguma vez traiu seu marido.

— Traiu! Que palavra horrível! Somos livres, Robert e eu, e não escondemos nada um do outro.

— Mas nunca usou dessa liberdade?

— Oportunamente — disse, com certo constrangimento. Esvaziei meu copo de martíni para não parecer acanhada. Não houvera muitas ocasiões. Neste ponto eu era bem diferente de Robert. A ele parecia normal apanhar num bar uma bonita meretriz e passar com ela uma hora. Nunca eu teria aceitado para amantes homens que eu não pudesse transformar em amigos, e em matéria de amizades eu era exigente. Durante estes cinco anos, vivi em castidade sem queixumes, e pensava que continuaria assim para sempre. Era natural que minha vida de mulher tivesse chegado ao fim: havia tantas outras coisas que estavam terminadas para sempre...

Scriassine olhava-me em silêncio.

— Em todo o caso, eu apostaria que não houve muitos homens em sua vida.

— É verdade.

— Por quê?

— Não aconteceu.

— Se não aconteceu, foi porque a senhora não quis.

— Para todo mundo sou a mulher de Dubreuilh, ou a dra. Anne Dubreuilh, o que só inspira respeito.

— Não estou muito tentado a respeitá-la — disse ele, rindo.

Houve um pequeno silêncio.

— Por que uma mulher livre haveria de entregar-se a todos?

Ele me olhou severamente.

— Se um homem por quem tivesse simpatia lhe propusesse, de chofre, passarem juntos uma noite, a senhora toparia?

— Depende.

— De quê?

— Dele, de mim, das circunstâncias.

— Suponhamos que eu lhe proponha, agora.

— Não sei.

Eu via que esta conversa se aproximava, havia algum tempo, mas, mesmo assim, fui apanhada de surpresa.

— Eu lhe proponho: é sim, ou não?

— O senhor vai depressa demais — disse eu.

— Tenho horror aos fingimentos: fazer a corte a uma mulher é constrangedor para ela e para quem o faz. Não suponho que goste de afetações...

— Não. Mas gosto de refletir, antes de tomar uma decisão.

— Reflita.

Encomendou mais dois uísques. Não, eu não tinha vontade de dormir com ele, nem com homem algum; meu corpo se achava instalado, há muito tempo, num torpor egoísta. Por que perversão lhe perturbaria eu o repouso? Aliás, isto parecia impossível. Muitas vezes eu me admirara de que Nadine se entregasse tão facilmente a desconhecidos; entre minha carne solitária e o homem que bebia solitariamente ao meu lado não havia o menor liame. Imaginar-me nua em seus braços nus era tão incoerente como supor minha velha mãe em tal situação.

— Vejamos como acabará esta noite.

— É absurdo. Como quer que falemos sobre política ou psicologia com uma questão destas a agitar-nos a cabeça? Deve saber bem o que vai decidir: diga-o já.

Sua impaciência me certificava de que, afinal de contas, eu não era minha velha mãe. Tornava-se imperioso acreditar que eu era, nem que fosse por uma hora, desejável, pois ele me desejava. Nadine sustentava que não havia diferença entre ir para a cama e ir para a mesa de refeição; talvez estivesse certa. Acusava-me de abordar a vida com luvas de pelica. Seria verdade? Que aconteceria, se eu tirasse as luvas? E, se não as tirasse essa noite, fá-lo-ia um dia? “Minha vida acabou”, eu me dizia racionalmente; mas, contra todo o raciocínio, restavam-me ainda muitos anos a liquidar.

— Seja, será sim — disse bruscamente.

— Ah! Eis uma boa resposta — disse ele, com uma voz encorajadora de médico ou de professor. Quis pegar em minha mão, mas recusei essa recompensa.

— Gostaria de um café. Receio ter bebido muito.

— Uma americana pediria outro uísque — disse ele, sorrindo. — Mas a razão está do seu lado: seria deplorável que nenhum de nós tivesse mais a cabeça no lugar.

Pedi dois cafés e seguiu-se um silêncio incômodo. Eu dissera sim, em grande parte devido a ter simpatizado com ele, devido a essa precária intimidade que ele soube criar entre nós: e, agora, esse sim gelava minha simpatia. Assim que nossas xícaras se esvaziaram, ele disse:

— Vamos subir até o meu quarto.

— Já?

— Por que não? Observe que não achamos mais nada para dizer um ao outro.

Gostaria de ter tempo para habituar-me à decisão que tomei. Esperava que de nosso pacto nascesse pouco a pouco uma cumplicidade. Mas o fato é que eu não achava nada que dizer.

— Vamos subir.

O quarto estava atravancado de malas. Havia duas camas de cobre, uma das quais coberta de roupas e papéis. Sobre uma mesa redonda, garrafas de champanhe vazias. Ele me tomou em seus braços, senti sobre a boca uma boca violenta e satisfeita. Sim, era possível, era fácil. Alguma coisa me acontecia: outra coisa. Fechei os olhos, penetrei num sonho tão pesado como a realidade e de que acordaria ao amanhecer, com o coração leve. Ouvi então sua voz.

— Parece que a moça está intimidada. Não faremos mal à moça. Vamos deflorá-la, mas sem fazer-lhe mal...

Estas palavras, não dirigidas a mim, despertaram-me duramente. Não tinha vindo para representar o papel da donzela desvirginada, nem outro papel algum. Desvencilhei-me de seus braços.

— Espere.

Refugiei-me no banheiro, recompus-me à pressa, dispensando todos os pensamentos: era muito tarde para pensar. Ele me reconduziu à cama, antes que alguma ideia tivesse tido tempo de germinar em mim. Agarrei-me a ele: no momento, era a minha única esperança. Suas mãos arrancaram minha combinação, acariciaram meu ventre, e eu me abandonei à vaga negra do desejo; arrebatada, sacudida, submersa, levantada, precipitada. Por instantes, caía verticalmente no vazio. Ia encalhar no esquecimento, na noite... Que viagem! Sua voz me atirou de novo sobre a cama:

— Devo ter cuidado?

— Se for possível.

— Você não está arrolhada? — A pergunta era tão brutal, que estremeci.

— Não — disse eu.

— Ah! Por quê? — Era difícil replicar. Suas mãos me recolheram de novo, emudeci, coleí-me à sua pele e devorei-lhe o calor por todos os meus poros: meus ossos, meus músculos se fundiam nesse fogo e a paz se enrodilhava à minha volta em espirais sedosas, quando ele disse, autoritário:

— Abra os olhos.

Mal abri as pálpebras. Pesavam, recaíam por si mesmas sobre meus olhos, que a luz feria. E ele dizia:

— Abra os olhos; é você, sou eu. — Ele tinha razão. Eu não queria fugir de nós dois. Mas, antes de tudo, era preciso que me habituassem a uma presença insólita: minha carne. Olhar para o seu rosto estranho e, sob o seu olhar, perder-me em mim própria, era ao mesmo tempo excessivo. Encarei-o, já que ele o exigia: estaquei a meio caminho da perturbação, numa região sem luz e sem noite e onde eu não era corpo nem carne. Ele afastava o lençol e, no mesmo instante, eu pensava que o quarto estivesse mal-aquecido, que eu já não tinha mais um ventre de moça. Expus à sua curiosidade uma carcaça indiferente. Sua boca excitou meus seios, arrastou-se sobre o meu ventre, desceu até o meu sexo. Novamente, cerrei os olhos às pressas, refugiei-me, inteira, no prazer que ele arrancava de mim: um prazer distante, solitário, como uma flor cortada; lá embaixo, a flor mutilada se exaltava, se desfolhava, e ele resmungava, para si somente, palavras que eu procurava não entender. Mas eu me aborrecia. Ele voltou para mim. Por um momento, seu calor me reanimou. Com autoridade ele colocou-me o sexo na mão; acariciei-o sem entusiasmo, e Scriassine disse, censurando:

— Você não tem grandes amores pelo órgão masculino.

Desta vez ele me dava uma má nota. Eu pensava: “Como amar esse pedaço de carne, se não amo o homem todo? E, para este homem, onde arranjaría ternura?” Havia em seus olhos uma hostilidade que me desencorajava: entretanto, eu não era culpada em relação a ele, nem mesmo por omissão.

Quando ele entrou em mim, não senti grande coisa; e, imediatamente, ele começou a proferir palavras. Minha boca estava cheia de cimento, eu

seria incapaz de fazer passar um suspiro por entre minhas mandíbulas. Ele se calou um instante e, depois, disse:

— Olhe.

Sacudi um pouco a cabeça; o que se passava lá embaixo me dizia respeito tão limitadamente, que, se eu tivesse olhado, faria o papel de um *voyeur*. Ele disse:

— Você está acanhada! A mocinha está com vergonha! — Este triunfo ocupou-o um momento. Depois, de novo, ele falou: — Diga-me o que você sente; diga-me.

Fiquei calada. Adivinhava uma presença em mim, sem a sentir verdadeiramente, como quem se surpreende com o ferro do dentista numa gengiva adormecida:

— Você sente prazer? Quero que tenha prazer. — Sua voz se irritava, exigia contas: — Não tem prazer? Não importa: a noite é longa... — A noite seria muito curta; a eternidade, muito curta: a partida estava perdida, eu sabia disso. Queria saber como terminar: a gente está bem-desarmada, quando, de noite, se vê só, e nua, em braços inimigos. Eu abria a boca, arrancava-me palavras:

— Não se preocupe tanto comigo, deixe-me...

— Entretanto, você não é fria — disse ele, encolerizado. — Você resiste com o pensamento. Mas eu a forçarei...

— Não — contravim. — Não... — Era-me muito difícil explicar-me. Existia verdadeiro ódio em seus olhos e tive vergonha de haver-me deixado prender em uma adocicada miragem de bem-estar carnal: um homem — eu o constatava — não é um deleite.

— Ah! Você não quer! — dizia-me ele. — Não quer! Burra! — Bateu-me de raspão no queixo. Eu estava muito cansada para fugir à sua cólera. Comecei a tremer: um punho, mil punhos... “A violência”, pensei, “está em toda parte.” Tremia, e as lágrimas escorriam.

Agora, ele me beijava os olhos, murmurava:

— Bebo-lhe as lágrimas. — Havia em seu semblante uma ternura cativante, que o devolvia à infância. Apiedei-me dele, tanto quanto de mim: estávamos, ambos, tão perdidos, tão decepcionados. Eu lhe acarinhava os cabelos, impunha-me o ritual tratamento de você:

— Por que me detesta?

— Ah! Não posso evitá-lo — disse ele, com pesar. — Não posso.

— Não detesto você. Gosto de estar em seus braços.

— Verdade?

— Verdade.

Em certo sentido, era verdade; alguma coisa se passava: falha, triste, ridícula, mas real. Sorri:

— Você me faz passar uma noite singular; jamais tive uma igual.

— Jamais? Mesmo com moços? Não está mentindo?

As palavras tinham mentido por mim, e eu lhes endosseí a mentira.

— Jamais.

Ele me estreitou com arroubo; depois, de novo, me possuiu.

— Quero que goze ao mesmo tempo que eu — disse. — Quer? Você me dirá: é agora...

Pensava, em provocação: “Eis aí a descoberta que fizeram: a sincronização! Como se provasse alguma coisa! Como se pudesse fazer às vezes de acordo! Se gozásssemos juntos, estaríamos menos separados?” Bem sei que meu prazer não encontra ressonância em seu coração e, se eu esperava pelo dele com impaciência, era só para ficar livre. Todavia, estava liquidada: resignei-me a suspirar, a gemer. Penso não o ter feito com muita habilidade, pois ele me perguntou:

— Não gozou?

— Sim, garanto-lhe que sim.

Também ele estava acabado, porque não insistiu. Quase em seguida adormeceu, chegado a mim, e também adormeci. Seu braço, que me atravessava o peito, acordou-me.

— Ah! Você está aí! — disse ele. Abriu os olhos: — Tive um pesadelo; sempre tenho pesadelos. — Falava-me de muito longe, do fundo das trevas: — Não tem um lugar onde poderia esconder-me?

— Escondê-lo?

— Sim, seria bom desaparecer. Não poderíamos desaparecer juntos, alguns dias?

— Não tenho nenhum lugar e não posso sair.

— É pena — disse ele. E perguntou: — Nunca tem pesadelos?

— Não frequentemente.

— Ah! Invejo-a. Tenho necessidade de alguém perto de mim, à noite.

— Mas eu preciso ir.

— Não vá. Não se vá. Não me deixe. — Agarrou-me o ombro. Eu era um salva-vidas. Em que naufrágio?

— Esperarei até que durma. Quer que a gente se veja amanhã?

— Certamente. Estarei ao meio-dia no café-tabacaria, ao lado de sua casa. Está bem?

— Entendido. Trate de dormir tranquilamente.

Quando sua respiração se tornou mais volumosa, escorreguei para fora do leito. Era duro afastar-me dessa noite, que se colava a mim. Mas eu não queria despertar a desconfiança de Nadine; cada uma tinha sua maneira de tratar a outra: ela me dizia tudo, eu não lhe dizia nada. Reajustando, diante do espelho, a máscara da decência, pensei que ela havia influído em minha decisão e quis-lhe mal. Num sentido, eu nada lastimava. Na cama, aprendem-se tantas coisas a respeito de um homem! Muito mais do que obrigando-o a divagar, durante semanas, deitado num divã. Somente eu era demasiado vulnerável para este gênero de experiências.

Durante toda a parte da manhã estive bastante ocupada. Sézenac não veio, mas vieram muitos outros clientes. Não pude pensar em Scriassine senão remotamente: tinha necessidade de revê-lo. Nossa noite subsistia-me no coração, inacabada, absurda, e eu esperava que, conversando, chégássemos a concluí-la, a salvá-la. Fui a primeira a chegar ao café: um pequeno café, bem vermelho, de mesas polidas, onde eu frequentemente comprava cigarros, mas nunca me sentara. Nas mesas mais reservadas, casais cochichavam; encomendei uma espécie de vinho do Porto. Tinha a impressão de estar numa cidade estranha e não sabia mais bem o que esperava. Scriassine chegou correndo.

— Peço desculpas: tinha dez encontros.

— Gentileza sua ter vindo, com tudo isso.

— Dormiu bem? — perguntou sorrindo.

— Muito bem.

Pedi também um Porto e, depois, pendeu para o meu lado: não havia nada mais de hostil em seu semblante.

— Gostaria de fazer-lhe uma pergunta.

— À vontade.

— Por que acedeu tão facilmente a subir ao meu quarto?

— Por simpatia — disse, rindo.

— Não estava alcoolizada?

- De modo algum.
- E não se arrependeu?
- Não.

Ele hesitou. Eu sentia que desejava, para seu catálogo íntimo, uma explicação crítica pormenorizada.

— Gostaria de saber... Em certo momento, você me disse que nunca tinha vivido uma noite igual. Verdade mesmo?

Ri, com algum embaraço.

— Sim e não.

— Ah! É o que eu pensava — disse ele, decepcionado. — Nunca é verdade.

— Isso é verdade na hora. No dia seguinte é menos.

Ele bebeu de um trago o vinho viscoso e eu me abri:

— Sabe o que me gelou? É que você, por momentos, assumia um ar hostil.

Encolheu os ombros:

— Isso não se podia evitar!

— Por quê? Luta dos sexos?

— Não temos a mesma opinião. Politicamente, quero dizer.

Por um instante fiquei estupefata.

— A política representa tão pouco na minha vida!

— A indiferença é também uma tomada de posição — disse ele secamente —; nesse domínio, quando não se está inteiramente comigo, está-se muito longe de mim.

— Então não deveria ter-me pedido para subir ao seu quarto — respondi, censurando-o.

Um sorriso astucioso franziu-lhe os olhos.

— Mas é-me indiferente que uma mulher esteja longe de mim, se a desejo: poderia muito bem dormir com uma fascista.

— Isto não lhe é indiferente, porque você seria hostil.

Ele sorriu de novo:

— Na cama não é mau que a gente se deteste um pouco.

— É horrível — disse eu. Encarei-o — Você não sai facilmente de dentro de si mesmo. Poderá confundir-se com outros na piedade, no remorso: seguramente não na simpatia.

— Ah! Hoje é você que analisa a minha psicologia — disse ele. — Continue. Adoro isso.

Havia nos seus olhos a mesma avidez maníaca de quando me espionava à noite. Eu não a poderia suportar, a não ser em uma criança, ou num doente.

— Você crê que se pode quebrar a solidão com autoridade. Em amor não há nada mais contraindicado.

Ele assimilou o golpe!

— Em suma, esta noite foi um fracasso?

— Mais ou menos.

— Você a repetiria?

Hesitei.

— Sim, não me agrada ficar derrotada.

Seu rosto endureceu.

— É uma razão mesquinha — disse. Sacudiu os ombros: — Não se faz amor com a cabeça.

Exatamente a minha opinião: se suas palavras e desejos me haviam ferido, é porque lhe vinham do cérebro.

— Suponho que tenhamos cabeça em excesso, ambos.

— Então é preferível não repetir — disse ele.

— É o que também penso.

Sim, um segundo fracasso teria sido pior e um êxito era inconcebível. Não nos amávamos absolutamente. As próprias palavras eram inúteis, nada houve aí para salvar e esta história não comportava conclusão. Trocamos ainda, polidamente, algumas frivolidades, e voltei para casa.

Não guardo ressentimentos dele, mas de mim, um pouco. Por outro lado, como Robert me disse sem demora, nada disso tem grande importância: somente uma lembrança a arrastar-se em nossas memórias e que não interessa senão a nós. Apenas, quando subi de novo ao meu quarto, me prometi que nunca mais tentaria tirar as luvas de pelica: “É muito tarde”, murmurei, com uma olhadela na direção do espelho. “Agora minhas luvas estão enxertadas na pele, e para tirá-las será preciso esfolar-me.” Não, não foi só por culpa de Scriassine que as coisas tinham acabado assim; também por minha culpa. Deitei-me naquela cama por curiosidade, por desafio, por fadiga e para me provar não sei bem o quê: tinha certamente provado o contrário. Fiquei plantada diante do espelho. Pensei vagamente que poderia levar uma vida diferente. Poderia vestir-me, exhibir-me,

conhecer os pequenos prazeres da vaidade ou as grandes febres dos sentidos. Era demasiado tarde. E logo compreendi por que meu passado me parece às vezes como sendo o de outra; é agora que sou outra: uma mulher de 39 anos, uma mulher que tem idade!

Eu disse em voz alta: “Tenho idade!” Antes da guerra, era nova demais para que os anos me pesassem; depois, durante cinco anos, esqueci-me totalmente de mim mesma. Reencontro-me para aprender que estou condenada. A velhice me espera. Não há meio de lhe escapar. Já a entrevejo ao fundo do espelho. Oh! Ainda sou uma mulher. Sangro todos os meses. Nada mudou. A diferença é que agora eu sei. Levanto meus cabelos: estas estrias brancas não são mais uma curiosidade, nem um sinal: são um começo. Minha cabeça vai adquirir, viva, a cor dos meus ossos. Meu rosto ainda pode parecer liso e vigoroso, mas, de um momento para outro, a máscara desabarará, descortinando olhos embotados de mulher velha. As estações recomeçam, as derrotas são compensadas, mas não há meio algum de suspender a minha decrepitude. “Não é mais tempo sequer de me inquietar”, pensei, dando as costas ao espelho. “É tarde demais até para lamentos. Nada resta senão prosseguir.”

Capítulo III

Nadine foi procurar Henri no jornal diversas noites seguidas. Numa delas chegaram inclusive a ir até um quarto de hotel, sem grande proveito. Para Nadine, fazer amor era, evidentemente, ocupação aborrecida: Henri também se aborreceu logo. Mas gostava de sair com Nadine, de vê-la comer, de ouvi-la rir, de falar com ela. Ela não enxergava muitas coisas, mas reagia vivamente diante do que via e sem jamais dissimular o que quer que fosse. Ele imaginava que ela seria uma agradável companhia em viagem, e sentia-se tocado pela sua avidez. Cada vez que se viam, ela indagava:

— Você falou?

— Ainda não.

Baixava a cabeça com um ar de tão grande desolação, que ele se sentia culpado. Sol, alimento, uma viagem de verdade, tudo o que lhe havia faltado era precisamente daquilo que ele ainda a privava. Já que estava decidido a romper, por que não aproveitar o momento? Aliás, mesmo no tocante a Paule, melhor seria que se explicasse antes de partir do que deixá-la consumir-se de esperanças, durante a separação. Longe dela, ele se sentia em seu direito: não a tinha enganado; e ela estava mentindo a si mesma quando fingia acreditar na ressurreição de um passado morto e sepultado. Mas, ao se rever ao lado dela, achava que também não estava certo: “Não serei um salafrário, por haver deixado de amá-la?”, perguntava-se, vendo-a ir e vir, pelo estúdio. Ou amá-la foi um erro? Achava-se no Dôme, com Julien e Louis. A uma mesa vizinha, estava aquela bela mulher cor de glicínia, que lia *La Mésaventure*, com afetação. Tinha posto sobre uma mesinha luvas cor de violeta, compridas. Passando diante dela, ele dissera:

— A senhora tem luvas muito lindas!

— Gosta? São suas.

— E que farei com elas?

— Guarde-as como lembrança de nosso encontro.

Suavizaram, ambos, os olhares. Algumas horas depois, ele a apertava contra si, nua, e dizia: “Você é muito bela!” Não, ele não podia condenar-se. Era natural que tivesse sido deslumbrado pela beleza de Paule, por sua voz, pelo mistério de sua linguagem, pela longínqua circunspecção de seu sorriso. Era um pouco mais velha que ele, sabia uma porção de coisinhas que ele ignorava e que lhe pareciam muito mais importantes que as coisas grandes. O que mais admirava nela era o desprezo que votava aos bens deste mundo; ela planava numa região sobrenatural, onde ele desesperava alcançá-la; ele se revolia interiormente, quando ela condescendia em fazer-se carne entre seus braços. Confessava: “Virou-me um pouco a cabeça, com certeza.” Ela acreditara nos juramentos de eternidade e no milagre de ser ela mesma. Aí, sem dúvida, o erro dele: foi quando exaltou Paule além de toda a medida, para, depois, com muita lucidez, reduzi-la às suas naturais proporções. Erros? Ambos os haviam cometido. Não se tratava disso: a questão era sair daí. Ele ruminava frases na boca. Estaria ela desconfiada? Em geral, quando ele silenciava, ela o interrogava prontamente.

— Por que você muda esses bibelôs de lugar? — perguntou ele.

— Não acha que assim ficam mais bonitos?

— Você se incomodaria de sentar-se um minuto?

— Estarei impacientando-o?

— Absolutamente não; mas gostaria de falar-lhe.

Ela esboçou um pequeno sorriso crispado.

— Como você está com um ar solene! Não vai me dizer que não gosta mais de mim?

— Não.

— Então o resto me é indiferente — fez ela, sentando-se. Inclinou-se para ele com um ar paciente, um pouco sarcástico: — Fale, meu amor, sou toda ouvidos.

— Amar um ao outro, não amar um ao outro, não é só o que vale.

— Para mim, é.

— Não para mim, você sabe; outras coisas importam.

— Sim, eu sei: seu trabalho, as viagens; nunca o desviei de nada disso.

— Há também outra coisa, de que não prescindo, e já lhe falei muitas vezes: a minha liberdade.

— Não me venha dizer que não o deixo livre — disse ela, sorrindo.

— Tão livre quanto o permite uma vida em comum. Mas, para mim, liberdade quer dizer, acima de tudo, estar só. Você se lembra de que, quando me instalei aqui, tínhamos acertado que isso duraria somente enquanto durasse a guerra.

— Não pensava que lhe estivesse sendo pesada — disse ela, que não sorria mais.

— Ninguém o teria sido menos do que você. Mas sou de opinião que antes era melhor, quando cada um vivia do seu lado.

— Todas as noites você me encontrava aqui; dizia que não podia dormir sem mim — disse Paule, rindo.

Ele falara isso durante um ano, não mais. Todavia não protestou.

— De acordo. Mas eu trabalhava em meu quarto, no hotel...

— Esse quarto era um de seus caprichos de moço — replicou ela, com voz indulgente. — Nada de promiscuidade, nada de vida a dois: confesse que era muito abstrato o seu código. Não posso crer que ainda o leve a sério.

— Mas não, não é abstrato. A vida em comum acarreta a um tempo a tensão e a negligência. Verifico que sou muitas vezes desagradável, ou negligente, e que isto a perturba. É bom que a gente se veja somente quando tem verdadeiramente vontade de fazê-lo.

— Tenho sempre vontade de vê-lo — disse ela, com repreensão.

— Eu, quando estou fatigado, ou de mau humor, ou quando trabalho, prefiro ficar só.

A voz de Henri era seca. Novamente Paule sorriu:

— Você vai ficar só um mês inteiro. Veremos, quando de seu regresso, se não mudou de opinião.

— Não, não mudarei — disse firmemente.

De súbito, o olhar de Paule vacilou. Ela disse, num murmúrio:

— Jure-me uma coisa.

— O quê?

— Você nunca irá viver com outra mulher?...

— Você está louca! Que ideia! Juro-lhe... Certamente...

— Então pode retomar seus caros hábitos de moço — disse ela, num tom resignado.

Ele a olhou com curiosidade.

— Por que me pediu isso?

Novamente o olhar de Paule se tornou desvairado; ela silenciou um momento.

— Oh! Eu sei que nenhuma outra mulher terá meu lugar em sua vida — respondeu, num tom falsamente calmo. — Mas eu me agarro a símbolos. — Fez um movimento para levantar-se, como se estivesse com medo de ouvir mais. Ele a reteve:

— Espere. É necessário que eu lhe fale com toda a franqueza. Não viverei nunca com outra. Nunca. Mas, sem dúvida devido à austeridade destes quatro anos, desejo coisas novas, aventuras; desejo ter casos sem importância com mulheres.

— Mas você tem com uma, não é? — disse Paule, devagar. — Com Nadine.

— Como sabe disso?

— Você mente muito mal.

Às vezes ela era tão cega! E outras vezes tão perspicaz! Ele ficou desconcertado e disse, com embaraço:

— Fui idiota em não lhe falar a respeito antes, mas receava fazê-la sofrer sem causa; não se passou quase nada, e isso não vai durar muito.

— Oh! Sossegue. Não tenho ciúmes de uma criança, sobretudo de Nadine. — Tornou a aproximar-se de Henri, sentou-se no braço de sua poltrona: — Eu lhe disse na noite de Natal: um homem como você não está sujeito às mesmas leis a que os outros estão. Existe uma forma banal de fidelidade que nunca reclamarei de você. Divirta-se com Nadine e com quem quiser. — Ela acariciou alegremente os cabelos de Henri: — Vê que respeito a sua liberdade!

— Sim — disse ele. Estava aliviado e decepcionado. Uma vitória assim tão fácil não o conduzia a coisa alguma. Seria pelo menos preciso que fosse completa:

— De fato, não há em Nadine uma sombra de sentimento por mim — acrescentou ele. — Tudo o que ela quer é que eu a leve nessa viagem. Mas está bem-entendido que, voltando, nos separaremos.

— Em viagem?

— Ela vai acompanhar-me a Portugal.

— Não! — disse Paule. Bruscamente, sua máscara serena voou em pedaços. Henri viu pela frente um rosto de carne e osso, trementes os

lábios, os olhos brilhantes de lágrimas: — Você me disse que não podia levar-me.

— Você não estava fazendo questão, e por isso não me empenhei.

— Eu não estava fazendo questão! Teria dado uma de minhas mãos para ir com você. Mas entendi que queria ir sozinho. Quero muito sacrificar-me à sua vontade de ficar só — gritou ela, com revolta —, não, porém, a Nadine! Não!

— Só ou com Nadine, isso não faz muita diferença — disse ele com má-fé. — Você não tem ciúme dela.

— Faz a maior das diferenças! — emendou Paule com voz perturbada. — Só, eu estaria com você, ficaríamos juntos. É a primeira viagem do pós-guerra: não tem o direito de fazê-la com outra.

— Escute, se você vê nisso um símbolo qualquer, não tem nenhuma razão. Nadine quer conhecer o mundo, é uma pobre garota que nunca viu coisa alguma. Apraz-me fazê-la passear: nada mais do que isso.

— Neste caso, se realmente não há nada além do que me disse — declarou lentamente Paule —, não a leve. — Ela olhou Henri, suplicante: — Peço-lhe, em nome do nosso amor.

Trocaram, por instantes, um olhar em silêncio. Todo o rosto de Paule não era senão uma súplica. Mas Henri se sentiu repentinamente tão decidido como se tivesse que enfrentar, em lugar de uma mulher encurralada, carrasco em armas.

— Você acaba de dizer que respeita minha liberdade — observou ele.

— Sim — disse ela, num tom áspero. — Mas, se você quisesse destruir-se a si mesmo, eu o impediria. Não deixaria que atraísse o nosso amor.

— Em outras palavras, sou livre para fazer o que você quiser — disse ele, com ironia.

— Oh! Como você é injusto! — exclamou ela, soluçando. — Aceito tudo de você, tudo! Mas isso sei que não posso aceitar. Ninguém deverá partir com você: só eu.

— É você quem o decreta.

— Evidente!

— Não aos meus olhos.

— Porque você fica cego, porque quer ficar cego! Escute — rogou ela, com voz judiciosa —, você não está ligado a essa moça. E vê o quanto me magoa: não a leve.

Henri conservou-se em silêncio; não havia muito que responder a tal argumento. Ressentiu-se contra Paule, como se esta tivesse usado de uma violência física.

— Está certo, não a levarei! — disse ele. Levantou-se, encaminhou-se para a escada: — Somente não me venha mais falar em liberdade.

Paule seguiu-o, pôs-lhe as mãos sobre os ombros:

— Sua liberdade é fazer-me sofrer?

Ele se desembaraçou bruscamente.

— Se você resolve sofrer quando faço o que me dá vontade de fazer, é preciso que eu escolha entre minha liberdade e você.

Deu um passo e ela o chamou, com voz intranquila:

— Henri! — Havia pânico em seus olhos. — Que é que você quer dizer?

— Que quero dizer?

— Você não vai desejar, de propósito, pôr a perder o nosso amor.

Henri voltou-se para ela.

— Bom! Está bem, já que você faz questão, expliquemo-nos de uma vez!

— Estava suficientemente irritado contra ela para chegar, finalmente, ao fundo da verdade. — Existe um mal-entendido entre nós. Não temos a mesma ideia sobre o amor...

— Não há mal-entendido algum — disse Paule, precipitadamente. — Sei o que você vai dizer-me: que o amor é toda a minha vida e você quer que seja somente uma coisa na sua vida. Sei disso e estou de acordo.

— Sim, mas a partir daí surgem questões — disse Henri.

— Mas não! Ah! Tudo isso é estúpido — continuou Paule com a voz agitada. — Você não vai tornar a pôr o nosso amor em questão só porque lhe pedi que não viaje com Nadine!

— Não viajarei com ela, está entendido. Trata-se de coisa bem diferente...

— Oh! Escute — disse Paule bruscamente. — Acabemos com isto. Se você tem absoluta necessidade de levá-la, para provar a si mesmo que é livre, ainda prefiro que a leve. Não quero que pense que o tiranizo.

— Não a levarei certamente, se é para você ficar triste durante todo o tempo da viagem!

— Ficarei bem mais triste se você se entretiver em destruir o nosso amor por ódio. — Ergueu os ombros: — Você é bem capaz disso: dá tanta importância aos seus menores caprichos! — Paule olhou-o como que

implorando; esperava que ele respondesse: “Não guardarei rancor de você.” Ela poderia aguardar longo tempo. Suspirou: — Você me ama, porém não quer sacrificar coisa alguma pelo nosso amor. É preciso que seja eu quem dê tudo.

— Paule — disse ele, com voz amistosa —, se eu fizer esta viagem com Nadine, repito-lhe que, quando do meu retorno, não a verei mais, e que entre mim e você nada terá mudado.

Ela se calou. “É uma chantagem o que estou fazendo”, pensou Henri, “é um pouco vil.” O mais deplorável é que Paule também tinha consciência disso. Ela ia representar o papel da generosa, sabendo que anuí a um ajuste muito sórdido. Mas quê? É preciso querer o que se quer. Ele queria levar Nadine.

— Você fará o que lhe aprouver — disse Paule, e suspirou: — Suponho que eu dê importância demais aos símbolos. Seriamente, quer esta moça o acompanhe, quer não, isto não faz diferença.

— Não faz nenhuma diferença — disse Henri, com autoridade.

Paule não retomou o assunto nos dias subsequentes. Apenas cada gesto seu, cada silêncio significavam: “Estou sem defesa e você abusa disso.” É verdade que ela não dispunha de arma alguma, por pequena que fosse: mas essa mesma fraqueza era uma armadilha. Não deixava a Henri outra saída senão fazer-se vítima ou carrasco. Ele não tinha nenhuma vontade de aparecer como vítima; e o aborrecido era que não dava para carrasco. Não estava bem consigo mesmo na noite em que encontrou Nadine, numa plataforma da estação de Austerlitz.

— Você não está adiantado — disse ela, com ar impertinente.

— Também não estou atrasado.

— Tratemos de subir: se sair o trem...

— Não sairá antes da hora.

— Nunca se sabe.

Subiram e escolheram um compartimento vazio. Por longo momento Nadine ficou plantada, como perplexa, entre os dois bancos e, afinal, se sentou junto à janela, as costas voltadas para a locomotiva. Abriu sua mala e começou a instalar-se com meticulosos cuidados de solteirona: enfiava um roupão, calçava chinelos, enrolava uma coberta em volta das pernas e metia um travesseiro sob a cabeça. Do cesto, que usava como

bolsa, tirou um tablete de goma de mascar. Lembrou-se, então, da presença de Henri, e sorriu animadamente.

— Paule não berrou quando viu que, decididamente, você me levaria?

Henri levantou os ombros.

— Evidentemente não ficou contente.

— Que foi que ela disse?

— Nada que interesse a você — respondeu ele, secamente.

— Mas divirto-me em saber.

— Eu não me divirto em lhe contar.

Ela tirou do seu cesto um tricô escarlata e começou a fazer tinir as agulhas, sempre mastigando sua goma. “Ela exagera”, pensou Henri, com mau humor. Talvez o estivesse provocando de propósito, porque suspeitava que os remorsos de Henri se detinham no estúdio vermelho. Paule o havia abraçado sem lágrimas: “Faça uma boa viagem.” Mas, nesse momento, ela chorava. Ele pensou em escrever-lhe imediatamente, ao chegar. O trem se sacudia, rolava por entre um crepúsculo triste das cercanias da cidade. Henri abriu um romance policial, atirou um rápido olhar para o rosto contraído, diante dele. Por enquanto, nada podia fazer em relação à tristeza de Paule. E, além do mais, não seria o caso de estragar o prazer de Nadine. Fez um esforço e disse, com entusiasmo:

— Amanhã, a esta hora, estaremos atravessando a Espanha.

— Sim.

— Não me esperam tão cedo em Lisboa: teremos dois dias inteiramente nossos.

Ela nada respondeu. Por um momento, continuou a tricotar com aplicação. Depois, estendeu-se sobre o banco, meteu nos ouvidos bolas de cera, vendou os olhos com um lenço de seda e virou o traseiro para Henri. “Eu”, refletiu ele com ironia, “que esperava ser recompensado das lágrimas de Paule com sorrisos!” Acabou seu romance e apagou a luz. Não havia mais pintura azul nas vidraças, mas as planícies eram totalmente negras, sob um céu sem estrelas. Fazia frio no compartimento. Por que estaria ele no trem, diante dessa estranha que respirava ruidosamente? Pareceu-lhe impossível, de súbito, que o passado estivesse presente ao encontro.

“Ela poderia, em todo caso, ser um pouco mais amável!”, disse ele a si mesmo, na manhã seguinte, com rancor, pela estrada que conduzia a Irun.

Nadine não tinha sequer sorrido, quando, ao saírem da estação de Hendaye, sentiram na pele o sol e o vento leve. Enquanto ele dava, para o visto, seus passaportes, ela bocejava sem cerimônia. Já agora andava à sua frente com passadas de rapaz. Ele arcava com as duas pesadas malas, sentia calor sob o sol novo e olhava sem prazer as fortes pernas mais ou menos cabeludas, cuja ingrata nudez as meias curtas sublinhavam. Uma barreira baixou atrás deles. Pela primeira vez, depois de seis anos, ele pisava um solo que não era francês. Uma barreira ergueu-se diante deles, e ele ouviu o grito de Nadine: “Oh!” Era esse gemido apaixonado que em vão procurara arrancar-lhe com suas carícias.

— Oh! Olhe!

À beira da estrada, perto de uma casa incendiada, erguia-se um balaio: laranjas, bananas, chocolate. Nadine precipitou-se, agarrou duas laranjas, estendeu uma a Henri. À vista de tanta alegria fácil, que dois quilômetros separavam inexoravelmente da França, ele sentiu no peito esta coisa negra e dura, que havia quatro anos lhe ocupava o coração, o amolar. Tinha olhado impassível fotografias de crianças holandesas agonizando de fome: e agora dava-lhe vontade de sentar-se junto ao meio-fio, a cabeça entre as mãos, e não mover-se mais.

Nadine recuperara o bom humor. Empanturrrou-se de frutas e de balas através das planícies bascas e dos desertos castelhanos. Olhava sorridente o céu da Espanha. Ambos passaram mais uma noite deitados no pó dos bancos. De manhã, seguiram um regato azul pálido, que serpenteava entre oliveiras e que se transformou em rio, depois em lago. E o trem parou: Lisboa.

— Estes táxis todos!

Uma fila de táxis aguardava no pátio da estação. Henri deixou as malas no depósito e disse a um motorista.

— Leve-nos a passear.

Nadine apertava-lhe o braço com gritos de terror, enquanto desciam, em velocidade aparentemente vertiginosa, ruas abruptas, onde se entrechocavam bondes: tinham perdido o hábito de andar de automóvel. Henri, apertando o braço de Nadine, ria também; voltava a cabeça à direita, à esquerda, com uma alegria incrédula: o passado havia desaparecido. Uma cidade do sul, uma cidade ardente e fresca ao mesmo tempo, e no horizonte a promessa do mar e um vento salgado castigando

os seus rochedos: ele a reconhecia. E, no entanto, surpreendia-o mais do que outrora Marselha, Atenas, Nápoles, Barcelona, porque, hoje, toda novidade confinava com o prodígio. Era bonita essa capital de coração discreto, de colinas desordenadas, com suas casas brilhantes de cores suaves e seus grandes barcos brancos.

— Deixe-nos em algum lugar do centro — pediu ele. O táxi parou numa grande praça rodeada de cinemas e cafés. Nos terraços, viam-se homens, sentados, com ternos escuros. Não havia mulheres. Estas se acotovelavam na rua comercial que descia para o estuário. Imediatamente, Henri e Nadine pararam, imóveis:

— Imagine só!

Couro, couro verdadeiro, espesso e flexível, recendia discretamente; malas de couro de porco, luvas de pecari, bolsas de tabaco amarelado e, sobretudo, sapatos de solas grossas de crepe, com os quais se anda sem fazer barulho e sem molhar os pés. Seda autêntica, lã autêntica, ternos de flanela, camisas de popeline. Henri verificou de repente que ele parecia ainda mais miserável com sua roupa de fibra sintética e seus sapatos remendados, que arrebitavam no bico. E, entre estas mulheres vestidas de peles, calçando meias de seda e finos escarpins, Nadine se assemelhava a uma mendiga.

— Amanhã faremos compras — disse ele —; muitas compras.

— Isto não parece verdadeiro! — aventurou Nadine. — Que diria o pessoal de Paris, vendo isso tudo?

— Exatamente o que dizemos — rematou Henri, rindo.

Pararam, em frente a uma pastelaria, mas desta vez não foi a cobiça, e sim o escândalo, que gelou o olhar de Nadine; ele também ficou por um momento petrificado de incredulidade, e empurrou Nadine pelo ombro. — Vamos entrar.

Exceção feita a um velho e a um menino, só havia mulheres em torno de mesinhas, mulheres de cabelos oleosos, sobrecarregadas de peles, de joias e de celulite, e que se fartavam religiosamente de seus apetites cotidianos. Duas meninas de tranças pretas, trazendo a tiracolo uma fita azul e ao pescoço uma porção de medalhas, saboreavam timidamente um espesso chocolate coberto de nata batida.

— Quer? — perguntou Henri.

Nadine respondeu afirmativamente com a cabeça; quando a garçonete lhe colocou a taça na frente e ela a levou aos lábios, o sangue retirou-se-lhe do rosto.

— Não posso — disse; e acrescentou, em tom de desculpa: — Meu estômago perdeu o hábito. — Mas o mal-estar não lhe tinha vindo do estômago; ela pensara em alguma coisa ou em alguém. Ele não lhe fez perguntas.

O quarto de hotel ostentava tecidos elegantes. Havia, no banheiro, água quente, sabão legítimo, roupões de tecido macio. Nadine reencontrou-se com a alegria. Fez questão de esfregar Henri com luva de crina. E, quando a pele dele, da cabeça aos pés, ficou vermelha e quente, ela o derrubou na cama, rindo. Entregou-se-lhe tão bem-humorada, que era de acreditar houvesse achado prazer nisso. Na manhã seguinte, seus olhos brilhavam, enquanto apalpava, com mãos rudes, os opulentos tecidos de lã, as sedas.

— Será que em Paris havia lojas tão belas?

— Muito mais belas. Não se lembra?

— Eu não visitava as grandes lojas, era muito pequena. — Olhou Henri com esperança: — Acredita que tudo isso volte um dia?

— Um dia, talvez.

— Mas como são tão ricos aqui? Pensei que era um país pobre.

— É um país pobre, onde há pessoas muito ricas.

Compraram, para si e para o pessoal de Paris, tecidos, meias, roupa de baixo, sapatos, pulôveres. Almoçaram num subsolo revestido de cartazes multicoloridos, mostrando toureiros a cavalo, em desafio a touros furiosos.

— Carne ou peixe: assim mesmo eles têm restrições! — disse Nadine, rindo. Comeram bifes cinzentos. Depois, ambos calçando sapatos de um amarelo agressivo, mas de solas luxuosas, escalaram as ruas pavimentadas de pedras redondas, que subiam para os bairros populosos; num cruzamento, crianças descalças olhavam, sem rir, um teatrinho de bonecos, descorado; a estrada se estreitava, as fachadas eram descascadas, e o rosto de Nadine assombrou-se.

— Nojenta esta rua. Haverá muitas assim?

— Creio que sim.

— Isto não parece irritá-lo.

Ele não estava com disposição para irritar-se. Na verdade, foi mesmo com um impulso de prazer que reviu roupa estampada secando às janelas ensolaradas, acima de um buraco de sombra. Seguiram em silêncio um beco imundo e Nadine parou em meio de uma escada de piso engordurado.

— É nojento! — repetiu. — Vamos embora.

— Oh! Continuemos mais um pouco — disse Henri.

Em Marselha, em Nápoles, no porto do Pireu, no Barrio Chino, ele passara horas vogando, entre ruelas rumorejantes; certamente, naquele tempo, como hoje, desejava que se pusesse um fim a toda miséria. Mas seu desejo permanecia abstrato, jamais ele tivera vontade de fugir: aquele violento cheiro humano o atordoava. De alto a baixo da colina, havia o mesmo formigamento vivo, o mesmo céu azul brilhava além dos telhados. A Henri pareceu que, de um momento para outro, tornaria a encontrar a antiga alegria, em toda a sua intensidade; era a ela que buscava, de rua em rua, sem a atingir. Mulheres acoradas diante das portas grelhavam sardinhas sobre pedaços de carvão vegetal; o cheiro do peixe, que já não estava fresco, cobria o do óleo quente. As mulheres tinham os pés nus; aqui todo mundo andava descalço. Nos porões, que davam para a rua, nenhuma cama, nenhum móvel, nenhuma imagem: catres, crianças cobertas de feridas e bolhas e, de longe em longe, uma cabra. Fora, nenhuma voz alegre, nenhum riso, olhos sem vida. Seria a miséria aqui mais desesperada do que nas outras cidades? Ou será que a desgraça, em vez de nos endurecer, nos torna mais sensíveis? O azul do céu parecia cruel por cima da sombra malsã, e Henri sentiu-se invadido pela muda consternação de Nadine. Cruzaram com uma mulher coberta de negros andrajos, tendo uma criança dependurada do seio nu. Corria, desvairada, e Henri disse, bruscamente:

— Ah! Você tem razão. Vamo-nos embora.

Mas ir-se embora não serviu para nada. Henri o constatou a partir do dia seguinte, durante um coquetel oferecido pelo consulado francês. A mesa estava cheia de sanduíches e de doces fabulosos, as mulheres vestiam vestidos de cores esquecidas, os rostos eram todos sorridentes e falava-se francês. A colina da Graça estava muito longe, num país totalmente estranho, cujas desgraças não diziam respeito a Henri. Ele ria polidamente com os outros, quando o velho Mendoz das Viernas o arrastou para um

canto da sala. Ostentava colarinho duro, gravata preta, fora ministro antes da ditadura de Salazar. Pousou sobre Henri um olhar desconfiado:

— Que impressão teve de Lisboa?

— É uma cidade muito bonita — disse Henri. O olhar do velho tornou-se sombrio e Henri acrescentou, num sorriso: — Devo frisar que ainda não vi muita coisa.

— Comumente, os franceses que vêm até aqui dão um jeito de não ver absolutamente nada — declarou Das Viernas, com rancor. — O Valéry dos senhores: admirou o mar, os jardins; quanto ao resto... um cego. — Fez uma pausa. — Será que também o senhor insiste em fechar os olhos?

— Pelo contrário — disse Henri. — Só quero servir-me deles.

— Ah! De acordo com o que ouvi dizer a seu respeito, é o que esperava — continuou Das Viernas, com voz mais branda. — Vamos marcar um encontro para amanhã e eu me encarrego de lhe mostrar Lisboa. Uma bela fachada, sim! Mas verá o que há por trás!

— Já dei uma volta, hoje, pela colina da Graça — informou Henri.

— Mas não entrou nas casas! Quero que constate por si mesmo o que esta gente come, como vive: se eu lhe dissesse, não acreditaria. — Das Viernas encolheu os ombros: — Toda uma literatura sobre a melancolia portuguesa e seu mistério... nada mais simples: entre sete milhões de lusitanos, setenta mil se alimentam o suficiente.

Impossível livrar-se. Henri passou a manhã seguinte a visitar pardieiros. O antigo ministro tinha convocado amigos para a tardinha, expressamente a fim de pô-lo em contato com eles: não poderia recusar. Todos trajavam ternos escuros, usavam colarinho duro, chapéu-coco, falavam cerimoniosamente, mas, de quando em quando, o ódio lhes transfigurava os rostos circunspectos. Eram antigos ministros, antigos jornalistas, antigos professores, arruinados pela recusa de se ligarem ao regime. Todos tinham parentes e amigos deportados, eram pobres e perseguidos; os que ainda se obstinavam em agir sabiam que a ilha do inferno os espreitava: um médico que cuidasse gratuitamente dos miseráveis, que tentasse abrir um dispensário ou introduzir um pouco de higiene nos hospitais, era logo suspeito; quem quer que organizasse um curso noturno, que praticasse um gesto generoso ou simplesmente caritativo, era inimigo da Igreja e do Estado. Entretanto, eles eram obstinados. E queriam acreditar que a ruína do nazismo acarretaria o fim desse fascismo tartufo. Sonhavam derrubar

Salazar e criar uma Frente Nacional, análoga à que se havia reconstituído na França. Sabiam que estavam absolutamente sós: os capitalistas ingleses tinham grandes interesses em Portugal, os americanos negociavam com o governo a compra de bases aéreas nos Açores. “A França é a nossa única esperança”, repetiam eles, e suplicavam: “Diga aos franceses a verdade que ignoram; se não a ignorassem, viriam em nosso auxílio.” Impuseram a Henri encontros diários. Sobrecarregavam-no de fatos, de cifras, ditavam-lhe estatísticas, levavam-no a passear nos subúrbios famintos: não era exatamente esse o gênero de férias com que ele sonhara. Mas não tinha escolha. Prometia sensibilizar a opinião pública com uma campanha de imprensa: a tirania política, a exploração econômica, o terror policial, o embrutecimento sistemático das massas, a vergonhosa cumplicidade do clero, ele diria tudo. “Se Carmona soubesse que a França está pronta a apoiar-nos, faria causa comum conosco”, afirmava Das Viernas. Outrora, havia conhecido Bidault, e pensava em propor-lhe uma espécie de tratado secreto: em troca de seu apoio, o futuro governo português poderia oferecer à França transações vantajosas, no tocante às colônias da África. Difícil explicar-lhe, sem indelicadeza, até que ponto tal projeto era quimérico!

— Verei Tournelle, seu chefe de gabinete — prometeu Henri, na véspera de sua partida para o Algarve. — É um companheiro da Resistência.

— Vou delinear um projeto preciso, que lhe confiarei, quando de seu regresso — disse Das Viernas.

Henri estava contente de deixar Lisboa. Os serviços franceses lhe emprestaram um carro, para que fizesse comodamente sua excursão de conferências; o carro estaria à sua disposição pelo tempo que quisesse, e seriam, enfim, férias verdadeiras. Infelizmente, seus novos amigos estavam certos de vê-lo passar sua última semana a conspirar com eles: iam juntar uma documentação extensa e arranjar encontros com alguns comunistas dos estaleiros de Zamorra. Não era possível recusar.

— Isto faz com que a gente tenha somente quinze dias para passear — disse Nadine, em tom amuado.

Jantaram numa taverna, do outro lado do Tejo. Uma empregada tinha posto na mesa pedaços de badejo frito e uma garrafa de vinho rosa embaciado; através da vidraça, distinguiam as luzes de Lisboa, que se dispunham, sobrepostas, entre o céu e a água.

— Em quinze dias, com um automóvel, a gente vê alguma coisa do país!
— disse Henri. — Você pode imaginar a oportunidade que temos!

— Exatamente. É uma pena não aproveitá-la.

— Todos estes sujeitos que contam comigo... Seria lamentável decepcioná-los, não?

Ela encolheu os ombros.

— Você não pode fazer nada por eles.

— Posso falar em seu nome: é meu ofício; ou então não vale a pena ser jornalista.

— Talvez não valha a pena.

— Não pense já no regresso — disse ele, conciliador. — Vamos fazer uma excelente viagem. E olhe aquelas pequeninas luzes, à beira da água, como são bonitas!

— Que têm de bonito? — perguntou Nadine. Era esse o gênero de perguntas irritantes que ela gostava de fazer. Ele encolheu os ombros. — Não, seriamente — prosseguiu ela —, por que você acha aquilo bonito?

— É bonito, é tudo.

Ela apoiou a fronte contra a vidraça.

— Talvez fosse bonito, se a gente não soubesse o que há por detrás. Mas, quando se sabe... É mais um embuste. — E concluiu, com impertinência: — Detesto esta cidade suja.

Era um embuste, sem dúvida alguma. Entretanto, ele não podia deixar de achar bonitas as luzes. O cheiro quente da miséria, suas alegres variedades de cores... não seria mais seduzido por isso. Mas aquelas pequeninas chamas, cintilando ao longo das águas sombrias, o tocavam, com e contra todos: talvez porque lhe lembrassem um tempo em que ignorava o que se esconde atrás dos cenários. Pode ser que nelas não amasse senão a recordação de uma miragem. Olhou para Nadine. Dezoito anos, e sem nenhuma miragem na memória! Ele ao menos tivera um passado. “E um presente, um futuro”, protestou, dentro de si mesmo. “Felizmente ainda resta o que amar!”

Restava, felizmente! Que prazer ter de novo um volante entre as mãos e estas estradas diante de si, a se perderem de vista! Passados todos estes anos, Henri sentiu-se inseguro no primeiro dia. O carro parecia dotado de vida própria, tanto mais que era pesado, ruim de suspensão, fazia barulho

e, acima de tudo, era caprichoso. Entretanto, obedecia tão espontaneamente como obedece a mão.

— Como vai depressa! É formidável! — dizia Nadine.

— Você já andou de carro, não?

— Em Paris, em jipes. Mas nunca corri tanto!

Isso também era mentira, a velha ilusão de liberdade e de poder, em que ela consentia sem escrúpulos. Nadine baixou todos os vidros, respirava avidamente o vento e o pó. Se Henri lhe tivesse dado atenção, jamais desceriam do carro. Ela gostava era de correr o mais depressa possível, entre a estrada e o céu. Interessava-se pouco pelas paisagens. Entretanto, como eram lindas! As mimosas, cobertas de pó dourado, os pacíficos paraísos primitivos que repetiam ao infinito as laranjeiras de copas arredondadas, os delírios de pedra de Batalha, o duo majestoso das escadas que subiam entrelaçadas para uma igreja branca e preta, as ruas da Beja, onde se perdiam os antigos gritos de uma freira, enferma de amor. No sul, que lembra a África, pequenos burros andavam à roda para extrair um pouco de água do solo árido; percebia-se, de longe em longe, em meio às agaves azuis que apunhalavam a terra vermelha, a aparente frescura de uma casa lisa e branca como o leite. Tornaram a subir para o norte, por estradas em que as pedras pareciam ter subtraído às flores suas cores mais berrantes: Violetas, vermelhas, ocre. Depois, as cores se tornavam novamente flores, entre as doces colinas do Minho. Sim, um belo cenário, e que se desenrolava com excessiva velocidade para que se tivesse tempo de pensar no que se escondia atrás. Ao longo das costas de granito, como sobre as estradas escaldantes do Algarve, os camponeses caminhavam descalços. Mas poucas vezes eram vistos. Foi no Porto, a cidade vermelha, onde a sujeira tem a cor do sangue, que a festa chegou ao fim. Nas paredes dos casebres, mais sombrios e úmidos ainda do que os de Lisboa, e formigantes de crianças nuas, haviam sido colocadas tabuletas: “Insalubre. Proibido morar aqui.” Meninas de quatro a cinco anos, vestidas com sacos furados, remexiam nas latas de lixo. Henri e Nadine esconderam-se para almoçar, num obscuro corredor, mas adivinhavam rostos colados às vidraças do restaurante.

— Detesto as cidades — disse Nadine, furiosa. Ficou fechada o dia todo em seu quarto. No dia seguinte, na estrada, era a custo que abria a boca. Henri não tentou alegrá-la.

No dia fixado para o regresso, pararam, a fim de almoçar, num pequeno porto, a três horas de Lisboa; deixaram o veículo diante do albergue, com o objetivo de escalar uma das colinas que dominam o mar. No cimo, erguia-se um moinho branco, coberto de telhas verdes; haviam-lhe fixado às pás pequenos jarros de barro cozido com gargalo estreito, em que o vento cantava. Henri e Nadine desceram correndo a colina, entre as oliveiras carregadas de folhas e as amendoeiras vestidas de flores, e a música pueril os perseguia. Deixaram-se cair na areia da enseada; barcos a vela enferrujados hesitavam sobre o mar pálido.

— Ficaremos bem aqui — disse Henri.

— Sim — respondeu Nadine, com ar aborrecido. Acrescentou: — Estou morrendo de fome.

— Evidentemente: Você não comeu nada.

— Peço ovos quentes e me trazem uma tigela de água morna e ovos crus.

— O bacalhau estava muito bom; também as favas.

— Uma só gota de azeite, e meu estômago transbordaria. — Cuspiu com raiva. — Há azeite na minha saliva.

Com um gesto resolutivo, arrancou o vestido.

— Que é que você está fazendo?

— Não vê?

Ela não trazia *soutien* e, deitada de costas, oferecia ao sol a nudez de seus seios delicados.

— Não, Nadine. Se aparecer alguém...

— Não aparece ninguém.

— Agrada-lhe acreditar nisso.

— Não ligo. Quero sentir o sol. — Seios ao vento, os cabelos abandonados à areia, ela encarava o céu. — Precisamos aproveitar, é o último dia.

Ele não respondeu e ela disse com voz lamuriante:

— Você precisa mesmo voltar a Lisboa esta noite?

— Você bem sabe que nos esperam.

— Não vimos a montanha; todos diziam que é o lugar mais lindo: em oito dias a gente ainda poderia fazer um passeio extraordinário.

— Pois eu lhe digo que há pessoas a quem preciso encontrar.

— Seus velhos senhores de colarinho duro? Ficariam muito bem nas vitrinas do Museu do Homem; mas, como revolucionários, são risíveis.

— A mim eles comovem — disse Henri. — E, você sabe, arriscam-se muito.

— Falam muito. — Ela fez escorrer areia entre os dedos: — Palavras, como diz o irmão, palavras.

— É sempre fácil dar-se ares de superioridade sobre pessoas que tentam alguma coisa — disse ele, um pouco enfadado.

— O que censuro neles é que não tentam nada, realmente — prosseguiu ela, com irritação. — Eu, em vez de falar tanto, mataria Salazar.

— Isso não adiantaria muito.

— Adiantaria o fato de que ele morreria. Como diz Vincent, a morte pelo menos não perdoa. — Ela olhava as águas com ar pensativo. — Se a gente se decidisse a estourar junto com ele, certamente ele não escaparia.

— Não tente fazê-lo! — disse Henri, sorrindo. Pousou a mão sobre o braço incrustado de areia: — Com que cara eu ficaria? Já pensou?

— Seria um bom epílogo.

— Você está com tanta pressa de acabar com isso?

— Gosta de viver? — disse, após um bocejo.

— Não me aborrece — respondeu ele, com jovialidade.

Ela se ergueu sobre um cotovelo e examinou-o curiosamente.

— Explique-me uma coisa. Escrevinhar da manhã à noite, como você faz, preenche-lhe realmente a existência?

— Quando escrevo, sim. Preenche-me a existência. Tenho mesmo muita vontade de me dedicar de novo a isso.

— Como lhe veio o gosto de escrever?

— Oh! Remonta a um passado distante. — Distante, de fato, mas ele não sabia muito que importância atribuir às suas recordações: — Quando eu era jovem, um livro me parecia coisa mágica.

— Também gosto de livros — disse vivamente Nadine. — Só que já existem muitos! De que adianta fabricar mais um?

— Todos não têm coisas inteiramente iguais para dizer: cada qual possui uma vida que lhe é particular, suas relações pessoais com as coisas, com as palavras.

— E não o incomoda pensar que outros escreveram combinações muito superiores ao que você poderá produzir? — interrogou Nadine, num tom vagamente irritado.

— No começo eu não pensava nisso — respondeu Henri, sorrindo. — A gente é arrogante, enquanto nada fez. Depois, quando se está trabalhando, vem o interesse pelo que se escreve e não se perde mais tempo em comparações.

— Oh! Certamente, dá-se um jeito! — disse ela, a voz amuada, e deixando-se recair inteira sobre o chão.

Ele não soubera responder-lhe. É muito difícil explicar por que a gente gosta de escrever, explicá-lo a quem não gosta. Aliás, poderia ele dar explicações a si mesmo? Não imaginava que seria lido eternamente e, todavia, ao escrever, sentia-se instalado na eternidade. O que conseguia pôr nas palavras lhe parecia protegido, absolutamente. E que havia de verdadeiro nisso? Em que medida também não representava uma miragem? Eis uma das coisas que devia esclarecer durante as férias. De fato, porém, não esclarecera absolutamente nada. O que era certo é que se apiedava quase com angústia de todas essas vidas que nem sequer procuravam exprimir-se: a de Paule, a de Anne, a de Nadine. “Olhe!”, pensava ele, “meu livro apareceu, neste momento.” Havia muito tempo que não se defrontava com o público, e intimidava-o pensar que pessoas estariam lendo seu romance e falando a respeito. Inclinou-se sobre Nadine e sorriu.

— Tudo bem?

— Sim; estamos bem aqui! — disse ela, num tom mais ou menos lamuriante.

— Estamos bem.

Enlaçou os dedos com os de Nadine e colou-se à areia quente. Entre o mar indolente, que o sol descoloria, e o azul imperioso do céu, havia uma felicidade em suspenso. Para que ele pudesse assenhorear-se dela, bastaria, talvez, um sorriso de Nadine; ela se tornava quase bonita quando sorria. Mas aquele rosto picado de sardas se mantinha inerte.

— Pobre Nadine.

— Pobre, por quê? — disse ela, endireitando-se bruscamente.

Ela, certamente, era de lastimar, mas ele não sabia bem por quê.

— Porque esta viagem a decepcionou.

— Oh! Sabe, eu não esperava muito dela.

— Tivemos, não obstante, bons momentos.

— Mas ainda poderíamos ter outros. — O frio azul de seus olhos reanimou-se: — Largue mão desses velhos visionários. Viemos até aqui para outra coisa. Vamos passear. Vamos nos divertir, enquanto tivermos forças.

— Você sabe que divertir-se não é tão fácil assim — disse Henri, dando de ombros.

— Experimentemos. Um grande passeio pelas montanhas seria bom, não? Você gosta de passear. Ao passo que essas reuniões, esses inquéritos, isso tudo o enfastia.

— Sem dúvida.

— Então? Que o obriga a fazer coisas aborrecidas? É vocação?

— Pense bem: posso por acaso explicar a esses pobres velhos que seus infortúnios não interessam a ninguém, que Portugal é excessivamente pequeno, que ninguém liga para isso? — Henri debruçou-se sobre Nadine, sorrindo: — Posso fazer isso?

— Você pode telefonar-lhes, dizendo que está doente, e vamos para Évora.

— Isso lhes partiria o coração. Não, não posso.

— Diga que você não quer... — sugeriu Nadine, com azedume.

— Mesmo assim — acrescentou ele, impaciente. — Não quero...

— Você é pior ainda do que minha mãe — resmungou ela, pondo na areia a ponta do nariz.

Henri deixou-se cair de comprido ao lado dela.

— Vamos nos divertir.

Antigamente ele sabia divertir-se; os sonhos desses velhos conspiradores, tê-los-ia sacrificado, num só impulso, às alegrias que conhecera outrora. Fechou os olhos. Estava deitado numa outra praia, junto a uma mulher de tez dourada, vestida de um saiote florido, à moda do Taiti; era a mais linda das mulheres: Paule. Palmeiras oscilavam por cima de suas cabeças e, através dos caniços, eles viam entrar no mar, cobertas de suas roupas, de seus véus, de suas joias, gordas judias sorridentes; à noite, às vezes, espionavam as mulheres árabes que se aventuravam água adentro, enterradas em seus sudários; ou ainda bebiam espesso xarope de café, na taverna de colunas romanas; ou ainda se sentavam à praça do mercado, e Henri fumava o narguilé, conversando familiarmente com Amour Harsine; depois, voltavam ao quarto cheio de

estrelas e caíam na cama. Mas as horas de que Henri agora se lembrava com mais saudade eram aquelas das manhãs passadas no terraço do hotel, entre o azul do céu e o perfume inebriante das flores. No frescor do amanhecer, no ardor do meio-dia, ele escrevia e, sob os seus pés, o cimento escaldava, até que enfim, atordado de sol e de palavras, descia à sombra do pátio, para beber um anis gelado. Era o céu, os loureiros-rosa, as águas violentas do Djerba que tinha vindo procurar aqui; era a alegria de suas noites reveladoras e, sobretudo, o frescor e o ardor de suas manhãs. Por que ele não reencontrava aquele gosto quente e brando que sua vida tivera em outros tempos? Entretanto, havia desejado esta viagem. Durante dias não tinha pensado em outra coisa. Durante dias sonhara que se deitava na areia, ao sol. E, agora, estava aí, havia sol e areia: era dentro dele que alguma coisa faltava. Já não sabia bem o que queriam dizer as velhas palavras: felicidade, prazer. Só temos cinco sentidos, que se cansam tão depressa! Seu olhar já se aborrecia de deslizar indefinidamente sobre esse azul, que não parava de ser azul. Tinha-se o desejo de furar tal cetim, de rasgar a doce pele de Nadine.

— Está começando a esfriar — disse ele.

— Sim. — Bruscamente, ela colou seu corpo ao de Henri; através da camisa, ele sentiu contra o seu peito os jovens seios nus: — Aqueça-me.

— Vista-se. Vamos voltar à aldeia — disse ele, repelindo-a docemente.

— Tem medo de que nos vejam? — Os olhos de Nadine reluziam, um pouco de sangue lhe subia às faces; mas ele sabia que sua boca continuava fria: — Que pensa que fariam conosco? Que nos apedrejariam? — perguntou ela, com ar sugestivo.

— Levante-se. É hora de voltar.

Ela descansou sobre ele todo o seu peso; ele mal resistiu ao desejo que o entorpecia; gostava daquele busto jovem, daquela pele límpida. Se pelo menos ela tivesse consentido em deixar-se embalar pelo prazer, em vez de rolar na cama, com uma falta de pudor intencional! Ela o observava, os olhos semifechados, a mão descendo para a calça de algodão:

— Deixe-me... Faça você...

Sua mão e boca eram hábeis, mas ele detestava o triunfo certo que vira em seus olhos, cada vez que cedera.

— Não — disse. — Não. Aqui não. Assim não.

Ele se desembaraçou, se endireitou. O vestido de Nadine jazia sobre a areia. Ele o atirou sobre os ombros.

— Por quê? — perguntou ela, com despeito. E acrescentou, a voz arrastada: — Talvez ao ar livre seja um pouco mais divertido. — Ele sacudiu a areia que lhe salpicava a roupa:

— Pergunto-me se você algum dia será uma mulher — murmurou, num tom de fingida indulgência.

— Oh! Você sabe, não chega a um por cento o número de mulheres que gostam de se submeter, estou certa disso: se se dão a tal gênero, fazem-no por esnobismo.

— Vamos, deixemos de discussões — disse ele, tomando-lhe o braço. — Venha. Vamos comprar bolos e chocolates para você. Comerá no carro.

— Você me trata como a uma criança.

— Não. Sei muito bem que não é uma criança. Compreendo-a melhor do que pensa.

Ela o olhou com desconfiança e um leve sorriso surgiu-lhe nos lábios.

— Não o detesto, contudo.

Ele apertou-lhe o braço um pouco mais, e em silêncio seguiram para a aldeia. A luz esvaía-se. Barcos reentravam no porto. Carroças de bois puxavam-nos até a praia. De pé, ou sentados em círculo, aldeões olhavam. As camisas dos homens, as amplas saias das mulheres ostentavam cores alegres. Mas essa alegria estava condensada em profunda imobilidade. Lenços pretos enquadravam rostos de pedra; os olhos fixos no horizonte nada esperavam. Nenhum gesto, nenhuma palavra. Parecia que uma maldição emudecera todas as línguas.

— Dão-me vontade de gritar — disse Nadine.

— Suponho que nem mesmo assim a ouvissem.

— Que estão esperando?

— Nada. Sabem que nada esperam.

Na rua principal, a vida se exprimia fracamente. Gritavam crianças; sentadas à beira da calçada, mendigavam viúvas de pescadores perecidos no mar. No começo, Henri e Nadine olhavam com cólera as burguesas de grossas peles que respondiam majestosamente aos pobres: “Tenham paciência!” Agora, fugiam como ladrões, quando as mãos se estendiam para eles: havia-as em excesso.

— Compre alguma coisa para você — disse Henri, detendo Nadine em frente à pastelaria.

Ela entrou. Duas crianças de cabeça raspada esmagavam o nariz contra a vidraça. Quando ela saiu, os braços carregados de pacotes, as crianças gritaram. Ela estacou.

— Que estão dizendo?

Ele hesitou.

— Que você tem a sorte de poder comer, quando está com fome.

— Oh!

Num gesto furioso, Nadine atirou-lhes aos braços os pacotes recheados.

— Não. Vou dar-lhes dinheiro — disse Henri.

Ela o puxou.

— Deixe... Tiraram-me o apetite, estes fedelhos sujos.

— Você estava com fome.

— Digo-lhe que não tenho mais fome.

Subiram ao carro e, durante um momento, rodaram em silêncio. Nadine, com voz engasgada, disse:

— Devíamos ter ido a outro país.

— A que outro país?

— Não sei. Mas você deve saber.

— Não, não sei.

— Deve haver, em todo o caso, um país onde se possa viver.

De repente, Nadine explodiu em lágrimas, e ele a observou com estupor. As lágrimas de Paule eram naturais como a chuva. Mas ver Nadine chorar era quase tão incômodo como surpreender Dubreuilh a soluçar. Ele lhe passou o braço em volta dos ombros, atraiu-a para si.

— Não chore. Não chore. — Acariciava-lhe os ásperos cabelos. Por que não havia sabido fazê-la sorrir? Por que tinha ele o coração pesado? Nadine enxugou as lágrimas, assoou-se com ruído.

— Mas você, quando jovem, foi feliz? — perguntou ela.

— Sim, fui feliz.

— Veja você!

— Também você, um dia, será feliz.

Fora preciso abraçá-la ainda mais fortemente e dizer-lhe: “Eu a farei feliz.” Nesse instante, ele tinha vontade disso; a vontade momentânea de

comprometer toda a sua vida. Não disse nada, mas pensou bruscamente: “O passado não se recomeça; não se recomeçará o passado.”

* * *

— Vincent! — Nadine precipitou-se em direção à saída. Vestindo seu uniforme de correspondente de guerra, Vincent agitava a mão, sorrindo. Nadine escorregou sobre suas solas de crepe e firmou-se agarrada ao braço de Vincent: — Salve!

— Salve, os viajantes! — disse Vincent com alegria. Assobiou de admiração: — Como você está bem-vestida!

— Verdadeira dama, hein? — fez Nadine, rodopiando. Com seu casaco de pele, suas meias, seus escarpins, tinha um ar elegante, quase feminino.

— Dê-me isso! — disse Vincent, apoderando-se da grande sacola de marinheiro que Henri arrastava atrás de si: — É um cadáver?

— Cinquenta quilos de provisões! — disse Henri. — Nadine abastecerá a família; o problema é saber como levá-los até o cais Voltaire.

— Não haverá problema — proclamou Vincent, com triunfo.

— Você roubou algum jipe? — interrogou Nadine.

— Não roubei coisa alguma.

Atravessou decididamente o pátio de desembarque e parou diante de um pequeno carro preto.

— Não é bonito?

— É nosso? — perguntou Henri.

— Sim. Luc, afinal, deu um jeito. Que acha do carro?

— É pequeno — disse Nadine.

— Vai-nos prestar muito serviço — disse Henri, abrindo a portinhola. Mais ou menos, eles amontoaram as bagagens atrás.

— Você me levará para passear? — perguntou Nadine.

— Você está maluca? — disse Vincent. — É um instrumento de trabalho. Evidentemente, com toda essa sua carga a gente vai um pouco apertado — reconheceu ele; sentou-se ao volante e o carro se pôs em marcha, com solavancos dolorosos.

— Tem certeza de que sabe dirigir? — interrogou Nadine.

— Se você me tivesse visto, uma noite dessas, correr com um jipe, sem farol, por caminhos minados, não me insultaria gratuitamente. — Vincent encarou Henri: — Deixo Nadine e levo-o ao jornal?

— De acordo. E *L'Espoir*, como vai? Não vi um número sequer, naquele país horrível. Ainda aparece em formato de selo do correio?

— Ainda. Duas novas publicações foram autorizadas, mas não arranjam papel. Luc lhe contará tudo melhor que eu: estou chegando exatamente das fileiras.

— Mas a tiragem não baixou?

— Creio que não.

Henri tinha pressa de se ver novamente no jornal. Só que Paule havia, sem dúvida alguma, telefonado à estação: sabia que o trem não atrasara. Ela aguardava, os olhos voltados para o relógio, com os sentidos ligados em todos os barulhos. Apenas deixaram Nadine no elevador, em meio às suas bagagens, Henri disse:

— Pensando bem, vou passar antes por casa.

— Mas os companheiros o esperam — ponderou Vincent.

— Diga-lhes que daqui a uma hora estarei no jornal.

— Neste caso, deixo-lhe o Rolls — disse Vincent. Ele estacionou o carro em frente ao abrigo para cães e perguntou: — Tiro as malas?

— Somente a menor; obrigado.

Henri empurrou, com pesar, a porta, que se chocou ruidosamente contra uma lata de lixo. O cão da mulher da portaria começou a latir. Antes mesmo que Henri tivesse batido, Paule abriu:

— É você! É mesmo você! — Ela ficou um momento imóvel nos braços dele. Depois, recuando: — Você está com boa aparência, bronzeado! A volta não foi cansativa? — Sorria, mas havia um pequeno músculo que repuxava espasmodicamente, no canto de sua boca.

— De maneira alguma. — Ele pousou a maleta sobre o divã: — Para você.

— Como você é gentil!

— Abra-a.

Ela a abriu: meias de seda, sandálias de camurça, uma bolsa fina, tecidos, echarpes, luvas. Ele escolhera cada artigo com extremo cuidado. Decepcionou-se um pouco, pois ela olhava tudo sem tocar em nada, sem se inclinar, com um ar emocionado e vagamente indulgente.

— Você é tão gentil! — repetiu. Voltou vivamente o olhar para ele:

— Onde está sua maleta?

— Embaixo, no carro. Você talvez não saiba que *L'Espoir* comprou um carro: Vincent foi encontrar-me com ele — disse Henri, a voz animada.

— Vou telefonar à mulher da portaria para que mande subir sua mala — fez Paule.

— Não vale a pena — observou Henri, que, muito depressa, continuou: — Como passou o mês? Não fez muito mau tempo? Você saiu um pouco?

— Um pouco — disse ela, num tom evasivo. Seu rosto havia gelado.

— A quem viu? Que fez? Conte-me.

— Oh! Nada de interessante. Não falemos de mim. — Com vivacidade, sem pausa, mas a voz distraída, indagou:

— Sabe que seu livro está sendo um sucesso?

— Não sei de nada. Vai bem, verdade?

— Oh! Os críticos nada compreenderam, bem-entendido. Mas pressentiram uma obra-prima.

— Fico muito contente — disse ele, com um sorriso constrangido. Gostaria de poder fazer algumas perguntas, mas o vocabulário de Paule lhe era insuportável. Mudou de assunto: — Você tem visto os Dubreuilh? Que fim levaram?

— Apenas entrevi Anne; está com muito trabalho.

Ela respondia por responder; e ele tão impaciente de retomar contato com a vida! Perguntou:

— Não guardou os números de *L'Espoir*?

— Não os li.

— Não?

— Não havia nada seu e eu tinha outras coisas em que pensar. — Ela lhe procurou o olhar e seu rosto se reanimou: — Pensei muito durante este mês, compreendi muitas coisas. Lamento a cena que fiz com você, antes de sua partida. Lamento-a sinceramente.

— Oh! Não falemos nisso! — disse ele. — Antes de mais nada, você não me fez cena alguma.

— Fiz! — disse ela — e repito-lhe que lamento. Veja: sei há muito que uma mulher não pode ser tudo para um homem como você; nem mesmo todas as mulheres; mas eu verdadeiramente não o aceitava. Agora estou pronta a amá-lo com total generosidade; por você, não por mim. Tem sua missão, e esta importa, acima de tudo.

— Que missão?

Ela foi capaz de um sorriso.

— Constatei que muitas vezes me foi preciso ser-lhe assaz pesada; compreendo que você tenha querido recuperar um pouco de solidão. Mas pode ficar certo: a solidão, a liberdade, prometo-lhe isso. — Olhou Henri com intensidade. — Você é livre, meu amor, saiba-o bem; aliás, acaba de me provar, não?

— Sim — disse ele, que acrescentou fracamente: — Mas expliquei-lhe...

— Eu me lembro. Afirmo-lhe, porém, que, dada a mudança que se operou em mim, você não tem mais razão alguma para instalar-se no hotel. Ouça, você quer independência, aventuras; mas também não quer a mim?

— Certamente.

— Então fique aqui; não se arrependerá, juro-lhe. Verá a mudança que houve em mim e como, daqui por diante, lhe serei leve. — Levantou-se, estendeu a mão ao fone: — O sobrinho da mulher da portaria vai subir com sua mala.

Henri também se levantou e andou na direção da escada interna. “Mais tarde...”, disse a si mesmo. Não podia recomeçar a torturá-la, desde os primeiros minutos:

— Vou me limpar um pouco — disse. — Esperam-me no jornal. Vim somente para abraçá-la.

— Compreendo muito bem — disse Paule, ternamente.

“Ela vai aplicar-se em provar-me que sou livre”, pensou ele sem benevolência, tomando lugar no pequeno carro preto. “Oh! Mas isso não vai durar, não ficarei muito tempo em sua companhia”, prometeu a si mesmo, com rancor; e decidiu: “A partir de amanhã, vou tentar acertar isso.” Por enquanto, não queria mais pensar nela; estava tão contente de se rever em Paris! Nas ruas, o tempo estava encoberto, muitos tiveram frio e fome este inverno, mas, afinal, todos calçavam sapatos. Além disso, era possível falar-lhes, falar por eles. Em Portugal, o mais deprimente era que a gente se sentia testemunha totalmente inútil do infortúnio alheio. Ao descer do carro, olhou com ternura a fachada do prédio. Como teria ido *L’Espoir*? Seria verdade que seu romance tinha êxito? Subiu com vivacidade a escada e imediatamente se fez ouvir um clamor. Uma bandeirola barrava o teto do corredor: boas-vindas ao viajante. De pé contra as paredes, a turma abria alas; à guisa de espadas, brandiam suas

canetas-tinteiro e cantavam uma letra ininteligível, na qual Salazar rimava com sujo azar. Só faltava Lambert. Por quê?

— Todos ao bar! — gritou Luc. Pousou pesadamente a mão sobre o ombro de Henri: — Estava bom?

— Você está horrivelmente bronzeado!

— Olhe esses sapatos!

— Você nos traz uma reportagem?

— Viu a camisa?

Apalpavam o terno, a gravata, maravilhavam-se, faziam perguntas atrás de perguntas, enquanto o homem do bar enchia os copos. Ele também interrogava. A tiragem do jornal baixara um pouco, mas iria aparecer de novo em formato grande, e tudo ficaria restabelecido. Houve uma história com a censura: nada de grave. Todo o mundo falava bem de seu livro. Era de enlouquecer a correspondência que ele tinha recebido. Acharia em sua mesa toda a coleção de *L'Espoir*. Talvez se pudesse obter, com jeito, um suplemento de papel por intermédio de Preston, o americano, o que permitiria o aparecimento de uma revista aos domingos. Havia muitas outras coisas a discutir. Ele se sentia um pouco embotado, devido a três noites maldormidas, a esse barulho, a essas vozes, a esses risos, a esses problemas; embotado e feliz. Que ideia, essa, de ir procurar em Portugal um passado morto e enterrado, quando o presente se apresentava tão alegremente vigoroso!

— Estou singularmente satisfeito de ter voltado! — disse ele impetuosamente.

— Não estamos menos satisfeitos de revê-lo! — aparteou Luc, acrescentando: — Começávamos mesmo a ter necessidade de você; vai precisar trabalhar, previno-o.

— Assim o espero.

As máquinas de escrever retiniam; todos se dispersaram pelos corredores, escorregando e rindo: como eles pareciam jovens, ao se deixar um país onde todo o mundo tinha uma idade indefinida! Henri empurrou a porta de seu escritório e sentou-se na poltrona com uma satisfação de velho burocrata. Desdobrou diante de si os últimos números do *L'Espoir*; as colaborações habituais, uma boa paginação... Não se perdia uma polegada de papel. Ele saltou um mês atrás, e pôs-se a percorrer os números, um após outro. Não havia feito falta, e era isso que provava o seu

triunfo: *L'Espoir* não era apenas uma aventura de guerra, mas um empreendimento bem sólido; ótimos os artigos de Vincent sobre a Holanda e mais ainda os de Lambert sobre os campos. Realmente, souberam achar o tom: nada de bobagens, de mentiras, de lenga-lenga. *L'Espoir* sensibilizava os intelectuais pela sua probidade, e prendia a massa por ser um jornal extraordinariamente vivo. Um só ponto fraco: os artigos de Sézenac eram lamentáveis.

— Posso entrar?

Lambert sorria timidamente à porta.

— Como não? Onde você se anda escondendo? Poderia muito bem ter vindo à estação, vil desertor de amizades.

— Pensei que não houvesse lugar para quatro — disse Lambert, constrangido —; e a festinha deles... — acrescentou, com uma careta. Ele se interrompeu: — Não o atrapalho, agora?

— Não, absolutamente. Sente-se.

— Foi boa a viagem? — Lambert encolheu os ombros: — Decerto lhe perguntaram isso umas vinte vezes.

— Bem e mal; um bonito cenário e sete milhões de mortos de fome.

— Eles têm bons tecidos — disse Lambert, examinando Henri com aprovação. Sorriu: — Estão na moda, lá, sapatos cor de laranja?

— Laranja ou limão; mas o couro é bom. Para os ricos há de tudo, e é o mais lastimável. Conto-lhe as coisas, mas antes me dê notícias daqui. Acabo de ler seus artigos: estão bons, sabe?

— Parecem uma redação de francês — declarou ironicamente Lambert. — “Descreva suas impressões de visita a um campo de deportados”; creio que fomos mais de vinte a tratar deste assunto. — Seu rosto iluminou-se: — Você sabe o que está extraordinariamente bom? Seu livro. Eu estava cansado, tinha rodado uma noite e um dia sem pregar o olho, quando comecei a lê-lo. E o li de um só fôlego; não pude dormir antes de chegar ao fim.

— Você me alegra! — exclamou Henri.

São embaraçantes os cumprimentos. Todavia, Lambert verdadeiramente o alegrou, porque foi assim, com efeito, que ele sonhou ser lido: no decorrer de uma noite, por um jovem impaciente. Só por isso valia a pena escrever: principalmente por isso.

— Pensei que gostaria de ler as críticas — disse Lambert, atirando sobre a mesa um grande envelope amarelo: — Eu também participei, com a minha opiniãozinha.

— Claro que gostaria; obrigado — disse Henri.

Lambert olhou para ele um pouco ansioso.

— Escreveu lá?

— Uma reportagem.

— Mas agora você não vai dar-nos outro romance?

— Hei de dedicar-me a isso, assim que tiver tempo.

— Ache tempo — disse Lambert. — Pensei, durante sua ausência... — Enrubesceu: — Você precisa defender-se.

— Contra quem? — perguntou Henri, sorrindo.

De novo Lambert hesitou:

— Parece que Dubreuilh o espera com impaciência. Não se deixe levar pelas coisas dele...

— Já me deixei levar mais ou menos.

— Pois bem, trate de cair fora.

— Não. Não é possível, hoje, permanecer apolítico — disse Henri sorrindo.

O semblante de Lambert se fechou.

— Ah! Então você me censura?

— De jeito algum. Quero dizer que para mim não é mais possível. Não temos a mesma idade.

— Que tem isso a ver com a idade? — perguntou Lambert.

— Saberá. A gente passa a compreender as coisas, muda. — Ele sorriu: — Prometo-lhe que acharei tempo para escrever.

— É necessário.

— Mas, diga-me, você que doutrina tão bem: onde estão aquelas novelas que me havia anunciado?

— Não valem nada — respondeu Lambert.

— Traga-as para mim, depois iremos jantar juntos, uma noite destas, e lhe falarei a respeito.

— Combinado — disse Lambert. Levantou-se. — Suponho que não quererá recebê-la, mas a pequena Marie-Ange Bizet deseja de qualquer maneira entrevistá-lo; está esperando há duas horas: que devo dizer-lhe?

— Que nunca dou entrevista e tenho muito o que fazer.

Lambert fechou a porta atrás de si e Henri esvaziou sobre a mesa o envelope amarelo. Numa pasta recheada a secretária escrevera: *Romance-originais*. Ele hesitou um segundo. Escrevera esse romance durante a guerra, sem pensar no destino que o aguardava; nem mesmo tinha a certeza de que o aguardasse algum destino: e agora o livro estava publicado, muitos o haviam lido. Henri estava julgado, discutido, classificado, assim como muitas vezes julgou e discutiu os outros. Espalhou os recortes e pôs-se a percorrê-los. Paule dizia: “Um sucesso!”, e ele pensara que ela estava exagerando. Mas o fato é que os críticos também empregavam grandes termos. Lambert era evidentemente parcial. Lachaume também; todos esses jovens críticos recém-aparecidos demonstravam decidida benevolência para com os escritores da Resistência; mas as calorosas cartas enviadas por amigos e desconhecidos confirmavam o veredicto da imprensa. Verdadeiramente, mesmo sem se exaltar, tinha ele do que estar contente: essas páginas, escritas com emoção, emocionaram. Henri espreguiçou-se com prazer. Algo um tanto milagroso acabava de acontecer. Dois anos antes, espessas cortinas velavam as vidraças caídas de azul, ele se achava separado da cidade às escuras e de toda a terra, sua caneta-tinteiro hesitava sobre o papel: hoje, esses rumores incertos em sua garganta tinham-se tornado no mundo uma voz vigorosa, os movimentos secretos de seu coração haviam-se transformado em verdade para outros corações. “Eu deveria tê-lo explicado a Nadine”, dizia ele a si mesmo. “Se os outros não contam, escrever não tem sentido. Se contam, é extraordinário suscitar-lhes, por palavras, a amizade, a confiança; é extraordinário ouvir ressoar neles os próprios pensamentos.” Ergueu os olhos: a porta se abria.

— Esperei duas horas — disse uma voz queixosa —; você bem pode conceder-me um quarto de hora. — Marie-Ange se plantou diante de sua mesa. — É para *Lendemain*, qualquer coisa grande de primeira página, com foto.

— Ouça, nunca dou entrevista.

— Justamente; assim, a minha valerá ouro.

Henri abanou a cabeça e ela recomeçou indignada:

— Vai querer arruinar minha carreira por uma questão de princípio?

Ele sorriu. Para ela, um quarto de hora de conversa significava tanto! Para ele, tão pouco! Na verdade, estava inclusive com disposição para

falar de si. Entre as pessoas que apreciavam seu livro, haveria, certamente, quem desejasse conhecer melhor o autor; e ele tinha vontade de prestar informações às que sentissem tal curiosidade. Para conquistar-lhes de fato a simpatia.

— De acordo — aquiesceu. — Que quer que eu lhe diga?

— Bem, para começar: quais são suas origens?

— Meu pai era farmacêutico em Tulle.

— Depois? — perguntou ela.

Henri hesitou. Não era conveniente pôr-se, sem precaução, a falar de si.

— Continue — disse Marie-Ange. — Conte-me uma ou duas recordações de infância.

Recordações, ele as tinha, como todo o mundo, mas não lhe pareciam nada importantes: salvo aquele jantar, na sala Henrique II, durante o qual ele se havia libertado do medo.

— Bom, vamos a uma — disse ele. — É um quase nada, mas para mim foi o começo de muitas coisas.

Marie-Ange olhou-o de um modo encorajador, o lápis parado sobre o seu bloco de apontamentos, e ele continuou:

— O principal assunto de conversa de meus pais eram as catástrofes que ameaçavam o mundo: o perigo vermelho, o perigo amarelo, a barbárie, a decadência, a revolução, o bolchevismo; eu via isso como horríveis monstros, que iriam devorar a humanidade. Naquela noite, meu pai, como de costume, profetizava: a revolução era iminente, a civilização sucumbia, e minha mãe opinava com um ar terrificado. Bruscamente, pensei: “Mas, de qualquer modo, os vencedores serão homens.” Talvez não sejam essas, exatamente, as palavras em que pensei; mas o sentido era esse. — Henri sorriu: — O efeito foi milagroso. Os monstros desapareceram: estávamos sobre a terra, entre criaturas humanas, entre nós.

— E então? — perguntou Marie-Ange.

— Então, a partir desse dia eu caço os monstros.

Marie-Ange olhou para Henri de maneira perplexa:

— Mas como acaba sua história?

— Que história?

— Essa que você começou — disse ela, com impaciência.

— Não tem outro modo de acabar, está acabada — disse Henri.

— Ah! — exclamou Marie-Ange. E acrescentou, com lamentação: — Gostaria de alguma coisa de pitoresco!

— Oh! Minha infância nada teve de pitoresco — disse Henri. — A farmácia me enfadava, e aborrecia-me viver numa província. Felizmente, tinha em Paris um tio que me arranhou lugar no *Vendredi*.

Interrompeu-se. Sobre seus primeiros anos em Paris, via uma porção de coisas para dizer, porém não sabia escolher entre elas.

— *Vendredi* era um jornal de esquerda — interveio Marie-Ange. — Você já tinha ideias esquerdistas?

— Tinha sobretudo horror a todas as ideias direitistas.

— Por quê?

Henri refletiu.

— Eu era ambicioso, quando tinha vinte anos; justamente por esse motivo, eu era democrata. Queria ser o primeiro; mas o primeiro entre iguais. Se a corrida fosse trapaceada logo na saída, a aposta perdia todo o valor.

Marie-Ange rascunhava em seu caderno. Não parecia inteligente. Henri procurou empregar termos fáceis. “Entre um chimpanzé e o último dos homens há muito mais diferença do que entre este e Einstein! Uma consciência que dá testemunho de si mesma é um absoluto...” Ele ia abrir a boca, mas Marie-Ange tomou-lhe a dianteira:

— Fale-me de seu começo.

— Que começo?

— Seu começo na literatura.

— Sempre escrevi um pouco.

— Que idade tinha quando publicou *La Mésaventure*?

— Vinte e cinco anos.

— Foi Dubreuilh quem o lançou?

— Ele me ajudou muito.

— Como o conheceu?

— Mandaram-me entrevistá-lo: foi ele quem me fez falar; disse-me que voltasse a vê-lo e eu voltei...

— Dê-me detalhes — pediu Marie-Ange, com voz queixosa. — Você relata muito mal. — Olhou-o nos olhos. — De que falam, quando estão juntos?

Ele encolheu os ombros.

— De tudo e de nada, como todo mundo.

— Ele o encorajou a escrever?

— Sim. E, quando cheguei ao fim de *La Mésaventure*, ele o deu a Mauvanes, que logo ficou com o livro...

— Você alcançou êxito?

— Sim, relativamente, sem suscitar grandes entusiasmos. Você sabe, é engraçado...

— Sim, fale-me de alguma coisa engraçada — disse ela, animando-o.

Henri hesitou:

— Engraçado como se começa com grandes sonhos de glória; depois, ao primeiro triunfozinho, fica-se todo contente...

Marie-Ange suspirou:

— Tenho os nomes e as datas de seus outros livros. Você foi recrutado?

— Na infantaria, como segunda classe. Nunca quis ser oficial. Ferido no dia 9 de maio, em Mont Dieu, perto de Vouziers, evacuado para Montélimar, voltei a Paris em setembro.

— Que é que você fez, exatamente, na Resistência?

— Luc e eu fundamos *L'Espoir*, em 1941.

— Mas você teve outras atividades?

— Não interessam; vamos para diante.

— Que seja. Seu último livro? Quando, exatamente, o escreveu?

— Entre 1941 e 1943.

— Começou outra coisa?

— Não, mas vou começar.

— O quê? Um romance?

— Um romance. Mas ainda é coisa muito vaga.

— Ouvi falar de uma revista.

— Sim, ocupar-me-ei, com Dubreuilh, de uma revista mensal, que será lançada por Mauvanes e que se chamará *Vigilance*.

— Que vem a ser esse partido político que Dubreuilh está criando?

— Demoraria demais explicar-lhe.

— Mas então?

— Pergunte a ele.

— Não se pode chegar a ele. — Marie-Ange suspirou: — Vocês são esquisitos. Eu, se fosse célebre, me faria entrevistar o tempo todo.

— Neste caso, você não teria tempo para nada e não seria, absolutamente, célebre. E, agora, vai ser muito gentil e deixar-me trabalhar.

— Mas tenho ainda uma porção de perguntas: que impressões trouxe de Portugal?

Henri levantou os ombros.

— É lamentável.

— Por quê?

— Por tudo.

— Explique-se um pouco. Não posso dizer simplesmente aos meus leitores: é lamentável.

— Está bem. Diga-lhes que o paternalismo de Salazar é uma ditadura abjeta e que os americanos deveriam apressar-se em acabar com ele — declarou Henri, rapidamente. — Mas isto não será, infelizmente, para tão logo: Salazar vai vender-lhes bases aéreas nos Açores. — Marie-Ange franziu as sobrancelhas e Henri acrescentou: — Se isso a constrange, não o mencione. Tratarei do caso em *L'Espoir*.

— Como não o mencionarei! — Marie-Ange olhou para Henri profundamente: — Que razões íntimas o levaram a fazer a viagem?

— Escute! Para se sair bem no seu ofício, você não é obrigada a fazer perguntas idiotas. Repito-lhe que basta: Vá-se embora, gentilmente.

— Queria obter anedotas.

— Não as tenho.

Marie-Ange afastou-se com passos miúdos. Henri sentiu-se um pouco decepcionado: ela não lhe fizera as perguntas que deveria ter feito; ele não dissera nada do que tinha a dizer. Afinal, que tinha ele, exatamente, a dizer? “Gostaria de que meus leitores soubessem quem sou eu, mas eu mesmo ainda não estou bem-informado a meu respeito.” Enfim, daqui a alguns dias, iria dedicar-se ao seu livro e procuraria definir-se metodicamente.

Henri recomeçou a abrir sua correspondência; quantos telegramas e recortes de jornais a examinar, quantas cartas a escrever, quantas pessoas a encontrar! Luc o havia prevenido; teria o que fazer. Passou os dias que se seguiram abrigado em seu escritório; só voltava à casa de Paule para dormir, quando achava tempo de redigir sua reportagem, que os tipógrafos lhe vinham arrancar, folha por folha. Depois destas férias demasiadamente

longas, o excesso de atividade lhe dava prazer. Reconheceu, sem entusiasmo, a voz de Scriassine ao telefone:

— Diga-me então, seu traidor, faz quatro dias que chegou e a gente ainda não o viu. Venha já ao Isba, à rua Balzac.

— Sinto muito, mas tenho o que fazer.

— Não sinta nada, venha; está sendo esperado para tomar o champanhe da amizade.

— Quem me espera? — perguntou Henri, alegremente.

— Eu, entre outros — respondeu a voz de Dubreuilh —; e Anne e Julien. Tenho um monte de assuntos para tratar com você. Que é que você está fazendo? Não pode sair de seu buraco por uma ou duas horas?

— Pretendia passar na sua casa amanhã — disse Henri.

— Passe então no Isba, agora.

— De acordo, estou indo.

Henri pôs o fone no gancho e sorriu; bem que estava desejoso de rever Dubreuilh. Tirou novamente o fone do gancho e ligou para Paule:

— Sou eu. Os Dubreuilh e Scriassine nos esperam no Isba. É no Isba, sim; não sei mais do que você. Passo com o carro para pegá-la.

Meia hora mais tarde, ele descia com Paule por uma escada ladeada de cossacos enfeitados. Ela usava um vestido comprido, novo, e, pensando bem, o verde não lhe usava muito bem.

— Que lugar esquisito! — exclamou ela.

— Com Scriassine, deve-se esperar tudo.

Fora, a noite estava tão deserta, tão muda, que o luxo do Isba parecia inquietante; dir-se-á a antecâmara perversa de uma sala de torturas. As paredes acolchoadas estavam borradas de sangue, sangue escorria das pregas das cortinas, e as camisas dos músicos ciganos tinham reflexos vermelhos, brilhantes.

— Ah! Ei-los! Escaparam deles? — perguntou Anne.

— Parecem estar sãos e salvos — disse Julien.

— Acabamos de ser atacados por jornalistas — disse Dubreuilh.

— Por jornalistas armados de máquinas fotográficas — acrescentou Anne.

— Dubreuilh foi formidável — informou Julien, com voz entusiasmada e gaguejante. — Ele disse... Já não sei o que disse, mas foi muito bem-dito. Um pouco mais e acabava com eles...

Todos falavam ao mesmo tempo, exceto Scriassine, que sorria, um tanto superiormente.

— Acreditei de fato que Robert iria dar uns murros — disse Anne.

— Disse: “*Nós não somos macacos sábios*” — lembrou Julien, com um ar iluminado.

— Sempre considereí meu rosto como propriedade pessoal — disse Dubreuilh, com dignidade.

— O que há — retomou Anne — é que, para pessoas como você, a nudez começa no rosto; mostrar o nariz ou os olhos já é exibicionismo.

— Não se fotografam os exibicionistas — disse Dubreuilh.

— É um erro — disse Julien.

— Beba — disse Henri, estendendo um copo de vodca a Paule. — Beba, estamos muito atrasados. — Ele esvaziou o copo e perguntou: — Mas como é que souberam que vocês estavam aqui?

— É verdade — disseram, olhando um para o outro com surpresa. — Como?

— Suponho que o *mâitre d’hotel* tenha telefonado — disse Scriassine.

— Mas ele não nos conhece — lembrou Anne.

— Ele me conhece — confessou Scriassine, que mordiscou o lábio inferior com ar confuso de quem cometeu um erro. — Eu queria que ele os tratasse à altura. Então lhe disse quem eram vocês.

— Bem. Você parece ter dado um belo golpe — disse Henri. A vaidade pueril de Scriassine sempre o surpreendia.

Dubreuilh gargalhou.

— Ele mesmo nos denunciou! Ninguém imaginaria isso. — Virou-se com vivacidade para Henri: — Então, a viagem? No que diz respeito a férias, parece que você passou seu tempo em conferências e pesquisas.

— Oh! Assim mesmo tive oportunidade de passear — disse Henri.

— Sua reportagem dá mais vontade de ir passear em outra parte: triste país!

— Triste, mas bonito — respondeu Henri, alegremente. — É, sobretudo, triste para os portugueses.

— Não sei se você o fez de propósito — disse Dubreuilh —, mas, quando conta que o mar era azul, o azul torna-se uma cor sinistra.

— Assim era algumas vezes, nem sempre. — Henri sorriu: — Você sabe como é, quando se escreve.

— Sim — disse Julien. — É preciso mentir, para não ser verdadeiro.

— Em todo o caso, estou contente com a minha volta — declarou Henri.

— E não está com pressa de rever seus amigos?

— Sim, estava com muita pressa. Todas as manhãs me dizia que iria dar um pulo em sua casa e, depois, de repente, já era mais de meia-noite.

— Sim — resmungou Dubreuilh —, está bem. Dê um jeito, amanhã, de vigiar melhor o seu relógio; preciso pô-lo a par de uma porção de coisas.

— Sorriu. — Creio que estamos dando uma boa saída.

— Você começou a recrutar? Samazelle decidiu-se? — perguntou Henri.

— Ele não topa tudo, mas chegaremos a um acordo — disse Dubreuilh.

— Nada de conversas sérias esta noite — interveio Scriassine. Fez sinal a um *mâitre d'hotel*, que usava um arrogante monóculo: — Dois Mumm secos.

— Isso é absolutamente necessário? — perguntou Henri.

— Ele... As ordens são estas. — Scriassine seguiu o *mâitre* com os olhos: — Estranhamente, veio para cá depois de 1939; é um antigo coronel.

— Você é frequentador assíduo desta pocilga? — interrogou Henri.

— Cada vez que me dá vontade de partir o coração, venho escutar esta música.

— Existem tantos meios menos dispendiosos! — disse Julien. — Aliás, todos os corações estão em pedaços há tempos — concluiu vagamente.

— Meu coração só se parte com o jazz — disse Henri —; esses seus ciganos partem-me, sobretudo, os pés.

— Oh! — exclamou Anne.

— O jazz! — repetiu Scriassine. — Escrevi páginas definitivas a respeito, em *Les Fils d'Abel*.

— Você acredita que se escreva um dia algo de definitivo? — perguntou Paule, com voz altiva.

— Não discuto, vocês vão ler — respondeu Scriassine. — A edição francesa sairá brevemente. — Ele levantou os ombros: — Cinco mil exemplares! Irrisório! Para livros de valor, deveriam existir medidas excepcionais. Qual foi a sua tiragem?

— Bem, cinco mil — disse Henri.

— Absurdo. Afinal, você escreveu o livro da ocupação. De um livro semelhante deveriam ser tirados cem mil exemplares.

— Vá falar com o ministro da Informação — disse Henri. O entusiasmo arrogante de Scriassine o havia aborrecido; entre amigos, a gente evita falar dos seus próprios livros; isso embaraça a todo mundo e não diverte a ninguém.

— Vamos lançar uma revista no próximo mês — disse Dubreuilh. — Para obtermos papel, juro-lhes, foi um problema!

— É que o ministro não conhece o próprio ofício — disse Scriassine. — Eu conseguiria papel para ele.

Quando Scriassine se punha, com entonação didática, a atacar um problema técnico, era inexaurível. Enquanto ele inundava complacentemente a França de papel, Anne disse em voz baixa: — Sabe, creio que, nesses vinte anos, nenhum livro me sensibilizou tanto quanto o seu romance; é um livro... justamente aquilo que se desejaria ler depois destes quatro anos. Comoveu-me tanto que, por diversas vezes, tive que fechá-lo e sair a passear pelas ruas, para me acalmar! — Ela corou bruscamente. — A gente se sente imbecil, quando diz estas coisas, mas também é tolice não dizê-las; não pode fazer mal...

— Isso dá mesmo prazer — disse Henri.

— Você sensibilizou muita gente — disse Anne —; todos aqueles que não têm vontade de esquecer — acrescentou, com uma espécie de paixão. Ele lhe sorriu com simpatia. Esta noite ela usava um vestido de tecido escocês que a remoçava, estava bem-maquilada; em certo sentido, tinha o ar muito mais jovem do que Nadine. Esta nunca enrubescia.

Scriassine fez-se ouvir:

— Esta revista pode ser um instrumento de cultura e de ação realmente considerável, com a condição, porém, de não expressar somente as tendências de uma meia dúzia de pessoas. Calculo que um homem como Louis Volange deva fazer parte de sua equipe.

— Nada disso — contraveio Dubreuilh.

— Um erro de intelectual não é tão grave — disse Scriassine. — Qual o intelectual que não se enganou jamais? — Acrescentou, com voz sombria: — Será preciso suportar durante toda a vida o peso dos próprios erros?

— Ser membro do partido na URSS, em 1930, não era um erro — disse Dubreuilh.

— Não ter o direito de se enganar seria um crime.

— Não se trata de uma questão de direito — contrariou Dubreuilh.

— Como vocês ousam colocar-se como juízes? — indagou Scriassine, sem ouvi-lo. — Conhecem as razões de Volange, suas justificativas? Estão seguros de que todos os que têm ingresso na sua equipe valem mais do que ele?

— Não julgamos — disse Henri. — Tomamos partido, o que é muito diferente.

Volange fora bastante esperto para não se comprometer seriamente. Entretanto, Henri jurara nunca mais apertar-lhe a mão. Aliás, não ficou muito surpreso ao ler os artigos que Louis escrevera, em zona livre: desde que haviam deixado o liceu, a amizade se transformara em inimizade quase declarada.

Scriassine levantou os ombros com ar abusado e fez sinal ao empregado.

— Mais uma garrafa! — De novo examinou furtivamente o velho imigrado: — Não o impressiona esta cara? As bolsas sob os olhos, a prega da boca, todos os sintomas da decadência... Antes da guerra ainda havia soberba nesse rosto; mas estão a corroê-los, aos de sua casta, a falta de energia, a devassidão, a traição.

Fixou um olhar fascinado sobre o homem e Henri pensou: “É o escravo dele.” Também ele tinha fugido de seu país e lá o chamavam de traidor; era, sem dúvida, o que explicava a sua vaidade: não tinha outra pátria, nem outra testemunha, senão ele mesmo; era-lhe preciso, então, assegurar-se de que, em alguma parte do mundo, seu nome significava alguma coisa.

— Anne! — exclamou Paule. — Que horror!

Anne passava seu copo de vodka para um cálice de champanhe:

— Isto anima o champanhe — explicou. — Experimente também, é muito bom.

Paule meneou a cabeça.

— Por que você não bebe nada? — perguntou Anne. — Fica-se mais alegre, quando se bebe.

— Beber me embriaga — disse Paule.

Julien começou a rir.

— Vocês me fazem pensar naquela moça, encantadora, que encontrei à porta de um hotelzinho da rua Montparnasse, que me dizia: “Oh! A mim o viver me mata...”

— Ela não disse isso — desmentiu Anne.

— Teria podido dizê-lo.

— Aliás, tinha razão — continuou Anne, com voz sentenciosa de pessoa embriagada: — Viver é morrer um pouco...

— Calem-se, meu Deus! — disse Scriassine. — Se não querem escutar, deixem pelo menos que eu o faça!

A orquestra começava a atacar, com arrebatamento, *Les Yeux Noirs*.

— Deixemo-lo que parta o coração — disse Anne.

— Sobre os despedaçados, de coração partido... — murmurou Julien.

— Mas calem-se!

Calaram-se. Scriassine, os olhos fixos nos dedos dançantes dos violinistas, ouvia, perdidamente, trechos que lhe traziam recordações antigas. Achava que impor seus caprichos era marca de virilidade. Cedia-se a eles, entretanto, como se cede a uma mulher nervosa, e esta docilidade deveria ser-lhe suspeita: talvez fosse. Henri sorriu ao olhar Dubreuilh, que tamborilava sobre a mesa; sua cortesia tinha ares de coisa infinita, quando não era posta à prova por muito tempo: notavam-se-lhe logo os limites. Henri tinha muita vontade de conversar tranquilamente com ele, mas não estava impaciente. Não gostava de champanhe, nem da música cigana, nem daquele falso luxo, o que não impedia que fosse uma festa o achar-se sentado num lugar público, às duas horas da manhã. Pensou: “Estamos de novo na pátria.” Anne, Paule, Julien, Scriassine, Dubreuilh: “meus amigos”; esta palavra crepitou-lhe no coração com a vivacidade de uma velinha de Natal.

Enquanto Scriassine aplaudia furiosamente, Julien puxou Paule até a pista. Dubreuilh voltou-se para Henri:

— Todos aqueles tipos que você conheceu lá esperam uma revolução?

— Esperam. Infelizmente Salazar não cairá antes da liquidação de Franco, e a este respeito os americanos não parecem apressados.

Scriassine encolheu os ombros:

— Compreendo que eles não tenham vontade de criar bases comunistas no Mediterrâneo.

— Por medo do comunismo, você iria ao ponto de apoiar Franco? — perguntou Henri, com incredulidade na voz.

— Receio que você não compreenda bem a situação — disse Scriassine.

— Sossegue — interveio vivamente Dubreuilh. — Compreendemo-la muito bem.

Scriassine abriu a boca, mas Dubreuilh o deteve, rindo:

— Sim, você enxerga longe: mas não é, em todo caso, um Nostradamus. Para dizer o que se passará daqui a cinquenta anos, você não tem mais luzes do que nós. O que é certo é que, por enquanto, o perigo stalinista não passa de uma invenção americana.

Scriassine olhou Dubreuilh com um ar suspeito:

— Você fala exatamente como um comunista.

— Ah! Perdão! Um comunista não diria alto o que acabo de dizer — revidou Dubreuilh. — Quando se ataca a América, é-se acusado de fazer o jogo de espionagem.

— As instruções mudarão logo — disse Scriassine. — Você está adiantado de algumas semanas, é tudo. — Franziu as sobrancelhas: — Perguntam-me muitas vezes os pontos em que você difere dos comunistas, e confesso que sinto dificuldade em responder.

— Não responda. — Dubreuilh se pôs a rir.

— Que coisa! — disse Henri. — Supunha que estavam proibidas as conversas sérias.

Com um irritado erguer de ombros, Scriassine demonstrou que a vez da frivolidade já havia passado:

— É a maneira de fugir ao assunto? — perguntou, fixando em Dubreuilh um olhar de acusação.

— Não, não sou comunista, você bem o sabe — disse Dubreuilh.

— Eu mal o sei. — O semblante de Scriassine alterou-se. E ele sorriu, com o seu modo mais sedutor: — Em verdade, gostaria de conhecer seu ponto de vista.

— Acho que, neste momento, os comunistas estão tomando um bonde errado — disse Dubreuilh. — Sei bem por que sustentam Ialta: querem dar à URSS o tempo de se refazer. Mas o resultado é que o mundo vai se ver de novo dividido em dois blocos, que terão todas as razões para brigar.

— É tudo o que você tem para censurá-los? Um erro de cálculo? — perguntou Scriassine, com severidade.

— Censuro-os por não enxergarem além da ponta do nariz. — Dubreuilh continuou, com desdém: — É muito bonito falar em reconstrução; não, porém, em reconstrução a qualquer preço. Eles aceitam a ajuda americana. Qualquer dia, vão-se arrepender; pouco a pouco, a França necessariamente cairá sob a dependência da América.

Scriassine esvaziou sua taça de champanhe e a recolocou sobre a mesa, com brutalidade:

— Aí está uma previsão muito otimista! — Continuou, com voz séria: — Não gosto da América; não creio na civilização atlântica. Mas desejo a hegemonia americana, porque o problema de nossos dias é o problema da falta de abundância. E somente a América pode nos dá-la.

— Abundância? Para quem? A que preço? — perguntou Dubreuilh, que, indignado, acrescentou: — Bonito o dia em que viermos a ser colonizados pela América!

— Prefere que sejamos anexados pela URSS? — indagou Scriassine. Com um gesto, deteve Dubreuilh: — Sei que você sonha com uma Europa unida, autônoma, socialista. Mas se ela recusar a proteção dos Estados Unidos, cairá fatalmente nas mãos de Stalin.

Dubreuilh fez um gesto desdenhoso.

— A URSS não quer, absolutamente, anexar nada.

— De qualquer forma, essa Europa não será construída — disse Scriassine.

— É você quem o diz! — disse Dubreuilh. Mas continuou com animação: — Em todo caso, aqui, na França, temos um objetivo bem-determinado: é realizar um autêntico governo de frente popular; para tanto, necessitamos de uma esquerda não comunista, que aguentue firme. — Voltou-se para Henri: — Não se deve mais perder tempo. Neste momento, todos têm a impressão de que o futuro é acessível: não esperemos que cheguem a desencorajar-se.

Scriassine engoliu um copo de vodca e abismou-se na contemplação do *mâitre d'hôtel*; renunciava a falar racionalmente com loucos.

— Você dizia que estava bem-encaminhado? — perguntou Henri.

— Está bem-encaminhado; mas deve-se continuar, agora. Gostaria que encontrasse Samazelle, o mais cedo possível. E sábado haverá reunião do comitê. Conto com você.

— Deixe-me respirar — disse Henri. Olhou Dubreuilh com alguma inquietação. Não era fácil defender-se contra aquele belo sorriso exigente.

— Adiei a discussão para que você pudesse comparecer — asseverou Dubreuilh, com certa censura.

— Não devia tê-lo feito. Garanto que superestima a minha competência.

— E você, a sua incompetência! — acrescentou Dubreuilh, que olhou Henri, severamente: — Você fez um exame completo da situação durante estes quatro dias; ela evoluiu muito! Decerto se convenceu de que a neutralidade não é mais possível.

— Mas nunca fui neutro! — declarou Henri. — Sempre concordei em marchar com o SRL.

— Falemos sobre isso: seu nome e alguns atos de presença, eis tudo o que me prometeu.

— Não se esqueça de que tenho um jornal a meu cargo — disse vivamente Henri.

— Exatamente. Em seu jornal, sobretudo, é que eu pensava: ele não pode continuar neutro.

— Mas não é! — exclamou Henri, surpreso.

— Que está faltando a você? — Dubreuilh encolheu os ombros: — Ser do lado da Resistência não constitui mais um programa.

— Não tenho programa — disse Henri. — Mas, sempre que se apresenta a ocasião, *L'Espoir* toma partido.

— Não, não toma partido; assim como os outros jornais, aliás. Vocês brigam por bobagens, mas todos se entendem quando se trata de cansar o adversário, antes de lhe dar o golpe decisivo. — A voz de Dubreuilh estava repleta de cólera: — Do *Figaro* a *L'Humanité*, vocês todos são mistificadores; dizem sim a De Gaulle, sim a Itália, a tudo; aparentam acreditar que ainda existe uma Resistência e que caminhamos para o socialismo: um que tem dito tolices nos últimos editoriais é seu amigo Luc. Sinceramente, não saímos do lugar, até começamos mesmo a dar marcha à ré; e nenhum de vocês ousa pegar o touro à unha!

— Sempre pensei que você estivesse de acordo com *L'Espoir* — disse Henri, cujo coração se pôs a bater mais aceleradamente; sentia-se aturdido. Durante estes quatro dias, estivera tão ajustado ao jornal como os homens à própria vida. E, de súbito, *L'Espoir* era posto sob acusação, e por Dubreuilh!

— De acordo em quê? — perguntou Dubreuilh. — *L'Espoir* não tem uma linha. Vocês lamentam todos os dias que as nacionalizações ainda não tenham sido feitas. E daí? O interessante seria dizer quem as está impedindo, e por quê.

— Não quero me colocar no terreno de classes — disse Henri. — As reformas serão feitas quando a opinião pública o exigir: tento formar a opinião; para isso não é preciso que eu me indisponha com a metade dos nossos leitores...

— Você não imagina que a luta de classes esteja ultrapassada? — perguntou Dubreuilh, desconfiado.

— Não.

— Então não me venha falar da opinião. Existe de um lado o proletariado, que quer as reformas, e de outro a burguesia, que não as quer. A pequena-burguesia flutua, porque não sabe bem onde está o próprio interesse; mas não espere influenciá-la: a situação é que decidirá.

Henri hesitou. A luta de classes não estava ultrapassada: isto condenava qualquer apelo à boa vontade das pessoas, ao bom senso delas?

— Os interesses da pequena-burguesia são complexos — disse. — Não estou absolutamente certo de que não se possa agir sobre ela.

Dubreuilh fez um gesto, mas Henri o reteve.

— Outra coisa — disse, com vivacidade. — Os operários que leem *L'Espoir* fazem-no para variar do *L'Humanité*, serve para arejar suas mentes. Se eu me colocar no mesmo terreno que os jornais comunistas, ou repetirei o que dizem, ou tomarei partido contra eles: e os operários me deixarão de lado. — Com voz conciliadora, acrescentou: — Sensibilizo muito mais gente do que você congrega. Sou obrigado a ter uma plataforma muito mais ampla.

— Sim, você sensibiliza a muitos — disse Dubreuilh. — Mas você mesmo acaba de dizer por quê! Se seu jornal agrada a todo o mundo, é porque não incomoda ninguém. Não ataca nada, não defende nada, contorna todos os verdadeiros problemas. É lido com prazer: mas como se lê uma gazeta local.

Houve um silêncio. Paule voltara a sentar-se ao lado de Anne: parecia ultrajada e Anne, muito constrangida; Julien havia desaparecido; Scriassine tinha-se voltado a sua meditação, olhava alternadamente Henri e Dubreuilh, como querendo julgar os golpes e os contragolpes; mas não havia partida. Henri estava desconcertado com a violência deste ataque.

— Até onde quer chegar? — perguntou.

— Aja decididamente e sem reservas — disse Dubreuilh —, situe-se em relação ao PC.

Henri observou Dubreuilh com suspeita; acontecia-lhe, frequentemente, meter-se com afinco em assuntos de outrem, mas também frequentemente se notava que ele na verdade fazia desses um assunto seu:

— Em suma, é o programa do SRL que você me propõe.

— Sim — disse Dubreuilh.

— Em todo caso, não quer que *L'Espoir* se torne o jornal do movimento?

— É o que seria normal. A fraqueza de *L'Espoir* vem de que ele nada representa; por outro lado, sem jornal o movimento quase não tem chance alguma de triunfar. Como nossos objetivos são os mesmos...

— Nossos objetivos, não nossos métodos — disse Henri, que pensou, com mágoa: “Esse é o motivo por que Dubreuilh estava tão impaciente para me ver!” Toda a sua alegria foi por terra. Disse a si mesmo: “Será que não se pode passar uma noite entre amigos sem falar de política?” Aquela conversa nada tinha de urgente. Dubreuilh poderia tê-la adiado por um ou dois dias: tornara-se tão fanático quanto Scriassine.

— Precisamente, seria vantajoso para você mudar de método — disse Dubreuilh.

Henri meneou a cabeça:

— Mostro-lhe cartas que recebo; sobretudo de intelectuais: professores, estudantes. O que lhes agrada em *L'Espoir* é a boa-fé. Se eu adotar um programa, perco a confiança deles.

— Certamente. Os intelectuais ficam encantados quando a gente os encoraja a não ser uma coisa ou outra — disse Dubreuilh. — A confiança deles... Como dizia o outro: para quê?

— Dê-me dois ou três anos, e eu os levo pela mão ao SRL — disse Henri.

— Acredita nisso? Pois bem, você é um maldito idealista! — explodiu Dubreuilh.

— É possível — tornou Henri, com alguma irritação. — Em 1941 também fui chamado de idealista. — E acrescentou, com voz decidida: — Tenho minhas ideias sobre o que deva ser um jornal.

Dubreuilh fez um gesto evasivo:

— Voltaremos a falar sobre o assunto. Mas creia-me: daqui a seis meses *L'Espoir* estará na nossa linha política, ou não será mais do que uma folha de papel.

— Vá lá... Voltaremos ao assunto daqui a seis meses — arrematou Henri.

De repente, sentia-se fatigado e desamparado. A proposta de Dubreuilh pegara-o desprevenido. Estava absolutamente decidido a não dar prosseguimento ao caso. Mas sentia necessidade de ficar só, para recompor-se.

— Preciso ir para casa — disse.

Paule não abriu a boca durante todo o trajeto, mas, assim que se viram em casa, atacou:

— Você não vai dar-lhe o jornal, não é?

— Claro que não — respondeu Henri.

— Está realmente certo disso? Dubreuilh o quer e é teimoso.

— Eu também sou.

— Mas você termina sempre por ceder-lhe — disse Paule, numa brusca explosão de voz. — Por que aceitou ingressar nesse SRL? Como se já não tivesse bastante trabalho! Faz quatro dias que você regressou e não conversamos nem cinco minutos, você não escreveu uma linha de seu romance!

— Vou entregar-me a isso amanhã cedo. As coisas no jornal já começam a diminuir.

— Não é uma razão para você arranjar novos afazeres. — A voz de Paule subiu de tom: — Há dez anos, Dubreuilh prestou-lhe um favor; ele não vai querer que você lhe pague isso a vida toda.

— Mas, Paule, não é para lhe pagar um favor que vou trabalhar com ele: é porque me interessa.

Ela se mostrou indiferente.

— Então vá!

— Pois é como lhe digo.

— Você acredita no que dizem? Que vai haver guerra de novo? — perguntou ela, um tanto inquieta.

— Não — respondeu Henri. — É possível que haja agitadores na América, mas lá eles não gostam de guerra. O que é certo é que o mundo vai modificar-se seriamente: para melhor ou para pior. É preciso estar alerta no sentido de que seja para melhor.

— O mundo sempre se modificou. E, antes da guerra, você o deixava modificar-se, sem se meter em coisa alguma — disse Paule.

Henri subiu a escada, resolutamente.

— Já não é mais antes da guerra — disse, bocejando.

— Mas por que não haveríamos de viver como antes da guerra?

— As circunstâncias são diferentes, e eu também. — Bocejou novamente: — Estou com sono.

Henri estava com sono: mas, deitado ao lado de Paule, não conseguiu dormir: a culpa era do champanhe, da vodca, de Dubreuilh. Não, não lhe cederia *L'Espoir*: aí estava uma dessas coisas evidentes, que não necessitam de justificativa. Entretanto, teria gostado de achar algumas boas razões. Um idealista: seria verdade? E, antes de mais nada, que é que significava isso? Evidentemente, dentro de certos limites, ele acreditava na liberdade das pessoas, na sua boa vontade, no poder das ideias. “Você não imagina que a luta de classes esteja ultrapassada?” Não, não imaginava. Mas que concluir daí? Deitou-se de costas; tinha vontade de fumar. Mas isto despertaria Paule, e ela se sentiria muito feliz em poder distrair a sua insônia; não se mexeu. “Meu Deus”, disse ele a si mesmo, um pouco angustiado, “como se é ignorante!” Entretanto, lia muito, mas conhecimentos dignos de nome só os tinha em literatura, ainda por cima! Até o presente o fato não o incomodara. Não havia necessidade de competências notáveis para a Resistência, nem para fundar um jornal clandestino. E ele acreditava que isso continuaria assim. Sem dúvida estava enganado. Que vem a ser a opinião? Que vem a ser uma ideia? Que podem as palavras, sobre quem e em que circunstâncias? Quando se dirige um jornal, é necessário poder-se responder a essas perguntas; e, como uma coisa puxa outra, elas põem tudo em jogo. “É-se forçado a decidir dentro da ignorância!”, disse Henri a si mesmo. O próprio Dubreuilh, com toda a sua ciência, às vezes agia às cegas. Henri suspirou: não podia satisfazer-se com essa derrota. Há diversos graus de ignorância: o fato é que se achava particularmente mal-preparado para a vida política. “Tenho que pôr mãos à obra”, pensou. Mas, se quisesse aprofundar as questões, levaria anos: economia, história, filosofia, não acabaria nunca com isso tudo. Só para se conhecer mais ou menos bem o marxismo, que trabalho! Não seria mais possível escrever. E ele queria escrever. Então? Do mesmo modo não iria abandonar *L'Espoir* por não conhecer perfeitamente o materialismo histórico. Fechou os olhos. Havia, nesta questão, alguma coisa que não era justa. Sentia-se obrigado, como todo o mundo, a ocupar-se de política. Isso então não devia exigir uma aprendizagem especial. Se se tratasse de um domínio reservado aos entendidos, que o dispensasse de envolver-se...

“Só o que me falta é tempo!”, pensou Henri, ao acordar. “O único problema é achar tempo.” A porta do estúdio acabava de abrir-se e fechar-se. Paule já havia saído. Na volta, circulava a passos prudentes. Ele se descobriu. “Se eu vivesse sozinho, teria mais horas!” Terminariam as conversas ociosas, as refeições organizadas: leria os jornais tomando café no pequeno Biard da esquina, trabalharia até o momento de ir ao jornal; um sanduíche substituiria o almoço; findo o trabalho, jantaria rapidamente e leria infinitamente, noite adentro. Assim, conseguiria incumbir-se, ao mesmo tempo, de *L’Espoir*, de seu romance, de leituras. Decidiu: “Esta manhã mesmo falarei com Paule.”

— Dormiu bem? — perguntou Paule, com vivacidade.

— Muito bem.

Ela dispunha flores sobre a mesa, cantarolando. Desde o retorno de Henri andava ostensivamente alegre:

— Fiz café de verdade e ainda há manteiga fresca.

Ele se sentou, pôs-se a besuntar de manteiga um pedaço de pão torrado.

— Você comeu?

— Não tenho fome.

— Nunca tem fome.

— Oh! Eu como, asseguro-lhe. Como muito bem.

Ele mordeu a fatia. Que fazer? Não podia alimentar-se por meio de sonda:

— Você se levantou muito cedo.

— Sim, não conseguia mais dormir. — Ela pôs sobre a mesa um grande álbum, com as bordas das folhas douradas: — Aproveitei para catalogar suas fotografias de Portugal. — Abriu o álbum e mostrou a escada de Braga. Nadine, sentada sobre um degrau, sorria.

— Veja: não procuro fugir à verdade — disse ela.

— Sei muito bem disso.

Não fugia à verdade: passava-lhe pelo meio, o que era muito mais desconcertante. Ela virou algumas páginas:

— Mesmo em suas fotografias de criança, você já tinha esse sorriso desconfiado; como você se parece consigo mesmo na época!

Ele a havia ajudado, outrora, a reunir estas recordações. Hoje, isso lhe parecia inútil. Irritava-se com o fato de que Paule teimasse ainda em desenterrá-las, em perpetuá-las.

— Aí está você, quando o conheci!

— Não tenho ar de mau — disse ele, repelindo o álbum.

— Você era jovem, era exigente.

Plantou-se diante de Henri e disse, com súbita paixão:

— Por que deu entrevista a *Lendemain*?

— Ah! Saiu o novo número?

— Sim, eu o trouxe. — Foi buscar a revista ao fundo do estúdio e jogou-a sobre a mesa: — Tínhamos resolvido que você jamais daria entrevistas.

— Se fosse preciso cumprir todas as decisões tomadas...

— Esta era séria. Você dizia que, quando se começa a sorrir aos jornalistas, está-se maduro para a Academia Francesa.

— Eu disse muitas coisas.

— Fez-me fisicamente mal ver sua fotografia exposta nessa publicação.
— disse ela.

— Você fica feliz, quando vê meu nome por aí.

— Antes de mais nada, não estou feliz. E a coisa é muito diferente.

Paule não estava propriamente em contradição, mas isto de agora impacientava Henri particularmente. Ela o queria o mais glorioso de todos os homens e fingia menosprezar a glória. É que teimava em sonhar a seu próprio respeito exatamente como ele, antes, sonhara com ela: altiva, sublime; e, ao mesmo tempo, é claro, vivendo com os pés no chão, como todo o mundo. “E não se trata”, pensou ele, com repentina piedade, “de uma vida muito extraordinária: é natural que ela tenha necessidade de compensação.”

Disse, em tom conciliatório:

— Quis ajudar aquela garota. É uma principiante. Não sabe se virar.

Paule lhe sorriu ternamente.

— Além disso, você não sabe dizer não.

Não havia segunda intenção alguma em seu sorriso. Ele sorriu também:

— Não sei dizer não.

Desdobrou o semanário diante de si. Na primeira página, seu retrato sorria. Entrevista com Henri Perron. Ele não dava nenhuma importância ao que Marie-Ange pensasse a seu respeito. Todavia, em face dessas linhas impressas, reencontrava alguma coisa da fé ingênua do camponês que lê a Bíblia: como se, através das frases que ele mesmo havia suscitado, tivesse enfim podido saber quem era. “Na sombra da farmácia de Tulle, a magia

dos grandes frascos de gargalo curto, vermelhos e azuis... Mas o menino esperto odeia essa vida acanhada, o cheiro dos medicamentos, as pobres ruas de sua cidade natal... Ele cresceu, e o chamado da cidade grande tornou-se mais imperioso... Jurou alçar-se acima das pífias combinações da mediocridade. Num recanto secreto de seu coração, espera subir um dia mais alto que todos os outros... Um providencial encontro com Robert Dubreuilh... Deslumbrado, desconcertado, dividido entre a admiração e o desafio, Henri Perron troca seus sonhos de adolescente por uma verdadeira ambição de homem. Trabalha exaustivamente. Um pequeno livro, e eis o bastante para que a glória, de súbito, entre em sua vida: tem 25 anos. Moreno, os olhos exigentes, uma boca severa, direto, aberto e, não obstante, retraído..." Ele atirou longe o jornal. Marie-Ange não era idiota, conhecia-o muito bem e fez dele um sub-rastignac para as costureirinhas parisienses.

— Você tem razão — disse ele. — Não se deve falar com os jornalistas. Para eles, uma vida é apenas uma carreira; e o trabalho, nada mais que um meio de subir. O que chamam de triunfo é o barulho que se faz e o dinheiro que se ganha. Impossível fazê-los sair disso.

Paule sorriu com indulgência.

— Note que essa moça disse coisas amáveis sobre o seu livro. Só que ela é como os outros: admiram, sem compreender.

— Não admiram tanto assim, você sabe. É o primeiro romance que aparece depois da Libertação: por isso, são obrigados a elogiá-lo.

Afinal de contas, era até incômodo este concerto de louvores, que demonstrava o valor de seu livro, sem dar, contudo, informações sobre as suas qualidades. Henri chegou mesmo a pensar que seu êxito se devia a mal-entendidos. Lambert acreditava que, por meio da ação coletiva, ele quis exaltar o individualismo, e Lachaume, ao contrário, que ele pregava o sacrifício do indivíduo à coletividade. Todos acentuavam o caráter edificante do romance. Todavia, foi quase por acaso que Henri situara sua história do período da Resistência. Pensara num homem, e também numa situação; em determinada relação entre o passado de seu personagem e a crise que ele atravessava. E em muitas outras coisas, a que nenhum crítico se referia. Culpa sua ou dos leitores? O público gostara de um livro inteiramente diferente daquele que Henri acreditou apresentar-lhe.

— Que é que você vai fazer hoje? — perguntou ele, com voz afetuosa.

— Nada de especial.

— Mas além disso?

Ela refletiu.

— Bem, vou telefonar à minha costureira para examinar com ela esses belos tecidos que você me trouxe.

— E depois?

— Oh! Tenho sempre coisas a fazer — disse ela, alegremente.

— Equivale a dizer que você não faz nada — opôs-se-lhe Henri, que a olhou com severidade: — Pensei muito em você, durante este mês. Acho um crime passar seus dias a vegetar entre estas quatro paredes.

— Chama a isto vegetar! — exclamou Paule. Ela sorriu com doçura e, como outrora, havia em seu sorriso toda a circunspecção deste mundo: — Quando se ama, não se vegeta.

— Mas amar não é uma ocupação.

Ela o interrompeu:

— Perdoe-me, mas isso ocupa a mim.

— Tornei a pensar no que lhe dizia na noite de Natal — continuou ele — e estou certo de que tenho razão: Você deve voltar a cantar.

— Faz anos que vivo como agora — disse Paule. — Por que você se incomoda, tão bruscamente?

— Durante a guerra, a gente podia contentar-se em matar o tempo, mas a guerra acabou. Escute-me — prosseguiu ele com autoridade —, você vai dizer ao velho Crépin que quer começar a trabalhar de novo. Ajudo-a a escolher canções e tentarei mesmo escrever algumas para você. Pedirei aos amigos que também escrevam. Olhe, isto se ajusta perfeitamente a Julien, que escreverá para você, tenho certeza, letras encantadoras. Brugère cuidará da música. Vai ver o repertório que terá, daqui a um mês! No dia em que estiver preparada, Sabririo a ouvirá e lhe garanto que a fará a estrela do Clube 45. Aí então, você estará lançada.

Reconheceu que havia falado muito, depressa e ardorosamente. Paule observava-o com um ar surpreso de reprovação.

— E então? — disse ela. — Serei melhor aos seus olhos, se tiver o nome em cartazes?

Ele ergueu os ombros.

— Que tola que você é! Naturalmente que não. Mas é melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada. Procuro escrever; você deveria cantar,

já que é dotada para tanto.

— Vivo-o, amo-o. Isso não é nada?

— Você joga com palavras — disse ele, impaciente. — Por que não quer tentar? Ficou tão preguiçosa? Tem medo? Ou o quê?

— Ouça — respondeu ela, com uma voz repentinamente endurecida —, mesmo que todas estas vaidades, o êxito, a celebridade, tivessem ainda sentido para mim, não iria começar, com 37 anos, uma carreira de segunda categoria. Quando recusei por você aquela excursão ao Brasil, houve de minha parte uma renúncia definitiva. Não tenho o mínimo arrependimento. Mas não retornemos ao assunto.

Henri abriu a boca para protestar. Queria ela torná-lo responsável por aquele sacrifício, feito sem o consultar e com entusiasmo? Conteve-se e encarou Paule com perplexidade. Nunca soubera se ela desprezava verdadeiramente a celebridade, ou se receava não alcançá-la.

— Sua voz é tão bela como antigamente — disse ele. — E você também.

— Não — contrapôs-se-lhe ela, impaciente. Encolheu os ombros: — Haverá, eu sei, um punhado de intelectuais que, para lhe serem agradáveis, decretarão por alguns meses que tenho talento. Depois, adeus. Eu teria podido ser Damia ou Edith Piaf. Deixei escapar minha oportunidade. Tanto pior para mim, não vamos mais longe.

Evidente que não viria a ser uma grande estrela. Mas bastaria que alcançasse algum sucesso e repensaria suas pretensões. De qualquer modo, sua vida seria menos mesquinha, se se interessasse ativamente por alguma coisa. “E isto seria para mim”, disse ele para si mesmo, “uma solução excepcional.” Sabia muito bem que sua própria vida é que estava em questão, mais ainda que a de Paule.

— Mesmo que você não atinja o grande público, vale a pena — disse ele. — Tem voz, tem dons pessoais. Seria interessante tirar daí tudo o que pudesse. Estou certo de que isso lhe daria verdadeiras alegrias.

— Tenho muitas alegrias na vida — disse ela. Seu rosto exaltou-se: — Você parece não compreender o que é o amor que lhe dedico.

— Compreendo — observou ele, com vivacidade. E acrescentou, com voz maldosa: — Mas você não iria até o ponto de fazer, por amor a mim, o que eu lhe pedisse.

— Se seu pedido se fundasse em razões verdadeiras, eu o faria — disse ela, gravemente.

— Mas você prefere suas razões às minhas.

— Sim — prosseguiu ela, com tranquilidade —, porque são melhores. Você me fala de um ponto de vista externo, de um ponto de vista mundano, que não é realmente o seu.

— Não vejo qual é o seu ponto de vista — disse ele, com mau humor. Levantou-se. Inútil discutir. Tentaria antes pô-la em presença do fato consumado: trazer-lhe-ia canções, marcaria encontros para ela. — De acordo, não falemos mais nisso. Mas você está errada.

Ela sorriu sem responder.

— Vai trabalhar?

— Sim.

— Em seu romance?

— Sim.

— Está bem.

Ele subiu a escada. Tinha vontade de se pôr a escrever. E se felicitava pela ideia de que o romance de agora não seria edificante. Ainda não tinha imaginado o que ia fazer: seu único plano era divertir-se gratuitamente em ser sincero. Espalhou os rascunhos à sua frente: quase cem páginas. Foi bom tê-los deixado repousar durante um mês: iria relê-los com uma visão diferente. De início, abandonou-se ao prazer de achar de novo, vazadas em frases refletidas, muitas impressões e recordações. E, pouco a pouco, invadiu-lhe uma inquietação. Que faria disso tudo? Não tinham pé nem cabeça esses rabiscos. Havia alguma coisa de comum entre eles, certo clima: o antes da guerra. E era isso, justamente, que de súbito incomodava Henri. Vagamente, ele pensara: “Tentar exprimir o gosto de minha vida”, como se se tratasse de um perfume rotulado, marca registrada, sempre o mesmo através dos anos... Mas, por exemplo, o que dizia das viagens interessava exclusivamente ao moço de 25 anos que tinha sido em 1935; nada a ver com o que havia experimentado em Portugal. Sua história com Paule tinha data, igualmente: nem Lambert, nem Vincent, nenhum dos rapazes que conheceu teria hoje tais reações: além do que, com cinco anos de ocupação atrás de si, uma jovem mulher de 27 anos seria muito diferente de Paule. Havia uma solução: era situar deliberadamente o seu romance por volta de 1935. Mas ele não tinha a menor vontade de compor um romance “de época”, que evocasse um mundo superado. O que ele desejava, ao contrário, traçando essas linhas, era projetar-se sobre o papel,

inteiramente vivo. Neste caso, seria preciso escrever a história no presente, transpondo personagens e acontecimentos. “Transpor”, disse ele a si mesmo, “que palavra irritante! Que palavra idiota! Não são sensatas as liberdades que a gente toma com personagens de romance, transportando-as de um para outro século, fazendo-as passar de um país a outro, encadeando o presente deste ao passado daquele, e em tudo incorporando fantasmas pessoais. Se se olhar isso de perto, todos são monstros e toda arte consiste em impedir que o leitor olhe tudo de muito perto. Bom: não façamos transposições. Podem-se fabricar, com qualquer material, bonecos que não terão nada mais em comum com Paule, com Louis, comigo mesmo. Fiz isso outras vezes, mas agora é a verdade de minha própria existência que eu queria reproduzir.” Empurrou o maço de rascunhos. Juntar materiais ao acaso: método ruim. Devia-se proceder como de costume, partir de uma forma global, de uma intenção precisa. Qual? Que verdade desejo exprimir? Minha verdade... Que significa isso, exatamente? Olhava, estupidamente, a página em branco. Mergulhar no vazio, as mãos vazias, é assustador! Talvez, pensou, eu não tenha mais nada a dizer. Mas parecia-lhe, ao contrário, nunca haver dito nada. Tinha tudo para dizer, como todo o mundo, sempre. Tudo? É demais. Recordava-se de um velho jogo de decifrar palavras, inscrito no fundo de um prato: “Entra-se, chora-se, e é a vida: chora-se, sai-se, e é a morte.” Que acrescentar? Todos habitamos o mesmo planeta, nascemos de um ventre e alimentaremos vermes. Temos todos a mesma história: por que decidir que ela é minha e que a mim me cabe contá-la? Abriu a boca. Não tinha dormido o bastante, e essa folha em branco dava-lhe tontura. Ele caía no fundo da indiferença, e na indiferença não se pode escrever. Era necessário subir de novo até a superfície da vida, lá onde os instantes e os indivíduos são levados em conta, cada um por si. Mas não, tudo o que ele reencontrava, se sacudisse o seu torpor, era preocupação. *L’Espoir*, uma gazeta local. Seria verdade? Quando tento agir sobre a opinião pública, sou um idealista? Em vez de devanear diante desse papel, teria feito melhor se estudasse Marx, seriamente. Sim e com urgência. Impunha-se-lhe estabelecer um programa e trabalhar com aplicação. Já o devia ter feito há tempos. Sua desculpa era que os acontecimentos o haviam pegado de surpresa e ele se dobrara ao mais premente. Mas houve também levandade no seu caso: depois da Libertação, passou a viver numa espécie

de euforia, que nada justificava. Levantou-se. Sentia-se incapaz, nessa manhã, de se concentrar em qualquer trabalho. Sua conversa com Dubreuilh agitara-o tremendamente. De resto, deixara inacabada, na véspera, a correspondência, tinha que falar com Sézenac, ansiava por saber se Preston lhe arranjaría papel e ainda não havia entregue, no ministério das Relações Exteriores, a carta do velho Das Viernas: “Bom! Vou levá-la imediatamente”, decidiu.

— Poderia ver por cinco minutos o sr. Tournelle? Da parte de Henri Perron. Tenho uma mensagem para ele.

— Faça o favor de escrever seu nome e o motivo da visita — disse a secretária, entregando a Henri um formulário impresso.

Ele tirou a caneta-tinteiro. Que motivo? Obediência a um absurdo: sabia o quanto tinha de inútil tal formalidade. Escreveu: Confidencial.

— Pronto!

A secretária apanhou a ficha com ar indulgente e dirigiu-se para a porta. Seu sorriso, a dignidade de seu andar significavam claramente que um chefe de gabinete é pessoa muito importante para ser incomodada sem aviso prévio. Henri observou piedosamente o grosso envelope branco que trazia à mão. Chegara ao fim da comédia, mas agora era tarde para contornar a realidade: o pobre Das Viernas iria encontrar uma resposta cruel, ou o silêncio.

A secretária reapareceu.

— O sr. Tournelle terá prazer em recebê-lo o mais cedo possível. Com hora marcada. Pode deixar-me sua carta, que eu passarei às mãos dele, num instante.

— Muito obrigado — disse Henri. Estendeu-lhe o envelope: nunca lhe parecera tão absurdo como nas mãos dessa moça competente. Enfim, bom, fizera o que lhe pediram: o resto não lhe dizia mais respeito. Decidiu passar pelo bar Rouge. Era a hora do aperitivo. Lachaume se encontrava lá com certeza e queria agradecer-lhe pelo artigo. Ao empurrar a porta, viu Nadine, sentada entre Lachaume e Vincent. Com voz irritada, ela disse:

— Não se vê você com frequência.

— Trabalho.

Sentou-se à mesa, ao lado dela, e pediu um *turin-gin*.

— Falava-se a seu respeito — disse alegremente Lachaume —, de sua entrevista em *Lendemain*. É bom que você ponha os pingos nos “is”; quer

dizer, a propósito da política aliada na Espanha.

— Por que vocês mesmos não fazem isso? — perguntou Vincent.

— Não podemos; neste momento, não podemos. Mas é bom que alguém o faça.

— Engraçado! — disse Vincent.

— Você não quer compreender coisa alguma — retrucou Lachaume.

— Compreendo muito bem.

— Não, não compreende.

Henri tomou seu *turin-gin*, ouvindo distraidamente. Lachaume não perdia uma ocasião para explicar o presente, o passado e o futuro, revistos e corrigidos pelo partido. Não se podia, no entanto, querer-lhe mal: com vinte anos, descobriu, simultaneamente, na Resistência, a aventura, a camaradagem, o comunismo, e isso o redimia de ser fanático. “Gosto dele”, pensou Henri ironicamente, “porque lhe fiz um favor”. Escondera-o três meses no estúdio de Paule, arranjava-lhe identidades falsas, ao deixá-lo dera-lhe de presente seu único agasalho.

— Olhe — disse abruptamente —, agradeço-lhe o artigo. Está realmente amável.

— Eu disse o que pensava — retrucou Lachaume. — Aliás, todos têm a minha opinião: é um ótimo livro.

— Sim, é engraçado — interveio Nadine. — Ao menos uma vez todos os críticos se põem de acordo: dir-se-ia que enterram alguém ou outorgam um prêmio de virtude.

— Existem essas coisas! — declarou Henri. “Viborazinha”, pensou ele, sentindo um rancor divertido. “Ela achou justamente as palavras que eu não quis proferir a mim mesmo.” Sorriu a Lachaume:

— Você se enganou num ponto: meu personagem jamais se tornará comunista.

— O que você quer que ele chegue a ser, então?

Henri se pôs a rir:

— Bem, o que eu cheguei a ser!

Lachaume também riu:

— Justamente! — Olhou Henri bem nos olhos: — Em menos de seis meses o SRL já não existirá, e você terá compreendido que não vale a pena ser individualista. Inscrever-se-á no PC.

Henri sacudiu a cabeça.

— Presto muito mais serviços a vocês na situação atual. Está satisfeito por eu haver posto os pingos nos “is”, em vez de vocês o fazerem. E que adiantaria, se *L’Espoir* repetisse o que, sem futuro, repete *L’Humanité*? Faço um trabalho bem mais útil, esforçando-me por ensinar as pessoas a pensar, fazendo as perguntas que vocês não fazem, dizendo certas verdades que vocês não dizem.

— Seria necessário um trabalho desse, e ser comunista — disse Lachaume.

— Não me deixariam!

— Mas claro. É certo que neste momento há muito sectarismo no partido; isto, porém, devido às circunstâncias, não durará indefinidamente.

— Lachaume hesitou: — Não diga a ninguém, mas eu e os camaradas esperamos ter logo uma revista nossa, uma revista um pouco à margem, na qual discutiremos o caso com inteira liberdade.

— Uma revista não é um diário — disse Henri. — E, pelo que diz respeito ao fato de ter liberdade, quero ver. — Olhou Lachaume amistosamente: — Apesar disso, seria realmente bom que você tivesse um revista sua: crê que vai dar certo?

— Há boas chances.

Vincent adiantou-se e olhou Lachaume com desafio.

— Se você pode realmente falar com toda a franqueza, explique aos camaradas que é lastimável acolher de braços abertos todos os salafrários que se dizem arrependidos.

— Nós? Acolhermos os colaboracionistas de braços abertos? Vá, então, dizer isso aos leitores do *Figaro* que lhes alegrará um pouco.

— Há uma porção de crápulas que vocês recebem por baixo do pano.

— Não misture as coisas — disse Lachaume. — Quando decidimos acolher, é porque o tipo é recuperável.

— Se esse é o argumento, como sabe que os rapazes que foram mortos não eram recuperáveis?

— Naquele momento, não havia discussão: era preciso abatê-los.

— Naquele momento!... Matei-os eu por toda a minha vida! — Vincent sorriu com malícia: — Digo-lhe, porém, uma coisa. Todos, sem exceção, eram lixo. E o que resta a fazer é matar os que a gente esqueceu.

— O que quer dizer? — perguntou Nadine.

— Quero dizer que precisamos organizar-nos — disse Vincent. Seu olhar procurou o de Henri.

— Organizar o quê? Expedições punitivas? — indagou Henri, rindo.

— Você sabe que em Marselha eles estão pondo em cana todos os colaboracionistas, como criminosos comuns — disse Vincent. — Deve-se deixá-los agir?

— O terrorismo não é um remédio — disse Lachaume.

— Não — disse Henri, que olhou para Vincent. — Falaram-me de bandos que se divertem em bancar os justiceiros. Se se trata de ajuste pessoal de contas, compreendo. Mas tipos que imaginam salvar a França, matando colaboracionistas aqui e ali, são doentes, ou indivíduos abaixo da crítica.

— Eu sei: o que é sadio é inscrever-se no PC ou no SRL! — disse Vincent, que sacudiu a cabeça: — Vocês não terão a mim.

— A gente passará sem você! — acudiu Henri, com voz amistosa.

Levantou-se, e Nadine também.

— Acompanho-o.

Ela havia começado a se disfarçar de mulher. Tinha tentado maquilar-se; mas seus cílios pareciam espinhos de ouriço e havia traços pretos sob os olhos. Fora, logo perguntou:

— Você almoça comigo?

— Não, tenho o que fazer no jornal.

— A esta hora?

— A toda hora.

— Então, jantemos juntos.

— Não, fico no jornal até tarde. E depois vou ver seu pai.

— Oh! O jornal! Você só tem essa palavra na boca! Contudo, não se trata do centro do mundo!

— Nunca disse isso.

— Não, mas pensa assim. — Fez um gesto resignado: — Então, quando a gente se vê?

Ele hesitou:

— Na verdade, Nadine, atualmente, não disponho de um minuto.

— Nunca lhe acontece, apesar disso, de sentar-se à mesa e comer? Não vejo por que não me sentaria com você. — Olhou Henri de frente: — A menos que isso o chateie.

- Claro que não.
- Neste caso?...
- Vá lá. Venha buscar-me amanhã, entre nove e dez.
- Combinado.

Simpatizava com Nadine, vê-la não o aborrecia, mas a questão não era essa. Era que precisava organizar a vida com a mais estrita economia: não tinha lugar para Nadine.

— Por que respondeu tão duramente a Vincent? — continuou Nadine. — Não devia...

— Receio que ele faça tolices.

— Tolics! Assim que se quer agir, vem você falar de tolices. Não acredita que a pior covardia é escrever livros? Aplaudem-no, e você ganha dinheiro; mas, depois disso, encostam o livro num canto e ninguém mais pensa nisso.

— É minha ocupação — disse ele.

— Esquisita ocupação.

Continuaram andando em silêncio e, à porta do jornal, Nadine disse secamente:

— Bom, vou para casa. Até amanhã.

— Até amanhã.

Ela se mantinha plantada diante dele, com um ar indeciso:

— Entre nove e dez é muito tarde. Não haverá tempo de fazer nada. Não podemos começar a noite um pouco mais cedo?

— Não estarei livre antes.

Ela se resignou:

— Neste caso, às nove e meia. Mas, para que serve a celebridade e tudo, se não se tem tempo de viver?

“Viver”, pensou ele, enquanto ela ia embora bruscamente, “quer sempre dizer, para elas, ocupar-se delas; mas existe mais de um modo de viver!” Apreciava esse cheiro de poeira velha e de tinta fresca. Os locais ainda estavam vazios; o subsolo, silencioso: logo, todo um mundo iria surgir desse silêncio, um mundo que era a sua criação. Repetiu a si mesmo: “Ninguém porá a mão em *L’Espoir*.” Sentou-se defronte de sua mesa e espreguiçou-se. Ora, não vale a pena enervar-se. Não cederia o jornal. Tempo, a gente sempre acaba por achá-lo. E, quando ele tivesse dormido uma boa noite, seu trabalho andaria melhor.

Terminou rapidamente a correspondência e consultou o relógio. Tinha encontro com Preston dentro de meia hora, o que lhe dava bastante tempo de se explicar com Sézenac.

— Quer chamar Sézenac? — pediu ele à secretária. Sentou-se em frente à sua mesa. É muito bonito ter confiança nos outros. Apenas existem uns rapazes que teriam de bom grado tomado o lugar de Sézenac e que o mereciam mais que ele. Era todavia inaceitável o fato de se dar teimosamente chance a um, privando-se disso, arbitrariamente, a outro. “Pena!”, disse Henri a si mesmo. Recordava-se de como Sézenac tinha excelente aparência, quando Chancel o trouxera. Durante um ano, fora o mais zeloso dos agentes de ligação. Talvez tivesse necessidade de circunstâncias extraordinárias: pálido, balofo, os olhos vidrados, arrastava-se rebocado por Vincent e não era mais capaz de escrever duas frases coerentes.

— Ah! Você está aí! Sente-se.

Sézenac sentou-se sem dizer palavra. Subitamente, Henri se deu conta de que trabalharam juntos um ano, mas que não o conhecia, absolutamente. Andava mais ou menos a par da vida dos outros, de seus gostos, de suas ideias. Este, todavia, se calou sempre.

— Gostaria de saber se você vai, afinal, decidir-se a nos dar mais do que porcarias — disse, a voz mais seca do que desejara.

Sézenac ergueu os ombros, com um ar de incapacidade:

— Que é que não vai bem? Você está insatisfeito? Tem suas reclamações?

Sézenac rolava um lenço entre as mãos e olhava fixamente o assoalho. Na verdade, era difícil estabelecer contato com ele.

— Que é que não vai bem? — repetiu Henri. — Quero dar-lhe mais uma oportunidade.

— Não — contraveio Sézenac. — O jornalismo... não me convém.

— Nos primeiros tempos, a coisa não ia tão mal.

Sézenac esboçou um sorriso:

— Chancel me ajudava um pouco.

— Mas ele escrevia os seus artigos?

— Não — respondeu Sézenac, sem firmeza. Abanou a cabeça: — Não vale a pena insistir, não é um trabalho que me agrada.

— Você poderia tê-lo dito antes — disse Henri, com alguma irritação. Novo silêncio e Henri indagou: — Que gostaria de fazer?

— Não se preocupe, darei um jeito.

— Diga assim mesmo.

— Dou aulas de inglês. Além disso prometeram-me traduções. — Levantou-se: — Você foi bondoso em conservar-me tanto tempo.

— Se algum dia tiver vontade de nos mandar um artigo...

— Se acontecer...

— Posso fazer algo por você?

— Poderia emprestar-me mil.

— Aqui tem dois mil — disse Henri. — Mas isso não é uma solução.

Sézenac meteu o lenço no bolso e, pela primeira vez, sorriu.

— É uma solução provisória; são as mais seguras. — Empurrou a porta: — Obrigado.

— Felicidade! — disse Henri. Sentia-se desconcertado. Notava-se que Sézenac não aguardava senão o momento de se retirar. “Terei notícias dele por Vincent”, pensou, para tranquilizar-se. Mas aborrecia-se um pouco com o fato de não ter podido fazê-lo falar. Tirou a caneta, ajeitou diante si seu papel de cartas. Preston chegaria dentro de um quarto de hora. Não queria pensar muito na tal revista, antes de estar seguro, mas tinha a cabeça cheia de projetos. Todos os semanários que então apareciam eram pífios. Seria bem mais interessante lançar qualquer coisa boa de fato.

A secretária entreabriu a porta:

— O sr. Preston está aí.

— Faça-o entrar.

Em trajes civis, Preston não tinha absolutamente a aparência de um americano. Somente seu francês o tornava um pouco suspeito. Quase imediatamente abordou o assunto:

— Seu amigo Luc com certeza lhe disse que, durante sua ausência, nos encontramos várias vezes. Deploramos conjuntamente a condição da imprensa francesa, na verdade desoladora. Seria uma grande satisfação para mim auxiliar seu jornal, fornecendo-lhe um suplemento de papel.

— Ah! Isto para nós seria um ótimo arranjo! — disse Henri. — Bem-entendido, não podemos pensar em modificar nosso formato — acrescentou —; somos solidários com os outros jornais. Mas nada nos

impede de editar uma revista dominical, o que abre um mundo de possibilidades.

Preston sorriu para tranquilizá-lo:

— Na prática, não há problema — disse. — Esse papel, o senhor poderá tê-lo amanhã. — Acendeu seu cigarro com um isqueiro laqueado de preto. — Importa que eu lhe faça, com muita franqueza, uma pergunta? A linha política de *L'Espoir* não vai mudar?

— Não — respondeu Henri. — Por quê?

— *L'Espoir* representa aos meus olhos exatamente o guia de que seu país precisa, e é por isso que meus amigos e eu queremos auxiliá-lo. Admiramos-lhe a independência de espírito, a coragem, a lucidez...

Calou-se, mas sua vez permanecia em suspenso.

— Então? — questionou Henri.

— Acompanhei com muito interesse o começo de sua reportagem sobre Portugal. Mas fiquei um tanto surpreso esta manhã, ao ler numa entrevista que o senhor tinha a intenção, a propósito do regime de Salazar, de criticar a política americana no Mediterrâneo.

— Acho de fato lamentável essa política — disse Henri, mais ou menos secamente. — Há muito que Franco e Salazar deveriam ter sido liquidados.

— As coisas não são tão simples, o senhor sabe disso — continuou Preston. — Está claro que esperamos ajudar muito os espanhóis e os portugueses na reconquista das liberdades democráticas: mas oportunamente.

— Oportunamente é já — disse Henri. — Há condenados à morte nas prisões de Madri. Cada dia conta.

— É também minha opinião e o departamento de Estado certamente a partilhará. — Sorriu: — Daí parecer-me inoportuno alertar contra nós a opinião pública francesa.

Henri também sorriu.

— Os políticos nunca são apressados. Parece-me útil encostá-los na parede.

— Não se iluda em demasia — disse Preston, amavelmente. — Seu jornal é muito apreciado nos meios políticos americanos. Mas não espere poder influenciar Washington.

— Oh! Não espero — contra-atacou Henri, acrescentando vivamente: — Digo o que penso, e é tudo. O senhor me felicita pela minha independência...

— Justamente, essa independência, o senhor vai comprometê-la — notou Preston, que olhou repreensivamente Henri: — Abrindo esta campanha, o senhor faria o jogo daqueles que querem apresentar-nos como imperialistas. — Continuou: — Coloca-se de um ponto de vista humanitário, com o qual simpatizo plenamente, mas que politicamente não é válido. Dê-nos um ano, e a república será restabelecida na Espanha, nas melhores condições.

— Não tenho a intenção de iniciar uma campanha — disse Henri. — Quero simplesmente assinalar certos fatos.

— Mas tais fatos serão utilizados contra nós.

Henri mostrou-se indiferente.

— Isso não é comigo. Sou jornalista. Digo a verdade. É meu ofício.

Preston encarou Henri.

— Se tiver certeza de que determinada verdade acarretará consequências nefastas, o senhor a dirá?

Henri hesitou.

— Se estivesse certo de que a verdade seria prejudicial, só veria uma saída: pediria minha demissão, abandonaria o jornalismo.

Preston sorriu de modo sedutor:

— Não será uma moral muito formal?

— Tenho amigos comunistas que me fizeram exatamente a mesma proposta. Mas respeito menos a verdade do que meus leitores. Admito que, em certas circunstâncias, a verdade possa ser um luxo: talvez seja este o caso na URSS — disse, sorrindo.

— Mas na França, hoje, não reconheço a ninguém o direito de monopolizá-la. Talvez seja menos simples para um político. Mas não estou do lado dos que manobram: estou com aqueles a quem procuram manobrar. Eles esperam que eu os mantenha informados da melhor maneira que posso. E, se me calar, ou mentir, eu os traio.

Deteve-se, um pouco envergonhado de tão longo discurso. Não foi somente a Preston que o endereçara; sentia-se vagamente perturbado e defendia-se ao acaso, contra todos.

Preston balançou a cabeça.

— Voltamos ao mesmo mal-entendido. Nisto que o senhor chama de informar vejo um modo de agir. Temo que seja uma vítima do intelectualismo francês. Sou pragmatista. Não conhece Dewey?

— Não.

— É pena! Vocês franceses nos conhecem muito mal. É um grande filósofo. — Preston fez uma pausa: — Note bem que não nos recusamos, absolutamente, a ser criticados. Ninguém é mais aberto do que o americano às críticas construtivas. Explique-nos como conservar a afeição dos franceses, e o ouviremos com o maior interesse. Mas a França não é bem-indicada para julgar nossa política mediterrânica.

— Falarei apenas em meu nome — disse Henri agastado. — Bem ou mal-indicado, tem-se sempre o direito de dar opinião.

Houve um silêncio e Preston disse, finalmente:

— O senhor evidentemente compreende que se *L'Espoir* tomar partido contra a América, não poderei conservar-lhe a minha simpatia.

— Compreendo — disse Henri, secamente. — O senhor, pelo seu lado, compreenderá, também, que não posso pensar em submeter *L'Espoir* à sua censura.

— Mas quem falou em censura? — perguntou Preston, como que chocado. — Tudo o que desejo é vê-lo fiel a essa neutralidade que se tem imposto como regra.

— Justamente, sou-lhe fiel — explodiu Henri, bruscamente encolerizado: — *L'Espoir* não se que acha à venda por alguns quilos de papel.

— Oh! Se é neste tom que vê as coisas! — Preston levantou-se: — Acredite que lamento.

— Eu não lamento nada — rematou Henri.

Passou o dia todo levemente irritado. Bem, teve uma esplêndida ocasião de se encolerizar. Fora idiota ao imaginar que Preston pudesse bancar o Papai Noel. Trata-se de um agente do departamento de Estado, e Henri dera prova de imperdoável ingenuidade ao discutir com ele, como com um amigo. Levantou-se, encaminhou-se para a sala de redação:

— Bem, meu pobre Luc, a revista bateu as asas — disse, sentando-se à beira da mesa grande.

— Não! — atalhou Luc. — Por quê? — Sua face estava inchada e envelhecida como a de um anão. Quando contrariado, parecia a ponto de

chorar.

— Porque este americano quer proibir-nos de abrir a boca contra a América: quase me intimou a tomar uma decisão.

— Impossível! Parecia tão bom sujeito!

— Em certo sentido, isto é lisonjeiro — disse Henri. — Somos muito cobiçados. Não sabe o que Dubreuilh sugeriu ontem à noite? Que *L'Espoir* se torne o jornal do SRL.

Luc ergueu até Henri um rosto consternado:

— Você recusou?

— É claro.

— Todos esses partidos que ressuscitam, essas facções, esses movimentos... Precisamos ficar fora disso tudo — declarou Luc, suplicante.

As convicções de Luc eram tão rígidas, que, mesmo quando partilhadas, tinha-se a tentação de inquietá-lo um pouquinho:

— Todavia, é certo que a unidade da Resistência não passa de uma palavra — disse Henri — e que vai ser preciso definir, claramente, a nossa posição.

— São eles que sabotam a unidade! — disse Luc, com súbita fúria. — Chamam reagrupamento ao SRL. De fato, criam uma verdadeira cisão.

— Não, a cisão é a burguesia que cria. E, quando a gente pretende situar-se fora da luta de classes, corre-se o risco de fazer seu jogo.

— Ouça — disse Luc —, é você quem decide sobre a linha política do jornal. Você tem mais cabeça do que eu. Mas, quanto a aderir ao SRL, é outra história: sou absolutamente contra. — O semblante dele tornou-se firme: — Poupei-lhe o detalhe de nossas dificuldades, em questão de finanças, mas preveni-o de que a coisa não ia bem. Se nos deixarmos rebocar por um movimento que não significa grande coisa para ninguém, nada pior para nossos negócios.

— Acredita que ainda perderíamos leitores? — perguntou Henri.

— Evidentemente. E então estaremos liquidados.

— Sim, isso parece mais que provável.

Tratando-se de comprar tabloides, os provincianos preferiam seus jornalecos locais aos jornais parisienses, e a tiragem tinha baixado muito; retomando seu formato normal, não era mesmo muito certo que *L'Espoir* visse aumentar a clientela; em todo caso, o jornal não poderia dar-se o

luxo de uma crise. “Decididamente, sou um idealista!”, pensou Henri. Suas objeções a Dubreuilh tinham sido histórias de confiança, de influência, de papel a representar. A verdadeira resposta era dada pelas cifras: abriremos falência. Era este um dos argumentos robustos contra os quais os sofismas e a moral nada podem. Havia urgência em utilizá-lo.

Henri chegou às dez horas ao cais Voltaire, mas o ataque previsto não se desencadeou logo. Como de hábito, Anne trouxe em um carrinho uma espécie de ceia: salame português, presunto, salada de arroz e, para festejar a volta de Henri, uma garrafa de *meursault*. Falaram, trivialmente, de impressões de viagem e dos últimos mexericos parisienses. Na realidade, Henri não se sentia com disposição para discutir. Estava contente de se encontrar de novo naquele escritório; livros usados, mas, na maioria, com dedicatória, quadros assinados por nomes conhecidos e que não tinham sido comprados, exóticos bibelôs representando lembranças de viagens, toda esta vida discretamente privilegiada, ele a apreciava a distância; ao mesmo tempo, sentia que ali era o seu verdadeiro lar. Ali ele estava bem, na intimidade de sua própria vida.

— A gente se sente realmente bem em sua casa — disse a Anne.

— Não é mesmo? Quando saio, sinto-me perdida — respondeu ela, alegremente.

— Deve-se dizer que Scriassine escolheu um lugar de meter medo — ponderou Dubreuilh.

— Sim, que covil! Entretanto, no saldo geral, foi uma noite boa — disse Henri. Sorriu: — Salvo o fim.

— O fim? Não, o momento dos *Yeux Noirs* foi o que achei pior — disse Dubreuilh, com um ar inocente.

Henri hesitou. Podia ser que Dubreuilh tivesse resolvido não voltar depressa demais à carga. Era só aproveitar sua discrição; seria pena estragar esse momento. Mas Henri estava impaciente por confirmar sua vitória secreta:

— Você deixou *L'Espoir* reduzido a pó — disse, com voz alegre.

— De modo algum — revidou Dubreuilh, sorrindo.

— Anne é testemunha! Nem tudo estava errado no seu processo — acrescentou Henri. — Mas eu queria dizer-lhe, a propósito de sua sugestão de ligar *L'Espoir* ao SRL, que tornei a pensar no assunto e cheguei mesmo a falar com Luc: está totalmente fora de cogitação.

O sorriso de Dubreuilh desfez-se:

— Espero que não se trate de sua palavra final. Porque, sem jornal, o SRL nunca será coisa alguma. E não me diga que há outros: nenhum tem, exatamente, a nossa tendência. Se você recusa, quem vai aceitar?

— Sei — disse Henri. — Mas compreenda: no momento, *L'Espoir* está em crise, como a maioria dos jornais; penso que sairemos disso, mas, durante muito tempo, teremos dificuldades para equilibrar nosso orçamento. Ora, no dia em que decidirmos ser o jornal de um partido político, a tiragem baixará imediatamente: não estamos em condições de aguentar.

— O SRL não é um partido — disse Dubreuilh. — É um movimento amplo o bastante para que seus leitores não fiquem assustados.

— Partido ou movimento, praticamente é a mesma coisa — emendou Henri. — Todos estes operários comunistas, ou comunizantes, de que lhe falei, compram de bom grado, ao mesmo tempo que *L'Humanité*, um jornal informativo, não, porém, um jornal político. Mesmo que o SRL marchasse de mãos dadas com o PC, nada mudaria: *L'Espoir* se tornaria suspeito, no momento em que ostentasse um rótulo. — Henri encolheu os ombros: — No dia em que formos lidos só pelos membros do SRL, poderemos levantar acampamento.

— Os membros do SRL serão infinitamente mais numerosos, quando tivermos o apoio de um jornal — lembrou Dubreuilh.

— Enquanto isso, muito tempo passará, o suficiente para nos arruinar, o que não interessa a ninguém.

— Não, isso não interessa a ninguém — admitiu Dubreuilh. Silenciou por um momento; com a ponta dos dedos, batia levemente no seu caderno de anotações: — Evidentemente, há um risco.

— Um risco que não nos podemos permitir correr — completou Henri.

Dubreuilh refletiu mais um instante e disse, com um suspiro:

— Seria necessário dinheiro.

— E, justamente, é o que não temos.

— O que não temos — reconheceu Dubreuilh, pensativo.

É claro, não se confessava tão facilmente vencido. Renasciam-lhe ainda esperanças na cabeça. Mas o argumento atingiu o alvo, ele não retornou à carga durante a semana seguinte. Henri, contudo, o viu muitas vezes e esforçou-se no sentido de lhe provar sua boa vontade: teve duas entrevistas

com Samazelle, assistiu às reuniões do comitê, prometeu publicar o manifesto em *L'Espoir*.

— Faça o que quiser — dizia Luc —, desde que permaneçamos independentes.

Permaneciam independentes; isso era coisa conquistada. Mas que fazer desta independência? Em setembro, tudo parecia tão simples: um pouco de bom senso, alguma boa vontade, e, pronto!, estava-se preparado. Agora, os problemas surgiam sem parar e cada um trazia todos à tona. Lachaume enfatizara tanto os artigos de Henri sobre Portugal, que *L'Espoir* iria passar por instrumento do PC: seria necessário desmenti-lo? Henri não queria perder este público de intelectuais que gostava de *L'Espoir*, por sua imparcialidade; não queria tampouco indispor seus leitores comunistas. Todavia, poupando a todos, ele se condenava à insignificância, e assim contribuía para entorpecer o próximo. Então o quê? Remexia o caso na cabeça, dirigindo-se para o Scribe, onde Lambert o esperava para jantar. Fosse o que fosse que decidisse, cederia a uma disposição do espírito e não a uma evidência. Apesar de todas as suas resoluções, estava sempre no mesmo ponto: não sabia bastante a respeito, não sabia nada. Disse a si mesmo: “Seria lógico, em todo caso, informar-se primeiro e depois falar.” Mas não é assim que as coisas se passam. Primeiro, deve-se falar, é urgente; em seguida, os acontecimentos nos dão razão ou não. “É justamente”, pensou com desprazer, “o que se chama enganar: também engano meus leitores.” Prometeu a si mesmo relatar ao público coisas que o esclareceriam, que o ajudariam a pensar, coisas verdadeiras; e agora enganava. Que fazer? Não podia fechar os escritórios, despedir todo o pessoal e confinar-se, durante um ano, num quarto, com livros! O jornal devia viver e, para que vivesse, Henri era obrigado a dedicar-se a ele inteiramente, todo dia. Parou em frente ao Scribe. Estava contente de jantar com Lambert. Pesava-lhe um pouco ter que falar-lhe sobre os manuscritos dele, mas esperava que ele não lhes atribuisse exagerada importância. Moveu a porta giratória. Era de acreditar que bruscamente se fora transportado para outro continente: fazia calor; homens e mulheres vestiam uniformes americanos, flutuava no ar um perfume de cigarro americano e, nas vitrinas, estavam expostas luxuosas bugigangas. Lambert, sorrindo, adiantou-se; trajava também um uniforme de tenente. No salão do restaurante, que servia de cantina aos correspondentes de

guerra, havia manteiga e pão branco, arrumado em forma de prismas, sobre as mesas.

— Você sabe, pode-se ter vinho francês nesta loja de conveniência — disse Lambert, jovialmente. — Vamos comer tão bem como um prisioneiro de guerra alemão.

— Indigna-o o fato de que os americanos alimentem corretamente seus prisioneiros?

— Não em especial, ainda que a alimentação seja ruim nos lugares onde os franceses comem tijolos. O conjunto é que é lamentável: a maneira como poupam os Fritz, inclusive os nâzis, e como tratam o pessoal dos campos.

— Gostaria muito de saber se é verdade que interditam os campos à Cruz Vermelha francesa.

— É a primeira coisa que vou verificar — fez Lambert.

— Decididamente, não estamos entusiasmados pela América nos tempos atuais — disse Henri, enchendo o prato de talharim e molho.

— Não há razão para estarmos! — Lambert franziu as sobrancelhas: — Pena que isso dê prazer a Lachaume.

— Pensava nisso, ao vir. Você diz uma palavra contra o PC, e faz o jogo da reação! Critica Washington, e é comunista. A menos que o suponham pertencente à linha dos espiões.

— Felizmente uma verdade corrige a outra — disse Lambert.

Henri ergueu os ombros.

— Não se pode confiar muito nisso. Você se lembra de que, na noite de Natal, dizíamos que *L'Espoir* não devia tomar partido. Pois bem, não é fácil...

— O importante é continuar falando de acordo com a consciência! — disse Lambert.

— Note. Todas as manhãs, explico a cem mil pessoas como devem pensar. E pelo que é que me guio? Pela voz de minha consciência! — Serviu-se de um copo de vinho: — É coisa de escroque!

Lambert sorriu.

— Cite-me jornalistas mais escrupulosos do que você — disse afetuosamente. — Você examina pessoalmente toda a correspondência, controla tudo.

— Cada dia, procuro ser honesto. Mas justamente isso não me deixa um minuto para estudar a fundo as coisas de que falo.

— Bah! Seus leitores estão muito contentes assim. Conheço uma porção de estudantes que só confiam no *L'Espoir*.

— Não me sinto senão mais culpado por isso.

Lambert olhou-o com ar de inquietação.

— Não vai agora pôr-se a estudar estatística o dia todo.

— É o que deveria fazer! — Houve um pequeno silêncio, ao fim do qual Henri se decidiu, bruscamente: — Mais vale, e o mais cedo possível, livrar-se desta situação! — Disse a Lambert, sorrindo: — Trouxe de volta seus manuscritos. Engraçado: Você com tantas experiências atrás de si, vividas tão intensamente e a respeito das quais me falou muitas vezes, autor de reportagens sempre densas, não apresenta nada em suas novelas! Pergunto-me por quê.

— Acha-as más? — Lambert encolheu os ombros. — Eu o tinha prevenido.

— O que há é que você não pôs nelas nada de seu, de pessoal — disse Henri.

Lambert hesitou.

— As coisas que me tocam verdadeiramente não são interessantes para ninguém.

Henri sorriu.

— É fácil notar que aquelas de que você fala não o tocam de modo algum. Percebe-se que escreveu essas histórias como quem faz uma tarefa.

— Oh! Eu bem que desconfiava de que não era dotado para isso — disse Lambert. Sorriu, mas constrangido. Henri teve a impressão de que na verdade ele dava muita importância às tais novelas.

— Quem é dotado? Quem não o é? Não se sabe muito sobre o que isso quer dizer. Não. Você errou em escolher assuntos que lhe são tão estranhos, e é tudo. Da próxima vez, ponha mais seu coração na coisa.

— Não saberei fazê-lo — disse Lambert, que sorriu ligeiramente. — Sou o tipo perfeito do pobre pequeno intelectual, incapaz de se tornar criador um dia.

— Não diga tolices! Estas novelas não provam nada. É normal que a gente não se saia bem da primeira vez.

Lambert sacudiu a cabeça.

— Eu me conheço. Nunca farei nada que tenha valor. E é de lamentar um intelectual que não faz nada.

— Fará alguma coisa, se insistir. Por outro lado, ser intelectual não é um defeito!

— Não é uma graça — disse Lambert.

— Eu sou e bem que você gosta de mim.

— Você é diferente.

— Não. Sou um intelectual. Irrita-me o fato de que se faça dessa palavra um insulto: as pessoas parecem acreditar que o vazio de seu cérebro lhe enche os testículos.

Procurou o olhar de Lambert, mas este fitava obstinadamente o próprio prato; afinal, disse:

— Pergunto-me o que será de mim, quando a guerra tiver acabado.

— Você não quer continuar no jornalismo?

— Correspondente de guerra se sustenta, mas correspondente de paz não — disse Lambert. Acrescentou, com voz animada: — Praticar o jornalismo como você o pratica vale a pena: é uma verdadeira aventura. Mas, para ser redator, mesmo de *L'Espoir*, seria preciso que eu tivesse necessidade de ganhar a vida, a fim de que houvesse um sentido. Por outro lado, viver como capitalista me pesaria na consciência. — Hesitou: — Minha mãe deixou-me dinheiro em excesso: tenho a consciência pesada de todo jeito.

— Todo mundo é assim.

— Oh! Você! Tudo o que tem é o que ganha; não há problema.

— Nunca se tem a consciência em ordem — disse Henri. — Por exemplo, comer aqui e não frequentar os restaurantes de mercado negro: é pueril. Todos temos nossas manhas. Dubreuilh finge tomar o dinheiro por um elemento natural; tem-no em excesso, mas nada faz para ganhá-lo, nunca o nega a quem lhe pede e deixa a Anne o cuidado de administrá-lo. Disso ela se incumbe, não considerando o dinheiro como seu; gasta-o com o marido e com a filha, proporcionando-lhes uma existência agradável, de que também participa. O que me ajuda é que a duras penas equilibro meu orçamento: tenho, então, a impressão de que não possuo nada de supérfluo. É também uma forma de tapear.

— Contudo, é diferente.

Henri sacudiu a cabeça:

— Quando a situação é injusta, você não pode vivê-la corretamente; é bem por isso que se é levado a fazer política: para tentar mudar a situação.

— Às vezes me pergunto se não deveria recusar este dinheiro — disse Lambert —; mas de que serviria fazê-lo? — Hesitou: — E, depois, confesso-o, a pobreza me assustaria.

— Procure antes empregá-lo de forma útil.

— Aí está, justamente: Como? Que é que posso fazer com ele?

— Há muitas coisas de que gosta?

— Eu me pergunto... — disse Lambert.

— Você gosta de alguma coisa, não? Não gosta de nada? — perguntou Henri, um pouco impaciente.

— Bem que gosto dos amigos, mas desde a Libertação a gente não para de discutir; mulheres são idiotas ou insuportáveis; livros, estou enjoado, e, quanto a viajar, a terra é igualmente triste em toda parte. Depois, há algum tempo já não sei mais distinguir entre o bem e o mal — concluiu.

— Como assim?

— Há um ano, isto era simples como uma imagem de Epinal; agora a gente constata que os americanos são brutos, tão racistas como os nâzis e pouco se importam que se continue a matar nos campos. Estes, parece que os há na URSS, e também não são bonitos; certos colaboracionistas são fuzilados e outros, igualmente asquerosos, cobertos de flores.

— Se você fica indignado, é porque ainda crê em determinadas coisas.

— Não, francamente, quando a gente começa a questionar, nada resiste. Há pilhas de valores que são tidos por verdadeiros: em nome de quê? No fundo, por que liberdade? Por que igualdade? Qual a justiça que tem sentido? Por que preferir os outros a si mesmo? Um camarada que só procurou ganhar a vida, como meu pai, será que errou tanto? — Lambert olhou Henri, inquieto: — Escandalizo-o?

— Não, absolutamente. É necessário fazer tais indagações.

— Seria necessário, sobretudo, que alguém respondesse a elas — disse Lambert, cuja voz se acalorava. — Atrapalham-nos com a política: mas por que uma política de preferência a outra? Temos mais necessidade de uma moral, de uma arte de viver. — Lambert fixou Henri um pouco desafiadoramente: — É isto o que você deveria dar-nos; seria mais interessante do que auxiliar Dubreuilh a redigir manifestos.

— Uma moral implica, forçosamente, uma atitude política — disse Henri. — E inversamente. A política tem vida.

— Não acho. Em política, a gente não se preocupa senão com coisas que não existem: o futuro, as coletividades; ao passo que o que é concreto é o momento atual, são os indivíduos, um a um.

— Mas os indivíduos se desindividualizam na história coletiva.

— O mal — disse Lambert — é que em política nunca se retorna da história ao indivíduo. A gente se perde nas generalidades e nos casos particulares, e ninguém liga.

Lambert tinha falado com uma voz tão reivindicativa, que Henri o olhou curiosamente:

— Por exemplo?

— Pois bem, por exemplo, a questão da culpabilidade. Politicamente, abstratamente, o indivíduo que trabalhou para os alemães é um canalha, merece ser cuspidor, não há dúvida. Agora, se você examinar um deles de perto e em particular, verá que não é mais, absolutamente, a mesma coisa.

— Você pensa em seu pai?

— Sim, de algum tempo para cá, tenho querido pedir-lhe um conselho: devo realmente insistir em dar as costas a ele?

— No ano passado, você falava dele de tal modo! — observou Henri com surpresa.

— Porque então acreditava que ele houvesse denunciado Rosa. Mas, quanto a isto, ele próprio me convenceu: nada teve a ver com o caso. Todos sabiam que ela era judia. Não, meu pai tomou parte na colaboração econômica, o que de si já é muito lamentável. Em todo caso, será arrastado aos tribunais e, certamente, condenado. Está velho...

— Você o viu de novo?

— Uma vez. Depois, ele me enviou diversas cartas, cartas que, confesso, me comoveram.

— Se tem vontade de reconciliar-se com ele... você é livre — disse Henri, acrescentando: — Mas eu acreditava que entre ambos as relações não fossem boas.

— Quando conheci você, sim. — Lambert hesitou e disse com esforço: — Foi ele quem me criou. Acredito que me amasse muito, à sua maneira. Só que não se podia desobedecer-lhe.

— Antes de conhecer Rosa, você nunca lhe desobedeceu? — perguntou Henri.

— Não, e isto o tornou louco de raiva: era a primeira vez que eu lhe resistia. — Lambert ergueu os ombros: — Isso me levou a pensar que foi ele quem a denunciou; assim já não havia problema: seria capaz de matá-lo, eu mesmo, naquele momento.

— Mas como você chegou a suspeitar dele?

— Alguns amigos puseram-me tal ideia na cabeça: entre outros, Vincent. Mas falei com ele de novo: não possui absolutamente prova alguma, por menor que seja. Meu pai jurou, sobre a sepultura de minha mãe, que a acusação era falsa. E agora, que recuperei meu sangue-frio, tenho a certeza de que ele jamais teria feito semelhante coisa. Jamais.

— Isto até parece monstruoso — disse Henri. Hesitou. Lambert queria seu pai inocente, como dois anos antes o quisera culpado, sem provas. Certamente não havia meio algum de conhecer a verdade.

— Vincent adora colocar lenha na fogueira — disse Henri. — Ouça: se você não suspeita mais de seu pai, se pessoalmente não lhe quer mal, não lhe cabe fazer-se de justiceiro. Procure-o, faça o que desejar, não dê satisfação a ninguém.

— Acredita realmente que posso fazer isso?

— Quem lhe impede?

— Não acha que seria prova de infantilidade?

Henri encarou com surpresa Lambert:

— De infantilidade?

Lambert corou:

— Quero dizer... de covardia.

— Claro que não. Não é covardia viver em conformidade com os sentimentos.

— Sim, você tem razão. Vou escrever a ele — disse Lambert. — Fiz bem em falar com você — acrescentou, reconhecido. Mergulhou a colher na gelatina rosa que tremelicava em seu prato. — Você poderia ajudar-nos enormemente — murmurou. — Não só a mim: há muitos jovens que estão no meu caso.

— Ajudá-los em quê? — perguntou Henri.

— Você tem o senso do concreto. Deveria ensinar-nos a viver o dia de hoje.

Henri sorriu.

— Uma moral, uma arte de viver, isso não entra em meus planos.

Lambert ergueu olhos brilhantes para ele.

— Oh! Expressei-me mal. Não pensei em tratados teóricos. Mas há coisas a que você está preso, acredita em valores. Assim, deveria mostrar-nos o que é digno de ser amado sobre a terra. E deveria também torná-la um pouco mais habitável, escrevendo livros bonitos. Parece-me que é este o papel da literatura.

Lambert proferiu todo este pequeno discurso de um só fôlego. Henri teve a impressão de que ele o havia preparado com antecedência e esperava há dias o momento oportuno de apresentá-lo.

— A literatura não é obrigatoriamente alegre — disse.

— Sim, obrigatoriamente — opinou Lambert. — Mesmo o que é triste se torna alegre, quando transformado em arte. — Hesitou: — Alegre talvez não seja bem a palavra; mais, enfim, se justifica. — Parou por completo e corou: — Oh! Não, não quero ditar-lhe os seus livros. Simplesmente, precisa não esquecer que é, antes de tudo, um escritor, um artista.

— Não esqueço.

— Eu sei, mas... — Novamente Lambert se perturbou: — Por exemplo, sua reportagem sobre Portugal é muito boa, mas recordo-me de páginas sobre a Sicília, em outros tempos. Lamenta-se um pouco não encontrar nada parecido.

— Se você alguma vez for a Portugal, não terá vontade de descrever romãzeiras em flor — disse Henri.

— Oh! Gostaria de que tal vontade lhe voltasse — replicou Lambert, com voz insistente. — Por que não? Tem-se bem o direito de passear à beira-mar, sem se preocupar com o preço das sardinhas.

— O fato é que não pude.

— Afinal — recomeçou Lambert, com veemência —, a Resistência foi feita para defender o indivíduo, seu direito de ser ele próprio e de ser feliz: é tempo de colher o que se semeou.

— O mal é que há milhões de indivíduos para quem esse direito permanece letra morta — disse Henri. Ergueu os ombros: — Penso que foi justamente por se haver começado a interessar-se por eles que não se pode mais parar.

— Então cada um deve esperar que todos sejam felizes antes de tentar a própria felicidade. A arte e a literatura deixadas para a idade de ouro? Todavia, é justamente agora que se tem necessidade disso.

— Não digo que não se deva mais escrever — argumentou Henri. Hesitou, pois a censura de Lambert o atingiu plenamente. Sim, havia muitas outras coisas a dizer de Portugal; não foi inteiramente sem desgosto que ele as afastara. Um artista, um escritor: era o que ele queria ser, não devia esquecê-lo. Tinha feito a si mesmo, antes, grandes promessas: era tempo de cumpri-las. Triunfos de mocidade, um livro muito oportuno elogiando a torto e a direito: queria outra coisa. — De fato — continuou —, estou justamente escrevendo um romance segundo seu desejo. Um romance inteiramente gratuito, onde conto coisas para meu prazer exclusivo.

— É verdade? — interrogou Lambert, o rosto iluminado: — Você está adiantado? O trabalho caminha?

— Os começos são sempre um pouco ingratos. Mas... vai indo!

— Oh! Estou radiante! — exclamou Lambert. — Seria uma enorme pena se você se deixasse abater!

— Não me deixarei abater — finalizou Henri.

— E seu romance alegre? Está caminhando? — perguntou Paule.

— Sim, está caminhando — respondeu Henri.

Ela se estendeu na cama, atrás dele, e ele lhe adivinhava o olhar meditativo, fixado sobre a sua nuca. Um olhar não faz barulho. Precisaria ter usado maus modos para expulsá-la, mas isto lhe pesava. Fez um esforço no sentido de repor a atenção em seu romance. Havia tomado decisões durante o mês, e estava resignado a situar sua história em 1935. Talvez fosse um erro, fazia dias que as frases lhe secavam na ponta da caneta.

“Sim”, disse ele a si mesmo, com decisão, “é um erro.” Queria falar de si: pois bem, não tinha nada mais a ver com o que fora em 1935. Sua indiferença política, sua curiosidade, sua ambição, todo este individualismo preconcebido, como era limitado, como era tolo! Pressupunha um futuro sem obstáculo, com progresso garantido, uma imediata fraternidade entre os homens, uma posteridade inspirada pela amizade: pressupunha principalmente o egoísmo e a leviandade. Oh! Talvez ele encontrasse desculpas. Mas escrevia esse livro numa tentativa

de dizer a verdade de sua vida e não para explicar-lhe as falhas. Decidiu: “É preciso escrevê-lo no presente.” Releu as últimas páginas. Pena pensar que o passado ia ser enterrado definitivamente: a chegada a Paris, os primeiros encontros com Dubreuilh, a viagem a Djerba. “Oh!”, dizia-se, “eu o vivi, e isto basta!” Mas, seguindo por aí, o presente também se bastava, a vida se bastava: e a verdade é que ela não se bastava, já que ele tinha necessidade de escrever para sentir-se inteiramente vivo. Enfim, tanto pior; de qualquer maneira, não se pode salvar tudo. A questão era saber o que ele tinha a dizer, hoje, sobre si. “Onde estou? Que quero?” Coisa esquisita: se a gente faz tanta questão de se exprimir, é porque se sente singular, nem se é capaz de dizer em quê. “Quem sou?” Antigamente não procurava sabê-lo; então, os outros eram todos definidos, tinham limites. Ele, não. Seus livros e sua vida estavam no futuro, o que lhe permitia recusar todos os julgamentos proferidos a seu respeito e considerar o próximo, inclusive Dubreuilh, com alguma condescendência, do alto de sua obra futura. Mas agora precisava confessar-se um homem feito: os moços o tratavam como mais velho, os adultos como um dos seus e alguns até lhe tinham em alta conta. Feito, limitado, acabado, ele e não outro, nada mais do que ele: quem? Em certo sentido, eram seus livros que o decidiriam; entretanto, por outro lado, para escrevê-los precisava conhecer a verdade sobre si mesmo. À primeira vista, o sentido dos meses que acabara de viver era suficientemente claro; mas, olhando mais de perto, tudo se embaralhava. Ajudar os outros a pensar melhor, a viver melhor, seria isto que o interessava realmente, ou tudo não passaria de um sonho humanitário? Estaria interessado, efetivamente, pela sorte do próximo, ou somente pela paz de sua própria consciência? E a literatura: que é que significava para ele? Querer escrever é muito abstrato, quando não se tem nada de urgente a dizer. Sua caneta permanecia em suspenso e ele pensava, irritado, que Paule notava que não escrevia. Voltou-se para ela.

— Você vai procurar Grépin amanhã cedo? — perguntou.

Paule deixou escapar uma risadinha.

— Você, quando mete uma ideia na cabeça!...

— Escute, aquela canção lhe assenta como uma luva, você diz que a aprecia, a música de Bergère é encantadora. Sabririo a ouvirá no dia em

que você quiser: bem que poderia colaborar! Em vez de cochilar aqui nesta cama, aperfeiçoaria a voz e nisso não haveria mal algum, asseguro-lhe.

— Não estou cochilando.

— Em todo caso, agora que marquei essa entrevista, você vai até lá?

— Quero muito ir à casa de Grépin e aprender a cantar bem a sua canção, Henri.

— Mas não irá além desta audição... Não é o que quer dizer?

Ela sorriu.

— Alguma coisa assim.

— Você me desanima!

— Reconheça que jamais o animei! — Sorriu de novo: — Portanto, não perca seu tempo comigo — disse com ternura.

Ele bem que teria preferido ocupar-se dela de uma só vez e não mais senti-la assim, a espiá-lo pelas costas. Pode ser que ela se desse conta disso. Ele falara a Sabririo, escrevera duas canções, compusera todo um repertório e telefonara a Grépin; fizera por ela tudo o que estava a seu alcance. Ela queria muito cantar para ele, até com assiduidade excessiva para seu gosto; mas continuava obstinada na recusa. Ele recomeçou a alinhar, sem alegria, frases mortas.

Fazia duas horas que Henri se aborrecia diante de sua folha de papel, quando bateram vigorosamente à porta do estúdio. Olhou o relógio. Meia-noite e dez.

— Alguém bateu — disse.

Paule, deitada na cama, cochilava. Endireitou-se.

— Devo abrir?

Bateram de novo e eles ouviram uma voz alegre:

— É Dubreuilh, incomodo-os?

Juntos desceram a escada e Paule abriu a porta.

— Aconteceu alguma coisa?

— A quem? — disse Dubreuilh, sorrindo. — Vi luz, pensei que pudesse subir; é apenas meia-noite. Vocês iam deitar-se? — Já se sentara na poltrona de couro que habitualmente ocupava.

— Eu estava justamente querendo tomar alguma coisa! — disse Henri.

— E não arriscaria beber sozinho. É o diabo que o traz aqui para me tentar.

— Conhaque? — perguntou Paule, abrindo o armário.

— Com prazer. — Dubreuilh voltou para Henri um rosto resplandecente:
— Trago-lhe, quentinha, uma novidade, que vai interessar-lhe muito.

— Qual?

— Havíamos mais ou menos renunciado à ideia de fazer de *L'Espoir* o jornal do SRL, devido à crise financeira que poderia sobrevir...

— Sim — disse Henri. Pegou o copo que Paule lhe estendia e tomou um gole, com vaga inquietação.

— Pois bem, estou saindo da casa de um tipo podre de rico e disposto a financiar-nos, se houver necessidade. Não ouviu falar de um certo Trarieux? Um forte comerciante de sapatos, que participou, moderadamente, da Resistência?

— O nome não me é estranho.

— Tem dinheiro em excesso e uma admiração sem limites por Samazelle: feliz combinação, que o leva a ajudar substancialmente o SRL. Esta noite Samazelle me arrastou até a casa do homem. Está pronto a financiar o *meeting* de junho e fornecerá todos os capitais necessários, se *L'Espoir* se tornar o jornal do movimento.

— Samazelle tem muito boas relações — disse Henri, esvaziando seu copo de um trago. Estava levemente amargurado com a alegria comunicativa demais de Dubreuilh.

— Samazelle é o tipo do camarada picareta — disse Dubreuilh, rindo. — Seria a última coisa a se obter de nós dois. Eu preferiria pedir esmola nas ruas. Mas aquilo lhe agrada e ele sabe agradar. Tanto melhor, porque assim arranja-se a gaita: não sei onde estaríamos sem ele, em matéria de finanças. Conheceu Trarieux durante a ocupação e dedicou-se a ele.

— Esse sapateiro milionário é SRL?

— Admira-se?

Paule estava sentada em frente a Dubreuilh. Fumava um cigarro, olhando-o fixa e hostilmente. Ia abrir a boca, Henri já adivinhava sua voz indignada. Evitou-a.

— Não direi que sua proposta me entusiasma.

Dubreuilh encolheu os ombros.

— Você sabe que todos os jornais vão ser obrigados, cedo ou tarde, a aceitar ajuda financeira particular. Imprensa livre é ainda uma bela lenga-lenga!

— *L'Espoir* se refez muito bem — disse Henri. — Podemos bastar-nos a nós mesmos durante muito tempo, se permanecermos o que somos.

— Vocês se bastam a si mesmos. E depois? — perguntou Dubreuilh, vivamente. — Compreendo bem: Você sozinho criou *L'Espoir*, gostaria de segurar o rojão sozinho. Compreendo — repetiu. — Mas pense no papel que tem a desempenhar! Não se deu conta, este mês, da necessidade que o SRL tem de um jornal?

— Sim.

— E não está de acordo quanto à importância de nossa iniciativa? Então?

— Se esse senhor financiar *L'Espoir*, vai querer meter o nariz no jornal.

— Ah! Nada disso! — protestou Dubreuilh. — Não teria a menor intervenção na direção da folha. No fundo, você seria, com semelhante poder, muito mais independente do que agora, porque, afinal, vive preso pelo medo de perder os leitores.

— Esse seu homem me parece um tipo esdrúxulo de filantropo.

— Se o visse, compreenderia imediatamente.

— Não posso em todo o caso acreditar que ele não me impusesse nenhuma condição — disse Henri.

— Nenhuma, garanto-lhe. Já é coisa absolutamente acertada.

— Está bem-seguro de que não se trata de conversas aéreas?

— Ouça, fale você mesmo com ele! — sugeriu Dubreuilh. — É só telefonar: ele está pronto a assinar amanhã.

Dubreuilh havia falado com tamanha vivacidade, que Henri sorriu.

— Espere um pouco! Antes eu preciso ver Luc. Depois, mesmo que decidamos declarar-nos pelo SRL, tentaremos talvez defender-nos sozinhos: gostaria muito mais.

— Pessoalmente, estou convencido de que *L'Espoir* não perderá seus leitores — continuou Dubreuilh. — Concordo inteiramente com uma tentativa qualquer, sem Trarieux. — Hesitou: — Mesmo assim, seria melhor que você tivesse uma conversa com ele.

— Não me dirá nada além do que disse a você. E não faço questão de que me ofereça dinheiro, enquanto eu puder impedi-lo.

— Como quiser. — Dubreuilh olhou para Henri, inquieto: — Por favor, trate de se decidir depressa. Já perdemos tanto tempo!

— É grave, você sabe o que me pede — disse Henri —; só eu estou em jogo. Trate, por sua vez, de ser um pouco paciente.

— Não me resta alternativa — rematou Dubreuilh, com um suspiro. Levantou-se, endereçou um largo sorriso a Paule: — Não vem dar uma volta comigo?

— Onde? — perguntou Paule.

— Em qualquer parte. Faz uma bonita noite, uma verdadeira noite de verão.

— Não, tenho sono — disse Paule, sem muita polidez.

— Eu também — disse Henri.

— Tanto pior. Passearei sozinho — disse Dubreuilh, dirigindo-se para a porta: — Até sábado.

— Até sábado.

Henri aferrolhou a porta. Ao se voltar, Paule estava de pé em frente a ele, o rosto perturbado.

— Que insensatez! Ele quer roubar-lhe o jornal!

— Ouça, não se trata de roubo. — Henri bocejou com afetação. Era em casos assim que ele dificilmente suportava discutir com Paule: quando ela estava de acordo com sua opinião. Ele também se achava irritado: estranho golpe de escamoteação! Bastou que Dubreuilh reclamasse o jornal para se julgar com direitos sobre ele! Pouco importa que eu tenha minhas repugnâncias pessoais; sua amizade não prevalece quando ele decide servir-se da gente.

— Você deveria tê-lo mandado passear — disse Paule. — Nunca ele o levará a sério; você será eternamente o rapazola que ele lançou na literatura e que lhe deve tudo.

— Afinal, não está exigindo nada de extraordinário — disse Henri. — Sou do SRL e dirijo *L'Espoir*. É até natural que ambas as coisas se fundam.

— Você não será mais senhor de si, será obrigado a receber ordens deles. — A voz de Paule tremia de indignação: — E, depois, ficará enterrado de corpo inteiro na política, sem mais dispor de um minuto, você que já se queixa de não ter tempo para seu romance...

— Não se perturbe; até agora nada ficou decidido. Eu não disse absolutamente que aceitava.

A raiva de Henri se dissipava, à medida que ouvia os protestos de Paule, protestos cuja própria veemência deixava transparecer os seus frívolos motivos: e eram justamente os que Henri ruminava em si mesmo.

“Insurjo-me, porque temo ser devorado pela política, porque temo novas responsabilidades, porque aspiro a tempo livre e, sobretudo, a manter-me senhor de mim mesmo.” Razões muito fúteis, em suma. Quando chegou ao jornal, no dia seguinte, esperava, do fundo do coração, que Luc lhe fornecesse outras melhores.

Mas Luc fora atropelado pelos acontecimentos. Decididamente, Lachaume havia prestado um mau serviço a *L’Espoir*. Murmurava-se que Henri estava sob as ordens dos comunistas; o que era tanto mais irritante quanto, nesse momento, ele os censurava por muitas coisas: a confusão que estabeleciam entre a Resistência e o partido, o exagero nacionalista, a demagogia de sua propaganda eleitoral, suas desavergonhadas indulgências e arbitrárias severidades em relação aos colaboracionistas. Mas os jornais de direita exploravam o equívoco complacentemente; muitos leitores se queixavam, Lambert pedia que se tomassem medidas, a maioria do pessoal do jornal se sentia pouco à vontade. Luc também.

— Rótulo por rótulo — disse, quando Henri lhe expôs a situação —, ainda é preferível representar o SRL, a passar por comunista.

Essa era mais ou menos a opinião geral.

— Quanto a mim — disse Vincent —, não creio nem no SRL, nem no PC: são quase a mesma coisa. Decida conforme a sua opinião.

“Em suma”, concluiu Henri, quando novamente só em seu escritório, “eles estão todos de acordo: não veem razão alguma para recusar.” Oprimiu-se-lhe o coração: iria, pois, ser obrigado a aceitar. O SRL necessitava de um jornal, e aí estava uma chance que não se tinha o direito de frustrar. O mundo oscilava entre a guerra e a paz, o futuro talvez dependesse de um imponderável: seria um crime não tentar tudo em favor da paz. Henri olhou o escritório, a poltrona, as paredes, escutou o romrom das máquinas e, de súbito, pareceu-lhe que acordava de um longo sonho de futilidade. Até então havia considerado *L’Espoir* uma espécie de brinquedo: todo o necessário para se imprimir um jornal, tamanho natural, magnífico brinquedo de criança; e era um instrumento, uma arma. Tinham o direito de lhe pedir contas do uso que dele fazia. Encaminhou-se para a janela. Oh! Exagerava um pouco: ele não era assim tão fútil; a euforia de setembro se havia há muito dissipado, ele se preocupava bastante com o jornal; mas, mesmo assim, pensava que só devia contas a si mesmo. Enorme engano! “É engraçado”, disse a si próprio, “quando conseguimos

fazer qualquer coisa de proveitoso, isso nos cria deveres, em vez de nos conferir direitos.” Tinha fundado *L’Espoir*, e isso o levava a se lançar de corpo e alma no mundo político. Imaginava, desde já, as usurpações de Samazelle, suas arengas, os telefonemas de Dubreuilh, os colóquios, as consultas, as disputas, as transações. Tinha feito uma promessa: “Não me deixarei devorar.” Bem, a sorte estava lançada: ia ser devorado. Saiu de seu escritório e desceu a escada. Sob a bruma, a cidade nessa noite se apresentava como uma estação imensa: gostara muito da bruma e das estações. Agora, não gostava de mais nada: tinha-se deixado devorar. Era por isso que, quando experimentava falar de si, não achava nada que dizer. “Você gosta de coisas, diga-me de quê.” De quê? Não amava nem a Paule, nem a Nadine; viajar não o tentava; nunca mais lhe acontecia ler por puro gozo, nem passear, nem ouvir música; nunca mais fazia nada que lhe desse prazer. Jamais ficara imóvel em uma esquina, jamais se distraía com uma lembrança. Pessoas para ver, coisas a fazer: Vivia como um engenheiro, num universo de instrumentos; não era de admirar que se tivesse tornado mais seco do que uma pedra. Estacou o passo. Esta sequeidão o horrorizava. Na noite de Natal, prometera-se tanto a si mesmo que tornaria a achar o seu eu: e nada encontrava. Além do mais, sentia-se constantemente indisposto, sempre na defensiva, tenso, irritável, irritado. Sabia, e muito, que realizava mal todas as tarefas que se impunha, o que só lhe dava remorsos. “Não estou suficientemente informado, não vejo nada claro nisso, tomo partido levianamente, não tenho tempo, nunca terei tempo.” Tal refrão importunava. E ele não pararia de ouvi-lo, tudo seria pior do que antes, infinitamente pior. Destruído, devorado, limpo até os ossos. Não se tratava mais de escrever. É um modo de vida, o escrever; escolheria outro modo e não teria que comunicar mais nada a ninguém. “Não quero”, disse a si mesmo, revoltado. Não, suas repugnâncias não eram fúteis; dramatizando um pouco, poderia, ao contrário, dizer que aí estava uma questão de vida ou morte para si: estava em jogo sua vida ou sua morte de escritor. Era preciso que se defendesse. “Afim de contas, o SRL não detinha nas mãos o destino da humanidade”, pensou: “nem eu, nas minhas, detenho o do SRL.” Muitas vezes havia pensado: “Leva-se tudo demasiadamente a sério. Na realidade, nossos atos não importam tanto, este mundo não importa tanto: é fibroso, poroso, sem consistência.” Os transeuntes se apressavam através da bruma, como se lhes fosse

importante chegar um pouco mais cedo, aqui ou ali; no fim, todos morrerão, e eu também: como isto torna a vida mais leve! Nada se pode fazer contra a morte; em consequência, não se pode fazer nada por ninguém, nada se deve a ninguém: inútil envenenar a própria existência. Fizesse ele, portanto, o que fosse capaz de fazer. Abandonar *L'Espoir* e o SRL, deixar Paris, instalar-se num recanto qualquer do Mediterrâneo e consagrar-se a escrever. “Colher o que se semeou”, disse Lambert. Tentar ser feliz, sem esperar que todo o mundo o seja. Por que não? Henri imaginava a casa de campo solitária, os pinheiros, o cheiro das urzes e do mato. “Mas escrever o quê?” Continuou a caminhar, a cabeça vazia. “A armadilha é bem-feita”, pensou. “Quando acreditamos escapar-lhe, fecha-se sobre nós.” Recuperar o passado, salvar o presente com palavras é muito bonito. Mas isso não se pode fazer senão transmitindo-as aos outros; não tem sentido a não ser que o passado, o presente, a vida pesem muito. Se este mundo carece de importância, se os outros homens não contam, para que escrever? Só resta bocejar de tédio. A vida não pode ser seccionada, é preciso tomá-la por inteiro, é tudo ou nada: somente não se tem tempo para tudo, eis o drama. Novamente se desencadeou a sarabanda na cabeça de Henri. Estava muito ligado ao jornal; seus cuidados a respeito da guerra, da paz, da justiça não eram futilidades. Não se tratava de jogar fora tudo isso; entretanto, ele era um escritor, que queria escrever. Até o presente, dera um jeito para conciliar tudo, bem ou mal: antes mal. Se cedesse a Dubreuilh, não se sairia mais dessa. Então, que fazer? Ceder? Não ceder? Agir? Escrever? Entrou em casa, para deitar-se.

Ao cabo de alguns dias, Henri se sentia hesitante do mesmo modo. “Sim ou não?” Acabaria por fazê-lo ficar de mau humor essa obsessão. Reconheceu o fato quando percebeu o rosto sorridente de Lachaume, à porta.

— Pode conceder-me cinco minutos?

Lachaume passava frequentemente pelo jornal, para ver Vincent; e, quando chegava ao escritório de Henri, era sempre bem-vindo. Mas desta vez Henri disse, com voz muito seca:

— Gostaria de que fosse amanhã; tenho que acabar um artigo.

— É que eu queria falar-lhe hoje — disse Lachaume, sem se abalar. Sentou-se, decidido.

— A propósito de quê?

Lachaume olhou-o com uma espécie de severidade:

— De acordo com o que disse Vincent, estariam pensando em associar *L'Espoir* ao SRL?

— Vincent é fofoqueiro — disse Henri. — É um assunto que ainda está no ar.

— Ah! Prefiro assim!

— Por quê? Que lhe importa isso? — indagou Henri em tom um pouco agressivo.

— Seria um erro grave — disse Lachaume.

— Que teria o caso de grave?

— Pensava mesmo que você não o soubesse, por isso achei de bom tom preveni-lo — disse Lachaume. A voz tornou-se-lhe dura: — No partido, considera-se que o SRL se está tornando um movimento anticomunista.

Henri se pôs a rir:

— Com efeito, jamais eu teria descoberto isso sozinho!

— Não há de que rir! — disse Lachaume.

— Você tem o riso difícil! — Henri olhou Lachaume com ironia: — Você cobre *L'Espoir* de flores, um pouco em excesso para meu gosto; e Dubreuilh, que diz as mesmas coisas que eu, é contra você! Que se passou? — acrescentou ele. — Lafaurie era tudo o que havia de amistoso na última semana.

— Um movimento como o SRL é bastante equívoco — disse Lachaume, com voz grave. — Em certa medida, atrai gente para a esquerda, é um fato; mas, a partir do instante em que anexa um jornal a si, em que organiza *meeting*, tem a intenção de nos desorganizar. No começo, o PC desejava uma aliança: mas, uma vez que se declaram contra nós, somos forçados a ficar contra eles.

— Quer dizer que, se o SRL fosse um pequeno grupo apagado, silencioso, trabalhando docilmente à sua sombra, vocês o teriam tolerado, ou mesmo encorajado? Mas se ele existir por contra própria a união sagrada deixará de funcionar?

— Repito-lhe que ele quer é desorganizar-nos; neste caso, não haverá a união sagrada.

— Sim, essa a maneira como vocês raciocinam! — disse Henri. — Mas um conselho vale outro: não comecem a atacar o SRL. Não farão crer a ninguém que se trata de um movimento anticomunista, além de darem

razão aos que têm a Frente Nacional por mistificação. Então é verdade que não suportam a existência de uma esquerda à margem de vocês!

— Não se trata, por enquanto, de atacar publicamente o SRL — disse Lachaume. — Estamos de olho nele, é tudo. — Encarou gravemente Henri: — No dia em dispuser de um jornal, ficará perigoso; não lhe ceda *L'Espoir*.

— Diga-me, a coisa cheira a chantagem. Se o SRL renunciar a ter um jornal, poderá ir vivendo sossegado, não é isso?

— Chantagem! — disse Lachaume, com reprovação. — Se o SRL se mantiver em seu lugar, continuaremos amigos; do contrário, não. É lógico.

Henri encolheu os ombros:

— Quando Scriassine me afirmava que não se pode trabalhar com vocês, eu me recusava a acreditar. Pois bem, ele estava certo. O direito que se tem é o de obedecer a vocês ao primeiro sinal, e nada mais.

— Você não quer compreender! — disse Lachaume, que acrescentou, com insistência na voz: — Por que não permanecer independente? Nisso estava a sua força.

— Se eu marchar com o SRL, direi exatamente as mesmas coisas que antes. Coisas que você aprova.

— Mas as dirá em nome de determinada facção, e elas tomarão um outro sentido.

— Ao passo que até aqui se podia supor que eu estava de acordo com o PC em todos os aspectos. Isso conviria a vocês?

— É certo que você está de acordo — disse ardorosamente Lachaume. — E, se está farto de bancar o franco-atirador, venha conosco. O SRL, de qualquer modo, não tem futuro: jamais eles terão o proletariado. No PC, há quem o escute quando você fala. Lá, pode fazer um trabalho verdadeiro.

— Mas um trabalho que não me agrada — disse Henri, que, a seguir, pensou com irritação: “Por estranho que pareça, anexaram-me ao partido.” Lachaume continuava a exortá-lo. Esse gênero de história não dava vontade de aproximação com eles, e Henri deveria tê-lo constatado. Tinha vindo preveni-lo como amigo, ou manobrá-lo? As duas coisas juntas, sem dúvida, o que era o mais desagradável. Henri, bruscamente disse: — Não percamos nosso tempo, e preciso concluir meu artigo.

Lachaume levantou-se:

— Confesse que é interessante para Dubreuilh ter *L'Espoir*, não para você.

— Conte comigo para a defesa dos meus interesses.

Apertaram-se as mãos friamente.

Dubreuilh fora prevenido da reviravolta do PC. Lafaurie, polidamente, intimara-o a renunciar à ideia de um *meeting*.

— Eles temem ver-nos importantes demais; tentam intimidar-nos — disse Dubreuilh —, mas, se resistirmos, não ousarão atacar-nos seriamente. — Estava decidido a resistir, e Henri de acordo. Mesmo assim, o caso precisava ser levado ao comitê. Tratava-se de uma consulta puramente formal, já que o comitê terminava adotando, invariavelmente, a opinião de Dubreuilh. “Quanto tempo perdido!”, pensava Henri, ao ouvir o murmurar confuso das vozes apaixonadas. Olhou através da janela o belo céu azul. “Eu faria melhor indo passear”, disse a si mesmo. O primeiro dia de primavera. A primeira primavera de paz. E ele não achara um minuto para aproveitar-se disso! De manhã, houve a conferência com os correspondentes de guerra americanos, depois a reunião com os norte-africanos. Almoçou um sanduíche, percorrendo os jornais, e agora estava emparedado nesse escritório. Olhou os outros: ninguém sequer tinha vontade de abrir a janela. A voz de Lenoir tremia de paixão e timidez; ele quase gaguejava:

— Se este *meeting* deve parecer hostil ao partido comunista, considero-o nefasto.

— Nefasto, se não denunciar a tirania do PC — disse Savière. — É por causa dessa covardia que a esquerda está morrendo.

— Não creio ser um covarde — interveio Lenoir. — Mas quero ter o direito de cantar com meus companheiros, na noite em que acenderem fogueiras, em sinal de regozijo.

— Vejamos, no fundo estamos todos de acordo; é apenas uma questão de tática — disse Samazelle.

Quando ele fazia uso da palavra, todos se calavam, não havia lugar para outra voz ao lado da sua. Ela era enorme e sagrada; ao rolar-lhe na boca, dir-se-ia que ele bebia vinho tinto. Explicava que o *meeting* constituía em si uma declaração de independência do PC e que convinha, por conseguinte, que a matéria dos discursos fosse neutra, até amistosa. Falava tão cuidadosamente que Savière pensou tratar-se de manobra destinada a

assegurar o rompimento com os comunistas, de modo a responsabilizá-los por todos os erros, ao mesmo tempo que Lenoir compreendeu que a aliança seria mantida a qualquer preço.

“Mas para que esta habilidade?”, perguntava-se Henri. “Mascarar nossas diferenças não é dar-lhes solução.” Por enquanto, Dubreuilh impunha facilmente suas decisões. Mas, se a situação se tornasse tensa, por exemplo, se os comunistas nos atacassem, quais seriam as reações de cada um? Lenoir estava fascinado pelos comunistas; só mesmo seus gostos literários e sua amizade a Dubreuilh o impediam de inscrever-se. Savière, ao contrário, tinha dificuldade em aquietar seus rancores de antigo socialista militante. Quanto a Samazelle, Henri não sabia muito bem o que ele pensava: Vagamente, desconfiava dele. Era o tipo acabado do politiqueiro. Por causa de seu corpanzil e do calor roufenho de sua voz, parecia estar solidamente enraizado na terra; imaginava-se que amasse com vigor a humanidade e as coisas. Na verdade, porém, isso não servia, senão para alimentar-lhe a impetuosa vitalidade. Era somente dela que ele se inebriava. Como gostava de falar! E com qualquer pessoa. Como lhe ia bem a vida mundana! Quando um homem dá maior importância ao som de sua voz do que ao sentido de suas palavras, onde está sua sinceridade? Bruneau e Morin eram sinceros, mas hesitantes; exatamente como esses intelectuais de que falava Lachaume, que querem se sentir eficientes sem sacrificar em si o individualismo. “Como eu”, pensou Henri; “como Dubreuilh. Enquanto se puder marchar com os comunistas, sem se deixar incluir entre eles, a coisa vai; mas, se decidem um dia excomungar-nos, cria-se um maldito problema.” Levantou os olhos para o céu azul. Inútil querer resolvê-lo hoje. Nem mesmo se podia formulá-lo concretamente: todas as perspectivas mudariam, se mudasse a atitude do PC. O certo é que não se devia deixar intimidar. Todos concordavam com isso, e os debates eram vazios. Henri disse a si mesmo que, nesse tempo, há tipos que pescam. Não gostava de pescaria, mas os pescadores, sim, e tinham muita chance de se dar bem.

Quando, afinal, o comitê se pronunciou, por unanimidade, a favor do *meeting*, Samazelle se aproximou de Henri:

— É preciso que o *meeting* seja um sucesso! — Havia em sua voz uma vaga crítica.

— Sim — disse Henri.

— Para isso, seria necessário que o ritmo do recrutamento se acentuasse consideravelmente.

— Seria desejável.

— Observe que, se tivéssemos um jornal, estaríamos seguros quanto a uma audiência muito maior.

— Sei disso — replicou Henri.

Examinava sem alegria aquele sólido rosto de abundante sorriso. “Se eu aderir, é com ele que terei que haver-me, pelo menos tanto quanto com Dubreuilh”, pensou. Samazelle era de uma atividade infatigável.

— Seria urgente conhecer sua resposta — disse Samazelle.

— Preveni Dubreuilh, de que precisava de alguns dias para refletir.

— Sim, isso já faz alguns dias.

“Decididamente”, pensou Henri mais uma vez, “não gosto dele.” E, censurando-se: “Eis aí uma reação de individualista!” Um aliado não é necessariamente um amigo. “Aliás, que é um amigo?”, perguntou-se, apertando a mão a Dubreuilh. Amigos... Até que ponto? A que preço? Se eu não ceder, que será dessa amizade?

— Não se esqueça de que há manuscritos à sua espera na *Vigilance* — disse Dubreuilh.

— Vou passar por lá imediatamente — informou Henri.

Ele teria se interessado de bom grado por essa revista. Distraía-o auxiliar Dubreuilh a reunir textos, a selecioná-los. Mas era sempre a mesma história: precisaria de tempo para ler com cuidado os originais, para escrever aos autores, para conversar com eles. Impossível. Teria que limitar-se a folhear às pressas escritos anônimos. “Faço tudo apressadamente”, pensou, instalando-se ao volante do pequeno carro preto. Este belo dia também, ele o vivia depressa. Dia após dia, a gente acaba por apressar a vida.

— Veio buscar sua correspondência? — perguntou Nadine, que lhe entregou um volumoso envelope amarelo, com ar importante. Levava muito a sério seu papel de secretária: — Aí estão os manuscritos, para o caso de querer dar uma olhada.

— Num outro dia — disse Henri. Examinou penalizado maços de papel empilhados sobre a mesa; cadernos pretos, vermelhos, verdes, pacotes de folhas mal-amarrados, memórias: tantos manuscritos, cada qual único para seu autor...

— Dê-me a lista dos que você leva — pediu Nadine, perdendo-se entre suas fichas.

— Levo este pacote. E também aquilo lá. Parece bom — disse Henri, designando um romance cuja primeira página lhe havia agradado.

— O livro do pequeno Peulevey? Tem um ar gentil esse ruivo, mas o que poderá escrever nessa idade? Não tem mais de vinte e dois anos. — Ela pousou autoritariamente a mão sobre o caderno: — Deixe-o comigo. Levo-lhe esta noite.

— Não sei se fica bem...

— Quero olhá-lo — disse Nadine. Sua única paixão era essa curiosidade devoradora: — Encontramo-nos de noite? — perguntou, desconfiada.

— Combinado. Às dez horas, no barzinho da esquina.

— Não vem antes ao Marconi? Vão festejar a queda de Berlim e os companheiros estarão lá.

— Não tenho tempo.

— Parece que Marconi tem discos dos mais recentes. Quanto a mim, sou indiferente, mas você afirma que gosta de jazz.

— Gosto de jazz, mas tenho o que fazer.

— Entre cinco e dez horas, não pode achar um minuto?

— Não. Às sete horas, vou ver Tournelle, que, afinal, combinou encontro comigo.

Nadine fez um gesto de zombaria:

— Ele vai rir na sua presença.

— Duvido. Mas quero poder escrever ao pobre Das Viernas que falei com Tournelle pessoalmente.

Nadine acabou de organizar em silêncio a sua lista.

— Bom, então até a noite — disse, erguendo a cabeça.

Henri lhe sorriu:

— Até a noite.

Ele a encontraria às dez horas. Aproximadamente às onze, subiriam juntos ao pequeno hotel em frente ao jornal: foi ela quem insistiu para dormir de novo com ele. Era um consolo pensar que esse dia árido se abriria, dentro de algumas horas, em uma noite tépida e rosada. Henri sentou-se outra vez no carro e partiu para o jornal. A noite ainda estava distante, e a tarde iria terminar sem alegria. Ouvir um jazz inédito, beber em companhia de colegas, sorrir para mulheres... sim, gostaria de fazer

isso tudo, mas seus minutos eram contados: no jornal, já havia pessoas contando os seus minutos. Gostaria de estacionar o carro ao longo do cais, apoiar-se ao parapeito, contemplar a água ensolarada ou fugir para os tímidos campos que cercam Paris: gostaria de muitas coisas. Mas, não. Ainda este ano as velhas pedras de Paris iriam verdejar sem ele. “Nenhuma parada: nada existe além do futuro, que recua indefinidamente. E eis aí o que se chama agir!” Discussões, conferências: nenhuma destas horas fora vivida por si mesma. Agora, ia começar seu editorial, ver Tournelle, e teria o tempo exato, antes de dez horas, de concluir seu artigo, e de descer às oficinas. Estacionou o carro em frente ao prédio do jornal. Era ainda uma sorte possuir este carro, sem o qual jamais teria sido capaz de levar a cabo tudo o que precisava fazer. Abriu a portinhola e viu a quilometragem: 2.327. Releu com surpresa os algarismos. Tinha a certeza de que ontem à noite o marcador indicava 2.102. Somente quatro pessoas tinham a chave da garagem: Lambert estava na Alemanha, Luc passara a manhã no jornal, e por que Vincent teria feito 225 quilômetros entre meia-noite e meio-dia? Não era dos que levassem a passear uma qualquer, seu gosto era incompatível com bordéis. Ademais, onde teria achado gasolina? Depois, teria avisado, sempre se avisa. Henri subiu a escada e, na soleira do escritório, parou. Esta história de quilometragem o intrigava. Dirigiu-se para a sala da redação, pôs a mão sobre o ombro de Vincent:

— Diga-me...

Vincent voltou-se, sorriu. Henri hesitou. Não era questão de suspeita. Mas, havia pouco, lendo uma notícia no *France-Soir*, embaixo da primeira página, tinha-se lembrado de certo sorriso de Vincent, no bar Rouge. Agora, Vincent sorria de novo e lhe vinha à memória aquele artigo. Deixou seu caso em suspenso e perguntou:

— Vamos tomar alguma coisa?

— Nunca se recusa — disse Vincent.

Subiram ao bar e sentaram-se diante de uma mesinha, perto da porta que dava para o terraço. Henri pediu dois copos de vinho branco e recomeçou:

— Diga-me, foi você quem pegou o carro hoje de manhã?

— O carro? Não.

— Esquisito! Alguém, além de nós, deve ter as chaves. Levei-o à garagem ontem à meia-noite e, depois, alguém fez 225 quilômetros.

— Você deve ter-se enganado quanto aos algarismos — disse Vincent.

— Não, estou certo de que não me enganei. Observei que tínhamos justamente ultrapassado 2.100. — Henri calou-se por instantes. — Luc esteve aqui esta manhã. Se não foi você quem saiu com o carro, quem realmente o teria feito? É preciso esclarecer isso.

— Em que isso pode lhe ajudar? — perguntou Vincent. Havia um quê de insistência em sua voz e Henri o olhou um momento em silêncio.

— Não gosto de mistérios — disse.

— É um mistério bem insignificante!

— Pensa assim?

Novo silêncio e Henri perguntou:

— Foi você quem o pegou?

Vincent sorriu:

— Escute, vou pedir-lhe um favor. Esqueça esta história; esqueça-a totalmente. O carro não saiu desde ontem à noite, e é tudo.

Henri esvaziou o seu copo. Duzentos e vinte e cinco quilômetros. Attichy fica a cem quilômetros, aproximadamente, de Paris. A notícia do *France-Soir* informava que o dr. Baumal, suspeito de haver trabalhado com a Gestapo e que acabava de ser beneficiado por um ato do tribunal, em que este reconhecia não haver motivo bastante para processo judicial, tinha sido encontrado de madrugada, assassinado em sua casa de Attichy. Henri examinou outra vez Vincent. Cheirava a folhetim a história. E Vincent sorria, em carne e osso; tudo bem real. Henri levantou-se. Havia um cadáver bem real em Attichy e os assassinos se encontravam em algum lugar, em carne e osso.

— Estaríamos melhor no terraço, para conversar — disse Henri.

— Sim, o dia está bonito — disse Vincent, avançando para o parapeito, por sobre o qual se via os reflexos do sol nos telhados de Paris.

— Onde você esteve esta noite? — perguntou Henri.

— Você faz questão de saber? — perguntou Vincent.

Sorriu com seus pensamentos. Henri disse, bruscamente:

— Você esteve em Attichy.

As feições de Vincent se alteraram; olhou suas mãos; não tremiam. Elevou com vivacidade os olhos para Henri:

— Por que você diz isso?

— Está mais do que claro.

De fato ele lançara as palavras sem crer nelas e, subitamente, era verdade. Vincent fazia parte de uma *gang*: essa noite estivera em Attichy.

— Está tão claro assim? — perguntou, despeitado. Ficara desolado de se haver deixado pilhar com tamanha facilidade; o resto todo lhe parecia perfeitamente indiferente.

Henri o agarrou pelos ombros:

— Você parece não se dar conta; é lastimável este tipo de coisa, totalmente lastimável.

— O dr. Baumal — disse Vincent com voz tranquila —, era ele que chamavam na rua de la Pompe, para cuidar dos rapazes que perdiam os sentidos; ele os reanimava, e começavam de novo a torcer-lhe os artelhos. Fez este trabalho durante dois anos.

Henri apertou com mais força a espádua ossuda:

— Sim, era um grande patife. E agora? Que adianta ter um patife a menos na Terra? Matar os colaboracionistas em 1943, de acordo. Mas, agora, de nada serve, não há quase risco, já não é nem ação, nem trabalho, nem mesmo esporte: exatamente um joguinho sujo. Em todo caso, há coisa melhor a fazer.

— Você reconhece que a “purificação” destes patifes é uma comédia repugnante — disse Vincent.

— Isso também é uma comédia e igualmente repugnante — retrucou Henri. — Quer que lhe diga? — acrescentou, com voz irritada. — Rebenta-lhes o coração o fato de que a aventura tenha acabado, e vocês aparentam prolongá-la. Mas, meu Deus!, não era a aventura que contava: eram as coisas que defendíamos.

— Defenderemos sempre as mesmas coisas — disse Vincent, com sua voz pausada. Parecia que ele discutia um problema de aceitação de ideias cem por cento abstrato. — Sabe — continuou —, todos estes fatos, pequenos e diversos, são muito úteis para refrescar a memória das pessoas. Elas precisam disso, enormemente. Veja: na semana passada, encontrei Lambert, que passeava com o pai. Há ou não uma indiscreta ponta de abuso nisso?

— Aconselhei-o a procurar o pai, se tivesse vontade — disse Henri. — É assunto que só a ele diz respeito. Refrescar a memória das pessoas! — tornou ele, com um gesto desolado: — É preciso estar louco para acreditar que isso possa mudar alguma coisa.

— Quem muda alguma coisa, e em quê? — perguntou Vincent, num tom irônico.

— Sabe por que estamos mal? — respondeu Henri, encolerizado. — Porque não somos suficientemente numerosos. Culpa sua, de seus companheiros, de todos os rapazes que matam o tempo com coisas repugnantes, em vez de realizarem um trabalho autêntico.

— Quer que eu me inscreva no SRL? — perguntou Vincent, com ironia na voz.

— Seria muito melhor! Finalmente, note: que significado tem atirar contra patifes mal-conhecidos, a quem ninguém dá atenção? A direita não se comporta pior.

Vincent cortou-lhe a palavra:

— Lachaume afirma que o SRL serve à reação e Dubreuilh afirma que o PC atraiçoa o proletariado: entenda isso! — Encaminhou-se deliberadamente para a porta: — Esqueça esta história. Prometo-lhe que não usarei mais o carro — acrescentou, sorrindo.

— O carro é o de menos — disse Henri.

Vincent declarou, peremptoriamente:

— Não se preocupe com o resto. — Atravessaram o bar, e ele perguntou:

— Você vai ao Marconi, daqui a pouco?

— Não. Tenho muito serviço.

— É pena! Uma vez em que podemos alegrar-nos todos juntos, por um mesmo motivo! Gostaríamos muito de tê-lo conosco!

— Eu também gostaria.

Desceram a escada em silêncio; Henri teria gostado de acrescentar alguma coisa, um argumento convincente: não achava nada. Sentia-se muito deprimido. Vincent carregava doze mortes nas costas, tentava esquecê-las continuando a matar. Nos intervalos, embriagava-se a valer. Iria fazê-lo, seguramente, no Marconi. Não se podia deixar que ele continuasse assim. Mas, como impedi-lo? “Há algo podre em algum lugar”, pensou Henri. Tantas coisas a fazer! E tantos indivíduos que não sabem o que fazer! Isto deveria ajustar-se; não se ajustava, porém. “Vou mandá-lo para longe, a fim de fazer uma grande reportagem”, decidiu. Mas isto não passava de uma solução provisória. Seria preciso ter alguma coisa de sólido a oferecer a Vincent. Se o SRL estivesse funcionando melhor, se realmente representasse uma esperança, Henri poderia dizer-

lhe: “Temos necessidade de você.” No momento, estava-se muito longe disso.

Quando Henri chegou, duas horas mais tarde ao Quai d’Orsay, estava melancólico. Tinha previsto muito bem a gentil acolhida de Tournelle, seu sorriso circunspecto.

— Diga ao seu amigo Das Viernas que sua carta será levada em consideração, mas aconselhe-o a ter paciência — disse Tournelle. — Encarrego-me de fazer sua resposta chegar pela mala — acrescentou. — Você só terá que remetê-la à minha secretária. Mesmo assim, seja muito prudente.

— Certamente. O pobre velho já é bem suspeito! — Henri olhou Tournelle com um pouco de censura: — São sonhadores, não se dão conta das coisas; entretanto, eles têm razão, mesmo assim, de querer mandar Salazar para os ares.

— Evidente que têm razão — redarguiu Tournelle. Havia uma espécie de rancor em sua voz, e Henri olhou-o com maior atenção.

— Neste caso, você não acha que se deveria procurar ajudá-los, de uma ou de outra forma? — indagou.

— Que forma?

— Não sei: o problema é seu.

Tournelle encolheu os ombros:

— Você conhece a situação tão bem como eu. Como quer que a França faça alguma coisa por Portugal, ou por quem quer que seja, quando nada pode fazer por si mesma?

Henri observou com inquietação aquele rosto irritado. Tournelle fora um dos primeiros a organizar a Resistência, e jamais duvidara da vitória: não lhe assentava bem essa confissão de derrota.

— Temos, em todo caso, um pouco de crédito — disse Henri.

— Acredita nisso? Você é desses que ficam orgulhosos com o fato de que a França foi convidada para São Francisco? Que está imaginando? A verdade é que não representamos mais nada.

— Não pesamos tanto, concordo. Mas, enfim, podemos falar, defender pontos de vista, exercer pressões...

— Eu me lembro — disse Tournelle, num tom amargurado. — Queria se salvar a honra, para que a França pudesse falar com os aliados de cabeça

erguida. Houve tipos que se deixaram matar por isso. Tudo sangue perdido!

— Não me vai dizer que não era preciso resistir.

— Não sei. Tudo que sei é que aquilo não adiantou grande coisa! —
Tournelle pôs a mão sobre o ombro de Henri: — Não vá dizer aos outros o que acabo de falar-lhe!

— Não, naturalmente!

Um sorriso mundano voltou aos lábios de Tournelle:

— Fiquei contente de revê-lo!

— Eu também.

Henri enfiou-se pelos corredores com passo rápido e atravessou o pátio. Tinha o coração apertado. “Pobre Das Viernas. Pobres velhos homens de bem!” Revia-lhes os colarinhos duros, os chapéus-cocos, aquela cólera sem exageros nos olhos. Diziam: “A França é nossa única esperança.” Não havia esperança, em parte alguma, na França não mais do que em outro lugar. Atravessou a rua e apoiou-se ao parapeito do cais. Vista de Portugal, a França ainda guardava o brilho teimoso das estrelas mortas e Henri se havia deixado enganar. De repente, descobria que habitava a capital moribunda de um pequeno país. O Sena corria em seu leito, a Madeleine, a Câmara dos Deputados estavam em seus lugares, o Obelisco também: era de acreditar que a guerra havia milagrosamente poupado Paris. “Gostaríamos de crer nisso”, pensou Henri, guiando o carro pelo bulevar Saint-Germain, onde os castanheiros florescia, como sempre. Deixaram-se enganar, complacentemente, por essas casas, por essas árvores, por esses bancos que imitavam, com tanta exatidão, o passado. Mas, na verdade, havia sido reduzida a nada a orgulhosa Cidade erguida no coração do mundo. Henri não era mais do que o desprezível cidadão de uma potência de quinta categoria; e *L’Espoir* uma gazeta local, do gênero do *Petit Limousin*. Subiu com um passo triste a escada do jornal. “A França nada pode fazer.” Informar, excitar, apaixonar um povo que nada pode fazer... A que isso conduz? Sua reportagem sobre Portugal tinha sido criada pelo autor como algo suscetível de levantar a opinião pública, de um polo a outro. E Washington a rir disso tudo, e o Quai d’Orsay reduzido à incapacidade. Sentou-se à sua mesa e releu o começo de seu artigo: para quê? Pessoas o leriam, meneariam a cabeça, atirariam o jornal ao cesto e... fim da história! Que importância no fato de que *L’Espoir* permanecesse ou

não independente, tivesse mais ou menos leitores, ou mesmo falisse? “Não vale a pena que eu me obstine!”, pensou Henri subitamente. Dubreuilh e Samazelle acreditavam poder utilizar o jornal; acreditavam também que a França teria ainda um papel a representar, se não permanecesse isolada: todas as esperanças estavam do lado deles; em frente, apenas o vazio. “Neste caso”, pensou Henri, “por que não telefonar, dizendo que aceito?” Examinou demoradamente o aparelho sobre a mesa; a mão, porém, não se decidia. Voltou ao artigo.

— Alô, Henri? É Nadine. — Havia na voz dela um frêmito impaciente: — Você não me esqueceu?

Ele consultou o relógio, com surpresa:

— Não, eu ia descer, são dez e quinze, não?

— Dez horas e dezessete minutos.

— Bem, estava trabalhando.

Desligou com impaciência. Nadine tinha um dom especial: dava sempre um jeito de estragar seus encontros. Durante esse dia tão árido, muitas vezes pensara no momento de tomar-lhe nos braços o corpo macio e fresco. Então teria, finalmente, sua parte na primavera. E eis que de um só golpe o rancor submergia o seu desejo. “Mais uma que supõe ter direitos sobre mim”, disse a si mesmo, descendo a escada. “Basta Paule...” Empurrou a porta do pequeno café. Nadine lia, com gravidade, tomando uma água mineral.

— Então? Você não pode esperar vinte minutos?

Ela levantou a cabeça:

— Desculpe-me, não queria apressá-lo, mas é mais forte do que eu. Assim que começo a esperar, parece-me que não verei nunca mais a pessoa a quem espero.

— Ninguém desaparece assim.

— Você acha?

Ele desviou a cabeça, um pouco envergonhado. Lembrava-se de chofre de que ela tinha dezoito anos e pesadas recordações.

— Pediu alguma coisa?

— Sim, eles têm bifés hoje. — Acrescentou, com um sorriso conciliatório: — Você também acertou, não indo ao Marconi; não estava nada extraordinário.

— Vincent se embriagou?

— Como sabe?

— Sempre se embriaga. Você deveria tentar ajudá-lo.

— Oh! Vincent? Ele tem todo o direito — disse Nadine, com uma voz sonhadora. — É tão diferente dos outros! É um arcanjo. — Fixou o olhar sobre Henri: — Então? Encontrou Tournelle?

— Encontrei-o. Disse que não se pode fazer nada.

— Eu bem sabia que se estava a fazer muito barulho por nada.

— Eu também sabia.

— Então, não valeu, de fato, a pena! — disse Nadine. Seu rosto estava novamente tempestuoso. Estendeu a Henri o caderno preto: — Trouxe-lhe o original.

— Que vale isso?

— Conta coisas muito divertidas da Indochina — disse Nadine, imparcialmente.

— Você acha que se poderiam publicar alguns trechos na revista?

— Oh! Com certeza. Eu publicaria tudo mesmo. — Olhou com uma espécie de rancor: — É preciso não ter pudor para ousar falar assim de si mesmo. Eu não poderia. Jamais.

Henri sorriu:

— Você nunca tem vontade de escrever?

— Nunca — disse Nadine com ênfase. — Antes de tudo, não compreendo como se pode escrever, quando não se tem talento.

— Às vezes, tenho a impressão de que escrever a ajudaria — disse Henri.

As feições de Nadine tornaram-se rijas:

— Ajudaria em quê?

— Ajudaria você a defender-se na vida.

— Defendo-me muito bem, obrigada — disse ela, atacando seu bife. — Vocês são engraçados — acrescentou ela. — São piores do que os viciados em drogas.

— Por quê?

— Porque os viciados querem viciar todo o mundo; vocês querem que todo o mundo escreva.

Henri abriu o original e de novo as frases datilografadas ressoaram dentro dele com um ruído claro, seco e alegre como uma chuva de granizo.

— Para um rapaz de vinte e dois anos, está realmente bom — disse ele.

— Sim, está bom — repetiu ela, desdenhosa. — Como pode se animar com um tipo que nem ao menos conhece?

— Não me animo. Constató que ele tem talento.

— E então? Não existem sobre a terra tantos escritores de talento? Explique-me — prosseguiu ela, obstinada: — Que necessidade têm você e papai de descobrir obras-primas em gestação?

— Se a gente escreve, é porque acredita na literatura e, assim, tem prazer de que ela seja enriquecida com um bom livro.

— Quer dizer que isso se reflete em suas próprias atividades e as justifica?

— De certo modo, sim.

— É como eu pensava — disse ela, com voz satisfeita. — No fundo, o interesse que vocês sentem pelos jovens não passa de egoísmo.

— Oh! Quanto cinismo por tão pouco!

— Não é sempre por egoísmo que se age?

— Digamos, em todo caso, que existem formas de egoísmo mais ou menos agradáveis para o próximo.

Ele não queria, sobretudo, discutir. Ela estava arranhando os dentes com um pedaço de palito de fósforo, e ele se sentia realmente irritado. O fósforo caiu no chão e ela perguntou:

— Você também pensa que eu errei, aceitando aquele cargo de secretária?

— Por que me pergunta? Você se sai muito bem.

— Não falo no interesse da função, mas no meu. Tive ou não tive razão?

Na verdade, ele não pensava grande coisa a respeito. Apesar de todo o seu cinismo, Nadine teria ficado estupefata, se soubesse até que ponto os seus problemas o deixavam indiferente.

— Você poderia, evidentemente, continuar os estudos — disse ele, sem vontade.

— Eu queria ser independente.

Trabalhar na revista do pai era um tipo esquisito de independência. Na verdade, ela se empenhava em desprezar os pais, até em odiá-los; só o que não suportaria é que a vida deles fosse diferente da sua. Tinha necessidade de estar ao lado deles para tripudiá-los.

— O melhor juiz é você — disse ele frouxamente.

— Então acha que tenho razão?

— Tem razão de fazer o que lhe agrada. — Respondia a contragosto, porque sabia que Nadine gostava muito de falar de si mesma, porém que qualquer julgamento, ainda que benevolente, a feria. Para dizer a verdade, nessa noite não havia nada de que tivesse vontade de falar; tudo o que desejava era meter-se na cama com ela.

— Sabe o que você faria, se fosse gentil?

— Não!

— Atravessaria a rua comigo.

O semblante de Nadine crispou-se.

— Quando me encontra, é só para isso — disse ela com despeito.

— Não tive a intenção de insultá-la.

— Queria conversar — disse ela, chorosa.

— Pois bem, conversemos! Quer um conhaque?

— Você bem sabe que não.

— Sempre tão sóbria como uma filha de Maria. Cigarro também não?

— Também não.

Ele pediu um conhaque, acendeu um cigarro.

— Sobre que você queria conversar?

A voz dele não estava amável. Mas Nadine não se deixou desconcertar.

— Tenho vontade de inscrever-me no PC.

— Inscreva-se.

— Mas o que você acha disso?

— Não há nada o que achar — respondeu ele, vivamente. — Só você sabe o que quer fazer.

— Mas eu estou hesitando, não é tão simples. Por isso queria que conversássemos a respeito.

— Discussões nunca convencem ninguém.

— Com outras pessoas você discute — disse Nadine, cuja voz se azedou bruscamente. — Comigo não quer discutir nunca. Suponho que seja por causa de minha condição de mulher. Mulheres são boas somente para se ter na cama.

— Passo meus dias discutindo — disse ele. — Se soubesse como acabasse ficando farto!

O fato é que, com Lambert ou com Vincent, ele não se teria eximido. Nadine tinha necessidade de auxílio tanto quanto eles. Mas ele havia aprendido, por experiência pessoal, que socorrer uma mulher era sempre

conceder-lhe um direito: a mais insignificante dádiva passava a ser uma promessa. Mantinha-se na defensiva.

— O que penso é que, se você entrar para o partido, não ficará muito tempo em suas fileiras — disse ele com esforço.

— Oh! Você sabe, não são seus escrúpulos de intelectual o que me seduz. O certo — disse ela determinadamente — é que, se eu me houvesse inscrito, não teria tido os remorsos que tive, quando vimos, em Portugal, aquelas crianças que morriam de fome.

Ele não disse nada. Sim, desembaraçar-se de uma vez por todas dos próprios remorsos é tentador. Mas, se se inscreve só com esse objetivo, sai-se mal, seguramente.

— Em que está pensando? — perguntou Nadine.

— Estou pensando em que, se você tiver vontade de inscrever-se, deve fazê-lo.

— Mas, você? Prefere continuar no SRL a ingressar no PC?

— Por que haveria de mudar de opinião?

— Neste caso, pensa que ser comunista é bom para mim, mas não para você?

— Muitas coisas existem, entre os comunistas, que não aceito. Se você as aceita, mãos à obra!

— Veja, não quer discutir! — disse ela.

— Estou discutindo.

— Sem vontade. Parece aborrecer-se comigo, descomunalmente! — acrescentou ela, com recriminação.

— Não, não me aborreço. Mas esta noite estou verdadeiramente cansado.

— Você está sempre cansado, quando me encontra.

— Porque a encontro de noite; bem sabe que não tenho outro momento livre.

Após um curto silêncio, ela disse:

— Ouça, vou fazer-lhe um pedido, que naturalmente você não atenderá.

— Que é?

— Passe comigo o seu próximo fim de semana!

— Mas não posso — disse ele. Novamente o rancor lhe apertou a garganta. Ela lhe recusava o corpo que ele cobiçava, e exigia tempo, atenção... — Você bem sabe que não posso.

— Por causa da Paule?

— Exatamente.

— Como pode um homem sujeitar-se a permanecer toda a vida escravo de uma mulher a quem já não ama?

— Nunca lhe disse que não tinha afeição por Paule.

— Tem pena dela e tem remorsos; todas estas fabricações sentimentais são lamentáveis. Quando se perde o prazer de ver alguém, dá-se o fora, e é tudo.

— Neste caso, nunca se deve pedir nada a ninguém — disse ele, encarando-a com insolência. — E, sobretudo, não se indignar, ao ouvir um não como resposta.

— Não me teria indignado se você me houvesse dito francamente: Não tenho vontade de passar com você este fim de semana... em vez de me falar de suas obrigações.

Henri sorriu ligeiramente. “Não”, pensou ele. “Desta vez não cairei no conto da franqueza: ela reclama a verdade, tê-la-á.”

— Admitamos que eu lhe fale francamente!

— Não terá necessidade de me falar isso duas vezes.

Apanhou a bolsa sobre a mesa e fechou-a com um ruído seco:

— Não sou do tipo sanguessuga. Não me prendo. Além disso, fique bem-sossegado: não o amo. — Olhou-o em silêncio um momento: — Como se pode amar um intelectual? Vocês têm uma balança no lugar do coração e um pouco de miolo na ponta do rabo. E, no fundo — concluiu —, são todos fascistas.

— Não compreendo.

— Vocês nunca tratam os outros igualmente, dispõem deles segundo o juízo estreito de suas consciências; a generosidade que mostram é imperialismo; a imparcialidade, presunção.

Ela falava sem cólera, distraidamente. Ergueu-se, sorriu ligeiramente e com cuidado:

— Oh! Não me faça essa cara de espanto. Enche-se de ver-me, e no fundo isso não me agrada muito; mais: não há drama, e a gente, reencontrando-se, conversará. Sem rancor.

Desapareceu na escuridão da rua e Henri pediu a conta. Não estava contente consigo mesmo: “Por que fui tão desagradável com ela?” Irritava-o, mas ele gostava muito dela. “Irrito-me muito frequentemente”, pensou. “Tudo me irrita: há alguma coisa que não está certa.” Esvaziou o

copo de vinho. Nada de admirável: passava os dias a fazer coisas que não tinha vontade de fazer; vivia, de manhã à noite, a contragosto. “Como cheguei a isso?” À primeira vista, não parecia ambição demasiada o que tinha projetado no dia seguinte à Libertação: refazer sua vida de antes da guerra e enriquecê-la de algumas atividades novas. Acreditava poder dirigir *L’Espoir* e trabalhar no SRL, sem por isso deixar de escrever ou de ser feliz. Não podia. Por quê? Não era questão de tempo. Se de fato houvesse feito pé firme, ter-se-ia programado esta tarde para flunar pelas ruas ou para ir ao Marconi. E, justamente agora, tinha tempo para trabalhar, podia pedir papel ao garçom, mas esta ideia lhe embrulhava o estômago. “Esquisita ocupação!”, dizia Nadine, e com razão. Os russos estavam saqueando Berlim, a guerra terminava e outra começava. Como se poderia passar bem o tempo, contando histórias que não aconteceram? Ele encolheu os ombros: esse também o gênero de pretexto que a gente arranja, quando o trabalho não anda. A guerra ameaçava estourar, a guerra estourou, e ele se comprazia em contar histórias. Por que não haveria de fazê-lo agora? Saiu do café. Lembrava-lhe uma outra noite, noite de cerração, em que predisse que a política iria devorá-lo. Ei-lo, com efeito, devorado. Mas por que não se defendeu melhor? Donde vinha esta aridez interna, que o paralisava? Por que aquele jovem, cujo original estava em suas mãos, achava o que dizer e ele não? Tinha tido vinte e dois anos e coisas a dizer; andava pelas ruas pensando em seu livro: o livro... Diminuiu o passo. Já não eram mais as mesmas ruas. Outrora eram deslumbrantes de luz e sulcavam a capital do mundo. Hoje, o clarão de um poste de iluminação pontilhava de longe em longe a noite. E a gente então notava o quanto a rua era estreita, o quanto as casas estavam descascadas. A Cidade Luz tinha sido extinta. Se um dia voltasse de novo a brilhar, o esplendor de Paris seria o das capitais decaídas: Veneza, Praga, Bruges, a morta. Já não havia as mesmas ruas, a mesma cidade, o mesmo mundo. Na noite de Natal, Henri havia prometido celebrar com palavras as doçuras da paz: mas esta paz não tinha doçura. As ruas estavam aborrecidas; a carne de Nadine, lúgubre. A primavera nada tinha a oferecer-lhe: o céu azul, os brotos obedeciam à rotina das estações; estavam sem promessa. “Dizer o gosto de minha vida.” Não tinha mais gosto, porque as coisas não tinham mais sentido. E esse o motivo por que escrever também não tinha mais sentido. Ainda nisso Nadine tinha razão: as pequenas luzes alinhadas ao

longo do Tejo... não se pode comprazer-se na sua descrição, quando se sabe que iluminam uma cidade que morre de fome. E quem morre de fome não serve de pretexto a frases. O passado fora miragem. Dissipada a miragem, que restava? Infelicidade, perigos, tarefas incertas, um caos. Henri havia perdido um mundo, e nada recebia em compensação. Não estava em parte alguma, não possuía coisa alguma, nada representava: sobre nada podia falar. “Bem, só me resta o silêncio”, pensou. “Se eu seguir realmente a linha de meu partido, deixarei de sofrer: talvez execute com melhor vontade as tarefas que me cabem.” Parou em frente ao bar Rouge. Através da vidraça, notou Julien, solitariamente sentado sobre um tamborete. Empurrou a porta e ouviu o próprio nome, num murmúrio. Na véspera, isto ainda o teria sensibilizado. Mas, enquanto abria caminho através da multidão, malqueria-se de haver-se deixado enganar por tão pífia miragem: irrisório triunfo, o de ser um grande escritor na Guatemala, ou em Honduras! Antigamente, pensava habitar um lugar privilegiado do mundo, donde cada palavra se propagasse por toda a terra. Agora, entretanto, sabia que tudo quanto dissesse morreria a seus pés.

— Muito tarde! — exclamou Julien.

— Por que muito tarde?

— Houve pancadaria, e você perdeu. Oh! Nada de extraordinário. Aliás, já nem se sabe mais dar pancadas decentemente.

— Qual foi o motivo?

— Um tipo chamou Pétain de “o marechal” — informou Julien, com voz vacilante. Tirou do bolso um vidro chato: — Quer *scotch* legítimo?

— Quero.

— Senhorita, mais um copo e mais soda, por favor. — Encheu até a metade o copo de Henri.

— Excelente! — Henri bebeu uma grande quantidade: — Estava necessitando de um ligeiro restaurador. Tive um dia muito cheio, coisa de louco! Você já notou como a gente se sente vazio, depois de um dia muito cheio?

— Os dias são sempre cheios, nunca sobra sequer uma hora; as garrafas, infelizmente, são o contrário.

Julien tocou no caderno que Henri havia posto sobre o balcão:

— Que é isso? Documentos secretos?

— Romance de um rapaz.

— Diga ao rapaz que faça disso desenhos para sua irmãzinha; que se torne bibliotecário, como eu: é uma ocupação encantadora e, de resto, muito mais sadia. Você já notou: se você vendeu manteiga ou canhões aos alemães, perdoam-lhe, abraçam-no, condecoram-no. Mas, se escreveu uma palavra a mais aqui ou ali, neste caso: apontar arma! Fogo! Você deveria escrever um artigozinho a respeito.

— Estou pensando nisso.

— Você pensa em tudo, não? — Julien esvaziou o frasco de *scotch* nos copos: — Dizer que você pode encher colunas e mais colunas para reclamar nacionalizações! Trabalho e justiça: crê que isso seria divertido? E a nacionalização dos bites? Quando vai ser? — Ergueu o copo: — Aos massacres de Berlim!

— Massacres?

— Que acha que eles fazem em Berlim esta noite, os bons cossacos? Massacres e estupros! Você fala de uma situação perdida. É a vitória, ora essa! A nossa vitória. Não se sente orgulhoso?

— Ah! Não vai querer, você também, me encher com a política!

— Oh! Não. A política que vá à... merda! — explodiu Julien.

— Se quer dizer que este mundo não é muito divertido — disse Henri —, penso como você.

— Eu também. Faça o favor de olhar este buraco: chama-se bar. Mesmo os bêbados só falam em reerguer a França. E as mulheres! Nenhuma mulher alegre neste bairro. Só agitadoras.

Julien desceu do seu tamborete:

— Olhe! Venha a Montparnasse comigo. Ali ao menos a gente encontra damas encantadoras; podem não ser damas de verdade, mas por dois tostões são bem complacentes e nada agitadoras.

Henri sacudiu a cabeça:

— Vou deitar-me.

— Você também não é divertido — disse Julien, com desgosto. — Não, para um pós-guerra, isto decididamente não saiu bem!

— Não saiu bem! — disse Henri. Seguiu com o olhar Julien, que se dirigia com dignidade para a porta; ele também não era divertido, estava-se tornando azedo. Mas, em suma, por que o pós-guerra haveria de ser particularmente divertido? Sim, durante a ocupação, ele era bem bonito: uma velha história. Muito cantada a canção dos amanhãs; mas o dia

seguinte se tornara hoje: não se cantou mais. Na realidade, Paris havia sido destruída e todos tinham morrido na guerra. “Eu também”, pensou Henri. E depois? Estar morto não atrapalha quando se renuncia a fingir de vivo. Cessado o escrever, cessada a vida. Uma única senha: agir. Agir em equipe, sem cuidar de si, semear, semear de novo, colher nunca. Agir, unir-se, servir, obedecer a Dubreuilh, sorrir a Samazelle. Ele telefonaria: “O jornal é de vocês.” Servir, unir-se, agir. Henri pediu um conhaque duplo.

Capítulo IV

Sobreviver, morar do outro lado da vida: no final, é muito confortável. Não se espera mais nada, não se teme mais nada e todas as horas parecem recordações. Foi o que descobri durante a ausência de Nadine: que tranquilidade! As portas do apartamento não batiam mais, eu podia conversar com Robert sem frustrar ninguém e ficar acordada até tarde da noite, sem que batessem à minha porta; aproveitei isso. Gostava de surpreender o passado no fundo de cada instante. Um minuto de insônia bastava: a janela aberta, deixando ver três estrelas, ressuscitava todos os invernos, os campos gelados, Natal. No ruído das latas de lixo tiradas do lugar, despertavam todas as manhãs parisienses, desde a minha infância. Havia sempre o mesmo velho silêncio no escritório de Robert enquanto ele escrevia, os olhos avermelhados, surdo, insensível; e como me era familiar o murmúrio dessas vozes agitadas! Os rostos eram novos. Chamavam-se agora Lenoir, Samazelle; mas o cheiro do tabaco cinzento, aquelas vozes violentas, aqueles risos conciliatórios, eu os reconhecia. À noite, ouvia as narrativas de Robert, olhava nossos bibelôs estáticos, nossos livros, nossos quadros e me dizia que a morte talvez fosse mais clemente do que eu suspeitava.

Apenas foi preciso erguer barricadas em torno dessa minha tumba. Pelas ruas molhadas, viam-se homens de pijamas listrados; eram os primeiros deportados, que regressavam. Nas paredes, nos jornais, fotografias nos revelavam que, durante todos esses anos, não tínhamos sequer pressentido o que significava a palavra “horror”. Novos mortos vinham aumentar a multidão dos mortos, traídos pelas nossas vidas. E, no meu consultório, eu via aparecer sobreviventes que não podiam repousar no passado. “Queria tanto dormir uma noite sem recordações”, suplicava aquela moça alta de faces ainda frescas, mas cujos cabelos embranqueceram. Comumente eu sabia defender-me. Todos os neuróticos que, durante a guerra, contiveram sua loucura tiravam agora revanches frenéticas. Eu não lhes concedia

senão um interesse profissional. Mas, diante desses que voltavam, eu tinha vergonha: Vergonha de não haver sofrido bastante e de estar ali ilesa, pronta a dar-lhes conselhos, do alto de minha saúde. Ah! Os problemas que eu colocava a mim mesma me pareciam vãos, e muito: qualquer que fosse o futuro do mundo, era preciso ajudar esses homens e essas mulheres a esquecer, a sarar. O único problema era trabalhar de noite em vão: meus dias já eram excessivamente curtos.

Além do mais que Nadine já havia regressado a Paris. Arrastava uma grande sacola de marinheiro, cheia de linguiça cor de ferrugem, presunto, açúcar, café, chocolate. Da valise tirou bolos grudentos de açúcar, de ovos, meias, sapatos, echarpes, tecidos, aguardente. “Confessem que eu não me saí mal!”, dizia orgulhosamente. Vestia uma saia escocesa, uma blusa vermelha bem-cortada, um casaco de pele vaporoso, sapatos com sola de crepe: “Trate de mandar fazer um vestido, minha pobre mãe; você anda muito mal-arrumada”, disse-me ela, atirando-me aos braços um tecido macio, de ricas cores de outono. Durante dois dias, descreveu-nos impetuosamente Portugal. Relatava mal. Esboçava com grandes gestos frases que as palavras não chegavam a completar. E havia em sua voz uma intensidade inquieta: dir-se-ia que ela precisava deslumbrar-nos para ter prazer nas evocações. Examinou a casa com ar importante:

— Você não percebe... estes ladrilhos! Estes assoalhos! Não, agora que a sua clientela retorna, você não pode fazer isso sozinha.

Robert também insistia. Quanto a mim, repugnava-me ter quem me servisse, mas Nadine dizia tratar-se de escrúpulos pequeno-burgueses. Da noite para o dia, achou para mim uma empregada moça, cuidadosa, zelosa, chamada Marie. Quase a despedi logo na primeira semana. Robert saíra bruscamente, como sempre lhe acontecia naqueles dias, e deixara seus papéis em desordem sobre a mesa. Ouvindo um barulho no escritório, entreabri a porta e vi Marie debruçada sobre pedaços de papel manuscritos.

— Que está fazendo?

— Estou pondo as coisas em ordem — respondeu Marie, placidamente.

— Aproveito a oportunidade, já que o patrão não está.

— Já lhe disse que não toque jamais nesses papéis; e você não os estava arrumando, estava lendo-os.

— Sou incapaz de ler a letra do patrão — disse ela, com mágoa. Sorri-me. Tinha um rostinho sem brilho, que o sorriso não iluminava: — É tão engraçado ver o patrão escrever o dia todo! Ele tira tudo isso da própria cabeça? Como eram as palavras no papel; não estraguei nada.

Hesitei, e finalmente o coração me amoleceu. Passar o dia limpando, arrumando, que tédio! Com todo o seu ar de dorminhoca, ela não parecia idiota, eu compreendia que procurava distrair-se.

— Está bem, mas não faça isso de novo. — Acrescentei: — Diverte-se, lendo?

— Não tenho tempo para ler — disse Marie.

— Seu dia agora está terminado?

— Em casa somos seis filhos; sou a mais velha.

“Pena que ela não possa aprender um ofício de verdade”, pensei; e também pensei, vagarosamente, em falar-lhe a respeito; porém quase não a via e ela era muito reservada.

— Lambert não telefonou — observou-me Nadine, alguns dias após seu regresso. — Todavia, ele sabe muito bem que Henri retornou, e eu com ele.

— Você lhe repetiu vinte vezes que lhe daria um sinal: ele tem medo de chateá-la.

— Oh! Se ele ficar de mau humor, isso é problema dele. Mas você está vendo que ele pode passar sem mim.

Não respondi e ela continuou, num tom agressivo:

— Queria dizer-lhe uma coisa. Você está muito enganada a respeito de Henri. Tomar-se de amores por um tipo assim... Outras, não eu. Ele é tão seguro de si! Além de ser maçante — concluiu com mau humor.

Certamente não tinha a mínima ternura para com ele. Não obstante, nos dias em que ia encontrá-lo, maquilava-se com um cuidado todo particular, e quando voltava para casa estava mal-humorada, mais do que de costume. É duro dizer isto. Servia-se de todo pretexto para despertar cóleras. Certa manhã foi ao escritório de Robert, agitando um jornal, com ares vingativos:

— Olhe isto!

Na primeira página do *Lendemain*, Scriassine sorria a Robert, que olhava para a frente, com fúria.

— Ah! Eles me pegaram! — exclamou Robert, agarrando o semanário.
— Foi outro dia, no Isba — disse ele a Nadine. — Mande-os dar o fora, mas me pegaram!

— E pegaram-no com este tipo sujo — acrescentou ela, a voz esganiçada de cólera. — Fizeram-no de caso pensado.

— Scriassine não é um tipo sujo.

— Todos sabem que está vendido à América. É desprezível. E que é que você vai fazer?

Robert deu de ombros:

— Que quer que eu faça?

— Um processo. Não se tem o direito de fotografar pessoas contra a vontade delas.

Os lábios de Nadine tremiam. Sempre lhe fora odioso o fato de o pai ser conhecido. Quando um novo professor ou examinador lhe perguntava: “Você é filha de Robert Dubreuilh?”, ela se trancava num mutismo arisco. Todavia, orgulhava-se dele. Apenas gostaria de que fosse célebre, sem que se soubesse...

— Um processo... Isso faria barulho excessivo. Não. Não temos armas.
— Atirou o jornal: — Você disse algo muito certo outro dia, que para nós a nudez começa no rosto.

Sempre fiquei assombrada da fidelidade com que ele me recordava palavras que eu havia esquecido completamente. Em geral, emprestavam-lhes mais sentido do que eu lhes atribuíra; sempre, com todos.

— A nudez começa no rosto; a obscenidade, com a palavra — continuou Robert. — Estabelecem que devemos ser estátuas ou espectros. E, assim que nos surpreendem existindo em carne e osso, acusam-nos de descompostura. É por isso que o menor gesto toma tão facilmente uma aparência de escândalo: rir, falar, comer são flagrantes delitos.

— Pois bem, façam de modo a não se deixarem surpreender — disse Nadine, cuja voz se exasperava.

— Escute — disse eu —, não há motivo para drama.

— Oh! Que disse? Certamente. Se pisarem no seu calo, você pensa que pisaram num calo que só por acaso é seu, sem intenção.

De fato, a mim também não agradava esse entusiasmo simulado em torno de Robert. Embora não tivesse publicado nada desde 1939 — exceção feita a artigos em *L'Espoir* —, falava-se a respeito dele de

maneira muito mais exagerada do que antes da guerra. Suplicaram-lhe vivamente que lutasse por um lugar na Academia e que reclamasse a Legião de Honra. Os jornalistas o perseguiram, e sobre ele se imprimiam montanhas de mentiras. “A França”, dizia-me ele, “exalta seus especialistas regionais: cultura e alta costura.” Irritava-se também com esse barulho ocioso em torno de si. Mas que fazer, no caso? Em vão eu explicava a Nadine que nada podíamos contra isso: ela entrava em crise cada vez que lia uma notícia sobre Robert ou via uma fotografia sua nos jornais.

Eis que novamente as portas batiam dentro de casa, os móveis balançavam, livros caíam com estrondo no chão. A desordem começava cedo. Nadine dormia pouco, achava que dormir era perder tempo, ainda que não soubesse bem o que fazer do seu tempo. Cada ocupação lhe parecia vã, comparada com todas as que lhe sacrificava. E não se decidia por nenhuma. Quando eu a via sentada, o ar soturno, em frente à máquina de escrever, perguntava-lhe:

— Está fazendo progresso?

— Melhor faria se estudasse a minha química; vou levar bomba.

— Estude a sua química.

— Mas é preciso que uma secretária bata à máquina. — Ela gesticulou desdenhosamente: — E é tão absurdo atravancar a cabeça com fórmulas! Que relação tem isso com a verdadeira vida?

— Deixe a química, se a aborrece tanto.

— Você me disse vinte vezes que a gente não se deve deixar levar.

Tinha jeito para fazer voltar contra mim todos os conselhos com que lhe aborreci a infância.

— Há casos em que é estupidez obstinar-se.

— Mas não se aflija! Não sou tão incapaz como você acha. Passarei nesse exame.

Uma tarde, bateu à porta de meu quarto.

— Lambert veio ver-nos.

— Veio ver você — disse eu.

— Volta depois de amanhã para a Alemanha, faz questão de despedir-se de você. — Acrescentou, com uma vivacidade queixosa: — Venha. Ficaria mal se você não viesse.

Acompanhei-a até a sala de estar. Mas sabia que, na realidade, ele não gostava de mim. Sem dúvida, e não sem razão, me fazia responsável por tudo o que o machucava em Nadine: a agressividade dela, a má-fé, a teimosia. Eu supunha também que ele tivesse inclinação por uma mulher de mais idade que lhe servisse de mãe, e que resistia a essa tentação infantil. Seu rosto de nariz arrebitado, de maçãs um pouco moles, traía um coração e uma carne obcecados por ideais de submissão.

— Não sabe o que Lambert me está contando? — disse Nadine, com animação. — Os americanos não repatriaram 10% dos deportados: deixam-nos apodrecer no mesmo lugar.

— Nos primeiros dias, a metade morreu, empanturrada de linguiça e de conservas — disse Lambert. — Agora, dão-lhe uma sopa de manhã e à noite um café acompanhado de um bom pedaço de pão; e eles morrem de tifo, como moscas.

— Seria preciso que se soubesse disso — disse eu —, que se protestasse.

— Perron vai fazê-lo. Mas ele quer dados precisos, o que é difícil, porque interditam os campos à Cruz Vermelha francesa. É justamente por isso que vou voltar.

— Leve-me com você — disse Nadine.

— Eu, se pudesse, consentiria nisso de boa vontade — disse Lambert sorrindo.

— Que é que eu disse de errado? — perguntou Nadine, com voz irritada.

— Você bem sabe que é impossível — respondeu Lambert. — Só deixam passar os correspondentes de guerra.

— Há mulheres que são correspondentes de guerra.

— Mas não você e agora é muito tarde, não se aceita mais ninguém. Aliás, não fique sentida — continuou ele —; não é um trabalho que eu aconselharia a você.

Era para si mesmo que ele falava, mas Nadine pensou sentir-lhe na voz uma nuance de proteção:

— Por quê? O que você fez eu posso fazer, não?

— Quer ver as fotografias que eu trouxe?

— Mostre-as — disse ela, com avidez.

Ele expôs as fotografias sobre a mesa. Eu teria preferido não vê-las, porém não tinha alternativa. As dos ossários eram ainda suportáveis; havia-as em grande número. Ademais, como lamentar por ossos? Mas que

fazer de nós mesmos, em face das imagens dos vivos? Todos aqueles olhos...

— Tenho visto muito piores — disse Nadine.

Lambert retomou as fotografias sem dar resposta e disse, num tom encorajador:

— Você sabe que, se tiver vontade de fazer reportagens, não será difícil. Só terá que falar com Perron; mesmo na França haveria uma porção de entrevistas possíveis.

— O que quero é ver o mundo, tal como é — interrompeu-o Nadine —; depois de ter feito isso, alinhar palavras não me interessa.

— Estou certo de que se sairia bem — disse Lambert, calorosamente. — Você tem capacidade, sabe fazer falar às pessoas, sabe agir; teria trânsito livre em qualquer parte. E, quanto a rabiscar um papel, aprende-se depressa.

— Não — disse ela, obstinadamente. — Quando se escreve, nunca se diz a verdade. A reportagem de Perron sobre Portugal saiu toda equivocada. Com as suas, estou certa, acontece algo semelhante; não creio nelas. É por isso que quero ver as coisas com os meus olhos; mas procurarei não inventar histórias com elas e ir vendê-las.

O rosto de Lambert anuviou-se.

— Acho os escritos de Lambert singularmente convincentes; a enfermaria de Dachau... A gente tem a impressão de havê-la visitado — disse eu, com vivacidade.

— Que provam suas impressões? — indagou Nadine, com impaciência na voz. Houve um pequeno silêncio e ela perguntou:

— Será que Marie vai trazer o chá? Chá ou merda? — Chamou com autoridade: — Marie!

Marie apareceu no vão da porta, em uniforme de trabalho, azul, e Lambert se levantou, sorrindo:

— Marie-Ange! Que é que você faz aqui?

Ela ficou toda vermelha e tentou sair. Retive-a:

— Você pode responder.

Olhando fixamente para Lambert, ela disse:

— Sou a empregada.

Lambert também tinha ficado muito vermelho e Nadine os olhava com desconfiança:

— Marie-Ange? Você a conhece? Marie-Ange de quê?

Houve um silêncio gélido e ela disse, bruscamente:

— Marie-Ange Bizet.

Senti a cólera subir-me à cabeça:

— A jornalista?

Ela encolheu os ombros:

— Sim — disse. — Vou-me embora, vou agora mesmo. Não tenha o trabalho de me expulsar.

— Você veio espionar-nos a domicílio? Não pode haver maior safadeza.

— Não sabia que conheciam jornalistas — disse Marie-Ange, com uma olhadela para Lambert.

— Que é que você está esperando para esbofeteá-la? — gritou Nadine.

— Ela ouviu todas as nossas conversas, mexeu em tudo, leu nossas cartas, vai contar tudo a todo mundo...

— Oh! Você, com sua voz trovejante, não me mete medo — disse Marie-Ange.

Tive justamente o tempo de reter Nadine, segurando-a pelos punhos. Teria com facilidade levado Marie-Ange ao chão; era só audácia que lhe faltava para se desprender de mim, num movimento brusco. Marie-Ange encaminhou-se para a porta e eu a segui. No hall, perguntou-me, com calma:

— A senhora não quer que eu termine pelo menos os ladrilhos?

— Não. O que quero é saber que jornal a enviou.

— Nenhum. Vim por iniciativa própria. Pensei que faria um belo trabalho, que seria facilmente vendido. A senhora sabe: o que chamam de um perfil — disse, em tom profissional.

— Sim; está bem, vou avisar os jornais e o que comprar a sua historietta pagará caro.

— Oh! Não vou nem tentar vendê-lo, agora está perdido. — Tirou o uniforme azul e enfiou um casaco: — E, com este, faz oito dias que estou cuidando da casa! Detesto o serviço caseiro! — acrescentou com desespero.

Nada respondi, mas, sem dúvida, ela sentiu que minha cólera se abrandava porque tentou um pequeno sorriso:

— A senhora sabe, nunca pensei fazer um artigo indiscreto — disse com voz de menina. — Procurava unicamente uma atmosfera.

— Foi por isso que mexeu em nossos papéis?

— Oh! Mexia por prazer. — Acrescentou, num tom de despeito: — Está certo, para a senhora é fácil xingar-me. Estou errada... Mas acredita que é fácil ter sucesso? A senhora é mulher de um indivíduo célebre... não é nada difícil. Eu preciso defender-me sozinha. Escute-me — disse ela —, dê-me uma chance; amanhã lhe tratei este artigo e a senhora cortará tudo o que não lhe agrada.

— Depois você o negociará sem os cortes!

— Não, juro-lhe. Se quiser, posso dar-lhe armas contra mim: uma confissão bem clara, assinada, estará em suas mãos. Diga, aceite! Eu lhe lavei a louça. E, mesmo assim, mostrei capacidade, não?

— Ainda mostra.

Hesitei. Se me tivessem contado esta história, teria na imaginação arrastado pelos cabelos e jogado do alto da escada a impostora que violara nossa vida particular. Mas ela se achava ali, uma menina morena e ossuda, sem beleza e com tanto desejo de triunfar.

— Meu marido nunca dá entrevistas — disse eu, afinal. — Não concordará.

— Pergunte-lhe: uma vez que o trabalho já foi feito... Eu telefonarei amanhã cedo — acrescentou rapidamente. — A senhora não me quer mal por isso, não é? Detesto que me queiram mal. — Solto uma risadinha confusa: — Eu nunca quero mal a ninguém.

— Também não sei muito bem fazer isso.

— É o cúmulo! — gritou Nadine, surgindo do corredor com Lambert: — Você deixa que ela publique o artigo! Sorri para ela! Para essa espiã...

Marie-Ange tinha aberto a porta de entrada, que ela bateu rapidamente atrás de si.

— Prometeu submeter o artigo à minha apreciação.

— Esta espiã! — repetiu Nadine, com voz aguda. — Ela leu meu diário, leu as cartas de Diego, ela... — Sua voz se quebrou. Nadine estava sacudida por uma cólera brutal, como as da infância: — E recompensam-na! É preciso bater nela!

— Deu-me pena.

— Pena! Você sempre tem pena de todo o mundo! Com que direito? — Olhou-me com uma espécie de ódio: — No fundo, é desprezo; nunca há uma verdadeira distância entre você e os outros.

— Acalme-se, o caso não é tão grave assim.

— Oh! Eu sei, sou eu naturalmente que estou errada; a mim você nunca desculpa. Tem toda a razão! Não quero sua piedade!

— É uma boa moça, você sabe — disse Lambert —; um pouco arrivista, mas gentil.

— Está bem! Vá felicitá-la, também você! Corra!

Bruscamente, Nadine correu para o seu quarto, cuja porta bateu com estrondo.

— Desculpe-me — disse Lambert.

— Não foi realmente culpa sua.

— Os jornalistas hoje em dia têm costumes de informante policial. Compreendo que Nadine esteja enraivecida. Em seu lugar, eu também ficaria furioso.

Ele não tinha necessidade de defendê-la contra mim, mas a intenção era boa.

— Compreendo, também — disse eu.

— Bem, vou embora — concluiu Lambert.

— Boa viagem. — E acrescentei: — Deveria vir ver Nadine com mais assiduidade. Ela lhe tem muita amizade, você sabe disso.

Sorriu com algum constrangimento:

— Parece o contrário!

— Ficou decepcionada com o fato de que você não lhe deu sinal de vida mais cedo. É por isso que não estava muito amável.

— Mas ela me dissera que não fosse o primeiro a telefonar.

— Mesmo assim, teria gostado, se lhe telefonasse. Ela precisa estar segura de uma amizade, para dar-se.

— Não tem razão alguma de duvidar da minha — disse Lambert, que acrescentou, subitamente: — Gosto muito de Nadine.

— Então procure fazer com que ela o perceba.

— Faça o que posso. — Hesitou, depois estendeu-me a mão: — Em todo caso, virei assim que regressar.

Dirigi-me ao meu quarto sem ousar bater à porta de Nadine. Como ela era injusta! É verdade que procuro sempre desculpar os outros e que a indulgência seca o coração. Se, quanto a ela, tenho exigências, é porque não se trata de um caso de que me ocupe especialmente. Entre ela e mim

há uma distância verdadeira, este ruído que corrói, este ruído de funda preocupação no meu peito.

No começo, ela achou ruim quando apareceu o artigo insignificante da pequena Bizet; mas sua disposição melhorou muito, ao se abrirem os escritórios da *Vigilance*. Às voltas com tarefas precisas, mostrou-se uma excelente secretária, o que a deixou toda orgulhosa. Foi um sucesso o primeiro número da revista. Robert e Henri estavam ambos contentes, preparavam com afinco o número seguinte. Robert transbordava de afeição por Henri, desde que o convencera a associar o destino de *L'Espoir* ao do SRL, e eu fiquei feliz por esse acontecimento, porque, em suma, Henri era o seu único amigo verdadeiro. Julien, Lenoir, os Pelletier, os Cange... passávamos bons momentos com eles, mas não se ia muito além. Entre os velhos socialistas, alguns haviam colaborado, outros foram mortos nos campos. Charlier estava se tratando na Suíça; os que se mantinham fiéis ao partido censuravam Robert, que lhes dava o troco. Lafaurie ficara decepcionado com o fato de ele haver fundado o SRL, ao invés de unificar o comunismo: as relações entre ambos careciam de calor. Robert não tinha, por assim dizer, mais contato com os homens de sua idade, mas preferia assim: considerava sua geração responsável por essa guerra, que não soubera impedir. Achava que ela conservara compromissos excessivos com o passado. Queria trabalhar com homens jovens. A política, a ação tinham hoje uma figura e métodos novos, aos quais desejava adaptar-se. Suas próprias ideias, considerava suscetíveis de uma revisão. Daí o motivo por que repetia com tanta insistência que sua obra ainda estava no futuro. No ensaio que andava escrevendo, buscava realizar a síntese de seus velhos pensamentos e de uma nova visão do mundo. Suas metas eram as mesmas de antes. Além de certos objetivos imediatos, o SRL se propunha sustentar a esperança de uma revolução ao nível de suas intenções humanistas. Mas atualmente Robert estava convencido de que ela não seria levada a cabo sem rudes sacrifícios. O homem de amanhã não seria o que Jaurès definia com exagerado otimismo. Então, que sentido, que chances conservavam os antigos valores: a verdade, a liberdade, a moral individual, a literatura, o pensamento? Para salvá-los, seria preciso reinventá-los. Era o que Robert tentava, era o que o apaixonava, e eu me dizia com satisfação que ele encontrara um feliz equilíbrio entre o escrever e a ação. Evidentemente, era muito ocupado, mas gostava disso.

Minha vida também era cheia. Robert, Nadine, meus clientes, meu livro: não havia lugar em meus dias para um lamento, para um desejo. A moça de cabelos brancos dormia agora sem pesadelos. Inscrevera-se no partido comunista, arranjava amantes, muitos amantes, e bebia imoderadamente. Não era maravilha em matéria de equilíbrio, mas, enfim, dormia. E eu estava contente naquela tarde, porque o pequeno Fernand tinha enfim desenhado uma casa de campo com janelas e portas: pela primeira vez, nada de grade. Eu acabava de telefonar à mãe dele, quando a zeladora trouxe a correspondência. Robert e Nadine estavam na revista, era dia de recepção, eu me achava sozinha no apartamento. Abri a carta de Romieux e tive medo, como se, bruscamente, me houvessem tirado o chão. Um congresso de psicanálise seria realizado em Nova York em janeiro: convidavam-me. Havia a possibilidade de se promoverem conferências para mim na Nova Inglaterra, em Chicago, no Canadá. Desdobrei a carta sobre a lareira, reli-a estupefata. Como gostei de viagens! Algumas pessoas à parte, não gostei de nada no mundo acima disso. Mas era uma dessas coisas que julgava terminadas para sempre. Se ainda me houvessem proposto um passeio à Bélgica, ou à Itália... mas Nova York! Não podia retirar o olhar dessa expressão extravagante. Nova York fora sempre para mim uma cidade lendária, e havia muito que não acreditava mais em milagres; bastava esse pedaço de papel para sacudir o tempo, o espaço e o senso comum. Enfiei a carta na bolsa e saí pelas ruas a passos largos. Caçoava-se de mim em meios influentes; alguém me estava pregando uma peça, e eu precisava de Robert para decifrar este mistério. Subi rapidamente a escada da casa Mauvanes:

— Veja só... É você? — perguntou Nadine, como que reprovando.

— Como vê.

— Papai está ocupado — disse ela, com um ar importante.

Pontificava diante de uma mesa, no meio do grande escritório que servia de sala de espera. Muitos estavam ali, aguardando a vez: jovens, velhos, homens, mulheres, uma verdadeira multidão. Antes da guerra Robert recebia muitas visitas, mas que nada tinham de comum com a multidão de agora. O que devia dar-lhe prazer é que ali havia sobretudo moços. Muitos vinham, sem dúvida, por curiosidade, por ociosidade, por arrivismo: mas muitos também gostavam dos livros de Robert e se interessavam pelo que

fazia. Vamos! Ele não pregava no deserto, seus contemporâneos ainda tinham olhos para lê-lo, ouvidos para ouvi-lo.

Nadine levantou-se:

— Seis horas! Vamos fechar! — gritou, com voz rude. Acompanhou até a porta os visitantes decepcionados e fechou-a a chave. — Que bando! — exclamou, rindo. — Parece que esperavam uma refeição gratuita. — Abriu a porta da sala de Robert: — O caminho está livre.

Robert me sorriu da soleira:

— Você tirou férias?

— Sim, fiquei com vontade de dar uma volta.

Nadine voltou-se para o pai:

— Vê-lo officiar é divertido: parece um padre, no confessionário.

— Eu mais pareço um adivinho.

Bruscamente, como se houvesse pressionado um botão, Nadine se pôs a rir sem limites: suas crises de alegria eram raras, mas estridentes:

— Olhem isto! — Apontava-nos com o dedo uma maleta, cujos cantos estavam gastos. Sobre o couro ressecado, lia-se, colada, uma etiqueta: *Minha vida*, por Joséphine Mièrre. — Você fala de um manuscrito! — disse ela, entre dois soluços. — É o nome verdadeiro dela. E sabe o que me disse? — Em seus olhos úmidos de prazer, havia um clarão de triunfo: rir era a sua revanche. — Ela me disse: “Eu, senhorita, sou um documento vivo!”... Sessenta anos. Mora em Aurillac. Conta tudo desde o começo.

Com um pontapé, Nadine levantou a tampa. Maços e maços de papel cor-de-rosa, preenchidos a tinta verde, sem uma rasura. Robert pegou uma folha, percorreu-a, repeliu-a: — Isto nem chega a ser ridículo.

— Talvez haja passagens obscenas — disse Nadine, com esperança. Ajoelhou-se diante da maleta. Tanto papel, tantas horas! Horas melancólicas sob a luz da lâmpada, ao canto do fogo, no odor provincial da sala de refeições; horas tão cheias e tão vazias, tão deliciosamente justificadas, tão bobamente perdidas. — Não, não tem graça! — Nadine levantou-se com impaciência. Nem mais uma sombra de alegria em seu rosto: — Então? O manuscrito volta para a maleta?

— Espere cinco minutos — disse Robert.

— Aprese-se: fede a literatura aqui.

— Que cheiro tem a literatura?

— Um cheiro de homem velho que não se cuida.

Não era um cheiro. Mas, durante três horas, o ar ficara saturado de esperança, de receio, de despeito, e respirava-se, através do silêncio, essa tristeza indefinida que sucede às alegrias estéreis. Nadine tirou de sua gaveta um tricô grená e pôs-se a fazer com ar importante tintinar agulhas. Geralmente era pródiga com seu tempo, mas, desde que se lhe pedisse um pouco de paciência, se apressava em demonstrar que nenhum de seus instantes devia ser desperdiçado. Meu olhar demorou-se sobre sua mesa. Havia alguma coisa de provocante naquela capa negra, sobre a qual se destacavam, em grandes letras vermelhas, as palavras *Poemas escolhidos, Doce René*. Abri o caderno: “Os prados são venenosos, mas bonitos no outono.” Virei a página: “Encontrei, sabem, Floridas incríveis...”

— Nadine!

— Que é?

— Um tipo que envia, com sua própria assinatura, trechos selecionados de Apollinaire, Rimbaud, Baudelaire... Ele não há de supor que a gente vá deixar-se enganar.

— Ah! Sei do que se trata — disse Nadine com indiferença. — Este coitado pagou vinte mil francos a Sézenac, para que lhe vendesse poemas de sua lavra: Você há de compreender que Sézenac não iria divertir-se fornecendo-lhe produções inéditas.

— Mas, quando ele retornar, será preciso dizer-lhe a verdade — adverti.

— Isto não tem importância. Sézenac já estudou o caso e o cara. Seria admirável que o cliente ousasse protestar. Para começar, ele não tem recursos e ficará muito envergonhado.

— Sézenac usa de tais expedientes? — perguntei, com espanto.

— Como você imagina que ele se vira? — disse Nadine. Atirou o tricô gaveta adentro: — Às vezes as combinações deles são engraçadas.

— Pagar vinte mil francos para assinar poemas dos outros... Isso dá o que pensar.

— Por quê? Quando se quer ver impresso o próprio nome! — protestou Nadine, que acrescentou, quase inaudivelmente, só para mim, porque na presença do pai controlava a linguagem: — Antes pagar do que fundir a cabeça no trabalho.

Ao descer a escada, perguntou, com desconfiança:

— Vamos tomar alguma coisa no café da frente, como na quinta-feira passada?

— Por que não? — disse Robert.

O rosto de Nadine iluminou-se e, sentando-se diante da mesinha de mármore, disse com alegria:

— Confesse que ajudo muito você.

— Sim.

Olhou para o pai inquietamente:

— Não está contente comigo?

— Oh! Estou encantado. Mais por você: acho que isto não vai levá-la a muita coisa.

— Os empregos nunca levam a alguma coisa — sentenciou Nadine, empertigando-se subitamente.

— Depende. Você me disse outro dia que Lambert lhe sugeriu que fizesse reportagens. Isto me parece, em todo o caso, mais interessante.

— Oh! Se eu fosse homem, não sei! — exclamou Nadine. — Mas repórter do sexo feminino não tem oportunidades de sucesso. — Com um gesto, conteve nossos protestos: — Não o que eu chamo sucesso — disse, com altivez, e acrescentou: — As mulheres sempre acabam na mesma.

Ousei contradizer:

— Nem sempre.

— Você acha? — Ela riu zombeteiramente: — Veja, por exemplo, o seu caso. Você se defende, vá lá, tem clientes. Mas, afinal, jamais será um Freud.

Tinha conservado o hábito infantil de se dirigir a mim com malevolência, quando na presença do pai.

— Entre ser um Freud e não fazer nada, há muitos graus intermediários.

— Faço alguma coisa: sou secretária.

— Se você está contente assim, é o principal — interveio Robert, apressadamente.

Lamentei que ele não tivesse podido refrear a língua: estragara, inutilmente, o prazer de Nadine. Fiz-lhe muitas vezes ver isso, mas ele não se decidia a renunciar às ambições que havia alimentado com respeito a Nadine. Ela disse, agressivamente:

— De um modo ou de outro, o destino de um indivíduo tem hoje pouquíssima importância.

— Seu destino tem muita importância aos meus olhos — disse Robert, num sorriso.

— Mas não depende de você, nem de mim. É por isso que me fazem rir todos esses tipos que pretendem ser alguém. — Tossiu e disse, sem olhá-los: — No dia em que eu tiver a coragem de fazer alguma coisa difícil, lançar-me-ei na política.

— Que está esperando para trabalhar no SRL? — perguntou Robert.

Ela esvaziou de um só fôlego seu copo de água de Vittel:

— Não. Não concordo. Afinal, vocês são contra os comunistas.

Robert deu de ombros.

— Acredita que Lafaurie me seria tão amigo, se soubesse que trabalho contra eles?

Nadine sorriu ligeiramente:

— Parece que Lafaurie vai pedir-lhe que não realize o seu *meeting*.

— Quem lhe disse? — perguntou Robert.

— Lachaume, ontem. Não estão contentes de modo algum. Acham que o SRL tomou o caminho errado.

Robert fez um gesto de desdém.

— É muito possível que Lachaume e seu bando de pequenos esquerdistas não estejam contentes: mas erram pondo-se à disposição do Comitê Central. Na semana passada ainda estive com Lafaurie.

— Lachaume esteve com ele anteontem — disse Nadine. — Asseguro-lhe que o caso é sério. Realizaram um grande conselho de guerra e decidiram que é preciso tomar medidas. Lafaurie virá falar-lhe.

Robert silenciou um momento.

— Se é verdade, será o caso de perder a esperança de tudo — disse.

— É verdade — continuou Nadine. — Dizem que, ao invés de trabalhar em consonância com eles, o SRL prega uma política que lhes é contrária, que esse *meeting* representa uma declaração de hostilidade, que você divide a esquerda e que vão ser obrigados a iniciar uma campanha contra você. — Havia satisfação na voz de Nadine. Sem dúvida, ela não media o alcance do que estava dizendo. Quando temos aborrecimentos sérios, inquieta-se, mas nossas pequenas irritações a divertem.

— Obrigados! — disse Robert. — Isso é admirável! E sou eu quem divide a esquerda! Ah! Eles não mudaram — acrescentou, enraivecido —, não mudarão jamais! O que queriam é que o SRL lhes obedecesse ao primeiro sinal. E, à menor manifestação de independência, tacham-na de hostilidade!

— Certamente, se você não adotar a opinião deles, não lhe darão razão — disse Nadine, com voz moderada. — Você faz exatamente igual.

— Podem-se ter opiniões diferentes, mantendo-se a unidade de ação — declarou Robert —; esta era a ideia da Frente Nacional.

— Eles o acham perigoso. Dizem que você prega a política do pior, que quer sabotar a reconstrução.

— Ouça — disse Robert —, meta-se ou não em política, mas não faça o papel de papagaio. Se você usasse a cabeça, compreenderia que a política que praticam é que é catastrófica.

— Não podem agir de outro modo — observou Nadine. — Se procurassem tomar o poder, a América interviria imediatamente.

— Têm necessidade de ganhar tempo, concordo. Mas, para isso, poderiam agir de maneira diferente — observou Robert. Encolheu os ombros. — Quero admitir que a posição deles é difícil. Estão mais ou menos encurralados. Desde que a SFIO se extinguiu, são obrigados a representar todos os papéis ao mesmo tempo: representam o da esquerda da esquerda e o da direita da esquerda, alternadamente. Mas por isso deveriam desejar a existência de outro partido esquerdista.

— Pois bem! Não desejam — disse Nadine.

Levantou-se bruscamente. Estava contente com o pouco de efeito que obteve e não desejava deixar-se ganhar por uma discussão em que, evidentemente, não levaria a melhor:

— Vou andando.

Levantamo-nos também e voltamos para casa, a pé, ao longo do cais:

— Vou telefonar imediatamente a Lafaurie — comunicou-me Robert. — Dizer-lhe que é muito necessário apoiarmo-nos mutuamente! E eles sabem disso! Mas nunca hão de suportar que exista uma esquerda à sua margem. O PS não significa mais nada; agora, aquela Frente Nacional, sim... eles a detestam enormemente. Mas um movimento novo, que parece começar bem, é outra coisa...

Continuou falando enraivecido e, enquanto o ouvia, pensei: “Não quero deixá-lo.” Antigamente, deixá-lo não me teria incomodado. Amávamo-nos como vivíamos, por toda a eternidade. Agora, porém, sei que só temos uma vida, que esta já sofreu dano muito sério e que o futuro é ameaçador. Robert não é invulnerável. Pareceu-me, mesmo, repentinamente, frágil. Enganou-se pesadamente, contando com a benevolência dos comunistas;

frente à hostilidade deles, graves problemas surgiam. Pensei: “Está aí... Ei-lo, o impasse.” Ele não podia nem renunciar ao seu programa, nem mantê-lo contra os comunistas: e não existia solução intermediária. Seria possível que as coisas se arrandassem: com a condição de os comunistas se decidirem a tolerar o *meeting*. A sorte de Robert não estava em suas mãos, mas nas deles: eu tinha horror de pensar nisso. Podiam demolir, com uma palavra, o belo equilíbrio que Robert havia construído para si. Não, não era esse o momento de abandoná-lo. Entrando no escritório, eu disse, com voz irônica:

— Veja só o que recebi!

Estendi a Robert a carta de Romieux e suas feições mudaram de expressão. Decifrei nelas uma alegria que deveria ter sido a minha:

— Mas é magnífico! Por que não me disse nada?

— Não vou embora por três meses — respondi.

— E por quê? — Olhou-me surpreendido: — Será uma viagem sensacional.

— Tenho muito mais que fazer aqui — murmurei.

— Quem a prende? Até janeiro você tem tempo para deixar tudo em ordem. Nadine é bastante crescida para não precisar mais de você; e eu também — acrescentou, sorrindo.

— A América fica longe — disse eu.

— Não a estou reconhecendo! — exclamou ele. Examinou-me com ar crítico: — Mudar um pouco de lugar lhe fará bem.

— Vamos sair por aí de bicicleta, este verão.

— Como mudança de ambiente, isto não é muita coisa — disse Robert. Sorriu: — Estou sossegado! Se viessem anunciar-lhe que este projeto deu em nada, você se sentiria muito decepcionada.

— É possível.

Ele tinha razão: eu já contava com a viagem e, justamente, era uma das coisas que me inquietavam. Todas estas lembranças, estes desejos que despertam, que embaraço! Por que vinham atrapalhar a minha bem-comportada vidinha de morta? Naquela noite, Robert se havia indignado, juntamente com Henri, contra Lafaurie: encorajavam-se para resistir. Se o SRL se tornasse uma força real, os comunistas seriam obrigados a contar com ele, e a união seria novamente encontrada. Escutava e me interessava muito pelo que diziam: entretanto, havia dentro do meu crânio uma

confusão de imagens idiotas. No dia seguinte a coisa não estava melhor; sentada diante de minha mesa de trabalho, fiquei uma hora a me perguntar: “Aceito? Não aceito?” Acabei por levantar-me e tirei o fone do gancho. Era inútil tentar trabalhar. Tinha prometido a Paule que iria vê-la um desses dias; tanto fazia procurá-la agora. Naturalmente ela estava em casa, só, e pus-me a caminho, a pé. Gosto muito de Paule e, ao mesmo tempo, ela me causa um pouco de horror. De manhã, frequentemente, sinto pesar sobre mim a sombra sufocante de todas as desgraças que estão despertando, e é nela que penso em primeiro lugar; abro os olhos, ela os abre, e imediatamente escurece em seu coração. Eu disse a mim mesma: “Em seu lugar, não poderia suportar esta vida.” Sei bem que esse lugar que ela ocupa lhe é certamente mais tolerável do que o seria a mim. Paule é capaz de permanecer fechada durante horas e semanas sem fazer nada, sem ver ninguém e não se aborrecer. Consegue ainda não confessar a si mesma que Henri já não a ama. Mas qualquer dia a verdade acabará estourando e, neste caso, o que acontecerá? Que se pode aconselhar a ela? Que cante? Mas isto não será suficiente para consolá-la.

Aproximei-me de sua casa e senti o coração apertar-se. Ficava-lhe bem morar nesse vilarejo de infortunados. Não sei onde se teriam escondido durante a ocupação, mas a primavera lhes havia ressuscitado os farrapos, as cretinices, as chagas. Havia três pessoas sentadas junto às grades da praça, ao lado de uma placa de mármore, florida por um buquê murcho. Os rostos vermelhos de vinho e de cólera, um homem e uma mulher disputavam a posse de um saco de fazenda preta brilhosa; trocavam insultos com violência, mas suas mãos crispadas sobre o saco mal se mexiam; a terceira pessoa os observava alegremente. Entrei por uma rua pequena; portas de madeira desbotada protegiam os entrepostos, onde os trapeiros vinham de manhã despejar papéis e ferragens; outras portas, envidraçadas, se entreabriam para salas de espera, onde se achavam mulheres sentadas, com cães sobre os joelhos. Eu tinha lido em prospectos que nestes dispensários eram tratados e mortos sem dor “pássaros e pequenos animais”. Parei diante de um letreiro — QUARTOS MOBILIADOS — e toquei a campainha. Havia sempre uma enorme lata de lixo embaixo da escada e, assim que se subiam os primeiros degraus, um cachorro preto se punha a ladrar selvagememente. Paule, que tinha o gosto pela encenação, obtinha facilmente uma cena inesperada quando abria a porta do estúdio a

um visitante novo: eu mesma toda vez ficava maravilhada com esse brusco esplendor; com seus trajes bizarros; ela preferia os sonhos à regra geral e parecia, sempre, um pouco fantasiada. Quando me abriu a porta, vestia um vestido caseiro de tafetá cor de malva cambiante e sapatos abertos, de saltos muito altos, cujas tiras lhe davam voltas em torno das pernas. Sua coleção de sapatos teria feito empalidecer um fetichista.

— Venha aquecer-se depressa — disse-me ela, levando-me para perto da grande fogueira de lenha na lareira.

— Não faz frio.

Ela lançou um olhar para as janelas calafetadas.

— É o que dizem. — Sentou-se, inclinou-se para mim com uma grave solicitude: — Como vai?

— Vou indo; mas trabalho em excesso. As pessoas não têm mais sua razão cotidiana de horror; então recomeçam a torturar-se.

— E seu livro?

— Caminha.

Eu respondia como ela perguntava, por polidez; bem sabia que não se interessava por meus trabalhos.

— E isso prende realmente você?

— Apaixona-me.

— Você tem sorte! — exclamou Paule.

— De fazer um trabalho que me interessa?

— De presidir o destino com as próprias mãos.

Não era a impressão que eu tinha, mas não se tratava de mim. Calorosamente, eu disse:

— Você sabe o que penso depois que a ouvi no Natal? Que deveria empregar de algum modo a sua voz. É muito bonito dedicar-se a Henri, mas você também existe...

— Olhe! Tive justamente grandes discussões com Henri a esse respeito — disse ela, com indiferença. Sacudiu a cabeça: — Não, não cantarei mais em público.

— Por quê? Estou certa de que faria sucesso.

— Que importaria isso para mim? — Sorriu: — Meu nome nos cartazes, minha fotografia nos jornais. Realmente não me interessa. Teria tido isso tudo há muito tempo, e não o quis. Você não me compreendeu bem — acrescentou. — Não aspiro a nenhuma glória pessoal. Um grande amor me

parece coisa muito mais importante do que uma carreira. Apenas o que lamento é que o êxito desse amor não dependa senão de mim.

— Nada, porém, a obriga a escolher. Você pode continuar a amar Henri e a cantar.

Olhou-me gravemente:

— Um grande amor nada deixa de disponível a uma mulher. Sei da harmonia que existe entre Robert e você — acrescentou. — Mas não é o que se pode chamar um grande amor.

Eu não queria discutir a respeito de seu vocabulário, nem da minha vida:

— Todos esses dias que você passa aqui, sozinha. Teria tempo para trabalhar.

— Não é uma questão de tempo. — Sorriu-me, com um ar de censura: — Por que pensa que renunciei ao canto, há dez anos? Porque compreendi que Henri me reclamava integralmente...

— Você disse que ele mesmo a aconselhou a retomar o trabalho.

— Mas se eu o levasse ao pé da letra, ele ficaria decepcionado! — replicou alegremente. — Não suportaria que um só de meus pensamentos deixasse de pertencer-lhe.

— Que egoísmo!

— Amar não é egoísmo. — Ela acariciou ternamente a saia sedosa: — Oh! Ele não me pede nada; nunca me pediu coisa alguma. Mas sei que meu sacrifício é necessário não somente para a sua felicidade, mas para a sua obra, para a sua realização. E agora mais do que nunca.

— Por que a vitória dele parece a você tão importante, e não a sua?

— Oh! Pouco me importa que ele seja célebre ou não — respondeu com veemência. — É outra coisa que está em jogo.

— O que é?

Ela se levantou bruscamente:

— Preparei vinho quente. Quer?

— Com prazer.

Ouvi-a remexendo na cozinha e perguntava-me, incomodada: “O que será que ela pensa de fato?” Afirmava seu desprezo pela glória: entretanto, foi no momento em que o nome de Henri começou a crescer, em que se festejou nele um herói da Resistência e a esperança da nova literatura que Paule voltou ao papel de apaixonada. Lembrava-me de como ela era triste e desiludida, um ano antes. Como sentiria, exatamente, esse amor? Por que

recusava evadir-se na direção do trabalho? Como via o mundo ao seu redor? Eu estava ali, encerrada com ela entre quatro paredes vermelhas, olhávamos o fogo, trocávamos palavras; mas ignorava o que estaria passando por sua cabeça. Levantei-me, fui para a janela, ergui a cortina. Caía a noite. Um homem malvestido levava a passear, preso à correia, um elegante cão dinamarquês; sob a inscrição misteriosa “Especialidade em aves raras e saxônicas”, um macaco acorrentado à barra de uma janela também parecia interrogar, perplexo, o crepúsculo. Deixei recair a cortina. Que tinha eu esperado? Ver por um instante, com os olhos de Paule, este ambiente familiar? Apanhar, através dele, a cor de seus dias? Não. Jamais o macaquinho enxergará com olhos humanos. Jamais entrarei na pele de outrem.

Paule voltou da cozinha trazendo solenemente uma bandeja de prata, sobre a qual fumegavam duas jarras bojudas:

— Você prefere bem doce, não é?

Aspirei a lava rubra de perfume escaldante:

— Isto parece delicioso.

Ela tomou alguns goles timidamente, como se estivesse interrogando um filtro da verdade.

— Pobre Henri! — murmurou.

— Pobre? Por quê?

— Está atravessando uma crise difícil; receio que, antes de se sair dessa, venha a sofrer muito.

— Que crise? Ele parece estar em plena forma, e seus últimos artigos são dos melhores que já escreveu.

— Artigos! — Olhou-me com uma espécie de cólera. — Antigamente, ele desprezava o jornalismo, via nisso apenas um ganha-pão; mantinha-se fora da política, queria ser um homem à parte.

— Mas as circunstâncias mudaram, Paule.

— Que importam as circunstâncias? — perguntou ela, apaixonadamente. — É preciso que ele não mude. Durante a guerra, arriscava a vida, e isto tinha grandeza; mas hoje a grandeza estaria em recusar-se ao tempo atual.

— E por quê? — perguntei. Sem responder, ela sacudiu os ombros e eu acrescentei, mais ou menos aborrecida: — Certamente ele explicou a você por que se ocupa de política; eu o aprovo integralmente. Não acha que deveria confiar nele?

— Ele está seguindo caminhos que não são os seus — disse ela, em tom categórico. — Sei disso e posso, mesmo, dar-lhe uma prova.

— Para mim seria surpresa! — exclamei.

— A prova — disse ela com ênfase — é que ele se tornou incapaz de escrever.

— Pode ser que atualmente não escreva, mas isto não significa que não o fará mais.

— Não pretendo ser infalível — disse Paule —, mas Henri, preste atenção, quem o fez fui eu. Criei-o assim como ele cria os personagens de seus livros, e conheço-o assim como ele os conhece. Está traindo sua missão; cabe-me a mim reconduzi-lo. E eis aí por que não posso pensar em ocupar-me de mim mesma.

— Você sabe, a gente não tem outra missão além da que se escolhe.

— Henri não é um escritor como os outros.

— Todos são diferentes.

Ela sacudiu a cabeça.

— Se ele fosse apenas um escritor, não me interessaria: há tantos! Quando fiquei com ele, aos 25 anos, ele sonhava unicamente com a literatura; mas logo compreendi que poderia fazê-lo subir muito mais alto. O que lhe ensinei é que sua vida e sua obra deveriam ser um só sucesso: um sucesso tão puro, tão absoluto, que servisse de exemplo ao mundo.

Pensei, inquieta, que, se ela sustentasse este gênero de linguagem com Henri, ele ficaria seriamente nervoso.

— Você quer dizer que um homem deve zelar pela sua vida tanto quanto zela pelos seus livros? — perguntei. — Mas isto não o impede de mudar.

— Com a condição de que a mudança se faça de acordo com ele mesmo. Evoluí muito, mas é a minha própria rota que tenho seguido.

— Não há caminhos traçados de antemão — retruquei. — O mundo já não é o mesmo, ninguém pode ir contra as coisas; é preciso procurar adaptar-se. — Sorri-lhe: — Também tive, por algumas semanas, a ilusão de que iríamos tornar a encontrar o clima de antes da guerra; mas foi tolice.

Paule contemplava o fogo, obstinada.

— Não é o tempo que é real — disse. Voltou-se bruscamente para mim: — Escute! Pense em Rimbaud, e que é que você vê?

— Que vejo?

— Sim, que imagem dele?

— Seu retrato de moço.

— Exato! Há um Rimbaud, um Baudelaire, um Stendhal. Foram mais velhos, mais moços, mas toda a vida deles se liga a uma só imagem. Há um único Henri e eu serei sempre eu; o tempo nada pode contra isso; a traição não vem dele, mas de nós.

— Ah! Você confunde tudo. Quando tiver setenta anos, será sempre você, mas outras serão as suas relações com as pessoas, com as coisas. — Acrescentei: — Com o seu espelho.

— Nunca me olhei muito nos espelhos. — Olhava-me com um pouco de desconfiança: — Que é que você quer provar?

Fiquei quieta um momento. Negar o tempo... Todo mundo é tentado a isso, sem dúvida. Muitas vezes o fui. Vagamente, invejava em Paule sua convicção obstinada.

— Tudo o que digo é que vivemos na terra e precisamos resignar-nos a isso. Você deveria deixar Henri fazer o que lhe agrada e ocupar-se um pouco de si.

— Fala como se Henri e eu fôssemos dois seres distintos — disse ela, como sonhando. — Talvez seja a nossa um tipo de experiência incompreensível.

Perdi toda a esperança de convencê-la. Aliás, convencê-la de quê? Nem sabia mais. Disse-lhe, contudo:

— Vocês são distintos. Prova disso é que o critica.

— Há nele uma parte superficial, contra a qual luto e que nos separa, sim — disse ela. — Mas, fundamentalmente, somos um. Senti-o antigamente, muitas vezes. Inclusive me recordo, com muita precisão, da primeira visão que tive: quase fiquei apavorada. É extraordinário, você sabe, a gente se deixar perder absolutamente por outro. Mas que recompensa, quando se reencontra o outro na gente! — Fixava sobre o teto um olhar inspirado: — Esteja certa de uma coisa: minha hora voltará. Henri me será devolvido tal como é na sua realidade, tal como eu o tiver devolvido à posse de si mesmo.

Havia na sua voz uma violência quase desesperada, e renunciei a discutir por mais tempo.

— Não importa, faria bem a você ver gente, sair um pouco — disse, com entusiasmo. — Não quer acompanhar-me à casa de Claudie, quinta-feira

próxima?

O olhar de Paule desceu outra vez para a terra. Parecia que ela havia atingido algum orgasmo interno e que se encontrava, já, liberta, leve. Sorriu-me:

— Oh! Não, não quero. Ela veio ver-me a semana passada. Estou farta de Claudie por meses. Sabe que ela instalou Scriassine em casa? Não sei como ele consentiu nisso...

— Suponho que ele não tivesse mais dinheiro.

— Você fala de harém! — disse Paule.

Explodiu numa gargalhada, que a remoçou dez anos. Ela era assim comigo, antigamente. Na presença de Henri, oprimia-se e, hoje, tinha-se a impressão de que sentia sobre si o olhar dele, sem trégua. Talvez tivesse podido recuperar a alegria, se não lhe faltasse coragem para viver por si mesma. Ao deixá-la, pensei, recriminando-me: “Não soube falar com ela, fui inábil.” A existência que ela levava não era normal, e, por instantes, enlouquecia muito. Mas hoje eu não seria capaz de dizer seriamente isso a seu respeito. Que existe de mais irracional do que uma existência normal? É enorme o número de coisas em que a gente é obrigada a não pensar, para ir do começo ao fim do dia, sem se afastar do caminho certo; é enorme o número de recordações que importa repelir, de verdades a evitar. “Esse é o motivo”, pensei, “por que tenho medo de viajar.” Em Paris, perto de Robert, evito, sem grandes dificuldades, as armadilhas: marquei-as, existem campainhas de alarme que me advertem contra os perigos. Mas, sozinha, sob um céu desconhecido, que irá acontecer-me? Que evidências poderão, subitamente, deslumbrar-me? Que abismos serão descobertos? Os abismos se fecharão, as evidências serão extintas; é seguro e certo. Já vi outros e outras. Equivalemos a esses vermes da terra, que em vão são cortados em duas partes, ou a essas lagostas, cujas patas são repelentes. Mas, quando penso no momento da falsa agonia, no momento em que a gente prefere morrer a reajustar-se mais uma vez, a coragem me desampara. Tento usar a razão: por que me aconteceria alguma coisa? Mas por que não me aconteceria coisa alguma? Nunca há vantagem em alguém se afastar dos caminhos trilhados. Aqui, sufoco um pouco, é verdade. Mas a gente se habitua também a sufocar; e um hábito nunca é mau, digam o que disserem.

— Que é que você tem? — perguntou-me Nadine, com suspeita, alguns dias depois. Estava em meu quarto, deitada em meu divã, enrolada em meu roupão. Era assim que eu a encontrava, geralmente, quando vinha para casa. Só as roupas, a mobília e a vida de outrem tinham valor a seus olhos.

— Que é que você quer que eu tenha?

Não lhe havia falado da carta de Romieux. Mas, embora ela me conhecesse muito mal, notava os menores matizes de minha disposição de espírito.

— Você tem o ar de quem dorme acordada — disse-me ela.

É verdade que habitualmente eu a interrogava com entusiasmo sobre os seus dias, e que nessa noite havia deixado o meu agasalho e arrumado em silêncio os meus cabelos.

— Passei a tarde em Sainte-Anne. Suponho que esteja um pouco reservada. E você? Que andou fazendo?

— Isso a interessa? — perguntou-me, com rancor.

— Certamente.

O rosto de Nadine irradiou. Ela não quis estragar por mais tempo o seu prazer:

— Acabo de encontrar o homem de minha vida! — disse, com uma voz provocadora.

— O verdadeiro?

— Sim, o verdadeiro — respondeu, com seriedade —; é um companheiro de Lachaume, um tipo formidável; não um escrevinhador, como os outros; um militante, um autêntico. Chama-se Joly.

Havia brigado com Henri algum tempo antes; suas reações eram tão previsíveis, que eu me admirava de que ela mesma se deixasse enganar a respeito.

— Com isto você se inscreverá no partido? — perguntei.

— Ele se mostrou escandalizado de que eu ainda não o tivesse feito. Ah! Você sabe, ele não é desses que raciocinam com refinamentos e sutilezas. Siga seu caminho. É realista.

— Há muito tempo que penso que você deveria fazer suas próprias experiências.

— Porque, para você, naturalmente, se trata de uma experiência — disse ela, com azedume. — Ingresso no partido, saio do partido... Devem-se

desculpar os erros da juventude. É isso, não?

— Não, absolutamente. Não disse isso.

— Sei o que pensa. A força de Joly, você compreende, vem de que ele acredita em verdades. Não perde tempo com experiências: age.

Durante dias, aceitei, sem pestanejar, os agressivos elogios de que ela cumulava Joly. Ela abriu *O capital* sobre sua mesa, ao lado de um manual de química, e seu olhar errava, com melancolia, de um volume a outro. Pôs-se a examinar todos os meus gestos à luz do materialismo histórico. Havia nas ruas muitos mendigos, no início dessa fria primavera. E, quando eu lhes dava algum dinheiro, ela ria escarnecedoramente:

— Se você acredita que, dando esmola a esse pobre diabo, mudará a face do mundo!...

— Não aspiro a tanto. Aquilo agrada a ele, e é o bastante.

— E você tranquiliza a própria consciência. Todos saem ganhando.

Atribuía-me sempre, cálculos tenebrosos:

— Você pensa que, eximindo-se a fazer vida social, e sendo grosseira com os outros, escapa à sua condição: Você é uma burguesa mal-acabada. Eis tudo.

A verdade é que não me agradava ir à casa de Claudie. Durante a guerra ela me havia expedido, de seu castelo borgonhês, quantidades de pacotes, e agora me convocava, imperiosamente, para suas recepções das quintas-feiras. Eu tinha que acabar por me decidir. Mas foi contra a vontade que, numa tarde de maio, com neve a cair, montei em minha bicicleta. Caprichosamente, o inverno tinha ressuscitado em plena primavera. Um céu silencioso e branco se expandia sobre a terra em grandes flocos, suaves ao olhar, frios à pele. O que eu gostaria de fazer era correr a minha frente, bem longe, por uma dessas estradas revestidas de algodão. As árduas obrigações mundanas pareciam-me ainda mais temíveis que dantes. Robert em vão se escondia, evitava jornalistas, condecorações, academias, salões, ensaios gerais: estava-se fazendo dele uma espécie de monumento público. Até eu me tornei popular. Subi, a passos vagarosos, a pomposa escadaria. Detesto esse instante em que os rostos se voltam para mim e em que, com um só e pronto olhar, me identificam e esquadrinham. Então tomo consciência de mim mesma e tenho sempre a consciência suja.

— Que milagre encontrá-la! — disse Laure Marva. — Você é tão ocupada! A gente nem ousa convidá-la.

Tínhamos recusado pelo menos três de seus convites. Em meio às pessoas que eu reconhecia em todo este grupo enorme, poucas havia que não me despertavam maior ou menos sentimento de culpa. Acreditávamos orgulhosos, misantropos ou pretensiosos. A ideia de que o mundo simplesmente não nos divertia, acredito não tivesse aflorado ao cérebro de nenhum dos que vinham avidamente aborrecer-se aqui. O tédio é um flagelo que, desde a infância, me aterrorizou; foi, antes de mais nada, para escapar-lhe que desejei crescer; e construí toda a minha vida ao redor dessa obsessão. Mas pode ser que aqueles cuja mão eu apertava estivessem tão habituados a entediar-se que sequer o notavam: talvez ignorassem que o ar pode ter outro gosto.

— Robert Dubreuilh não pôde acompanhá-la? — perguntou Claudie. — Diga-lhe de minha parte que seu artigo na *Vigilance* está admirável! Sei-o de cor, recito-o à mesa, no banho, na cama: deito-me com ele; é meu atual amante.

— Direi a ele.

Ela me olhava intensamente, e senti-me perturbada. Naturalmente não gosto de ouvir falar mal de Robert. Mas, quando o cobrem de elogios, fico embaraçada; sinto-me sorrir idiotamente, o silêncio me parece uma afetação e cada palavra, uma incontinência.

— A publicação dessa revista é um acontecimento considerável — disse o pintor Perlène, que era de fato o amante atual de Claudie.

Guite Ventadour se aproximara. Tinha escrito romances inteligentes e se sentia a personalidade mais marcante do salão. Sua apresentação, suas maneiras indicavam que tinha consciência de que já não era jovem, mas que se lembrava, quase em demasia, de ter sido bela. Falava com voz ligeiramente inspirada.

— O que há de extraordinário em Dubreuilh — disse — é que, com um amor tão profundo pela arte pura, ele sabe interessar-se, apaixonadamente, pelo mundo atual. Amar as palavras e os homens, ao mesmo tempo, é muito raro.

— Você mantém um diário da vida dele? — perguntou-me Claudie. — Que documento poderia oferecer para a gente!

— Não disponho de tempo — respondi. — Além disso, não acredito que ele gostasse disso.

— O que admira — disse Huguette Volange — é que, vivendo junto de um homem de personalidade tão marcante, você pudesse conservar um trabalho especificamente seu. Eu simplesmente não o poderia; meu caro esposo consome todo o meu tempo; aliás, acho isso normal.

Recusei-me vivamente a proferir as respostas que me vinham aos lábios e disse com a maior calma possível:

— É questão de organização.

— Mas sou muito bem-organizada — replicou ela, com ar de ofendida.

— Não, é mais uma questão de ambiente moral...

Eles me atravessavam com seus olhares, exigiam contas. É sempre assim: rodeiam-me, interrogam-me com ares manhosos, como se eu já fosse viúva. Mas Robert está bem vivo e não os ajudarei a embalsamarem-no. Colecionam-lhe os autógrafos, disputam seus manuscritos, arrumam suas obras completas, valorizadas por dedicatórias, em prateleiras; eu possuo no máximo dois ou três dos livros dele. Sem dúvida, foi de propósito que não reclamei todos os que emprestei; foi de propósito que não classifiquei suas cartas; é de propósito que as tenho, mais ou menos espalhadas: não foram destinadas senão a mim, não são um espólio que, algum dia, tenha que lhes transmitir. Não sou a herdeira de Robert, nem sua testemunha: sou sua mulher.

Pode ser que Guite tivesse adivinhado meu mal-estar. Com uma segurança de soberana que em toda parte se sente como se estivesse em casa, pousou sobre o meu punho sua mãozinha acariciante.

— Mas não lhe ofereceram nada! Deixe-me que a conduza ao bufê. — Levando-me consigo, sorriu com ar cúmplice: — Gostaria de que um dia conversássemos um pouco mais longamente, as duas: é tão raro ver uma mulher inteligente! — Parecia que acabava de encontrar a única pessoa da reunião capaz de compreendê-la: — Sabe o que seria agradável? Que um dia a senhora viesse jantar com Dubreuilh na minha casa.

Esse é um dos momentos mais penosos da prova, quando, com um ar negligente ou superior, reclamam um encontro. Na hora em que digo as palavras rituais — “Robert está muito ocupado no momento” —, noto os olhares severos, que me acusam. E acabo por me confessar culpada. Sou a mulher dele, sim; mas, antes de tudo, com que direito? Depois, isto não é razão para monopolizá-lo: um monumento público pertence a todos.

— Oh! Sei o que é ser requisitado por sua obra — disse Guite. — Eu também nunca saio. É por muito acaso que me vê aqui! — Seu riso insinuava que eu estava divertidamente enganada, que na verdade ela não se achava lá. — Mas seria diferente; um jantarzinho; somente homens seriam convidados — acrescentou, confidencialmente. — Não aprecio a companhia das mulheres. Sinto-me inteiramente perdida. Você não?

— Não. Entendo-me perfeitamente com as mulheres.

Olhou-me com um ar de reprovação consternada:

— É curioso, é muito curioso. Devo ser uma anormal...

Proclamou voluntariamente em seus livros a inferioridade de seu sexo; evadia-se a ela, pensava, pela virilidade do talento. E também ultrapassava os homens, uma vez que, dotada de qualidades iguais, tinha, a mais, o mérito singular e enfeitiçador de ser uma mulher. Este jogo me aborrecia. Disse, num tom profissional:

— Você não é, absolutamente, anormal. Quase todas as mulheres preferem os homens.

Seu olhar esfriou de uma vez e, sem afetação, mas deliberadamente, ela se voltou para Huguette Volange. Pobre Guite! Estava sendo despedaçada entre o desejo de afastar qualquer censura de narcisismo e o de fazer justiça aos próprios méritos. Então experimentava sugerir aos outros o que queria que se dissesse a seu respeito; mas se não o diziam? Seria preciso aceitar o fato de ser mal-interpretada? Era um dilema doloroso. Claudie percebeu que eu estava só e, como boa anfitriã, lançou-me alguém nos braços.

— Anne, você nunca encontrou Lucie Belhomme? Ela conheceu muito bem, em outros tempos, sua amiga Paule — acrescentou, voltando-se para uma recém-chegada.

— Ah! Você conheceu Paule? — disse eu à morena alta, vestida com roupa negra de otomana e de diamantes, e que me sorria sem vontade.

— Sim, conheci-a muito bem — disse ela, com voz divertida; — Vestia-a de graça, a título de publicidade, quando lancei a casa Amaryllis e ela estava estreando em Valcourt; era bela, mas apresentava muito mal os vestidos. — Lucie Belhomme atirou-me um de seus sorrisos gelados. — Deixe-se dizer que não tinha bom gosto e não aceitava conselho algum; aquele pobre Valcourt e eu sofremos muito.

— Paule tem um estilo próprio — disse eu.

— Naquele tempo, ela ainda não o havia encontrado. Impressionava-se excessivamente para poder conhecer-se; isto a prejudicava também em seu trabalho: tinha voz bonita, mas não sabia fazer nada dela; não sabia de nenhum modo tirar partido de si mesma: nunca foi à ribalta.

— Jamais a ouvi, mas me disseram que se saía muito bem; teve um contrato para o Rio.

Lucie Belhomme pôs-se a rir.

— Ela teve um breve sucesso de surpresa, porque era bela; mas caiu rapidamente, logo em seguida; o canto é como o resto, requer trabalho, e trabalho não era o seu forte. O Brasil... Lembro-me desta história. Eu deveria fazer-lhe os vestidos; mas não era sua arte de cantar que interessava ao rapaz, e ela bem o compreendeu. Era menos louca do que queria fazer crer. Fingia ser a Malibran. No fundo, porém, tudo o que desejava era encontrar alguém com seriedade que se ocupasse dela, e logo deixou o resto todo para trás. Tinha razão. Jamais faria carreira. Que é que ela faz hoje? — perguntou Lucie, com uma voz de súbito benevolente. — Disseram-me que o homem dela está para deixá-la, é verdade?

— De maneira alguma; eles se adoram um ao outro — disse eu com autoridade.

— Ah! Tanto melhor — continuou ela, com voz literalmente incrédula —; esperou-o bastante tempo, a pobre moça.

Eu permanecia desconcertada. Lucie Belhomme detestava Paule, e eu não ia aceitar essa imagem que me oferecia dela: uma prostitutazinha arrogante e preguiçosa, que procurava, cantando, um protetor. Mas refleti que Paule jamais me falara, por assim dizer, de seus primeiros anos em Paris, de sua mocidade, de sua infância. Por quê?

— Posso cumprimentá-la? A senhora ainda me detesta? — Marie-Ange me sorria, com um jeito mentirosamente confuso.

— Você bem que o merecia! — respondi, sorrindo-lhe também. — Enganou-me, desonestamente.

— Fui obrigada.

— Tranquiline-se: não tem seis irmãos e irmãs?

— É certo que sou a mais velha — respondeu ela, com voz sincera —; mas só tenho um irmão, que está no Marrocos. — Seu olhar me interpelou avidamente: — Diga-me, que lhe contou ela, a Ventadour?

— Absolutamente nada.

— Pode dizer-me. Podem dizer-me tudo. Entra por aqui — mostrava os ouvidos — e sai por ali — mostrava a boca.

— É o que receio. Diga-me antes o que sabe sobre essa mulher antipática — pedi-lhe, indicando Lucie.

— Oh! É uma mulher formidável.

— Em quê?

— Com sua idade, tem ainda todos os homens que quer e dá um jeito de associar o útil ao agradável. Neste momento, tem três e todos desejam esposá-la.

— E cada um crê ser o único?

— Não. Cada um crê ser o único a saber que existem mais dois.

— Não se trata, todavia, de uma Vênus.

— Parece que aos vinte anos ela foi muito mais feia. Arrumou-se para que hoje estivesse irreconhecível. A gente encontra mulheres feias que vencem pelas coxas — disse Marie-Ange, doutoralmente. — Apenas, elas precisam dar golpes sujos. Lulu devia ter, já, seus quarenta anos, quando abriu a casa Amaryllis, com dinheiro do pai Brotteaux. Estava começando a ganhar muito, quando eclodiu a guerra. Agora, os bons momentos se repetem; ela, porém, está enjoada — disse Marie-Ange, compadecida e acrescentando: — Por isso é que ela é tão má!

— Percebo. — Encarei Marie-Ange: — Que é que você vem procurar aqui? Conversazinhas escandalosas?

— Estou aqui por prazer. Adoro os coquetéis. A senhora, não?

— Não vejo o que tem isso de divertido: explique-me, portanto...

— Pois bem, a gente encontra pessoas que não tem vontade de encontrar.

— Está claro.

— Além do mais, é preciso aparecer.

— Por que é preciso?

— Se se quer ser vista.

— E você quer ser vista?

— Oh! Sim. O que mais gosto é de ser fotografada. — Mordiscou os dedos: — Não é normal? A senhora crê que eu devia ser analisada?

— Compreendo. A coisa está formigando lá dentro.

— Que coisa? Refere-se aos complexos?

— Algo parecido.

— Mas que me restará, se me forem arrancados? — perguntou ela, num queixume.

— Venha por aqui — disse Claudie. — Agora que os chatos se foram, poderemos distrair-nos um pouco.

Havia um momento, sempre, em casa de Claudie, no qual ela declarava que os chatos tinham saído, embora a ordem das saídas variasse cada vez.

— Sinto bastante — disse —, mas tenho que sair com eles.

— Como? Você ficará para a ceia — disse Claudie —, que será servida em mesinhas separadas, coisa muito mais distinta. Virão pessoas que desejo apresentar-lhe. — Distanciou-se um pouco comigo: — Decidi ocupar-me de você — disse alegremente. — É ridículo viver isolada. Ninguém a conhece: refiro-me aos meios onde se poderia ganhar dinheiro. Deixe-me lançá-la. Levo-a aos costureiros, exhibo-a, e dentro de um ano você terá a clientela mais eminente de Paris.

— Já tenho clientes em excesso.

— A metade dos quais não paga, sendo que a outra metade paga muito mal.

— Não é assim.

— É assim. Com um cliente que paga por dez, você trabalha dez vezes menos. Terá tempo para sair e para vestir-se.

— Voltaremos a falar nisso depois.

Estava admirada de como ela me compreendia tão mal. Na verdade, porém, eu também não a compreendia muito melhor. Acreditava ela que o trabalho para nós não era senão um meio de alcançar o êxito e a fortuna. Eu estava obscuramente convencida de que todos os esnobes trocariam de boa vontade sua situação social pelos talentos e triunfos intelectuais. Em minha infância, uma educadora parecia personagem muito maior que a duquesa ou o milionário, e semelhante hierarquia não se havia modificado. Ao passo que Claudie imaginava que, para um Einstein, a suprema recompensa estaria em ser recebido em seu salão. Não podíamos nos entender.

— Sente-se aí: Vamos fazer o jogo da verdade — disse Claudie.

— Detesto esse jogo: só digo mentiras, e é-me penoso ver os parceiros ávidos de exibirem, sem se prejudicar, o mistério que habita dentro deles, interrogando-se com escrúpulo e calculismo.

— Qual a sua flor preferida? — perguntou Huguette a Guite.

— O íris negro — respondeu ela, em meio a um silêncio religioso.

Todas tinham uma flor preferida, uma estação preferida, um livro de cabeceira, um costureiro famoso.

Huguette olhou para Claudie:

— Quantos amantes já teve?

— Nem sei mais; 25 ou 26. Espere. Vou ver a lista no banheiro. — Voltou gritando triunfalmente: — Vinte e sete.

— Em que está pensando, no momento? — interrogou-me Huguette.

Quanto a mim, a verdade também se manifestou irresistível.

— Que gostaria de estar em outra parte. — Levantei-me: — É sério, tenho um serviço urgente — disse a Claudie — Não, não se incomode.

Saí do salão e Marie-Ange, que ficara num divã, prostrada, saiu atrás de mim:

— Não é verdade que tem um serviço urgente, confesse!

— Sempre tenho serviço.

— Convido-a para jantar — disse ela, fazendo escorrer sobre mim um olhar súplice e comprometedor, que imediatamente desfez.

— Sinceramente não, não tenho tempo.

— Neste caso, fica para outra vez. Não poderíamos ver-nos, de quando em quando?

— Sou muito ocupada!

Ela me estendeu a ponta dos dedos, de um modo descontente. Montei em minha bicicleta e parti em frente. Gostaria de ter podido jantar com ela, mas sabia muito bem como acabaria: temia os homens, fazia-se de mocinha, oferecer-me-ia, logo, seu coração e seu frágil corpinho. Se eu não consentia, não era porque a situação me assustasse, mas porque a previa com excessivo fatalismo para agradar-me. Havia muita verdade na observação que um dia Nadine me fez: “Nunca você se incorpora à situação.” Eu observava as pessoas com olhos de médica, o que me dificultava ter com elas relações humanas. A cólera, o rancor... raramente sou capaz disso. E os bons sentimentos que me demonstram não me sensibilizam. É de meu ofício suscitá-los. Devo suportar com indiferença os resultados das transferências que opero e liquidá-los no momento exato. Conservo essa atitude, inclusive na vida particular. Conquistado o paciente, diagnostico logo suas perturbações infantis, vejo-me tal como aparecia em seus fantasmas: mãe, avó, irmã, filha, ídolo. Não aprecio

muito as feitiçarias que me atribuem, mas devo resignar-me a isso. Suponho que, se algum dia um indivíduo normal tivesse o capricho de prender-se a mim, logo eu me perguntaria: Que será que ele vê em minha pessoa? A que desejos frustrados estará procurando satisfazer? E seria incapaz do menor impulso.

Devia ter saído de Paris. Rodava agora ao longo do Sena, por uma rua estreita, bordejada, à esquerda, de um parapeito e, à direita, de pequenas casas oscilantes, que um lampião, a espaços, iluminava. O paralelepípedo estava enlameado, mas havia neve branca na calçada. Sorri para o céu tristonho. Aquela hora eu havia ganhado fugindo ao salão de Claudie. Não devia a vitória a ninguém: era por isso que havia, sem dúvida, tanta alegria no ar frio. Recordava-me: muitas vezes, outrora, minha respiração me inebriava, a alegria fundia-se em mim, e então pensava que, se tais momentos não se houvessem produzido, não teria valido a pena viver. Renasceriam eles? Era-me oferecida a oportunidade de atravessar o oceano, de descobrir um continente. E tudo o que eu sabia responder era: “Tenho medo.” De que tinha medo? Antigamente não era covarde. Nos bosques de Païolive ou na floresta de Grésigne, instalava a bolsa sob a cabeça, enrolava-me numa coberta e adormecia só, sob as estrelas, tão tranquilamente como na cama. Parecia natural escalar sem guia, sem mapa, altas montanhas de geleiras escorregadias. Desdenhava todos os conselhos da prudência. Sentava-me só nas casas suspeitas do Havre ou de Marselha, como também passeava só pelos vilarejos argelinos... Bruscamente, fiz meia-volta. Inútil pretender rodar até o fim do mundo. Se eu quisesse recuperar minha antiga liberdade, seria melhor voltar para casa e, ainda nesta noite, responder a Romieux: sim.

Mas não respondi. E alguns dias depois estava ainda a pedir conselhos, ansiosamente, como se se tratasse de uma expedição ao centro da terra.

— Em meu lugar, você aceitaria?

— Claro que sim — respondeu Henri, com espanto.

Foi durante essa noite que grandes “V” luminosos cortaram o céu de Paris. Tinham trazido champanhe, discos. Preparei uma ceia, pus flores em todos os cantos. Nadine ficou em seu quarto, sob o pretexto de um trabalho urgente: estava despeitada em relação a uma festa que a seus olhos não passava de um aniversário de morte.

— Festa esquisita — dizia Scriassine. — Não é um fim, é um começo; o começo da verdadeira tragédia.

Na opinião dele, a terceira guerra mundial acabava de irromper. Disse-lhe eu, com jovialidade:

— Não seja Cassandra. Na noite de Natal você já nos predizia desastres: creio que perdeu a aposta.

— Não apostamos. E nem sequer se passou um ano.

— Em todo caso, os franceses não estão a perder o gosto pela literatura. — Apelei para o testemunho de Henri: — Não é mesmo fabulosa a quantidade de originais que chegam à redação de *Vigilance*?

— Isso prova que a França escolheu o destino de Alexandria — disse Scriassine. — Preferiria que *Vigilance* representasse um sucesso menor e que um grande jornal como *L'Espoir* não estivesse ameaçado de acabar.

— O que você está dizendo? — interpelou-o Henri, vivamente. — *L'Espoir* está muito bem de saúde.

— Disseram-me que vocês iam ser obrigados a procurar ajuda particular.

— Quem lhe disse isso?

— Ah! Não sei mais: é o boato que corre por aí.

— Boato falso — disse Henri, secamente. Não parecia estar de bom humor. Esquisito, porque todos estavam muito satisfeitos, inclusive Paule, inclusive Scriassine, a quem o desespero crônico não tornava sombrio. Robert contava histórias de outro mundo, histórias da década de vinte; Lenoir e Julien evocavam com ele aqueles tempos exóticos; dois oficiais americanos, que ninguém conhecia, cantavam em surdina uma balada do faroeste e uma *Wac* dormia no fundo do divã. A despeito dos dramas passados, das tragédias futuras, esta era uma noite de festa, disso eu estava certa, não devido aos cantos e aos fogos de artifício, mas porque eu tinha vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

— Vamos ver o que se passa lá fora! — disse eu —; depois voltaremos para cear.

Todos aceitaram a ideia com entusiasmo. Sem grande esforço, ganhamos a entrada do metrô, que nos levou até a Concorde. Mas, para sairmos nesta praça, era outra história. A escada estava coberta pela multidão. A fim de não nos perdermos, agarramo-nos solidamente pelo braço. Mas, no momento em que pusemos pé no último degrau, houve um redemoinho tão violento, que eu fui arrancada ao braço de Robert; encontrei-me só com

Henri, dando as costas aos Champs-Elyseés, que nos havíamos proposto subir de novo. A onda arrastava-nos para as Tulherias.

— Não tente resistir — disse Henri. — Reencontramo-nos todos, dentro de pouco tempo, em sua casa. É só seguir a corrente.

Em meio a cantos e risos, havíamos vogado até a praça do Ópera, toda ensanguentada de luzes e de panos vermelhos drapeados; assustava um pouco, porque, se a gente se mexesse, caísse, seria pisoteado. Mas também exaltava; nada havia sido concluído, o passado não ressuscitaria, o futuro era incerto; mas o presente triunfava, e era só a gente deixar-se carregar por ele, a cabeça vazia, a boca seca, o coração palpitando.

— Tomaria alguma coisa? — propôs Henri.

— Sim, é possível.

Lentamente, e à custa de uma porção de artifícios, conseguimos sair da multidão no meio de uma rua que subia para Montmartre. Entramos num cabaré cheio de americanos uniformizados, que balbuciavam canções, e Henri pediu champanhe. Eu tinha a garganta seca de sede, de fadiga, de emoção, e esvaziei duas taças de um trago.

— É uma festa, não? — disse eu.

— Seguramente.

Olhamo-nos com amizade. É raro sentir-me totalmente à vontade na presença de Henri. Há gente demais entre nós: Robert, Nadine, Paule. Mas esta noite ele me parecia muito próximo, e o champanhe me tornava mais ousada.

— Entretanto, você não está com um aspecto alegre esta noite.

— Sim. — Ofereceu-me um cigarro. O fato é que não parecia alegre. — Mas pergunto-me quem espalha o boato de que *L'Espoir* está em dificuldades. Pode bem ser Samazelle.

— Não gosta dele? — perguntei. — Eu tampouco. São intoleráveis essas pessoas que nunca saem sem suas máscaras.

— Mas Dubreuilh lhe dá muito valor — disse Henri.

— Robert? Acha-o útil, porém não tem simpatia por ele.

— Haverá diferença nisso? — perguntou Henri.

Seu tom de voz me pareceu tão esquisito quanto sua pergunta.

— Que quer dizer?

— No momento, Dubreuilh está tão envolvido no que faz que sua simpatia pelas pessoas tem a medida da utilidade que representam, nem

mais nem menos.

— Mas isto não é absolutamente verdade — contravim, indignada.

Ele me olhou com ironia.

— Pergunto-me que amizade ele ainda teria por mim, se eu não houvesse proporcionado ao SRL a utilização de *L'Espoir*.

— Ele ficaria decepcionado — disse eu. — Evidentemente: ficaria decepcionado, e justamente, devido às razões que levaram você a aceitar a proposta.

— Oh! Concorde. Este gênero de hipótese é estúpido. — Disse-o com muita vivacidade.

Eu me perguntava se Robert lhe dera a impressão de deixá-lo com a liberdade de aceitar ou romper. Ele às vezes se torna brutal, quando pretende atingir a qualquer preço os seus objetivos. Eu ficaria desolada, se ele houvesse magoado Henri. E ele já estava ficando muito só: não devia perder especialmente esta amizade.

— Quanto mais Robert gosta das pessoas, mais exige delas — disse eu. — Notei isso muito bem com Nadine, por exemplo: a partir do momento em que deixou de esperar muita coisa da parte dela, foi-se distanciando um pouco.

— Ah! Mas não existe semelhança alguma entre ser exigente em relação a outrem e ser consigo mesmo. No primeiro caso, concordo, há uma prova de afeição...

— Mas para Robert os dois se confundem!

Comumente, incomoda-me falar em Robert. Queria, porém, dissipar, e absolutamente, esta espécie de rancor que pressentia em Henri.

— A ligação entre *L'Espoir* e o SRL representava, a seus olhos, uma necessidade, que você também devia reconhecer. — Interroguei Henri com o olhar: — Pensa que foi com muita facilidade que ele se serviu de você? Foi por estima...

— Sei — disse Henri, sorrindo. — Ele atribui aos outros as necessidades dele próprio: confesse que é uma forma de estima um tanto imperialista.

— Afinal, não estava tão errado, já que contou com o seu assentimento. Não entendo bem por que o recrimina.

— Porventura eu lhe disse que o recriminava de alguma coisa?

— Não, mas sente-se isso.

Henri hesitou.

— Oh! é uma questão de visões — disse, encolhendo os ombros. — Ficaria contente se Dubreuilh se colocasse, um minuto, em meu ponto de vista. — Endereçou-me um sorriso cem por cento gentil: — A senhora o faria.

— Não sou mulher de ação. Às vezes, com efeito — acrescentei —, Robert fecha os olhos e o faz de propósito. Isto não impede que, em geral, ele tenha preocupação e sentimentos desinteressados em relação aos outros. Você está sendo injusto.

— Pode ser — disse Henri, alegre. — Quando a gente adere a uma coisa contra a vontade, fica um pouco aborrecido com aquele que nos obrigou a isso: reconheço que não é muito honesto.

Encarei Henri com uma espécie de remorso:

— Pesam-lhe muito estas novas relações entre *L'Espoir* e o SRL?

— Oh! Agora não há mais problema — respondeu ele —, estou na jogada.

— Mas você não tinha vontade de meter-se nisso?

— Não minta — disse, sorrindo.

Repetiu muitas vezes que a política o assustava, que se achava enterrado nela até o pescoço. Suspirei.

— Mesmo assim, existe alguma coisa de verdade no que disse Scriassine; nunca a política foi mais devoradora do que hoje.

— Esse monstro que é Dubreuilh não se deixa devorar — disse Henri, com uma espécie de inveja —; escreve tanto quanto antigamente.

— A mesma coisa — confirmei. Tive alguma hesitação, mas na verdade, sentia-me confiante na presença de Henri: — Escreve como antes, mas menos livremente. Aquelas memórias, de que você leu algumas passagens, ele desistiu de publicar; alegou que forneceriam armas demais contra ele. É triste, não, pensar que, quando a gente se torna homem público, não pode mais ser, como escritor, inteiramente sincero.

Henri se calou um segundo.

— Há uma certa gratuidade no escrever que, evidentemente, está desaparecendo — disse em seguida. — Tudo quanto Dubreuilh publica hoje faz parte de um contexto que ele é obrigado a levar em consideração. Não penso, entretanto, que isso lhe diminua a sinceridade.

— O fato é que suas memórias não serão publicadas, o que me entristece.

— Você não tem razão — disse ele, amistosamente. — A obra de um homem que se confessasse integralmente, mas sem responsabilidade, não seria mais verdadeira, nem mais completa, do que a de quem assume o encargo de responder por tudo quanto diz.

— Acredita? — perguntei, acrescentando: — Você também já teve problemas desses?

— Não exatamente iguais.

— Mas teve problemas?

— Problemas chovem ininterruptamente, não? — disse ele, num tom evasivo.

— Como vai seu romance alegre?

— Justamente, não o estou mais escrevendo.

— Ele passou a ser triste? Bem que lhe disse.

— Deixei de escrever — completou Henri, com um sorriso de desculpa.

— Absolutamente.

— Mas quê!...

— Artigos, vá lá: são consumidos imediatamente. Mas um livro de verdade... Não posso mais.

Não podia mais: havia, portanto, uma ponta de realidade nas divagações de Paule. Ele, que gostava tanto de escrever... Como aconteceu isso?

— Mas por quê? — perguntei.

— O natural, a senhora sabe, é não escrever; o contrário é que é anormal.

— Não para você, que não pode conceber a vida sem isso.

Eu o observava com mal-estar. Tinha dito a Paule que as pessoas mudam, porém não adianta saber que mudam: a gente insiste em considerá-las imutáveis sob muitos pontos. Mais uma estrela fixa que se pôs a rodopiar no céu.

— Acha que isso é inútil, hoje em dia?

— Oh!, não — respondeu Henri. — Se há pessoas que conservam o sentimento do escrever, tanto melhor para elas. Pessoalmente, perdi toda a vontade. É tudo. — Ele sorriu: — Vou confessar-lhe o resto. Já não tenho mais nada a transmitir. Ou admitamos que o que eu tenha a transmitir parece que vale tanto quando nada.

— É uma indisposição que passa.

— Não creio.

Eu tinha o coração apertado. Essa renúncia devia ser para ele horrivelmente triste. Eu disse com censura e remorso:

— A gente se vê com tanta frequência, e nunca você nos falou disso!

— Não tive oportunidade.

— É verdade que, com Robert, você não fala mais a não ser de política!

— Tive uma inesperada inspiração: — Sabe o que seria bom? Robert e eu vamos fazer uma viagem de bicicleta, neste verão: Venha conosco, durante uma ou duas semanas.

— Poderia ser bom — respondeu ele, com um tom de voz hesitante.

— Seria bom com certeza! — Por minha vez, hesitei: — Só que Paule não anda de bicicleta.

— Oh! De qualquer forma, não passarei todas as minhas férias com ela — replicou, vivamente. — Ela irá a Tours, à casa da irmã.

Fez-se um pequeno silêncio. Depois, perguntei abruptamente:

— Por que é que Paule não procura tentar cantar de novo?

— A senhora pode dizer-me? Não sei o que lhe passa pela cabeça, nestes últimos tempos — disse ele, com uma voz sem coragem. Encolheu os ombros: — Talvez ela tema que, se organizar a própria vida, eu me aproveite disso para modificar nossas relações.

— E é isso o que você desejaria fazer?

— Sim — disse ele, de chofre. E acrescentou: — Que quer? Já faz muito tempo que não a amo mais. Aliás, ela está bem a par disso, embora insista em afirmar que nada mudou.

— Tenho a impressão de que ela vive em dois planos, simultaneamente. É perfeitamente lúcida, mas ao mesmo tempo afirma a si mesma que você a ama com loucura e que poderia ter sido a maior cantora do século. Penso que a lucidez acabará prevalecendo. Mas, neste caso, que fim terá ela?

— Ah! Não sei! — disse Henri. — Não gostaria de agir como um salafrário, mas não tenho vocação para mártir. Às vezes a situação me parece simples: quando a gente não ama mais, não ama mais, pronto. Em outros momentos, parece injustiça minha ter deixado de amá-la: ela é a mesma Paule.

— Suponho que amar também é injusto.

— E então? Que posso fazer, honestamente? — perguntou ele.

Na verdade, parecia atormentado. Mais uma vez eu disse a mim mesma que estava bem contente de ser mulher: porque tenho que tratar com

homens, e isto suscita problemas em muito menor número.

— Seria preciso que Paule colaborasse — disse eu. — Sem isso você ficará terrivelmente paralisado. Não se pode viver com a consciência suja: mas também não se pode viver contra a vontade.

— Talvez seja necessário aprender a viver contra a vontade — expôs ele, com falsa desenvoltura.

— Não! Estou certa de que não! Quem não está contente com a vida não pode justificá-la de nenhum ponto de vista.

— A senhora está contente com a sua?

A pergunta me pegou desprevenida; eu falara em nome de uma velha convicção. Mas não sabia muito bem em que medida ainda me enquadrava nela.

— Não estou descontente — disse, com algum constrangimento.

Por sua vez, ele me examinou.

— E isto lhe basta? Isto de não estar descontente?

— Já não é pouco.

— A senhora mudou — prosseguiu ele, gentilmente. — Antes, vivia satisfeita com o seu destino de um modo quase insolente.

— Por que haveria de ser a única pessoa a não mudar?

Ele tampouco desistia de discutir.

— Tem-me parecido algumas vezes que sua ocupação lhe interessa menos do que antes.

— Interessa-me. Mas você não acha que hoje cuidar dos estados de alma tem algo de ligeiramente fútil?

— Mas é importante para os que são curados. Tão importante agora como antigamente. Onde está a diferença?

— O que há é que antigamente eu acreditava na felicidade — disse eu, hesitando. — Quero dizer: pensava que as pessoas felizes o fossem na verdade. Curar um enfermo era fazer dele uma pessoa verdadeira, capaz de dar um sentido à própria vida. — Fiz um gesto de desdém: — É preciso muita confiança no futuro para crer que a vida toda possa ter um sentido.

Henri sorriu. Seus olhos me interrogavam.

— O futuro — disse — não é tão negro.

— Não sei — redargui. — Pode ser que antigamente eu o visse muito cor-de-rosa; neste caso, o cinzento me amedronta. — Sorri: — Foi aí que mais mudei; tenho medo de tudo.

— Nesse ponto, a senhora me surpreende — disse ele.

— Asseguro-lhe. Veja: há diversas semanas que me ofereceram uma viagem à América, em janeiro, para um congresso de psiquiatria; não consigo decidir-me.

— Mas por quê? — perguntou ele, com voz escandalizada.

— Não sei. A coisa me tenta, mas, ao mesmo tempo, tenho medo. Você teria medo? Em meu lugar, aceitaria?

— Certamente! — respondeu. — E que quer que lhe aconteça?

— Nada de especial. — Hesitei: — Deve ser estranho a gente ver-se em outro mundo e ver também de lá as pessoas de quem gosta.

— Deve ser muito interessante. — Sorriu-me de uma forma encorajadora: — Por certo fará algumas pequenas descobertas. Mas eu ficaria surpreso se revolucionassem a sua existência. Afinal, as coisas que nos acontecem, ou as que fazemos... Isto nunca tem tanta importância.

Baixei a cabeça e pensei: “É verdade. As coisas têm sempre menos importância do que a gente acredita. Irei, voltarei, tudo passa, nada passa.” Já esta nossa conversa a dois tinha passado. Precisava voltar para casa, a fim de cear. A intimidade, a confiança desta hora, poderíamos prolongá-las até o amanhecer. Além do amanhecer, talvez. Mas por milhares de razões não convinha experimentar. Não convinha? De qualquer forma, não experimentamos.

— Temos que encontrar os outros — disse eu.

— Sim, já é hora.

Andamos em silêncio até o metrô, e fomos encontrar os outros.

* * *

A entrevista de Robert com Lafaurie foi certamente tempestuosa; nenhum dos dois ergueu a voz; mas trataram-se mutuamente de criminosos de guerra. Lafaurie concluiu, num tom aflito:

— Seremos impelidos a passar ao ataque.

Isto não impediu Robert de preparar com paixão o *meeting* previsto para junho. Uma noite, entretanto, depois de longa reunião com Samazelle e Henri, perguntou-me à queima-roupa:

— Tenho razão ou não de organizar este *meeting*?

Encarei-o com estupor.

— Por que me pergunta isso?

— Para que me responda — disse, sorrindo.

— Você sabe melhor do que eu.

— Nunca se sabe.

Continuei a examiná-lo com um olhar perplexo.

— Renunciar ao *meeting* quer dizer renunciar ao SRL?

— Naturalmente.

— Depois de sua discussão com Lafaurie, você me explicou, em todos os sentidos, por que estava fora de questão você ceder. Que aconteceu de novo?

— Nada — disse Robert.

— Então? Por que mudou de opinião? Não acredita mais que seja possível convencer os comunistas?

— Sim. Se tudo sair bem, é possível que eles não cortem as pontes. — A voz de Robert permaneceu em suspenso. Ele hesitou: — É sobre todo o conjunto que me interrogo.

— Sobre o conjunto do movimento?

— Sim. Há momentos em que pergunto se não será uma utopia esta Europa socialista. Mas toda ideia ainda não realizada parece muito uma utopia. Nunca se faria coisa alguma, se se considerasse que tudo é impossível, salvo o que já existe.

Aparentava defender-se contra um interlocutor invisível. Eu me perguntava donde lhe vinham, de repente, tais dúvidas.

— Não é fácil traçar a linha divisória entre uma possibilidade verdadeira e um sonho — disse, suspirando.

— Lênin não dizia: “É preciso sonhar”?

— Sim, mas com a condição de acreditar seriamente no sonho. A questão é a seguinte: creio eu nisso, com suficiente seriedade?

Olhei-o com espanto.

— O que você quer dizer?

— Não será por desafio, por orgulho, por condescendência comigo mesmo que me obstino?

— É de estranhar que você tenha esse gênero de questionamentos — disse eu. — Habitualmente, você não desconfia de si mesmo.

— Desconfio também dos meus hábitos!

— Assim sendo, desconfie também dessa desconfiança. Talvez seja pelo receio de um fracasso, ou pelo temor de um punhado de complicações, que

você é tentado a ceder.

— Talvez — disse Robert.

— Suponho que não lhe seja agradável a ideia de que os comunistas vão empreender uma campanha contra você.

— Não, não me é agradável. A gente cria tantas dificuldades para se fazer compreender! E eles vão criar, sistematicamente, os piores mal-entendidos. Sim — acrescentou —, talvez seja o escritor que vive em mim quem aconselha, covardemente, o homem político a submeter-se.

— Você vê. Se começar a examinar seus motivos, não sairá dessa. Fique, portanto, num terreno objetivo, como diria Scriassine.

— Ai de mim! É um terreno muito movediço! — disse Robert. — Sobretudo quando a gente dispõe de informações incompletas. Sim, acredito nas chances de uma esquerda europeia; mas não será porque estou convencido de sua necessidade?

Desconcertava-me que Robert formulasse assim a questão. Havia-se censurado vivamente de ter acreditado com ingenuidade na boa vontade dos comunistas: mas isto não seria suficiente para fazê-lo duvidar de si até aquele ponto. Era a primeira vez em nossa vida que eu o via tentado por uma solução sem esforço.

— Desde quando está pensando em largar mão do SRL? — perguntei.

— Oh! Não penso nisso realmente. Questiono-me.

— Desde quando se questiona assim?

— Faz dois ou três dias.

— E sem uma razão particular?

Ele sorriu.

— Sem uma razão particular.

— Não será simplesmente que você se cansou? Parece cansado.

— Estou um pouco cansado, é verdade.

Saltou-me aos olhos, rapidamente: ele parecia muito fatigado. Seus olhos estavam rosados, sua pele estava sem brilho, seu rosto, inchado. Pensei com inquietação: “É que ele já não é tão moço!” Oh! ainda não era um velho, mas, mesmo assim, já não podia permitir-se os excessos de outrora. Na realidade, permitia-se tais excessos, e até os multiplicava: talvez para provar a si mesmo que ainda era moço. Além do SRL e da *Vigilance*, e do seu livro, havia as visitas, a correspondência, os telefonemas... Todos tinham coisas urgentes a lhe comunicar:

encorajamentos, críticas, sugestões, problemas; se a gente não tomasse conhecimento delas, não as imprimisse, estaria privando os interessados de comer, condenando-os à miséria, à loucura, à morte, ao suicídio. Robert tomava conhecimento de tudo, ia noites adentro, quase nunca dormia.

— Você se preocupa demais! — disse eu. — Se continuar assim, acabará estourando. Qualquer dia terá um ataque cardíaco, e eu ficarei em maus lençóis!

— Mais um mês de trabalho, e nada além disso.

— E você acha que um mês de férias será suficiente para o seu restabelecimento? — Refleti: — Deveríamos procurar uma casa fora da cidade. Você iria a Paris uma ou duas vezes por semana, e o restante do tempo, nem visitas, nem telefonemas: a tranquilidade.

— É você que achará essa casa? — perguntou, zombeteiro, Robert.

Correr as agências, ver casas de campo... Não tinha vontade e muito menos tempo para isso. Mas era com dor no coração que eu via Robert exceder-se. Ele havia decidido realizar o comício, mas estava preocupado: os comunistas não se deixariam intimidar, salvo se o sucesso fosse brilhante; caso eles cortassem as ligações, que fim levaria o SRL? Também a mim o êxito da iniciativa interessava muito. Atribuo mais importância do que Robert aos indivíduos isoladamente e a todos os tesouros da vida particular: os sentimentos, a cultura, a felicidade. Preciso pensar que na sociedade sem classes a humanidade se realizará, sem nada renegar de si mesma.

Graças a Deus, Nadine havia deixado de comunicar ao pai as queixas de seus camaradas comunistas. Não nos lançava mais diatribes contra o imperialismo americano, fechara, definitivamente, *O capital*. Não me causou admiração, portanto, quando me disse, abruptamente:

— No fundo, os comunistas são iguais aos burgueses, ou a mesma coisa.

— Como assim?

Eu estava fazendo minha toalete noturna e ela, sentada à beira de meu divã. Era quase sempre nesse momento que me falava das coisas de seu interesse.

— Não são revolucionários. São pela ordem, pelo trabalho, pela família, pela razão. A sua justiça está no futuro. Enquanto isso, arranjam-se com a injustiça, à maneira dos outros. E, depois, a sociedade deles... bem, será mais uma sociedade.

— Evidentemente.

— Ter que esperar quinhentos anos para ver mudar o mundo não me interessa.

— Você não pensa que se vá refazer o mundo em três meses!...

— É engraçado, você fala como Joly. Fala como se eu conhecesse suas maquinações. Mas, neste caso, não vejo por que deva entrar no PC. É um partido como qualquer outro.

“Mais uma história”, pensei com mágoa, acabando de tirar a minha maquilagem, “que teve mau epílogo. Ela estava precisando muito de uma história bem-sucedida!”

— O melhor é ficar só, como Vincent — continuou —; é um puro, é um anjo.

Um anjo... A palavra que ela empregava a propósito de Diego. Decerto reencontrava em Vincent aquela generosidade e aquela extravagância que antes lhe haviam sensibilizado o coração. Só que Diego punha sua loucura naquilo que escrevia, e podia-se temer que Vincent fizesse passar para sua própria vida essa loucura. Será que dormia com Nadine? Eu não supunha tanto, mas eles se encontravam com muita assiduidade nestes últimos tempos. De algum modo, eu estava feliz, porque Nadine me parecia agitada, mas alegre. Foi sem nenhuma apreensão que ouvi a campainha às cinco horas da manhã. Nadine ainda não tinha chegado e supus que houvesse esquecido a chave. Mas, ao abrir a porta, vi Vincent.

— Não se aflija! — ele me disse.

O que me afligiu imediatamente:

— Aconteceu alguma coisa a Nadine! — exclamei.

— Não, não. Ela está muito bem. Tudo se arranjará. — Dirigiu-se, com decisão, para a sala de estar: — Até mesmo Nadine é uma mulher! — disse, com ar descontente. Do bolso do blusão, tirou um mapa, que abriu sobre a mesa: — Em duas palavras, ela a espera neste cruzamento — disse, designando as duas vias a noroeste de Chantilly. — Ela precisa de um carro e de alguém que vá imediatamente ao encontro dela. Perron com certeza lhe emprestará o carro do jornal. Mas não lhe dê explicação. Peça-lhe o automóvel e só isso. Sobretudo, não se refira a mim.

Falara de um fôlego. A voz era-lhe calma e dura, e não me tranquilizava, absolutamente. Eu tinha certeza de que ele estava com medo.

— Que é que ela está fazendo lá? Sofreu um acidente?

— Digo-lhe que não. Machucou os pés. É tudo. Não pode andar. Mas a senhora chegará a tempo de socorrê-la. Está vendo bem o lugar? Marco com uma cruz. É só buzinar, ou chamar: ela está num bosquezinho, à direita da estrada.

— Que história é essa? Que aconteceu? Quero saber — disse eu.

— Segredo profissional. A senhora faria melhor se telefonasse imediatamente a Perron.

Odiei seu rosto pálido, seus olhos congestionados, seu bonito perfil, mas a minha raiva era impotente. Disquei para Henri e ouvi-lhe a voz assustada:

— Alô! Quem está falando?

— Anne Dubreuilh. Sim, sou eu. Tenho um favor urgente a pedir-lhe. E não me faça perguntas, peço-lhe. Preciso de um carro imediatamente; com gasolina para duzentos quilômetros.

Seguiu-se um silêncio muito curto:

— Ainda bem que o tanque foi enchido ontem — disse ele, com voz naturalíssima. — O carro estará à sua porta dentro de meia hora. É o tempo de eu ir e voltar.

— Leve-o até a Place Saint-Andrés-des-Arts, e obrigada.

— Ah! Perfeito! — exclamou Vincent, com um largo sorriso. — Tinha certeza, quanto a Perron. — Acrescentou: — Fique realmente tranquila, porque Nadine não corre perigo algum, principalmente se a senhora se apressar um pouco. Nem uma palavra a ninguém, hein! Ela me jurou que se poderia contar com a senhora.

— Pode-se — disse eu, acompanhando-o até a porta —, mas diga-me de que se trata.

— Nada de grave, juro-lhe.

Tinha vontade de bater-lhe violentamente a porta às costas, mas fechei-a devagar, a fim de não acordar Robert; graças a Deus devia dormir pesadamente, pois o ouvira deitar-se havia apenas duas horas. Vesti-me às pressas. Lembrava-me daquelas duas noites em que esperava Nadine, enquanto Robert a procurava, através de Paris: horrível espera. Hoje, era ainda pior. Estava certa de que lhe haviam feito alguma coisa de grave: Vincent tinha medo. Tratava-se de um furto de residência, ou de um roubo a mão armada, Deus sabe o quê. Finalmente, Nadine não pudera ir a pé até a estação, e era necessário que eu chegasse antes que a coisa fosse

descoberta, antes que Nadine fosse descoberta, ela que me aguardava durante horas, sozinha dentro da noite, do frio e do medo. Era uma bela manhã de verão, cheirando a alcatrão e a folhagem. Dentro de poucas horas estaria muito quente. Por enquanto, no frescor e no silêncio das plataformas desertas, cantavam aves. Era uma alegre manhã cheia de angústias, como a manhã do êxodo.

Henri chegou à praça alguns minutos depois de mim:

— Ei-lo, o carro — disse jovialmente. Continuava sentado ao volante: — Não quer que a acompanhe?

— Obrigada, não.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Há tempo que não dirige.

— Sei que poderei fazê-lo.

Desceu, instalei-me em seu lugar.

— Trata-se de Nadine? — perguntou.

— Sim.

— Ah! Servem-se dela para nos coagir! — exclamou, a voz indignada.

— Sabe do que se trata?

— Mais ou menos.

— Diga-me...

Hesitou.

— São apenas suposições. Escute, ficarei em casa todo o período da manhã. Se eu puder ajudá-la em alguma coisa, telefone.

“Antes de mais nada”, pensei, correndo na direção da porta da Chapelle, “não posso sofrer um acidente.” Forcei-me a ser prudente e tentei tranquilizar-me. “Henri parece supor que Vincent mentiu: talvez sejam vários os que me esperam; talvez Nadine nem esteja com eles.” Como eu desejaria isto! Preferia mil vezes imaginar-me enganada por eles a imaginar Nadine transida de frio, de pavor e de desgosto, ao longo de toda uma noite.

A estrada principal estava deserta. Tomei, à direita, uma estradinha, depois outra. O cruzamento também estava deserto. Buzinei, examinei o mapa: não me havia enganado; mas, e se Vincent se tivesse enganado? Não, ele fora muito preciso; nenhum erro possível. Buzinei mais. Depois, parei o motor, desci, entrei à direita no bosquezinho e chamei: “Nadine!”

a princípio baixinho e, em seguida, cada vez mais alto. Silêncio. Um silêncio de morte: compreendi o sentido dessas palavras. Nadine: sem resposta. Exatamente como se eu tivesse chamado: Diego! Ela também havia se esvaído. Devia estar aqui, exatamente aqui, e não estava. Fiz um giro circular, esmagando ramos mortos, musgo fresco, e nem chamava mais. Pensava com terror: “Prenderam-na!” Voltei para o carro. Talvez ela se tivesse cansado de esperar, não era paciente, achara coragem de andar até uma estação vizinha. Precisava alcançá-la, precisava. Ela seria vista, neste momento, numa plataforma deserta. Em Chantilly, passaria despercebida, mas era muito longe, eu a teria encontrado na estrada, decerto escolhera Clermont. Eu olhava fixamente o mapa, como se pudesse arrancar-lhe uma resposta. Havia dois caminhos possíveis para Clermont. Provavelmente ela tomara o mais curto. Liguei o carro, dei a partida, e meu coração pôs-se a bater desesperadamente: o motor não pegava. Finalmente funcionou e o automóvel partiu pela estrada, aos arrancos. Minhas mãos úmidas escorregavam no volante molhado. Ao redor, o silêncio teimava em continuar. Mas a luz já se fazia imperiosa, e logo as portas se abririam, nos vilarejos. “Vão prendê-la.” O silêncio, a ausência; esta paz me parecia medonha. Nadine não se achava na estrada, nem nas ruas de Clermont, nem na estação. Com certeza não tinha mapa, não conhecia a região, vagava ao acaso nos campos, seria achada antes de mim. Fiz meia volta; ia retornar ao cruzamento por outro caminho. Depois, faria uma volta em círculo por todas as estradas, até que o tanque se esvaziasse. E então? Nada de questionar-me; cruzar todas as estradas; esta aqui subia para um planalto, em meio a plantações verdejantes. E, inesperadamente, topei com Nadine, que vinha ao meu encontro, um sorriso nos lábios, como se houvéssemos combinado, de longa data, este encontro. Parei bruscamente o carro, e ela se aproximou sem pressa.

— Veio procurar-me? — perguntou-me, com uma voz muito natural.

— Não, passeio por prazer. — Abri a porta: — Suba.

Sentou-se ao meu lado, estava penteada, arrumada, parecia descansada. Meu pé esmagava o acelerador e minhas mãos apertavam o volante fortemente. Nadine perguntou, com um sorriso meio zombeteiro, meio indulgente:

— Está furiosa?

As duas lágrimas ácidas que me subiram aos olhos eram, com efeito, lágrimas de cólera. O carro derrapou, suponho que me tremessem as mãos. Diminuí a marcha, tentei relaxar os dedos e controlar a voz.

— Por que não continuou no bosque?

— Entediava-me. — Tirou os sapatos, colocou-os debaixo do banco. — Não pensei que viesse — acrescentou.

— Você é idiota? Evidente que viria.

— Não sabia. Queria tomar o trem em Clermont. Acabaria chegando lá.

— Inclinação para frente, ela massageava os pés: — Meus pobres pés!

— Que é que você fez?

Não respondeu.

— Bom, guarde os seus segredos — disse eu. — Sairão esta noite no jornal.

— No jornal! — Nadine se apurou, o semblante transtornado: — Crê que a zeladora notou que não entrei esta noite?

— Não poderá prová-lo. Mas, na oportunidade, jurarei o contrário. Apenas quero saber o que você fez.

— Já que o saberá de qualquer forma!... Há uma velha em Azicourt — disse, com uma voz triste. — Ela denunciou dois rapazes judeus, escondidos numa fazenda; os rapazes morreram. Todo o mundo sabe que a culpa foi dela, porém ela deu um jeito de se livrar: uma sujeira a mais. Vincent e sua turma decidiram puni-la. Há tempos que estou a par disso e eles sabiam que eu queria auxiliá-los. Nesse golpe, necessitavam de uma mulher, e eu os acompanhei. A velha geria um pequeno café. Vigiamos a saída dos últimos clientes, e no momento exato em que ela fechava a porta, supliquei-lhe que me deixasse entrar por um minuto, a fim de tomar alguma coisa e descansar. Enquanto ela me servia, os outros entraram e saltaram-lhe em cima; levaram-na ao porão.

Nadine calou-se.

— Eles não a... — perguntei.

— Não — disse vivamente, acrescentando: — Rasparam-lhe a cabeça... Não me saí muito mal — continuou, com uma voz de súbito reivindicativa: — Fechei a porta, apaguei a luz. Apenas tudo me pareceu muito demorado. Bebi um copo de aguardente, enquanto esperava. Evidentemente, não fiquei nervosa, isso até me aliviou. Depois, como andamos alguns quilômetros para vir de Clermont, eles quiseram voltar

por Chantilly. Eu não podia mais continuar: arrastaram-me até o bosque e disseram-me que esperasse. Tive tempo de me recuperar...

Interrompia-a.

— Vai dar-me a palavra de que romperá com todo este bando, sob pena de deixar Paris ainda esta noite.

— De qualquer maneira, não me quererão mais — replicou, com uma espécie de rancor.

— Para mim isto só não basta: quero sua palavra, ou juro que amanhã você estará longe.

Fazia anos que eu não lhe falava nesse tom. Ela me olhou com um ar submisso e súplice:

— Prometa-me também uma coisa: não diga nada a papai.

Só muito raramente me acontecia esconder a Robert as asneiras de Nadine. Mas, desta vez, pensava eu, ele não tinha realmente necessidade de novos motivos de aflição.

— Promessa contra promessa — disse.

— Prometo tudo o que quiser — declarou ela, tristemente.

— Assim sendo, não direi nada. — Com ansiedade, acrescentei: — Tem certeza de que não deixou vestígios?

— Vincent afirma que tomou todas as precauções. — Ela me perguntou, angustiada: — Que aconteceria, se me apanhassem?

— Não a apanharão. E você é apenas uma cúmplice. Além disso, é muito jovem. Mas Vincent arrisca muito; e, se acabar a vida na cadeia, bem-feito para ele — acrescentei com raiva. — Que história mais feia! Imbecil e feia.

Nadine não replicou.

— Henri emprestou o carro, sem perguntar nada — disse, depois de um silêncio.

— Creio que sabe de tudo.

— Vincent fala demais. Com Henri ou com você não tem importância. Mas com um tipo como Sézenac poderia ser perigoso.

— Sézenac não está envolvido? Isso é loucura!

— Não está envolvido. Vincent sabe, contudo, que se trata de um viciado em drogas e que de um viciado se deve, sempre, desconfiar. Só que eles gostam um do outro e passam o tempo todo juntos.

— É imprescindível falar com Vincent, imprescindível convencê-lo a deixar...

— Você não o convencerá — disse Nadine. — Nem você, nem eu, nem ninguém.

Nadine foi deitar-se e eu disse a Robert que saíra para dar uma volta, para me distrair. Ele andava tão preocupado ultimamente que não viu nisso nada de suspeito. Telefonei a Henri, tranquilizei-o, empregando algumas frases vagas. Foi para mim um árduo trabalho interessar-me pelos meus doentes. Eu espiava os jornais da tarde: não diziam nada. Não pude, contudo, dormir aquela noite. Pensei: “Nada de ir para a América.” Nadine se achava em perigo. Havia-me prometido não repetir, mas Deus sabe o que mais ela inventaria! Pensei com tristeza que seria inútil permanecer ao seu lado, não conseguiria protegê-la. Bastaria, sem dúvida, que fosse feliz, que se sentisse amada, para que parasse de se destruir: mas eu não podia dar-lhe nem o amor, nem a felicidade. Como lhe era inútil! Aos outros, aos estranhos, faço falar; encadeio os fios de suas recordações, desenterro seus complexos, e à saída lhes entrego romances limpos, que arrumam em suas gavetas: isto algumas vezes lhes faz bem. Em Nadine, tudo para mim está claro, mas não sei fazer nada por ela. Dizia-me outrora: “Como se pode respirar tranquila, quando se pensa que as pessoas a quem a gente ama estão arriscando perder a vida eterna?” Mas o crente pode orar, pode oferecer promessas a Deus. Para mim não existe comunhão de santos. E eu disse a mim mesma: “Esta vida é a sua única chance; não haverá outra verdade, além da que ela tiver conhecido, outro mundo senão aquele no qual ela tiver acreditado.” Na manhã seguinte, Nadine apresentou-se com grandes olheiras, e eu continuei a roer-me por dentro. Passou o dia sentada diante de um tratado de química e à noite, enquanto eu desfazia minha maquiagem, me disse, com ar abatido:

— É um pesadelo esta química; estou segura e certa de que vou ser reprovada.

— Você sempre passou nos exames...

— Não agora... Aliás, reprovada ou aprovada, é a mesma coisa. Jamais farei uma carreira na química. — Refletiu um momento: — Não posso fazer carreira em nada. Não sou uma intelectual e, no momento da ação, fraquejo. Não tenho utilidade.

— Na *Vigilance* você deu conta do recado, perfeitamente e logo.

— Não há por que estar orgulhosa, papai tem muita razão.

— Quando você tiver achado algo que a interesse, desempenhar-se-á muito bem, estou certa disso; e achará.

Ela sacudiu a cabeça.

— Suponho que, no fundo, fui feita para ter um marido e filhos, como todas as mulheres. Limparei minhas panelas, darei ao mundo um fedelho todos os anos.

— Se casar por casar, também não ficará contente.

— Oh! Tranquelize-se! Homem algum será tolo bastante para casar comigo. Gostam de dormir comigo, mas, depois disso, até logo. Não sou interessante.

Eu conhecia muito essa sua maneira de falar sobre si mesma, e num tom naturalíssimo, as coisas mais desagradáveis, como se por sua desenvoltura ela desarmasse e superasse a amarga verdade. Infelizmente, a verdade continuava sendo verdade.

— Você não quer ser interessante. E, se alguém, apesar disso, encasqueta de querer-lhe, você se recusa a acreditar.

— Vai dizer-me outra vez que Lambert me quer...

— De um ano para cá, você é a única moça com quem ele tem saído: Você mesma foi quem me disse.

— Evidentemente ele é homossexual.

— Está louca.

— Uma vez que ele só sai com rapazes... Está perdido de amores por Henri, a coisa é muito clara.

— Você esquece Rosa.

— Oh! Rosa era muito bonita — disse Nadine, com saudade. — Mesmo um homossexual poderia apaixonar-se por ela. Você não compreende — acrescentou com impaciência. — Lambert tem amizade por mim, vá lá, mas como teria por um homem. Aliás, está bem assim. Não quero ser uma peça de substituição. — Suspirou: — Os rapazes têm muita chance, ele vai fazer uma reportagem, grande, por sinal, através de toda a França: o levantamento das regiões devastadas e tudo. Comprou uma motocicleta. É preciso vê-lo: acha que é o coronel Lawrence, quando montado no seu ferro-velho — concluiu ela, mal-humorada.

Havia tanta inveja em sua voz, que isso me trouxe uma ideia. No dia seguinte, à tarde, passei pelo *L'Espoir* e pedi para falar com Lambert.

— A senhora quer falar comigo? — perguntou ele, cortesmente.

— Sim, se tiver um minuto.

— Vamos subir até o bar?

— Como não?

Assim que o homem do bar colocou diante de nós um suco de *grapefruit*, ataquei:

— Consta-me que você vai fazer uma grande reportagem por toda a França.

— Sim, parto na próxima semana, de motocicleta.

— Seria possível levar Nadine?

Ele me olhou com uma espécie de censura:

— Nadine tem vontade de acompanhar-me?

— Está morrendo de vontade. Mas nunca será a primeira a fazer-lhe um pedido deste.

— Não lhe propus que fosse comigo, porque se assentisse me causaria admiração — disse ele, com voz empolada. — Muito raramente aceita o que lhe proponho. Aliás, tenho-a visto pouco ultimamente.

— Sei — disse eu. — Ela anda por aí com Vincent e Sézenac. Não são boas relações para ela. — Hesitei e continuei bem depressa: — São mesmo relações perigosas. É por isso que vim procurá-lo: uma vez que você lhe tem amizade, leve-a para longe de todo esse bando.

Bruscamente, o semblante de Lambert mudou. Pareceu repentinamente muito jovem e indefeso.

— A senhora não quer dizer que Nadine se esteja viciando em drogas!

Esta suspeita veio a calhar.

— Não sei; não creio — disse, num tom displicente —; mas com Nadine tudo pode acontecer. Ela atualmente está em crise. Digo-lhe francamente; tenho medo.

Lambert ficou quieto, durante um momento. Parecia emocionado.

— Ficarei muito feliz se Nadine vier comigo.

— Então experimente. E não se desencoraje. Suponho que a princípio ela diga não; é assim que ela é. Insista, você talvez lhe salve a vida.

Três dias depois, Nadine me disse, negligentemente:

— Imagine, esse pobre do Lambert quer levar-me a viajar consigo!

— Para a tal reportagem através da França? Seria muito cansativo.

— Oh! Por causa disso não! Mas, antes de tudo, não posso largar mão da revista durante quinze dias.

— Você tem direito a férias, de modo que, por esse lado, não há problema. Mas, se não tiver vontade de viajar...

— Veja que seria muito interessante — disse Nadine. — Mas, três semanas com Lambert... É pagar caro.

Importava, sobretudo, que eu não parecesse estimulá-la a fazer a viagem.

— Ele é assim tão entediante? — perguntei, como que ingenuamente.

— Não é realmente entediante — respondeu ela, aborrecida. — Apenas é muito medroso, muito enfático, escandaliza-se de tudo. Se eu entrar num barzinho com um buraco na meia, ficará chocado. É um autêntico filhinho de papai. — Continuou: — Sabe que se reconciliou com o pai? Que frouxo!

— Meu Deus! Como você condena com facilidade! Que sabe ao certo a respeito desta história, do pai de Lambert e das relações entre ambos?

Eu havia falado com tanto calor que por um instante Nadine ficou surpresa. Quando eu estava verdadeiramente convencida, sabia convencê-la. Foi assim que marquei sua infância e sempre, depois de haver-me cedido, ela guardava contra mim tanto rancor, que eu evitava usar de minha influência. Hoje, porém, exasperava-me vê-la tão decidida a se contrariar.

— Lambert não pode viver sem seu querido papaizinho — disse-me ela, num tom incerto —; infantilidade. Se quer saber, é isso que me irrita nele: nunca será um homem.

— Tem 25 anos e uma adolescência esquisita atrás de si. Você sabe por experiência própria que assim não é fácil voar com as próprias asas.

— Ah! Quanto a mim, porém, a coisa é diferente: sou uma mulher.

— E então? Ser um homem não é mais simples. De um homem, hoje, exige-se muito: Você é a primeira a exigir. Ainda crianças, eles devem fazer o papel de heróis. É desanimador. Não. Você não tem o direito de se mostrar tão severa em relação a Lambert. Diga que não se entende com ele, que esta viagem não lhe interessa; isso é outra coisa.

— Oh! Em certo sentido, as viagens sempre me interessam.

Dois dias depois, Nadine me disse, com ar de quem está meio furiosa, meio lisonjeada:

— É um tipo diferente, aquele; quer levar-me na chantagem. Disse que ser correspondente de paz é uma ocupação que lhe enche o saco e que renunciará a ela, se eu não viajar com ele.

— Nesse caso...

— Nesse caso... Que é que você acha? — perguntou, com ar inocente.

Encolhi os ombros.

— Será que pelo menos ele sabe pilotar motocicleta? São perigosas essas máquinas.

— Não têm nada de perigosas, são formidáveis. — Ela acrescentou: — Se eu aceitar, será por causa da motocicleta.

Contra toda expectativa, Nadine fez jus a seu diploma de química. Houve justiça no exame escrito, mas no oral ela enganou com facilidade os examinadores, graças a sua verborragia e desenvoltura. Os três festejamos esse triunfo com um grande jantar regado a champanhe e servido num restaurante ao ar livre. Depois disso ela viajou com Lambert. Era uma oportunidade. O *meeting* do SRL foi realizado na semana seguinte. Tivemos todo o tempo gente em casa. Eu estava feliz de poder aproveitar os raros instantes de liberdade que restavam a Robert, sem que ninguém mais participasse deles. Henri o tratava com um zelo de sensibilizar, até mesmo eu que conhecia o seu quase inexistente entusiasmo por esse gênero de trabalho. Diziam ambos que o *meeting* se anunciava muito bom. “Se o dizem”, pensava eu, descendo a avenida Wagram, “deve ser verdade.” Apesar de tudo, eu estava inquieta. Fazia anos que Robert não falava em público: saberia sensibilizar o auditório, como antigamente? Passei na frente dos carros de polícia alinhados ao longo do passeio e continuei a andar até a Place des Ternes. Estava adiantada. Dez anos antes, na tarde do comício de Pleyel, também me encontrava só, e adiantada: rodeei bastante esta praça e entrei na Lorraine, para tomar uma taça de vinho. Agora não entrei. O passado tinha passado: não sei por que, de repente, tive saudades dele, dilacerantes. Oh! Simplesmente porque se tratava, sem dúvida, do passado. Voltei pelo mesmo caminho, segui o longo corredor triste. Recordei meu mal-estar, quando Robert subiu à tribuna: parecera-me que o roubavam de mim. Esta tarde também coisa igual me intimidava: a ideia de vê-lo sobre um palanque, a distância. Não havia ainda muita gente na sala. “O público”, disseram-me os Cange, “chega sempre no último minuto.” Tentei falar-lhes com calma, mas

fiscalizando ansiosamente a entrada. Ia-se finalmente saber se as pessoas seguiam ou não a Robert. É certo que, se o seguissem, nada se haveria ganhado, ainda; mas ao contrário, se a sala ficasse vazia, o fracasso seria definitivo. Enchia-se. Todos os lugares estavam ocupados, quando os oradores se dirigiram para cima do palanque, em meio aos aplausos. Era desconcertante ver todos aqueles rostos familiares transformados em figuras oficiais. Lenoir, por uma espécie de mimetismo, confundia-se com as cadeiras e as mesas, um pedaço de madeira seca; Samazelle, ao contrário, ocupava toda a tribuna, era esse o seu lugar natural. Quando Henri começou a falar, sua voz transformou o imenso hall em um quarto particular: ele não via diante de si cinco mil pessoas, mas cinco mil vezes uma pessoa, e era quase num tom de conversa que falava. Pouco a pouco me reanimei. Por detrás das palavras que ele pronunciava, a amizade que nos oferecia era já uma certeza: os homens não estavam condenados ao ódio, à guerra; tínhamos certeza disso, ouvindo-o. Foi demoradamente aplaudido. Méricaud fez um pequeno discurso sem vida, e depois foi a vez de Robert. Que ovação! Assim que ele se levantou, o auditório, aos gritos, se pôs a bater mãos e pés. Ele esperava com ar paciente e eu queria saber se estava emocionado: eu estava. Dia após dia via-o debruçado sobre sua mesa, os olhos meio avermelhados, o dorso curvado, solitário e duvidando de si: esse homem que cinco mil pessoas agora aclamavam. Que representava exatamente para elas? Simultaneamente, um grande escritor e o homem dos comitês de Vigilância e dos *meetings* antifascistas. Um intelectual que se dedicara à revolução, sem renunciar a ser intelectual. Para os velhos, ele representava o antiguerra; para os jovens, o presente e suas promessas; realizava a unidade do passado e do futuro. E, sem dúvida, representava ainda mil coisas mais, cada pessoa o amando à sua maneira. Continuavam aplaudindo e o barulho, ampliando-se em mim, tornava-se imenso. A celebridade, a glória... Isso em geral me deixa fria; nesta tarde parecia-me qualquer coisa de invejável. “Feliz”, dizia-me eu, “aquele que pode encarar de frente a verdade de sua vida e com isso regozijar-se: feliz aquele que a decifra nos rostos amigos.” Calaram-se todos, enfim. Assim que Robert abriu a boca, minhas mãos ficaram úmidas e a testa cobriu-se-me de suor. Não me adiantava saber que ele falava com facilidade: eu tinha medo. Felizmente, fui rapidamente surpreendida. Robert falava sem ênfase, com uma lógica tão atuante que se

assemelhava à violência. Não propunha um programa: ditava tarefas. E eram tão urgentes, que não se podia deixar de executá-las; a vitória estava assegurada por sua própria necessidade. Em torno de mim, pessoas sorriam; seus olhos brilhavam, cada qual reconhecia sua certeza no rosto dos vizinhos. Não, esta guerra não terá sido vã; os homens compreenderam quanto custa a resignação e o egoísmo, vão tomar conta do seu destino, farão triunfar a paz e conquistarão, através de toda a terra, a liberdade e a felicidade. Era claro, era certo, era coisa de simples bom senso: a humanidade não pode querer senão a paz, a liberdade, a felicidade. E o que a impede de fazer o que deseja? Ela é a única a reinar sobre a terra. Através de tudo quanto Robert dizia, esta evidência era o que nos deslumbrava. Quando ele se calou, aplaudimos longamente, e era a verdade que aplaudíamos. Enxuguei minhas mãos no lenço. A paz estava assegurada; o futuro, garantido; o próximo e o distante eram um. Não escutei Salève. Era tão maçante quanto Méricaud, mas isso não tinha importância. A partida estava ganha: não somente o comício, mas tudo o que ele significava.

Samazelle falou por último. Imediatamente, pôs-se a gritar, a trovejar: um feirante. Vi-me sentada em minha poltrona, no meio de uma multidão tão impotente como eu e que tontamente se inebriava de palavras. Não eram promessas nem presságios: palavras, exatamente. Na sala Pleyel, tinha visto a mesma luz sobre os semblantes atentos, o que não impediu Varsóvia, Buchenwald, Stalingrado, Oradour. Sim, sabe-se quanto custa a resignação, o egoísmo: mas sabe-se isso há muito tempo, sem proveito. Nunca se conseguiu deter a desgraça, não se conseguirá tão cedo, pelo menos enquanto formos vivos. Quanto ao que se passará mais tarde, ao cabo desta longa pré-história, confesse-se que não se poderá mesmo imaginar. O futuro não é certo: nem o próximo, nem o distante. Olhei para Robert. Será bem a sua verdade que se vê refletida em todos esses olhos? Olham para ele também de outros lugares: da América, da URSS, do fundo dos séculos. A quem estão vendo? Talvez nada mais do que um velho sonhador, cujo sonho carece de seriedade. Talvez seja assim que ele próprio se verá amanhã. Pensará que sua ação não serviu para nada, ou pior: pensará que serviu para iludir os outros. Se ao menos eu pudesse decidir: não há verdade! Mas haverá uma. Nossa vida aí está, pesada como uma pedra, e possui um reverso que não conhecemos: é assustador. Desta

vez tinha certeza de não delirar, não havia bebido, não era noite, e o medo me asfixiava.

— Estão contentes? — perguntei-lhes, com ar indiferente. Henri estava contente.

— Um grande sucesso — disse-me, alegre.

— Foi um triunfo — dizia Samazelle.

— Um *meeting* não prova nada — resmungou Robert.

Dez anos antes, ao sair da sala Pleyel, ele não havia dito nada parecido: exibia uma expressão feliz. Entretanto, pensávamos que a guerra acabasse talvez por estourar. Onde vinha aquela serenidade? Ah! Tínhamos tempo pela frente: por detrás da ameaça de guerra, Robert adivinhava o esmagamento do fascismo; já havia ido além dos sacrifícios que isso custaria. Agora, ele trai a idade: tem necessidade de certezas a curto prazo. Permaneceu sorumbático nos dias subsequentes. Deveria ter-se regozijado, quando Charlier lhe anunciou sua adesão ao SRL, e jamais o vi tão desconcertado como depois da conversa que tiveram. Aliás, eu o compreendia. Não era tanto por causa do aspecto físico de Charlier: seus cabelos não voltaram a crescer, sua pele era vermelha e granulosa, mas, enfim, a partir de março ele engordou dez quilos e tinha mandado colocar dentes; não era tampouco por causa das histórias que contava, não se tinha mais grande coisa que aprender sobre os horrores dos campos. Era antes por causa do tom insuportável de seus relatos. Ele, que havia sido o mais suave e o mais teimoso dos idealistas, evocava os golpes, as bofetadas, as torturas, a fome, as cólicas, o embrutecimento, o envilecimento com um riso que não era mais cínico: infantil ou senil, angelical ou imbecil, não se sabia. E ria também à ideia de que os socialistas esperavam que retornasse às suas *gangs*. Conservava, entretanto, em relação aos comunistas, sua velha repugnância. O SRL o seduziu: prometeu incorporar-lhe importante fração, que se reagrupava atrás de si. Quando nos deixou, Robert me disse:

— Você há dias se admirava de minhas hesitações. Mas compreende que o que há de terrível, hoje, quando a gente se põe a agir é saber demais o preço que custam os erros.

Eu sabia que ele tinha os homens de sua idade e a si mesmo como responsáveis pela guerra. Era, todavia, um dos que haviam lutado contra ela mais lucidamente e com maior empenho. Mas, já que havia fracassado, julgava-se culpado. O que me surpreendia é que o encontro com Charlier

tivesse despertado seus remorsos: quase sempre reagiu diante das coisas em conjunto, não diante de casos particulares.

— De qualquer forma, mesmo que o SRL fosse um erro, não resultariam grandes desordens — disse eu.

— Os pequenos desastres também importam — contraveio Robert. Hesitou e disse: — É preciso ser mais moço do que eu para crer que o futuro tudo salvará. Sinto minhas responsabilidades como sendo mais limitadas do que antes, mas também como mais definitivas. E mais pesadas.

— Como assim?

— Bem, penso um pouco como você: que a morte ou a desgraça de um indivíduo são coisas além das quais a gente não pode ir. Oh! Caminho contra a corrente — acrescentou —; os jovens são bem mais duros do que éramos, são mesmo decididamente cínicos: e eu me torno sentimental.

— Não se poderia dizer em vez disso que você se torna mais sólido do que era?

— Não estou bem certo a respeito: onde está o sólido? — perguntou.

Sim, ele era, certamente, mais vulnerável do que antes. Felizmente o *meeting* dava seus frutos, todos os dias se registravam adesões. E, finalmente, os comunistas não declararam guerra ao SRL. Falavam sobre isso com uma contida malevolência, e nada mais. Podia-se esperar que o movimento fosse desenvolver-se seriamente. O único ponto negativo é que *L'Espoir*, apesar disso, perdera muitos leitores, e logo haveria necessidade de recorrer aos capitais de Trarieux.

— Você está certo de que ele dará o dinheiro? — perguntei, examinando-me ao espelho com desaprovação.

— Inteiramente certo.

— Então por que vai a esse jantar? Por que me arrasta até lá?

— É melhor, contudo, mantê-lo dentro de suas boas disposições — disse Robert, que dava o laço a uma gravata, contra a vontade. — Devem-se lisonjear bastante as manias de um tipo a quem a gente prepara para arrancar oito milhões.

— Oito milhões!

— Pois é! — disse Robert. — Chegaram a esta situação! Culpa de Luc. Que cabeça-dura! No entanto, serão forçados a tomar dinheiro a Trarieux.

Samazelle que fez uma pequena pesquisa, afirma que não se aguentam mais.

— Neste caso, resigno-me — disse eu. — *L'Espoir* vale bem um jantar fora de casa!

Éramos todos sorrisos, quando entramos no vasto salão-biblioteca, onde Samazelle e a esposa já se encontravam. Ele exibia um terno de flanela cinza-claro, que acentuava sua corpulência. Trarieux também era todo sorrisos, não tinha esposa significativa, mas uma moça comprida, de cabelos sem brilho, que me lembrava minhas religiosas companheiras de colégio. Na sala de jantar, ladrilhada de preto e branco, foi-nos servido um jantar com muita finura. Ao café, Trarieux ofereceu licores; nada, porém, de charutos. Samazelle, com certeza, teria apreciado um charuto. Alegrava-se, sem nenhuma intenção dissimulada, saboreando uma velha aguardente. Fazia muito tempo que eu não punha os pés numa casa de burgueses autênticos; esta experiência me pareceu confortadora. Às vezes, digo a mim mesma que todos os intelectuais que conheço possuem alguma coisa de suspeito. Mas, em meu contato com burgueses, verifico que eles nada têm a invejar-nos. Nadine e a vida que lhe permito levar são, evidentemente, insólitas. Mas esta virgem murcha que servia o café com um ar oprimido parecia-me muito mais monstruosa. Estava certa de que teria boas a contar-me, se a pegasse deitada em meu divã. E Trarieux — puxa! —, apesar de sua estudada banalidade... eu o achava extremamente suspeito. Sua vaidade maldisfarçada não combinava com a admiração excessivamente entusiástica que manifestava em relação a Samazelle. Durante um longo momento, trocaram lembranças da Resistência; depois se felicitaram pelo comício.

— O que é de excelente augúrio é que estamos conquistando a província — declarou Samazelle. — Daqui a um ano teremos duzentos mil adeptos... ou teremos perdido a batalha.

— Não a perderemos! — disse Trarieux. Voltou-se para Robert, que até então permanecera muito mais silencioso do que o necessário: — A grande chance de nosso movimento está em que foi criado no momento oportuno. O proletariado começa a compreender que o PC lhe atraiçoa os legítimos interesses. E muitos burgueses lúcidos verificam, como eu, que, hoje devem aceitar o fim de sua classe.

— Não impede que, dentro de um ano, não tenhamos duzentos mil adeptos e que a partida não esteja perdida por isso — disse Robert, com modos desagradáveis —; não temos interesse algum em mentir a nós mesmos.

— Minha experiência ensinou-me que a gente não obtém muita coisa, quando se contenta com o pouco — redarguiu Trarieux —; não temos também interesse em limitar nossas ambições!

— O que importa — continuou Robert — é não limitar nossos esforços.

— Ah! Permita-me dizer-lhe que estamos longe de explorar a fundo todas as nossas possibilidades — declarou Trarieux, autoritariamente. — É desolador que, neste ponto, o órgão do SRL esteja abaixo de sua tarefa: a tiragem de *L'Espoir* é irrisoriamente pequena.

— Por causa de sua filiação ao SRL foi que ela baixou — disse eu.

Trarieux olhou-me com descontentamento e pensei que, se ele tivesse mulher, ela não deveria falar com frequência, sem ser perguntada.

— Não — contraveio quase grosseiramente —; é falta de dinamismo.

— O fato é que, antes, *L'Espoir* possuía um grande público — afirmou Robert, empertigado.

— Aproveitou-se do movimento de entusiasmo, que se seguiu à libertação — disse Samazelle, docemente.

— Devemos encarar as coisas de frente — disse Trarieux. — Todos admiramos bastante Perron para ter o direito de exprimir-nos sobre ele com a máxima franqueza: é um escritor maravilhoso; não representa, porém, uma iniciativa política, nem é um homem de negócios. E a presença de Luc a seu lado não melhora as coisas.

Bem sabia eu que Robert não estava longe de compartilhar esta opinião, mas ele meneou a cabeça.

— Aderindo ao SRL, Perron alienou de si a direita e os comunistas; e seus meios financeiros são muito limitados para que ele pudesse nadar contra a corrente.

— Estou absolutamente convencido — disse Trarieux, destacando cada sílaba — de que, se um homem como Samazelle estivesse à frente de *L'Espoir*, a tiragem duplicaria em algumas semanas.

O olhar de Robert vagou em torno do semblante de Samazelle.

— Samazelle não está nisso — disse ele, em poucas palavras.

Trarieux, sem pressa, lançou:

— E se eu propusesse a Perron resgatar *L'Espoir* em nome de Samazelle, estabelecendo um preço?

Robert encolheu os ombros.

— Experimente.

— Pensa que ele não aceitará?

— Ponha-se em seu lugar.

— Bom. E se eu pedisse para só comprar as cotas de Luc? Ou, a rigor, a terça parte das cotas de ambos?

— Compreenda, o jornal é deles — disse Robert —; criaram-no, fazem questão de mandar em sua casa.

— É lamentável! — exclamou Trarieux.

— Talvez; mas aí ninguém pode fazer nada.

Trarieux deu alguns passos através do salão.

— Não sou de natureza resignada — disse, com voz prazerosa. — Quando me afirmam que uma coisa é impossível, tenho imediatamente vontade de provar o contrário a mim mesmo. Acrescento que os interesses do SRL me parecem mais importantes que os sentimentos individuais, mesmo os mais respeitáveis — declarou, enfaticamente.

— Se está pensando em seu projeto de anteontem, já lhe declarei que, pessoalmente, não poderei acompanhá-lo — disse Samazelle, com ar inquieto.

— E respondi-lhe que apreciava os seus escrúpulos — disse Trarieux com um breve sorriso. Olhou Robert com algum desafio: — Resgato todas as dívidas de *L'Espoir* e ponho a decisão nas mãos de Perron: ou ele agrega Samazelle a si, ou empurro-o para a falência.

— Perron preferirá a falência a ceder a uma chantagem — disse Robert, num tom de menosprezo.

— Que seja. Ele vai à falência e eu lanço outro jornal, com Samazelle na direção.

— Não! — gemeu Samazelle.

— O senhor compreende que o SRL não teria nada a ver com esse outro jornal. E semelhante maneira de agir acarretaria sua imediata exclusão.

Trarieux encarou Robert como para avaliar a solidez de sua resistência e decerto ficou logo muito edificado, porque apressou-se em explicar-se:

— Nunca pensei em executar tal projeto — disse com jovialidade —; estava pensando em servir-me dele para intimidar Perron. O bom êxito do

jornal deveria, entretanto, interessá-los — acrescentou, com censura —; dobrem a tiragem, e dobrarão seus lucros!

— Sei — disse Robert. — Mas repito-lhe que, na minha opinião, o único erro de Perron e de Luc foi o de se haverem obstinado a trabalhar com recursos financeiros demasiado exíguos. No dia em que tiverem como retaguarda os capitais que o senhor tão generosamente colocou à sua disposição, verá a diferença.

— Certamente — disse Trarieux, com um sorriso —; porque juntamente com os capitais serão obrigados a aceitar Samazelle.

A fisionomia de Robert ganhou dureza.

— Perdão! O senhor me disse em abril que estava pronto a apoiar *L'Espoir* sem condições.

Observei Samazelle de soslaio: não parecia absolutamente constrangido. Sua mulher é que parecia torturada, mas parecia sempre torturada.

— Não disse isso — revidou Trarieux —; disse que, politicamente, a direção do jornal cabia, é evidente, aos responsáveis pelo SRL, e que nesse terreno eu não meteria o bedelho. Não se tratou de mais nada.

— Porque nada mais deveria ser tratado — continuou Robert com indignação na voz. — Prometi a Perron sua total independência, e foi sobre a fé da minha promessa que ele assumiu o enorme risco de associar *L'Espoir* ao SRL.

— Tem que admitir que não posso considerar-me incluído em suas promessas — disse Trarieux, amavelmente. — De mais a mais, não vejo por que Perron haveria de recusar esta combinação; Samazelle é amigo dele.

— A questão não é essa. Se ele imaginar que tramamos atrás de suas costas, a fim de obrigar-lhe, baterá o pé. E eu posso compreendê-lo — acrescentou Robert, com veemência.

Tinha o ar de quem estava muito contrariado, e eu estava também, principalmente porque conhecia os verdadeiros sentimentos de Henri em relação a Samazelle.

— Também sei bater o pé — disse Trarieux.

— A posição de Samazelle será muito delicada, se começar a fazer parte de *L'Espoir* contra a vontade de Perron.

— Estou de pleno acordo! — disse Samazelle. — Certamente, creio que em outras circunstâncias me agradaria muitíssimo tentar dar novo fôlego a

um jornal periclitante. Mas jamais consentirei em ser imposto a Perron, contra a vontade dele.

— Desculpem-me se considero este negócio como sendo de algum modo um negócio pessoal — disse Trarieux, ironizando. — Não tenho como alvo obter lucros financeiros. Mas recuso-me, absolutamente, a oferecer milhões em troca de nada. Quero resultados. Que Perron recuse a sua colaboração — disse ele a Samazelle — ou que o senhor se recuse a colaborar com ele, não me interessa. Mas nunca me meto num empreendimento, se o julgo destinado ao insucesso. É um ponto de vista que tenho por sadio. E, de qualquer modo, nada me fará sair dele — concluiu secamente.

— Parece-me inútil discutir enquanto o senhor não tiver falado com Perron — disse Samazelle. — Estou convencido de que ele colaborará. Afinal, temos todos o mesmo interesse: o êxito do movimento.

— Sim, Perron compreenderá, certamente, a conveniência de algumas concessões, sobretudo se o senhor insistir no sentido de que ele a compreenda — disse Trarieux a Robert.

Robert encolheu os ombros.

— Não conte comigo.

A conversa se arrastou ainda um momento. Quando meia hora mais tarde nos encontramos embaixo, ao final da escada, eu disse:

— Cheira muito mal esta história! Que lhe havia dito Trarieux, exatamente, em abril?

— Não se falou senão do aspecto político do negócio.

— E você prometeu mais a Henri? Adiantou-se em demasia?

— Pode ser — disse Robert. — Se eu tivesse hesitado um pouco, não o teria feito decidir. A gente, de quando em vez, é forçada a se adiantar, sem o que nunca fará nada!

— Por que ainda há pouco você não deixou o negócio nas mãos de Trarieux? — perguntei. — Ou ele cumpre sem condição as suas promessas, ou haverá desentendimento, e você o expulsará do SRL.

— E daí? — disse Robert. — Suponha que ele escolha o desentendimento. No dia em que Henri tiver necessidade de dinheiro, que acontecerá? — Continuamos caminhando em silêncio e Robert disse, bruscamente: — Se Henri perder este jornal por minha causa, não me perdoarei.

Eu revia o sorriso de Henri, na noite da vitória. Perguntava-lhe: “Você não tinha vontade de meter-se nisso?” “Não muita.” Foi-lhe pesado subordinar *L’Espoir* ao SRL. Ele gostava do jornal, gostava de sua liberdade, não gostava de Samazelle. Era lamentável o que lhe acontecia. Mas Robert parecia tão sombrio que guardei para mim tais reflexões.

— Não compreendo como você pôde ter confiança em Trarieux — disse —; ele não me agrada, de jeito algum.

— Errei! — retrucou simplesmente Robert. Refletia: — Vou pedir o dinheiro a Mauvanes.

— Mauvanes não lhe dará.

— Pedirei a outros. Existem tipos endinheirados. Haverá um que concorde.

— Parece-me que só concordará quem for milionário e ao mesmo tempo membro do SRL. Combinação única.

— Vou procurar — disse Robert. — E, simultaneamente, agirei sobre Trarieux através de Samazelle. Este não pode aceitar que o imponham.

— Não me parece constrangê-lo tanto. — Fiz um gesto de pouco caso: — Tente, contudo.

No dia seguinte, Robert encontrou Mauvanes, que ficou interessado, mas, evidentemente, nada prometeu. Robert procurou outras pessoas, que não se interessaram de forma alguma. Eu estava muito inquieta: o caso permanecia em meu coração. Não falava a respeito com Robert, porque tanto quanto possível evito ser como essas mulheres que, associando-se às preocupações de um homem, as aumentam em dobro. Mas pensava nisso o tempo todo. Dizia-me: “Robert não devia ter feito o que fez.” Pensava: “Ele não o teria feito outrora.” Pensamento excêntrico, esse: que significava, exatamente? Ele dizia que suas responsabilidades lhe pareciam mais limitadas e mais pesadas do que antes, porque já não podia utilizar o futuro como álibi: então tinha mais pressa de chegar ao fim, o que o tornava menos escrupuloso. Eu não gostava desta ideia. Quando se vive tão perto de alguém, como eu de Robert, julgá-lo já é traí-lo.

Nadine e Lambert regressaram alguns dias depois. Para mim o seu regresso teve o feliz efeito de uma diversão. Estavam ligeiramente bronzeados, risonhos e agitados como casadinhos de novo.

— Nadine seria uma repórter de primeira — dizia Lambert. — Quando se trata de passar por onde quer que seja e de fazer alguém falar, é terrível.

— Às vezes é divertido esse trabalho — admitia ela, dando-se ares de importante.

Mas o meu maior orgulho estava em que, no decorrer da viagem, descobrira, a trinta quilômetros de Paris, a casa de campo com que eu inutilmente sonhava, havia algumas semanas. Gostei imediatamente da fachada amarela com venezianas azuis, dos gramados bonitos, do pequeno anexo, das rosas selvagens. Robert também ficou seduzido e assinamos o contrato de locação. Internamente, o estado da casa era péssimo; os caminhos estavam invadidos de urtigas. Mas Nadine declarou que se encarregaria de repor tudo em bom estado. Repentinamente, desinteressava-se de seu cargo de secretária, abandonava-o, por algum tempo ainda, nas mãos de sua substituta e ia acampar com Lambert no anexo: dividiam o tempo entre a redação de um livro, a jardinagem e a pintura mural. Com sua pele bronzeada, as mãos calejadas pelo guidão de sua máquina, os cabelos bagunçados sistematicamente por Nadine, Lambert tinha um pouco menos que antes o ar de um dândi. Mesmo assim, não se parecia em nada com um trabalhador braçal. Fui obrigada a ter confiança em ambos.

Nadine vinha de quando em quando a Paris, mas foi somente na véspera de nossa partida para Auvergne que ela nos permitiu chegássemos a Saint-Martin. Pelo telefone, convidou-nos pomposamente para jantar:

— Diga a papai que ele terá maionese, especialidade de Lambert.

Robert, porém, recusou o convite.

— Quando Lambert me encontra, julga-se invariavelmente obrigado a atacar-me; sou forçado a responder-lhe, o que aborrece todo o mundo e a mim em primeiro lugar — disse, com desprazer.

O fato é que, na presença dele, Lambert era sempre agressivo. Raras as pessoas que não se acreditavam na obrigação de inventar uma atitude diante de Robert. “No fundo”, pensei, “como ele é só!” Nunca era com ele que se falava, mas com um personagem afetado, distante, falso e que de comum com ele só possuía o nome. Não podia impedir que esse nome criasse uma barreira entre si mesmo e os outros, ele que tanto havia amado, outrora, a familiaridade anônima da multidão. Todos lhe faziam sentir isso, implacavelmente. Mas com o homem de carne e osso que Robert era na verdade, com seus risos, suas ternuras, suas cóleras, suas

insônias, ninguém se preocupava. No momento de tomar o ônibus, insisti, mesmo assim, para que viesse comigo.

— Asseguro-lhe que seria uma noite desagradável — disse ele. — Note que não tenho antipatia por Lambert.

— Com Nadine ele tem muito mérito: é a primeira vez que ela consente em trabalhar com a colaboração de alguém.

Robert sorriu.

— Ela que tanto menospreza a literatura... Que orgulho é esse de ver o seu nome impresso?

— Tanto melhor! Isso a encoraja a continuar. É exatamente o gênero de trabalho que lhe convém.

A mão de Robert pousou sobre o meu ombro.

— Está um pouco sossegada a respeito do destino de sua filha?

— Sim.

— Então o que espera para escrever a Romieux? — perguntou Robert com veemência. — Você não tem a menor razão para hesitar.

— Daqui até janeiro, muita coisa pode acontecer — disse eu precipitadamente.

Romieux reclamava com estardalhaço uma resposta minha, mas afligia-me ter que dizer, definitivamente, sim ou não.

— Escute, você está vendo que Nadine se arranja perfeitamente sozinha — disse Robert. — Aliás, você me repetiu isso muitas vezes, que não há nada melhor para ela do que aprender a não depender de nós.

— É verdade — confirmei, sem entusiasmo.

Robert me encarou perplexo.

— Afinal, você tem vontade de fazer essa viagem, não?

— Certamente! — respondi. E em seguida fui tomada de pânico: — Todavia, não tenho vontade de deixar Paris. Não tenho vontade de deixar você.

— Como você é tola, minha tolinha — disse ele, com ternura. — Ainda que me deixe, há de ver-me depois exatamente o mesmo. E por sinal você me confessou que eu não lhe fazia falta — acrescentou, rindo.

— Antigamente. Mas agora, com todas essas preocupações que você carrega... Isso me angustia.

Robert me olhou com seriedade.

— Angustia-se demais. Ontem, por causa da Nadine; hoje, por minha causa. Já se torna mania, não?

— Pode ser — disse eu.

— Certamente! Você também está adquirindo uma pequena neurose de paz. Não era assim, em absoluto, antigamente!

Havia ternura no sorriso de Robert. Mas a ideia de que a minha ausência pudesse atrapalhá-lo parecia-lhe uma invenção de cérebro doentio. Viveria perfeitamente sem mim durante três meses, pelo menos durante três meses. Esta solidão, à qual seu nome, sua idade e a atitude dos outros o condenavam, eu só podia dividir com ele, nunca suprimi-la. E ela não lhe pesaria nem mais, nem menos, se eu não a dividisse.

— Jogue fora todos os escrúpulos! — exclamou Robert. — Apresse-se em escrever a carta, ou... era uma vez uma viagem...

— Escreverei, quando voltar de Saint-Martin, se tudo estiver realmente bem.

— Mesmo que tudo não esteja bem — disse Robert, com voz imperiosa.

— Veremos. — Hesitei: — Em que ponto você está, com Mauvanes?

— Já lhe disse: ele vai sair de férias e em outubro me dará uma resposta definitiva. Mas, praticamente, prometeu-me o dinheiro. — Robert sorriu: — Aquele também gostaria muito de se proteger com a esquerda.

— Ele prometeu de fato?

— Sim. E Mauvanes, quando promete, cumpre.

— Isso me tira um peso do coração! — disse eu.

Mauvanes não era volúvel. Eu me sentia sossegada.

— Você, contudo, não pensa em falar com Henri sobre o assunto?

— Não vejo por quê. Que poderá ele fazer? Fui eu quem o pôs nesta situação difícil; só a mim cabe tirá-lo. — Robert encolheu os ombros: — Além disso, arrisco-me a vê-lo louco de raiva e ouvi-lo mandar tudo às favas. Não, falarei com ele quando tiver o dinheiro.

— De acordo. — Levantei-me.

Robert também se levantou e me sorriu:

— Não se aflija mais e passe uma boa noite.

— Farei o possível.

Ele tinha razão, com certeza. Datava da Libertação esta ansiedade, que não sabia muito bem onde se situar. Como tantos outros, eu tinha dificuldades em readaptar-me. A noite em Saint-Martin não me ensinaria

nada de novo. Nem era por causa de Nadine, ou de Robert, que eu hesitava em responder a Romieux. Minha angústia não dizia respeito senão a mim mesma. Durante o trajeto de ônibus, perguntava-me se acabaria ou não por ir mais longe. Empurrei a grade do jardim. A mesa estava posta sob as tília, e da casa chegavam gargalhadas. Entrei diretamente na cozinha. Nadine estava de pé ao lado de Lambert, que, de guardanapo atado a volta do pescoço, batia furiosamente um molho líquido.

— Você chega justamente na hora do drama! — disse ela, com jovialidade. — A maionese fracassou!

— Boa noite. — disse Lambert, com ar tristonho. — Sim, ela fracassou, e justamente comigo, que não a deixo nunca fracassar!

— Digo-lhe que é possível refazê-la, continue a maionese — disse Nadine.

— Não, está perdida!

— Você bate com muita força.

— Digo-lhe que está perdida — repetiu Lambert, furioso.

— Ah! Vou mostrar-lhes como se refaz essa maionese — disse eu.

Joguei ao lixo o molho desandado e estendi a Lambert dois outros ovos.

— Desempenhe o seu papel.

Nadine sorriu:

— Às vezes você tem boas ideias — disse, com imparcialidade no tom da voz. Tomou-me pelo braço: — Como vai papai?

— Oh! Precisa muito de férias!

— Quando regressarem de sua volta pela França, a casa estará em condições esplêndidas — disse Nadine. — Venha ver como a gente trabalhou bastante!

Atravancada de escabelos e de baldes de tinta, a futura sala de estar tinha ainda a tristeza das obras de construção; mas as paredes de meu quarto estavam caiadas sobre uma superfície áspera em rosa-acinzentado, as de Robert em ocre pálido. Trabalho muito adequado.

— Maravilhoso. Quem fez isso? Ele ou você?

— Os dois. Dou as ordens: ele executa. Dá duro e é muito obediente — disse ela, com um ar feliz.

— Isto lhe veio a calhar — disse eu, rindo.

Nadine tinha necessidade de comandar, para adquirir segurança; ocupada em fazer-se obedecer, deixava de questionar a si mesma. Havia muito

tempo que ela não se mostrava tão radiante. Divertia-se em representar a dona de casa. Entre as saladeiras e os pratos de carne fria, Lambert colocou uma grande bola de maionese oleosa e dura e, sob os olhos de Nadine, esvaziamos uma garrafa de vinho branco. Contavam-me com entusiasmo seus projetos: primeiro a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, todos os países ocupados; depois, o resto da Europa.

— E dizer que eu estava decidido a largar da reportagem! — disse Lambert. — Teria largado, com certeza, não fosse Nadine. Aliás, ela é muito mais dotada que eu, logo não quererá mais que a acompanhe.

— É por isso que você não quer me deixar guiar sua motocicleta imunda — gemeu ela. — E, todavia, nada tem de difícil!...

— Nada tem de difícil que você quebre o pescoço, sua louca.

Ele lhe sorria do fundo da alma. A seus olhos, ela dispunha de um prestígio que me escapava completamente. Jamais eu a conheceria a não ser sob um único aspecto: minha filha. Para mim ela possuía duas dimensões somente: era plana. Lambert abriu uma segunda garrafa de vinho branco. Não sabia, absolutamente, beber; já lhe brilhavam os olhos, as maçãs do rosto estavam-lhe vermelhas, um pouco de suor lhe escorria sobre a fronte, como pérolas.

— Não beba demais — disse Nadine.

— Ora, não banque a mãe de família. Sabe o que acontece, quando você banca a mãe de família?

A fisionomia de Nadine tornou-se dura.

— Não diga asneiras.

Lambert tirou o casaco.

— Estou com muito calor.

— Você vai ficar doente.

— Nunca fico doente. — Voltou-se para mim: — Nadine não quer acreditar, mas, embora não seja um brutamontes, sou muito resistente. Tenho a certeza de que há casos em que eu aguentaria o baque muito melhor do que um atleta.

— Veremos isso, quando atravessarmos o Saara de motocicleta! — observou Nadine, divertida.

— Ele será atravessado! — anunciou Lambert. — Motocicleta passa por qualquer lugar! — Olhou-me: — A senhora acredita que se possa fazer isso?

— Não tenho ideia — respondi.

— Em todo caso, vai-se tentar — disse ele, com decisão. — É preciso tentar fazer coisas! Ser intelectual não é uma razão para que se viva de chinelos.

— Está prometido — disse Nadine, rindo —; atravessaremos o Saara e os planaltos do Tibete, e iremos explorar as florestas do Amazonas. — Ela paralisou a mão que Lambert estendia para a garrafa: — Não, você já bebeu demais.

— Nada disso. — Ele se levantou e deu dois passos: — Será que cambaleio? Maravilha de equilíbrio!

— Experimente fazer malabarismo.

— Malabarismo? É uma de minhas especialidades — declarou Lambert. Pegou três laranjas e atirou-as para cima: uma lhe escapou e ele se jogou sobre o gramado. Nadine pôs-se a rir, com seu grande riso agressivo.

— Que imbecil! — observou ternamente. Com um lado de seu avental, enxugou a testa reluzente de Lambert, que consentia nisso com um ar de felicidade: — É certo que ele tem talentos sociais — continuou ela: — canta canções tão engraçadas! Quer que ele lhe cante uma?

— Vou cantar para a senhora “Coração de porco” — disse Lambert com decisão.

Nadine ria até as lágrimas, enquanto ele cantava. Já eu achava que havia, na alegria de Lambert, uma desgraça quase patética. Parecia que tentava, por meio de desastradas emoções, arrancar-se à própria pele, que, não obstante, se lhe colava ao corpo. Suas caretas, sua voz grotesca, o suor que inundava suas faces, a febre inquieta de seus olhos me punham indisposta. Fiquei contente quando ele caiu aos pés de Nadine, que lhe acariciou a cabeça, com um ar de posse e de felicidade.

— Você é um bom menino — dizia ela. — Acalme-se, agora; descanse.

Ela gostava de fazer o papel de enfermeira, e ele se comprazia em ser acarinhado. Tinham muitas coisas em comum: o passado, a juventude, o rancor em relação às ideias e às palavras, os sonhos de aventura, as ambições incertas. Talvez pudessem inspirar confiança um ao outro, criar para si empreendimentos, triunfos, felicidade. Dezenove anos, vinte e cinco anos: como o futuro era jovem! Eles não eram sobreviventes. Pensei: “E eu? Estou verdadeiramente enterrada viva no passado? Não”, respondi arrebatadamente, “não!” Nadine, Robert podiam passar sem mim.

Não tinham sido senão pretextos; eu era vítima de minha exclusiva covardia, que, de súbito, me envergonhava. Um avião que me leva, uma cidade gigantesca, e durante três meses nenhuma outra missão além de me instruir e me divertir. Tanta liberdade, tanta novidade, como sempre desejei! Seria uma louca imprudência, sem dúvida, deixar-me perder no mundo dos vivos, eu que havia feito, sob as plantas, um ninho para mim: tanto pior! Deixei de me defender contra esta alegria, que aumentava agora. Sim: ainda esta noite responderei sim. Sobreviver, afinal, é, ininterruptamente, recomeçar a viver. Esperava podê-lo, ainda.

Capítulo V

Henri se revirou sobre a tábua. O vento soprava através das paredes de pedras. Apesar de sua coberta e de seus pulôveres, sentia frio demais para adormecer. Só a cabeça estava quente. E zumbia como se ele tivesse tido febre: talvez tivesse; uma febre agradável, cansada pelo sol, pela fadiga e pelo vinho tinto. Onde se encontrava, exatamente? Em todo caso, num estado em que ninguém tinha razão alguma de se encontrar: muito tranquilo. Nada de mágoas, nada de problemas: esta insônia era tão serena como um sono sem sonhos. Havia renunciado a muitas coisas, não escrevia mais, não se divertia diariamente. Mas o que tinha ganhado em troca é que contava agora com a sua consciência; e isso já era muito. Longe da terra e de seus problemas, longe do frio, do vento, de seu corpo cansado, ele flutuava num banho de inocência: a inocência podia ser tão inebriante quanto a voluptuosidade. Por um instante, ergueu as pálpebras. Observando a mesa sombria, a vela e aquele homem escrevendo, pensou com satisfação: “É que estou na Idade Média!” E a noite se fechou sobre essa visão alegre.

— Não sonhei? Vi-o a escrever, de noite.

— Trabalhei um pouco — disse Dubreuilh.

— Tomei-o pelo dr. Fausto.

Envoltos em suas cobertas, que o vento agitava, estavam sentados sobre a soleira do refúgio. O sol se havia erguido enquanto dormiam, e o céu estava completamente azul, mas sob os seus pés se estendia uma estrada de nuvens. Por instantes, rasgava-a o vento, e via-se um pedaço de planície.

— Todos os dias ele trabalha — disse Anne. — Quanto ao ambiente, não é muito exigente: pode ser um estábulo, sob a chuva, numa praça pública, mas precisa de suas quatro horas para escrever. Depois disso, faz o que quiser.

— E o que quer, no momento? — perguntou Dubreuilh.

— Creio que seria melhor descer; como paisagem, pode-se encontrar coisa melhor.

Desceram através de urzes, até a aldeia negra, onde velhas, sentadas à soleira de suas portas, uma almofada sobre os joelhos, ouriçada de alfinetes, agitavam seus fusos. Tomaram uma bebida escura no cafezinho-mercearia, onde haviam deixado as bicicletas, e as montaram. Eram velhas máquinas, fatigadas pela guerra e de péssima aparência; a pintura estava descascando, os para-lamas amassados; e os pneus, intumescidos de estranhas hérnias. A de Henri tinha tanta dificuldade em rodar, que ele se perguntava, ansiosamente, se seria capaz de aguentar até o fim do dia. Viu com alívio os Dubreuilh pararem à beira de um riacho, justamente o Loire. A água estava fria demais para um banho, mas ele se aspergiu da cabeça aos pés e, quando montou de novo, constatou que, afinal, suas rodas giravam. Na verdade, o que estava mais enferrujado era o seu corpo; recompô-lo exigiria um autêntico trabalho. Mas, superadas as primeiras dores do corpo, Henri se sentiu muito feliz de haver recuperado um instrumento tão bom. Tinha esquecido o quanto pode ser eficiente um corpo. A corrente e as rodas multiplicavam seu esforço, mas, no final das contas, em toda esta mecânica, o único motor eram seus músculos, seu fôlego, seu coração: e a máquina devorava uma honesta ração de quilômetros; escalava, valentemente, estreitas passagens.

— Diria que a coisa está engrenando — declarou Anne. Os cabelos ao vento, bronzeada, os braços nus, ela parecia mais jovem do que em Paris. Dubreuilh também ficara moreno, emagrecera; com seu short, suas pernas musculosas, as rugas gravadas num rosto escurecido, lembrava um discípulo de Gandhi.

— Vai indo melhor que ontem! — disse Henri.

Dubreuilh diminuiu a marcha e pôs-se a rodar ao lado de Henri.

— Deve-se dizer que ontem não ia às maravilhas — disse com jovialidade. — Você não nos contou nada. Que aconteceu em Paris, após a nossa saída?

— Nada de especial; fazia calor — respondeu Henri. — Meu Deus! Como fazia calor!

— E no jornal? Você não viu Trarieux?

Havia na voz de Dubreuilh uma curiosidade tão ávida que se assemelhava à inquietação.

— Não. Luc meteu na cabeça que, se aguentarmos dois ou três meses, sairemos sozinhos das dificuldades.

— Vale a pena tentar. Mas não seria conveniente que vocês se endividassem ainda mais.

— Sei, não tomaremos mais dinheiro emprestado. Luc espera forçar um pouco a publicidade.

— Confesso que não acreditava que a tiragem de *L'Espoir* pudesse baixar tanto — disse Dubreuilh.

— Oh! Você sabe — replicou Henri sorrindo —, se for preciso acabar aceitando o capital de Trarieux, não ficarei doente por isso. Não será pagar muito, diante do êxito do SRL.

— O fato é que o SRL deve o sucesso a você.

A voz de Dubreuilh era ainda mais reticente do que suas palavras. Ele não estava satisfeito com o SRL: era muito ambicioso. Não se podia fazer surgir, da noite para o dia, um movimento tão importante como o antigo PS. Henri, ao contrário, tinha sido felizmente surpreendido com o triunfo alcançado pelo comício. Um comício não prova muita coisa: ele não esqueceria depressa, porém, aqueles cinco mil rostos erguidos à sua frente. Sorriu para Anne:

— A bicicleta tem seu encanto. Em certo sentido, é até melhor que o automóvel.

Rodavam com menor velocidade. Mas o cheiro das ervas, da urze, do pinho, a doçura e o frescor do vento penetravam até os ossos. E a paisagem era muito mais do que um cenário: era conquistada pedaço por pedaço, à viva força; na fadiga das subidas, na alegria das descidas, todos os seus relevos eram absorvidos, vivia-se a paisagem, ao invés de admirá-la, como num espetáculo. E o que Henri descobriu com satisfação, no primeiro dia, é que esta vida bastava para preencher-lhe as horas. Que silêncio dentro dele! As montanhas, os prados, as florestas se encarregavam de existir em lugar dele. “Como é rara”, pensava, “uma paz que não se confunde com o sono!”

— A senhora soube escolher o lugar — disse ele, à noite, a Anne. — Bonita a região!

— Amanhã, também, tudo será bom. Quer ver no mapa a etapa de amanhã?

No albergue em que acabavam de jantar, tomavam uma bebida alcoólica de cor branca e com sabor perigoso. Dubreuilh já havia instalado seu equipamento ao canto de uma mesa coberta por toalha impermeável.

— Quero ver — disse Henri. Seguiu docilmente com os olhos a ponta do lápis, ao longo das linhas vermelhas, amarelas e brancas:

— Como pode escolher entre todas estas estradinhas?

— Isso é que é o divertido.

O que era divertido, pensou Henri no dia seguinte, era constatar o quanto o futuro correspondia exatamente ao projetado: cada curva, cada subida, cada descida, cada aldeia estava no seu lugar previsto. Que segurança! Tinha-se a impressão de que elaboravam a sua própria história. E, todavia, a metamorfose dos sinais impressos em estradas de verdade, em casas de verdade, apresentava aquilo que nenhuma criação apresenta: a realidade. Aquela cascata vinha anunciada no mapa por uma pequena marca azul: e não era menos impressionante encontrar, ao fundo de um desfiladeiro acidentado, enorme catarata espumante.

— Como é agradável olhar! — disse Henri.

— Sim, a gente simplesmente não consegue parar de apreciar — acrescentou Dubreuilh, com sentimento —; é coisa que dá ao mesmo tempo tudo e nada, uma rápida visão.

Ele não olhava tudo. Mas, quando se deixava fascinar por um objeto, não parava. Henri e Anne precisaram descer atrás dele, de rocha em rocha, ao pé daquele rochedo líquido. Ele caminhou descalço, dentro da bacia turbilhonante, até que a água atingisse a parte de baixo de seu short. Quando voltou e se sentou à beira da plataforma, disse com autoridade:

— É a mais bela cascata que já vimos.

— Você sempre prefere o que se acha sob as suas vistas — disse Anne, rindo.

— Ela é toda em preto e branco — prosseguiu Dubreuilh —, e é o que é bonito. Procurei cores: nem um traço. E, pela primeira vez, vi com meus olhos que o preto e o branco são exatamente a mesma coisa. Você deveria ter entrado na água e ido até aquela pedra grande — disse a Henri —; a gente nota bem o negror do branco e a brancura do preto; *vê-se* isso.

— Creio no que diz — disse Henri.

Um passeio à beira da água assumia, na boca de Dubreuilh, as proporções de uma aventura comparável a uma expedição ao polo norte.

Henri e Anne riam disso juntos muitas vezes. É que ele não fazia diferença entre ver e descobrir: nenhum olho antes do seu tinha visto cascata, ninguém sabia o que era água, o que era o preto, o que era o branco. Abandonado a si mesmo, Henri não teria certamente observado todos os detalhes destes jogos de vapor e de espuma, estas metamorfoses, estas evanescências, estes pequenos mares que Dubreuilh sondava, como se pudesse conhecer o destino de cada gota de água. “A gente pode irritar-se com ele”, pensava Henri, olhando-o com afeição, “mas o que não pode é viver sem ele.” A seu lado, tudo adquiria importância, viver parecia um grande privilégio, e vivia-se em dobro. Esta excursão rural através da França, ele a transformava numa viagem de exploração.

— Você teria surpreendido seus leitores — disse Henri, sorrindo para Dubreuilh, que contemplava absorvido os últimos efeitos do pôr do sol.

— E por quê? — perguntou Dubreuilh, com aquela voz escandalizada que tinha quando se falava a seu respeito.

— Diz-se, com base em seus livros, que só as pessoas o interessam e que a natureza não conta.

— As pessoas vivem na natureza, não?

Para Dubreuilh, uma paisagem, uma pedra, uma cor eram uma certa verdade humana. As coisas nunca o sensibilizavam através das lembranças, dos sonhos, das satisfações, nem pelas emoções que tivessem suscitado nele, mas por esse sentido que ele decifrava nelas. Claro que ele se detinha mais interessadamente diante de camponeses ceifando o solo do que diante de um descampado. E quando atravessava uma aldeia a curiosidade tornava-se-lhe insaciável. Queria saber tudo; o que comiam os aldeões, como votavam, o gênero de suas ocupações, a cor de seus pensamentos. Para entrar nas fazendas todos os pretextos lhe eram bons; comprar ovos, pedir um copo de água. E, quando podia, armava longas conversas.

Na tarde do quinto dia, um pneu de Anne estourou no meio de uma descida. Após uma hora de caminhada, viram uma casa isolada onde moravam três mulheres jovens, sem dentes. Cada qual tinha nos braços um bebê mais ou menos gordo, muito sujo. Dubreuilh instalou-se no centro de um quintal coberto de esterco, a fim de consertar a câmara de ar e, enquanto se ocupava em colar, olhava em torno de si, avidamente:

— Três mulheres e nenhum homem. É engraçado, não?

— Os homens estão no campo — respondeu Anne.

— A esta hora? — Mergulhou na bacia o grande tubo cor de ferrugem e bolhas de ar subiram até a superfície da água. — Mais um buraco! Diga-me, não acha que elas nos deixariam dormir no celeiro?

— Vou perguntar.

Anne desapareceu no interior da casa e voltou quase imediatamente:

— Estão espantadas com o fato de querermos dormir sobre o feno, porém não fazem objeção. Apenas insistem em que antes se beba algo quente.

— Agrada-me dormir aqui! — disse Henri. — Porque, se se queria estar longe de tudo, está-se longe de tudo, mesmo.

À luz de uma lâmpada fumacenta, tomaram café de cevada, procurando conversar. As mulheres eram casadas com três irmãos, que possuíam em comum, como meeiros, esta pequena propriedade. Fazia dez dias que os homens tinham descido para Basse-Ardèche, onde prestavam serviços na colheita da lavanda, e elas passavam longos dias silenciosos, alimentando animais e crianças. Quase sabiam sorrir, mas por pouco não desaprenderam a falar. Aqui cresciam castanheiras, e as noites eram frescas; lá cresciam tufo de lavanda, e para colher alguns francos era preciso muito suor: eis quase tudo o que sabiam deste mundo. Sim, estava-se tão longe de tudo, mas tão longe, que, mergulhando no feno, atordoado por todos esses cheiros e por todo esse sol armazenados na erva seca, Henri sonhava que não existiam mais nem estradas, nem cidades: não haveria regresso.

Uma estrada serpenteava através das castanheiras e descia para a planície em rápidos zigue-zagues. Entraram alegremente na pequena cidade, onde os plátanos já anunciavam o calor e as partidas de bola do dia. Anne e Henri sentaram-se ao terraço deserto do maior café e pediram fatias de pão com manteiga, enquanto Dubreuilh ia comprar jornais. Viram-no trocar algumas palavras com o jornaleiro e atravessar a esplanada a passos lentos, lendo. Colocou as folhas sobre uma mesinha, e Henri viu esta enorme manchete: “Os americanos atiram uma bomba atômica sobre Hiroshima.” Leram a notícia em silêncio e Anne disse, com a voz agitada:

— Cem mil mortos! Por quê?

O Japão, evidentemente, iria capitular. Era o fim da guerra. *Le Petit Cévenol* e *L'Écho de l'Ardèche* exultavam. Mas os três tinham juntos um único sentimento: o horror.

— Será que antes não teriam podido ameaçar, intimidar? — perguntava Anne —; fazer uma demonstração, num recanto deserto? Não sei... Estariam realmente obrigados a atirar essa bomba?

— Certamente teriam podido tentar pressionar o governo antes — disse Dubreuilh. Encolheu os ombros: — Pergunto-me se ousariam fazer o mesmo sobre uma cidade alemã, sobre brancos. Mas, sobre amarelos... Eles detestam os amarelos.

— Transformar em pó uma cidade inteira... Isso deveria incomodá-los — disse Henri.

— Penso que existe outra razão — disse Dubreuilh. — Ficam contentes de mostrar ao mundo todo de que são capazes. Nestas condições, podem conduzir sua política sem que ninguém ouse mexer-se.

— E mataram cem mil pessoas para isso! — exclamou Anne.

Permaneciam estupefatos diante de seu café com creme de leite, o olhar imobilizado sobre as horrendas palavras, repetindo, um após outro, e todos juntos, as mesmas frases inúteis.

— Meu Deus! E se os alemães tivessem conseguido fabricar essa bomba! Escapamos de um grande perigo! — disse Anne.

— Não me agrada muito, também, sabê-la nas mãos dos americanos — acrescentou Dubreuilh.

— Dizem aí que seria possível fazer explodir toda a Terra — observou Anne.

— O que Larguet me explicou — informou Henri — foi que a energia atômica, se um lamentável acidente a libertasse, não explodiria a Terra, mas destruiria a atmosfera; a Terra se tornaria uma espécie de Lua.

— Isso não é mais alegre — disse Anne.

Não, não era mais alegre. Só quando começaram a pedalar, por uma estrada ensolarada, a horrível lenga-lenga esvaziou-se de qualquer sentido. Uma cidade de quatrocentas mil almas volatizada, a natureza desintegrada: isso não despertava mais eco. Este dia estava em ordem — azul no céu, verde nas folhas, amarelo na terra sedenta —, e as horas se sucediam uma a uma, desde a fresca madrugada até o meio-dia crepitante. A Terra girava em torno do Sol que lhe era atribuído, indiferente à carga

de viajantes que transportava, sem destino: como acreditar, sob este céu tão calmo quanto a eternidade, que esses viajantes tivessem hoje o poder de transformá-la numa velha Lua? Indubitavelmente, errando, durante dias, em meio à natureza, notava-se que ela era mais ou menos louca. Havia extravagância nas pompas caprichosas das nuvens, nas revoltas e nos combates parados das montanhas, no zumbido dos insetos e no pulular frenético dos vegetais. Mas era uma loucura suave e estereotipada. Estranho pensar que, atravessando o cérebro humano, ela se organizasse em delírio homicida.

— E você ainda tem coragem de escrever! — exclamou Henri, quando se sentaram à margem de um rio e ele viu Dubreuilh tirar seus papéis de uma sacola.

— É um monstro — disse Anne. — Trabalharia em meio às ruínas de Hiroshima.

— Por que não? — perguntou Dubreuilh. — Sempre houve ruínas em alguma parte.

Pegou a caneta, permaneceu muito tempo com o olhar perdido no vazio. Certamente não lhe era fácil escrever por entre ruínas frescas. Ao invés de se debruçar sobre o papel, disse ab-ruptamente:

— Ah! Se pelo menos eles não nos impossibilitassem de sermos comunistas!

— Eles quem? — interrogou Anne.

— Os comunistas. Perceba: esta bomba! Que formidável meio de pressão! Não penso que os americanos irão amanhã jogar uma sobre Moscou, mas têm a possibilidade de fazê-lo e não a deixarão esquecida. Não se conhecerão mais! Este é o momento de uma união cerrada, e em lugar disso estamos repetindo todos os erros de antes da guerra!

— Você disse: estamos — interveio Henri. — Mas não fomos nós quem começou.

— Sim, temos nossa consciência limpa. E daí? — perguntou Dubreuilh.
— Ganhamos muito com isso! Se se operar a divisão, seremos responsáveis por ela tanto quanto os comunistas: até mais, porque eles são os mais fortes.

— Não compreendo — disse Henri.

— Eles são odiosos, de acordo; mas, no que nos diz respeito, não faz diferença alguma. No momento em que nos transformarem em inimigos,

seremos inimigos. Inútil dizer: culpa deles. Culpa deles ou não, seremos inimigos do único grande partido proletário da França; e não é, certamente, o que desejamos.

— Neste caso, será preciso ceder à sua chantagem?

— Jamais achei más as pessoas que se viram à sua maneira, para não ceder. Chantagem ou não, é preciso que a união seja mantida.

— A única união que eles consideram sinceramente está na dissolução do SRL e na adesão de todos os seus membros ao PC.

— Poderá dar-se o caso de chegarmos a isso.

— Você seria capaz de inscrever-se no PC? — perguntou Henri, com surpresa. — Há tantas coisas que o separam dos comunistas!

— Oh! Dá-se um jeito — disse Dubreuilh. — Em caso de necessidade, eu saberia calar-me.

Pegou seus papéis e se pôs a escrever. Henri espalhou sobre a relva os livros que havia tirado da sacola. Desde que deixara de escrever, lera uma porção de livros, graças aos quais pôde viajar ao redor do mundo. Nestes últimos dias, estava descobrindo as Índias e a China: isso não tinha nada de alegre. Muitas coisas se tornavam fúteis, quando se pensava naquelas centenas de milhares de vítimas. Talvez até suas reticências em relação ao PC também fossem fúteis. O que mais censurava em si era tratar as pessoas como coisas. Se não se tiver confiança em sua liberdade, em seu julgamento, em sua boa vontade, não vale a pena ocupar-se delas; e ocupamo-nos mal. Esta constatação queixosa só tinha sentido na França, na Europa, onde a massa atingiu um certo nível de vida, um mínimo de autonomia e de lucidez. Quando, porém, a questão se refere a multidões embrutecidas pela miséria e pela superstição, que significa tratar os outros como homens? O necessário é dar-lhes de comer. Eis tudo. A hegemonia americana: é a subalimentação, a eterna opressão de todos os países do Oriente. A única chance deles é a URSS. A única chance para uma humanidade liberta da necessidade, da escravidão e do atraso é a URSS. Neste caso, deve-se fazer tudo para auxiliá-la. Quando milhões de homens não passam de animais perdidos de necessidades, o humanismo é irrisório e o individualismo, uma sujeira. Como ousar reclamar para si estes direitos superiores: julgar, decidir, discutir livremente? Henri colheu uma planta e mastigou-a lentamente. Uma vez que, de qualquer maneira, ninguém pode viver a seu gosto, por que não renunciar totalmente? Perder-

se no seio de um grande partido, confundir sua vontade com uma enorme vontade coletiva... que paz, que força! Desde que abrimos a boca, falamos em nome de toda a Terra, o futuro torna-se nossa obra pessoal: Vale a pena aceitar muitas coisas. Henri arrancou mais uma folha de relva. “Não impede que eu as aceite muito mal, na displicência do meu cotidiano”, disse a si mesmo. “É impossível pensar naquilo em que não se pensa, querer o que não se quer. Para ser um bom militante, é preciso ter uma fé simples, ingênua, e eu não a tenho. De mais a mais”, pensou, agastado, “não é assim que a questão se apresenta.” Decididamente, ele era um idealista. “Para que serviria minha adesão? Esse é o único problema concreto. É certo que ela não proporcionaria um só grão de arroz a um único hindu.”

Dubreuilh não se questionava mais: escrevia. Continuou escrevendo todos os dias. Nesse setor, nada poderia atingi-lo. Uma tarde, quando almoçavam numa aldeia, ao pé de Aigoual, um temporal desabou tão brutalmente, que as bicicletas foram derrubadas, duas sacolas foram carregadas, e o manuscrito de Dubreuilh escapou arrastado numa torrente de lama. Quando o recuperou, as palavras escorriam em longos traços negros sobre as folhas empapadas de água amarela. Calmamente, deixou secar os papéis, copiou as passagens mais estragadas, dando a impressão de que, em caso de necessidade, teria recomeçado o livro de cabo a rabo, com a mesma indiferença. Tinha razão, sem dúvida alguma, de obstinar-se, pois ele encontrava suas razões e, não raro, observando-lhe a mão, que deslizava sobre o papel, Henri sentia uma espécie de saudade no seu próprio punho.

— Não se podem ler algumas páginas do seu manuscrito? Onde você está, exatamente? — perguntou Henri, na tarde em que, sentados à sombra de um café de Valence, esperavam que o calor se dissipasse.

— Estou escrevendo um capítulo sobre a ideia de cultura — disse Dubreuilh. — Que significa o fato de que o homem não para de falar de si? E por que certos homens resolvem falar em nome dos outros? Em termos diferentes: que é um intelectual? Será que tal resolução não faz dele uma espécie à parte? E em que medida a humanidade pode reconhecer-se na imagem que faz de si mesma?

— E que você conclui? — perguntou Henri. — Que a literatura conserva um sentido?

— Certamente.

— Escrever para demonstrar que se tem razão! — disse Henri, rindo. — É maravilhoso!

Dubreuilh encarou-o com curiosidade.

— Ora, você voltará a isso, breve.

— Oh! Em todo caso, hoje não.

— Hoje ou amanhã, que diferença?

— Pois bem, não será certamente amanhã tampouco.

— Mas por quê? — perguntou Dubreuilh.

— Você está escrevendo um ensaio, vá lá; mas fabricar um romance neste momento... confesse que é desanimador.

— Não confesso. E jamais pude compreender o motivo por que você abandonou o seu.

— Por sua culpa — declarou Henri, num sorriso.

— Como por minha culpa? — Dubreuilh voltou-se com indignação para Anne: — Você está ouvindo?

— Você fez para mim a apologia da ação. E a ação me levou a perder o gosto da literatura. — Henri fez sinal ao garçom, que cochilava de pé junto ao caixa: — Vou querer mais meia garrafa. Vocês não?

— Não, estou com muito calor — disse Anne.

Dubreuilh fez um sim com a cabeça.

— Explique-se — continuou ele.

— Que é que as pessoas tem a ganhar com o que penso, ou com o que sinto? — perguntou Henri. — Minhas historinhas não interessam a ninguém. E a grande história não é assunto de romance.

— Mas todos temos nossas historinhas, que não interessam a ninguém. É por isso que nos vemos nas do outro. E se ele sabe contá-las, interessa a todos.

— Era o que eu pensava, ao começar meu livro — disse Henri. Bebeu um gole de cerveja. Não tinha vontade de explicar-se. Olhou para dois velhos que jogavam gamão, na extremidade de um banco vermelho. Que paz naquele café: mais uma mentira! Fez um esforço para falar: — O diabo é que o que existe de pessoal numa experiência são erros, são miragens. Quando se compreende isso, não se tem mais vontade de contá-la.

— Não sei o que quer dizer — disse Dubreuilh.

Henri hesitou.

— Suponhamos que você veja luzes, de noite, à beira da água. É bonito. Mas, quando sabe que iluminam bairros onde há gente a morrer de fome, perdem toda a poesia, não passam de uma ilusão. Dirá que é possível falar de outra coisa: por exemplo, das pessoas que morrem de fome. Mas sobre isto prefiro falar em meus artigos, ou num *meeting*.

— Não lhe direi absolutamente nada — disse Dubreuilh, vivamente. — Tais luzes brilham para todo o mundo. Evidentemente, é preciso, antes, que as pessoas comam. Mas o comer de nada lhes serve, se lhes tiram todas as pequeninas coisas que fazem o encanto da vida. Por que viajamos? Porque pensamos que as paisagens não são ilusões.

— Admitamos que um dia tudo isso readquirirá um sentido — disse Henri. — No momento há tantas coisas mais importantes!

— Mas isso tem um sentido hoje — afirmou Dubreuilh. — Isso conta em nossas vidas, então, deve contar em nossos livros. — Com brusca irritação, acrescentou: — Parece que a esquerda está condenada a uma literatura de propaganda, em que cada palavra precisa edificar o leitor!

— Oh! Não me sinto afetado por esse gênero de literatura.

— Sei, mas não tenta outra coisa. Temos, entretanto, com que nos ocupar. — Dubreuilh encarou Henri com insistência: — Certamente, se chegarmos ao êxtase através daquelas pequenas luzes, esquecendo o que elas significam, somos canalhas. Mas justamente: ache um modo de falar sobre isso que não seja o dos estetas da direita. Faça sentir, ao mesmo tempo, o que elas têm de bonito e a miséria dos bairros. Era o que deveria propor-se uma literatura de esquerda — prosseguiu ele, a voz animada: — fazer-nos ver as coisas sob uma nova perspectiva, recolocando-as em seu verdadeiro lugar. Mas não empobrecamos o mundo. As experiências pessoais, isso que você chama miragens, existem.

— Existem — disse Henri, sem convicção.

Dubreuilh talvez tivesse razão; talvez houvesse um meio de recuperar tudo, talvez a literatura guardasse um sentido. Mas, por enquanto, parecia mais urgente a Henri compreender este mundo do que recriá-lo com palavras. Preferia tirar de sua sacola um livro já feito a tirar papel em branco.

— Sabe o que vai acontecer? — prosseguiu Dubreuilh, com veemência. — Os livros dos tipos da direita acabarão tendo mais receptividade que os

nossos, e será junto aos Volange que a juventude irá prover-se.

— Oh! Volange nunca terá a juventude a seu favor! — disse Henri. — Ela não aprecia os vencidos.

— Somos nós quem se arrisca a fazer logo papel de vencidos — observou Dubreuilh, que fitou Henri com insistência. — Estou desolado com o fato de você não escrever mais.

— Talvez volte a fazê-lo — disse Henri.

Fazia muito calor para discutir. Mas ele sabia que não voltaria a escrever tão cedo. A vantagem é que afinal teria tempo para se instruir. Em quatro meses, fechou muitas lacunas. A partir de seu regresso a Paris, o que se daria dentro de três dias, iria traçar um plano de estudos cuidadoso, e talvez chegasse, daí a um ano ou dois, a ter pelo menos um embrião de cultura política.

“Contanto que Paule ainda não tenha voltado!”, pensava ele no dia seguinte, pedalando sem força através de uma floresta, cuja pálida sombra mal atenuava os furores do céu. Deixara que Dubreuilh e Anne corressem na frente. Ao entrar na clareira, estava só. Círculos de sol tremiam sobre o verde das plantas, e ele não compreendeu por que sentiu o coração apertar-se. Não era por causa da cabana incendiada: ela se parecia com muitas outras ruínas, roídas vagarosamente pela indiferença e pelo tempo. Talvez fosse por causa do silêncio: nenhuma ave, nenhum inseto. Ouvia-se apenas o ruído rangente do cascalho sob os pneus; um ruído de luxo. Anne e Dubreuilh haviam descido de suas bicicletas e olhavam alguma coisa. Henri os alcançou e viu que se tratava de cruces: cruces brancas sem nome nem flores. O Vercors. Este nome, cor de ouro queimado, cor de palha e de cinza, rude e seco como uma plantação queimada, mas arrastando atrás de si um esgar de brisa de montanha, não era mais o nome de uma lenda. O Vercors. Era uma região montanhosa de vegetação úmida e ruiva, de florestas transparentes, onde a inclemência do sol fazia levantar cruces.

Afastaram-se em silêncio. O caminho tornava-se tão acidentado, que era preciso andar empurrando as bicicletas. O calor se infiltrava através da sombra pálida. Henri sentia correr sobre o rosto o suor que escorria sobre a fronte de Anne e sobre as faces acobreadas de Dubreuilh; e em todos eles, talvez, o mesmo pensamento disparatado. Um prado tão verde para aí erguer a sua tenda. Era um desses lugares inocentes e secretos, dos quais antigamente se pensava: aqui pelo menos a guerra, o ódio não conseguirão

introduzir-se; sabia-se agora que não existe refúgio em parte alguma. Sete cruzes.

— Lá está o desfiladeiro! — exclamou Anne.

Henri gostava desses momentos em que, após uma subida cega, o olhar sobrevoa um grande pedaço de terra cultivada com seus campos, suas sebes, suas estradas, seus aglomerados humanos; a luz umedece a ardósia ou pincela a telha rosada. Notou, primeiramente, a barreira de montanhas encostada ao céu, depois descobriu a grande planície, crestando-se nua sob o sol. Como em todas as outras planícies da França, havia propriedades agrícolas, aglomerados, aldeias; mas não havia telhas, nem ardósia; nenhum teto. Paredes, paredes de altura desigual, caprichosamente estraçalhadas e que nada abrigavam.

— Não adianta saber — disse Anne. — Não adianta acreditar que se sabe.

Permaneceram imóveis por um momento. E puseram-se a descer com prudência o caminho pedregoso, que o sol duramente flagelava. Fazia oito dias que falavam de Hiroshima, enunciavam cifras, trocavam frases de sentido horrível, e nada se manifestava neles. Subitamente, com apenas uma visão... e eis que o horror aí estava, e seu coração se crispava.

Dubreuilh estacou bruscamente.

— Que está acontecendo? — Através das brumas que tremiam sobre a aldeia, soava um clarim. Henri parou e viu a seus pés, ao longo da estrada principal, caminhões militares, pequenos carros de assalto, automóveis, carretas.

— É a festa! — disse ele. — Eu não havia prestado atenção, mas ouvi o pessoal do hotel falar de uma festa, em algum lugar.

— Uma festa militar! Que vamos fazer? — perguntou Dubreuilh.

— Não se pode voltar caminho acima, não é? — disse Anne. — Nem ficar parado debaixo deste sol.

— Não se pode — disse Dubreuilh, num tom decepcionado.

Continuaram descendo. À esquerda da aldeia queimada havia uma espécie de jardim de cruzes brancas floridas de buquês vermelhos; soldados senegaleses marchavam em passo de parada, seus barretes brilhavam. De novo a fanfarra quebrou o silêncio das covas.

— Está parecendo o fim, ainda temos chance — disse Henri.

— Corramos para a direita — sugeriu Dubreuilh.

Os soldados tomaram de assalto os caminhões e a multidão se dispersou. Homens, mulheres, crianças, velhos, todos estavam vestidos de preto e se estufavam de calor dentro de seus belos trajes de luto. De automóveis, de carrinhos, de bicicletas, de motocicletas, a pé, tinham vindo de todas as aldeias, de todos os povoados. Eram cinco mil, talvez dez mil a disputar a sombra das árvores mortas e das paredes calcinadas. Acocorados sobre as covas, meio deitados junto às viaturas, desembulhavam merendas de pão e garrafas de vinho tinto. Agora que os mortos tinham sido convenientemente saciados de discursos, de flores e de música militar, os vivos comiam.

— Quero saber onde a gente vai poder instalar-se — disse Anne.

Depois da dura etapa da manhã, dava vontade de estender-se ao fresco, de tomar água gelada. Meteram melancolicamente as bicicletas pela estrada formigante de viúvas e de órfãos. Nenhum sopro de vento. Os caminhões que desciam de novo para o vale erguiam uma enorme poeira branca.

— Onde achar sombra? Onde? — perguntava Anne.

— Aquelas mesas, lá, estão à sombra — indicou Dubreuilh. Mostrava mesas compridas, já postas, junto a uma barraca de madeira. Mas todos os lugares pareciam estar ocupados. Mulheres transportavam uma a uma travessas de purê de batata, que serviam com conchas.

— É um banquete ou um restaurante? — perguntou Anne.

— Vamos ver. Eu comeria de bom grado outra coisa que não ovos duros — disse Dubreuilh.

Era um restaurante, e os interessados empurravam uns aos outros, para desimpedir os lugares. Henri sentou-se diante de Dubreuilh, ao lado de uma mulher com pesados véus de crepe e cujos olhos eram bordejados de tersóis vermelhos. Um excremento deslizou branco em seu prato, e com o cabo de um garfo um homem jogou por cima um pedaço de carne mal-assada. Cestas de pão e garrafas de vinho circulavam de mão em mão. Comia-se em silêncio, e a solene glotonaria dos comensais lembrava a Henri os enterros na zona rural, aos quais tinha assistido quando criança. Apenas aqui se tratava de centenas de viúvas, de órfãos, de pais enlutados, que misturavam, ao sol, a aflição que lhes ia na alma e o cheiro de suor. O velho sentado junto de Henri passou-lhe uma garrafa de vinho tinto:

— Dê-lhe de beber — disse, indicando a mulher dos tersóis —, é a viúva do enforcado de Saint-Denis.

Do outro lado da mesa, uma mulher perguntou:

— Foi o marido dela que enforcaram pelos pés?

— Não, não foi o dela; o dela era aquele a quem faltavam os dois olhos.

Henri serviu um copo de vinho à viúva. Não ousava olhá-la e logo se sentiu suando sob a camisa leve. Voltou-se para o velho:

— Foram paraquedistas que incendiaram Vassieux?

— Sim, chegaram em número de quatrocentos, veja o senhor, e não tiveram dificuldades. Foi Vassieux que apresentou o mais elevado saldo de mortos, que por isso têm direito ao grande cemitério.

— O maior cemitério de todo o Vercors — disse, com orgulho, a mulher que se achava em frente a ele. — O senhor é o tio do grande René? — perguntou ela —; aquele que foi encontrado na gruta com o Février Filho?

— Sim, meu sobrinho — respondeu o velho.

Em torno da mesa, as línguas se desamarraram, e eles reanimavam certas lembranças horrorosas, bebendo vinho tinto: em Saint-Roch, os alemães haviam encerrado na igreja homens e mulheres, na qual depois puseram fogo. Então permitiram que as mulheres saíssem; e houve duas que não tinham saído.

— Eu já volto — disse Anne, levantando-se bruscamente. — Eu...

Deu alguns passos e desabou de comprido contra a parede da barraca. Dubreuilh se precipitou e Henri o seguiu. Ela havia fechado os olhos, estava branca e sua testa cobrira-se de suor.

— Estômago embrulhado — balbuciou, reprimindo um soluço com o lenço. Ao cabo de um instante, reabriu os olhos: — Está passando, foi esse vinho tinto.

— O vinho, o sol, a fadiga — emendou Dubreuilh. Ele a ajudava a arranjar pretextos, mas sabia, com certeza que ela estava forte como um cavalo de Perche.

— Seria bom ela deitar-se à sombra, para que repousasse — disse Henri. — Vamos procurar um recanto tranquilo. Você pode pedalar cinco minutos?

— Sim, sim, está tudo bem agora, peço desculpas.

Desmaiar, chorar, vomitar... As mulheres têm este recurso; mas também para nada serve. Nada se pode fazer diante dos mortos. Montaram em suas

bicicletas. O ar queimava, como se a aldeia estivesse em chamas pela segunda vez. Sob cada pedra, sob cada arbusto, havia gente deitada. Os homens se desfizeram de seus trajes de cerimônia, as mulheres arregaçavam as mangas, desprendiam as blusas. Ouviam-se canções, risos, pequenos gritos excitados. Que mais podiam fazer senão beber, rir, excitar-se uns aos outros, com cócegas? Já que eram vivos, precisavam viver.

Fizeram cinco quilômetros de bicicleta até descobrirem, junto a uma árvore meio morta, uma sombra rala. Sobre o chão ouriçado de palha e de pedra, Anne estendeu a capa e deitou-se com as pernas dobradas. Dubreuilh tirou da sacola papéis com cheiro de lama e que pareciam molhados de lágrimas. Henri sentou-se ao lado deles, apoiando a cabeça contra a casca da árvore; não podia dormir nem trabalhar. Repentinamente, pareceu-lhe idiota querer instruir-se. Os partidos políticos franceses, a economia do Don, o petróleo do Irã, os problemas atuais da URSS, tudo já estava no passado. Esta nova era que se iniciava não estava prevista nos livros. E que peso poderia ter uma sólida cultura política contra a energia atômica? O SRL, *L'Espoir*, agir... que brincadeira fúnebre! Os homens chamados de boa vontade poderiam, tranquilamente, fazer greve: cientistas e técnicos fabricavam bombas, antibombas, superbombas... tinham o futuro nas mãos. Feliz futuro! Henri cerrou os olhos. Vassieux, Hiroshima. Em um ano, tinha-se feito progresso! Isto levaria à próxima guerra. E, portanto, o pós-guerra, que seria mais bem-cuidado que o de agora. A menos que não houvesse pós-guerra. A menos que o vencido não se divertisse em fazer saltar o globo. Poderia muito bem acontecer isso. O globo não seria feito em pedaços, admitamos; continuaria a girar sobre si mesmo, gelado, deserto: imaginá-lo não era coisa que agradasse mais. A ideia da morte jamais havia assustado Henri: mas, de repente, este silêncio lunar o terrorificava. Não haveria mais homens! Em face dessa eternidade surda-muda, que proveito em alinhar palavras, em realizar comícios? Só nos caberia aguardar em silêncio o cataclismo universal, ou a nossa própria mortezinha. Nada valia nada.

Abriu os olhos. A terra estava toda quente, o céu brilhava, Anne dormia e Dubreuilh escrevia que há razão para escrever. Dois camponeses enlutados e com os sapatos brancos de poeira apressavam-se na direção da aldeia, os braços carregados de rosas vermelhas. Henri seguiu-os com os olhos. Será

que as mulheres de Saint-Roch ornavam com flores as cinzas dos maridos? Era provável. Tinham-se tornado viúvas dignas. Ou será que não passavam de objetos de observação? Como se arranjariam? Teriam esquecido um pouco, muito, completamente? Um ano: é pouco tempo, é muito tempo. Os camaradas mortos estavam bem-esquecidos, como esquecido estava esse futuro, que as jornadas de agosto prometiam: felizmente. É mórbida esta fixação no passado. Todavia, quando a gente constata havê-lo mais ou menos renegado, perde um pouco o orgulho de si mesmo. Daí o ter sido inventado um compromisso: o de comemorar. Ontem com sangue. Hoje com vinho tinto, discretamente salgado de lágrimas. Isso tranquiliza a muitos. A outros parece odioso. Suponhamos que uma de tais mulheres haja verdadeiramente amado o marido: que sentido para ela teriam as fanfarras e os discursos? Henri olhou fixamente para as montanhas avermelhadas. Ele a via, diante do guarda-roupa, ajustando os véus de crepe; as fanfarras ressoavam, e ela gritava: “Não posso, não posso.” Respondiam-lhe: “É preciso.” Metiam-lhe rosas vermelhas nos braços, dirigiam-lhe súplicas em nome da aldeia, em nome da França, em nome dos mortos. Fora, a festa começava. Ela arrancava os véus. E então? A visão embaralhou-se. Henri pensou: “Vamos, decidi não escrever mais.” Mas ele não fez sequer um movimento, seu olhar ficou parado. Tinha absoluta necessidade de decidir sobre o que ia acontecer com aquela mulher.

Henri regressou a Paris antes de Paule. Alugou um quarto em frente ao jornal e, como *L'Espoir* vivia mais lentamente durante esse tórrido verão, passava horas à mesa de trabalho. Dizia a si mesmo que seria divertido escrever uma peça. A pesada tarde, vermelha de vinho, de flores, de calor e de sangue, se transformara numa peça, sua primeira peça. Sim, sempre houve ruínas, sempre houve razões para não se escrever, mas elas perdem o peso, quando o desejo de escrever nos retoma.

Paule aceitou sem protestos a ideia de que Henri dividisse doravante suas noites entre o estúdio vermelho e o hotel, mas, quando ele dormiu fora pela primeira vez, viu sob os olhos dela, no dia seguinte, olheiras tão profundas, que precisou prometer-se não fazer isso de novo. Não importava. De quando em quando, refugiava-se no seu quarto, o que lhe dava a impressão de se haver libertado um pouco. Dizia a si mesmo que

não se deve pedir muito. Bastaria ser modesto para ter uma porção de pequenas satisfações.

A situação de *L'Espoir*, todavia, continuava precária. Henri teve sérias inquietações, quando, numa quinta-feira, descobriu que a caixa estava vazia. Luc riu-se dele. Acusava-o de ter, em matéria de dinheiro, a mentalidade do pequeno comerciante. Verdade, talvez. Em todo caso, estava entendido que as finanças eram da alçada de Luc, de modo que Henri lhe dava, de boa vontade, carta branca. Com efeito, Luc achou um meio de poder pagar o pessoal no sábado. Explicou: “Adiantamento sobre um contrato de publicidade.” Novo alerta não houve. A tiragem de *L'Espoir* não se reerguia, mas, enfim, milagrosamente... ia-se aguentando. Por outro lado, o SRL não chega a ser um grande movimento de massas, mas na província ganhava terreno. E o que havia de confortador era que os comunistas não o atacavam mais: renascia a esperança de uma união duradoura. Foi por unanimidade que o comitê decidiu, em novembro, apoiar Thorez contra De Gaulle. “Facilita muito a vida, estar de acordo com os amigos, com os aliados, consigo mesmo”, pensava Henri, ao conversar sobre diversos assuntos com Samazelle, que viera trazer-lhe um artigo a respeito da crise. As rotativas ronronavam, lá fora fazia uma bela noite de outono e Vincent, de algum lugar, cantava com voz desafinada e alegre. O próprio Samazelle tinha seu lado bom, no final das contas. Antevia-se muito sucesso para o seu livro sobre a Resistência, de que a *Vigilance* publicava trechos. E ele se achava tão ingenuamente alegre em face desse futuro triunfo, que sua cordialidade parecia quase sincera:

— Vou fazer-lhe uma pergunta indiscreta — disse Samazelle, que sorriu amplamente. — Alguém disse que as perguntas nunca são indiscretas, mas somente as respostas. Você não é obrigado a responder-me. Uma coisa me intriga — continuou ele. — Com uma tiragem tão limitada, como *L'Espoir* consegue viver?

— Não temos fundos secretos — respondeu Henri, contente. — A explicação é que obtemos hoje muito mais publicidade do que antes. Os pequenos anúncios, entre outras coisas, constituem um recurso poderoso.

— Creio ter uma ideia muito exata de seu orçamento publicitário — disse Samazelle. — Pois bem, de acordo com meus cálculos, vocês deveriam estar com um déficit muito visível.

— Fizemos dívidas enormes.

— Sei, mas também sei que, a partir de julho, elas não aumentaram, e é o que me parece miraculoso.

— Deve haver um erro em seus cálculos — ponderou Henri, num tom leve.

— É preciso também considerar isso.

Samazelle não parecia muito convencido e Henri, quando se viu de novo sozinho, ficou irritado consigo mesmo. Deveria ter podido fornecer dados precisos. “Miraculoso...” Fora justamente a palavra que lhe viera aos lábios, quando Luc havia tirado de uma caixa vazia o dinheiro do pagamento. “Adiantamento sobre um contrato de publicidade...” Henri fora leviano em se contentar com esta explicação. Que contrato? De quanto tinha sido o adiantamento? E Luc? Dissera a verdade? Henri novamente se sentia preocupado. Samazelle não tinha em mãos todos os dados, mas sabia calcular. Como Luc se arranjava, exatamente? Quem sabe se não tomava, a título pessoal e clandestinamente, dinheiro emprestado? Jamais teria participado de transações desonestas, mas era preciso, mesmo assim, saber de onde saía a grana. Logo que os escritórios ficaram sem ninguém, por volta de duas horas da manhã, Henri entrou na redação. Luc fazia contas. Por mais tarde que Henri deixasse o jornal, Luc saía sempre depois dele; ficava fazendo contas.

— Diga-me, se você dispõe de um minuto, vamos juntos ver os registros — disse Henri. — Gostaria de saber um pouco de nossas finanças.

— Estou em pleno serviço — disse Luc.

— Posso esperar. Vou esperar — acrescentou Henri, sentando-se à beira da mesa.

Luc se achava em mangas de camisa e usava suspensórios, que Henri olhou fixamente, durante um longo momento: suspensórios amarelos. Ele ergueu a cabeça:

— Por que você quer chateações com essas histórias de dinheiro? Tenha confiança em mim.

— Por que pedir minha confiança, quando é tão fácil mostrar-me os livros?

— Você não compreenderá nada. Contabilidade é um mundo.

— Em outras ocasiões, você me deu explicações e eu compreendi; isto afinal não é mágica.

— Vamos perder um tempo louco.

— Não será tempo perdido. Incomoda-me não saber como você faz as coisas. Vamos, mostre-me esses livros. Por que se recusa a fazê-lo?

Luc moveu as pernas sob a mesa. Uma grande almofada de couro sustentava seus pés doloridos. Disse com irritação:

— Nem tudo está registrado nos livros.

— É justamente o que me interessa saber — observou Henri, vivamente —; saber o que não está registrado. — Sorriu: — Que é que você anda escondendo? Tem tomado dinheiro emprestado?

— Você me proibiu de fazê-lo — respondeu Luc, num murmúrio.

— Então que há? Chantagem em cima de alguém? — A voz de Henri já não era toda de gracejo.

— Faria eu de *L'Espoir* um jornal de chantagem? — Luc meneou a cabeça: — Você não anda dormindo o suficiente.

— Escute — disse Henri —, não sou homem que se divirta com adivinhações. *L'Espoir* não pode viver de truques. Guarde os seus segredos, mas telefonarei a Trarieux amanhã de manhã.

— Isso é que é chantagem.

— Não, isso é prudência. Trarieux... Conheço a cor do dinheiro dele, ao passo que desconheço a origem dessa grana que caiu no caixa, sábado passado.

Luc hesitou.

— Foi... uma contribuição voluntária.

Henri encarou Luc com apreensão; uma mulher feia, três filhos, barriga, suspensórios, gota, um grande rosto de quem está com sono, nada disso causava inquietação; mas notou-se, em 1941, que um ventinho de loucura seria capaz de atravessar, oportunamente, essa massa de carne; foi mesmo graças a isso que *L'Espoir* havia nascido; será que aquela brisa extravagante soprara novamente?

— Você extorquiou dinheiro de alguém?

— Eu seria incapaz disso — respondeu Luc, com um suspiro. — Não, trata-se de uma doação, simplesmente de uma doação.

— Ninguém dá assim somas como essa. Um presente de quem?

— Prometi guardar segredo.

— A quem? — perguntou Henri, com um sorriso. — Vamos, você me está tapeando; o generoso doador... Não, essa não pega.

— Juro que ele existe — afirmou Luc.

— Por acaso não será Lambert?

— Lambert! Esse não quer saber do jornal. A não ser para ver você, nunca põe os pés aqui. Lambert!

— Então quem? Vamos, desembuche — disse Henri com impaciência. — Ou então telefone.

— Você não dirá que fui eu quem lhe revelou? — indagou Luc, a voz enrouquecida. — Promete?

— Juro pela sua própria cabeça.

— Pois bem, é Vincent.

Henri encarou Luc, que olhava para os pés, com estupefação.

— Você não está louco, não? Não desconfia do modo como Vincent arranja dinheiro? Que idade tem você?

— Quarenta anos — disse Luc, mal-humorado. — Sei que Vincent conseguiu ouro de dentistas ligados ao colaboracionismo. Não vejo mal nisso. Se você está com medo de ser acusado de cumplicidade, acalme-se, que já tomei minhas precauções.

— E Vincent? Suponho que ele seja também muito prevenido! Pois vai deixar o pescoço num desses golpes baixos, compreende? Você tem merda na cabeça ou o quê? No dia em que aquele louco se deixar apanhar, você se sentirá orgulhoso?

— Não lhe pedi nada — respondeu Luc. — Se recusasse o dinheiro, ele o daria a um abrigo para cães.

— Mas você não compreende que, ao aceitar, está encorajando-o a prosseguir? Quantas vezes ele pôs o jornal de pé?

— Três vezes.

— E você esperava que isso continuasse? Você está tão errado quanto ele!

Henri se levantou e andou na direção da janela. No mês de maio, quando soube que Vincent havia atraído Nadine para o seu bando, advertiu-o seriamente. Mandou-o para a África, a fim de que lá ficasse um mês. Vincent afirmara, ao regressar, haver-se emendado. E aí estava...

— Preciso encontrar um meio de amedrontá-lo — disse Henri.

— Você me prometeu segredo — lembrou Luc. — Ele me fez jurar que você, principalmente você, nunca seria posto a par das coisas.

— Está certo! — Henri voltou para a mesa. — De qualquer modo, o que posso dizer-lhe e nada são a mesma coisa.

— Há uma letra de câmbio a ser paga daqui a dez dias — disse Luc. — Não vamos poder pagá-la.

— Vou falar com Trarieux, amanhã mesmo.

— Se pelo menos se pudesse ganhar mais um mês, ou dois: estamos quase recuperados.

— Quase... Isso não basta — disse Henri. — Por que se há de teimar? A tiragem não sobe de novo e arriscamos ver Trarieux mudar de opinião, com o tempo. — Henri pôs a mão no ombro de Luc: — Já que seremos tão livres como antes... que importância terá?

— Não será mais a mesma coisa — respondeu Luc.

— Será exatamente a mesma coisa, com a diferença de que não teremos mais chateações em matéria de dinheiro.

— Mas era o que mais divertia — disse Luc, suspirando.

Henri, ao contrário, ficou aliviado com a ideia de que essa questão de dinheiro ia ser definitivamente regularizada. Foi com o coração sereno que, dois dias depois, entrou no escritório de Trarieux: um escritório cheio de livros, anunciando mais um intelectual do que um homem de negócios. Mas o próprio Trarieux, delgado, elegante, meio calvo, tinha o ar muito preciso de um rico industrial.

— Dizer que durante toda a ocupação trabalhamos tão perto um do outro e nunca nos vimos! — disse ele, apertando com vigor a mão de Henri. — O senhor conhecia muito bem Verdelin, não é?

— Certamente. Esteve no setor dele?

— Sim. Era um homem notável — respondeu Trarieux, num tom discretamente soturno. Um sorriso de orgulho lhe arredondou infantilmente o rosto: — Foi graças a ele que conheci Samazelle. — Fez sinal a Henri para que se sentasse e sentou-se também. — Naquele tempo, eram os valores humanos que importavam, e não o dinheiro.

— Isso já está longe — disse Henri, para dizer alguma coisa.

— Enfim, é um consolo poder utilizar o dinheiro na defesa de certos valores — disse Trarieux, com ar insinuante.

— Dubreuilh o colocou a par da situação? — perguntou Henri.

— Em linhas gerais, sim.

Havia no olhar de Trarieux uma interrogação imperiosa: ele conhecia exatamente os fatos, mas queria ter tempo para estudar Henri, e precisava fazer bem o jogo dele. Henri pôs-se a falar sem convicção. Por sua vez,

observava Trarieux, que o ouvia com uma afabilidade um pouco condescendente. Seguro de seus privilégios, satisfeito de haver renunciado a eles verbalmente, sentia-se a um tempo superior aos que nada possuíam e aos que interiormente não haviam consentido em perder o que possuíam. Não era bem assim que Henri o tinha imaginado, segundo as descrições de Dubreuilh. Não havia traço algum de fraqueza nem de inquietação em seu rosto. Nenhuma generosidade, tampouco. Se era um homem de esquerda, só o poderia ser por oportunismo.

— Nesse ponto eu o interrompo! — disse ele, bruscamente. — O senhor afirmou que a queda da tiragem era fatal. — Olhou Henri nos olhos, como se fosse enunciar uma verdade perigosa: — Não creio na fatalidade; está mesmo aí uma das razões que me impedem de aderir à dialética marxista. Minha experiência não é a mesma que a sua; é a de um homem de negócios, a de um homem de ação. E ela me ensinou que o curso dos acontecimentos pode ser desviado, sempre, pela intervenção de um fator oportuno, no momento oportuno.

— O senhor quer dizer que se poderia ter evitado essa queda? — indagou Henri, com voz mais ou menos firme.

Trarieux não teve pressa:

— Em todo caso, estou certo de que hoje é possível reerguer a tiragem. Não faço disso, absolutamente, um caso de dinheiro — acrescentou ele, com um gesto vivo. — Mas, dado o papel que *L'Espoir* representa, parece-me importante que ele reconquiste uma grande audiência.

Com prazer, nesse momento, Henri reconheceu o vocabulário de Samazelle, dizendo:

— Desejo isso tanto quanto o senhor. Foi a falta de dinheiro que nos inferiorizou. Com capital, encarrego-me de providenciar a realização de reportagens e entrevistas, que ganharão para nós um grande público.

— Reportagens, entrevistas, sim, tudo certo — disse Trarieux, com uma voz distante —; mas isso não é o essencial.

— Que é o essencial?

— Vou falar-lhe francamente. O senhor é muito conhecido, muito popular, mesmo. Mas permita-me dizer que seu amigo Luc não é ninguém, não tem nome algum. Além do mais, li artigos dele nitidamente inábeis.

— Luc é um excelente jornalista e o jornal lhe pertence tanto quanto a mim — interveio Henri secamente. — Se pensou em eliminá-lo, então não

pense mais nisso.

— Não se poderia fazer com que ele se decidisse a sair, adquirindo-se a sua parte por um preço interessante e proporcionando-se-lhe uma boa colocação?

— Nada disso! — respondeu Henri. — Jamais ele aceitará e, por outro lado, não lhe pedirei. Nós, isto é, Luc e eu, somos *L'Espoir*. Ou o senhor nos financia, ou não financia. Meio-termo não há.

— Evidentemente, para quem está metido numa empresa, certas dissociações são muito mais difíceis do que para um observador de fora — considerou Trarieux, com voz satisfeita.

— Não o compreendo.

— Nenhuma lei limita a dois membros o comitê diretivo de um jornal — disse Trarieux, que sorriu. — Dada a amizade que une a ambos, estou certo de que não criarão dificuldades a que lhes seja adicionado Samazelle.

Henri silenciou. Aí estava por que Samazelle se interessava tanto pela sorte de *L'Espoir*!

— Não vejo necessidade disso — disse, com frieza. — Samazelle pode escrever no jornal, quando quiser: isto deveria bastar-lhe...

— Não é ele, sou eu quem deseja esta colaboração — disse Trarieux, com altivez. Sua voz endureceu-se: — Acho que, ao lado do seu nome, é necessário outro, igualmente popular. Samazelle está subindo depressa, amanhã todo o mundo falará nele. Henri Perron e Jean-Pierre Samazelle, eis aí uma razão social. De resto, convém insuflar em seu jornal um dinamismo novo. Samazelle é uma força da natureza. Aí está o que lhe proponho. Liquido suas dívidas, fico com a metade das cotas de *L'Espoir* em condições que iremos debater, e a outra metade será partilhada entre Luc, Samazelle e o senhor. As decisões serão tomadas por maioria de votos.

— Tenho muita estima por Samazelle — disse Henri. — Mas eu também lhe falarei com franqueza: Samazelle tem uma personalidade muito forte para que eu possa sentir-me em casa onde ele esteja em casa; e faço questão de sentir-me em minha casa, no jornal.

— Essa é uma objeção muito pessoal.

— É possível. Mas, afinal, trata-se de um jornal que me pertence pessoalmente.

— É o jornal do SRL.

— Um não excluiu o outro.

— É essa justamente a questão — disse Trarieux. — Financio o jornal do SRL e pretendo assegurar-lhe um máximo de oportunidades. — Fez um gesto decisivo: — *L'Espoir* é uma realização extraordinária e creia que o aprecio em seu justo valor. Mas achamo-nos diante de novas dificuldades e trata-se de vencer em escala ainda maior: as forças de um só homem não seriam bastantes.

— Repito-lhe que não estou só — disse Henri. — Sinto-me perfeitamente capaz, juntamente com Luc, de fazer face a esta nova situação.

Trarieux sacudiu a cabeça.

— Gabo-me de sempre ter sabido avaliar, com extrema exatidão, as possibilidades de um homem; há uma forte corrente a subir e o senhor tem necessidade de alguém como Samazelle para ajudá-lo nisso.

— Não é minha opinião.

— Mas é a minha — disse Trarieux, de um modo inesperadamente descortês —, e ninguém me fará mudar.

— Quer dizer que, se eu recusar o seu esquema, o senhor não financiará *L'Espoir*?

— Não tem razão alguma para recusá-lo — disse Trarieux, cujo rosto serenou.

— O senhor se havia comprometido a auxiliar-me sem condições, e foi com base nesse compromisso que fiz de *L'Espoir* o órgão do SRL.

— Vejamos, não lhe imponho condição alguma, e está bem-entendido que a linha política do jornal permanecerá exatamente a mesma. Apenas lhe peço que sejam tomadas as medidas necessárias a um revigoramento, que o senhor deve desejar tanto quanto eu.

Henri levantou-se.

— Vou entender-me com Samazelle.

— Samazelle certamente não vai querer ingressar em *L'Espoir* contra a sua vontade — disse Trarieux. — Por isso, é preferível que este entendimento fique entre nós. Que a recusa parta dele, ou do senhor, pouco importa: não financio o jornal, a não ser que ele participe de sua gestão.

— Vou pô-lo a par, mesmo assim — disse Henri, que se esforçava por controlar a voz. — Porque acreditei em sua palavra, comprometi a

segurança do jornal, levei-o à beira da falência; e o senhor se vale disso para fazer chantagem. Um homem capaz de comportamento tão desleal, prefiro, de qualquer modo, passar sem a sua ajuda!

— Não tem o direito de me acusar de chantagem! — replicou Trarieux, levantando-se, por sua vez. — Todos os meus negócios são tratados lealmente, tanto este como outros. E nunca escondi que certos remanejamentos me pareciam indispensáveis à boa gestão do jornal.

— Não foi o que me disse Dubreuilh.

— Não sou responsável pelo que lhe disse ele — prosseguiu Trarieux, cujo tom de voz subia. — Sei o que eu lhe disse. Se houve mal-entendido, foi pena, mas expliquei-me claramente.

— O senhor o pôs a par de seu esquema?

— Perfeitamente. Até o discutimos bastante!

Havia na sua voz uma sinceridade tão convincente, que Henri ficou um momento silencioso.

— Em todo caso, ele não compreendeu que havia em tudo uma condição *sine qua non* — disse, finalmente.

— Suponho que ele compreendeu o que queria compreender — disse Trarieux, com uma ponta de animosidade. — Escute — continuou, num tom conciliatório —, por que minha proposta lhe parece tão inaceitável? O senhor se irritou, por julgar-se vítima de uma manobra desonesta. Basta-lhe uma conversa com Dubreuilh para convencer-se de minha boa-fé. Então compreenderá seguramente a oportunidade que minha oferta representa para o senhor. Porque, e fique bem certo disto, ninguém se arriscará a responder pelo *L'Espoir*, com os seus seis milhões em dívidas: é preciso ser muito devotado ao SRL, como eu, para topar. Ou lhe impõem condições bem diferentes das minhas: condições políticas.

— Não perco a esperança de encontrar um apoio desinteressado.

— Mas o senhor o encontrou! — disse Trarieux. Sorriu: — Considero esta conversa, simplesmente, como uma primeira tomada de contato. No que me diz respeito, as negociações continuam abertas. Reflita.

— Obrigado pelo conselho! — disse Henri.

Tinha respondido com má disposição de espírito, mas não era com Trarieux que estava zangado. O otimismo de Dubreuilh! Seu incurável otimismo! Não, aqui não se tratava de otimismo. Dubreuilh não era tão pateta. Bruscamente, a verdade saltou aos olhos de Henri: “Ele me

enganou!” Sentou-se num banco da avenida Marceau: em sua cabeça, em seu corpo, fazia-se uma confusão tão violenta, que acreditou que fosse perder os sentidos. “Mentiu-me conscientemente, porque queria *L’Espoir*, e caí na armadilha.” Era meia-noite, ele batia, sorria, capital sem condições, venha dar uma volta, a noite está tão linda, e entre sorrisos estendia as garras... Henri se levantou, partiu a passos largos, porque, se andasse menos depressa, cambalaria. “Que poderá ele responder? Nada.” Atravessou Paris quase sem o perceber e chegou à casa de Dubreuilh. Deteve-se um instante no patamar, a fim de acalmar as batidas de seu coração. Não estava certo de que um som articulado pudesse sair de sua boca.

— Posso falar com o sr. Dubreuilh? — perguntou Henri, que ficou surpreso ao ouvir a própria voz, uma voz normal.

— Ele não está — respondeu Yvette —, não há ninguém.

— Quando voltará?

— Ignoro completamente.

— Vou esperá-lo.

Yvette deixou-o entrar no escritório. Talvez Dubreuilh não retornasse antes do anoitecer e Henri tinha serviço. Mas não existia nada mais para ele, nem *L’Espoir*, nem o SRL, nem Trarieux, nem Luc; nada, salvo Dubreuilh. Desde aquela primavera em que ficou enamorado de Paule, nunca reclamou, com igual agitação de espírito, uma presença humana. Sentou-se na poltrona que habitualmente ocupava. Mas, hoje, os móveis, os livros afrontavam-no: eram todos cúmplices. Sobre um carrinho, Anne servia presunto, saladas, e jantava-se alegremente, entre amigos: boa farsa! Dubreuilh tinha aliados, discípulos, instrumentos; nenhum amigo. E como escutava bem! Com que desinteresse falava! Estava pronto a passar por cima dos outros, na primeira oportunidade. Sua cordialidade calorosa, seu sorriso, seu olhar, que a todos prendiam, simplesmente refletiam o imperioso interesse que atribuía ao mundo inteiro. “Sabia o quanto estou ligado àquele jornal, e roubou-mo!” Talvez até tivesse sido ele quem sugeriu a substituição de Luc por Samazelle. Aconselhava: Vá ver Trarieux. E ficava, assim, a salvo de tudo, ao passo que já havia dado instruções a Trarieux. “Uma tramoia, uma armadilha! E, uma vez aprisionado, como se libertar? Entre Samazelle e a falência, escolho Samazelle. Quanto a isto ele vai ficar muito surpreso.” Henri procurava

palavras violentas com que lhe atirar ao rosto sua decisão. Nada havia, porém, de vigoroso em sua cólera. Ao contrário, ele se sentia esgotado e até mesmo vagamente assustado e humilhado, como se acabassem de arrancá-lo, depois de horas de luta, de areias movediças. A porta de entrada bateu e ele enfiou as unhas nos braços estofados da poltrona: desejava desesperadamente repartir com Dubreuilh o horror que este lhe inspirava.

— Faz tempo que está me esperando? — perguntou Dubreuilh, estendendo-lhe a mão. Henri apertou-a maquinalmente: era aquela a mão, era aquele mesmo o rosto de ontem; não se podia enxergar através da máscara da face, ainda que se soubesse de tudo.

— Não faz muito tempo — murmurou. — Eu precisava falar-lhe com urgência.

— Que é que está havendo? — interrogou Dubreuilh, com uma voz que simulara, às maravilhas, a solicitude.

— Venho da casa de Trarieux.

O semblante de Dubreuilh alterou-se.

— Ah! É isso? Você não consegue mais segurar as pontas e Trarieux cria dificuldades? — interrogou de novo, ansiosamente.

— Compreendo! Você me havia afirmado que ele estava pronto a sustentar *L'Espoir* sem condições; entretanto, exige que eu incorpore Samazelle à direção. — Henri olhou para Dubreuilh fixamente: — Parece que você estava a par de tudo.

— Estou a par deste julho. Pus-me imediatamente a procurar dinheiro em outra parte. Acreditei que Mauvanes fosse dar-me, quase me havia prometido. Encontrei-o depois, regressava de uma viagem, e ele não me pareceu decidido, absolutamente. — Dubreuilh olhou para Henri com inquietação: — Ainda pode aguentar um mês?

Henri sacudiu a cabeça.

— Fora de cogitação. Por que não me preveniu? — interrogou enraivecido.

— Contava com Mauvanes — respondeu Dubreuilh. Fez um gesto desconsolado: — Talvez devesse preveni-lo. Mas sabe que não gosto de confessar-me vencido. É por minha culpa que você está em maus lençóis, e eu me havia prometido, sob juramento, tirá-lo disso.

— Você falou em julho. Mas Trarieux sustenta que em momento algum se comprometeu a dar-nos seu apoio incondicional.

Dubreuilh declarou com vivacidade:

— Em abril, não se tratou senão da linha política do jornal, e ele estava integralmente de acordo.

— Você me havia garantido muito mais — disse Henri. — Trarieux não deveria intervir na casa, em setor algum.

— Ah! Ouça! Quanto a abril, nada tenho de que me recriminar. Aconselhei-o a que fosse explicar-se pessoalmente com Trarieux.

— Falou-me com uma segurança que tornava inútil tal explicação.

— Disse o que pensava e como pensava. Poderia ter-me enganado, porque ninguém é infalível. Todavia, não o obriguei a acreditar em minha palavra.

— Você não costuma enganar-se tão grosseiramente — disse Henri.

Inesperadamente, Dubreuilh sorriu:

— Que quer dizer? Que eu menti a você, conscientemente?

Ele mesmo pronunciou a palavra. Bastava responder: “Sim.” Era fácil. Mas, não. Era impossível: impossível diante daquele sorriso, naquele escritório. Assim era impossível.

— Penso que você tomou como realidade o que eram os seus desejos, sem se preocupar com os meus interesses — disse Henri, dominando a voz. — Trarieux pagaria. Em que condições? Isto no fundo era indiferente a você.

— Talvez eu tivesse tomado meus desejos como realidade. Mas juro-lhe que, se houvesse suspeitado, um minuto que fosse, daquilo que Trarieux tramava, eu o teria abandonado lá, com todos os seus milhões.

Havia na sua voz um calor convincente, mas Henri não se sentiu convencido.

— Esta noite falarei com Trarieux e com Samazelle — disse Dubreuilh.

— Isto de nada valerá — disse Henri.

Ah! A conversa não estava sendo bem-conduzida. Não é fácil passar das palavras ditas a si mesmo às que se dizem em voz alta: “Uma tramoia!” Isso parecia repentinamente enorme, quase insensato. Claro que Dubreuilh nunca dissera a si mesmo, esfregando as mãos: “Estou preparando uma tramoia.” Se Henri ousasse atirar-lhe ao rosto essa palavra, Dubreuilh sorriria mais forte ainda do que antes.

— Trarieux é durão. Mas Samazelle é passível de controle — disse Dubreuilh.

Henri sacudiu a cabeça.

— Você não o controlará. Não. Só existe uma solução: largo o jornal.

Dubreuilh encolheu os ombros:

— Bem sabe que não pode fazer isso.

— É justamente o que vai surpreendê-lo — disse Henri. — Farei isso.

— E deixará afundar o SRL? Pense no seguinte: como o pessoal do outro lado se alegraria! *L'Espoir* falido, o SLR liquidado... Seria bonito!

— Posso passar *L'Espoir* a Samazelle e comprar uma propriedade agrícola em Ardèche. O SRL não ficará pior por isso — disse Henri, com amargura.

Dubreuilh o examinou com ar desolado.

— Compreendo a sua cólera. Sinto-me culpado. Errei ao confiar tão facilmente em Trarieux e devia falar a você desde julho. Mas farei tudo no sentido de reparar isso. — A voz dele tornou-se insistente: — Peço-lhe, não seja teimoso. Procuraremos juntos um meio de sair das dificuldades.

Henri encarou-o em silêncio: reconhecer os próprios erros era uma habilidade, era a melhor maneira de os minimizar. Mas, a mais grave de todas, Dubreuilh tinha o cuidado de passar por cima: na verdade, ele se havia tornado culpado de um enorme abuso de confiança; em troca dos sacrifícios que exigia da amizade, fingia dar a sua e não dava absolutamente nada. Seria preciso dizer-lhe: “Você zomba de mim e de todos; por amor da verdade e do bem, sacrificaria qualquer um: mas a verdade é o que você pensa, o bem é o que você quer; considera o universo todo como sua obra, e não há diferença alguma entre as criaturas humanas e você; quando demonstra generosidade, ainda assim o faz para sua própria glória.” Poderia dizer-lhe mil coisas mais. Mas, neste caso, seria necessário bater a porta atrás de si para nunca mais reabri-la. “E é o que devo fazer”, pensava Henri. Deveria romper com Dubreuilh imediatamente, qualquer que fosse sua decisão em relação ao jornal. Levantou-se. Olhou o carrinho, os livros, a fotografia de Anne, e sentiu-se covarde. Durante quinze anos, este escritório fora para ele o centro do mundo e o seu lar. Aqui a verdade parecia segura, a felicidade importante, e demonstrava-se um grande privilégio ser ele mesmo. Não podia

imaginar-se andando pelas ruas e tendo atrás das costas aquela porta fechada para sempre.

— É inútil, estamos encurralados — disse, com uma voz neutra. — Não teimarei. Mas, em tais condições, não me interessa mais ocupar-me de *L'Espoir*. Com certeza se dará um jeito, a fim de que minha saída não prejudique nem o jornal, nem o SRL.

— Escute, conceda-me dois dias — disse Dubreuilh. — Se ao fim de dois dias eu nada tiver obtido, você verá o que vai decidir.

— Assim seja. Mas já está tudo visto.

Quando Henri se viu fora, a cabeça rodava-lhe. Deu alguns passos na direção do jornal, mas esse era o último lugar a que desejava ir: dar de cara com Luc. Luc, que se lamentaria ou sugeriria nova incursão a um dentista, estava além de suas forças. Paule, seus vaticínios, suas ladainhas, nada disso tampouco. Entretanto, tinha necessidade de falar. Sentia-se enganado, como à saída de uma dessas sessões em que um astucioso prestidigitador revela, falsamente, os seus truques. Dubreuilh trapaceava, seria apanhado em flagrante. Aliás, não, porque, na hora da trapaça, a carta não se achava nem em suas mãos, nem em seus bolsos. Em que medida ele havia mentido? E em que medida havia mentido a si mesmo? Entre o cinismo e a má-fé, onde se situaria a sua traição? Que ela existia estava fora de dúvida, mas era impossível apontá-la. “Eu me deixei manobrar outra vez.” A evidência de novo o deslumbrou: tratava-se de uma trama deliberadamente urdida e manejada inteiramente por Dubreuilh, que ainda por cima ria, zombeteiro. Henri deteve-se no meio da ponte, apoiou as mãos ao parapeito. Estaria delirando? Ou não seria que, ao contrário, ao duvidar do maquiavelismo de Dubreuilh, afundava na imbecilidade? Em todo caso, se continuasse a oscilar solitariamente de uma evidência a outra, sua cabeça acabaria estourando. Era absolutamete preciso que ele discutisse o assunto com alguém. Pensou em Lambert. “Se eu tivesse seguido os conselhos dele, não estaria nisto”, disse a si mesmo. Lambert não gostava de Dubreuilh, mas gabava-se da própria imparcialidade. E era a única pessoa com quem Henri poderia estabelecer uma conversa séria. Apenas atravessou a ponte, entrou na cabine telefônica de um café Biard:

— Alô! É Perron. Posso subir, para dar-lhe um bom-dia?

— Como não? É mesmo uma excelente ideia! — Havia um pouco de surpresa na voz calorosa de Lambert: — Como é que vai?

— Vai-se indo. Até já — disse Henri.

O calor inquieto daquela voz o havia acalmado. A afeição de Lambert era um pouco esquisita, mas ao menos para ele Henri não representava um peão num tabuleiro de xadrez. Subiu a escada depressa: estranho dia, esse, que passou subindo escadas, como se fora candidato à Academia.

— Salve! Entre por aqui — disse Lambert, alegremente. — Você vai desculpar-me por esta confusão, mas é que não tive tempo de pôr as coisas em ordem.

— Você tem um lar muito bem-arranjado.

Um grande cômodo claro, uma desordem cuidada, um toca-discos, uma discoteca, livros encadernados e dispostos segundo os nomes dos autores... Lambert vestia um *sweatshirt* preto e tinha ao pescoço um lenço de seda amarelo: Henri se sentiu um pouco deslocado, em face de todo este conjunto.

— Aguardente, uísque, água mineral, suco de frutas? — perguntou Lambert, abrindo um armário embaixo da biblioteca.

— Uma boa dose de uísque.

Lambert foi buscar água no banheiro, que tinha cor verde-clara. Henri entreviu um grande roupão de banho, toda uma combinação de escovas e sabonetes.

— Como se explica que você não esteja no jornal a esta hora? — perguntou Lambert.

— O jornal está passando por alguns aborrecimentos.

— Que aborrecimentos?

Não era verdade que Lambert deixasse de se interessar pelo jornal. O que havia era uma sólida antipatia entre Luc e ele, a qual saltava aos olhos, quando ambos eram observados juntos. Entretanto, ouviu a exposição de Henri com uma atenção indignada:

— É claro que se trata de manobra! — disse. E depois de refletir: — Você não crê que Dubreuilh esteja dando um jeito de entrar para o jornal com Samazelle? Ou em lugar de Samazelle?

— Não, não creio — respondeu Henri. — O jornalismo não lhe agrada. E de qualquer modo, ele controla *L'Espoir* em nome do SRL. Mas isso não muda nada: preparou para mim uma suja armadilha. — Henri encarou Lambert: — Que faria você em meu lugar?

— Jogue tudo para o alto, se quiser, para chateá-los bastante. Mas o que não se deve fazer, por nenhum preço, é entregar-lhes gentilmente o jornal. Não querem outra coisa.

— Não desejo escândalo — disse Henri —; mas bem que abriria mão de tudo, devagarinho.

— Seria confessar-se vencido, e eles ficariam muito contentes.

— Você sempre me desaconselhou a política, e eis agora uma boa ocasião de escapar dela.

— *L'Espoir* é diferente de um negócio político — disse Lambert. — Você o criou, é a sua aventura... Não, defenda-se — disse com ardor. — Se pelo menos eu tivesse grana, verdadeiramente! Mas tenho justamente o bastante para não saber o que fazer dele.

— E não o encontrarei em parte alguma, eles bem o sabem.

— Aceite Samazelle e alie-se a Luc, para neutralizá-lo.

— Se ele se somar a Trarieux, serão tão fortes como nós.

— Samazelle tem com que adquirir cotas? — indagou Lambert.

— Um adiantamento sobre o seu livro; ou Trarieux o ajudará.

— Por que ele faz questão de Samazelle?

— E eu sei? Não sei nem por que esse tipo pertence ao SRL.

— Precisa achar uma resposta imediata — disse Lambert. Andava pelo quarto com ar pensativo, quando se ouviram dois imperiosos toques de campainha. Lambert corou até a raiz dos cabelos: — Meu pai! Não o esperava tão cedo!

— Vou sumir — disse Henri.

Lambert olhou-o com ar atrapalhado e súplice.

— Não quer cumprimentá-lo?

— Sim, certamente — respondeu com vivacidade Henri.

Dar um bom-dia em nada compromete. Todavia ele não foi além de um sorriso contraído, quando viu aproximar-se aquele homem que talvez tivesse enviado Rosa à morte e certamente prestado os maiores serviços aos alemães. Sob os cabelos grisalhos, o rosto amarelo e inchado era avivado por olhos de um azul de porcelana, um tenro azul persistente, que surpreendia naquela face gasta. O sr. Lambert esperou que Henri lhe oferecesse a mão, mas foi quem falou em primeiro lugar:

— Tinha muita curiosidade de vê-lo — disse —; Gérard me falou tanto a seu respeito! — Esboçou um sorriso, que reprimiu imediatamente: —

Como o senhor é moço!

Para ele, Lambert era Gérard e não passava de uma criança. Natural e, ao mesmo tempo, estranho. Não se pareciam mas, por uma razão ou outra, não era de admirar que fossem pai e filho.

— Lambert é que é moço, não eu — atalhou Henri, desenvolto.

— O senhor é moço para um homem de quem se tem falado tanto. — Sentou-se: — Vocês conversavam... Não gostaria de incomodá-lo — disse, dirigindo-se para o filho. — Mas terminei minhas ocupações mais cedo do que pensava e não sabia muito bem aonde ir. Então subi...

— Fez muito bem! Quer beber alguma coisa? Um suco de frutas? Uma água mineral? — Havia na solicitude de Lambert uma confusão que agravava o mal-estar de Henri.

— Não, obrigado. Estes quatro andares são um pouco duros para os meus velhos ossos; mas isto aqui é tão repousante — disse ele, olhando ao redor e com ar de aprovação.

— Sim, Lambert está muito bem-alojado — disse Henri.

— É uma tradição na família. Confesso que aprecio menos essas fantasias que ele veste. — A voz era tímida, mas ele punha sobre o *sweatshirt* preto um olhar duro.

— Cada um com seu gosto — rosnou Lambert, sem segurança.

Fez-se um pequeno silêncio, que Henri aproveitou para levantar-se.

— Lamento; quando o senhor tocou, eu já estava de saída; tenho serviço urgente.

— Sou eu quem lamenta — disse o sr. Lambert. — Li tudo o que escreveu e com muito cuidado; e existem certas coisas que gostaria de discutir com o senhor. Mas suponho que semelhante discussão só teria interesse para mim — acrescentou, reprimindo de novo um sorriso. Em sua voz simples, em seus sorrisos contidos, em seus gestos, havia um encanto fatigado. Notava-se, porém, que ele não queria servir-se disso, e tal reserva lhe dava ao mesmo tempo um ar altivo e arredo.

— Com certeza, teremos chance de nos encontrar novamente, e por mais tempo — disse Henri.

— Não é muito certo — disse o velho.

Sem dúvida, dentro de alguns meses estaria preso, e talvez nem saísse vivo da prisão. Em seu tempo, devia ter sido um bom salafrário esse grande chefe colaboracionista. Mas ele já tinha transposto a linha, achava-

se do lado dos condenados, não mais do dos culpados. Agora Henri lhe sorriu sem esforço, apertando-lhe a mão.

— Posso vê-lo amanhã? — perguntou Lambert, acompanhando Henri até a sala de espera. — Tive uma ideia.

— Uma boa ideia?

— Você o dirá. Mas espere que eu fale sobre ela para depois decidir-se. Se eu passar por volta de dez horas da noite... Está bem?

— Ótimo. Não, porém, mais tarde, porque vou sair com Scriassine.

— Combinado — disse Lambert. — A tarde está prometida para Nadine, mas estarei livre antes das dez.

De qualquer maneira, Henri não esperava decidir-se hoje. Não queria mesmo questionar-se sobre o que iria fazer, menos ainda discutir a respeito. Devia ir ao jornal, para pôr fim às coisas, mas declarou friamente a Luc que sua entrevista com Trarieux tinha sido adiada. Deixou-se absorver pela redação de sua correspondência. Paule tampouco... Não a poria a par de nada. Só desejava, ao abrir a porta do estúdio, que já estivesse dormindo. Ela, porém, não dormia, qualquer que fosse a hora em que ele entrasse. Sentada sobre o divã, maquiada com frescor em seu vestido de seda irisado, estendia-lhe a boca, que ele tocava de leve, rapidamente.

— Teve um bom dia? — perguntou ela.

— Muito bom, e você?

Ela sorriu, sem responder.

— Que disse Trarieux?

— Está de acordo.

— Mas isso na verdade não o aborrece? — perguntou ela, olhando-o profundamente.

— Isso quê?

— Isso de aceitar dinheiro dele!

— Claro que não. É problema já resolvido há muito tempo — respondeu secamente.

Ela hesitou e nada disse. Fazia dois dias que hesitava. Henri sabia o que Paule estava pensando, sem querer, contudo, ajudá-la a declarar-se. Essa prudência o irritava. “Ela está a poupar-me, decidiu não me chocar, espera a sua hora”, pensava ele, com malevolência. E disse a si mesmo, num grande esforço de imparcialidade: “Há seis meses, quando ela estava

alegre e agressiva eu me queixava.” E pensou: “O que, no fundo, me irrita, são as maneiras dela.” Ela se sabia em perigo, tentava defender-se, era natural. Isso não impedia que seu jogo astucioso a tornasse uma inimiga. Quanto a cantar, ele já não lhe dizia nada. Ela viu tudo muito claro em seu jogo, e recusara sistematicamente todos os encontros que ele havia combinado em seu nome. Mas cometeu, aí, um erro de cálculo. Ele, que se irritava por vê-la fechada, estava agora decidido a acabar com ela, mesmo sem a sua colaboração.

— Há uma carta de Poncelet — disse Paule, entregando-lhe um envelope.

— Suponho que ele se recuse — disse Henri, que percorreu a carta e passou a Paule. — Sim, é claro, ele se recusa.

Duas vezes, já, haviam-lhe devolvido os originais, com assustadas felicitações: uma grande obra, mas escandalosa, inoportuna. Impossível correr semelhante risco. Só mais tarde, quando os ânimos tiverem baixado. A peça, evidentemente, desagradava a todos que queriam esquecer o passado, a todos também que pretendiam retificá-lo a seu gosto. Todavia, ele gostaria muito de que fosse encenada. Tinha-lhe mais afeição do que a qualquer um de seus livros. Um romance não pode ser relido, as palavras grudam-se aos olhos. Mas aquele diálogo, que um dia se encarnaria em vozes vivas, ele o ouviria a distância, com a isenção satisfeita do pintor que lança à sua tela um rápido olhar cúmplice.

— Sua peça precisa ser representada — disse Paule, com inspiração na voz.

— Não peço outra coisa.

— Quanto ao êxito, não lhe atribuo mais importância do que você — continuou ela. — Sinto, porém, que você não retornará ao seu romance, enquanto não se libertar desta peça.

— Que ideia! — exclamou Henri, com surpresa.

— Já retornou ao romance?

— Não, mas a peça nada tem a ver com isso.

— Nesse caso, por quê? — perguntou ela, sondando Henri, com um ar de quem se acha bem-informado.

Ele sorriu.

— Digamos que seja por preguiça.

— Você nunca soube o que é preguiça — disse ela, gravemente. Sacudiu a cabeça: — Trata-se, evidentemente, de uma resistência íntima.

— Esse romance começou mal — disse Henri. — Tenho vontade de refazê-lo. Mas sei que será um trabalho enorme. Resultado: não tenho pressa. É tudo.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca ninguém o viu impedido por um obstáculo.

— Pois bem. Neste caso, estou.

— Por que você nunca me mostrou seu manuscrito? Talvez eu pudesse ter-lhe dado um conselho.

— Já lhe disse cem vezes que meus rascunhos estavam incompletos.

— Foi o que você me disse — retrucou ela, com ar pensativo.

— Mostrei-lhe minha peça.

— Com efeito, os primeiros rascunhos estavam incompletos, e você me mostrou.

Ele não prosseguiu. Nesse esboço, havia-se expressado muito livremente sobre si, sobre ela. O romance que ele tentaria daí tirar, qualquer dia, seria menos indiscreto. Paule precisava ter alguma paciência. Ele abriu a boca:

— Estou caindo de sono. Amanhã não voltarei aqui, irei dormir no hotel, porque prevejo que Scriassine não largará de mim antes da madrugada.

— Não compreendo a vantagem do hotel, seja de madrugada, seja ao anoitecer. Mas você fará o que lhe aprouver.

Ele se levantou, e ela também. O momento era perigoso. Ele lhe deu um beijo apressado sobre a têmpora. Depois voltou-se contra a parede, fingindo mergulhar instantaneamente no sono. Às vezes, porém, ela se agarrava a ele, punha-se a tremer ou a resmungar e o único meio de acalmá-la era satisfazê-la sexualmente. Nem sempre o conseguia. E jamais o conseguia sem dificuldade. Ela não podia ignorá-lo. E para compensar essa frieza é que ela se desmanchava em arrebatamentos que levavam a duvidar da realidade do seu prazer. Mais ainda do que o seu desmedido despudor, Henri lhe odiava a má-fé e, sobretudo, a humildade. Felizmente, naquela noite, ela se manteve tranquila: devia ter sentido que alguma coisa não andava bem. A face colada ao frescor do travesseiro, Henri conservava os olhos abertos e, enquanto ruminava as coisas do dia, não experimentava nenhum sentimento de cólera, mas de angústia. Não era ele que estava errado, era Dubreuilh, que não podia reparar a própria culpa nem com

remorsos, nem com promessas, culpa que pesava sobre o coração de Henri mais do que se tivesse sido sua.

Largar tudo: foi o primeiro pensamento que teve, ao despertar. Não telefonou a Dubreuilh; e, no decorrer do dia, repetiu aquelas palavras, como um refrão calmante. Discutir, transigir, pactuar, quando o jornal sempre fora o seu feudo incontestado... Não, semelhante perspectiva lhe dava enjoo. Preferia mil vezes retirar-se para o campo, recomeçar o seu romance, retomar a sua ocupação de escritor: leria *L'Espoir* junto à lareira, alegremente. Estava aí um projeto tão atraente, que, ao ver abrir-se a porta do seu escritório, às dez horas da noite, desejou que a ideia que Lambert viria propor-lhe não fosse boa.

— Você foi elegante, ontem, ficando um momento! — disse Lambert, cuja voz mais se desculpava do que agradecia. — Meu pai ficou muito contente!

— Interessava-me conhecê-lo — disse Henri. — Ele parece cansado. Sente-se, porém, que teve muito encanto, outrora; ainda lhe resta alguma coisa.

— Encanto? — interrogou Lambert, com assombro. — Ele foi sobretudo autoritário; autoritário e desdenhoso. Aliás, ainda é, no fundo.

— Oh! Imagino facilmente que não devia ter sido simples!

— Não, de nenhum modo foi simples. — Lambert fez um gesto como se espantasse as recordações: — Alguma novidade a respeito do jornal?

— Nada.

— Então ouça o que tenho a propor-lhe — disse. Perturbou-se de repente: — Você talvez não vá querer.

— Mas diga.

— Você e Luc, em face de Samazelle e de Trarieux, arriscam-se a ser devorados. Mas suponha que eu esteja na história!

— Você?

— Tenho dinheiro bastante para comprar tantas cotas quanto Samazelle. Neste caso, se ficar estabelecido que as decisões devam ser tomadas por maioria de votos, seremos três contra dois, estaremos ganhando.

— Você não hesitava em continuar no jornalismo?

— É uma ocupação como as outras. De resto, *L'Espoir* foi também minha pequena epopeia — acrescentou Lambert, com uma voz falsamente irônica.

Henri sorriu.

— Nem sempre temos estado de acordo, politicamente.

— Mando às favas a política. Quero é que você conserve o seu jornal. De qualquer maneira, terá o meu voto. Aliás, não perco a esperança de vê-lo evoluir — acrescentou com jovialidade. — Não, a única questão consiste em saber se Trarieux concordará.

— Deveria era ficar contente de poder contar com um repórter tão bom — disse Henri. — Felizmente — acrescentou — Você não perdeu o gosto de fazer reportagem. Seus artigos sobre a Holanda estão muito bons.

— Graças a Nadine. Isto lhe agrada tanto que também a mim agrada. — Olhou para Henri ansiosamente: — Acredita que Trarieux concordará?

— Suponho que ficassem aborrecidos, se eu me fosse. Por certo me farão uma concessão, se eu aceitar Samazelle.

— Você não parece entusiasmado — disse Lambert, um pouco decepcionado.

— Ah! Esta história toda me enche o saco! Nem sei o que quero fazer... Está de motocicleta? — perguntou, interrompendo, assim, deliberadamente, uma conversa perigosa.

— Sim. Quer que o deixe em algum lugar?

— Deixe-me na rua de Lille. Scriassine mora na casa da sra. Belzunce.

— Dorme com ela?

— Não sei. Claudie hospeda sempre uma porção de escritores e de artistas. Não sei com qual ela vai para a cama.

— Você vê Scriassine com frequência? — perguntou Lambert, quando desciam a escada.

— Não — respondeu Henri. — De vez em quando ele me convoca autoritariamente. Depois de me esquivar dez vezes, acabo aparecendo.

Montaram na motocicleta, que percorreu estrepitosamente os cais do Sena. Henri olhava com um pouco de remorso a nuca de Lambert. Era simpática a proposta. Ele não fazia questão de entrar para o jornal; apenas queria prestar um favor a Henri. Pensava: “Não lhe agradei à altura”; mas, na verdade, ele não o reconhecia absolutamente. E a si mesmo repetia: “O melhor é abrir mão. Prefiro de longe abrir mão.” Conservar o jornal, permanecer no SRL, tudo isso queria dizer trabalhar de mãos dadas com Dubreuilh. Não se trabalha de mãos dadas, quando se tem no coração muito rancor. Não havia achado a força precisa para romper com explosão.

Mas também não faria mais o jogo da amizade. “Não, está acabado”, disse a si mesmo, quando a motocicleta parou defronte da mansão Belzunce.

— Pois bem, deixe-o — disse Lambert, a voz decepcionada.

Henri hesitou. Aborrecia-o deixar Lambert tão depressa, após ter acolhido com tamanha frieza um oferecimento em que ele havia posto todo o coração.

— Gostaria de vir comigo? — perguntou.

A fisionomia de Lambert animou-se. Ele adorava encontrar pessoas conhecidas.

— Gostaria muito, mas isso seria indiscreto, não?

— Oh! De jeito nenhum. Vamos tomar vodca numa boate cigana; e, se lhe der na cabeça, Scriassine convidará todos os músicos. Com ele não há razão para constrangimentos.

— Tenho a impressão de que não vai muito com a minha cara.

— Mas se dá otimamente com a companhia das pessoas a quem não aprecia. Venha — disse Henri, afetuosamente.

Contornaram a grande construção, cujas luzes estavam todas acesas. Ouvia-se jazz. Henri tocou a campainha de uma pequena porta lateral e Scriassine abriu. Sorriu com calor, sem que a presença de Lambert parecesse surpreendê-lo de nenhum modo.

— Claudie está dando um coquetel. É horrível! A casa está cheia de gigolôs, a gente não se sente mais em casa. Venham por aqui, depois damos o fora de mansinho. — O colarinho estava amplamente aberto, e o olhar tinha uma fixação enevoada. Subiram alguns degraus. Ao fundo do corredor, abria-se uma porta para um cômodo iluminado e ouviam-se vozes em murmúrio.

— Você tem visita? — perguntou Henri.

— É uma surpresa — respondeu Scriassine, com ar satisfeito.

Henri o acompanhou com alguma apreensão. Quando viu Volange e Huguette, fez um movimento de recuo. Louis, desenvolto, estendeu-lhe a mão. Não havia mudado quase nada. As rugas na testa eram pouco mais profundas do que antigamente; o queixo, mais firme: uma bonita figura, cuidadosamente recortada para a posteridade. Num relance, Henri se lembrou de haver muitas vezes prometido a si mesmo, quando lia os artigos complacentes que Louis escrevia na zona livre, que um dia lhe quebraria a mandíbula com o punho. E estendeu-lhe também a mão.

— Estou muito contente de vê-lo, meu velho — disse Louis. — Não ousei jamais incomodá-lo. Sei que é bastante ocupado. Mas tive, muitas vezes, vontade de bater um papo com você.

— Você não mudou, de jeito algum — interveio Huguette.

Ela tampouco havia mudado. Era loura, diáfana e elegante como antes, e sorria com o mesmo sorriso perfumado. Não mudaria nunca: um dia, porém, viraria poeira, a um leve toque de ponta do dedo.

— O fato é que não vejo ninguém — disse Henri. — Trabalho como um mouro.

— Sim, você deve ter uma vida horrível — declarou Louis, com simpatia. — Mas também conseguiu uma situação literária de primeira ordem. Isso, aliás, não me admira: estive sempre convencido de que acabaria por impor-se. Sabe-se, no mercado negro, seu livro já anda pela casa dos três mil?

— No momento, todos os livros são vendidos como salsichas.

— É certo. Mas você mereceu uma crítica admirável — disse Louis, num tom encorajador. Sorriu: — Deve-se dizer que explorou um assunto de ouro, e que por isso teve sorte. Quando se tem um assunto assim, o livro se escreve sozinho.

Louis havia conservado o sorriso indolente, mas havia em sua voz uma solicitude que contrastava com as maneiras decididas de outrora.

— E você? Que lhe aconteceu? — perguntou Henri.

Estava vagamente envergonhado, sem saber ao certo se isso era devido a Louis, ou a si mesmo.

— Espero fazer crítica literária num semanário que sairá breve — anunciou Louis, olhando as próprias unhas.

— Demos o fora daqui — disse Scriassine, com impaciência. — Esta música é intolerável. Vamos beber um pouco de champanhe no Isba.

— Pensava que você não poria mais os pés naquela pocilga, depois que lhe esvaziaram a carteira — disse Henri.

Scriassine sorriu manhosamente.

— O ofício deles é roubar; ao cliente incumbe defender-se.

Henri hesitou. Ia ser grosseiro, mas por que haveriam de obrigar-lhe a mão? Não queria, absolutamente, passar a noite em companhia de Louis.

— De qualquer forma, não poderei acompanhá-lo. Vim correndo, porque disse que viria, mas prefiro retornar ao jornal.

— Tenho horror de boates — disse Louis. — Vamos ficar aqui, então, tranquilamente.

— Como quiser! — concordou Scriassine, que olhou para Henri com uma expressão de infelicidade. — Mesmo assim você terá tempo de beber alguma coisa, não?

— Sim, certamente.

Scriassine abriu um armário, de onde tirou uma garrafa de uísque.

— Não há muito.

— Não bebo, e Huguette também não — disse Louis.

Claudie apareceu na soleira da porta.

— É encantador! — exclamou, designando Scriassine. — Ele vem meio bêbado a meu coquetel, insulta meus convidados e me rouba de mansinho o pessoal interessante! Nunca mais receberei russo em minha casa...

— Não grite assim — disse Scriassine. — Cri-cri vai se comportar; Cri-cri é um brincalhão — acrescentou, com um suspiro.

Claudie fechou a porta.

— Fico com vocês — disse com decisão. — Minha filha se fará de dona da casa.

Houve um silêncio constrangido. Louis ofereceu a cada um cigarros americanos.

— E que você faz atualmente? — perguntou a Henri com benevolência.

— Estou pensando em outro romance.

— Anne me disse — interveio Claudie — que você tinha escrito uma bonita peça.

— Escrevi uma peça. E três diretores já a recusaram — informou Henri, alegremente.

— Prefiro promover um encontro entre você e Lucie Belhomme — disse Claudie.

— Lucie Belhomme? De quem se trata?

— Você é mesmo extraordinário. Não conhece ninguém e todo mundo o conhece. É quem dirige a casa Amaryllis, a grande casa de costura, da qual todos falam.

— Não consigo entender...

— Lulu é amante de Richeterre, de quem a mulher se divorciou, para casar com Vernon; e Vernon é o diretor do Studio 46.

— Contudo, ainda não entendo...

Claudie pôs-se a rir.

— Vernon obedece à mulher ao primeiro sinal, a fim de ser perdoado pelas suas amizades masculinas... porque ele é bicha como ninguém! E Juliette continuou, muito companheira do seu ex-marido, que obedece a Lulu ao primeiro sinal. Percebe?

— Tudo claro — disse Henri. — Mas qual é o interesse de sua Lulu nesta história?

— Ela tem uma filha encantadora, e se esforça por transformá-la em atriz. Você não tem em sua peça um papel para mulher?

— Sim, mas...

— Com mas não se chega a coisa alguma. Digo-lhe que a pequena é encantadora. No dia em que você vier à minha casa, apresento-lhe. Você não comparece à minhas quintas-feiras, mas vou pedir-lhe um favor, que não poderá recusar-me — disse Claudie, com petulância. — Ocupo-me de um lar para filhos de deportados, e isto é excessivamente caro para mim, sozinha. Estou organizando, portanto, uma série de conferências, com conferencistas benevolentes. Os esnobes, prontos a gastar duas mil pelegas para vê-lo em carne e osso, virão aos montes. Quanto a isso, não tenho dúvida. Vou inscrevê-lo para uma das primeiras sessões.

— Detesto esse gênero de reunião — disse Henri.

— Tratando-se de filhos de deportados, você não pode recusar-se. Até Dubreuilh aceitará.

— Esses seus filantropos não podem desembolsar dois mil francos sem atazanar o próximo?

— Desembolsarão uma vez, mas dez, não. A caridade é muito bonita, mas precisa render. É o princípio das festas de beneficência. — Claudie pôs-se a rir: — Repare em Scriassine. Como ele tem um ar furioso! Acha que monopolizo você.

— Peço desculpa — disse Scriassine. — Mas, com efeito, gostaria de poder dizer uma palavra a Perron.

— Diga! — disse Claudie, que se sentou sobre o canapé, ao lado de Huguette. Ambas se puseram a tagarelar, em voz baixa.

Scriassine plantou-se diante de Henri.

— Você outro dia afirmava que, filiando-se ao SRL, *L'Espoir* nem por isso renunciou a dizer a verdade.

— Sim. E daí?

— E daí? É por isso que eu queria urgentemente encontrá-lo. Se eu lhe trouxesse fatos perturbadores para o regime soviético, que não pudesse pôr em dúvida, você os denunciaria?

— Oh! Com certeza *Le Figaro* os divulgaria antes de mim — disse Henri, rindo.

— Tenho um amigo vindo de Berlim — continuou Scriassine. — Transmitiu-me informações precisas sobre a maneira como os russos esmagaram no nascedouro a revolução alemã. Precisa ser um jornal de esquerda que as divulgue. Está disposto a isso?

— Que é que ele conta, esse seu amigo?

Scriassine olhou à sua volta.

— De um modo geral, vejamos. Há certos subúrbios de Berlim que permaneceram agressivamente comunistas, mesmo no tempo de Hitler. Durante a batalha de Berlim, os operários de Köpenick, os de Wedding, a Vermelha, ocuparam as fábricas, içaram a bandeira comunista e organizaram comitês. Isso poderia ter representado o começo de uma grande revolução popular. Estava em marcha a emancipação dos trabalhadores, promovida por eles mesmos. Os comitês achavam-se inteiramente prontos para fornecer os quadros do novo regime. — Scriassine fez uma pausa: — Em lugar disso, que aconteceu? Os burocratas chegaram de Moscou, varreram os comitês, liquidaram a base e instalaram um aparelho estatal, isto é, um aparelho de ocupação. — O olhar de Scriassine deteve-se sobre Henri: — Isto não diz nada? Desprezo pelos homens, tirania burocrática. O caso é autêntico!

— Você não me diz nada de novo — disse Henri. — Somente você se esquece de acrescentar que tais burocratas eram comunistas alemães refugiados na União Soviética e que tinham criado, havia muito tempo, em Moscou, o comitê da Alemanha livre. Possuíam, então, mais títulos do que o pessoal que se revoltou por ocasião da queda de Berlim. Sim, certamente havia entre os operários comunistas sinceros. Mas quem vai poder orientar-se, quando sessenta milhões de nazistas sustentam em coro que sempre foram contra o regime? Compreendo que os russos tenham desconfiado. Isso não prova que menosprezam a base em geral.

— Eu estava certo! — exclamou Scriassine, com estardalhaço. — Para atacar a América, vocês estão sempre prontos. Mas não há ninguém para abrir a boca contra a URSS.

— Salta aos olhos que tiveram razão de agir como agiram! — disse Henri.

— Não compreendo. Você esta realmente cego? Ou está com medo? Dubreuilh foi vendido, todo o mundo o sabe. Mas você!

— Dubreuilh vendido! Você mesmo não crê nisso!

— Oh! Não é com dinheiro que o PC compra vocês — disse Scriassine.

— Dubreuilh é velho, é célebre, já tem o público burguês: ele quer as massas.

— Vá então dizer aos militantes do SRL que Dubreuilh é comunista!

— O SRL! Bela enganação! — Scriassine apoiou a cabeça contra o espaldar de sua poltrona, com uma expressão de quem estava nervoso.

— Não acha entristecedor o fato de que já não se pode passar uma noite entre amigos, sem se discutir política? — disse Louis, sorrindo para Henri.

— Fazer política, vá lá; mas por que falar sobre ela, a qualquer propósito?

Não tomando conhecimento de Scriassine, ele procurava reencontrar em Henri a cumplicidade de antes, quando eram jovens. Henri irritou-se por isso, tanto mais porque tinham a mesma opinião.

— Estou de acordo — disse, com maneiras ríspidas.

— A gente acaba esquecendo que existem outras coisas sobre a terra — continuou Louis, olhando pudicamente para as próprias unhas. — Coisas que se chamam beleza, poesia, verdade. Ninguém cuida mais disso.

— Ainda há pessoas a quem tais coisas interessam — disse Henri. Pensou: “Eu deveria falar, deveria dizer-lhe que não temos nada mais a fazer juntos.” Mas não lhe era fácil insultar, sem provocação, seu mais velho amigo. Pousou o copo, ia levantar-se para sair. Foi quando Lambert tomou a palavra:

— Quem? — perguntou com ardor. — Em todo caso, não a *Vigilance*. Para que vocês aceitem um texto, é necessário que ele esteja forrado de política: se for simplesmente bonito, ou poético, vocês nunca o publicarão.

— É o defeito que eu criticaria na *Vigilance* — disse Louis. — Claro que se podem fazer livros muito bonitos sobre temas políticos. Seu romance é um exemplo — acrescentou, com voz urbana. — Mas eu ainda acharia mais desejável que se devolvessem à literatura pura os direitos que lhe são próprios.

— Para mim, essa é uma palavra que não tem sentido — disse Henri, acrescentando num tom mordaz. — E é uma palavra perigosa. Sabe-se até

onde isso conduz, quando se pretende isolar a literatura de tudo o mais.

— Depende das épocas — retrucou Louis. — Eu com certeza estava errado em 1940, pensando que ao homem era possível se defender contra a política. Creio ter compreendido meu erro em toda a sua extensão — disse, num tom compenetrado. — Mas, hoje, parece-me que se tem de novo o direito de escrever gratuitamente, por exclusivo prazer.

Ele olhava para Henri com uma expressão interrogativa e cortês, como se de fato tivesse solicitado uma autorização. Esta fingida deferência exasperou Henri, mas de nada adiantaria um escândalo.

— Cada um é livre — disse secamente.

— Não tão livre assim! — atalhou Lambert. — Você não percebe: mas é duro lutar contra a corrente.

Louis meneou a cabeça com simpatia.

— Tanto mais duro pelo fato de que hoje tudo conspira no sentido de convencer o indivíduo de que ele não é nada. Se ele se reencontrasse, reencontraria uma porção de coisas. Mas, justamente, é um círculo vicioso: não lhe dão meios para isso.

— Não, não lhe dão — disse Lambert, fortemente. Olhou para Henri, com ar animado: — Você se lembra... Uma vez, no Scribe, discutimos a respeito. Eu lhe dizia que cada um deve interessar-se por si. Sempre fui dessa opinião. Se a gente pensa que não é nada, que nada pode, que a nada tem direito, que é que você quer que a gente se torne? Veja: Chancel deixou-se matar de propósito, Sézenac se entrega a entorpecentes, Vincent se embriaga, Lachaume vendeu a alma ao PC...

— Você embaralha tudo! — atalhou Henri. — Não vejo o que a literatura pura poderia trazer a Vincent ou a Sézenac. Quanto às suas histórias de indivíduo perdido e reencontrado — disse, dirigindo-se a Louis —, são lenga-lenga. Há indivíduos que são alguma coisa e outros que nada são: depende do que fazem de sua vida. Quando se é novo, não se sabe ainda o que se vai fazer dela, daí a razão por que se fica entediado. Mas, desde que a gente se interessa por alguma coisa, por alguma coisa que não por si mesma, não há mais problema.

Tinha falado com raiva. Irritava-o o fato de que Lambert desse importância ao verbalismo de Louis. Levantou-se.

— Preciso ir embora.

Scriassine se aprumou.

— Você realmente está decidido a não levar em consideração as minhas informações?

— Você não me deu nenhuma informação.

Scriassine se serviu de um copo de uísque, que tomou de um trago. Apanhou novamente a garrafa. Claudie se aproximou vivamente e pousou-lhe a mão sobre o braço:

— Creio que o paizinho Victor já bebeu bastante!

— Pensa que bebo para meu prazer? — gritou Scriassine, com violência de voz.

Henri sorriu.

— Seria uma boa razão.

— Só assim posso esquecer! — disse Scriassine, enchendo o copo.

— Esquecer o quê? — perguntou Huguette, com uma expressão de espanto.

— Dentro de dois anos — prosseguiu Scriassine — os russos ocuparão a França e vocês os acolherão de joelhos.

— Dois anos! — disse Huguette.

— Claro que não — contraveio Henri.

— Vocês estão todos a entregar-lhes a Europa, são todos cúmplices — disse Scriassine. — Têm medo, eis a verdade. Traem, porque têm medo.

— A verdade é que seu ódio à União Soviética lhe sobe à cabeça — respondeu Henri. — Você desfigura os fatos, passa adiante quaisquer mentiras. É um trabalho feio. Através da URSS é o socialismo em geral que você ataca.

— Bem sabe que a URSS não tem mais nada a ver com o socialismo — revidou Scriassine, cuja voz se tornava arrastada.

— Não me diga que a América está mais perto dele!

Scriassine examinou Henri com olhos avermelhados pela raiva.

— Você se diz meu amigo e defende um regime que me condenou à morte! No dia em que me tiverem fuzilado, explicará em *L'Espoir* que a razão estava com eles.

— Meu Deus! — disse Henri. — Os ex-combatentes já eram muito chatos. E, agora, vão-nos aplicar o golpe dos futuros fuzilados!

Scriassine, com ódio, fitava Henri. Agarrou o copo, cheio pela metade, e o atirou com toda a força. Henri esquivou-se e o copo foi se quebrar contra a parede.

— Você deveria ir deitar-se — disse Henri, dirigindo-se para a porta. Fez com a mão um pequeno sinal: — Salve.

— Não se deve querer-lhe mal — disse Claudie. — Está bêbado.

— Vê-se.

Scriassine deixou-se recair na poltrona, a cabeça entre as mãos.

— Que reunião! — exclamou Henri, quando se encontrou no pátio do edifício, com Lambert.

— Sim. Sou da opinião de Volange: as discussões políticas deviam ser proibidas.

— Scriassine não discute: Vaticina.

— Oh! De qualquer maneira, é sempre assim que isso acontece. Jogam-se copos à cabeça e não se sabe sequer de que se fala. Vocês ambos ignoram o que se passa na Alemanha Oriental. Ele é parcial contra a URSS e você, parcial a favor.

— Não sou parcial. Desconfio de que as coisas não sejam perfeitas na URSS. O contrário seria de admirar. Mas, afinal, são eles que estão no bom caminho.

Lambert fez uma careta e nada respondeu.

— Pergunto-me o que esperava Scriassine desta entrevista — disse Henri. — Deve ter sido Louis quem a sugeriu: ele conta comigo para ajudá-lo a transpor barreiras.

— Talvez tenha vontade de tornar-se novamente seu amigo.

— Louis? Você acha?

Lambert encarou Henri com perplexidade.

— Era seu melhor amigo, antigamente?

— Uma estranha amizade. Quando ele chegou ao liceu de Tulle, vinha de Paris, e impressionou-me. Achou-me menos provinciano que os demais. Entretanto, nunca soubemos gostar um do outro.

— Eu o acho simpático — disse Lambert.

— Acha-o simpático, porque a política aborrece você e ele defende a literatura pura. Mas compreende por que ele faz isso?

Lambert hesitou.

— Seja por uma razão ou por outra, o que disse é verdade. Há problemas individuais que não são fáceis de resolver, quando todos repetem que a gente está errado em formulá-los.

— Nunca afirmei isso — disse Henri. — Estou de acordo quanto a que sejam formulados. O que digo é que não podem ser isolados dos outros problemas. Para você saber quem é e o que quer, é necessário que se decida sobre maneira de se situar no mundo.

Lambert montou na motocicleta, e Henri atrás. “Bastou um ano”, pensou este, “e ei-los que voltam com a arrogância do pecador convencido de que vale noventa e nove justos. Como falam uma linguagem diferente da nossa, Lambert e os tipos de sua idade acreditam que lhes trazem coisas novas. Vão ficar tentados, o que não devem. É preciso opor-se a eles por todos os meios.” Assim que a motocicleta parou, Henri disse, com calor na voz:

— Sabe, aceito sua oferta, com reconhecimento. Foi uma excelente ideia a sua: continuaremos mandando em nossa casa.

— Você aceita? — perguntou Lambert, com uma expressão feliz.

— Certamente. Toda esta história me pôs de mau humor, por isso não saltei de alegria. Mas você não imagina o quanto estou contente de poder conservar o jornal!

— Acredita que Trarieux topará?

— Será forçado — disse Henri, que apertou com calor a mão de Lambert. — Obrigado e até amanhã.

“Não, este não é o momento de a gente se esquivar”, pensou ele, entrando em seu quarto. Seu rancor contra Dubreuilh não morria tão depressa. Mas isso não impedia um trabalho conjunto, as questões de sentimentos eram muito secundárias. O importante consistia em opor-se ao retorno dos Volange, em ganhar a partida. Acendeu um cigarro. Seria uma boa coisa para Lambert pertencer ao comitê de *L’Espoir*; Henri daria um jeito no sentido de associá-lo cada vez mais estreitamente à vida do jornal. Lambert se formaria politicamente e se sentiria muito menos perdido no mundo. E, uma vez comprometido na história, saberia o que fazer da própria pele.

“Verdade que não é fácil ser jovem neste momento”, pensou Henri. Decidiu ter uma conversa séria com Lambert, qualquer dia. “E que lhe direi, ao certo?” Começou a tirar a roupa. E disse para si: “Se eu fosse comunista ou cristão, ficaria menos embaraçado. Pode-se procurar impor uma moral universal. Mas o sentido que se dá à própria vida é outra história. Impossível explicar-se em quatro frases: seria preciso levar

Lambert a ver o mundo com meus olhos.” Henri suspirou. Para isso é que serve a literatura: mostrar o mundo aos outros como a gente o vê. Apenas, note-se: havia tentado fazê-lo e fracassara. Perguntou-se? “Tentei mesmo?” Acendeu outro cigarro e sentou-se à beirada da cama. Quisera escrever um livro gratuito: gratuito, sem necessidade, sem razão. Não era de admirar que se houvesse perdido o gosto pela ideia tão depressa. E prometeu ser sincero a si mesmo, ao passo que só tinha sido complacente. Pretendeu falar de si, sem se situar nem no passado, nem no presente, quando a verdade de sua vida se achava fora de si, nos acontecimentos, nas pessoas, nas coisas. Para falar de si, é necessário falar do resto. Levantou-se, tomou um copo de água. No momento, tinha resolvido as coisas consigo mesmo dizendo que a literatura não tinha mais sentido, o que não impediu que escrevesse uma peça, com a qual estava contente. Uma peça com uma data, situada, e que significava alguma coisa: por isso estava contente com ela. Por que não empreender um romance com data, situado, que significasse alguma coisa? Por que não contar uma história de hoje e em que os leitores se revissem nas suas preocupações, nos seus problemas? Não demonstrar nem exortar, mas testemunhar. Levou muito tempo para adormecer.

Dubreuilh não conseguiu convencer Trarieux nem Samazelle. Mas estes dois últimos não compreenderam a garantia que representava para Henri a presença de Lambert no comitê do jornal, ou então temeram um resultado nefasto ao SRL; ou talvez, afinal, não alimentassem nenhum propósito maquiavélico: o certo é que aceitaram, sem dificuldades, a combinação que Henri lhes propôs. No jornal, ninguém se abalou muito com a mudança, reputada de ordem puramente administrativa. Salvo Vincent. Este chegou à redação num momento em que Henri se achava só com Luc.

— Não compreendo nada do que se passa — atacou com mau humor.

— Mas é simples! — disse Henri.

— Não conheço esse Trarieux, mas um homem que tem tanto dinheiro é certamente perigoso. Teríamos feito melhor se não precisássemos dele.

— Não era possível.

— E por que você faz entrar Lambert no comitê? Terá surpresas desagradáveis. Quando penso que ele se reconciliou com o pai, sabendo o que sabe!...

— Não há prova alguma de que o velho tenha entregado Rosa — disse Henri. — Pare, portanto, de julgar os outros a torto e a direito. Conheço Lambert e tenho toda confiança nele.

Vincent encolheu os ombros.

— Todo este negócio me decepçiona!

— É preciso confessar que erramos o golpe — disse Luc, com um suspiro.

— Que golpe? — perguntou Henri.

— O negócio todo, o conjunto. Era de esperar que as coisas mudassem um pouco: e, novamente, é o dinheiro que pesa.

— As coisas não podiam mudar tão depressa — disse Henri.

— Nada vai mudar, em tempo algum — acrescentou Vincent, retirando-se bruscamente na direção da porta.

— Ele não sabe que eu pus você a par? — perguntou Luc, inquieto.

— Não. Nada lhe disse e nada lhe direi. Por que dizer-lhe?

No dia fixado para a assinatura do contrato, Paule acendera o fogo da lareira, apesar da brandura do céu de novembro; e, remexendo distraidamente as brasas, perguntou:

— Você está absolutamente decidido a assinar?

— Absolutamente.

— Por quê?

— Não tenho escolha.

— Sempre se tem escolha — disse ela.

— Não neste caso.

— Sim. — Ela se reaprumou e enfrentou Henri: — Você poderia ir embora!

Eis aí. Finalmente, ela arrancou aquelas palavras que há dias continha com dificuldade. Imóvel, as mãos crispadas nas pontas do xale, parecia uma espécie de mártir a oferecer o corpo às feras. Deu à voz nova firmeza.

— Acho que seria mais elegante que você se fosse.

— Se soubesse até que ponto desprezo a elegância!...

— Há cinco anos, não teria hesitado, teria ido.

Ele se mostrou indiferente.

— Aprendi muitas coisas em cinco anos, você não?

— Que foi que aprendeu? — disse ela, teatralizando a voz. — A pactuar, a transigir.

— Expliquei-lhe as razões por que aceitava.

— Oh! Sempre há razões, ninguém se compromete sem razão. Mas, justamente, é preciso saber recusar as razões. — A fisionomia de Paule alterou-se. Havia nos seus olhos uma súplica selvagem: — Você sabia; tinha escolhido os caminhos mais difíceis: a solidão, a pureza. Dizíamos que o pequeno São Jorge de Pisanello, vestido de branco e ouro, era você...

— Você o dizia...

— Ah! Não renego o nosso passado — gritou ela.

— Não renego nada — disse ele, com mau humor.

— Renega-se a si mesmo. Está se atraindo. E sei quem é o responsável — acrescentou, colérica. — Vai ser preciso, um dia, eu pedir uma satisfação a ele.

— Dubreuilh? Mas isso é um absurdo! Você me conhece bastante para saber que não me levam a fazer o que não quero.

— Às vezes, tenho a impressão de não conhecê-lo mais, absolutamente — disse ela, olhando Henri com desespero. E acrescentou, perturbada: — Será que é realmente você?

— Parece — respondeu ele, com um movimento de ombros.

— Mas nem você está certo disso. Revejo-o...

Ele a interrompeu brutalmente.

— Não me procure sempre no passado. Sou tão real hoje como ontem.

— Não. Sei onde está nossa verdade — disse ela, com inspiração na voz. — E eu a mantereí, contra tudo.

— Neste caso, não paramos de discutir. Mudei, ponha isso na cabeça. A gente muda, Paule. E as ideias mudam, e mudam os sentimentos. Será preciso que você acabe admitindo isso.

— Nunca — disse ela. Lágrimas subiam-lhe aos olhos: — Creia que sofro mais do que você com estas discussões. Não lutaria contra você, se não fosse forçada a isso.

— Ninguém a força.

— Tenho também minha missão — disse ela, num tom irritado —, e a cumprirei. Não vou permitir que desviem você de si mesmo.

Ele nada podia contra palavras tão consideráveis.

— Sabe o que vai acontecer? — balbuciou com voz triste. — Acabamos por odiar-nos um ao outro.

— Você poderia odiar-me? — Ela escondeu o rosto nas mãos, depois ergueu a cabeça: — Se for preciso, mesmo o seu ódio eu suportarei; por amor a você.

Ele encolheu os ombros sem responder e caminhou na direção do quarto. “É preciso acabar com isso; e vou acabar”, disse a si mesmo, decididamente.

* * *

O SRL havia apoiado em novembro as reivindicações de Thorez. Em compensação, os comunistas lhe manifestaram de novo alguma benevolência, e voltou-se a ler *L’Espoir* nas fábricas; mas o idílio não durou. Os comunistas rebateram com azedume o artigo em que Henri os censurava de terem votado os cento e quarenta bilhões de créditos militares, aquele em que Samazelle sublinhava as diferenças que os separavam dos socialistas, no tocante à política das Três Potências. Reagiram colocando opositores dentro do SRL a fim de desorganizá-lo de todas as formas possíveis. Samazelle advogara uma separação franca: na sua opinião, o SRL deveria constituir-se em partido e apresentar candidatos às eleições de junho. Sua proposta foi rejeitada, mas o comitê decidiu aproveitar as eleições para adotar, em relação ao PC, uma política menos passiva: ia-se abrir uma campanha.

— Não queremos enfraquecer o PC, mas desejamos que modifique a sua linha — concluiu Dubreuilh. — Pois bem, aí está a ocasião de tomar a ofensiva. O que dizemos em nosso nome exclusivo não o sensibiliza, mas a base ele é obrigado a levar em consideração. Exortaremos o povo a votar nos partidos de esquerda, estabelecendo, porém, as condições destes. No momento, o proletariado tem um sem-número de queixas contra os comunistas: se canalizarmos o seu descontentamento, se chegarmos a traduzi-lo em reivindicações precisas, teremos uma chance de provocar entre os dirigentes uma mudança de atitude.

Quando Dubreuilh acabava de tomar uma decisão, dava a impressão de que toda a sua vida anterior havia sido regida por ela. Henri o constatou uma vez mais, quando, ao fim da reunião, foram jantar, como todo sábado, num pequeno restaurante do cais. Dubreuilh expôs a Henri o artigo que ia escrever, naquela mesma noite, e dir-se-ia que sempre havia premeditado a sua aparição na data exata em que apareceria. Recriminaria em primeiro

lugar os comunistas por haverem apoiado o empréstimo anglo-saxão: sim, apressaria a volta da prosperidade, mas os operários não tirariam disso benefício algum.

— E você pensa que essa campanha pode realmente exercer influência?
— perguntou Henri.

Dubreuilh encolheu os ombros:

— Vamos ver. Você sustentava, durante a Resistência, que é preciso agir como se a eficiência da ação empreendida estivesse garantida: era um bom princípio, e adoto-o.

Henri encarou Dubreuilh. Pensou: “Este não é o gênero de resposta que ele teria dado no ano passado.” Dubreuilh estava claramente carregado de preocupações, agora.

— Em outras palavras, você não espera grande coisa?

— Oh! Escute: esperar, não esperar, isso é muito subjetivo — disse Dubreuilh. — Se a gente se guia de acordo com a disposição de espírito, não vai até o fim e se torna um Scriassine. Quando se tem uma decisão a tomar, não se deve olhar para si.

Havia na sua voz, no seu sorriso, uma espécie de abandono, capaz, antigamente, de sensibilizar Henri. Mas, desde a crise de novembro, este havia perdido qualquer entusiasmo em relação a Dubreuilh. “Fala-me com tamanha confiança, porque Anne não está aí e tem necessidade de ensaiar seu pensamento com alguém”, dizia a si mesmo, ao mesmo tempo que se recriminava um pouco por sua malevolência.

Dubreuilh publicou em *L'Espoir* uma série de artigos de extrema severidade, aos quais a imprensa comunista replicou com azedume. Comparava-se a atitude do SRL à dos trotskistas, que se recusaram a participar da Resistência, sob o pretexto de que esta servia ao imperialismo inglês. Apesar de tudo, tal polêmica, em que o PC e o SRL se acusavam mutuamente de desconhecer os verdadeiros interesses da classe operária, guardava um tom relativamente cortês. Foi com estupor que Henri leu numa quinta-feira, em *L'Enclume*, um artigo em que Dubreuilh era atacado com extrema violência. Criticava-se o ensaio que ele vinha publicando na *Vigilance*: o capítulo de seu livro a respeito do qual tinha falado com Henri um mês antes e que não dizia respeito, senão de maneira muito indireta, às questões políticas. A partir daí, sem razão

aparente, articulava-se contra ele um verdadeiro libelo: era apontado como um cão de guarda do capitalismo, um inimigo da classe trabalhadora.

— Que há com eles? E como Lachaume deixou passar este artigo? É um tipo repugnante.

— Admira-lhe que ele faça isso? — perguntou Lambert.

— Sim. E o tom do artigo me admira também. Neste momento, a atmosfera é mais de tolerância.

— Não estou tão surpreso — disse Samazelle. — A três meses das eleições, não vão arrastar na lama um jornal como *L'Espoir*, que milhares de operários leem, inclusive comunistas. O mesmo acontece em relação ao SRL propriamente dito: eles têm interesse em poupá-lo. Mas, quanto a Dubreuilh, é vantajoso desacreditá-lo aos olhos dos jovens intelectuais de esquerda.

A manifesta satisfação de Samazelle e de Lambert irritou Henri. Ele sentiu que se exaltava um pouco, quando, dois dias depois, Lambert lhe disse, com uma expressão alegre, quase travessa:

— Passei o tempo escrevendo sobre o artigo do *L'Enclume*. Apenas quero saber se você deixará sair o meu trabalho.

— Por quê?

— Por causa da nota contra Lachaume e Dubreuilh. Este merece o que lhe acontece; isso lhe ensinará a não apostar dos dois lados. Se se trata de um intelectual, então que não sacrifique à política as virtudes do intelectual; se as considera um luxo inútil, que fique advertido e, quanto ao livre pensamento, a gente irá bater em outra porta.

— Com efeito, duvido que eu possa publicar isso em *L'Espoir* — disse Henri. — De mais a mais, você é injusto. Contudo, mostre o artigo.

Era um artigo hábil, incisivo e, às vezes, pertinente, apesar de sua malevolência; atacava os comunistas com intemperança e era áspero com Dubreuilh.

— Você tem dons de panfletário — disse Henri. — É brilhante seu trabalho. — Sorriu: — Evidentemente, não pode ser publicado.

— Não é verdade o que digo? — perguntou Lambert.

— De fato, Dubreuilh é um homem dividido. Mas admira-me que o censure por isso. Sou como ele, você sabe.

— Você? Mas só por lealdade para com ele — disse Lambert, enfiando de novo seus papéis no bolso. — Note, não é porque eu faça questão de

meu artigo, mas assim mesmo a coisa tem graça; se eu quisesse publicá-lo, não disporia de meios para fazê-lo. Sou anticomunista demais para *L'Espoir* ou para a *Vigilance*, e esquerdista demais para os tipos da direita.

— É o primeiro artigo seu que eu impugno — disse Henri.

— Oh! Reportagens, notas críticas, tudo isso sai. Mas, se um dia eu quisesse dizer o que penso sobre alguma coisa mais ou menos importante, você não poderia oferecer-me senão suas lamentações.

— É só experimentar — disse Henri, amistosamente.

Lambert sorriu:

— Felizmente, não tenho nada de importante a dizer.

— Não tentou escrever mais novelas?

— Não.

— Desanimou muito depressa.

— Sabe o que me desanima? — disse Lambert, com inesperada agressividade. — É ver aquela narrativa do pequeno Peulevey, na *Vigilance*. Se você aprecia esse gênero de literatura, não compreendo mais nada.

— Não acha a coisa interessante? — perguntou Henri, com surpresa. — A gente sente a Indochina, sente o que é um colono e, ao mesmo tempo, uma infância.

— Diga francamente que a *Vigilance* não publica nem romances, nem novelas, mas apenas reportagens. Basta que um tipo tenha passado a infância nas colônias e seja do contra, para vocês decretarem que ele tem talento.

— Peulevey tem talento — disse Henri. — O fato é que é mais interessante contar alguma coisa do que nada — acrescentou. — O defeito de suas novelas está em que você tomou o partido de nada contar. Se falasse das próprias experiências, como esse jovem fala das dele, faria, talvez, algo excelente.

Lambert encolheu os ombros:

— Eu também havia pensado numa narrativa a respeito de minha infância; depois, larguei de mão. Minhas experiências pessoais não põem o mundo em foco. São puramente subjetivas e, portanto, de acordo com o seu ponto de vista, perfeitamente insignificantes.

— Nada é insignificante. Sua infância também tem um sentido: cumpre-lhe descobri-lo e fazer-nos senti-lo.

— Sei — disse Lambert, pondo ironia na voz. — Com qualquer coisa, pode-se fabricar um documento humano. — Sacudiu a cabeça: — Não é isso o que me interessa. Eu, se escrevesse, o faria para dizer as coisas na sua insignificância: não experimentaria salvá-las senão pela minha maneira de exprimi-las. — Encolheu os ombros. — Tranquelize-se, não o farei; ficaria com a consciência pesada. Só que não gosto da literatura de que você gosta. Por isso não escreverei absolutamente nada: é mais simples.

— Escute, na próxima vez em que sairmos juntos, falaremos de novo, e seriamente, sobre isso. Se sou eu quem lhe tira o gosto de escrever, sinto muito.

— Não sinta, não vale a pena. — Lambert saiu do escritório sem sorrir. Por pouco teria batido a porta atrás de si. Estava realmente magoado.

Henri pensou: “Isso passa!” Decidiu nunca mais se aborrecer: as coisas sempre acabavam menos mal do que imaginava. Samazelle não representava, em absoluto, aquele esforço que Henri temera: com exceção de Luc, conquistara a equipe toda, graças à sua cordialidade. Trarieux nunca punha os pés no jornal. A tiragem voltou a subir, e muito. Finalmente, Henri se sentia tão livre como anteriormente. Mas era sobretudo o seu novo romance que o tornava otimista. Havia receado enormes dificuldades, e o livro se organizava quase por si mesmo. Desta vez Henri estava mais ou menos certo de ter tido um início bom, e escrevia com satisfação. O único aborrecimento é que Paule exigia que escrevesse perto dela. E queria ver seus rascunhos. Ele se recusava, ela se irritava. Novamente, naquela manhã, enquanto terminavam seu café da manhã, ela atacou:

— Seu trabalho está caminhando?

— Mais ou menos.

— Quando é que me mostrará alguma coisa?

— Já lhe disse vinte vezes que ainda não existe nada que se possa ler; o trabalho está informe.

— Justamente, já poderia ter tomado forma, desde o tempo em que me disse isso.

— Comecei tudo de novo.

Paule apoiou os cotovelos sobre a mesa e colocou o queixo na palma das mãos.

— Você já não tem muita confiança em mim, não é?
— Certamente que tenho!
— Não, não tem mais confiança. Desde aquela viagem de bicicleta — disse ela, com uma expressão pensativa.

Henri encarou-a, surpreso:

— Que teria aquela viagem podido mudar entre nós?
— O fato aí está.
— Que fato?
— Bem, você já não crê no que lhe digo. — Ele encolheu os ombros e ela acrescentou, vivamente: — Posso citar vinte casos em que você não acreditou em mim.

— Por exemplo?

— Por exemplo, disse-lhe em setembro que pode dormir em seu hotel quando quiser; e toda vez me pede permissão, com ar de culpado. Não quer acreditar que prefiro sua liberdade à minha felicidade.

— Ouça, Paule, da primeira vez que dormi no hotel, você estava com os olhos inchados na manhã seguinte.

— Tenho o direito de chorar, não? — disse ela, com voz agressiva.

— Mas eu não tenho vontade de fazê-la chorar.

— E crê que não choro, quando me recusa a sua confiança? Quando o vejo esconder à chave os seus originais? Por que você os esconde à chave...

— Não há, realmente, por que chorar — disse ele, irritado.

— É um insulto. — Ela o encarou com uma expressão de assombro, quase pueril: — Pergunto-me, às vezes, se você não é sádico. — Ele se serviu de uma segunda xícara de café, sem responder. Ela disse, raivosamente: — Tem medo de que eu leia seus papéis?

— É o que, em seu lugar, eu faria — disse Henri, cuja voz se esforçava por ser alegre.

Ela se levantou e repeliu a cadeira.

— Você o confessa! Tranca suas gavetas por minha causa. Chegamos a esse ponto!

— É para evitar suas tentações — disse ele. Desta vez, a alegria de sua voz soava de um modo inteiramente falso.

— Chegamos a esse ponto! — repeliu ela, olhando Henri nos olhos. — Se eu lhe jurasse não tocar nos papéis, acreditaria em mim? Deixaria

aberta a gaveta?

— Você está tão obcecada com esse manuscrito infeliz, que não é capaz de responder pelo que faria. Creio em sua sinceridade, é claro, mas deixarei a gaveta fechada.

Houve um silêncio, ao fim do qual Paule disse, lentamente:

— Nunca você me feriu como agora.

— Se é incapaz de suportar a verdade, não me obrigue a dizê-la — rematou Henri, empurrando sua cadeira com violência.

Subiu a escada, sentou-se diante de sua mesa. Ela merecia que ele lhe mostrasse o manuscrito. Seria um meio de livrar-se dela. Evidentemente, na hora da publicação, ele se veria forçado a modificar aquelas páginas: a menos que ela morresse nesse ínterim. Enquanto isso, sempre que as relesse, ele se sentiria vingado! “Em certo sentido”, pensou, “a literatura é mais verdadeira que a vida. Dubreuilh zombou de mim, Louis é um sujo. Paule me envenena a existência: e eu lhes sorrio a todos. No papel, a gente vai até o fim daquilo que sente.” Examinou, mais uma vez, a cena do rompimento. Como se rompe facilmente no papel! A gente odeia, grita, mata, se mata, vai até o fim: e é por isso que o que se escreve é falso. “Vá lá”, pensou ele: “mas dá satisfação, muita. A gente na vida se nega a si mesmo sem cessar, e os outros nos contradizem. Paule me exaspera: entretanto, há pouco, tive piedade dela, e ela pensa que no fundo lhe tenho amor. No papel, faço o tempo parar e imponho ao mundo inteiro as minhas convicções, que se tornam a única realidade.” Pegou a caneta-tinteiro. Paule jamais leria aquelas páginas. Entretanto, ele triunfava, como se a tivesse obrigado a reconhecer-se no retrato que traçou: uma falsa apaixonada, que só gosta de seus dramas e de seu nariz; uma mulher que procura encarnar a grandeza, a generosidade, a abnegação, ao passo que não tem altivez nem coragem, empedernida no egoísmo de suas fingidas paixões. Era assim que ele a via, e no papel ela coincidia exatamente com esta visão.

Nos dias seguintes, Henri se esforçou ao máximo para evitar novas explosões. Paule achara mais uma razão para indignar-se: a conferência que ele decidiu fazer na casa de Claudie. Primeiramente, tentou justificar-se: Dubreuilh até mesmo havia falado na casa de Claudie, tratava-se de arranjar dinheiro para um lar de crianças, impossível esquivar-se. Como Paule não se deixava convencer, ele resolveu calar-se. Visivelmente, a

tática só serviu para exasperá-la. Ela também se calava, mas parecendo revolver na cabeça resoluções importantes. No dia da conferência, olhava-o com um ar tão duro, enquanto ele arrumava a gravata, em face do espelho do quarto, que ele chegou a pensar, com esperança: “É ela que vai propor-me o rompimento.” E perguntou, pondo amabilidade na voz:

— Você decididamente não me acompanha?

Ela riu tão bruscamente, que, se não a conhecesse, ele poderia ter pensado que estava louca:

— Boa farsa! Acompanhá-lo a esse carnaval!

— Como quiser.

— Tenho coisa melhor a fazer — disse ela, com uma voz que suscitava perguntas. E ele, de fato, perguntou, docilmente:

— Que é que você tem a fazer?

— Isso é comigo! — respondeu, altiva.

Desta vez ele não insistiu. Mas, quando passava o pente pela última vez, ela, em tom provocante, disse:

— Vou até a *Vigilance*, ver Dubreuilh.

Henri voltou-se, vivamente. Ela não tinha errado o golpe:

— Por que quer encontrar Dubreuilh?

— Já o preveni de que qualquer dia iria ter uma conversa com ele.

— Sobre o quê?

— Tenho muitas coisas que lhe dizer de minha parte. E também de sua parte.

— Peça-lhe que não se meta em minhas relações com Dubreuilh — disse Henri. — Você não tem absolutamente nada que falar com ele e não irá procurá-lo.

— Perdoe-me — disse ela —, mas até já vou tarde. Esse homem é má influência sobre você e só eu posso te livrar dele.

Henri sentiu que o sangue lhe subia ao rosto. Que iria ela contar a Dubreuilh? Henri se havia expressado livremente diante de Paule, em momentos de cólera ou de inquietação: impossível suportar que algumas de suas palavras pudessem ser repetidas. Mas como dissuadi-la? Esperavam-no em casa de Claudie, em cinco minutos ele não acharia meios de convencê-la, seria preciso amarrá-la, fechá-la.

— Você está divagando — balbuciou.

— Veja, quando se vive muito só, como eu, tem-se tempo bastante para pensar. Penso em você e em tudo quanto lhe diz respeito e, às vezes, enxergo certas coisas. Quanto a Dubreuilh, vi-o há alguns dias com uma extraordinária precisão. E compreendi que ele faria tudo para acabar de destruir você.

— Ah! Se você se meter a ter visões! — exclamou Henri. Procurava um meio de intimidar Paule. Só achava um: ameaçá-la de rompimento.

— Não é só em minhas visões que confio! — disse Paule, com uma voz propositalmente misteriosa.

— Em que mais?

— Informei-me — disse ela, fixando sobre Henri um olhar alegre. Ele a encarou com perplexidade:

— Anne certamente não lhe teria dito que Dubreuilh quer destruir-me.

— Quem lhe está falando de Anne? Anne! Ela é ainda mais cega do que você.

— Neste caso, quem é essa pessoa extralúcida que você consultou? — perguntou ele, que se sentia vagamente intranquilo.

O olhar de Paule tornou-se grave.

— Falei com Lambert.

— Lambert? Onde o encontrou? — indagou Henri. A cólera ressecava-lhe a garganta.

— Aqui. É crime? — perguntou Paule, com tranquilidade. — Telefonei-lhe para que viesse.

— Quando isso?

— Ontem. Ele também não gosta de Dubreuilh — disse ela, com satisfação.

— É um abuso de confiança! — observou Henri. Pensar que ela havia falado com Lambert, usando seu ridículo vocabulário e sua irrisória veemência, dava-lhe vontade de esbofeteá-la.

— Você fala sempre em pureza, em elegância — continuou ele, com voz furiosa —, mas uma mulher que compartilha a vida de um homem, seu pensamento, seus segredos, e que faz uso disso pelas suas costas, sem o prevenir, age de maneira imunda; você está ouvindo? — disse ele, segurando-a pelo punho. — Imunda.

Ela sacudiu a cabeça.

— Sua vida é a minha vida. Sim, a minha foi sacrificada a você. Tenho agora direitos sobre a sua.

— Nunca lhe pedi sacrifício algum. Tentei ajudá-la, no ano passado, a organizar uma vida independente: Você não quis; isso diz respeito unicamente a você. Mas você não tem nenhum direito sobre mim.

— Não quis por sua causa, porque você precisa de mim.

— Pensa que preciso destas cenas contínuas? Engana-se muito! Há momentos em que você me dá vontade de nunca mais voltar a pôr os pés

aqui. E vou dizer-lhe uma coisa: se você for procurar Dubreuilh, não lhe perdoarei. Não me tornará a ver.

— Mas quero salvá-lo! — disse ela, com violência. — Não compreende que você se perde, aceitando tudo quanto é compromisso, falando nos salões?... E sei por que não ousa mais mostrar-me o que escreve: a derrota se reflete no seu trabalho, e você o sente. Envergonha-se. Envergonha-se tanto que tranca à chave os originais: devem ser alguma coisa de muito abjeto.

Henri olhou-a com ódio:

— Se eu lhe mostrar esses originais, dá-me a palavra de que não irá ver Dubreuilh?

Imprevistamente, o semblante de Paule cedeu:

— Vai mostrá-los?

— Dá-me sua palavra?

Ela refletiu:

— Daria a palavra de não ir hoje até lá.

— Isso me basta — disse Henri, que abriu a gaveta e tirou de dentro um volumoso caderno verde-acizentado e atirou-o sobre a mesa.

— Posso lê-lo? É verdade? — perguntou Paule, com a voz desconcertada. Sua segurança de atriz de tragédia a havia abandonado, e ela exibia repentinamente uma expressão chorosa.

— Pode.

— Oh! Estou tão contente! — Sorriu com timidez. — Esta noite, discutiremos a respeito, como outrora.

Ele não respondeu. Olhava para aquele caderno, que Paule acariciava com a mão espalmada. Somente papel e tinta... Tinha uma aparência tão inofensiva como os pós encerrados à chave na farmácia de seu pai. Na verdade, ele era mais covarde que um envenenador.

— Até logo — gritou ela, por cima da balaustrada, enquanto ele desaparecia através do estúdio.

— Até logo.

Pela escada, ele continuava fugindo, em vão tentava esvaziar a cabeça. Naquela noite, quando revisse Paule, ela já teria lido. Teria lido todas as frases, teria relido todas as palavras: era um assassinio. Parou. A mão apoiada à rampa, voltou a subir lentamente, alguns degraus, e o grande cachorro preto avançou para ele, latindo. Odiava o cachorro, a escada, o

amor fanático de Paule, seus silêncios, suas explosões, suas desgraças. Tornou a descer, agora de quatro em quatro degraus, até a rua.

* * *

Era um desses bonitos dias de inverno, um pouco nevoentos e em que o fundo do espaço tem uma cor rosada. Pela abertura envidraçada, Henri divisava um pedaço de céu sedoso. Voltou o olhar para o seu auditório, mas era mais difícil falar quando o via. Pequenos chapéus, joias, peles: ali se achavam principalmente mulheres, essas em quem persistem restos de beleza e que acreditam saber explorá-los. Em que a história do jornalismo francês poderia interessá-las? Fazia muito calor, o ar fazia sentir o perfume. O olhar de Henri encontrou o sorriso permanente de Marie-Ange, e Vincent lhe fez uma careta alegre. Em algum lugar, entre uma bilionária Argentina e uma mecenas corcunda, Lambert estava sentado. Henri temia um encontro face a face com ele: tinha vergonha. Abaixou de novo os olhos e deixou que as palavras corressem de sua boca.

— Maravilhoso!

Claudie dera o sinal dos aplausos, todos batiam palmas, soltavam exclamações, precipitavam-se na direção do estrado. Huguette Volange abriu uma portinhola atrás de Henri. — Venha por aqui. Claudie vai fazer sair as senhoras; ela não reteve senão os amigos e alguns íntimos. Deve estar morrendo de sede, não? — acrescentou, levando Henri para o bufê, onde Julien, só na presença de dois empregados, esvaziava uma taça de champanhe.

— Vai desculpar-me — disse este, com uma voz ruidosa —, não ouvi coisa alguma: Vim para embebedar-me sem gastar.

— Você está inteiramente desculpado. Conferência é maçante tanto pra o ouvinte como para o conferencista.

— Perdão! Não me senti entediado, absolutamente. Foi até uma conferência instrutiva — disse Vincent. Riu: — Mesmo assim, tomarei um copo também.

— Tome! — disse Henri, que vivamente lhe dirigiu um sorriso gracioso. Uma senhora de cabelos brancos, Legião de Honra pregada ao seio, voltou-se para ele.

— Obrigada pela sua participação! Magnífico! Sabe que com o senhor a arrecadação foi maior do que com Duhamel?

— Fico encantado com isso — respondeu Henri, que procurava Lambert com os olhos. Que lhe teria dito Paule? Henri nunca havia posto Lambert a par de sua vida particular. Evidente que ele sabia coisas íntimas a seu respeito por intermédio de Nadine, mas a isso Henri não dava importância. A história com Nadine tinha resultado estéril. Com Paule era diferente. Sorriu para Lambert:

— Você se aborreceria em levar-me de volta, de motocicleta, quando este carnaval tiver terminado?

— Com muito prazer! — respondeu Lambert, num tom todo natural.

— Obrigado! Poderemos bater um papo.

Foi interrompido, porque Claudie entrou impetuosamente no salão, avançando para ele:

— Você vai ficar bonzinho, vai escrever dedicatórias em alguns livros: essas senhoras são suas admiradoras apaixonadas.

— Com prazer — disse Henri, que acrescentou, em voz baixa: — Só que não posso ficar, esperam-me no jornal.

— Você precisa ver os Belhomme. Vieram especialmente por você: estão para chegar.

— Daqui a meia hora eu me retiro. — Pegou o livro que uma loura alta lhe estendeu: — Nome?

— O senhor não o conhece — respondeu a loura, com um sorrisinho altaneiro —, mas vai conhecê-lo: Colette Masson.

Ela agradeceu com mais um sorriso misterioso e ele escreveu outro nome, em outro livro. Que comédia! Assinava e sorria, sorria e assinava. O pequeno salão estava repleto. Eram uma legião os íntimos de Claudie. E eles também sorriam, apertavam a mão de Henri, seus olhos brilhavam de uma curiosidade semelhante à que despertam as fofocas e diziam palavras ditas, já, a Duhamel, as quais ainda repetiriam indefinidamente, na próxima vez, a Mauriac ou a Aragon. De quando em quando, um leitor zeloso se supunha obrigado a exalar sua admiração; este tinha ficado afetado pela descrição de uma insônia, aquele por uma frase sobre os cemitérios: tratava-se, contudo, de uma passagem insignificante, escrita com indiferença. Guite Ventadour perguntou a Henri, repreensiva, por que ele escolhia como heróis tão tristes senhores. E sorria alternadamente a muitas pessoas infinitamente mais tristes. “Como se é severo para com os personagens de romance!”, pensava Henri; “não se admite uma fraqueza

neles. E como se lê bizarramente! Suponho que, em vez de seguirem os caminhos que lhes são traçados, os leitores, em sua maior parte, percorrem as páginas como cegos. De vez em quando, uma palavra ressoa dentro deles, acordando sabe Deus que lembranças ou nostalgias. Ou então acreditam ver, em determinada imagem, algum reflexo de si mesmos: detêm-se por um instante, miram-se e continuam, tateando. Seria melhor”, concluiu Henri o seu pensamento, “nunca encarar os próprios leitores.” Aproximou-se de Marie-Ange, que o olhava de alto a baixo, com uma expressão de zombaria:

— Por que você ri com esse ar de galhofa?

— Não rio com ar de galhofa, observo. — Ela ironizou: — Você tem razão de viver escondido. Não é brilhante.

— Que é preciso fazer para ser brilhante?

— Olhe para seu amigo Volange e tome umas aulas.

— Não sou chegado — disse Henri.

Não lhe agradava deslumbrá-los. Seria também inútil pretender escandalizá-los. Julien trovejava, esvaziando ostensivamente taça sobre taça. Em torno dele, ria-se com indulgência: “Eu, se tivesse um nome desses”, clamava ele, “por certo que trataria de me livrar dele. Belzunce, Polignac, La Rochefoucauld... Isso vive a arrastar-se por todas as páginas da história da França, e está cheio de poeira.” Ele podia insultar a todos, proferir as maiores incongruências: os ouvintes se deliciavam. Se um poeta não foi consagrado por títulos, por prêmios, por condecorações, neste caso é interessante que seja um bufão. Julien acreditava dominá-los, e confirmava-os na consciência de sua superioridade. Não, o único meio indicado era não frequentar essa gente. Os escritores mundanos e os pseudointelectuais que se desvelam em torno de Claudie eram talvez ainda mais deprimentes. Escrever não os distraía; pensar não os interessava; e todo o tédio que se infligiam refletia-se-lhes no rosto. A única preocupação que tinham era o personagem que fabricavam e o êxito da própria carreira. Não se frequentavam senão para exercitar de mais perto seus ciúmes. Raça terrível! Henri sorriu com simpatia, ao divisar Scriassine: era fanático, perturbador, insuportável, mas muito vivo e, quando se servia das palavras, fazia-o por paixão e nunca mercenariamente, nem tendo em vista aplausos e honrarias. Nele a vaidade aparecia depois e era apenas um defeito superficial.

— Espero que não esteja zangado comigo — disse Scriassine.

— Evidente que não, você tinha bebido. Como vai? Você está sempre aqui?

— Sim. Desci especialmente para cumprimentá-lo. Pensei que a grã-finagem já havia ido embora. É diante desta gente que você falou e que Claudie quer que eu fale?

— Não é um mau público — interveio Volange, que se aproximara, com um passo displicente. Distribuiu ao redor um sorrisinho altivo e deteve o olhar sobre Lambert: — As pessoas que têm muito dinheiro exalam futilidade. Mas, na verdade, têm, muitas vezes, o senso dos valores autênticos. O luxo de Claudie, por exemplo, é muito inteligente.

— O luxo? Isso me enche o saco — disse Scriassine.

Marie-Ange riu escancaradamente e Louis a encarou com ar severo.

— Você se refere ao falso luxo — disse Huguette, pondo indulgência na sua intervenção.

— Ao falso, ao verdadeiro: não gosto é do luxo.

— Como se pode não gostar do luxo? — perguntou Huguette.

— Não gosto das pessoas que gostam de luxo — disse Scriassine. — Em Viena — acrescentou ele, bruscamente — Vivíamos três numa espelunca e não tínhamos ao todo senão um único sobretudo. Morríamos de fome. E foi o melhor tempo de minha vida.

— Isso mostra um curioso complexo de culpa — disse Volange, a voz galhofeira.

— Conheço meus complexos, que nada têm a ver com o que se passa aqui — disse Scriassine, secamente.

— Claro que têm! Vocês são ambos puritanos, como todo o pessoal de esquerda — disse Volange, voltando-se para Henri. — Choca-os o luxo, porque não suportam a consciência suja. Essa austeridade é temível. Recusa-se o luxo e, em consequência, recusam-se a poesia e a arte.

Henri não respondeu. Não dava importância às palavras de Volange. O que interessava era constatar o quanto ele tinha mudado desde que se haviam visto pela última vez. Não havia mais vestígio de humildade na sua voz, nem nos seus sorrisos. Tinha-lhe renascido toda a antiga arrogância.

— Luxo e arte não são a mesma coisa — arriscou Lambert, com voz tímida.

— Não — disse Louis. — Mas se ninguém tivesse consciência suja, se o mal desaparecesse da terra, a arte desapareceria também. A arte é uma tentativa de integrar o mal. Os progressistas organizados querem suprimir o mal: condenam a arte à morte. — Suspirou: — O mundo que nos prometem será muito sem graça.

Henri encolheu os ombros:

— Vocês outros, os antiprogressistas organizados, fazem rir. Ora profetizam que não se chegará, jamais, a suprimir a injustiça, ora declaram que a vida se tornará monótona, como um curral. Seus argumentos podem ser-lhes devolvidos.

— Esta ideia de que o mal é necessário à arte parece-me muito interessante — disse Lambert, interrogando Louis, com o olhar.

Claudie pôs a mão no braço de Henri:

— Aí está Lucie Belhomme — disse ela —, aquela morena alta e muito elegante; venha, quero apresentar-lhe.

Ela designava uma mulher esguia e seca, vestida de preto; era elegante? Henri jamais havia compreendido bem o sentido de tal palavra: havia, para ele, mulheres desejáveis e mulheres que não o eram; aquela não o era.

— E aqui está a srta. Josette Belhomme — disse Claudie.

A pequena era bonita, incontestavelmente. Mas, para representar o papel de Jeanne, essa silhueta mundana não convinha, de jeito algum. Peles, perfumes, salto alto, unhas vermelhas, ela era, sob as espirais de seus cabelos avermelhados, uma boneca de luxo, entre outras.

— Li sua peça: é magnífica — disse Lucie Belhomme, com uma voz positiva. — E estou certa de que ela pode render muito dinheiro: para coisas assim, tenho faro. A propósito, falei com Vernon, diretor do Studio 46 e grande amigo meu. Está muito interessado.

— Ele não a acha demasiado escandalosa? — perguntou Henri.

— O escândalo pode servir ou desservir a uma peça. Depende de muitas coisas. Acredito que eu poderia convencer Vernon a correr o risco. — Houve um silêncio e, sem transição, quase insolente, ela encadeou: — Vernon estaria disposto a dar uma chance a Josette. Até agora ela só desempenhou pequenos papéis. Só tem vinte e um anos, Mas tem jeito para a coisa, vive o personagem de um modo admirável. Gostaria de que a ouvisse, na grande cena do segundo ato.

— Será um prazer — disse Henri.

Lucie voltou-se para Claudie:

— Você não tem aí um canto sossegado, em que a pequena pudesse representar a cena?

— Oh! Agora não. — Josette procurou esquivar-se.

Ela olhava a mãe e Henri com uma expressão assustada. Não tinha a segurança própria daqueles luxuosos manequins. Notava-se, antes, que estava intimidada em face de sua beleza. Era bela de fato, com seus grandes olhos escuros, a boca um pouco pesada demais e a pele límpida e cremosa, sob os cabelos fulvos.

— É coisa de dez minutos — disse Lucie.

— Mas assim, friamente, não posso — disse Josette.

— Não há urgência — interveio Henri. — Se Vernon de fato aceitar a peça, combinaremos um encontro.

Lucie deu um pequeno sorriso:

— Posso assegurar-lhe que aceitará, se ficar entendido que Josette fará o papel.

Da garganta até a raiz do cabelo, a tenra pele de loura pôs-se em brasa. Henri sorriu gentilmente a Josette:

— Quer que marquemos um dia? Terça-feira, por volta de quatro horas. De acordo?

Ela inclinou a cabeça.

— É só o senhor ir à minha casa — disse Lucie. — Estará muito bem para trabalhar.

— O papel a interessa? — perguntou ele, num tom convencional.

— Certamente.

— Confesso que não imaginava Jeanne tão bonita — disse ele, alegremente.

Um sorriso polido insinuou-se em torno da boca trágica, não chegando, porém, a pairar. Ensinaaram a Josette todos os jogos fisionômicos necessários ao êxito; ela, porém, os executava mal. Aquele semblante pesado de olhos sem fim rompia toda as máscaras.

— Uma atriz nunca é bonita demais — disse Lucie. — Quando a sua mulher volta ao palco meio sem roupa, o que o público quer ver é isto — disse ela, levantando bruscamente a saia de Josette e descobrindo, até a metade das coxas, longas pernas sedosas.

— Mamãe!

A voz consternada de Josette tocou Henri. Seria ela, de fato, apenas uma boneca de luxo, inteiramente igual às outras? É certo que não é muito inteligente, disse Henri a si mesmo. Mas custava crer que essa fisionomia patética pudesse não significar nada.

— Não banque a ingênua, não combina com você — disse Lucie Belhomme, com voz seca. Acrescentou: — Não toma nota do dia do encontro?

Docilmente, Josette abriu a bolsa e tirou uma agenda; Henri notou um lenço de renda e um pequeno estojo de pó, dourado. Antigamente, parecia-lhe cheio de mistério o interior de uma bolsa feminina. Por um instante, ele reteve na mão os longos dedos esculpidos em açúcar de cevada:

— Até terça-feira.

— Até terça-feira.

— Ela lhe agrada? — perguntou Claudie, com um risinho malicioso, quando as duas mulheres já estavam distantes. — Se você a deseja, pode ir até lá; ela não se guarda muito, a pobre rapariga...

— Pobre por quê?

— Lucie não é fácil. Você sabe, as mulheres que foram simples espectadoras durante muito tempo antes de triunfar, em geral não são meigas.

Em outra ocasião, Henri teria ouvido com prazer as fofocas de Claudie. Mas ali estava Volange e Lambert, que conversavam animadamente. Volange discursava, com gestos graciosos, e Lambert assentia, sorrindo. Henri teria querido intervir. Sentiu-se aliviado, quando viu que Vincent se afastou do bufê. Disse este, com voz estridente:

— Gostaria de fazer-lhe uma pergunta, uma só: que é que um tipo como você faz aqui?

— Você está vendo, converso com Lambert — respondeu Louis, calmamente. — Quanto a você, embriaga-se, o que não é menos claro.

— Talvez não o tenham prevenido — disse Vincent. — Trata-se de uma reunião em benefício dos filhos de deportados. Seu lugar não é aqui.

— Quem conhece seu lugar certo neste mundo? — indagou Louis. — Se acredita conhecer o seu, então é porque existe, sem dúvida, uma graça especial para os bêbados.

— Oh! É que Vincent é o melhor! — interveio Lambert, com uma voz mordaz. — Ele sabe tudo, julga todo o mundo, jamais se engana. E você

não precisa pagar para que ele lhe dê aulas.

Nunca Vincent tinha ficado tão pálido. Parecia que iria correr sangue de seus olhos. Balbuciou:

— Sei reconhecer um canalha...

— Creio que esse jovem está precisando de cuidados médicos — disse Louis. — Um rapaz dessa idade, exalando álcool, é um espetáculo deprimente.

Henri aproximou-se com presteza:

— Você, que integra tão valentemente o mal, se apresenta de repente como um puritano! Vincent faz à sua maneira a parte do diabo. Por que a gente não haveria de embriagar-se?

— Um canalha e um filho de canalha — murmurou Vincent, num sorriso agressivo — obrigatoriamente se deleitam juntos.

— O que você disse? Repita — disse Lambert.

Vincent enrijeceu a voz:

— Digo que é preciso que você seja um belo canalha para se haver reconciliado com o tipo que entregou Rosa. Lembra-se de Rosa?

— Desça até o pátio comigo, vamo-nos explicar — respondeu Lambert.

— Não há necessidade de descer.

Henri conteve Vincent, enquanto Louis punha a mão sobre o ombro de Lambert, dizendo:

— Deixe disso!

— Quero quebrar-lhe a cara.

— Um outro dia — disse Henri. — Você prometeu levar-me de motocicleta, e estou com pressa. E, quanto a você, não nos amole — disse amigavelmente a Vincent, que proferia sons ininteligíveis.

Lambert deixou-se conduzir, mas, ao atravessar o pátio, dirigiu-se a Henri, tristemente:

— Não devia ter-me impedido. Eu daria a ele uma boa lição. Sei bater, você sabe disso.

— Não digo que não, mas dar socos é vulgar.

— Eu devia era bater imediatamente, em vez de falar — disse Lambert. — Não tenho reflexo. Quando é para bater, converso.

— Vincent bebeu e você bem sabe que ele é meio louco. Não ligue para o que diz.

— É muito simples!... Se fosse tão louco assim, ele não seria tão companheiro seu — disse Lambert, encolerizado. Montou na motocicleta: — Aonde você vai?

— Para casa. Passarei pelo jornal um pouco mais tarde.

Henri acabava de ter, bruscamente, uma visão de Paule. Via-a sentada no meio do estúdio, imóvel, o olhar parado: tinha lido. A cena do rompimento, ela a lera frase por frase, palavra por palavra; sabia tudo o que Henri pensava a seu respeito. Ele tinha necessidade de revê-la, imediatamente. Lambert rodava ao longo dos cais, com raiva. Quando parou diante do último sinal vermelho, Henri lhe perguntou:

— Tomamos alguma coisa?

Precisava rever Paule sem perda de tempo, mas, ante a ideia de se encontrar de novo diante dela, faltava-lhe o ânimo.

— Se quiser — respondeu Lambert, num tom sombrio.

Entraram no café-charutaria da esquina do cais, e pediram vinho branco no balcão.

— Afinal de contas, você não vai ficar chateado comigo, por que o impedi de brigar com Vincent! — disse Henri, com gentileza.

— Não compreendo como pode suportar aquele tipo — replicou Lambert, impetuoso. — Suas bebedeiras, suas camisas imundas, suas histórias de bordel e, com tudo isso, seus grandes ares de mandão... Isso me enoja. Matou gente na Resistência; mas outros fizeram o mesmo, de modo de que não é razão bastante para que conte vantagem. E Nadine, que o chama de arcanjo, sob o pretexto de que é meio incapaz! Não, não compreendo — repetiu Lambert. — Se é louco, que lhe administrem uns bons eletrochoques e que pare de encher-nos.

— Você é muito injusto!

— Penso antes que você é que é parcial.

— Gosto muito dele — disse Henri, meio secamente. E acrescentou: — Não é de Vincent que queria falar-lhe. Paule contou-me um negócio esquisito: que havia chamado você, ontem, a fim de fazer-lhe perguntas sobre Dubreuilh. Achei isso inteiramente descabido. Sua posição com certeza foi embaraçosa.

— Não — disse Lambert, vivamente. — Não compreendi bem o que ela queria exatamente de mim, mas foi muito gentil.

Henri encarou Lambert. Tinha um ar verdadeiramente sincero. É possível que Paule, diante dele, se houvesse comportado.

— No momento, ela detesta Dubreuilh. É uma mulher excessiva, você talvez tenha notado.

— Sim, mas como eu também não aprecio muito Dubreuilh, isso não me deixou constrangido — disse Lambert.

— Neste caso, tanto melhor! Eu estava receando que a conversa tivesse sido desagradável.

— De maneira alguma.

— Tanto melhor! — repetiu Henri. — Até daqui a pouco. Obrigado por me haver trazido.

Henri meteu-se pela ruela, a passos lentos. O prazo estava esgotado: dentro de dois minutos, estaria de frente para Paule, sentiria no rosto o seu olhar e teria necessidade de achar o que dizer. “Não negarei. Direi que Yvette nada tem de comum com ela, que eu lhe tomei de empréstimo palavras, gestos, mas que deformei tudo”, pensou ele. Iniciou a subida da escada, e pensou ainda: “Ela jamais acreditará em mim.” Talvez nem mesmo o deixasse falar. Talvez... Apressou o passo. A garganta apertava-se-lhe. Ele subiu correndo os últimos degraus. Nenhum ruído, nenhum latido, nenhum toque de campainha ou música de rádio.

“Um silêncio de morte!”, disse a si mesmo. E pensou, com horror: “Ela se suicidou!” Deteve-se em frente à porta. Ouviu-se um murmúrio de voz:

— Entre.

Paule sorria, estava viva. A zeladora do prédio, sentada à beira do divã, levantou-se.

— Fiz a senhora perder tempo com minhas histórias.

— Não, absolutamente — disse Paule. — Foi muito interessante.

— Fique tranquila, amanhã falarei com o proprietário — disse a mulher.

— O teto está desabando — explicou Paule, alegremente, ao mesmo tempo que a mulher fechava a porta. — Ela é simpática, essa dona — acrescentou. — Contou-me histórias surpreendentes sobre os marginais do bairro, que dariam um livro.

— Imagino — disse Henri. Olhava Paule com um misto de decepção e de alívio. Ela havia conversado a tarde toda com a mulher, e, assim, não tivera tempo de ler o manuscrito. Iria começar tudo de novo: e ele bem sabia que lhe faltava coragem para isso.

— Ela a impediu de ler meu romance? — perguntou, com uma voz neutra. Forçou-se a sorrir: — Foi pena!

Paule o olhou com ar escandalizado.

— Mas eu li, é claro!

— Ah, e que achou a respeito?

— Magistral! — exclamou ela, com simplicidade.

Ele apanhou o caderno, folheou-o, com aparente indiferença.

— Que me diz do personagem de Charval? Pareceu-lhe simpático?

— Não exatamente. Mas possui uma grandeza autêntica. E suponho que seja isso que você quis.

Henri assentiu.

— Gostou da cena de 14 de julho?

Paule refletiu.

— Não é a passagem que prefiro.

Henri abriu o caderno na página fatal.

— E o rompimento com Yvette? Que pensa sobre isso?

— Emocionante!

— Acha?

Ela o olhou com certa desconfiança.

— Por que se admira? — Riu ligeiramente: — Era em nós que você pensava, ao escrever?

Ele atirou o caderno sobre a mesa:

— Você é tola!

— Será o seu melhor livro — disse Paule, com altivez. Passou ternamente a mão pelos cabelos de Henri: — Na verdade, não compreendo por que você estava tão misterioso.

— Eu mesmo não sei mais — disse ele.

* * *

Henri se sentiu quase intimidado com a enormidade do silêncio. Tapetes, cortinas, tapeçarias vedavam a sala grande e opulenta. Através das portas fechadas, não se ouvia um rumor vivo: a ponto de Henri se perguntar se não deveria derrubar móveis para despertar alguém.

— Demorei?

— Muito pouco — respondeu ele, polidamente.

Josette permanecia plantada diante dele, um sorriso de medo nos lábios. Trajava um vestido cor de âmbar, frágil e muito indiscreto. “Ela não se guarda”, dissera Claudie. Aquele sorriso, o silêncio, os divãs recobertos de pele eram um claro convite a todas as audácias; muito claro. Se se tivesse valido de tais cumplicidades, a impressão de Henri seria a de quem cometeu, sob as vistas de uma alcoviteira sarcástica, uma corrupção de menor. Disse, com um pouco de dureza:

— Se está de acordo, começamos já a trabalhar. Estou mais ou menos apressado. Tem o texto consigo?

— Sei o monólogo de cor — respondeu Josette.

— Vamos a ele.

Henri deixou seu exemplar sobre uma mesinha e se acomodou numa ampla poltrona. Era o mais difícil da história, esse monólogo. Josette nada compreendia a respeito e estava aterrorizada. Henri estava envergonhado de vê-la esforçar-se a torto e a direito, com a comovida esperança de ser-lhe agradável. Decididamente, ele fazia o papel de um maníaco rico, assistindo num bordel de alto gabarito a uma exibição especial.

— Ensaaiemos a terceira cena do segundo ato — disse ele. — Dou-lhe a réplica.

— Lendo, é difícil representar — disse Josette.

— Vamos ensaiar.

Uma cena de amor. Aí Josette se saía um pouco melhor. Tinha boa dicção. Sua fisionomia, sua voz na verdade comoveram. Quem sabe o que um hábil diretor teatral chegaria a obter dela? Henri observou alegremente:

— Você está longe de viver a cena. Mas há esperança.

— Acredita?

— Tenho certeza. Sente-se aí. Vou explicar-lhe um pouco o personagem.

Ela se sentou ao seu lado. Fazia muito tempo que ele não se encontrava sentado ao lado de moça tão linda. Falando, respirava-lhe os cabelos. O perfume dela cheirava a perfume, como todos os perfumes. Nela, todavia, parecia um odor natural. E dava a Henri a vontade terrível de respirar aquele outro odor, ligeiramente úmido e terno, que ele adivinhava sob o seu vestido; de desordenar seus cabelos, de enfiar a língua naquela boca vermelha: era fácil, muito fácil. Sentia Josette aguardando a sua hora e com uma resignação verdadeiramente desencorajadora.

— Compreendeu? — perguntou-lhe.

— Sim.

— Então, vá lá: recomeçemos.

A cena foi retomada. Ela tentava pôr a alma em cada réplica, e saiu-se muito pior que da primeira vez.

— Você se preocupa demais — disse ele. — Procure ser mais simples.

— Ah! Jamais conseguirei — disse ela, com tristeza na voz.

— Trabalhando, conseguirá.

Josette deu um longo suspiro. Pobre menina! Além do mais, a mãe iria repreendê-la por não ter sabido representar. Henri levantou-se. Lastimava um pouco seus escrúpulos: como era desejável aquela boca! Dormir com uma mulher verdadeiramente desejável... ele imaginava a alegria que isso podia dar.

— Vamos combinar outro encontro — disse.

— Faço-o perder tempo!

— Para mim não é tempo perdido — continuou Henri. Sorriu: — Se você não tiver medo de perder o seu, possivelmente na próxima vez, depois do trabalho, sairemos juntos. Não?

— Talvez sim.

— Gosta de dançar?

— Naturalmente.

— Pois bem, vou levá-la para dançar.

No sábado seguinte, Henri encontrou Josette na casa dela, à rua Gabrielle, num salão cujos móveis eram rosados e brancos e tinham uma aparência acetinada. Sentiu um leve choque ao revê-la. A verdadeira beleza, quando a perdemos de vista, é embaçada: a pele de Josette estava mais pálida, os cabelos mais sombrios que os de que ele se recordava, e purpurina lhe rutilava nos olhos, fazendo pensar no fundo de uma torrente. Dando-lhe, distraidamente, a réplica, Henri passeava o olhar sobre o jovem corpo moldado em veludo preto e dizia a si mesmo que esse físico, essa voz bastariam para desculpar tanta inabilidade. Ademais, Josette, bem-dirigida, não teria motivo para ser mais desajeitada do que qualquer outra. Às vezes ela até encontrava entonações emocionantes. Henri decidiu arriscar:

— Vai dar certo — disse com calor. — É claro, terá de trabalhar com afinco, mas vai dar certo.

— Eu desejaria tanto! — disse ela.

— E, agora, vamos dançar. Eu estava pensando que se poderia descer até Saint-Germain-des-Prés. Que acha?

— Como quiser.

Foram sentar-se numa adega subterrânea da rua Saint-Benoit, sob o retrato de uma mulher barbuda. Josette usava um vestido surpreendente: tirou um bolero e desnudou ombros arredondados e maduros, que contrastavam com sua fisionomia infantil. “Eis o que me faltava para que a diversão realmente me divirta”, pensou Henri, alegremente, “uma bonita prostituta a meu lado.”

— Dançamos?

— Sim.

Dava-lhe alguma vertigem ter em seus braços aquele corpo tépido e agradável. Como ele havia gostado desse gênero de vertigem! Gostava, ainda. E gostava novamente do jazz, da fumaça, das vozes jovens, da alegria dos outros. E estava pronto a gostar daqueles seios, daquele ventre. Só que antes de tentar um gesto, gostaria de sentir que Josette tinha alguma simpatia por ele.

— Agrada-lhe este lugar?

— Sim. — Ela hesitou: — É especial, não?

— Suponho que sim. Que tipo de lugares prefere?

— Oh! Aqui está muito bom — respondeu, solícita.

Quando ele procurava fazê-la falar, mostrava-se amedrontada. A mãe devia tê-la ensinado cuidadosamente a calar-se. Calaram-se até as duas horas da manhã, tomando champanhe e dançando. A expressão de Josette não era triste, nem alegre. Às duas horas, ela pediu para se retirar, sem que ele pudesse saber se a causa era o tédio, a fadiga ou a discrição. Henri acompanhou-a até a casa. No carro, ela pediu com uma polidez insistente:

— Gostaria muito de ler um livro seu.

— É fácil. — Ele lhe sorriu: — Gosta de ler?

— Quando tenho tempo.

— Mas, quase sempre, você não tem tempo?

Ela suspirou:

— Na verdade, não.

Seria ela inteiramente idiota? Ou um pouco retardada? Ou inibida pela timidez? Difícil decidir. Era tão bonita, que normalmente deveria ser

estúpida: mas ao mesmo tempo a beleza a fazia parecer misteriosa.

Lucie Belhomme resolveu que o contrato seria assinado em sua casa, depois de um jantar entre amigos. Henri telefonou a Josette, pedindo-lhe que festejasse com ele tão boa notícia. Com uma voz normal, ela lhe agradeceu por um livro seu, que ele mandara levar-lhe com amável dedicatória. Marcaram encontro para a noite, num pequeno bar Montmartre.

— Então, está contente? — perguntou ele, retendo por um momento a mão de Josette.

— De quê? — perguntou ela. Parecia um pouco menos jovem que de costume e sem nenhum contentamento.

— Do contrato. Será assinado, está decidido. Não lhe agrada?

Ela levou aos lábios um copo de água de Vichy.

— Dá-me é medo — respondeu, com voz baixa.

— Vernon não é louco, nem eu. Não tenha medo: há de sair-se bem.

— Não era nada assim, entretanto, que você via o personagem.

— Eu não poderia vê-lo de outra maneira.

— Verdade?

— Verdade.

E era verdade. Ela desempenharia o papel mais ou menos bem. Mas ele não queria imaginar que Jeanne pudesse ter outros olhos, outra voz.

— Você é muito gentil! — disse Josette.

Olhava-o com gratidão sincera. Mas, fosse por gratidão ou por calculismo que se oferecesse, não fazia diferença, não era o que Henri queria. Ele não se mexeu. Por entre doces silêncios langorosos, falaram sobre os possíveis diretores teatrais, sobre a distribuição e os cenários que Henri desejava. Josette continuava inquieta. Ele a acompanhou até a porta de casa. Ela lhe segurou a mão.

— Então, até segunda-feira — disse, a voz tensa.

— Não tem mais medo? — perguntou ele. — Vai dormir bem direitinho?

— Sim, tenho medo.

Ele sorriu:

— Não me oferece um último uísque?

Ela o olhou com uma expressão feliz:

— Eu não ousava!

Subiu agilmente a escada, atirou a capa de pele, descobrindo um busto modelado em seda preta. Estendeu a Henri um copo grande, dentro do qual o gelo tilintava alegremente.

— Ao seu sucesso! — disse ele.

Ela bateu vivamente na madeira da mesa:

— Não diga isso! Meu Deus! Como seria terrível, se eu me saísse mal!

— Vai sair-se bem! — repetiu ele.

— Eu falho em tudo! — retrucou, dando de ombros.

— Isso me deixa surpreso! — contraveio Henri, sorrindo.

— É assim. — Ela hesitou: — Eu não deveria dizer-lhe, mas é você que vai perder a confiança. Fui ver uma cartomante hoje à tarde. Anunciou-me que eu estava indo ao encontro de uma grave decepção.

— As cartomantes sempre exageram — disse Henri, firmemente. — Por acaso você não encomendou um vestido novo?

— Sim, para segunda-feira.

— Pois bem, o vestido não ficará pronto. Essa é a decepção que a espera.

— Oh! Mas isso seria terrível! Que vestirei para o jantar?

— Uma decepção... é sempre, de qualquer modo, uma decepção — disse ele, rindo. — Mesmo assim, você será a mais bela, segunda-feira e sempre — acrescentou ele —; e isso de vestido é menos grave do que representar mal, não é?

— Você tem um modo tão gentil de arranjar as coisas! — exclamou Josette. — Pena que não possa roubar ao bom Deus o lugar dele.

Ela estava muito perto dele. Seria somente a gratidão que lhe intumescia a boca, que lhe velava os olhos?

— Eu é que não lhe cederia o meu! — disse ele, tomando-a nos braços.

Quando Henri abriu os olhos, notou na penumbra uma parede estofada de verde pálido, e a alegria desse novo dia lhe saltava para dentro do coração. Reclamava prazeres vivos e fortes: água fria, escovão de crina. Ele deixou a cama sem acordar Josette e, quando saiu do banheiro, lavado, vestido e com fome, ela ainda dormia. Atravessou o quarto na ponta dos pés e inclinou-se sobre ela. Jazia enrolada na sua umidade, no seu odor, com seus cabelos radiantes caídos sobre os olhos. Ele então se sentiu maravilhosamente feliz de ter essa mulher e de ser um homem. Ela abriu um olho, só um, como se tentasse reter o sono com o outro.

— Já está de pé?

— Sim. Vou tomar um café no barzinho da esquina e já volto.

— Não! — disse ela. — Não! Faço-lhe chá.

Ela esfregava os olhos entorpecidos, saía das cobertas, toda quente na sua camisola macia. Ele a tomou nos braços.

— Você está parecendo um pequeno fauno.

— Uma fauna.

— Um pequeno fauno.

Ela aproximou a boca com ar encantador. Uma princesa persa, uma pequena índia, uma raposa, uma planta, um belo ramo de glicínias... Dava sempre prazer às mulheres dizer-lhes que se pareciam com alguma coisa: com outra coisa.

— Meu pequeno fauno — repetiu ele, beijando-a levemente. Ela enfiou o roupão, as sandálias, e ele a seguiu até a cozinha. O céu brilhava, o ladrilho branco soltava faíscas, Josette se ocupava, com gestos hesitantes.

— Leite ou limão?

— Um pouco de leite.

Ela havia posto a bandeja de chá no pequeno salão cor de pele, e ele olhava com curiosidade as mesinhas, os pufes com babados. Por que Josette, que se vestia tão bem, e cuja voz, cujos gestos eram tão harmoniosos, morava nessa feia decoração de cinema?

— Foi você que decorou este apartamento?

— Mamãe e eu.

Ela o olhou com inquietação, e ele disse, bem depressa:

— É muito bonito.

Quando teria deixado de morar na casa da mãe? E por quê? Por quem? Henri tinha vontade de fazer-lhe uma porção de perguntas, repentinamente. Havia atrás dela toda uma existência, e cada dia foi vivido um a um, cada hora, cada noite, tinha sido vivida uma a uma. Ele ignorava tudo a respeito. Não era esse o momento de submetê-la a um interrogatório, mas ele se sentia pouco à vontade em meio a todos aqueles bibelôs mal escolhidos, aquelas invisíveis recordações.

— Sabe o que deveríamos fazer, ambos? Passear: a manhã está muito linda.

— Passear? Onde?

— Pelas ruas.

— Você quer dizer... A pé?

— Sim. Andar a pé pelas ruas.

Ela parecia desconcertada.

— Neste caso, preciso vestir-me?

— Seria preferível — disse ele, rindo. — Mas não precisa fantasiar-se de dama.

— Que vou vestir?

Como a gente se veste, para um passeio a pé, pelas ruas, às nove horas da manhã? Ela abria os armários, as gavetas, pegava echarpes e blusas. Enfiou uma longa meia de seda e Henri encontrou, na palma da mão, a memória daquela seda intumescida de carne, que requeimava.

— Assim está bem?

— Você está encantadora.

Ela exibia um pequeno *tailleur* escuro, uma echarpe verde, e tinha erguido os cabelos: estava encantadora.

— Não acha que fico mais gorda com este *tailleur*?

— Não.

Josette se mirava ao espelho, com ar preocupado. Que via ela? Ser mulher, ser bonita... Como é que a gente sente isso lá por dentro? Como é que a gente sente essa carícia de seda ao longo das coxas, e contra o calor do ventre a carícia do cetim brilhante? Ele se perguntou: “Como será que ela recorda a nossa noite? Teria dito outros nomes, com sua voz noturna? Quais? Pierre, Victor, Jacques? E que significa para ela o nome Henri?” Ele apontou seu romance, posto em destaque sobre uma mesinha.

— Você o leu?

— Olhei-o. — Ela hesitou: — Tolice, não sei ler.

— Aborrece-a?

— Não. Mas quando leio penso imediatamente em outra coisa. Uma palavra me leva a isso.

— E aonde você vai? Quero dizer: em que você pensa?

— Oh! É vago. Tudo vago, quando se devaneia.

— Pensa em lugares, em pessoas?

— Em nada: divago.

Ele a tomou nos braços e perguntou-lhe sorrindo:

— Você já esteve apaixonada muitas vezes?

— Eu? — Ela encolheu os ombros: — Por quem?

— Muita gente se apaixonou por você: é tão linda!

— Ser linda é humilhante — disse ela, desviando o rosto.

Ele afrouxou o abraço. Não sabia bem por que Josette lhe inspirava tanta compaixão. Ela vivia luxuosamente, não trabalhava, tinha mãos de senhorita. E, na sua presença, ele se derretia de piedade.

— É esquisito estar na rua tão cedo — disse ela, erguendo para o céu um rosto pintado.

— É esquisito estar aqui, com você — disse Henri, apertando-lhe o braço. Ele aspirava contentemente o ar de fora. Tudo, nessa manhã, parecia novo. A primavera era nova; apenas se esboçava, mas já se sentia no ar uma tépida cumplicidade. A Place des Abbesses cheirava a repolho e a peixe, mulheres de roupão examinavam, desconfiadas, os primeiros legumes. Seu cabelos engordurados de sono tinham cores inéditas que não revelavam nem natureza, nem arte.

— Olhe aquela velha fada — disse ele, indicando uma anciã coberta de pinturas e de adereços, a cabeça encimada por um grande chapéu imundo.

— Oh! Conheça-a — disse Josette, que não sorria. — Um dia serei assim talvez.

— Para mim seria uma surpresa. — Ambos desceram alguns degraus em silêncio. Josette tropeçava, com seus saltos muito altos.

— Qual é a sua idade? — perguntou Henri.

— Vinte e um anos.

— Quero saber a sua idade verdadeira.

Ela hesitou:

— Vinte e seis. Não diga a mamãe, porém, que lhe contei isso — acrescentou, com terror.

— Já está esquecido. Você aparenta ser tão jovem!

Josette suspirou:

— Porque eu me cuido. É fatigante.

— Não se fatigue! — disse Henri, ternamente; apertou-lhe o braço ainda com mais força: — Há muito tempo que deseja representar?

— Nunca desejei ser manequim. E não gosto dos senhores idosos — respondeu ela, quase inaudivelmente.

Com toda a certeza, era a mãe que lhe havia escolhido os amantes. Talvez fosse verdade que ela nunca tivesse amado. Vinte e seis anos, esses olhos, essa boca, e ignorar o amor! Isso merecia ser lastimado! “E eu? Que sou para ela? E que serei?” Eram perguntas que ele fazia a si mesmo. Em

todo caso, seu prazer daquela noite foi sincero, sincera foi aquela luz confiante nos seus olhos. Chegaram ao bulevar de Clichy, onde mal acordavam barracas de um parque de diversões. Dois meninos giravam num pequeno carrossel. Montanhas-russas dormiam sob um toldo.

— Sabe jogar bilhar japonês?

— Não.

Ela se plantou docilmente ao lado dele, diante de umas bandejas furadas.

— Não gosta de parque de diversões? — ele perguntou.

— Nunca estive num.

— Nunca subiu numa montanha-russa, nem entrou num trem fantasma?

— Não. Quando pequena, éramos pobres. Depois, mamãe me pôs em um internato. Quando saí, já era adulta.

— Que idade tinha?

— Dezesseis anos.

Ela atirava com aplicação as bolas de madeira, visando encaixá-las em aberturas redondas:

— É difícil.

— Não, olhe: Você quase ganhou. — Ele lhe retomou o braço: — Uma noite dessas montaremos em cavalos de pau.

— Você? Você monta em cavalos de pau? — perguntou Josette, com uma expressão de incredulidade.

— Não quando estou só, é claro.

De novo ela tropeçou, sobre a rua íngreme.

— Está cansada?

— Meus sapatos me machucam.

— Vamos entrar aqui — disse Henri, empurrando ao acaso a porta de um café. Era um bar pequeníssimo, de mesas cobertas com toalhas impermeáveis.

— Que vai tomar?

— Vichy.

— Por que sempre Vichy?

— Por causa do fígado — explicou, com ar triste.

— Vichy e vinho tinto — pediu Henri; mostrou um letreiro fixado à parede: — Olhe!

Com sua voz morosa e profunda, Josette leu:

— “Combata o alcoolismo, bebendo vinho.” — Ela se pôs a rir francamente. — É engraçado! Você conhece lugares engraçados.

— Nunca vim aqui. Mas, você sabe, quando a gente passeia, descobre uma porção de coisas. Você não passeia?

— Não tenho tempo.

— Que é que você faz?

— Há sempre tanto que fazer! Os cursos de dicção, as compras, o cabeleireiro... Não imagina o tempo que se gasta no cabeleireiro! Depois, os chás, os coquetéis.

— Isso tudo a diverte?

— Você conhece pessoas que se divertem?

— Conheço pessoas contentes com a própria vida. Por exemplo: eu.

Ela nada disse. Henri a enlaçou docemente.

— Que seria necessário para que você ficasse contente?

— Não precisar mais de mamãe e viver segura de que nunca voltarei a ser pobre — respondeu Josette, de pronto.

— Seus desejos serão realizados. E, assim sendo, que fará?

— Ficarei contente.

— Mas que fará? Viajará? Sairá?

Ela fez um movimento de ombros, significativo de incerteza:

— Não pensei nisso.

Tirou da bolsa um estojo dourado e corrigiu as linhas da boca.

— Preciso ir. Tenho que experimentar um vestido no *atelier* de mamãe.

— Olhou para Henri com inquietação: — Você acredita mesmo que meu vestido não vai ficar pronto?

— Não — respondeu ele, rindo. — Acredito que a cartomante se enganou completamente: isso acontece com essa gente, você sabe. É bonito o vestido?

— Vai vê-lo na segunda-feira. — Josette suspirou: — Será preciso que eu me exhiba um pouco, para minha publicidade. Por isso, devo vestir-me.

— Não a entedia, isso de se vestir?

— Se soubesse como cansa experimentar vestidos! Depois, fico o dia todo com dor de cabeça.

Levantaram-se e subiram até o ponto de táxis.

— Eu acompanho você.

— Não se incomode.

— O prazer é meu — disse ele, com ternura.

— Você é gentil.

Ia-lhe direto ao coração quando ela lhe dizia, com aquela voz e aqueles olhos: “Você é gentil.” No táxi, ele instalou sobre o ombro a cabeça de Josette, perguntando-se: “Que posso fazer por ela?” Ajudá-la a tornar-se uma atriz, sim. Ela, porém, não gostava especialmente do teatro, isso não preenchia o vazio que sentia em si. E se fracassasse? Não estava satisfeita com a austera futilidade de sua vida; mas em que interessá-la? Tentar falar-lhe, abrir-lhe o espírito... Não iria ele, contudo, levá-la a passear nos museus, arrastá-la a concertos, emprestar-lhe livros, expor-lhe o mundo. Beijou-lhe docemente os cabelos. Seria preciso amá-la: é sempre a isso que a gente volta, tratando-se de mulheres. Todas precisariam ser amadas, e com um amor exclusivo.

— Até a noite — disse ela.

— Sim. Irei esperá-la no nosso barzinho.

Ela lhe pressionou suavemente a mão, e ele soube, assim, o que ambos pensavam: até a noite, em nossa cama. Quando ela desapareceu dentro do solene edifício, ele se pôs a descer a pé, na direção do Sena. Onze e meia, “Chegarei adiantado”, pensou, “à casa de Paule, o que lhe agradará.” Nessa manhã, tinha vontade de agradar a todo mundo. “Entretanto”, pensou de novo, e agora com alguma ansiedade, “devo falar-lhe.” Depois de ter tido Josette nos braços, não podia mais suportar a ideia de passar noites com Paule. “Talvez ela não ligue”, disse a si mesmo, com esperança, “bem sabe que não a quero mais.” Paule evitara reconhecer-se na triste heroína do romance. Todavia, tinha mudado, depois da leitura. Nunca mais promoveu cenas e impediu-se de protestar, ao ver Henri transportando, pouco a pouco, para o quarto de hotel, papéis, roupas. Ele dormia lá frequentemente. Quem sabe se ela não aceitaria, como uma espécie de alívio, o fato de ter com ele uma amizade pacífica? O céu de primavera estava tão radiante, que parecia possível viver sinceramente, sem fazer ninguém sofrer. À esquina da rua, Henri se deteve, hesitando diante de uma vendedora de flores: estava tentado a levar a Paule, como antigamente, um grande buquê de violetas claras. Mas teve medo da reação dela à surpresa. “Uma garrafa de bom vinho é coisa menos comprometedora”, decidiu, entrando na mercearia vizinha. Estava feliz, ao subir a escada. Tinha sede e fome, já sentia na boca o gosto forte do velho

vinho Bordeaux. Apertava a garrafa contra o peito, como se ela resumisse toda a amizade que queria oferecer a Paule.

Sem bater, mansamente, como outrora, pôs a chave na fechadura e empurrou a porta. Ela nada ouviu. Estava ajoelhada sobre o tapete repleto de papéis velhos. Ele reconheceu suas cartas. Paule tinha nas mãos uma fotografia dele, e olhava-a com um semblante que Henri nunca lhe havia notado. Não chorava. E compreendia-se, em face de seus olhos secos, que em todas as lágrimas resta uma esperança. Ela encarava seu destino face a face, dele não esperava mais nada e ainda se resignava. Estava tão só, diante da figura inerte, que Henri se sentiu fora de si. Fechou a porta, sem poder defender-se contra uma irritação que lhe paralisava a piedade. Quando bateu, seguiu-se um ruído inquieto de seda amassada e de papel. Depois disso, e com uma voz insegura, ela disse:

— Entre.

— Que é que você estava fazendo?

— Relia cartas velhas. Não o esperava tão cedo.

Ela havia atirado os papéis sobre a ampla poltrona e escondido a fotografia. O rosto estava calmo, porém triste. Ele devia lembrar-se de que nunca mais ela fora alegre. Pôs sobre a mesa a garrafa, aborrecido.

— Você faria melhor não se enterrando no passado e vivendo um pouco mais no presente — disse ele.

— Oh! Você sabe, o presente... — Lançou para a mesa um olhar cego: — Não está posta.

— Quer que a leve ao restaurante?

— Não! Não! Não demoro mais que um minuto.

Ela se dirigiu para a cozinha, e ele estendeu a mão para as cartas.

— Deixe-as — disse ela, com violência.

Agarrou as cartas, atirou-as dentro de um armário. Ele deu de ombros. Em certo sentido, Paule tinha razão, pois todas as suas antigas palavras escritas se haviam transformado em mentiras. Silenciosamente, ele a olhou arrumar a mesa: não seria fácil falar-lhe em amizade.

Sentaram-se um diante do outro, tendo à frente pratinhos com entradas. Henri abriu a garrafa.

— Você gosta de Bordeaux tinto, não é? — perguntou-lhe, pondo solicitude na voz.

— Sim — respondeu ela, com indiferença.

Certamente, o dia, para ela, não era de festa. Pretender celebrar com Paule seus novos amores era o cúmulo da cegueira e do egoísmo. Mas, ao se recriminar, Henri sentia um furtivo rancor à flor da pele.

— Você deveria sair um pouco — disse ele.

— Sair? — perguntou ela, com o ar de quem cai das nuvens.

— Sim, pôr o nariz para fora, ver gente.

— Para quê?

— E que lhe adianta ficar enterrada neste buraco o dia todo?

— Gosto dele, deste buraco — respondeu ela, com um sorriso triste. — Não me entedio.

— Você não pode continuar assim, durante toda a sua existência. Não quer mais cantar, vá lá, é assunto encerrado. Mas, então, trate de achar outra coisa para fazer.

— Que coisa?

— Vamos procurar.

Ela abanou a cabeça.

— Tenho 37 anos e não sei nenhum ofício. Posso fazer-me catadora de lixo. E então?

— Um ofício se aprende. Nada a impede de aprender.

Ela olhou para Henri com inquietação:

— Você quer que eu ganhe a vida sozinha?

— Não é uma questão de dinheiro! — respondeu ele, vivamente. — Quero que se interesse por coisas, que se ocupe.

— Interesse-me por nós.

— Não basta.

— Há dez anos que me basta.

Ele juntou toda a sua coragem.

— Ouça, Paule, você bem sabe que as coisas mudaram entre nós. A ninguém adianta querer enganar-se. Tivemos um amor grande e belo. Confessemos-nos que ele se está transformando em amizade. Isto não significa que nos vejamos menos frequentemente, não — acrescentou Henri, atencioso —, mas é preciso que você recupere a independência.

Ela o encarava fixamente.

— Jamais terei amizade por você. — Um pequeno sorriso lhe aflorou aos lábios: — Nem você por mim.

— Mas sim, Paule...

— Veja, hoje de manhã você não pôde esperar a hora fixada — interrompeu ela. — Chegou vinte minutos adiantado e bateu à porta tão febrilmente! Chama a isso amizade?

— Você se engana.

Retomava-o a raiva, em face da teimosia dela. Ele se recordava, porém, da desolação que havia surpreendido naquele rosto, e as palavras hostis lhe morriam na garganta. Concluíram em silêncio a refeição. O semblante de Paule impedia qualquer conversa. Ao deixar a mesa, ela lhe perguntou, com voz neutra:

— Vem esta noite aqui?

— Não.

— Você não vem mais com frequência. — Ela sorriu tristemente: — Isto faz parte do seu novo plano de amizade?

Ele hesitou:

— Aconteceu assim.

Paule o encarou durante um longo instante e com intensidade. Disse a seguir, lentamente:

— Já lhe declarei que no momento eu o amo com toda a generosidade e dentro de um respeito absoluto pela sua liberdade. Equivale a dizer que não lhe peço conta alguma. Pode dormir com outras mulheres, calar para mim o acontecido, sem se sentir culpado em relação à minha pessoa. Sou cada vez mais indiferente ao que há de cotidiano e de banal em sua vida.

— Mas eu nada tenho a ocultar-lhe — disse ele, embaraçado.

— O que quero dizer-lhe — prosseguiu Paule, gravemente — é que você não precisa ter escrúpulos. Aconteça o que acontecer, pode voltar a dormir aqui, sem se julgar indigno de nós. Esperei por você esta noite.

“Tanto pior!”, pensou ele. “Ela o quis!” E disse em voz alta:

— Ouça, Paule, vou falar-lhe francamente: acho que não devemos mais passar noites juntos. Você, que é tão apegada ao nosso passado, bem sabe que belas noites foram as que tivemos outrora! Não lhes estraguemos a lembrança. Entre nós já não há mais desejo bastante, agora.

— Você não tem mais desejo por mim? — perguntou Paule, com incredulidade na voz.

— Não o suficiente — respondeu ele. — Nem você por mim — acrescentou. — Não me diga o contrário. Eu também tenho memória.

— Mas está enganado. Engana-se terrivelmente! É um horrível mal-entendido! Eu não mudei!

Henri sabia que ela estava mentindo. Mas sem dúvida a si mesma tanto quanto a ele:

— Em todo caso, eu mudei — disse docemente. — Com a mulher talvez não seja assim, mas é impossível que um homem deseje indefinidamente o mesmo corpo. Você é tão bonita como antes, mas tornou-se muito familiar para mim.

Procurou ansiosamente o rosto de Paule, tentou sorrir-lhe. Ela não chorava: parecia paralisada de horror. E murmurou com esforço:

— Não dormirá mais aqui? É isso o que me está dizendo?

— Sim; não fará, porém, tanta diferença...

Ela o interrompeu com um gesto. Não aceitava nada senão as mentiras que forjava. Era tão difícil dourar aos seus olhos a verdade como impô-la.

— Retire-se — disse ela, sem raiva. — Retire-se — repetiu —, preciso ficar só.

— Deixe-me explicar...

— Faça o favor! Retire-se.

Ele se levantou:

— Como quiser. Mas voltarei amanhã, e conversaremos.

Paule não respondeu. Ele fechou a porta atrás de si e ficou um momento no patamar, na expectativa de um barulho de soluço, de queda, de gesto. Mas reinava silêncio. Ao descer a escada, ia pensando nesses cães aos quais se cortam as cordas vocais, antes de serem submetidos às torturas da vivissecção: nenhum sinal de seu sofrimento no mundo. Seria menos intolerável ouvi-los gritar!

Não conversaram no dia seguinte, nem nos subsequentes; Paule fingia haver esquecido a conversa que tiveram, e Henri não fazia questão de tornar ao assunto. “Preciso falar-lhe de Josette”, pensava ele, “mas não imediatamente.” Passava todas as noites no quarto verde-pálido. Eram noites muito apaixonadas, mas, de manhã, quando se levantava, Josette nunca tentava retê-lo. No dia da assinatura do contrato, combinaram ficar juntos até o fim da tarde: aconteceu que, desde duas horas, ela já o havia deixado, a fim de ir ao cabeleireiro. Discrição de sua parte? Indiferença? Não é fácil julgar os sentimentos de uma mulher privilegiada de seu corpo e que não tem outra coisa a dar. “E eu? Vou afeiçoar-me a ela?”, perguntou

Henri a si mesmo, observando distraidamente as vitrinas do bairro de Saint-Honoré. Sentia-se um pouco desamparado. Era cedo demais para ir ao jornal. Decidiu passar pelo bar Rouge. Antigamente, era lá que ele ia, sempre que tinha um momento disponível. Fazia meses que não punha os pés ali, porém nada havia mudado. Vincent, Lachaume, Sézenac achavam-se sentados à mesa habitual. Este último parecia, mesmo, estar dormindo.

— Prazer em vê-lo — disse Lachaume, sorrindo amplamente. — Você desertou deste bairro?

— Mais ou menos. — Henri sentou-se e pediu um café: — Também tinha vontade de vê-lo, mas não apenas por prazer — disse, com um ligeiro sorriso —, senão para dar-lhe a conhecer meu modo de pensar: foi lamentável a publicação, no mês passado, daquele artigo sobre Dubreuilh.

A fisionomia de Lachaume se contraiu.

— Sim, Vincent me disse que você não estava de acordo. Mas, que quer? Muitas coisas ditas por Ficot são verdadeiras, não?

— Não! O conjunto do retrato é tão falso, que nenhum detalhe deixa de o ser. Dubreuilh, um inimigo da classe operária! Vamos! Vamos! Não se recorda? Há um ano, a esta mesma mesa, você me falava no dever de trabalharmos ombro a ombro: Você, seus companheiros, Dubreuilh e eu. E publica aquela imundície!

Lachaume olhou-o com ar de reprovação:

— *L'Enclume* nunca publicou coisa alguma contra você.

— Isso virá! — disse Henri.

— Bem sabe que não.

— Por que atacar Dubreuilh daquela maneira e naquele momento? — perguntou Henri. — Suas outras publicações foram quase polidas com ele. E, depois, de repente, sem razão, a propósito de artigos que não tinham, aliás, caráter político, vocês se metem a insultá-lo, grosseiramente!

Lachaume hesitou:

— De acordo — disse. — O momento foi mal-escolhido e reconheço que Ficot foi um pouco forte. Mas é preciso compreender! Ele nos chateia, esse velho, com seu humanismo medíocre. No plano político, o SRL não incomoda muito. Dubreuilh, porém, como teórico, é de uma verborragia banal e pode influenciar os jovens. E que é que lhes propõe? Conciliar o marxismo com os velhos valores burgueses! Confesse que não é disso que temos necessidade, hoje! Trata-se é de liquidar os valores burgueses.

— Dubreuilh defende outra coisa, não os valores burgueses — disse Henri.

— É o que ele diz. Mas nisso está, justamente, a enganação.

Henri encolheu os ombros:

— Não estou de acordo. De qualquer modo, porém, por que não foi dito o que você me diz aí, em vez de terem apresentado Dubreuilh como um cão de guarda da burguesia?

— Para que a gente se fazer compreender, é obrigado a simplificar — disse Lachaume.

— Pare com isso! *L'Enclume* se dirige a intelectuais, que teriam compreendido perfeitamente — replicou Henri, com irritação.

— Ah! Não fui eu quem escreveu aquele artigo — disse Lachaume.

— Mas você o aceitou.

A voz de Lachaume modificou-se:

— Acredita que faço o que quero? Acabo de dizer-lhe que achei o momento mal-escolhido e que, na minha opinião, Ficot se mostrou muito forte. Penso que se deveria discutir com um tipo como Dubreuilh, em vez de insultá-lo. Se fosse nossa a revista, minha e de meus companheiros, era isso o que se faria.

— Uma revista em que você se teria expressado com toda a liberdade — disse Henri, sorrindo. — Não se pensa mais nisso?

— Não.

Houve um pequeno silêncio. Depois, Henri encarou Lachaume:

— Sei o que é uma disciplina. Mas, mesmo assim, não o incomoda o fato de permanecer em *L'Enclume*, quando está em desacordo?

— Penso que é preferível que seja eu quem permaneça lá a um outro — disse Lachaume. — E lá permanecerei, enquanto me deixarem permanecer.

— Acha que não vão deixar que permaneça?

— Você sabe, o PC não é o SRL. Quando duas tendências se defrontam, os vencidos tornam-se facilmente suspeitos.

Havia tanta amargura na voz de Lachaume que Henri perguntou:

— Diga-me, você, que tanto me exortava a entrar para o PC, será você quem vai, talvez, sair dele?

— Há os que esperam isso, e eu os conheço. Formam um bonito saco de gatos os intelectuais do partido! — Lachaume abanou a cabeça: — Não

importa. Não sairei nunca. Houve momentos em que tive muita vontade de sair — acrescentou. — Ninguém é santo. Mas a gente aprende a engolir...

— Tenho a impressão de que nunca aprenderei — disse Henri.

— Você diz isso. Mas, se estivesse convencido de que, no conjunto, é o partido que detém o melhor bocado, haveria de pensar que suas historietas pessoais pesam pouco ao lado das coisas que estão em jogo. Você compreende — prosseguiu ele, com animação —, existe algo de que estou certo: só os comunistas fazem um trabalho útil. Sendo assim, despreze-me, se quiser: mas prefiro engolir tudo a ir-me embora.

— Oh! Compreendo-o — disse Henri. Pensou: “Quem é verdadeiramente íntegro? Aderi ao SRL, porque aprovo a sua linha, mas dou de ombros ao fato de que sua atuação muito provavelmente redundará em fracasso. Lachaume visa à eficiência e aceita métodos que desaprova. Ninguém está presente de corpo inteiro em cada um de seus atos: a própria ação o impede.”

Henri se levantou:

— Vou ao jornal.

— Eu também — disse Vincent.

Sézenac ergueu-se de sua cadeira:

— Acompanho vocês.

— Não, preciso falar com Perron — pediu Vincent, num tom desenvolto.

Quando empurravam a porta do bar, Henri perguntou:

— Que é que ele faz, o Sézenac?

— Não faz grande coisa. Diz que está traduzindo, mas ninguém sabe o quê. Mora em casa de amigos e come o que lhe dão. Neste momento, está dormindo em minha casa.

— Fique atento.

— A quê?

— Os viciados são perigosos, vendem pai e mãe.

— Não sou louco — disse Vincent. — Ele nunca soube nada a respeito de nada. Agrada-me — acrescentou. — Mas, com ele, nada de compromisso: é o desespero em estado puro.

Desceram a rua em silêncio e Henri perguntou:

— Você precisa, realmente, falar comigo?

— Sim. — Vincent procurou o olhar de Henri: — É verdade essa história que andam contando, a respeito de sua peça? Que ela será representada em

outubro no Studio 46 e que a estrela será a pequena Belhomme?

— Assino hoje à noite o contrato com Vernon. Mas por que você me pergunta?

— Você decerto não sabe que a velha Belhomme teve a cabeça raspada, e não sem razão. Possui um castelo na Normandia, onde recebeu muitos oficiais alemães; ela dormia com eles e a menina também, ao que tudo indica.

— Por que vem me contar esses mexericos? — perguntou Henri. — Desde quando você se comporta como espião? E pensa que aprecio mexericos?

— Não são mexericos. Existe um dossiê, que foi visto por amigos meus: cartas, fotografias, que um rapaz se ocupou de recolher, pensando que um dia poderia lhe servir.

— Você o viu? Você?

— Não.

— É claro. De qualquer maneira, mando isso às favas — disse Henri, com indignação. — Não me diz respeito.

— Impedir os salafrários de retomarem a direção do país, evitar comprometer-se com eles, isso nos diz respeito a todos.

— Vá recitar seu sermão em outro lugar.

— Ouça, não se zangue — disse Vincent. — Queria preveni-lo de que a Belhomme não está sendo visada, está sob vigilância, e seria desagradável que você tivesse complicações por causa disso.

— Não se preocupe por mim.

— Está bem — disse Vincent. — Queria que ficasse prevenido, é tudo.

Concluíram o trajeto em silêncio; havia uma voz instalada no peito de Henri e que repetia, sem tréguas: “A menina também.” A tarde toda ele repetiu o refrão. Josette quase confessara que sua mãe, mais de uma vez, a havia vendido; e, aliás, tudo o que Henri esperava dela eram algumas noites, talvez mais algumas noites. Entretanto, ao longo do interminável jantar, enquanto ele a observava sorrindo a Vernon com uma complacência adormecida, experimentava até a angústia o desejo de se rever a sós com ela e de interrogá-la.

— Agora o senhor está contente, contrato assinado! — disse Lucie.

Vestido e joias colavam-lhe à pele tão naturalmente como os cabelos. Parecia que nascera, que dormia, que morria com um vestido da marca

Amaryllis. Uma mecha dourada ondulava em meio aos seus cabelos pretos, e Henri contemplava-a fascinado: que cara teria tido ela, sob uma cabeça raspada?

— Estou muito contente.

— Dudule lhe dirá que se pode ficar tranquilo, quando ponho a mão em um negócio.

— Oh! É uma mulher extraordinária — disse calmamente Dudule.

Claudie havia assegurado a Henri que Dudule, o amante titular, era um homem muito direito. Tinha, de fato, sob seus cabelos prateados, esse semblante repousado e correto, que só se encontra entre os velhacos de envergadura: os que são ricos o bastante para comprar a própria consciência. Aliás, talvez ele fosse correto, de acordo com o seu próprio código.

— Diga a Paule que foi horrível ela não ter vindo! — disse Lucie. — Ela estava realmente muito cansada — justificou Henri.

Ele se inclinou diante de Josette para despedir-se. Todas as mulheres estavam vestidas de preto, com joias rutilantes. E ela, também de preto, parecia esmagada sob a massa de seus cabelos. Estendeu a mão a Henri sorrindo, com uma polidez estudada. Durante a noite toda, nem por um piscar de olhos ela desmentiu sua aparente indiferença. Ser-lhe-ia tão fácil a hipocrisia? Ela era tão simples, tão fraca, tão inocente, de noite, na sua nudez! Numa perturbação mista de ternura, de piedade, de horror, Henri se perguntava se haveria também fotografias dela no dossiê.

Fazia alguns dias que os táxis rodavam de novo, livremente. Três deles estacionavam na Place de la Muette, um dos quais Henri tomou para subir até Montmartre. Acabava, precisamente, de pedir um uísque, quando Josette se deixou cair a seu lado, numa funda poltrona.

— Vernon foi gentil — disse ela —; depois, é um pederasta e, assim, tenho sorte, pois não me amolará.

— O que você faz quando os indivíduos a amolam?

— Depende. Às vezes, é delicado...

— Os alemães não a amolaram demais, durante a guerra? — disse Henri, esforçando-se por manter um tom natural.

— Os alemães? — Ela corou, como uma vez ele já a tinha visto corar, desde o início dos seios até a raiz dos cabelos. E perguntou: — Por que me diz isso? Que foi que lhe contaram?

— Que sua mãe recebeu alemães em seu castelo da Normandia.

— O castelo foi ocupado; mas não foi por culpa nossa. Sei. As pessoas da aldeia fizeram circular boatos vis, porque detestam mamãe: ela lhes dava motivos, aliás, porque não é gentil. Mas nada fez de mal, sempre manteve os alemães a distância.

Henri sorriu:

— Além de que, se isto se tivesse passado de outro modo, você não me diria.

— Oh! Por que fala assim? — perguntou ela. Olhava-o com expressão trágica. Um vapor úmido velava-lhe os olhos. Henri ficou um pouco amedrontado com o poder que ele exercia sobre o seu lindo rosto.

— Sua mãe tinha uma casa de modas que precisava progredir, e os escrúpulos para ela não são impedimentos. Poderia ter-se servido de você.

— Que é que você está pensando? — perguntou ela aterrorizada.

— Suponho que tenha sido imprudente e saído, por exemplo, com oficiais.

— Mostrava-me polida e nada mais. Dirigia-lhes a palavra e, algumas vezes, trouxeram-me de carro, da aldeia até minha casa. — Josette encolheu os ombros: — Nada tinha contra eles, você sabe, eram muito corretos. Eu era jovem, não compreendia coisa alguma dessa guerra. Só tinha vontade de que tudo terminasse. Era só — Josette acrescentou, muito depressa. — Sei, agora, o quanto se mostraram horríveis, com seus campos de concentração e tudo...

— Você não sabe grande coisa. Isso, porém, não importa — disse Henri ternamente. “Em 1943, ela não era tão jovem. Então, Nadine não tinha mais do que dezessete anos. Todavia, não era possível compará-las. Josette fora mal-educada, deficientemente amada, ninguém lhe havia explicado nada. Ela sorria com muita amabilidade aos oficiais alemães, ao encontrá-los nas ruas da aldeia, e entrou-lhes no carro: foi o que bastou para escandalizar a população, tardiamente. Teria havido mais do que isso? Estaria ela mentindo? Como saber, se era tão franca e tão hipócrita? E com que direito?”, pensou ele, cheio de repentino desgosto. Envergonhava-se de se haver atribuído o papel de policial.

— Acredita em mim? — perguntou ela, timidamente.

— Acredito — respondeu, atraindo-a para si. — Não falemos mais nisso tudo. Não falemos mais em coisa alguma. Vamos para sua casa. Vamos

depressa.

* * *

O processo do velho Lambert foi aberto em Lille, no fim do mês de maio. A intervenção de seu filho foi de grande valia, certamente, e ele teria trabalhado pesadas influências. Resultado: absolvição. “Tanto melhor para Lambert”, pensou Henri, ao tomar conhecimento do veredicto. Quatro dias depois, Lambert trabalhava no jornal, quando lhe telefonaram de Lille: seu pai, que devia chegar a Paris pelo rápido da noite, caíra do trem, pela portinhola; seu estado era muito grave. De fato, soube-se uma hora mais tarde que ele tinha morrido instantaneamente. Lambert montou em sua motocicleta sem quase articular um som e, quando voltou a Paris, depois do sepultamento, deixou-se ficar encerrado em casa, sem dar sinal de vida.

“Preciso vê-lo, irei vê-lo esta tarde”, disse a si mesmo Henri, depois de alguns dias de silêncio; em vão tentara telefonar, Lambert havia desligado o telefone. “Acontecimento chato”, dizia e repetia Henri, olhando sem convicção os papéis expostos sobre sua mesa. Este homem simples era velho, não muito simpático, e Lambert tinha por ele mais piedade do que afeição; entretanto, Henri não conseguia encarar esta história com indiferença. Esquisito capricho do destino: o veredicto, depois o acidente. Tentou repor sua atenção sobre as folhas datilografadas.

“Meio-dia; Josette vai chegar, sem que eu tenha examinado este dossiê”, pensou ele, com remorso. Caraganda, Tzardskuy, Uzbek: não chegavam a animar estes nomes bárbaros, estas cifras. Entretanto, seria desejável que conhecesse tais papéis, antes da reunião da tarde. Na verdade, se não conseguia interessar-se pelo assunto é porque eles não lhe inspiravam crédito. Que confiança atribuir a um documento entregue por Scriassine? Existia esse misterioso funcionário soviético, evadido do inferno vermelho expressamente para divulgar tais informações? Samazelle dizia que sim, afirmava mesmo tê-lo identificado. Mas Henri se mantinha cético. Virou a página.

— Cuco.

Era Josette, envolta num mantô branco. Seus cabelos magníficos caíam-lhe sobre os ombros. Antes mesmo que ela fechasse a porta, Henri se levantou e a tomou nos braços. Geralmente, a partir do primeiro beijo ele

se trancava num mundo em miniatura, em meio a brinquedinhos sem valor. Hoje, a metamorfose era um pouco mais difícil do que de costume, as preocupações lhe permaneciam coladas à pele.

— Então é aqui que você mora? — perguntou ela, expansivamente. — Compreendo que não me haja convidado nunca: é simplesmente lastimável! E onde põe os seus livros?

— Não tenho livros. Quando leio um, empresto-o a amigos, que não me devolvem.

— Pensava que um escritor vivesse sempre entre paredes atapetadas de livros. — Ela o olhava com um ar de dúvida: — Tem certeza de que é um escritor de verdade?

Ele se pôs a rir:

— Em todo caso, escrevo.

— Você estava trabalhando? Será que cheguei muito cedo? — perguntou ela, sentando-se.

— Conceda-me cinco minutos e depois estarei às suas ordens. Quer olhar os jornais?

Ela fez uma pequena careta.

— Há notas policiais?

— Pensei que lesse artigos políticos — disse ele, censurando-a. — Não? Isso já passou?...

— Não tenho culpa, tentei. Mas as frases desaparecem sob os meus olhos. Tenho a impressão de que nada disso me diz respeito — acrescentou ela, com uma expressão infeliz.

— Neste caso, ocupe-se com a história do enforcado de Pontoise.

Narilsk, Igarka, Absagachev. Os nomes, as cifras continuavam mortos. As frases lhe desapareciam sob os olhos, e ele também ficava com a impressão de que nada daquilo lhe dizia respeito. A coisa se passava tão longe, em um mundo tão diferente, tão difícil de ser julgado!

— Tem um cigarro? — perguntou Josette, com voz baixa.

— Tenho.

— E fósforo?

— Aí está. Por que fala tão baixo?

— Para não incomodá-lo.

Ele se levantou, rindo:

— Já terminei. Aonde a levarei para almoçar?

— Ao Iles Borromées — respondeu ela, com decisão.

— Àquela boate ultraesnobe que foi inaugurada anteontem? Não, faça o favor... Descubra outra coisa.

— Mas... já reservei nossa mesa.

— É fácil cancelar a reserva. — Ele estendeu a mão para o telefone, e ela o impediu.

— É que nos esperam.

— Quem?

Josette baixou a cabeça, enquanto ele repetia:

— Quem?

— Foi uma ideia de mamãe. É importante que eu comece imediatamente a minha publicidade. Trata-se da boate de que se vem falando. Mamãe pediu aos jornalistas que me entrevistassem com fotografia e no estilo seguinte: o autor conversando com sua intérprete...

— Não, minha querida — disse Henri. — Faça-se fotografar quando quiser, mas sem mim.

— Henri! — Os olhos de Josette estavam cheios de lágrimas; chorava com uma facilidade infantil, que o transtornava. — Mandei fazer este vestido especialmente... Estava tão contente.

— Há muitos outros restaurantes agradáveis, onde poderemos estar sossegados.

— Mas estão me esperando! — disse ela com desespero, fixando sobre ele seus grandes olhos úmidos: — Ouça, você bem pode fazer alguma coisa por mim.

— Mas, meu amor, e que você faz por mim?

— Eu? Mas eu...

— Sim, você... — disse ele, alegremente. — Mas, eu também, eu...

Ela não ria.

— Não é a mesma coisa — disse gravemente. — Sou uma mulher.

Ele ainda riu. E pensou: “Josette tem razão, tem mil vezes razão: não é a mesma coisa.”

— Você deseja esse almoço tanto assim? — perguntou Henri.

— Não compreende! É necessário para a minha carreira. A gente precisa mostrar-se e ser comentada, se quiser vencer.

— Acima de tudo, precisa fazer bem o que faz. Represente bem, e falarão em você.

— Quero ter todas as chances ao meu lado — disse Josette. O rosto tornou-se-lhe duro: — Pensa que é engraçado ter que pedir esmola a mamãe? E, quando vou às suas recepções e ela me diz, diante de toda a gente: “Por que calça tamancos?”, você pensa que isto dá prazer?

— Que tem esses seus sapatos? São muito bonitos.

— Estão bons para se almoçar no campo, mas esportivos demais para a cidade.

— Eu sempre achei tão elegante...

— Porque você não entende disso, meu querido — disse ela com tristeza. Encolheu os ombros, acrescentou: — Não sabe o que é a vida de uma mulher que não se realizou.

Henri pousou a mão sobre a sua doce mão:

— Você vai conseguir — disse. — Seremos fotografados nas Iles Borromées. — Desceram a escada e ela perguntou:

— Você tem carro?

— Não. Tomaremos um táxi.

— Por que não tem carro?

— Ainda não percebeu que não tenho dinheiro? Do contrário, pensa que não lhe daria os mais belos sapatos de Paris?

— Mas por que você não tem dinheiro? — perguntou ela, quando se instalaram no táxi. — Você é ainda mais inteligente do que mamãe e Dudule. Não gosta de dinheiro?

— Todo mundo gosta. Mas, para tê-lo de verdade, é preciso gostar dele acima de tudo.

Josette refletiu.

— Não é que eu goste do dinheiro acima de tudo, mas gosto das coisas que se compram com ele.

Ele lhe cercou os ombros com o braço.

— Pode ser que minha peça nos torne muito ricos. Então lhe compraremos coisas de que gosta.

— E você me levará a bons restaurantes?

— Algumas vezes — respondeu ele, contente.

Mas Henri se sentia pouco à vontade, à medida que penetrava no jardim florido, sob os olhares das mulheres vestidas com excesso de luxo e dos homens de rostos lustrosos. Os emaranhados de roseiras, a velha tília, a

alegria da água ensolarada, toda esta beleza venal o deixava insensível. E ele se perguntou: “Que é que eu venho fazer aqui?”

— É bonito, não é? — perguntou Josette, com ardor. — Adoro a natureza — acrescentou ela. Um grande sorriso lhe transfigurava a fisionomia resignada, e Henri sorriu também:

— Muito bonito. Que vai comer?

— Creio que vai ser um *grapefruit* e um grelhado — disse Josette, se queixando. — Por causa do peso.

Ela parecia jovem, em seu vestido verde, que descobria braços macios e fortes. No fundo, sob esses disfarces de mulher sofisticada, como ela era natural! Nada mais normal que tivesse vontade de triunfar, de se mostrar, de se vestir, de se divertir. E tinha o mérito imenso de confessar seus desejos com sinceridade, sem cuidar de saber se eram nobres ou sórdidos. Mesmo quando lhe acontecia mentir, era mais veraz do que Paule, que nunca mentia. Havia muita hipocrisia nesse código do sublime, que Paule fabricava para si. Henri imaginou a máscara altiva que ela teria oposto a esse luxo fácil, e o sorriso admirado de Dubreuilh, e o olhar assombrado de Anne. Iriam todos abanar a cabeça, desconsolados, quando aparecesse a entrevista ilustrada.

“É verdade que somos todos mais ou menos puritanos”, pensou ele. “Eu também. É porque detestamos que nos ponham em face de nossos privilégios.” Ele quis evitar esse almoço, a fim de não precisar reconhecer que podia pagá-lo. “E, todavia, no bar Rouge, com amigos, não conto o dinheiro que gasto numa noite.”

Inclinou-se para Josette:

— Está contente?

— Oh! Você é tão gentil! Não há ninguém como você.

Seria preciso estupidez para sacrificar a tabus pueris aquele sorriso. Pobre Josette! Não tinha muitas oportunidades de sorrir. Olhando-a, pensou: “As mulheres não são alegres.” Sua história com Paule acabava pifamente. Quanto a Nadine, ele não tinha sabido dar-lhe coisa alguma. Josette... Bem, seria diferente. Ela queria ser bem-sucedida: ele a faria realizar esse ideal. E sorriu amavelmente, à aproximação de dois jornalistas.

* * *

Quando, duas horas mais tarde, um táxi o deixava defronte da casa de Lambert, Nadine transpunha o portão. Ela lhe sorriu cordialmente. Julgava ter tido o melhor papel na história de ambos, era sempre muito amável com ele.

— Veja! Você também! Coisa louca o que cerca o pobre órfão.

Henri encarou-a com algum escândalo:

— Esta história não tem nada de especialmente engraçado.

— E que tem ele a perder com isso, se morreu o velho safado? — perguntou Nadine. Encolheu os ombros: — Bem sei que meu papel deveria ser o de irmã de caridade, o de consoladora e tudo: mas não posso. Estava, hoje, podre de boas resoluções; e aconteceu que Volange chegou. Dei o fora.

— Volange está lá em cima?

— Sim. Lambert o vê frequentemente — acrescentou ela, sem que Henri pudesse descobrir se havia ou não perfídia no seu tom negligente.

— Vou subir, apesar disso.

— Desejo-lhe uma boa visita.

Henri subiu a escada lentamente. Lambert via Volange frequentemente. Por que não lhe havia dito? “Tem medo de que isso me irrite?”, pensou. O fato era que o irritava. Tocou a campainha. Lambert lhe sorriu sem entusiasmo.

— Ah! É você? Gentileza...

— Que feliz acaso — disse Louis. — Faz meses que a gente não se vê!

— Meses! — Henri voltou-se para Lambert, que, com seu terno de flanela tarjado de preto do lado esquerdo, era o protótipo do órfão; um terno cuja clássica elegância teria merecido a aprovação do velho Lambert: — Você talvez não tenha muita vontade de sair estes dias — disse Henri. — Mas há uma importante reunião, hoje à tarde, em casa de Dubreuilh. *L’Espoir* tem que tomar algumas decisões. Gostaria muito que você me acompanhasse.

Na verdade, ele não precisava muito de Lambert, mas desejava arrancá-lo às suas rumações.

— Tenho a cabeça em outro lugar — disse Lambert. Atirou-se numa poltrona e acrescentou, com voz triste: — Volange está certo de que meu pai não morreu de acidente: foi assassinado.

Henri estremeceu.

— Assassinado?

— As portinholas não se abrem por si mesmas — disse Lambert. — E ele não se teria suicidado, logo após a absolvição.

— Você não se lembra do caso Molinari, entre Lião e Valence? — perguntou Louis. — Nem do caso Péral? Eles também caíram de um trem, pouco depois de serem absolvidos.

— Seu pai era idoso, era cansado — observou Henri. — A emoção do processo não lhe teria transtornado a cabeça?

Lambert fez um gesto negativo:

— Hei de saber quem foi o autor disso. Hei de saber.

As mãos de Henri se contraíram. Era isso, a suspeita, o que o lancinava, havia oito dias. “Não!”, suplicou ele para si mesmo, “Vincent não! Nem ele, nem outro qualquer!” O caso Molinari, o caso Péral eram-lhe indiferentes. E talvez até o velho Lambert tivesse sido tão salafrário quanto eles. Mas Henri imaginava exatamente aquele rosto sangrando de encontro ao cascalho, um rosto amarelo, que olhos azuis, de um azul espantado, iluminavam. Só podia ter sido acidente.

— Há bandos de matadores na França. É um fato — disse Louis. Levantou-se: — Como são horríveis esses ódios que não esquecem. — Houve um silêncio e, a seguir, ele acrescentou, com sedução na voz: — Venha jantar uma destas noites em minha casa. A gente nunca mais se vê, e isto é estúpido: tenho muitas coisas a respeito das quais gostaria de falar com você.

— Logo que eu disponha de um pouco de tempo... — disse Henri, vagamente.

Quando a porta se fechou atrás de Louis, Henri perguntou:

— Foram muito penosos esses dias em Lille?

Lambert encolheu os ombros.

— Parece que não é sinal de virilidade ficarmos abalados quando nos assassinam o pai — disse ele, com a voz carregada de rancor. — Tanto pior! Confesso que estou no chão!

— Compreendo — disse Henri. Sorriu: — Coisas de mulher essas histórias de virilidade.

Que sentimentos teria tido Lambert em relação ao pai? Não confessava a não ser o da piedade, mas deixava adivinhar o do rancor: sem dúvida, a isso se misturavam admiração, desgosto, respeito e uma ternura

desiludida. Em todo caso, esse homem teve algum peso, para ele. Henri pondo na voz o máximo de afeição, disse:

— Não continue assim no seu canto, a se roer por dentro. Faça um esforço, venha comigo. Interessará a você, que ainda por cima me prestará um favor.

— Oh! Considerando que, de qualquer forma, meu voto é seu — disse Lambert.

— Apreciaria sua opinião — prosseguiu Henri. — Scriassine afirma que um alto funcionário soviético, evadido da URSS, lhe trouxe informações sensacionais: assustadoras para o regime, é evidente. Sugeriu a Samazelle que *L'Espoir*, a *Vigilance* e o SRL ajudassem a divulgá-las. Mas que valor têm essas informações? Tenho uma parte comigo, mas não tenho meios para criticá-las.

O semblante de Lambert se animou:

— Ah! Isso me interessa. — Levantou-se bruscamente: — Isso me interessa muito.

Quando entraram no escritório de Dubreuilh, este estava só com Samazelle:

— Constatem que publicar tais informações antes de qualquer outro seria sensacional! — dizia Samazelle. — O último plano quinquenal data do mês de março, e a gente ignora quase tudo a respeito. A questão dos campos de trabalho em particular vai agitar a opinião. Notem que ela já havia sido levantada antes da guerra. Especialmente a facção a que eu pertencia se preocupara com o assunto. Mas, naquele tempo, não despertávamos eco. Hoje todo o mundo se vê obrigado a tomar partido em face do problema da União Soviética, e acontece que estamos em condições de esclarecer esse problema a uma luz nova.

Depois desse brado enorme, a voz de Dubreuilh parecia pequenina:

— *A priori*, semelhante gênero de testemunho representa uma duplicidade suspeita — disse ele. — Primeiramente, porque o acusador se acomodou durante muito tempo ao regime que denuncia; depois, porque, uma vez ele desligado do regime, não se pode esperar que seus ataques guardem a justa medida.

— Que se sabe exatamente sobre ele? — perguntou Henri.

— Chama-se George Peltov. Era diretor do Instituto Agrônômico de Tebriuka... — disse Samazelle. — Há um mês, fugiu da zona russa alemã

para a zona ocidental. A identidade dele foi perfeitamente reconhecida.

— Não, porém, o caráter — interveio Dubreuilh.

Samazelle teve um gesto de impaciência:

— Em todo caso, vocês estudaram o dossiê que Scriassine nos transmitiu. Os próprios russos reconhecem a existência dos campos e o internamento administrativo.

— De acordo — disse Dubreuilh. — Mas quantos homens há nesses campos? É toda a questão.

— Quando estive na Alemanha o ano passado — observou Lambert —, corria o boato de que nunca tinha havido tantos prisioneiros em Buchenwald como depois da libertação russa.

— Quinze milhões me parece uma hipótese muito moderada — disse Samazelle.

— Quinze milhões! — repetiu Lambert.

Henri sentiu um pânico subir-lhe à cabeça. Tinha já ouvido falar desses campos, mas vagamente. E o seu pensamento não se havia detido aí; conta-se tanta coisa! Quanto ao dossiê, folheara-o sem convicção. Desconfiava de Scriassine. No papel, as cifras pareciam tão imaginárias como os nomes de consonâncias barrocas. Mas eis que o funcionário russo existia e Dubreuilh levava o caso a sério. É muito cômoda a ignorância, porém não dá a medida da realidade. Ele foi ao Iles Borromées com Josette, estava um dia bonito, e sentia alguns pequenos escrúpulos de consciência, fáceis de desarmar. Durante esse tempo, e em todos os recantos da terra, havia homens que estavam sendo explorados, que estavam com fome, que eram assassinados.

Scriassine entrou precipitadamente no recinto, e todos os olhos se voltaram para o desconhecido de cabelos pretos e prateados, de olhos brilhantes como pedaços de antracito e que o seguia sem sorrir, com um rosto tão imóvel como o de um cego de nascença. Suas sobrancelhas de carvão se encontravam acima do nariz, em ângulo agudo. Era alto, vestia-se impecavelmente.

— Meu amigo George — disse Scriassine. — Provisoriamente, limitarmos-nos a esse nome. — Olhou em volta: — O lugar é absolutamente seguro? Nenhuma possibilidade de que nossa conversa seja surpreendida? Quem mora em cima?

— Um professor de piano, muito inofensivo — disse Dubreuilh. — E as pessoas de baixo estão em férias.

Era a primeira vez que Henri não cuidava de rir dos ares importantes de Scriassine. Aquela grande silhueta sombria a seu lado emprestava à cena uma inquietadora solenidade. Todos se sentaram.

— George pode falar em russo ou em alemão — disse Scriassine. — Tem consigo documentos que vai resumir e comentar para vocês. De todas as questões para as quais ele traz luzes terríficas, a dos campos de trabalho é a que apresenta interesse mais imediato. Por aí é que ele vai começar.

— Ele que fale em alemão: traduzirei — disse Lambert, vivamente.

— Como vocês quiserem. — Scriassine disse algumas palavras e Peltov meneou a cabeça, o rosto inalterado. Parecia paralisado por um doloroso e indelével rancor. Repentinamente, pôs-se a falar. Seu olhar se mantinha fixo, dirigido, dentro de si mesmo, para visões que não eram deste mundo. Mas de sua boca morta escapava uma voz colorida, apaixonada, alternadamente seca e patética. Lambert tinha os olhos colados aos seus lábios, como para decifrar a linguagem de um surdo-mudo.

— Ele disse que devemos compreender bem, inicialmente, que a existência dos campos de trabalho não é um fenômeno acidental, cuja abolição, portanto, se possa esperar um dia — informou Lambert. — O programa de investimento do Estado soviético exige excedentes que não podem ser fornecidos senão por um trabalho suplementar. Se o recrutamento de trabalhadores livres descesse abaixo de certo nível, a produtividade do trabalho seria proporcionalmente diminuída. Assim, procedeu-se à criação sistemática de um subproletariado, que não recebia em troca de um trabalho máximo senão um estrito mínimo vital: semelhante ajustamento só é possível mediante um sistema concentracionista.

Um silêncio mortuário abateu-se no escritório. Ninguém se mexia. Peltov retomou a palavra e Lambert trocava em miúdos aquela voz trágica.

— O trabalho corretivo existiu desde o começo do regime. Mas só em 1934 que a NKVD foi investida no direito de ordenar, por simples medida administrativa, o internamento em campo de trabalho, por um período não excedente de cinco anos. Tratando-se de penas mais longas, era necessário um julgamento preliminar. Os acampamentos foram em parte esvaziados,

entre 1940 e 1945. Muitos prisioneiros foram incorporados ao exército, outros morreram de fome. Mas, de um ano para cá, tais campos se povoaram de novo.

Peltov agora indicava, em papéis desdobrados diante dele, nomes, algarismos e Lambert traduzia, paralelamente. Caraganda, Tzardskuy, Uzbek. Não eram nomes: eram porções de estepe gelada, charcos, acampamentos apodrecidos, em que homens e mulheres trabalhavam catorze horas por dia, em troca de seiscentos gramas de pão. Morriam de frio, de escorbuto, de disenteria, de esgotamento. Quando se tornavam fracos demais para o trabalho, eram encerrados nos hospitais, onde sistematicamente morriam de fome. “Será verdade?”, perguntava a si mesmo Henri, com revolta. Peltov era suspeito, a Rússia estava longe, dizia-se tanta coisa! Ele olhou para Dubreuilh, cujo rosto, fechado, nada exprimia. Dubreuilh tinha por norma duvidar: a dúvida é a nossa primeira defesa; mas não se deve tampouco confiar nela. Havia coisas verdadeiras, entre todas as que se contavam. Henri em 1938 tinha duvidado de que a guerra estava por pouco. Em 1940 pusera em dúvida a existência das câmaras de gás. Peltov com certeza exagerava: mas, com certeza também, não estava inventando tudo. Henri abriu sobre os joelhos o volumoso dossiê. Tudo o que lera distraidamente algumas horas antes tomava de súbito um sentido terrível. Havia aí, traduzidos em inglês, textos oficiais admitindo a existência dos campos. E, sem má-fé, não se podiam recusar em bloco todos esses testemunhos, provindos, uns, de observadores americanos, outros de deportados entregues aos nazistas e encontrados em seus campos de concentração. Impossível negar o fato: também na União Soviética homens exploravam outros homens, até a morte!

Quando Peltov se calou, houve um grande silêncio.

— Vocês aceitaram, com um masoquismo natural a intelectuais, a ideia de uma ditadura do espírito — disse Scriassine. — Mas podem endossar estes crimes organizados contra o homem, contra todos os homens?

— Parece que a resposta não comporta dúvidas — observou Samazelle.

— Peço-lhe desculpas, mas, quanto a mim, existe uma dúvida — disse Dubreuilh, com voz seca. — Não sei nem por que seu amigo se evadiu, nem por que colaborou tanto tempo com o regime que está denunciando em nossa presença. Suponho que suas razões sejam excelentes. Não quero, porém, correr o risco de auxiliar qualquer manobra antissoviética. De mais

a mais, não estamos habilitados a responder em nome do SRL: apenas a metade do comitê está presente.

— Se estivéssemos de acordo, apoiariamos, com certeza, sua decisão — disse Samazelle.

— Como hesitar! — O semblante de Lambert brilhava de indignação: — Ainda que um quarto apenas do que ele diz seja verdade, é preciso proclamá-lo imediatamente, através de mil alto-falantes. Não sabem o que é um campo de concentração. Russo ou nazista, é a mesma coisa: não combatemos uns para encorajar outros...

Dubreuilh encolheu os ombros:

— De qualquer maneira, não se trata para nós de modificar o regime da URSS, mas apenas de agir, hoje, na França, com base na ideia que se faz daquele país.

— É sob esse aspecto que o assunto nos concerne diretamente — interveio ainda Lambert.

— De acordo. Mas seria um crime de nossa parte deixar-nos levar sem informações suficientes — disse Dubreuilh.

— Em outros termos, você duvida da palavra de George? — perguntou Scriassine.

— Não a tenho por um Evangelho.

Scriassine bateu sobre o dossiê posto sobre a escrivaninha:

— E tudo isto... Que vai fazer de tudo isto?

Dubreuilh abanou a cabeça:

— Acho que nenhum fato foi seriamente estabelecido.

Scriassine pôs-se a falar voluvelmente em russo. Peltov lhe respondeu com voz impassível.

— Peltov diz que se encarrega de fornecer-lhes provas decisivas. Enviem alguém à Alemanha Ocidental: ele tem, lá, amigos que informarão com precisão sobre os campos da zona soviética. Além do mais, foram encontrados nos arquivos do Reich certos documentos transmitidos pela URSS, depois do pacto germano-soviético: mostram números que podem ser comunicados a vocês.

— Irei à Alemanha — disse Lambert. — E imediatamente.

Scriassine olhou-o com um ar de aprovação:

— Queira procurar-me. A missão é delicada e precisa ser preparada com cuidado. — Scriassine voltou-se para Dubreuilh: — Se trouxermos as

provas que você reclama, decidir-se-á a falar?

— Traga as provas e o comitê decidirá — disse Dubreuilh, com impaciência. — Enquanto isso, tudo é mero bate-papo.

Scriassine se levantou, Peltov também.

— Peço a todos — disse Scriassine — o mais absoluto segredo sobre a conversa que acabamos de ter. Peltov fez questão de vê-los pessoalmente: mas vocês podem imaginar os perigos que o ameaçam, numa cidade como Paris.

Todos moveram a cabeça, num sentido tranquilizador. Peltov se inclinou com rigidez e seguiu Scriassine, sem acrescentar palavra.

— Lamento esta delonga — disse Samazelle. — Quanto ao fundo da questão, não há dúvida alguma possível. Desde já poderíamos publicar extratos do código, o que bastaria para levantar a opinião.

— Levantar a opinião contra a URSS! — exclamou Dubreuilh. — É justamente o que devemos evitar, principalmente agora!

— Mas não será a direita que aproveitará esta campanha: será o SRL, que por sinal tem necessidade disso! — declarou Samazelle. — A situação mudou depois das eleições, e, se nós teirmos em querer poupar a todos, o SRL estará perdido — acrescentou, com veemência. — A vitória dos comunistas fará com que muitos hesitantes decidam inscrever-se no PC; e outros muitos vão atirar-se aos braços da reação, por terror. Quanto aos primeiros, nada a fazer. Mas, em relação aos segundos, poderemos atraí-los, se atacarmos francamente o stalinismo e prometermos o reagrupamento de uma esquerda independente de Moscou.

— Esquerda excêntrica, reunindo anticomunistas em torno de um programa anticomunista! — disse Dubreuilh.

— Sabe o que vai acontecer? — perguntou Samazelle, com irritação na voz. — Se a gente continuar assim, em dois meses o SRL não será mais do que um grupinho de intelectuais subjugado pelos comunistas, desprezado e manobrado por eles, ao mesmo tempo.

— Ninguém nos manobrá! — afirmou Dubreuilh.

Henri ouvia essas vozes agitadas, através de uma cerração. Por enquanto, pouco lhe importava que o SRL tivesse esta ou aquela sorte. A questão única era a seguinte: em que medida Peltov teria dito a verdade? A não ser que ele houvesse mentido em todo o testemunho, seria doravante impossível pensar na União Soviética como antigamente se pensava: tudo

devia ser reconsiderado. Dubreuilh não queria reconsiderar nada, refugiava-se no ceticismo. Samazelle não esperava senão a ocasião de atacar com veemência os comunistas, ao passo que Henri não tinha vontade alguma de romper com eles. Em todo caso, não se queria tampouco mentir a si mesmo. Henri levantou-se:

— A questão toda se resume em saber se Peltov disse ou não a verdade. Enquanto isso, fala-se sobre hipóteses.

— É também minha opinião — disse Dubreuilh.

Lambert e Samazelle saíram com Henri. Mal a porta se havia fechado, Lambert resmungou:

— É verdade que Dubreuilh está vendido! Quer abafar este caso. Desta vez, porém, não ditará a lei.

— Infelizmente, o comitê o acompanha sempre — disse Samazelle. — De fato o SRL é ele.

— Mas *L'Espoir* não está na obrigação de obedecer ao SRL! — observou Lambert.

Samazelle sorriu:

— Ah! É uma grave questão, essa que você está levantando aí. — E acrescentou, com voz pensativa: — Evidentemente, se decidíssemos falar já, ninguém poderia impedir-nos.

Henri o encarou com surpresa:

— Você considera a possibilidade de uma ruptura entre *L'Espoir* e o SRL? Que lhe está acontecendo?

— No ritmo em que vão as coisas, dentro de dois meses não haverá mais SRL. Desejo que *L'Espoir* sobreviva!

Samazelle se distanciou, sorrindo, com aquele seu grande sorriso redondo. Henri debruçou-se sobre o parapeito do cais:

— Gostaria de saber o que ele anda tramando!

— Se ele deseja que *L'Espoir* volte a ser um jornal livre, tem muita razão — disse Lambert. — Lá, restabelecem a escravidão! Aqui, assassinam! E ainda se quer que não protestemos!

Henri encarou Lambert:

— Caso Samazelle proponha uma ruptura, não se esqueça do que me prometeu: que em qualquer hipótese estaria do meu lado.

— Perfeitamente — disse Lambert. — Quero apenas preveni-lo de que, se Dubreuilh teimar em abafar o caso, deixarei o jornal, revenderei minhas

cotas.

— Ouça, nada se pode decidir antes que os fatos estejam estabelecidos.

— Quem decidirá que eles estarão ou não estabelecidos?

— O comitê.

— Isto é, Dubreuilh. Se ele tiver opinião preconcebida, não se deixará convencer!

— Também é ter opinião preconcebida deixar-se convencer sem provas!

— disse Henri, com alguma censura.

— Não me diga que Peltov inventou tudo isso! Não me diga que todos aqueles documentos eram falsos! — exclamou Lambert, ardorosamente. Encarou Henri, com suspeita: — Você está bem de acordo quanto a que, em sendo verdade, será preciso proclamá-la?

— Sim — respondeu Henri.

— Neste caso, estamos entendidos. Vou partir para a Alemanha o mais cedo possível e juro-lhe que, lá, não perderei meu tempo. — Sorriu: — Quer que o deixe em algum lugar?

— Não, obrigado, vou andar um pouco.

Henri ia jantar na casa de Paule e não tinha pressa em revê-la. Pôs-se a andar a passos curtos. Dizer a verdade: isto, até aqui, nunca havia suscitado problemas sérios. Ele respondera sim a Lambert, sem hesitar: foi quase um reflexo. Mas, de fato, não sabia em que devia crer, nem o que devia fazer. Não sabia nada. Estava ainda atordoado, como se tivesse recebido um forte golpe na cabeça. Evidente que Peltov não havia inventado tudo. Talvez tudo fosse verdade mesmo. Havia campos onde quinze milhões de trabalhadores estavam reduzidos a condições subumanas. Mas, graças a esses campos, o nazismo tinha sido derrotado e um grande país estava sendo construído, no qual residia a única chance de um bilhão de subumanos deteriorando-se de fome na China e na Índia, a única chance de milhões de trabalhadores condenados a um estado desumano, a nossa única chance. “Irá ela falhar-nos também?”, perguntou-se Henri, com receio. Constatou que jamais o havia seriamente considerado. As perversões, os abusos da União Soviética, ele os conhecia. Mas esses abusos e perversões não impediam que um dia o socialismo, o autêntico, aquele em que justiça e liberdade se reconcilhassem, acabasse por triunfar na URSS e pela URSS. Se hoje essa certeza o abandonasse, então todo o futuro afundaria nas trevas. Em parte alguma seria divisada

sequer uma miragem de esperança. “Será por isso que me refugio na dúvida?”, perguntou-se a si mesmo. “Será que recuso a evidência por covardia, porque o ar não seria mais respirável, se não houvesse um canto da terra para o qual a gente pudesse voltar-se com alguma confiança? Ou, ao contrário”, pensou, “não será que dissimulo a verdade, acolhendo as imagens do horror com complacência? Não podendo filiar-me ao comunismo, seria um alívio detestá-lo resolutamente. Se ao menos a gente pudesse ser inteiramente a favor, ou inteiramente contra! Mas, para ser contra, precisaria poder oferecer outras chances aos homens. Ora, é mais do que evidente que a revolução ou se fará pela URSS, ou não se fará. Entretanto, se a URSS se limita a substituir um sistema de opressão por outro, se restabeleceu a escravidão, como guardar por ela a menor amizade?” “Talvez o mal esteja em toda parte”, pensou Henri. Recordava-se daquela noite, refugiado nas Cévennes e voluptuosamente adormecido nas delícias da inocência: se o mal estivesse em toda parte, a inocência não existiria. Fizesse o que fizesse, estaria errado. Estaria errado, se divulgasse uma verdade truncada; errado, se a dissimulasse, fosse ou não truncada. Desceu pela ribanceira. Se o mal existe em toda parte, não haverá saída possível, nem para a humanidade, nem para nós mesmos. Será preciso chegar a pensar nisso? Sentou-se. Olhou estupidamente para a água, que corria.

Capítulo VI

Eu estava louca de alegria e de curiosidade na noite em que aterrissei em La Guardia. A semana que se seguiu, suportei-a impientemente. Sim, porque sobre os últimos progressos da psicanálise americana, tinha tudo a aprender. As sessões do congresso eram muito instrutivas, assim como as conversas de meus colegas. Mas eu tinha também vontade de ver Nova York, e eles me impediam com um zelo pungente. Confinavam-me em hotéis superaquecidos, em restaurantes com ar-condicionado, em solenes escritórios, em apartamentos de luxo, e não era fácil escapar-lhes. Quando me traziam de volta ao meu hotel, após o jantar, eu atravessava vivamente o vestíbulo e saía por outra porta. Levantava-me de madrugada e ia passear, antes da sessão da manhã. Mas não tirava grande vantagem desses momentos de liberdade às escondidas. Chegava à conclusão de que na América a solidão não valia a pena, e sentia-me inquieta ao deixar Nova York, Chicago, Saint Louis, Nova Orleans, Filadélfia, de novo Nova York, Boston, Montreal: um belo giro. Era preciso que me dessem ainda os meios de aproveitar isso tudo. Meus colegas me haviam indicado endereços de moradores que teriam prazer em mostrar-me sua cidade. Tratava-se, porém, exclusivamente, de médicos, de professores, de escritores, e eu não confiava.

Quanto a Chicago, em todo caso, a partida estava perdida por antecipação. Aí eu não ficaria senão dois dias, e havia duas senhoras de idade que me aguardavam no aeroporto. Levaram-me a almoçar com outras senhoras igualmente idosas, que não me largaram o dia todo. Após minha conferência, comi lagosta entre dois senhores bem-engomados. E aborrecer-se é tão fatigante que, retornando ao hotel, subi diretamente para deitar-me.

Foi a raiva que me despertou de manhã. Decidi: “Isto não pode continuar.” Tirei o telefone do gancho: sentia muito, desculpava-me, mas um resfriado me obrigava a ficar na cama. Depois, saltei alegremente da

cama. Mas, na rua, minhas esperanças voltaram à estaca zero. Fazia muito frio. Entre os trilhos de bonde e o metrô de superfície, sentia-me completamente perdida. Inútil andar durante horas: não iria a parte alguma. Abri minha agenda: Lewis Brogan, escritor. Talvez fosse melhor do que nada. Telefonei novamente. Disse a este Brogan que era uma amiga dos Benson, que por certo lhe teriam escrito, anunciando-lhe a minha vinda. Muito bem, ele estaria no saguão do meu hotel às duas horas da tarde. “Sou eu”, disse, “quem irá buscá-lo”, e desliguei. Detestava meu hotel, seu cheiro de desinfetante e de dólares, e distraía-me tomar um táxi e ir a um lugar definido, ao encontro de alguém.

O táxi atravessou pontes, trilhos, entrepostos, percorreu ruas em que todas as lojinhas eram italianas. Parou à esquina de uma alameda que cheirava a papel queimado, a terra molhada, a pobreza. O motorista indicou uma parede de tijolo, com sacada de madeira: “É aqui.” Passei por um tapume. Havia, à minha esquerda, uma taberna, decorada com um letreiro vermelho de luzes apagadas: SCHILTZ; à direita, num cartaz enorme, a família americana ideal fungava sobre um prato de *porridge*, rindo; uma lata de lixo fumegava ao pé de uma escada de madeira. Subi a escada. Encontrei, na sacada, uma porta de vidro protegida por uma cortina amarela: devia ser lá. Mas, de repente, senti-me intimidada. A riqueza tem sempre alguma coisa de público, ao passo que a vida do pobre se passa na intimidade. Parecia-me indiscrição bater a essa porta. Olhei indecisa as paredes de tijolos a que outras escadas e outras sacadas cinzentas aderiam monotonamente. Por sobre os telhados, um imenso cilindro vermelho e branco: reservatório de gás. A meus pés, no meio de um quadrado de terra nua, havia uma árvore toda preta e um pequeno moinho com pás azuis. Ao longe um trem passou, a sacada tremeu. Bati e vi aparecer um homem muito jovem e muito alto, o busto enrijecido por um blusão de couro. Examinou-me com surpresa:

— Achou a casa?

— Parece.

Um aquecedor preto roncava no centro de uma cozinha amarela. O linóleo estava coberto de jornais velhos e notei que não havia geladeira. Brogan mostrou os papéis com um gesto vago.

— Eu estava pondo ordem nas coisas.

— Espero que não o esteja incomodando.

— Absolutamente. — Ele continuava plantado diante de mim, o ar embaraçado: — Por que não quis que eu fosse apanhá-la no hotel?

— É um lugar horrível.

A boca de Brogan esboçou um sorriso, finalmente:

— É o mais belo hotel de Chicago.

— Justamente. Muito tapete, muita flor, muita gente, muita música. Muito de tudo.

O sorriso de Brogan subiu até os olhos:

— Queira entrar por aqui.

Vi, inicialmente, a coberta mexicana, a cadeira amarela de Van Gogh e, depois, os livros, o toca-discos, a máquina de escrever. Devia ser bom viver naquele quarto, que não era nem um estúdio de artista, nem um exemplo do lar americano ideal.

— É agradável sua casa — disse-lhe num ímpeto.

— Acha? — Com o olhar Brogan interrogava as paredes. — Não é grande. — Houve ainda um silêncio e, a seguir, ele disse com precipitação: — Não quer tirar seu mantô? Que tal uma xícara de café? Tenho discos franceses. Gostaria de ouvi-los? Discos de Charles Trenet. — Foi decerto por causa do grande aquecedor que roncava, ou porque a sombra da árvore preta arrepiasse sobre a cortina dourada pelo frio sol de fevereiro que imediatamente pensei: “Seria bom passar o dia sentada sobre a coberta mexicana.” Mas fora para visitar Chicago que eu tinha telefonado a Brogan.

— Gostaria de ver Chicago — disse firmemente —; parto amanhã cedo.

— Chicago é grande.

— Mostre-me um pedacinho.

Ele tocou no blusão de couro e me perguntou, com voz inquieta:

— Será preciso que eu me vista?

— Que ideia! Detesto os colarinhos duros!

Ele protestou com calor:

— Nunca vesti em minha vida um colarinho duro...

Pela primeira vez nossos sorrisos se encontraram. Ele, todavia, ainda não parecia tranquilizado:

— Não se interessa pelos matadouros?

— Não. Vamos passear pelas ruas.

Havia muitas ruas, todas parecidas umas com as outras. Eram bordeadas de chalés velhos e de terrenos baldios, que se esforçavam por assemelhar-se a pequenos jardins de bairro. Percorremos também avenidas retas e tristes. Frio por toda parte. Brogan tocava nas próprias orelhas com inquietação:

— Estão ficando duras, vão partir em dois pedaços.

Tive pena dele.

— Entremos num bar para aquecer-nos.

Entramos num bar. Brogan pediu *ginger ale*; eu pedi vinho Bourbon. Quando saímos, fazia tanto frio! Entramos em outro bar e pusemo-nos a conversar. Ele havia passado alguns meses num acampamento das Ardennes, após o desembarque, e me fez uma porção de perguntas sobre a França, a guerra, a ocupação, Paris. Eu também o interroguei. Parecia muito feliz em ser ouvido, mas confuso em falar a seu respeito. Arrancava com hesitação as frases de si mesmo e, depois, jogava-as com tal ímpeto, que eu tinha cada vez a impressão de receber um presente. Nasceu ao sul de Chicago, filho de um pequeno merceeiro de origem finlandesa e de uma judia húngara. Tinha vinte anos na época da grande crise e havia vagabundeado através da América, escondido em camionetas de mercadorias, alternando-se como vendedor ambulante, mergulhador, servente, ferreiro, removedor de terras, pedreiro, vendedor e, em caso de necessidade, ladrão. Num lugar perdido no Arizona, onde era lavador de copos, havia escrito uma novela, que uma revista de esquerda publicou. Então, escreveu outras. Desde a aceitação do seu primeiro romance, um editor lhe dava uma pensão, que lhe permitia viver.

— Gostaria muito de ler esse livro — disse eu.

— O seguinte será melhor.

— Mas este está escrito.

Brogan me examinou com um ar perplexo:

— Quer mesmo lê-lo?

— Quero, realmente.

Levantou-se, andou na direção do telefone, ao fundo da sala. Ao cabo de três minutos, voltou.

— O livro estará em seu hotel antes do jantar.

— Oh! Obrigada! — disse eu, com calor.

A presteza de seu gesto me havia tocado. Foi o que me tornou esse homem imediatamente simpático: a espontaneidade. Ele ignorava as frases feitas e os ritos da polidez. Suas atenções, improvisava-as, e pareciam-se com as invenções da ternura. Primeiramente, fiquei alegre de encontrar em carne e osso esse espécime de americano clássico: escritor-esquerdista-que-se-fez-por-si-mesmo. Agora, era por Brogan que eu me interessava. Percebia pelas suas narrativas que ele não reivindicava direito algum sobre a vida e que, entretanto, tinha tido sempre uma ardente vontade de viver. Agradava-me esse misto de modéstia e de avidez.

— Onde lhe veio a ideia de escrever? — perguntei.

— Sempre gostei da letra de forma: quando era criança, fabricava um jornal, colando recortes de publicações sobre cadernos.

— Deve haver outras razões!

Ele refletiu.

— Conheço muitas pessoas diferentes: desejo mostrar a cada uma como as outras são, verdadeiramente. Conta-se muita mentira. — Ele se calou um instante: — Aos vinte anos, compreendi que todo o mundo mentia para mim, e isso me deixou muito irritado. Creio que foi por isso que comecei a escrever. E que continuo...

— Ainda sente raiva?

— Mais ou menos — respondeu ele, com um pequeno sorriso reticente.

— Não é político militante?

— Faço alguma coisinha.

Em resumo, ele se encontrava, quase, na situação de Robert e de Henri. Mas acomodava-se a ela com uma calma toda exótica. Escrever, falar pelo rádio e às vezes nos *meetings*, para denunciar abusos, isso o satisfazia plenamente. Já me haviam dito que aqui os intelectuais podiam viver seguros, porque se sabiam completamente impotentes.

— Tem amigos escritores?

— Oh! Não! — respondeu ele, num impulso. Sorriu: — Tenho amigos que se puseram a escrever, quando me viram ganhar dinheiro apenas ficando sentado diante de minha máquina. Mas não chegaram a ser escritores.

— Ganharam dinheiro?

Ele se pôs a rir francamente.

— Houve um que datilografou quinhentas páginas num mês. Com certeza gastou muito para vê-las impressas. A mulher o proibiu de continuar, e ele retomou sua ocupação de batedor de carteiras.

— É uma boa ocupação? — perguntei.

— Depende. Em Chicago a concorrência é grande.

— Conhece muitos batedores de carteira?

Ele me olhou meio zombeteiramente.

— Uma meia dúzia.

— E gângsteres?

O rosto de Brogan tornou-se sério:

— São todos canalhas.

Começou a expor-me, com volubilidade, o papel que os gângsteres desempenharam naqueles últimos anos como destruidores de greves. Contou-me, depois, uma porção de histórias sobre as relações deles com a polícia, com a política, com os negócios. Falava depressa e eu tinha alguma dificuldade em segui-lo, mas eram histórias tão apaixonantes como um filme de Edward Robinson. Repentinamente, parou.

— Não está com fome?

— Sim. Agora que me fez pensar nisso, estou com muita fome — disse eu. E acrescentei com alegria: — O senhor sabe boas histórias.

— Oh! Se não soubesse, inventaria. Pelo prazer de vê-la escutar.

Eram mais de oito horas, o tempo tinha passado depressa. Brogan me levou a jantar num restaurante italiano. E, comendo uma pizza, eu me perguntava por que me sentia tão à vontade perto dele. Quase nada sabia a seu respeito e, não obstante, ele não me parecia absolutamente estranho. Talvez fosse por causa de sua pobreza despreocupada. O figurino engomado, a elegância, as boas maneiras, isso tudo cria distâncias. Quando Brogan abria o blusão sobre um pulôver já gasto, ou quando o fechava de novo, eu sentia perto de mim a presença confiante de um corpo que tinha calor ou frio, isto é, de um corpo vivo. Ele mesmo engraxou seus sapatos: bastava olhá-los para entrar na intimidade da pessoa. Quando, ao sairmos da pizzeria, ele me tomou pelo braço para ajudar-me a andar sobre o chão congelado, seu calor me pareceu imediatamente familiar.

— Vamos! Mesmo assim quero mostrar-lhe alguns pedacinhos de Chicago — disse-me ele.

Estivemos em um teatro de variedades, vendo mulheres tirar a roupa ao som da música. Ouvimos jazz, num pequeno cabaré de negros. Bebemos num bar parecido com albergue noturno. Brogan conhecia todo o mundo: o pianista do teatro, com os punhos tatuados, o pistonista preto do cabaré, os vagabundos, os negros e as velhas vagabundas do bar. Convidava todos a participar de nossa mesa, fazia-os falar e olhava-me com uma expressão feliz, porque constatava que eu me divertia. Quando ganhamos de novo a rua, eu disse com entusiasmo:

— Devo-lhe minha melhor noite na América.

— Há muitas outras coisas que gostaria de mostrar-lhe! — disse Brogan.

A noite chegava ao fim, a aurora ia nascer e Chicago desaparecer para sempre. Mas o aço do metrô de superfície escondia de nós a mancha leprosa que começava a roer o céu. Brogan segurava-me pelo braço. Diante de nós e atrás de nós, arcos pretos se repetiam até o infinito. Tinha-se a impressão de que cinturavam a terra e de que se iria caminhar assim, durante a eternidade.

— Um dia é pouco demais. Preciso voltar — disse.

— Volte — disse Brogan. Acrescentou rápido: — Não quero pensar em não vê-la novamente.

Continuamos a andar em silêncio, até o ponto de táxis. Quando ele aproximou seu rosto do meu, não pude impedir-me de desviar a cabeça. Mas senti sua respiração junto à minha boca.

No trem, algumas horas depois, tentando ler o romance de Brogan, censurei-me: “Ridículo isso, na minha idade!” Mas minha boca permanecia excitada, como a de uma donzela. Nunca havia beijado senão os homens com quem tinha tido relações sexuais. Ao evocar aquele quase-beijo, parecia-me que ia reavivar, no fundo de minha memória, ardorosas recordações de amor. “Voltarei”, disse eu a mim mesma, com decisão. Depois, pensei: “Para quê? Será preciso que nos separemos outra vez, e então não terei o recurso de dizer: Voltarei. Não! Era preferível pôr desde já um ponto final nos gastos.”

Não senti falta de Chicago. Compreendi logo que faziam parte dos prazeres da viagem as amizades sem futuro e as pequenas angústias das partidas. Afastei resolutamente as pessoas aborrecidas, frequentei apenas aquelas que me agradavam. Passávamos as tardes passeando, as noites bebendo e discutindo e depois nos separávamos para nunca mais nos

tornar a ver. E ninguém sentia por isso. Como era fácil a vida! Nada de sentimentos, nada de obrigações. Nenhum de meus gestos tinha importância, não me pediam conselho e eu não me guiava por outra regra senão a dos meus caprichos. Em Nova Orleans, ao sair do pátio interno de uma casa, onde me havia embriagado com *daiquiri*, tomei repentinamente um avião para a Flórida. Em Lynchburg, aluguei um carro e passei, durante oito dias, através das terras vermelhas da Virgínia. No decorrer da minha segunda estada em Nova York, quase não preguei o olho. Vi muita gente e fui a toda parte. Os Davies propuseram que eu os acompanhasse a Hartford, e duas horas depois embarcava de automóvel com eles: Viver alguns dias numa casa de campo americana... que sorte! Era uma casa de madeira muito bonita, toda branca, envernizada, com janelinhas por toda parte. Myriam esculpia, a filha tomava lições de dança, o filho escrevia poemas herméticos; tinha trinta anos, pele de criança, grandes olhos trágicos e um nariz sedutor. Na primeira noite, contando-me suas dores de coração, Nancy se divertiu em trajar-me com um grande vestido mexicano, soltou-me os cabelos sobre os ombros. “Por que não se penteia sempre assim?”, perguntou-me Philipp. “Até parece que a senhora se faz de velha de propósito.” Ele me obrigou a dançar até tarde da noite. Para ser-lhe agradável, continuei nos dias seguintes a disfarçar-me sob a aparência de mulher jovem. Compreendia muito bem porque ele me fazia a corte; eu vinha de Paris e, depois, tinha a idade que Myriam teve quando ele era adolescente. Mesmo assim, estava sensibilizada. Ele organizava para mim *parties*, inventava coquetéis, tocava no violão belíssimas canções de vaqueiros e me levava a passear através das velhas aldeias puritanas. Na véspera de minha partida, ficamos na sala de estar depois dos outros, ouvimos discos bebendo uísque e ele me disse, com voz desconsolada:

— Que pena não tê-la conhecido melhor em Nova York. Teria adorado sair com você lá!

— Isto pode acontecer outra vez. Voltarei a Nova York dentro de dez dias: talvez você também esteja lá.

— Em todo caso, posso ir até lá. Telefone-me — disse-me ele, olhando-me gravemente.

Tínhamos ouvido mais alguns discos. Ele me acompanhou através do vestíbulo até a porta do meu quarto. Estendi-lhe a mão, mas ele perguntou,

em voz baixa: — Não quer beijar-me?

Tomou-me em seus braços. Durante um instante, ficamos imóveis, face contra face, paralisados pelo desejo. Depois, ouvimos um passo leve e afastamo-nos rapidamente um do outro.

Myriam nos olhou com um sorriso alegre.

— Anne vai sair cedo. Não a faça ficar acordada até tarde — disse com voz delicada.

— Já ia deitar-me — disse eu.

Não me deitei. Fiquei de pé em frente da janela aberta, respirando a noite, que não cheirava a nada: dir-se-ia que a lua gelava o perfume das flores. Myriam dormia ou velava no quarto vizinho e eu sabia que Philipp não viria. Às vezes pensava ouvir um passo, mas era tão somente o vento, que andava pelas árvores.

O Canadá não era divertido. Fiquei toda feliz, quando desembarquei de novo em Nova York, e pensei logo: “Vou telefonar para Philipp.” Estava convidada para um coquetel nesse mesmo dia, e deveria rever lá a maior parte dos meus amigos. De minha janela eu divisava uma vasta paisagem de arranha-céus: mas isso tudo não me bastava. Desci ao bar do hotel: a uma luz azul-escura, um pianista tocava em surdina árias lânguidas, casais cochichavam, os garçons andavam na ponta dos pés. Pedi um martíni e acendi um cigarro. Meu coração batia aceleradamente. O que eu ia fazer não era muito racional; depois de oito dias passados com Philipp, certamente eu não o deixaria, sem um sério mal-estar indefinido. Mas, tanto pior. Primeiro, desejava-o. Quanto ao mal-estar, iria senti-lo de qualquer forma. Já o sentia. Queensbridge, Central Park, Washington Square, East River: não os veria mais dentro de oito dias. Pensando bem, era preferível ter de sentir falta de uma pessoa a sentir saudades de pedras. Isto me parecia menos doloroso. Tomei um gole de martíni. Uma semana. Tempo muito curto para descobertas novas, muito curto para prazeres sem continuação. Não queria vagar mais por Nova York como turista. Era preciso que eu vivesse seriamente nessa cidade; assim ela seria um pouco minha e eu deixaria nela alguma coisa de mim. Era necessário que eu andasse pelas ruas de braço com um homem, que, provisoriamente, fosse meu. Esvaziei o copo. Uma vez, no decurso desta viagem, um homem me havia segurado pelo braço. Era inverno, eu tropeçava sobre o gelo, mas, perto dele, sentia-me confortada. Ele dizia: “Volte. Não quero pensar em

não vê-la novamente.” E eu não voltaria. Apertaria outro braço contra o meu braço. Durante um momento, senti-me culpada de traição. Mas não havia problema. Era Philipp que eu havia desejado ao longo de toda uma noite. Ainda o desejava e ele aguardava meu telefonema. Levantei-me, entrei na cabine e pedi Hartford.

— Mr. Philipp Davies.

— Vou chamá-lo.

De súbito, meu coração se pôs a bater fortemente. Um momento antes, eu dispunha de Philipp a meu gosto, poderia chamá-lo para vir a Nova York e deitá-lo em minha cama. Mas ele existia por si e agora era eu quem estava na sua dependência. Era sozinha, sem defesa, nesse lugar, nessa prisão...

— Alô?

— Philipp? É Anne.

— Anne! Como é bom ouvi-la!

Ele falava francês com uma perfeição lenta, que parecia, repentinamente, cruel.

— Estou telefonando de Nova York.

— Eu sei. Querida Anne, Hartford está tão sem graça, desde que nos deixou! Fez boa viagem?

Como sua voz estava próxima! Como que me tocava o rosto. Ele, porém, repentinamente, ficou muito longe. Contra o material preto do fone, minha mão estava úmida. Lancei palavras ao acaso:

— Gostaria de contar-lhe. Pediu-me que o avisasse. Poderá vir a Nova York antes do meu regresso?

— Quando vai regressar?

— Sábado.

— Oh! — disse ele. — Oh! Tão cedo! — Houve um breve silêncio: — Esta semana, devo ir a Cape Cod, à casa de amigos, prometi.

— Que pena!

— Uma pena, mesmo! Não pode adiar sua partida?

— Não posso. E a sua ida a Cape Cod, não pode ser adiada?

— Impossível! — disse ele, com voz consternada.

— Está bem, havemos de rever-nos em Paris, no próximo verão — disse eu, com uma alegria polida. — O verão não está muito longe.

— Sinto tanto!

— Eu também sinto. Até logo, Philipp. Até o próximo verão.

— Até logo, querida Anne. Não se esqueça de mim.

Recoloquei o telefone úmido de suor no gancho. Meu coração se havia acalmado, mas aquilo me deixava um vazio dentro do peito. Fui à casa dos Wilson. Muita gente, puseram-me às mãos um copo, sorriam-me, chamavam-me pelo nome, seguravam-me pelo braço, pelo ombro, convidavam-me à direita, à esquerda, eu anotava os encontros na agenda. E o vazio, contudo, subsistia no meu peito. Quanto à decepção de meu corpo, resignava-me. Mas o vazio... Era difícil suportá-lo. Sorriam-me, falavam; eu falava, sorria. Durante ainda toda uma semana, iríamos falar e sorrir. Depois, nenhum deles pensaria mais em mim, nem eu neles. Esse país era muito real, eu estava bem-viva, partira sem nada deixar atrás de mim, e sem nada levar. Entre dois sorrisos, pensei bruscamente: “E se eu fosse a Chicago?” Podia telefonar para Brogan ainda esta noite e dizer-lhe: “Estou chegando.” Se ele não tivesse mais vontade de ver-me... Muito bem... Ele diria. Que importância? Duas recusas não seriam piores do que uma. Entre dois outros sorrisos, escandalizei-me comigo mesma: não tive Philipp, então vou atirar-me aos braços de Brogan! Que vêm a ser estas inclinações de fêmea no cio? Na verdade, a ideia de dormir com Brogan não me interessava em especial. Imaginava-o na cama um desajeitado. E nem estava certa de ter prazer em revê-lo. Só havia passado uma tarde em sua companhia, arriscava-me às piores decepções. Não havia dúvida: meu projeto era estúpido. Eu tinha vontade de mexer-me, de agitar-me, para disfarçar o meu desapontamento. Assim são feitas as grandes asneiras. Decidi ficar em Nova York e continuei anotando os encontros combinados: exposições, concertos, jantares, festas; a semana passaria com rapidez. Quando novamente me encontrei na rua, o grande relógio de Gramercy Square marcava meia-noite. De qualquer modo, era tarde demais para telefonar. Não, em Chicago só eram nove horas, Brogan lia em seu quarto, ou escrevia. Parei diante da vitrine ornamentada de uma loja de conveniência. “Não quero pensar em não vê-la novamente.” Entrei. Troquei dinheiro na caixa. E pedi uma ligação para Chicago.

— Lewis Brogan? É Anne Dubreuilh.

Não houve resposta.

— Anne Dubreuilh. O senhor está ouvindo?

— Ouço muito bem. — Acrescentou, num francês informe, destacando alegremente cada sílaba: — Bom dia, Anne. Como vai?

A voz parecia menos próxima que a de Philipp; e Brogan estava como que mais perto.

— Posso passar três ou quatro dias em Chicago esta semana. Que acha disso? — perguntei.

— Faz um belo tempo, no momento, em Chicago.

— Mas, se eu for, será para vê-lo. Dispõe de tempo?

— Tenho todo o tempo livre — respondeu ele, num tom de riso. — Meu tempo me pertence.

Hesitei um segundo. A coisa estava fácil demais: um dizia não; outro, sim, com a mesma indiferença. Entretanto, era muito tarde para recuar.

— Então chegarei amanhã cedo no primeiro avião — disse. — Reserve-me quarto num hotel que não seja o melhor de Chicago. Onde nos encontraremos?

— Espero-a no aeroporto.

— Entendido. Até amanhã.

Houve um silêncio, e reconheci então a voz que, três meses antes, me tinha dito: “Volte.” Essa voz dizia:

— Anne! Estou tão feliz de poder revê-la!

— Estou feliz também. Até amanhã.

— Até amanhã.

Era a sua voz, era bem ele, tal como eu o recordava, e não se tinha esquecido de mim. Perto dele, eu me sentiria bem, como naquele dia de frio. Repentinamente, fiquei satisfeita de que Philipp tivesse respondido não. Tudo seria simples. Conversaríamos um instante num bar de luzes baixas. Ele me diria: “Venha descansar na minha casa.” Nós nos sentaríamos lado a lado, sobre a coberta mexicana, eu ouviria docilmente Charles Trenet e Brogan me tomaria nos braços. Com certeza não seria uma noite muito sensacional, mas ele ficaria feliz, tinha certeza disso, e isso bastaria para me dar prazer. Deitei-me toda comovida ao pensar que um homem me esperava para abraçar-me de encontro ao coração.

Não me esperava. Ninguém no saguão. “Vai começando mal”, pensei, sentando-me numa poltrona. Estava realmente desamparada e disse a mim mesma, com inquietação, que a prudência me faltou. “Ligo ou não ligo para Brogan?” Tinha feito sozinha a jogada; e eis que me encontrava

atirada numa iniciativa de louca, cujo êxito já não dependia mais de mim. Tudo o que podia fazer era acompanhar no mostrador do relógio o movimento dos ponteiros, que não andavam. Esta passividade me atemorizou e procurei acalmar-me. Finalmente, se a história acabasse mal, eu poderia achar um pretexto para, logo amanhã, voltar a Nova York. De qualquer forma, dentro de oito dias este parêntese na minha vida estaria fechado: segura em minha própria vida, eu sorriria indulgentemente a todas as recordações, tocantes ou ridículas. Minha inquietação se apaziguou. Quando abri a bolsa, para procurar na agenda o número do telefone de Brogan, tinha verificado todas as saídas de emergência, estava garantida contra quaisquer eventualidades. Levantei a cabeça e o vi, de pé, à minha frente: envolvia-me toda com um sorriso reticente. Fiquei tão estupefata como se tivesse encontrado o fantasma dele, do outro lado do mundo.

— Então? Como vai? — perguntou ele, no seu francês horrível. Levantei-me. Ele era mais delgado do que na imagem que eu conservava, e tinha olhos mais vivos.

— Vou indo.

Sem deixar de sorrir, aproximou sua boca de meus lábios. Este beijo público desconcertou-me e deixou manchado de vermelho o queixo de Brogan.

— Você ficou todo sujo — disse eu. Limpei a mancha com o meu lenço e acrescentei: — Cheguei às nove horas.

— Oh! — fez ele, em tom de censura, que parecia dirigida a mim. — Disseram-me pelo telefone que o primeiro avião aterrissaria às dez horas.

— Enganaram-se.

— Nunca se enganam.

— Enfim, estou aqui.

— Está aqui — concordou. Sentou-se, e eu também. Nove horas e vinte. Ele tinha chegado com vinte minutos de atraso, quarenta minutos adiantado. Trajava um bonito terno de flanela, uma camisa imaculada. Eu o imaginava diante do espelho, ansioso por encontrar-me, sem habilidade para se olhar, interrogando o próprio reflexo com um olhar alternadamente satisfeito e perplexo; vigiava, inquieto, o relógio e eu, traiçoeiramente, já esperava por ele. Sorri-lhe.

— Não vamos ficar toda a manhã aqui!

— Não. — Ele refletiu: — Quer ir ao zoológico?

— Ao zoológico?

— É muito perto daqui.

— E o que vamos fazer lá?

— Olharemos para os animais, e eles olharão para nós.

— Não vim aqui para exhibir-me aos seus animais. — Levantei-me. — Vamos antes a um lugar sossegado, onde eu possa achar café, sanduíches. E olharemos um para o outro.

Ele também se levantou.

— É uma ideia!

Estávamos sós na limusine que nos levava para o centro da cidade. Brogan segurava minha sacola de viagem sobre os joelhos. Estava calado e novamente me senti inquieta. “Será muito tempo quatro dias com este desconhecido. É pouco tempo para a gente se conhecer.”

— Será preciso passar primeiro pelo hotel, para deixar minha maleta — disse.

Brogan sorriu, embaraçado.

— Reservou um quarto para mim?

Ele mantinha um sorriso culposos, mas havia em sua voz algo de provocante.

— Não!

— Como? Eu lhe pedi pelo telefone!

— Não entendi metade do que disse — confessou ele, com volubilidade. — Seu inglês está ainda pior do que este inverno e você fala como uma metralhadora. Mas não tem importância alguma. Vamos pôr essa bolsa no depósito de bagagens. Esperemos aqui — acrescentou ele, quando descemos do carro, em frente ao escritório da companhia aérea. Empurrou uma porta giratória e eu o segui com o olhar, desconfiada. Esse seu esquecimento... seria negligência ou ardil? Com certeza estava claro para ele, tanto quanto para mim, que esta noite eu passaria em sua cama. Mas entrava em pânico ante a ideia de que talvez de noite não tivéssemos propriamente vontade... Jurara a mim mesma que nunca mais cometeria o erro de ir sem desejo para a cama de um homem. Assim que Brogan retornou, eu disse nervosamente:

— É preciso telefonar a um hotel. Não dormi a noite toda. Gostaria de poder fazer uma sesta, de tomar um banho.

— É muito difícil achar um quarto em Chicago — disse ele.

— Mais uma razão para se procurar imediatamente.

Ele devia ter dito: “Irá descansar em minha casa.” Nada disse, porém. E o café ao qual me levou não se assemelhava em nada com o bar íntimo e quente que eu havia imaginado: parecia um bar de estação. O bar aonde fomos em seguida tinha também um ar de sala de espera. Passaríamos o dia esperando? Esperando o quê?

— Um uísque?

— Com prazer.

— Cigarro?

— Obrigada.

— Vou pôr um disco.

Se pelo menos pudéssemos conversar tranquilamente, como antes! Mas Brogan não tinha sossego. Ia buscar no balcão uma garrafa de Coca-cola, inseria um níquel, depois outro, na caixa de discos; negociava cigarros. Quando, afinal, o convenci a telefonar, ele se ausentou por tanto tempo, que o imaginei desaparecido para sempre. Realmente, tinha-me enganado muito nas minhas previsões! Diriam que ele agia de propósito para expor-me ao fracasso. Mal me recordava o homem cuja lembrança eu conservava. A primavera havia fundido o bloco rígido em que o inverno o tinha congelado. Evidentemente, ele não se tornara nem gracioso, nem educado, mas seu porte era quase elegante, seus cabelos, decididamente louros, e tinha os olhos de uma cor cinza-esverdeada bem-definida. Nesse rosto, que me parecera neutro, eu descobria uma boca sensível, narinas um pouco selvagens e uma sutileza que me desconcertava.

— Não achei nada — disse Brogan, ao sentar-se perto de mim, outra vez.

— Acabei dirigindo-me à Associação dos Hotéis. Terei de ligar de novo, um pouco mais tarde.

— Obrigada.

— Que quer fazer agora?

— Se ficássemos aqui, sossegadamente?

— Neste caso, mais um uísque?

— De acordo.

— Cigarro?

— Obrigada.

— Quer que ponha um disco?

— Não, por favor.

Houve um silêncio. Ataquei.

— Vi seus amigos de Nova York.

— Não tenho amigos em Nova York.

— Como não? Os Benson, que nos puseram em contato.

— Oh! Não são amigos.

— Sendo assim, por que o senhor concordou em me ver, há dois meses?

— Porque a senhora era francesa e tinha um nome que me agradava: “Anne”. — Por um instante ele me ofereceu o seu sorriso. Mas retomou-o imediatamente. Eu, com um esforço novo, perguntei:

— Que lhe aconteceu depois?

— Envelheci um dia todos os dias.

— Acho-o, ao contrário, remojado.

— É por causa do meu paletó de verão.

O silêncio recaiu e desta vez não me incomodei.

— Bom. Vamos a algum lugar. Mas aonde?

— No inverno, a senhora teve vontade de ver uma partida de beisebol — disse ele, solicitamente —; há uma hoje.

— Está bem, vamos lá.

Era agradável vê-lo recordar-se de meus antigos desejos. Mas ele poderia perceber que, no momento, o beisebol não me interessava absolutamente. Paciência. O melhor que tínhamos a fazer era matar o tempo, aguardando... Aguardando o quê? Eu acompanhava com um olhar estúpido os homens que, de boné, corriam no gramado agressivamente verde e, com ansiedade, me repetia: matar o tempo!, quando não temos uma hora a perder. Quatro dias passam logo, precisamos apressar-nos. Quando iríamos, afinal, reencontrar-nos?

— Está entediada? — perguntou Lewis.

— Sinto um pouco de frio.

— Vamos a outro lugar.

Ele me levou a um boliche, onde tomamos cerveja, vendo garrafas de madeira cair, e a uma taberna, onde cinco pianos mecânicos martelavam, em conjunto, uma música empoeirada; e a um aquário, onde peixes faziam caretas, perversamente. Tomamos bondes, metrô, mais bondes, mais metrô. Eu me alegrava nos metrô. A fronte apoiada à vidraça do primeiro vagão, mergulhávamos em vertiginosos túneis floridos de luzes

azul-claras, o braço de Brogan envolvendo-me pela cintura e nosso silêncio parecendo o que une apaixonados confiantes. Mas nas ruas andávamos distantes e eu sentia com aflição que nos calávamos por não achar coisa alguma a dizer um ao outro. No meio da tarde, reconheci que houvera um erro em meus cálculos: dentro de uma semana, amanhã, o dia de hoje estaria no pretérito e eu em condições de superá-lo. Primeiro, entretanto, era preciso vivê-lo, hora por hora, e, durante todas estas horas, um desconhecido dispunha caprichosamente do meu destino. Estava tão fatigada e decepcionada, que quis ficar sozinha.

— Faça-me um favor — pedi —, telefone mais uma vez. Preciso dormir um pouco.

— Vou dirigir-me à Associação dos Hotéis — disse olhando distraidamente os livros de capas lustrosas, quando ele, quase imediatamente, saiu da cabine, sorrindo satisfeito: — Há um quarto à sua espera a duas quadras daqui.

— Ah! Obrigada.

Andamos em silêncio até o hotel. Por que não tinha mentido? Agora é que devia dizer: “Venha repousar em minha casa.” Também não estaria seguro de seus desejos? Contei com o seu calor, com a sua audácia, para romper a solidão do meu corpo. Ele, porém, me deixava prisioneira, e eu nada podia por nós dois. Lewis aproximou-se do balcão de recepção.

— Acabo de reservar um quarto.

O empregado olhou de relance o registro:

— Duas pessoas?

— Uma — disse eu. Escrevi meu nome na ficha: — Minha maleta está no depósito.

— Vou buscá-la. Quando a senhora precisará dela?

— Chame-me dentro de duas horas.

Teria eu sonhado? Ou ele havia trocado um olhar esquisito com o empregado do hotel? Não haveria reserva de quarto para duas pessoas? Mas, nesse caso, ele devia ter achado um pretexto para subir comigo. Eu poderia sugerir-lhe vinte. Seus pobres truques me irritavam, tanto mais quanto meu desejo era deixar-me prender por eles. Preparei meu banho, dizendo-me na água morna que estávamos começando muito mal. Culpa minha? Talvez houvesse mulheres que soubessem dizer imediatamente: “Vamos à sua casa.” Nadine, por exemplo. Deitei-me sobre a colcha

acetinada, fechei os olhos. Já temia o momento em que teria de estar de novo de pé no meio desse quarto, onde nem mesmo me acolheria a familiaridade de uma escova de dentes. Tantos quartos diferentes e indistintos, tantas maletas abertas, fechadas, tantas chegadas e partidas, tantas vezes acordando, e esperando, e corridas, e fugas. Estava cansada de viver, durante três meses, dias sem futuro, cansada de refazer minha vida a cada manhã, a cada noite, a cada hora. Aspirava ardentemente a que uma força estranha me derrubasse sobre essa cama, para sempre. Que ele suba, que bata à minha porta, que entre. Vigia o seu passo no corredor com uma impaciência tão ardorosa que parecia desejo. Nenhum barulho. Atirei-me ao sono.

Quando revi Brogan no saguão, estava tranquilizada. Logo seria decidida a sorte dessa aventura e, de uma forma ou de outra, daí a algumas horas, eu dormiria. O velho restaurante alemão onde jantamos me pareceu acolhedor, e conversei despreocupadamente. O bar onde nos sentamos em seguida estava mergulhado em sombras violetas: sentia-me bem aí. E Brogan falava comigo com sua voz de outros tempos.

— O táxi levou-a — dizia ele — e eu nada sabia a seu respeito. Ao voltar para casa, encontrei sob a porta o *New Yorker*. E eis que no meio de uma notícia referente a um congresso de psiquiatria vejo o seu nome. Como se você tivesse voltado, no meio da noite, para dizer-me quem era.

— Os Benson não lhe deram informações?

— Oh! Nunca leio as cartas deles. — E acrescentou, com uma voz alegre: — Na notícia, falava-se a seu respeito como uma médica brilhante.

— Isso o assustou muito?

Ele me olhou sem responder, sorrindo; e quando me sorria assim, parecia-me sentir sua respiração junto à minha boca.

— Pensei que os médicos franceses eram divertidos.

— Eu, ao voltar ao hotel, encontrei o seu livro. Tentei lê-lo, mas estava caindo de sono. Li-o no trem, no dia seguinte. — Encarei Lewis: — Bertie é você, não é?

— Oh! Eu não teria jamais posto fogo numa fazenda — respondeu Brogan, com voz irônica. — Tenho medo demais de fogo e também de soldados. — Levantou-se bruscamente: — Venha jogar uma partida de vinte e seis.

A loura de olhos melancólicos sentada atrás da mesa de jogo estendeu-nos o copinho de dados. Brogan escolheu o seis e apostou meio dólar. Eu olhava com abatimento os pequenos dados que rolavam no tapete verde. Por que será que ele se esquivou, justamente quando começávamos a encontrar-nos de novo? Será que eu também lhe causava medo? Seu rosto me parecia ao mesmo tempo muito duro e muito vulnerável; eu o decifrava mal.

— Ganhei! — disse ele, num tom feliz. E me passou o copinho. Sacudi-o com violência. Decidi, num relâmpago: “É a nossa noite que eu jogo.” Escolhi o cinco. Minha boca parecia forrada de pergaminho, minhas mãos estavam úmidas. O cinco saiu sete vezes durante as treze primeiras jogadas; depois, mais três vezes: perdi!

— É um jogo estúpido — disse eu, tornando a sentar-me.

— Gosta de jogar?

— Detesto perder.

— Adoro o pôquer e perco sempre — disse Brogan, com melancolia. — Parece que meu rosto pode ser decifrado muito facilmente.

— Não acho — disse eu, fixando nele um olhar desafiador. Pareceu-me embaraçado, mas não deixei de encará-lo. Eu tinha apostado nossa noite, havia-a perdido, Brogan recusava-se a ajudar-me e os dados condenavam-me. Revoltei-me contra essa derrota com uma violência que, repentinamente, se transformou em coragem.

— Desde cedo me pergunto se você está contente com o fato de que eu tenha vindo. E não chego a sabê-lo.

— É claro que estou contente — disse ele com voz tão séria que tive vergonha de meu tom agressivo.

— Eu queria isso — manifestei —, porque estou feliz de o ter encontrado de novo. Esta manhã receei ter sido ludibriada pelas minhas recordações. Mas, não: é de você mesmo que eu me lembrava.

— Eu estava seguro quanto à minha memória. — De novo a voz de Brogan era quente como um sopro. Tomei-lhe a mão e disse as palavras próprias das mulheres que tentam mostrar-se ternas.

— Gosto dessas mãos.

— Gosto muito das suas. É com elas que tortura o cérebro dos pobres doentes indefesos?

— Confie-me o seu. Creio que ele tem necessidade...

— Oh! Só manca de um lado.

Nossas mãos continuavam unidas, eu contemplava emocionada aquela ponte frágil lançada entre nossas vidas e me perguntava, a boca seca: “Estas mãos... Vou ou não conhecê-las?” O silêncio prolongou-se por muito tempo, até que Brogan propôs:

— Quer que voltemos a ouvir Big Billy?

— Gostaria muito.

Na rua ele me tomou pelo braço. Eu sabia que, de um momento para outro, me atrairia a si. O peso desse dia difícil tinha saído dos meus ombros e eu caminhava, finalmente, para a paz, para a alegria. Bruscamente, ele largou meu braço. Um grande sorriso desconhecido iluminou-lhe o rosto:

— Teddy!

O homem e duas mulheres pararam e sorriram também largamente. Num momento, encontramos-nos instalados à volta da mesa de um café triste. Os três falavam muito depressa e eu não compreendia nada do que diziam. Brogan ria muito, seu olhar se tinha animado, parecia aliviado por escapar ao nosso longo colóquio. Era natural: aquelas pessoas eram amigas suas, tinham muitas histórias a se contar reciprocamente. Entre mim e ele que havia de comum? As mulheres sentadas perto de Brogan eram jovens e bonitas: será que o agradariam? Repentinamente, lembrei-me de que, com certeza, haveria mulheres jovens e bonitas em sua vida: como podia eu experimentar tanto sofrimento, quando ainda não tínhamos trocado um só beijo verdadeiro? Eu sofria. Longe, muito longe, no fundo de um túnel, divisava uma das saídas de emergência que de manhã me tinham parecido tão seguras: mas estava cansada demais para arrastar-me até lá, mesmo de joelhos. Experimentei murmurar: “Quantas histórias, para não chegar nem a ser beijada!” Mas este cinismo não ajudava. Ser mais ou menos ridícula, merecer minha aprovação, ou minha censura, já não tinha importância alguma. Não era de mim, para mim, que esta história se desenrolava; eu me tinha entregue, de pés e mãos atados, à mercê de um outro. Que loucura! Nem sequer compreendia mais o que viera procurar aqui; decerto tinha perdido o juízo para imaginar que um homem que não representava nada para mim fosse capaz de fazer alguma coisa por mim. “Vou para o hotel, dormir imediatamente”, decidi, quando Brogan, na rua, me retomou o braço.

— Estou contente de lhe ter mostrado Teddy — dizia ele. — É o batedor-de-carteiras-escritor, de quem lhe falei. Lembra-se?

— Lembro-me. E as mulheres? Quem são?

— Não as conheço. — Brogan tinha parado numa esquina. — Se o bonde não vier, tomaremos um táxi.

“Um táxi”, pensei, “é a nossa última chance; se o bonde chegar, desisto, volto para o hotel.” Durante um longo instante, olhei para os trilhos, que brilhavam com ameaça. Brogan fez sinal a um táxi.

— Suba.

Não tive tempo de pensar: “Agora ou nunca”; já ele me apertava contra si, um colar de carne aprisionava meus lábios, uma língua remexia em minha boca, meu corpo se levantava de entre os mortos. Entrei no bar cambaleando, como deveria ter cambaleado Lázaro ao ser ressuscitado. Os músicos estavam descansando e Big Billy veio sentar-se à nossa mesa. Brogan brincava com ele, e seus olhos brilhavam. Teria gostado de tomar parte em sua alegria, mas estava impedida pelo meu corpo, todo novo; era volumoso demais, queimava em excesso. A orquestra recomeçou a tocar. Olhei vagamente o americano pernetado de cabelos frisados que executava um número de claquetes, e minha mão tremia ao levar à boca o copo de uísque: que iria Brogan fazer? Que diria? Eu não saberia como arrancar-me um gesto, uma palavra. Ao fim de um tempo que me pareceu muito longo, ele perguntou, com voz animada:

— Quer ir embora?

— Sim.

— Quer voltar para o hotel?

Num murmúrio, que me dilacerou a garganta, consegui balbuciar:

— Não queria deixá-lo.

— Nem eu a você — disse ele, sorrindo.

No táxi, beijou-me de novo na boca e, depois, perguntou:

— Quer dormir em minha casa?

— Como não?

Pensaria que eu podia jogar no lixo este corpo que ele acabava de me dar? Pus a cabeça no seu ombro e ele me envolveu com os braços.

Na cozinha amarela, onde o aquecedor não roncava mais, ele me apertou com violência:

— Anne! Anne! É um sonho! Fiquei tão infeliz o dia todo!

— Infeliz? Foi você que me torturou. Não se decidia nunca a beijar-me.

— Beije-a, e você me limpou o queixo, com o lenço: pensei que eu estivesse seguindo o caminho errado.

— A gente não se beija num saguão! Era preciso trazer-me aqui.

— Mas você reclamava um quarto! Eu tinha arranjado tudo, inclusive comprado um grande bife para o jantar. Às dez horas da noite, diria: é muito tarde para encontrar um hotel.

— Compreendi muito bem, mas sou prudente: suponha que não nos tivéssemos reencontrado.

— Como assim, se jamais a perdi?

Falávamos boca a boca e eu sentia seu hálito sobre os meus lábios.

— Tive medo de que passasse um bonde — murmurei.

Ele riu com orgulho:

— Eu já havia decidido tomar um táxi. — Beijava-me a testa, as pálpebras, as faces, e eu sentia a terra girar. — Você está morta de cansaço, precisa deitar-se — disse ele. Com ar preocupado, acrescentou: — Sua mala!

— Não preciso dela.

Ele ficou na cozinha, enquanto eu tirava a roupa. Enrolei-me nas cobertas, sob a colcha mexicana. Ouvia-o andar, arrumar, abrir e fechar armários, como se fôssemos, já, um velho casal. Depois de tantas e tantas noites passadas em quartos de hotel, em quartos de amigos, era confortador sentir-me em casa, nessa cama estranha. O homem que eu escolhera e que me escolhera ia deitar-se ao meu lado.

— Oh! Já está instalada! — disse Brogan. — Carregava no braço roupa de cama muito limpa e me observava com perplexidade. — Queria trocar a roupa de cama.

— É inútil. — Ele permanecia sob a soleira da porta, embaraçado pelo seu pomposo fardo. — Estou muito bem — disse eu, puxando até o queixo a quente coberta sob a qual ele havia dormido a última noite. Afastou-se, voltou.

— Anne.

Caiu sobre mim, seu tom de voz atordoou-me. Pela primeira vez, disse seu nome:

— Lewis!

— Anne! Estou tão feliz!

Ele estava nu, eu estava nua e nem um pouco inibida. Seu olhar não podia ferir-me; ele não me julgava, não preferia nada de mim. Dos cabelos aos dedos dos pés, suas mãos me estudavam perfeitamente.

— Gosto de suas mãos — disse eu de novo.

— Gosta delas?

— Perguntei-me a tarde toda se as sentiria sobre o meu corpo.

— Você as sentirá a noite toda.

Repentinamente, ele não era mais desajeitado, nem modesto. Seu desejo me transfigurava. Eu, que havia muito tempo já não tinha gosto, nem forma, possuía novamente seios, um ventre, um órgão sexual, uma carne. Alimentava como o pão e recendia como a terra. Era tudo tão miraculoso, que não pensei em regular meu tempo, nem meu prazer. Sei apenas que, quando adormecemos, se ouvia o fraco assobio da madrugada.

Um cheiro de café me despertou. Abri os olhos e sorri, vendo, sobre uma cadeira próxima, meu vestido de lã azul nos braços de um paletó cinzento. A sombra da árvore preta tinha agora folhas que borboleteavam sobre o parapeito esplendidamente amarelo. Lewis me deu um copo e eu tomei de um só gole o suco de laranja, que, nessa manhã, tinha gosto de convalescença: como se a voluptuosidade fosse uma doença; ou como se toda a minha vida tivesse sido uma longa doença, de que eu me encontrasse sarando.

Era um domingo, e pela primeira vez no ano o sol brilhava sobre Chicago. Fomos sentar-nos em um gramado, à beira do lago. Havia crianças brincando de índios pelas moitas e muitos casais de namorados, dando-se as mãos; iates deslizavam sobre a água abundante, pequenos aviões, vermelhos, amarelos e lustrosos como brinquedos, giravam por cima de nossas cabeças. Lewis tirou do bolso um papel.

— Há dois meses, escrevi um poema sobre você...

— Mostre.

Senti um pequeno aperto no coração. Sentado junto à janela, sob a reprodução de Van Gogh, ele havia escrito esses versos para a casta desconhecida que lhe recusara os lábios. Durante dois meses, pensara nela com ternura: e eu não era mais aquela mulher. Decerto ele notou uma sombra em meu rosto, porque disse, inquietamente:

— Não devia mostrar-lhe.

— Devia, sim, gosto muito dele. — Sorri com esforço: — Mas, agora, estes lábios são seus.

— Agora, enfim.

O calor de sua voz me acalmou. No inverno, minha reserva o havia sensibilizado. Mas, evidentemente, ele estava muito mais satisfeito agora. Inútil atormentar-me. Ele me acariciava os cabelos, me dizia palavras simples e doces, fazia deslizar pelo meu dedo um velho anel de cobre. Eu olhava o anel, ouvia as palavras insólitas. Sob minha face, sentia as batidas familiares de um coração desconhecido. Nada me era pedido: bastaria que eu fosse justamente quem era, e um desejo de homem me transformava em uma perfeita maravilha. Era tudo tão tranquilizador que, se o sol tivesse parado no meio do céu, eu deixaria correr a eternidade, sem o constatar.

Mas o sol se havia aproximado da terra, a vegetação se tornava fresca, as moitas silenciavam, os iates adormeciam.

— Você vai resfriar-se — disse Lewis. — Vamos andar um pouco.

Parecia estranho que eu me reencontrasse sobre as minhas próprias pernas, aquecida somente pelo meu calor, e que meu corpo soubesse mover-se e ocupasse um lugar especificamente seu. O dia todo ele fora uma ausência, um negativo: aguardava a noite e as carícias de Lewis.

— Onde quer jantar? — perguntou ele. — Pode ser em casa, ou em outro lugar.

— Vamos a algum lugar.

Esse dia tinha sido tão azul, tão terno, que eu já não tinha palavras carinhosas a dizer. Nosso passado datava de menos de 36 horas, nosso horizonte se reduzia a um rosto, e nosso futuro era nossa cama: sufocava-me um pouco neste ar confinado.

— E se fôssemos até o clube negro, de que ontem falava Big Billy?

— É longe — disse Lewis.

— Assim passearemos um pouco.

Eu tinha vontade de distrair-me. Essas horas demasiado intensas me haviam cansado. No bonde, cochilei sobre o ombro de Lewis. Não tentava orientar-me na cidade; não acreditava que ela tivesse, como as outras, artérias fixas e meios de transportes precisos. Era só aceitar certos rituais que Lewis conhecia, e os lugares surgiam do nada. O Clube Delisa surgiu do nada, aureolado por um halo cor de malva. Havia um grande espelho ao

lado da porta, e juntos sorrimos às nossas imagens refletidas. Minha cabeça chegava justamente à altura de seu ombro, parecíamos felizes e jovens, e eu disse alegremente: “Que belo casal!” E, depois, meu coração sentiu um aperto: não; não éramos um casal; não o seríamos jamais. Teríamos podido amar-nos, estava certa disso: em que ponto do mundo? Quando? De qualquer forma, em parte alguma da terra, em nenhum ponto do futuro.

— Queríamos jantar.

Um *maître-d’hôtel*, de pele muito escura e com ar de um campeão de luta livre, instalou-nos num lugar perto do palco e colocou diante de nós cestas cheias de frango frito. Os músicos ainda não tinham chegado, mas a sala estava repleta: uns brancos e muitos negros, alguns dos quais com barrete turco na cabeça.

— Que significam esses barretes?

— É uma dessas ligas, como existem tantas — respondeu Lewis. — Aconteceu de cairmos num dos congressos deles.

— Vai ser muito maçante.

— Receio que sim.

A voz dele estava cansada. Com certeza também estava fatigado, devido aos nossos excessos de felicidade. Desde a véspera, esgotamo-nos em procurar-nos um ao outro, em encontrar-nos, em abraçar-nos. Quase nada de dormir, muita febre, muita volúpia. Enquanto comíamos em silêncio, um negro alto, com um fez na cabeça, subiu ao palco e pôs-se a falar enfaticamente.

— Que é que ele está dizendo?

— Fala sobre a liga.

— Teremos atrações, apesar disso?

— Sim.

— Quando?

— Não sei.

Ele respondia sem vontade. Nossa lassidão comum não nos aproximava e, de repente, não senti correr mais em minhas veias senão uma água cinzenta. Talvez tivesse sido um erro ter querido fugir de nosso refúgio: lá, o ar estava muito carregado, muito rico; mas fora, a terra se nos mostrava despovoada, fazia frio. O orador declamou um nome com voz alegre, uma mulher de gorro vermelho levantou-se, e todos aplaudiram. Uma outra

fisionomia, depois outra se evidenciaram acima da multidão. Iriam apresentar todos os membros da liga, um por um? Virei-me para Lewis. Ele fixava no espaço um olhar parado. Pendia-lhe o maxilar inferior, e ele fazia lembrar os peixes maus do aquário.

— Se isso vai durar muito tempo, o melhor que temos a fazer é sair — disse eu.

— Não viemos de tão longe para sair assim depressa.

A voz era seca. Pareceu-me mesmo discernir nela uma espécie de hostilidade, que só o cansaço não era suficiente para explicar. Talvez ele tivesse desejado, quando deixamos as margens do lago, voltar para casa. Talvez estivesse magoado com o fato de que eu não mostrasse desejo de retornar ao nosso leito. Esta ideia consternou-me. Tentei uma reaproximação, por palavras.

— Cansado?

— Não.

— Aborrecido?

— Estou esperando.

— Nós não vamos esperar assim durante duas horas.

— Por que não?

Ele apoiou a cabeça contra a divisória de madeira, o rosto estava opaco e distante, como a face da Lua. Tinha o ar de quem se achava pronto para cochilar, sem dizer palavra, durante duas horas. Pedi um uísque duplo, que não foi capaz de reanimar-me. No palco, matronas negras de turbantes vermelhos saudavam-se reciprocamente e saudavam o público, em meio a aplausos.

— Lewis, vamos para casa.

— Não, é absurdo.

— Então fale comigo.

— Nada tenho a dizer.

— Não suporto mais ficar aqui.

— Você quis vir.

— Não é motivo.

Ele já tinha recaído em seu torpor. Experimentei pensar: “Estou dormindo, é um pesadelo, vou acordar.” Mas, não; o sonho foi esta tarde muito azul, agora estamos acordados. À margem do lago, Lewis me falava como se eu nunca devesse deixá-lo. Pôs em meu dedo uma aliança. E em

três dias terei ido embora para sempre, ele o sabia. “Está bravo comigo, e é justo”, pensava eu. “Por que vim, uma vez que não posso ficar? Está bravo comigo, e seu rancor vai separar-nos de vez.” Faltava tão pouco para que nos separássemos de vez. Pouco tempo atrás, estávamos separados para todo o sempre. Lágrimas subiam-me aos olhos.

— Está zangado?

— Não.

— Então, o que há?

— Nada.

Eu procurava em vão o olhar dele. Ainda que me esmagasse as falanges, me fraturasse o crânio contra essa parede cega, ela não seria movida. Mocinhas vestidas para distribuição de prêmios alinhavam-se no palco. Um magricela de cor parda aproximou-se do microfone e começou a cantar, requebrando-se.

— Vou para casa! — murmurei, desesperada.

Lewis não se mexeu e eu me perguntava, incrédula: “Será possível que tudo esteja acabado, já? Perdi-o tão depressa?” Fiz um esforço de bom senso: não o perdi, nunca o tive, e achava-me sem o direito de queixar-me, já que não fiz outra coisa senão emprestar-me a ele. Concordei, não me queixaria. Mas sofria. Toquei em meu anel de cobre. Só havia um meio de pôr fim ao sofrimento: renegar tudo. Eu devolveria o anel para ele, amanhã cedo tomaria um avião para Nova York, e esse dia não seria mais do que uma lembrança que o tempo se encarregaria de apagar. O anel escorregou ao longo do meu dedo, reví o céu azul, o sorriso de Lewis, que me acariciava os cabelos, me chamava: “Anne!” Deixei-me cair sobre o seu ombro:

— Lewis.

Ele passou o braço em torno de mim e as lágrimas saltaram-me.

— Fui tão mau, realmente?

— Você me causou medo — respondi. — Tive tanto medo!

— Medo? Tinha medo dos alemães em Paris?

— Não.

— E eu lhe causei medo? Estou muito orgulhoso...

— Devia era estar envergonhado. — Ele beijou de leve os meus cabelos. Sua mão me acariciava o braço. Murmurei:

— Quis devolver-lhe o anel.

— Eu vi — disse ele, com uma voz grave. — Pensei: estrago tudo; não podia, porém, arrancar-me uma palavra.

— Por quê? Que se passou?

— Absolutamente nada.

Não insisti, mas pedi:

— Quer ir para casa, agora?

— Claro que sim.

No táxi, ele disse bruscamente:

— Não lhe acontece nunca ter vontade de matar todo o mundo, você inclusive?

— Não. Principalmente quando estou ao seu lado.

Ele sorriu e me instalou em seu ombro. Eu reencontrara seu calor, sua respiração, mas ele se calava. E eu pensei: “Não me enganei. Esta crise não estourou sem razão; ele achou, e acha ainda, que nossa história é absurda.” Quando nos deitamos, imediatamente apagou a luz. Agarrou-me no escuro, em silêncio, sem pronunciar meu nome, sem me oferecer seu sorriso. Depois, distanciou-se, sem abrir a boca. “Sim”, disse eu a mim mesma, aterrorizada, “ele não me quer mais, vou perdê-lo.”

— Lewis! Diga pelo menos que você tem amizade por mim — supliquei.

— Amizade? Mas eu a amo! — respondeu ele, com violência. Voltou-se, depois, contra a parede e chorei longo tempo, sem saber se porque ele me amava, se porque eu não podia amá-lo, se porque um dia ele deixaria de amar-me.

“Preciso falar com ele”, decidi de manhã, ao abrir os olhos. Agora que a palavra amor tinha sido pronunciada, era-me necessário explicar a Lewis por que eu me recusava a utilizá-la. Ele, porém, me atraiu a si:

— Como você está corada! Como está quente! — e faltou-me a coragem. Nada mais importava senão a felicidade de estar nos seus braços, quente e corada. Tínhamos partido através da cidade. Andamos enlaçados pelas ruas bordejadas de casebres em ruínas, diante dos quais estacionavam carros de luxo. A espaços, casas construídas abaixo do nível da rua eram separadas desta por um fosso transposto por escada. Tinha-se a impressão de andar sobre um dique. Sobre as calçadas da Michigan Avenue, descobri uma cidade sem sol, onde brilhavam, o dia todo, anúncios em néon. Passeamos em canoas sobre o rio. Bebemos martínis no alto de uma torre, de onde se divisavam um lago sem fim e arredores da cidade, tão vastos

como o lago. Lewis amava essa cidade. Contava-me a sua história. Os campos, os índios, as primeiras barracas, as ruelas onde grunhiam porcos, o grande incêndio, os primeiros arranha-céus: poderia se dizer que ele tinha assistido a tudo.

— Onde quer jantar? — perguntou.

— Onde quiser.

— Estive pensando que poderíamos jantar em casa.

— Sim, jantaremos em casa.

Senti um aperto no coração. Ele havia dito “em casa”, como se fôssemos marido e mulher. E restavam-nos dois dias para viver juntos. Eu repetia a mim mesma: “É preciso falar.” O que era preciso falar, isto é, falar-lhe, é que eu teria podido amá-lo, e não podia... Iria ele compreender-me, ou odiar-me?

Compramos presunto, salame, uma garrafa de *chianti*, pão de ló ao rum. Dobramos a esquina, onde o letreiro SCHILTZ vermelhejava. Ao pé da escada, em meio a latas de lixo, ele me apertou contra si:

— Anne! Sabe por que a amo tanto? É porque a faço feliz. — Aproximei meus lábios para beber sua respiração de mais perto, quando ele se separou de mim. — Há alguém na sacada — disse.

Subiu à minha frente a passos rápidos, e eu o ouvi exclamar com alegria:

— Maria! Que agradável surpresa! Entre. — Sorriu-me. — Anne, esta é Maria, uma velha amiga.

— Não quero incomodá-lo — disse Maria.

— Você não me incomoda.

Ela entrou. Era jovem, um pouco forte demais; seria bonita, se mais ou menos maquiada e com um penteado mais cuidado. Sua túnica azul deixava nus dois braços brancos, um dos quais era marcado de grandes equimoses. Devia ter vindo como uma vizinha, sem se dar ao trabalho de vestir-se. “Uma velha amiga...” Que queria dizer isto exatamente? Sentou-se.

— Precisava falar com você, Lewis — disse ela, com uma voz mais ou menos rouca.

Um forte soluço me subiu à garganta. Lewis. Ela pronunciou esse nome como se lhe fosse muito familiar, e olhava Lewis com uma ternura insistente, ao mesmo tempo que ele abria uma garrafa de *chianti*.

— Esperou muito tempo? — perguntou ele.

— Duas ou três horas — respondeu ela, ligeiramente. — O pessoal de baixo foi gentil, ofereceu-me café. Impressionante o que essa gente pensa de bom a seu respeito. — Ela tomou de um trago todo um copo de *chianti*. — Tenho coisas muito importantes a dizer-lhe. — Mediu-me com o olhar. — Coisas pessoais.

— Pode falar na presença de Anne — disse Lewis, que acrescentou: — Anne é francesa, vem de Paris.

— Paris! — exclamou Maria. Encolheu os ombros. — Dê-me mais um pouco de vinho. — Lewis lhe encheu o copo, que ela esvaziou brutalmente. — É preciso que você me ajude — disse ela — só você...

— Tentarei.

Ela hesitou. Decidiu-se.

— Bem, vou pô-lo a par...

Por minha vez, servi-me de um pouco de vinho e, ansiosamente, perguntei-me: “Será que ela vai ficar aqui a noite toda?” De pé, encostada ao aquecedor, ela declamava uma história em que se tratava de casamento, de divórcio, de vocação contrariada.

— Você teve êxito — dizia, com uma voz reivindicativa. — Uma mulher... é mais difícil; preciso acabar esse livro; e, lá onde estou, não posso escrever. — Quanto a mim, mal a escutava; pensava com raiva que Lewis devia achar um meio de nos livrar dela. Ele dizia que me amava e sabia muito bem que nossas horas eram contadas. Então? Mas perguntou, num tom polido:

— E sua família?

— Por que me pergunta isso? Minha família! — Com um gesto nervoso, Maria juntou os papéis espalhados sobre a mesa, fez de tudo uma bola e atirou-a com violência dentro de uma lata de lixo. — Detesto a desordem! Não — continuou, olhando fixamente Lewis —, só posso contar com você.

Ele se levantou. Parecia embaraçado.

— Não tem fome? Nós íamos jantar...

— Obrigada — disse ela. — Comi sanduíches de queijo; queijo americano — acentuou, num tom de vaga provocação.

— E onde vai dormir esta noite? — perguntou ele.

Ela explodiu de rir:

— Não vou dormir. Bebi dez xícaras de café.

— Mas onde passará a noite?

— Você me convidou, não? — Encarou-me: — Naturalmente, para que eu consinta em ficar, outras mulheres não podem arrastar-se pela casa.

— O problema é que há outra mulher — disse Lewis.

— Ponha-a fora — ordenou Maria.

— É difícil — disse Lewis, alegremente.

De início, tive vontade de rir: Maria era uma fugitiva de hospício, o que devia ter-me saltado aos olhos, desde que começou a falar. E, depois, minha cegueira apavorou-me. Como eu estava vulnerável para ver nesta alucinada uma rival! E daí a dois dias eu iria embora, partiria, abandonaria Lewis a uma chusma de mulheres, então livres para amá-lo. Não podia suportar essa ideia.

— Há dez anos que não o via — disse-me Maria, imperiosamente. — Deixe-o comigo esta noite e poderá tê-lo para o resto de sua vida. É razoável, não?

Não respondi, e ela se voltou para Lewis:

— Se eu for embora, não voltarei mais; se eu for embora, amanhã estarei casada com outro homem.

— Mas Anne está na casa dela — disse Lewis. — Somos casados.

— Ah! — A fisionomia de Maria imobilizou-se. — Desculpe-me. Eu não sabia. — Ela agarrou a garrafa de *chianti* e bebeu avidamente no gargalo: — Dê-me uma navalha.

Lewis e eu trocamos um olhar intranquilo, e ele disse:

— Não tenho.

— Vamos! — Levantou-se, foi até a pia: — Esta lâmina serve bem para o que eu quero. Você dá licença? — perguntou-me ela, ironicamente, sentando-se, as coxas largamente separadas uma da outra: pôs-se a raspar as pernas com uma insistência frenética. — Assim ficará melhor, muito melhor. — Levantou-se de novo, plantou-se diante do espelho e raspou as axilas, uma depois da outra. — Sente-se a diferença — declarou ela, espreguiçando diante do espelho, com um sorriso voluptuoso. — Está bem, eis aí! Amanhã casarei com aquele doutor. Por que não casaria com um negro, se trabalho como um negro?

— Maria, é tarde — disse Lewis. — Vou instalá-la em um hotel, onde você poderá descansar tranquilamente.

— Não quero descansar. — Ela o olhou com raiva. — Por que insistiu para que eu entrasse? Não gosto de que zombem de mim. — Seu punho se

ergueu e estacou a um dedo do rosto de Lewis. — Foi assim mesmo o mais baixo golpe que já me desferiram na vida. Quando penso em tudo o que já suportei por sua causa... — acrescentou ela, indicando as equimoses.

— Venha, é tarde — repetiu Lewis, calmamente.

O olhar dela deteve-se sobre a pia.

— Bem, eu vou. Mas, primeiramente, es quente água, que quero lavar essa louça: não suporto sujeira.

— Ali há água quente — disse Lewis, num tom resignado.

Ela pegou a chaleira e se pôs a lavar a louça com uma pressa silenciosa. Quando terminou, enxugou as mãos na túnica.

— Muito bem. Deixo-o com sua mulher.

— Acompanho-a — disse Lewis. Fez-me um pequeno sinal, enquanto ela caminhava para a porta, sem um olhar sequer para mim. Pus a mesa, acendi um cigarro. Agora não havia mais escapatória, Lewis voltaria dentro em pouco e eu iria falar-lhe. Mas as palavras que ruminei desde a manhã não me pareciam ter mais sentido algum. Robert, Nadine, meu trabalho, Paris: tudo isso, todavia, era verdadeiro; um dia não bastou para que se tornasse falso.

Lewis entrou novamente na cozinha e trancou a porta com cuidado.

— Botei-a num táxi — informou ele. — E disse-me ela: “Afim, melhor mesmo é voltar a dormir com os loucos.” Escapou no fim da tarde e veio para cá direto.

— Não percebi logo.

— Vi bem isso. Há quatro anos que ela se acha internada. No ano passado, escreveu-me para pedir meu livro, e eu lhe enviei com um pequeno recado. Mal a conhecia. — Ele olhou à sua volta, sorrindo: — Desde que moro aqui, acontecem coisas estranhas. É este lugar: atrai gatos, loucos, viciados em drogas. — Tomou-me nos braços. — E os simples de espírito.

Foi colocar os discos na vitrola e voltou a sentar-se à mesa. Sobrara um pouco de *chianti*, que pus em nossos copos. A vitrola tocava uma balada irlandesa, enquanto comíamos juntos, em silêncio. Sob a coberta mexicana, a cama nos esperava. Poderia se dizer que era uma noite costumeira, a que iriam seguir-se mil noites, todas semelhantes. Lewis exprimiu alto meu pensamento:

— Pode-se acreditar que não menti a Maria. — Seu olhar repentinamente me interrogava: “Quem sabe?” Eu, eu sabia. Virei o rosto. Não podia mais recuar.

— Lewis, não lhe falei de mim o suficiente — murmurei. — Preciso explicar-lhe...

— Sim? — Havia apreensão em seus olhos, e eu pensava: “Tudo está terminado.” Uma última vez, olhei o aquecedor, as paredes, a janela, aquele ambiente em que, dali a pouco, eu não seria mais do que uma intrusa. Depois, aos poucos e desordenadamente, pus-me a lançar frases. Um dia, na montanha, rolei ao longo de um monte de entulhos, pensei que ia morrer e só sentia indiferença. Reconhecia esta resignação. Somente desejaria poder fechar os olhos.

— Não havia compreendido que o casamento ainda representava tanto para você — disse Lewis.

— Representa.

Ele se calou durante um longo momento.

— Você me compreende? — murmurei.

Cercou-me o ombro com o braço.

— Você é mais querida ainda para mim do que antes de haver falado. Cada dia me é mais querida. — Apoiei minha face contra a sua e todas as palavras que me recusava a dizer-lhe me enchiam o coração.

— Você devia ir dormir — disse ele, finalmente. — Vou pôr alguma ordem nas coisas e volto para o seu lado.

Por muito tempo, ouvi um barulho de louça remexida; depois não ouvi mais nada: adormeci. Quando abri os olhos, ele dormia junto de mim. Por que não me havia acordado? Que teria pensado? Que iria pensar amanhã? Que pensaria, quando eu já tivesse partido? Saí sutilmente do leito, abri a porta da cozinha, apoiei-me de cotovelos a um balaústre da sacada. A árvore, abaixo de mim, arrepia-se. Uma grande coroa de luzes vermelhas, o reservatório de gás, brilhava entre o céu e a terra. Fazia frio e arrepiei-me também.

Não, eu não queria partir. Não depois de amanhã. Não tão depressa. Telegrafaria a Paris: podia ficar mais dez dias, quinze dias... Podia ficar: e daí? Acabaria, necessariamente, indo embora. A prova de que devia partir imediatamente é que isso já me custava tanto. Não se tratava ainda senão de uma aventura de viagem: se eu ficasse, tudo se transformaria num amor

verdadeiro, num amor impossível, e é então que eu sofreria. Eu não queria sofrer; vi de perto o sofrimento de Paule. Fiz deitar em meu divã muitas mulheres torturadas, que não chegavam a sarar. “Se eu partir”, pensava, “esquecerei, serei forçada a esquecer. A gente esquece, é matemático, esquece tudo, e depressa: quatro dias são fáceis de esquecer.” Tentei pensar em Lewis como num esquecido: ele andava pela casa, havia-se esquecido de mim. Sim, ele também esqueceria. Hoje, aí estavam meu quarto, minha sacada, minha cama e um coração cheio de mim: e, entretanto, jamais terei existido. Fechei de novo a porta, pensando com paixão: “Não será culpa minha; não o perderei por minha culpa.”

— Você não dorme? — perguntou Lewis.

— Não. — Sentei-me à beira do leito, bem perto do seu calor. — Lewis, se eu quisesse ficar mais uma semana, ou duas, seria possível?

— Acho que a esperam em Paris — disse ele.

— Posso telegrafar para Paris. Você ficaria comigo ainda um pouco?

— Ficaria! Eu ficaria com você a vida toda! — respondeu ele.

Lançou-me tais palavras com tamanha violência, que me deixei cair em seus braços. Beije-lhe os olhos, os lábios. Minha boca desceu ao longo de seu peito; tocou-lhe de leve o umbigo pequeno, os pelos que recobrem o púbis, o sexo onde um coração batia seguidamente; seu odor, seu calor me embriagavam, e senti que minha vida me abandonava, minha velha vida, com seus cuidados, suas fadigas, suas lembranças gastas. Lewis apertou contra si uma mulher inteiramente nova. Gemi, não somente de prazer: de felicidade. O prazer, antigamente eu o apreciava em seu justo valor; mas não sabia que a intimidade sexual pudesse agitar-nos tão violentamente. O passado, o futuro, tudo quanto nos separava morria ao pé de nosso leito: nada mais nos separava. Que vitória! Lewis estava inteiro em meus braços, eu nos seus, nada mais desejaríamos: possuíamos tudo, para sempre. Juntamente dizíamos:

— Que felicidade! — e, quando Lewis disse: — Amo-a! — eu disse ao mesmo tempo que também o amava.

Fiquei quinze dias em Chicago. Durante esse tempo, vivemos sem futuro e sem fazer perguntas um ao outro; com nosso passado fabricávamos histórias, e um relatava ao outro a sua. Era Lewis, principalmente, quem falava: falava muito depressa, um pouco febrilmente, como se quisesse livrar-se de toda uma vida de silêncio. Eu apreciava a maneira como as

palavras se lhe atropelavam na boca; apreciava o que ele dizia e sua maneira de o dizer. Constantemente eu descobria motivos novos para amá-lo: talvez porque tudo quanto descobria nele servisse de novo pretexto para o meu amor. Fazia bom tempo, passeávamos muito. Quando cansados, voltávamos para o quarto; era a hora em que, sobre a cortina amarela, a sombra da árvore desaparecia; Lewis punha uma pilha de discos na vitrola, enfiava o roupão branco, eu me deitava de camisola sobre os seus joelhos e aguardávamos o desejo. Eu, que sempre me interrogo, desconfiada, acerca dos sentimentos que inspiro, nunca me perguntei o que Lewis amava em mim: estava segura de que era a mim que ele amava. Não conhecia nem meu país, nem minha língua, nem meus amigos, nem minhas preocupações: nada, a não ser minha voz, meus olhos, minha pele. Mas eu não possuía outra verdade senão essa pele, essa voz, esses olhos.

Na antevéspera de minha partida, fomos jantar no velho restaurante alemão e descemos até as margens do lago. A água estava preta, sob um céu de cinza leitoso; fazia calor; moços e moças seminus e molhados inteiramente secavam o corpo em torno de um fogareiro de acampamento; adiante, pescadores haviam recolhido suas linhas; instalavam sobre as lajes da margem sacos de dormir e garrafas térmicas. Pouco a pouco, a orla do lago tornou-se deserta. Calávamo-nos. O lago arquejava docemente aos nossos pés, estava tão selvagem como no tempo em que os índios acampavam às suas margens pantanosas, como no tempo em que os índios nem sequer existiam. À esquerda, acima de nossas cabeças, ouvia-se um grande rumor de cidade, os faróis dos carros varriam a avenida, onde brilhavam os altos edifícios. A terra parecia infinitamente velha, absolutamente jovem.

— Que noite linda! — disse eu.

— Sim, uma noite linda — confirmou Lewis. Mostrou-me um banco: — Quer sentar-se aqui?

— Se quiser.

— Como é agradável uma mulher que sempre responde: “se quiser”! — disse Lewis, a voz contente. Sentou-se a meu lado e envolveu-me com o braço: — Entendemo-nos tão bem, e isso é bom — disse ele, ternamente. — Nunca pude entender-me com ninguém.

— Culpa dos outros, com certeza — disse eu.

— Não, culpa minha. Comigo não é fácil viver.

— Eu acho que é.

— Pobre pequena gaulesa: Você não é muito exigente!

Apoiei a cabeça no peito de Lewis e ouvi bater-lhe o coração. Que poderia exigir mais? Tinha aquele coração robusto e paciente, que batia sob a minha face; e, ao redor, aquela noite cinza-pérola, feita especialmente para mim. Impossível imaginar que poderia não tê-la vivido. “E, todavia”, pensei, “se Philipp tivesse ido a Nova York, eu não estaria aqui.” Não teria amado Philipp, disso estava certa: mas não teria revisto Lewis, nosso amor não teria existido. Era tão desconcertante pensar como quando imaginamos que poderíamos não ter nascido, ou ser outra pessoa.

— Quando me lembro de que quase não lhe telefonei! — murmurei. — Ou de que você poderia não ter atendido!

— Oh! — disse Lewis. — Seria impossível eu não encontrá-la outra vez!

Havia tal certeza em sua voz que fiquei com a respiração cortada. Pousei meus lábios no lugar em que o coração lhe batia e prometi a mim mesma: “Ele nunca lamentará este encontro!” Eu ia partir dali a dois dias; o futuro existia de novo: mas faríamos dele a nossa felicidade. Ergui a cabeça.

— Lewis, se você de fato o desejar, voltarei para um período de dois ou três meses, na primavera.

— Quando quer que você venha, será sempre primavera — respondeu Lewis.

Ficamos muito tempo abraçados, a olhar as estrelas. Uma delas correu pela vastidão do céu e eu disse:

— Faça um desejo!

Lewis sorriu:

— Já fiz.

Senti um nó na garganta. Sabia o que ele tinha desejado, como sabia que esse desejo não seria satisfeito. Lá, em Paris, minha vida me esperava, a vida que, durante vinte anos, eu construía, e a respeito da qual eu não deveria questionar. Voltaria na primavera, mas para partir de novo.

O dia seguinte foi dedicado a compras. Lembrei-me de Paris, de suas tristes vitrines, de suas mulheres malcuidadas, e me pus a comprar de tudo, sem economia, para todo o mundo. Jantamos fora e, quando subi a escada de madeira, apoiada ao braço de Lewis, pensei: “É a última vez!” Os rubis do reservatório de gás brilhavam entre o céu e a terra, pela

derradeira vez. Entrei no quarto. Parecia que um estripador tinha acabado de assassinar uma mulher e de saquear os seus armários. Minhas duas malas estavam abertas e, sobre a cama, sobre as cadeiras, sobre o assoalho, jaziam roupas de baixo de náilon, meias, cosméticos, sapatos, echarpes; tudo isso fazia sentir o amor, a morte, o cataclisma. Na verdade, tratava-se de uma câmara mortuária: todos esses objetos eram as relíquias de uma morta, eram o viático que ela carregaria até o além. Fiquei pregada no lugar. Lewis se aproximou da cômoda, abriu uma gaveta, tirou de dentro uma caixa cor de malva, entregando-me, um pouco envergonhado:

— Comprei para você!

Sob o papel de seda, uma grande flor branca, de perfume atordoante. Tomei a flor, esmaguei-a contra a boca, joguei-me sobre a cama, soluçando.

— Não é para comer — disse Lewis. — Comem-se flores na França?

Sim, alguém tinha morrido. E esse alguém era uma mulher feliz, que acordava de manhã, rosada e quente, rindo. Mordi a flor, quisera desmaiar com seu perfume, morrer inteiramente. Mas eu tinha adormecido viva, e muito cedo Lewis me conduziu à esquina da grande avenida: decidimos separar-nos lá. Ele fez sinal a um táxi, subi, a porta bateu, o táxi dobrou a esquina. Lewis desapareceu.

— É seu marido? — perguntou o motorista.

— Não — respondi.

— Ele parecia tão triste!

— Não é meu marido.

Ele estava triste, e eu também! Agora, porém, a tristeza já não era a mesma. Cada um se achava só. Lewis voltava sozinho para o seu quarto vazio. Eu subia sozinha até o avião.

* * *

Dezoito horas. Pouco tempo para se saltar de um mundo a outro mundo, de um corpo a outro corpo. Estava ainda em Chicago, esmagando contra uma flor o meu rosto em fogo, quando Robert repentinamente me sorriu. Sorri também, tomei-lhe o braço, pus-me a falar. Havia-lhe contado, por cartas, muitas coisas. Todavia, assim que abri a boca, senti que desencadeava um monstruoso cataclisma. Todos esses dias tão movimentados que eu acabava de viver se petrificaram bruscamente. Atrás

de mim só restava um bloco de passado imóvel; o sorriso de Lewis tinha tomado a rigidez de uma expressão de bronze. Eu estava lá, passeando em ruas que jamais abandonara, junto a Robert, de quem jamais me separara, e guardava uma história que não havia acontecido com ninguém. Esse fim de maio estava muito azul; vendia-se junquilha em todos os cruzamentos; sobre o toldo verde das carrocinhas dos vendedores ambulantes, repousavam feixes de aspargos embrulhados até o meio em papel vermelho. Junquilha, aspargos... eram grandes tesouros neste continente. As mulheres vestiam saias de algodão de cores alegres, mas como suas peles e cabelos me pareciam sem brilho! Os carros espalhados pelas ruas estreitas eram velhos, pequenos, capengas. E que pobres as vitrines de veludo descorado! Não havia engano possível: aquela austeridade me dizia que eu havia retomado pé na realidade. E, logo, o que era mais irrefutável ainda, reconheci em minha boca aquele gosto, o gosto da inquietação. Robert só falava de mim, contornava minhas perguntas: Visivelmente, as coisas não andavam a seu gosto. Pobreza, preocupação: não havia dúvida, eu estava em casa.

Logo no dia seguinte fomos para Saint-Martin. O tempo estava agradável, sentamo-nos no jardim. Assim que Robert começou a falar-me, vi que não me havia enganado: ele estava com o coração pesado. Os comunistas moviam-lhe aquela campanha que um ano antes ele já encarava com temor: publicaram, entre outros, em *L'Enclume*, um artigo que o atingira cruelmente. Ele me feriu também. Apresentavam Robert como um velho idealista, incapaz de adaptar-se às duras necessidades atuais. Eu achava, ao contrário, que ele havia feito demasiadas concessões aos comunistas e abandonado muitas coisas de seu passado.

— É má-fé — disse eu. — Ninguém pensa isso de você, nem mesmo o autor do artigo.

— Ah! Não sei. — Robert encolheu os ombros: — Às vezes, digo a mim mesmo que, com efeito, já estou muito velho.

— Você não é velho. Não o era quando parti, e prometeu-me não mudar. Sorriu:

— Digamos que eu seja um moço velho.

— Você não deu resposta?

— Haveria muito a responder. E este não é o momento.

Desde 5 de maio, uma porção de pretensos simpatizantes haviam aproveitado o desastre dos comunistas para lhes dar as costas. O MRP exultava, De Gaulle se agitava, o partido americano se mantinha à espreita. Era preciso, mais do que nunca, que a esquerda aguentasse firme. Enquanto aguardava o referendo de outubro e as eleições que se seguiriam, o que o SRL poderia fazer de melhor era dormir. Mas Robert não havia tomado essa decisão com alegria no coração. Era culpa dos comunistas se não se podia dar prosseguimento ao trabalho de reagrupar a esquerda, sem prejudicá-los. Seu sectarismo era a causa pela qual Robert lhes queria mal. Se se impedia de censurá-los publicamente por isso, na intimidade não guardava inibições: diversas vezes, durante esses dois dias, encolerizou-se contra eles. Evidente que poder falar-me o aliviava. E eu pensava que talvez não fosse precisamente de mim que ele tivesse necessidade, mas que sem dúvida lhe era útil essa mulher cujo lugar eu ocupava: tratava-se do meu lugar, certamente, do meu verdadeiro lugar na terra.

Mas, então, por que é que eu não repousava em paz, ante essa ideia? Por que essas lágrimas? Andava através da floresta, e era belíssima a primavera. Eu estava com boa saúde, de nada me haviam privado: e, por instantes, parava, tinha vontade de gemer, como se houvesse perdido tudo. Docemente, chamava: “Lewis!” Que silêncio! Do crepúsculo à madrugada, da madrugada à noite, tinha tido comigo sua respiração, sua voz, seu sorriso. Nenhum sinal mais. Existiria ele ainda? Punha-me a escutar: nenhum murmúrio. Punha-me a olhar: nenhum vestígio. Não me compreendia mais. “Choro”, pensava, “e, todavia, estou aqui: não amei suficientemente a Lewis? Estou aqui, e choro: não amo suficientemente a Robert?” Admiro as pessoas que encerram a sua vida em fórmulas definitivas. “O amor físico nada representa”, dizem. Ou então: “Um amor que não é físico nada representa.” Mas eu não queria menos a Robert por ter conhecido Lewis; e a presença de Robert, por maior que fosse, não supria a ausência de Lewis.

Sábado à tarde, Nadine apareceu com Lambert. Imediatamente, ela me interrogou com ar de suspeita:

— Você com certeza se divertiu, para prolongar assim sua estada. Você que nunca muda seus planos...

— Vê você que, sendo oportuno, mudo meus planos.

— Esquisito que tenha ficado tanto tempo em Chicago. Dizem que é horrível.

— Sem razão.

Ela havia feito diversas reportagens com Lambert, durante esses três meses. Morava na casa dele, falava-lhe com uma ternura irônica, mas insistente. Satisfeita de sua vida, perscrutava a minha, com uma indecisa malevolência. Tranquilei-a do melhor modo possível com descrições da viagem. Lambert me pareceu mais calmo e alegre que antes da minha partida. Passaram o fim de semana no pavilhão. Mandeí preparar aí uma cozinha e ligar o telefone, a fim de que Nadine, sem se sentir separada da casa, ficasse independente. Mostrou-se tão satisfeita com sua permanência que me anunciou, domingo à noite, que ambos passariam em Saint-Martin as férias todas.

— Está certa de que vai agradar a Lambert esta ideia? — perguntei-lhe.

— Ele não se dá muito com seu pai, nem comigo.

— Em primeiro lugar, ele gosta dos dois — disse ela, num tom decidido.

— Em segundo lugar, se você está com medo de ter-nos sobre as costas, sossegue: permaneceremos em nossa casa.

— Bem sabe que ficarei contente de tê-la aqui. Meu receio era que vocês não pudessem ter intimidade. Entre outras coisas, previno-a de que, de meu quarto, se ouve tudo o que se diz no jardim.

— E daí? Pensa que isso me atinge? Não sou uma segredista, não vivo cercada de mistério.

Era verdade que Nadine, tão ciosa de sua independência, tão impermeável a toda crítica, a todo conselho, expunha voluntariamente sua vida à luz do dia. Sem dúvida, esse era um modo seu de mostrar-se superior.

— Mamãe acha que você ficaria chateado de passar aqui as férias. É verdade? — perguntou ela, passando a perna por cima do assento da motocicleta.

— Não, absolutamente — respondeu Lambert.

— Você vê — disse-me ela, a voz triunfante. — Você sempre complica tudo. Além do mais, Lambert está sempre contente de fazer o que lhe peço. É um bom rapazinho — acrescentou, desgrenhando-lhe os cabelos. Passou o braço pela cintura dele e apoiou carinhosamente o queixo sobre o seu ombro, enquanto a máquina partia.

Quatro dias mais tarde, uma notícia de *L'Espoir* informava que o pai de Lambert tinha morrido, ao cair pela portinhola de um trem. Nadine, com uma voz insossa, telefonou dizendo que o rapaz havia partido com destino a Lille e que ela não viria para o fim de semana. Não lhe fiz perguntas. Mas ficamos intrigados. Será que o velho teria se suicidado? O processo o teria abatido? Ou alguém é que teria posto a mão nisso? Durante alguns dias, deixamo-nos perder em conjecturas. Depois, envolveram-nos outras preocupações. Scriassine acertara um encontro entre Robert e um funcionário soviético, que acabava de atravessar a cortina de ferro especialmente para denunciar ao Ocidente os malefícios de Stalin. Na véspera da entrevista, Scriassine apareceu trazendo documentos, a fim de que Robert, um dia antes, tomasse conhecimento deles. Fez questão de entregá-los em mãos. Não o víamos mais. Discutíamos muito com ele, que naquela manhã, porém, evitou com cuidado todos os assuntos escabrosos e tratou de ir embora depressa. Despedimo-nos em bons termos. Em seguida, Robert pôs-se a folhear o volumoso maço de papéis: alguns estavam escritos em francês; muitos, em inglês; outros, em alemão.

— Olhe-os comigo — pediu-me ele. Sentei-me, sob a tília, perto dele, e lemos em silêncio; havia de tudo: relatórios, relatos, estatísticas, excertos do código soviético, comentários. Eu me saía mal diante dessa papelada. Alguns textos, entretanto, eram claros: o testemunho de homens e mulheres encerrados pelos russos nos campos de concentração, os quais se assemelhavam, tragicamente, com os campos nazistas; as descrições de tais campos, feitas por americanos que haviam atravessado grandes extensões da União Soviética, na qualidade de aliados. Segundo as conclusões redigidas por Scriassine, de quinze a vinte milhões de homens deterioravam-se ali, em condições atrozes, e nisso residia uma das bases essenciais do que chamávamos “o socialismo russo”. Olhei para Robert:

— Que existe de verdade em tudo isso?

— Muita coisa, com certeza — respondeu-me com brevidade.

Até então, Robert não havia atribuído exagerada importância à reunião do dia seguinte. Comparecia, mas somente a fim de que não o acusassem de querer esquivar-se. Era mais do que certo que as revelações do russo o deixariam frio, uma vez que ele pensava não ter ilusões sobre a URSS. Pois bem, era de acreditar que as tivesse tido: ficou desconcertado, repentinamente. Não se deixara levar, quando, por volta de 1930, seus

amigos comunistas exaltavam em sua presença o regime penitenciário da URSS. Os criminosos, diziam eles, em vez de serem aprisionados, eram reeducados na execução de trabalhos úteis. Os sindicatos protegiam-nos e vigiavam no sentido de que fossem pagos de acordo com as tarifas sindicais. Robert me explicara que, de fato, esse era um meio de subjugar os camponeses rebeldes, isto é, formando mão de obra quase gratuita. O trabalho forçado, lá como em toda parte, é o confinamento em colônias de condenados. Agora, porém, que os camponeses viviam integrados no regime, que a guerra fora ganha, seria possível imaginar que as coisas houvessem mudado. E o que se revelava a nós é que haviam piorado. Durante muito tempo, discutimos cada fato, cada cifra, cada testemunho, cada hipótese; mesmo admitindo uma larga margem de exageros e de mentiras, uma verdade se impunha, totalmente assustadora. Os campos tinham-se tornado uma instituição, desembocando na formação sistemática de um subproletariado. Não se puniam crimes com o trabalho: os trabalhadores eram tratados como criminosos, o que autorizava a sua exploração.

— E agora? Que fará? — perguntei, quando deixamos o jardim, para ir comer alguma coisa na cozinha.

— Não sei — respondeu Robert.

A ideia de Scriassine, evidentemente, era a de que Robert ajudaria a divulgar tais fatos: parecia-me que ninguém tinha o direito de silenciar sobre eles.

— Não sabe? — perguntei a Robert, com alguma censura.

— Não.

— Quando se trata só de você, ou mesmo do SRL, compreendo que aceite muitas coisas passivamente. Lá, porém, o que há é diferente. Se não se fizer o possível contra esses campos, acabaremos nos tornando cúmplices!

— Nada posso decidir assim, do dia para a noite — disse Robert. — Antes de mais nada, preciso de informações suplementares.

— E se elas confirmarem o que acabamos de saber? Você fará o quê?

Não respondeu, e então o olhei inquieta. Calar-se para ele significaria estar pronto a tudo aceitar dos comunistas. Seria renegar tudo o que havia empreendido desde a Libertação: o SRL, seus artigos, o livro que concluía.

— Você sempre quis ser um intelectual e um revolucionário, ao mesmo tempo — disse eu. — Como intelectual, assumiu compromissos: entre outros, o de dizer a verdade.

— Dê-me tempo para refletir — disse ele, já com alguma impaciência.

Comemos em silêncio; habitualmente, ele gosta muito de se questionar, na minha presença; era preciso que estivesse bem-perturbado para ruminar assim, sem dizer palavra. Eu também estava. Campos de trabalho, ou campos de morte: havia com certeza algumas diferenças. Mas uma prisão é uma prisão. Eu os via a todos, via-lhes as mesmas fronte desmedidas, os mesmos olhos desvairados dos deportados. E era na URSS que tudo isto se passava!

— Não tenho vontade de trabalhar. Vamos dar um passeio — propôs Robert.

Atravessamos a aldeia, subimos até o planalto coberto de trigo amadurecendo e de macieiras em flor. Fazia algum calor, não muito. Algumas nuvens pequenas rodavam pelo céu azul, como bolas. Divisava-se a aldeia. Divisavam-se-lhe os telhados cor de pão assado no ponto, as paredes bronzeadas, o campanário singelo. A terra parecia expressamente feita para o homem, e a felicidade, ao alcance de todas as mãos. Poderia se dizer que Robert tinha ouvido o tropel de meus pensamentos, pois disse abruptamente:

— É fácil esquecer o quanto este mundo tem de duro!

Eu confirmei, com mágoa:

— Sim, é fácil.

Para mim, seria bom aproveitar também essa facilidade. Por que Scriassine veio incomodar-nos? Não era, porém, nos campos de concentração que Robert pensava.

— Você disse que, em me calando, serei cúmplice no caso dos campos de concentração — disse ele. — Mas, falando, torno-me cúmplice dos inimigos da URSS, isto é, de todos que querem manter o mundo nas condições em que se acha. Não nego que tais campos sejam uma coisa horrível. Todavia, não se deve esquecer que o horror está em toda parte.

De súbito, pôs-se a falar muito e depressa. Os afrescos históricos, os grandes panoramas sociais não são o gênero dele. No entanto, nessa tarde, enquanto as palavras se lhe atropelavam na boca, toda a desgraça do mundo se abatia sobre a planície ensolarada: a fadiga, a pobreza, o

desespero do proletariado francês, a miséria da Espanha e da Itália, a escravidão dos povos colonizados, e da China e da Índia, a fome, as epidemias. Em torno de nós, homens morriam aos milhões, sem jamais terem vivido. A agonia de que padecem obscurecia o céu, e eu me perguntava como ainda ousávamos respirar.

— Assim, você compreende — disse Robert —, meus deveres de intelectual, o respeito à verdade, tudo são frivolidades. A única questão é saber se, denunciando os campos de concentração, a gente estará trabalhando em favor dos homens, ou contra eles.

— Concordo — disse eu. — Mas que é que o autoriza a pensar que a causa da URSS se confunde ainda hoje com a da humanidade? Parece-me que a existência de tais campos obriga a pôr de novo em questão a URSS inteira.

— Seria preciso saber muita coisa! — disse Robert. — Trata-se, de fato, de uma instituição indispensável ao regime? Ou estará ela ligada a uma certa política, suscetível de modificação? Pode-se esperar que seja rapidamente liquidada, quando a União Soviética tiver começado a reconstruir-se? A respeito disso tudo é que desejo informar-me, antes de tomar uma decisão.

Não insisti. Em nome de quem eu poderia ter protestado? Sou incompetente demais. Voltamos para casa e passamos a noite fingindo que trabalhávamos, cada qual de seu lado. Eu tinha trazido da América muitos documentos, anotações e livros sobre psicanálise, mas não toquei em nada.

Robert tomou o ônibus das dez horas da manhã; no jardim, espreitei o carteiro: nenhuma carta de Lewis. Ele me havia prevenido de que só escreveria depois de oito dias, e de Chicago as cartas não chegam depressa. Não se esquecera de mim, certamente. Mas estava infinitamente longe. Inútil procurar socorro desse lado. Socorro para quê? Entrei no escritório, pus um disco na vitrola. Acontecia-me algo de insuportável: duvidava de Robert. “Antigamente ele teria falado”, pensava eu. Antigamente tinha sua liberdade de linguagem, não deixava passar nada na URSS, nem no partido comunista. Uma das razões de ser do SRL residia, mesmo, em permitir-lhe críticas construtivas. Repentinamente, ele tomava o partido de calar-se. Por quê? Tinha sido atingido com o tratamento de idealista, tentava adaptar-se, como realista, às duras necessidades da época. Mas essa adaptação era fácilíssima. Eu também me adapto, e não me

vanglorio disso; ir cada vez mais longe, aceitar sempre, isso no fim quer dizer trair. Aceito a ausência e traio o meu amor; aceito sobreviver aos mortos, esqueço-os, traio-os. Enfim, enquanto não se tratar senão dos mortos e de mim mesma, não haverá vítimas, seriamente falando. Mas trair os vivos é grave.

“Se eu falar, trairei outros”, responderia Robert. E estes acrescentariam em coro que não se faz omelete sem quebrar ovos. Mas, por fim, quem comerá todas essas omeletes? Os ovos quebrados apodrecerão e infestarão a terra. “Ela já está infestada.” Isso é verdade. É verdade muita coisa. Enlouquecem-me todas essas verdades assim se entrechocando, pergunto-me como é possível a gente orientar-se em tais condições. Não sei somar quatrocentos milhões de chineses com quinze milhões de trabalhadores forçados. Aliás, talvez fosse preciso subtrair. De qualquer maneira, tais operações são falsas. Um homem e um homem não fazem dois homens, sempre fazem um e um. Bom, erro quando recorro à aritmética; para pôr ordem no caos, só com a dialética. Trata-se de ultrapassar os forçados em direção aos chineses. Seja. Ultrapassemos. Tudo passa, tudo se quebra, tudo cansa, tudo se ultrapassa; os campos de concentração serão ultrapassados e também minha própria existência. É irrisória esta pequena vida efêmera que se angustia a propósito de tais campos, que o futuro já aboliu. A história cuida de si mesma e de cada um de nós, ainda por cima. Permanecemos, portanto, tranquilos, cada qual no seu canto.

Neste caso, por que não ficam tranquilos? Essa a pergunta que eu formulava a Robert, mais de vinte anos atrás, quando era estudante. Ele zombou de mim. Mas hoje não estou certa de que alguma vez me tenha convencido inteiramente. Fingem acreditar que a humanidade é uma só pessoa, imortal, que um dia ela será recompensada de todos os seus sacrifícios e que eu mesma tornarei a encontrar a parte que me cabe. Mas eu não progrido: a morte corrói tudo. As gerações sacrificadas não ressurgirão de seus túmulos para tomar parte nos encontros finais. E o que pode consolá-las é que os eleitos a elas se unirão debaixo da terra, ao cabo de bem pouco tempo. Entre a ventura e a desventura, não há talvez essa diferença que se acredita haver.

Parei o toca-discos, deitei-me no divã, fechei os olhos, aliviada. Como a luz da morte é sempre a mesma e clemente! Lewis, Robert, Nadine tinham-se tornado imponderáveis como sombras, não mais pesavam em

meu coração: poderia suportar o peso de quinze milhões de sombras, ou de quatrocentos milhões. Ao cabo de um instante, fui procurar, contudo, um romance policial. Sempre é bom matar o tempo: mas o tempo também me matará, eis aí a verdadeira harmonia preestabelecida. Quando Robert voltou à noite, pareceu-me que eu o via de muito longe, com binóculos: era uma imagem desencarnada, rodeada de vazio, como Diego às janelas de Drancy, Diego que já não era deste mundo. Ele falava, eu ouvia, porém nada mais me dizia respeito.

— Censura-me por ter reclamado esse prazo? — perguntou Robert.

— Eu? Absolutamente não.

— Então o que há? Se acredita que esses campos não me sensibilizam, engana-se muito.

— Justamente o contrário. Hoje pensei no seguinte: em verdade estamos errados, e muito, de criar cabelos brancos a propósito de tudo e de nada. As coisas nunca têm tanta importância: evoluem, acabam e, principalmente, no final das contas, todo mundo morre, o que acerta tudo.

— Ah! Essa é justamente uma das maneiras de fugir dos problemas — disse Robert.

— A menos que os problemas sejam uma das maneiras de fugir da verdade — interrompi. — Evidentemente — acrescentei —, quando está decidido que a vida é que é a verdade, a ideia da morte parece uma fuga. Mas, reciprocamente...

Robert sacudiu a cabeça.

— Há uma diferença. Prova-se que a gente decidiu, vivendo, acreditar na vida. Se se acreditasse, sinceramente, que só a morte representa a verdade, o caminho seria o suicídio. Mas os próprios suicídios, na realidade, nunca têm esse sentido.

— Talvez a gente continue vivendo — disse eu —, por ser inconsequente e covarde. É o que há de mais fácil. Mas isso não prova nada, tampouco.

— Antes de mais nada, é importante que o suicídio seja difícil — disse Robert. — E, depois, continuar vivendo não é somente continuar respirando. Ninguém consegue instalar-se na indiferença. Você gosta de certas coisas, detesta outras, fica indignada, fica admirada: isso implica que você reconhece os valores da vida. — Ele sorriu: — Estou tranquilo. Não acabamos nossa discussão sobre os campos, sobre tudo o mais. Você se sente incapaz, como eu, como todo mundo, diante de certos fatos que a

abatem, e então se refugia num ceticismo generalizado. Mas isso não é sério.

Nada respondi. Com certeza, amanhã eu discutiria outra vez, sobre uma porção de coisas: seria prova de que elas deixariam de parecer-me insignificantes? Em caso afirmativo, eu talvez já estivesse recomeçando a enganar-me.

Nadine e Lambert voltaram a Saint-Martin no sábado seguinte: parecia que as coisas já não iam bem entre eles. Nadine não abriu a boca, durante todo o jantar. Lambert devia partir dali a dois dias para a Alemanha, a fim de se informar sobre os campos de concentração da zona russa. De comum acordo, ambos evitaram Robert e este se absteve de abordar a fundo o problema. Mas discutiram com animação sobre as modalidades práticas do inquérito.

No café, Nadine explodiu:

— É uma vilania melancólica esta história toda! Claro que os campos existem. Coisa ignóbil e necessária. Coisa da própria sociedade, e ninguém pode fazer nada.

— Você toma partido facilmente — observou Lambert. Olhou-a com censura. — Na verdade, tem o dom de se livrar das coisas que a atormentam.

— E você? Não toma partido! — disse Nadine, com agressividade na voz. — Vamos lá! Está feliz de poder pensar mal da URSS, graças ao que vai acontecer, vai bancar o importante: tudo é vantagem.

Ele encolheu os ombros sem responder, mas de noite discutiram no pavilhão, com certeza. O dia seguinte Nadine passou sozinha na sala de estar, com um livro que não lia. Era inútil falar com ela, pois só me respondia por monossílabos. À noite, Lambert a chamou do jardim e, como ela não se mexeu, entrou.

— Nadine, já é hora de ir embora.

— Não vou — disse ela. — Basta que eu esteja na *Vigilance* amanhã de manhã, às dez horas.

— Mas eu lhe disse que hoje deveria voltar a Paris: há pessoas com quem preciso encontrar-me.

— Encontre-se com elas. Para isso você não precisa de mim.

— Nadine, não seja estúpida! — disse ele com impaciência. — Não ficarei com elas mais do que uma hora. Combinamos que iríamos ao

restaurante chinês.

— Mudei de opinião, coisa que também acontece com você. Fico aqui.

— É a nossa última noite.

— Foi você quem decidiu! — disse ela.

— Está bem, até amanhã — disse Lambert num tom arrogante.

— Amanhã estarei ocupada. Até quando você voltar.

— Oh! Adeus para sempre, se quiser — gritou ele, furioso.

Fechou a porta. Nadine me olhou, pôs-se também a gritar.

— E não me diga que estou errada, não me diga coisa alguma. Sei tudo o que pode dizer-me e não me interessa.

— Não abri a boca.

— Ele que vá viajar, pouco me importa! Antes, porém, devia decidir-se, consultar-me. Detesto que não me falem a verdade. Esse tal inquérito não é tão urgente. Ele teria agido melhor se me dissesse na cara: tenho vontade de ficar só. Porque no fundo o que há é que ele quer chorar tranquilamente seu papaizinho querido.

— É normal.

— Normal? O pai dele era um velho salafrário. Primeiro, Lambert não deveria ter-se reconciliado com ele. E, agora, chora-o como um bebê. Chorou-o com lágrimas de verdade, eu vi! — disse ela, num tom de triunfo.

— E daí? Ele não se envergonha disso.

— Nenhum dos homens que conheço teria chorado. E o mais bonito de tudo é que, para aumentar a tragédia, ele afirma que mataram o velho de propósito.

— Não é impossível — disse eu.

Ela ficou vermelha.

— Não o pai de Lambert! É ridículo!

Logo após o jantar, saiu para dar uma volta no campo: só ao café da manhã foi que a vimos de novo. Então, com ar de reprovação e avidamente, entregou-me a primeira carta de Lewis.

— Há uma carta da América. — E acrescentou, encarando-me com insistência: — De Chicago.

— Obrigada.

— Não vai abri-la?

— Não tem nada de urgente.

Pus a carta ao meu lado e tentei tomar meu chá, sem que me tremesse a mão. Sentia tanta dificuldade em manter reunidos os pedaços de meu corpo como no momento em que, pela primeira vez, Lewis me havia tomado nos braços. Robert veio em meu auxílio, pôs-se a interrogar Nadine sobre a *Vigilance*, até que achei um pretexto para ir ao meu quarto. Meus dedos estavam tão entorpecidos que, ao arrancá-la do envelope, rasguei a folha de papel amarelo de que iria surgir, milagrosamente, a presença perturbadora de Lewis. A carta era datilografada, era alegre, gentil e vazia, e durante um longo momento contemplei com estupor a assinatura que a subscrevia, implacável como uma laje mortuária. Inútil reler cem vezes essa página e martirizá-la, eu seria incapaz de exprimir-lhe uma palavra nova, um sorriso, um beijo. Podia recomeçar a esperar: ao fim da espera, encontraria outra folha de papel. Lewis ficara em Chicago, continuava vivendo, vivia sem mim. Aproximei-me da janela, olhei aquele céu de verão, as árvores felizes, e compreendi que começava apenas a sofrer. O mesmo silêncio: mas não havia mais esperança, sempre seria esse silêncio. Se nossos corpos não se tocavam mais, se nossos olhares não se misturavam mais, que tínhamos de comum? Nossos passados se ignoravam, nossos futuros não se encontravam, em torno de nós não se falava a mesma língua, os relógios zombavam de nós. Aqui fazia uma manhã brilhante, e era noite no quarto de Chicago: não podíamos sequer ter um encontro no céu. Não, não havia passagem alguma entre nós: exceção feita aos meus soluços, que eu reprimia na garganta.

Foi sorte ainda Paule ter-me suplicado pelo telefone que a fosse ver naquele dia: talvez, partilhando sua tristeza, eu conseguisse esquecer a minha. Sentada no ônibus, ao lado de Nadine, que meditava em alguma iniciativa má, perguntei-me: “Será que a gente acaba por habituar-se? Vou habituar-me?” Pelas ruas de Paris, eu cruzava centenas, milhares de homens que tinham, como Lewis, dois braços, duas pernas, porém não o seu rosto: coisa louca o número de homens se movendo sobre a superfície da Terra e que não são Lewis; coisa louca, ainda, o número de caminhos que não reconduzem aos braços dele, o número de palavras de amor não endereçadas a mim. Por toda parte promessas de carinho e de felicidade esbarravam em mim: mas essa ternura primaveril não me atravessava jamais a pele. Lentamente, percorri os cais. Paule havia empregado o esforço imenso de ir até minha casa, alguns dias depois de meu regresso.

Recebeu com alegria seus presentes da América. Mas escutara minhas narrativas e respondera às minhas perguntas com ar distante. Ainda não tinha ido vê-la em sua casa, e foi com uma espécie de assombro que reencontrei, semelhante a si mesma, a rua familiar. Nada havia mudado em minha ausência: nada se havia passado. Liam-se as mesmas inscrições de outrora: “Especialidade em aves raras e saxônias”, e o macaquinho acorrentado ao talude de uma janela ainda descascava amendoins. Sentado nos degraus da escada, um mendigo fumava o seu charuto, vigiando um saco de roupas velhas. A porta de entrada, quando a empurrei, chocou-se contra uma lata de lixo, como antes. Cada buraco do tapete se achava no seu lugar. Ouvia-se a insistente campainha de um telefone. Paule estava envolvida num roupão de seda, um pouco amarrotado.

— Você é gentil! Estou desconsolada de ser-lhe desagradável, mas descer sozinha àquela jaula de leões... Não teria tido coragem para tanto, nunca.

— Tem certeza de que sou convidada?

— Mas foi por sua causa que a Belhomme me telefonou três vezes. Suplicou-me que a levasse. Ela tem Henri: gostaria de ter Dubreuilh...

Subiu a escada que levava ao seu quarto e eu a acompanhei.

— Você não imagina como a casa de Saint-Martin é bonita — disse eu.
— Precisa ir até lá.

Ela suspirou:

— É tão longe! — Abriu as portas de seu guarda-roupa: — Que vou vestir? Há tanto tempo que não saio!

— Seu vestido preto.

— Está muito velho.

— O verde.

— Não estou certa de que o verde me caia bem. — Destacou o cabide em que estava pendurado o vestido preto. — Não gostaria de parecer alguém comido por traças. Lucie ficaria contente demais.

— Por que você vai à casa dela, você que nunca sai?

— Ela me detesta — respondeu Paule. — Antigamente, eu era mais jovem, mais bonita do que ela, tinha alguns de seus amantes. Se recusar todos os convites dela, achará que me tornei aleijada, e exultará. — Tinha-se aproximado do espelho e com o dedo acompanhava a curva de suas

grossas sobrancelhas: — Deveria tê-las depilado, deveria seguir a moda. Elas vão achar-me ridícula!

— Não lhes tenha medo — disse eu. — Você sempre será a mais bonita.

— Oh! Agora não mais! Agora não mais!

Olhava-se hostilmente e, de súbito, pela primeira vez em muitos anos, eu também a via com olhos estranhos. Tinha o ar de estar cansada. As maçãs do rosto haviam tomado uma coloração violácea. O queixo empastou-se. Os dois sulcos profundos que lhe cercavam a boca acusavam-lhe a virilidade dos traços. Antes, a cútis cremosa de Paule, seu olhar aveludado, o brilho preto de seus cabelos suavizavam-lhe a beleza: privado desse atrativo banal o rosto tornava-se-lhe estranho. Era feito de maneira voluntária demais para que se escusasse a indecisão de uma curva, a hesitação de uma cor. Em vez de se instalar insidiosamente, o tempo marcava, com um sinal impiedoso, essa máscara nobre e barroca, que ainda merecia admiração, mas cujo lugar seria menos um salão do que um museu.

Paule enfiara o vestido preto e escovava os longos cílios.

— Pinto os olhos, afinal?

— Não sei.

Eu bem que lhe via os defeitos. Mas estava incapacitada de sugerir um remédio: nem tinha certeza de que existisse algum.

— Contanto que ainda me reste um par de meias adequadas! — Remexeu numa gaveta com gestos febris. — Acredita que essas duas aí sejam da mesma cor?

— Não! Este pé é mais claro que aquele.

— E aquele outro?

— Desfiou de alto a baixo.

Foram-nos necessários dez minutos para combinar duas meias intactas.

— Tem certeza? São iguais? — perguntava ela, com ansiedade. Eu havia estendido a leve trama sobre meus dedos abertos, e de pé junto à janela examinava-a sob a luz.

— Não vejo a menor diferença.

— Entretanto, elas lá veem tudo, você compreende.

Paule atou em torno das pernas sandálias de solas grossas. E perguntou-me:

— Ponho meu colar?

Era um colar pesado, de cobre, âmbar e osso, joia exótica, sem valor comercial, e que faria sorrir de desprezo as mulheres que ostentassem brilhantes.

— Não, não ponha o colar.

Hesitei. Assim ou assado, com seus brincos, seu vestido fora de moda, sua fisionomia, suas sandálias, Paule estava tão diferente de suas inimigas que valia a pena acentuar-lhe ainda mais a originalidade:

— Espere. Sim, é melhor pôr o colar. Ah! Não sei — disse eu com impaciência. — Afinal, elas não vão comer você.

— Oh! Sim, vão comer-me — disse Paule, sem sorrir.

Caminhamos até um ponto de ônibus. Na rua, ela perdia toda a majestade. Andava colada à parede, com ar furtivo:

— Detesto — disse, como que se desculpando — sair vestida assim aqui no bairro. De manhã, ando de sapatos velhos. É diferente. Mas, a esta hora, com este vestido e tudo o mais, sou um insulto.

Tentei distraí-la:

— Como vai Henri?

Ela hesitou:

— Ele é tão complicado!

Repeti tolamente:

— Complicado?

— Sim, esquisito. Somente agora começo a conhecê-lo: depois de dez anos. — Houve um silêncio, e ela continuou:

— Henri fez uma coisa singular, quando você estava viajando; pôs-me bruscamente sob o nariz uma passagem de seu romance, na qual o herói explica a uma mulher como esta lhe envenena a vida. E perguntou-me: “Que pensa a respeito?”

— Que desejaria ele que você respondesse? — perguntei, tentando dar à voz uma tonalidade alegre.

— Perguntei-lhe se foi pensando em mim que ele a escreveu. Henri corou de confusão. Mas senti que, por um momento, ele gostaria que eu acreditasse nisso.

— Oh! Você me assusta! — disse eu.

— Henri é um caso complicado — prosseguiu Paule, pensativamente, acrescentando: — Ele encontra muito a pequena Belhomme. É também

por isso que fiz questão de ir à casa de Lucie: para que ambas não pensem que dou importância a esse capricho...

— Sim, vi uma fotografia dela...

— Dela com Henri, no Iles Borromées. — Paule encolheu os ombros: — É triste. Ele não está orgulhoso disso, você sabe. É até estranho: pediu que não dormíssemos juntos mais. Como se já não se sentisse digno de mim — concluiu ela, lentamente.

Eu tinha vontade de dizer-lhe: “Pare de mentir a si mesma!” Mas com que direito? De certo modo, admirava-lhe a teimosia.

Na escada, subindo até a casa de Lucie Belhomme, ela me agarrou pelo punho:

— Diga-me a verdade! Acha que pareço uma fracassada?

— Você? Você parece uma princesa.

Mas, quando o empregado abriu a porta para nós, senti que o pânico de Paule me havia contaminado. Ouviam-se vozes indistintas, pairava no ar o perfume e a malevolência. Também a mim... Iriam reduzir-me à condição de uma derrotada. Nunca é agradável pensar em tal coisa. Paule recuperou o sangue-frio: entrou no salão com uma dignidade soberana. Repentinamente, perdi a certeza de que as suas duas meias fossem da mesma cor.

Móveis de época, tapetes vagamente persas, quadros de molduras patinadas, livros encadernados em pergaminho, cristais, veludos, cetins: constatava-se que Lucie estava hesitando entre suas aspirações burguesas, suas pretensões intelectuais e seu próprio gosto, que era vulgar. Isto apesar de seu apregoado bom gosto.

— Como estou contente de vê-las aqui! — Estava vestida com uma perfeição que teria dado complexos de inferioridade à duquesa de Windsor. Só com um segundo golpe de vista é que se podia notar o quanto tinha na boca de mesquinho, a irrequieta malevolência do olhar. Ainda não existem especialistas em disfarçar as expressões do rosto capazes de retificar o olhar. Sorrindo, ela me examinava com exatidão, tecnicamente. Voltou-se para Paule:

— Minha pequena Paule! Não nos vemos há doze anos. Não nos teríamos reconhecido. — Por momentos, ela guardou na sua a mão de Paule, a quem analisava descaradamente. Depois, fez-me acompanhá-la: — Venha, para as apresentações.

As mulheres eram muito mais jovens e mais bonitas que as do salão de Claudie, e nenhum drama espiritual lhes desfigurava os rostos, habilmente trabalhados. Havia muitas manequins, ávidas de chegar a estrelinhas, assim como muitas estrelinhas, ávidas de evoluir até a condição de estrelas. Todas usavam vestido preto, cabelos tingidos na mesma cor, saltos muito altos, longos cílios e uma personalidade, cada uma com a sua, mas fabricadas todas na mesma oficina. Se eu fosse homem, seria impossível ter preferência por alguma, precisaria fazer uma aquisição em outro mercado. Com efeito! Os belos jovens que me beijavam a mão pareciam principalmente interessados uns pelos outros. Havia alguns adultos, aqui e ali, com aparências másculas, mas pelo visto não passavam de figurantes assalariados. Entre eles, o amante titular de Lucie e que todos chamavam de Dudule. Conversava com uma esguia morena de cabelos platinados.

— Parece que você está regressando de Nova York — disse-me ele. — Que terra prodigiosa, não é? Parece até um gigantesco sonho de criança mimada. Vejo, nesses enormes potes de sorvete de que os americanos se enchem, o símbolo de toda a América.

— Não gostei, absolutamente — disse a falsa loura. — Tudo é muito limpo, muito perfeito; a gente acaba tendo vontade de encontrar um homem com a camisa de mau gosto, com uma barba de dois dias.

Não protestei. Deixei-os que me explicassem, a golpes de slogans remoídos, esse país donde regressava: “Crianças grandes”, “paraíso da mulher”, “amantes detestáveis”, “vida tumultuosa e febril”. Dudule, a propósito dos arranha-céus, chegou inclusive a pronunciar, ousadamente, a palavra *falo*. Ouvindo-os, eu me dizia que não se tem, em verdade, o direito de imputar aos intelectuais uma sensibilidade sofisticada. Eram essas pessoas — pessoas da sociedade e assimiladas — que se moviam na existência com os olhos cegados por maus clichês e o espírito invadido por lugares-comuns. Robert, Henri acabavam por displicência gostando do que elas gostavam, enfastiando-se com aquilo que as enfastiava. E, se um rei saísse à rua inteiramente nu, não admirariam os bordados do seu manto. Sabem muito bem que eles mesmos criam os modelos copiados com zelo pelos esnobes, que afetam reações distintas. O orgulho permite-lhes todas as ingenuidades. Ao passo que nem Dudule, nem Lucie, nem as jovens, delgadas e glamourosas, que desfilavam em torno dela, seriam capazes de

ter um momento de sinceridade. Eu sentia por elas uma piedade aterrada. O seu único quinhão eram ambições vazias, ciúmes ardentes, vitórias e derrotas abstratas. Quando existem na Terra tantas coisas para serem amadas e odiadas solidamente! Pensei, num relâmpago: “Robert tem muita razão; a indiferença não existe.” Mesmo ali, onde isso não valia a pena, lancei-me imediatamente na indignação, ou no desgosto. Afirmei que o mundo estava cheio de coisas que mereciam ser amadas e odiadas, e sabia que nada arrancaria de mim essa certeza. Sim, foi por fadiga, por preguiça, por vergonha de minha ignorância que eu havia idiotamente afirmado o contrário.

— Você nunca viu minha filha? — perguntou Lucie, arremessando a Paule um dos seus magros sorrisos.

— Não.

— Pois vai vê-la. É muito bonita: totalmente o gênero de beleza que você tinha outrora. — Lucie esboçou e reprimiu um novo sorriso: — Vocês têm muitas coisas em comum.

— É verdade, dizem que sua filha não se parece em nada com a senhora.

Lucie me examinou com decidida hostilidade. Havia no seu exame uma curiosidade quase inquieta, como se ela tivesse perguntado a si mesma: “Existirá alguma outra maneira, além da minha, de ser mulher e de se aproveitar disso? Será que alguma coisa me escapou?” Seu olhar voltou a pousar sobre Paule:

— Você deveria vir ver-me, um dia desses, na casa Amaryllis. Eu a arrumaria um pouco. Muda a mulher estar bem-vestida.

— Seria uma pena que Paule mudasse — disse eu —; mulheres na moda existem inúmeras por aí, ao passo que só existe uma Paule.

Lucie pareceu um pouco desconcertada:

— Em todo o caso, no dia em que você não desprezar mais a moda, será bem-recebida em meus salões. E conheço um esteticista que faz milagres — acrescentou ela, voltando-se nos seus saltos altos.

— Você deveria ter-lhe perguntado por que ela não recorre aos serviços desse esteticista — disse eu a Paule.

— Nunca soube responder a elas — disse Paule. As maçãs do seu rosto tinham uma cor violácea, as narinas apertaram-se. Era a sua maneira de empalidecer.

— Quer ir para casa?

— Não, seria uma derrota.

Claudie se precipitava em nossa direção com olhos rutilantes de bisbilhoteira empolgada:

— A ruivinha que acaba de entrar é a Belhomme filha — informou.

Paule girou a cabeça, e eu também. Josette não era baixa: era uma ruiva da mais rara espécie; dessas que têm sob os cabelos fulvos a cremosa carne das loiras. A boca voluptuosa e desolada, os olhos imensos davam-lhe um ar de estar apavorada diante da própria beleza. Compreendia-se que um homem tivesse vontade de impressionar esse rosto. Lancei sobre Paule um rápido olhar de inquietação. Segurava uma taça de champanhe, estava imóvel, os olhos fixos, como ouvindo vozes, vozes diabólicas.

Meu coração revoltou-se. Que crime estaria ela expiando? Por que a queimavam assim, inteiramente viva, quando todas essas mulheres, em torno de nós, sorriam? Eu estava a ponto de reconhecer que ela mesma havia forjado sua desventura. Não se esforçava por compreender Henri, nutria-se de quimeras, preferira a preguiça e a escravidão: por outro lado, jamais fizera mal a quem quer que fosse, não merecia punição tão selvagem. Pagamos sempre os erros que cometemos. Apenas há portas a que os credores não batem jamais, ao passo que há outras que eles arrombam, o que não é justo. Paule pertencia ao grupo dos infortunados, e eu não me resignava a ver-lhe aquelas lágrimas correndo dos olhos, sem que ela parecesse notá-lo. Despertei-a bruscamente:

— Vamo-nos — disse, tomando-a pelo braço.

— Sim.

Quando, findos os adeuses apressados, novamente nos encontramos na rua, Paule me olhou com uma expressão melancólica.

— Por que você nunca me avisou? — perguntou ela.

— Avisá-la? De quê?

— De que eu estava indo por um mau caminho.

— Mas eu não penso assim.

— Engraçado que você não tenha pensado assim!

— Você se refere ao fato de haver vivido isolada? Ela encolheu os ombros.

— Não disse minha palavra final. Sei que sou um pouco idiota: mas, quando compreendo, compreendo.

Ao descer do ônibus, forçou-se um sorriso:

— Obrigada por haver-me acompanhado. Prestou-me um verdadeiro favor, que não esquecerei.

Nadine ficou em Paris a semana toda. Quando reapareceu em Saint-Martin, pedi-lhe notícias de Lambert: havia-lhe escrito, voltaria dali a uma semana.

— Vai sair faísca — acrescentou ela, pondo júbilo na voz. — Vi de novo Joly, fomos para a cama outra vez. Imagine só a cara de Lambert, quando eu lhe contar isso!

— Nadine! Não lhe diga nada!

Ela me encarou, meio desconcertada:

— Você me repetiu mil vezes que as pessoas decentes são incapazes de mentira. Franqueza, antes de tudo!

— Perdão. O que eu lhe disse é que é preciso estabelecer relações em que a mentira não seja concebível. Mas você não está nesse ponto com Lambert, absolutamente. E, de resto — acrescente —, não se trata de confiar-lhe, por escrúpulo de sinceridade, um acontecimento real de sua vida: Você fabricou essa história expressamente para feri-lo ao contar-lhe.

Nadine riu, com um ar indeciso:

— Você, quando se mete a feiticeira!...

— Estou enganada?

— Evidente que eu quis puni-lo; bem que ele o merece.

— Você mesma reconhece que ele sempre faz o que você quer. Mas poderá mostrar-se uma boa manipuladora, por causa de uma só vez que ele não cedeu.

— Lambert satisfaz aos meus desejos, porque gosta de fazer o papel de bom menino. É uma comédia. Na verdade, porém, qualquer coisa lhe é mais importante do que eu: Henri, o jornal, o pai, uma pesquisa...

— Você não enxerga. Lambert lhe quer acima de tudo.

— É o que você diz. Ele nunca me disse nada disso.

— Você não o encorajou a tanto.

— Evidente que não podia mendigar-lhe declarações de amor.

Olhei-a com alguma curiosidade:

— Contudo, não acontece de ambos falarem acerca dos próprios sentimentos?

— São tantas as coisas sobre que falamos — respondeu ela, como que chocada. — Que é que você está imaginando?

— Falar ajuda a se compreenderem.

— Mas compreendo tudo muito bem.

— Então deve compreender que Lambert jamais suportará que você o engane: Vai causar-lhe uma horrível aflição e estragar irremediavelmente o caso de vocês.

— É engraçado que seja você quem me aconselha a mentir. — Ela ria com sarcasmo, mas parecia aliviada. — Está bem, não lhe direi nada.

Lambert chegou dois dias depois. Pouco falou de sua viagem, esperava poder voltar em setembro, a fim de colher informações mais precisas. Nadine parecia reconciliada com ele. Tomavam juntos demorados banhos de sol no jardim, passeavam, liam, conversavam, faziam projetos. Lambert deixava-se acariciar por Nadine e dobrava-se de boa vontade aos caprichos dela. Mas, por instantes, experimentava o desejo de provar a si mesmo a sua independência. Então montava na motocicleta e corria pelas estradas a uma velocidade que visivelmente o assustava. Nadine sempre detestava a solidão dos outros. Desta vez, ao ciúme se lhe associava a inveja. Diante da resistência de Lambert e de minha oposição formal, renunciara a dirigir a máquina. Decidira, pelo menos, adotá-la, pintou o para-lama de vermelho vivo e amarrou-lhe fitas ao guidão. Apesar de seus esforços, a motocicleta permanecia aos seus olhos o símbolo de todos os prazeres viris de que ela não era o manancial e que tampouco podia partilhar. Era o pretexto mais frequente de suas discussões com Lambert. Mas tratava-se, no caso, de desentendimentos sem acidez.

Uma noite, quando eu estava em meu quarto preparando-me para dormir, eles vieram sentar-se ao jardim.

— Em suma — disse Lambert —, você acha que eu não seria capaz de dirigir sozinho um jornal?

— Não disse isso. Disse que, se Volange o tomar como um testa de ferro, você não dirigirá absolutamente nada.

— E parece-lhe inacreditável que ele tenha bastante confiança em mim para propor-me, sem segundas intenções, um cargo dessa natureza!

— Você é ingênuo! Volange ainda está muito comprometido para ousar exhibir o próprio nome, e espera manobrá-lo nos bastidores.

— Oh! Você se acredita muito forte, porque banca a cínica. Mas a maldade também cega. Volange é alguém.

— É um salafrário — emendou ela, tranquilamente.

— Errou, vá lá. Mas prefiro as pessoas com erros atrás de si àquelas que têm erros pela frente — disse Lambert, rabugento.

— Está falando de Henri? Nunca fiz dele um herói. Mas é um tipo limpo.

— Já foi. Hoje, está-se deixando devorar pela política e pela sua personalidade pública.

— Penso que ele ganhou com isso — observou Nadine, num tom imparcial. — E esta peça que acaba de escrever é o que já fez de melhor.

— Ah! Não! — disse Lambert. — Acho-a detestável. Além de constituir uma ação má. Os mortos estão mortos, deixem-nos sossegados. Não vale a pena exacerbar o ódio entre os franceses...

— Ao contrário! O povo tem necessidade de que se lhe refresque a memória.

— Não adianta nada alguém debruçar-se teimosamente sobre o passado.

— Quanto a mim — disse Nadine —, não admito o seu esquecimento. — E acrescentou, a voz seca: — Também não compreendo o perdão.

— Quem é você? Que fez você para ser tão severa? — perguntou Lambert.

— Teria feito o mesmo que você, se fosse homem.

— Eu teria feito dez vezes mais, porque não me permitiria condenar ninguém, sem apelação.

— Está bem! — disse ela. — A esse respeito não entraremos mesmo em acordo. Vamos deitar.

Houve um silêncio, após o qual Lambert disse, em tom definitivo:

— Tenho certeza de que Volange fará grandes coisas.

— Duvido. Em todo caso, não vejo em que isso lhe diz respeito. Dirigir um jornaleco qualquer, que nem sequer será seu de verdade, não tem coisa alguma de grande.

Num tom levemente travesso, ele perguntou:

— Você acredita que eu faça algum dia algo de grande?

— Oh! Não sei. E nem me interessa. Por que seria preciso acabar tudo em grandeza?

— Que eu seja um bom rapazinho, submisso às suas vontades, é só o que você espera de mim?

— Mas eu não espero nada. Aceito-o como você é.

Sua entonação de voz era afetuosa. Mas significava claramente sua recusa quanto a dizer o que Lambert desejava ouvir. Ele insistia, a voz um

tanto maníaca:

— E que sou eu? Que aptidões você reconhece em mim?

— Sabe fazer maionese — disse ela expansivamente — e pilotar motocicleta.

— E outra coisa também, que não direi — acrescentou ele, com certo sarcasmo.

— Detesto-o, quando é vulgar.

Ela abriu a boca ruidosamente.

— Vou dormir. — O cascalho gemeu sob os pés de ambos. E nada mais se ouviu, no jardim, senão o concerto teimoso das cigarras.

Ouvi-as muito tempo. A noite estava linda! Não faltava uma estrela no céu, nada faltava em parte alguma. E, não obstante, havia em mim esse vazio que não tinha fim. Lewis escrevera-me duas outras cartas. Falava-me muito mais do que na primeira. Mas, quanto mais eu o sentia vivo, real, tanto mais a tristeza dele ganhava peso. Estou triste também, e isto não nos aproxima um do outro. Pergunto, num murmúrio: “Por que você está tão longe?” Ele responde, como um eco: “Por que você está tão longe?”, e sua voz me chega carregada de censura. Porque estamos separados, tudo nos separa, até mesmo os nossos esforços de aproximação.

Nadine e Lambert, todavia, teriam podido fazer de seu amor uma felicidade. Irritava-me a incapacidade de um e de outro. Naquele dia, resolveram ir passar o dia e a noite em Paris. No início da tarde, Lambert deixou o pavilhão, vestindo um elegante terno de flanela e engravatado com requinte. Nadine estava deitada sobre a relva: usava uma saia enfeitada de flores, inteiramente manchada, uma blusa de algodão e sandálias grossas. Ele gritou para ela, um pouco indisposto:

— Trate de preparar-se! Acabaremos perdendo a condução.

— Disse-lhe que queria ir de motocicleta — respondeu ela —, é muito mais divertido.

— Mas chegaríamos cansados. E fica-se ridículo de motocicleta, quando se está mais ou menos vestido.

— Não pretendo vestir-me — disse ela, definitivamente.

— Vai querer voltar a Paris vestida como está? — Ela não respondeu e ele me tomou como testemunha, a voz desconsolada: — Que pena! Poderia ter uma ótima aparência, se não insistisse nesse gênero anarquista!

— Examinou-a criticamente: — Ainda mais que a apresentação desleixada não condiz com você de jeito algum.

Nadine acreditava-se feia. Era sobretudo por despeito que desdenhava o seu aspecto feminino. Sua ríspida negligência não deixava suspeitar o quanto era ela sensível a qualquer observação que lhe incidisse sobre a aparência física. Seu rosto alterou-se:

— Se quer uma mulher que cuide da pele da manhã à noite, procure-a em outro lugar.

— Não demoraria pôr um vestido limpo — disse Lambert. — Não poderei levá-la para onde quer que seja, se continuar fantasiada de selvagem.

— Mas não preciso que me levem. Pensa que tenho vontade de exhibir-me, dependurada em seu braço, em lugares onde haveria mordomos e mulheres decotadas? Neste caso, à merda! Se gosta de bancar o dom-juan, alugue uma modelo para acompanhá-lo.

— Não vejo o que poderia existir de revoltante em ir dançar num *dancing* adequado, onde se ouve um bom jazz. A senhora vê? — perguntou-me ele.

— Creio que Nadine não gosta de dançar — disse, com prudência.

— Ela dançaria muito bem, se quisesse!

— É justamente o que não quero — disse Nadine. — Bancar o macaco no meio de uma pista... Não me agrada.

— Agradaria a você como a qualquer outra — disse Lambert. Um pouco de sangue lhe subiu ao rosto: — E agradaria a você vestir-se, passear, se pelo menos fosse sincera. Dizem: tal coisa não me agrada, mas é mentira. Somos todos recalçados e hipócritas. Gostaria de saber por quê. Que crime haveria em gostar de móveis bonitos, de trajes bonitos, do luxo e das diversões? Na verdade falando, todo mundo aprecia isso.

— Juro que não dou a mínima importância — disse Nadine.

— Que está dizendo? É engraçado — continuou ele, com um ardor que me desconcertou —; sempre a afetação, sempre renegar-se. Não se deve rir, não se deve chorar, mesmo quando se tem vontade. Não se deve obedecer à voz da tentação. Não se deve pensar naquilo em que se pensa.

— Mas quem o impede de fazê-lo? — perguntei.

— Não sei, e isso é que é o pior. Estamos todos aí a enganar-nos reciprocamente, e ninguém sabe por quê. Ao que se diz, a gente se

sacrifica à pureza. Mas onde está a pureza? Mostrem-me! E é em seu nome que as coisas são rejeitadas, que nada se faz, que a nada se chega.

— E você quer chegar até onde? — perguntou Nadine, pondo ironia na voz.

— Você zomba. Pois isso também é hipocrisia. Você é muito mais sensível ao êxito do que está dizendo. Tanto assim que viajou com Perron, e falaria comigo num tom diferente, se eu fosse alguém. Todo mundo admira o triunfo. E todo mundo gosta do dinheiro.

— Fale por você — disse Nadine.

— E por que não se haveria de gostar do dinheiro? — perguntou Lambert. — Enquanto o mundo for como é, não há que estar senão do lado daqueles que o têm. Vamos! Você estava orgulhosa de possuir um casaco de pele o ano passado, e morre de vontade de empreender grandes viagens. Ficaria encantada se pudesse acordar milionária. Apenas não o confessaria a si própria, nunca. Tem medo de ser você mesma.

— Sei quem sou, e isso me convém — disse ela, com mordacidade na voz. — Você é que tem medo de ser o que é: um insignificante intelectual burguês. Sabe muito bem que não foi feito para as grandes aventuras. Assim sendo, põe tudo, agora, no êxito social: o dinheiro e o resto. Vai tornar-se um esnobe e um desprezível arrivista, eis tudo.

— Há momentos em que você merece, simplesmente, uma boa bofetada — disse Lambert, retirando-se.

— Experimente! Juro-lhe que não ficaria nisso.

Segui Lambert com os olhos. Gostaria de saber o motivo de sua explosão. Que estaria ele abafando em si mesmo, a contragosto? O prazer da facilidade? Uma ambição inconfessada? Desejaria, por exemplo, aceitar a proposta de Volange, sem ousar incorrer na censura dos amigos? Não estaria persuadido de que os impedimentos de que se via cercado se opunham a que se tornasse alguém? Ou desejaria que fosse autorizado, tranquilamente, a não ser ninguém?

— Gostaria de saber o que lhe passa pela cabeça — disse eu.

— Oh! É um fabricante de ideais mesquinhos — observou Nadine, com desdém. — Só que, quando quer fazer-me entrar nisso... Devagar!

— Devo dizer-lhe que você não o anima bastante.

— Não. É até engraçado. Quando sinto que ele tem vontade de que eu lhe diga uma coisa, digo-lhe logo o contrário. Você compreende?

— Um pouco.

Eu compreendia muito bem. Em Nadine, precisamente, eu conhecia esse tipo de resistência.

— Ele sempre quer que lhe deem permissões. Ora, é só tomá-las.

— O que não impede que você seja um pouco mais transigente — disse eu. — Nunca faz a mínima concessão. Devia ceder-lhe quando por acaso ele lhe pedir alguma coisa.

— Oh! Ele pede mais do que você pensa — disse ela. Encolheu os ombros, com uma expressão nervosa. — Para começar, todas as noites me pede o corpo: isto me cansa.

— Recuse.

— Você não percebe: se eu recusar, surge o drama. — Ela acrescentou, com irritação: — Além do mais, se eu não tomasse minhas precauções, ele me faria um pimpolho de cada vez. — Ela me olhava de soslaio. Sabia muito bem que eu detestava tal gênero de confidências.

— Ensine-o a tomar cuidado.

— Obrigada! Se isto vier a dar em aulas de exercícios práticos, ficará engraçado! Prefiro defender-me sozinha. Mas não é para rir isto de precisar meter-se um tampão, cada vez que a gente transa. Tanto mais que já quebrei uma escova de dentes.

— Uma escova de dentes?

— Não lhe mostraram nada na América? Foi uma *Wac* que me fez presente do negócio. Oh! É coisa muito delicada, parece um pequeno chapéu-coco. Só que, para ajeitá-lo adequadamente, há necessidade de uma espécie de instrumento de vidro: chamo escova de dentes; e a quebrei.

— Olhou-me com malícia: — Estou a chocá-la, hein?

Dei de ombros.

— Apenas me pergunto por que você insiste em fazer amor, se lhe é assim tão penoso.

— Como quer que eu tenha relações com os rapazes sem me entregar? As mulheres me encham, só me divirto com os moços. Mas, para sair com eles, também tenho que ir para a cama com eles, sem alternativa. Apenas, há os que fazem isso mais ou menos frequentemente, com maior ou menor duração. Com Lambert, ao contrário, é o tempo todo, não tem fim. — Ela se pôs a rir: — Suponho que só tem certeza de possuir a coisa servindo-se dela.

Um dos paradoxos de Nadine consistia em que havia rolado em muitas camas, dizia, sem pestanejar, enormes obscenidades e, todavia, no tocante à sua vida sexual, era de uma extrema suscetibilidade. Quando Lambert tomava a liberdade, o que aliás fazia sempre, de aludir à intimidade de ambos, ela se aborrecia.

— Há uma coisa de que você parece não se dar conta — disse eu. — Lambert a ama.

Ela encolheu os ombros:

— Você nunca quis compreender — disse, num tom razoável de voz. — Lambert amou a uma mulher na vida: Rosa. Depois, querendo consolar-se, chamou a si a primeira moça que apareceu, e que fui eu. Mas nem tinha vontade de dormir comigo, no começo. Só quando soube que Henri me levava para a cama é que se lembrou de fazer o mesmo. Mas nunca fui o tipo dele. Ter uma mulher para si parece-lhe mais másculo do que ir atrás de uma profissional. E também mais cômodo. Eu, porém, não valho nada em sua vida.

Nadine era tão artista em misturar sutilmente o verdadeiro com o falso, que fiquei aterrada diante do esforço que precisei empreender para contradizê-la. Disse francamente:

— Você reconstrói tudo às avessas.

— Não, sei o que digo — replicou ela.

Acabou vestindo uma saia limpa e foram a Paris. Mas voltaram mais aborrecidos do que nunca. E logo estourou uma nova cena. Naquela manhã, eu trabalhava no jardim. Um céu tempestuoso me pesava sobre os ombros, me fazia cair de encontro à terra. Perto de mim, Lambert lia, Nadine tricotava. “No fundo”, dissera-me ela, na véspera, “férias é coisa fatigante. Todos os dias a gente precisa inventar um modo de matar o tempo.” Visivelmente ela se andava aborrecendo. Durante um instante, seus olhos se mantiveram dirigidos para a nuca de Lambert, como tentando fazê-lo mover a cabeça, com a força do seu olhar. Disse:

— Você ainda não acabou o Spengler?

— Não.

— Quando o tiver concluído, quero lê-lo.

— Sim.

Nadine não podia ver um livro entre as mãos de alguém, sem o reclamar para si. Carregava-o até o quarto, tornava cada vez mais alta, inutilmente,

a pilha dos trabalhos que povoavam o seu futuro. Na verdade, lia muito lentamente, com uma espécie de hostilidade, e fatigava-se ao cabo de algumas páginas. Ela continuou, com um risinho sarcástico:

— Parece que ele é soberanamente estúpido!

Desta vez, Lambert ergueu a cabeça:

— Quem lhe disse isso? Seus amiguinhos comunistas?

— Todo mundo sabe — respondeu ela, segura de si mesma. Estendeu-se sobre o chão, rosnou: — Você faria melhor, levando-me para uma volta de motocicleta.

— Não tenho a mínima vontade — disse Lambert, secamente.

— A gente almoçaria nos Mesnils e andaria pela floresta.

— E receberia toda uma tempestade nas costas: olhe o céu.

— Não haverá tempestade. Diga antes que lhe enche o saco ter de passear comigo.

— O que me enche o saco é ter que passear, sim, acabo de lhe dizer — falou Lambert com impaciência.

Ela se levantou:

— Está bem! Enche-me é passar o dia neste ambiente. Vou pegar a moto e dar uma volta sem você. Dê-me a chave do cadeado.

— Você está louca! Não pode dirigir-la.

— Já dirigi. Não é difícil. Prova disso é que você sabe fazê-lo.

— E na primeira curva quebraria a cara. Nada disso. Não lhe darei a chave.

— Pouco lhe importa que eu saia com a cara quebrada! O que você tem é medo de que eu estrague o seu brinquedinho, e mais nada. Egoísta indecente. Quero essa chave!

Lambert nem sequer respondeu. Nadine permaneceu imóvel durante um momento, o olhar vazio. Depois, levantou-se, ergueu o grande saco que lhe servia de bolsa, e atirou-me:

— Isto aqui me enche. Vou passar o dia em Paris.

— Divirta-se bastante.

Ela havia escolhido habilmente a sua vingança. Lambert decerto iria sofrer, sabendo que Nadine estava em Paris, em companhias que detestava. Seguiu-a com os olhos, enquanto ela saía do jardim, e depois voltou-se para o meu lado.

— Não compreendo por que nossas discussões azedam tão depressa — disse, num tom desconsolado. — A senhora compreende isso?

Era a primeira vez que ele iniciava comigo uma conversa íntima. Hesitei. Mas, já que ele estava disposto a ouvir-me, o melhor seria mesmo experimentar falar.

— Em grande parte a culpa é de Nadine — disse eu. — Um nada a revolta. Então ela se torna injusta e agressiva. Mas acredite que machuca por ser vulnerável, e muito.

— Mas poderia compreender que os outros também são vulneráveis — argumentou ele, com rancor. — É de uma insensibilidade monstruosa, algumas vezes.

Lambert parecia muito indefeso e muito jovem, com a sua pele fresca, o nariz um pouco arrebitado, a boca de comilão: um rosto sensual e perplexo, dividido entre ideais muito doces e princípios muito rígidos. Decidi-me:

— Note, para entender Nadine plenamente, é preciso remontar à infância dela.

Tudo quanto eu havia examinado mil vezes em mim mesma transmiti a Lambert, e da melhor forma possível. Ele me ouviu em silêncio, emocionado. Quando pronunciei o nome de Diego, interrompeu-me com avidez:

— É verdade que era dotado de uma inteligência prodigiosa?

— É verdade.

— Seus poemas eram bons? Ele tinha talento?

— Creio que sim.

— E só tinha dezessete anos! Nadine o admirava?

— Ela não admira nunca. Não, o que a prendia a Diego, principalmente, é que ele lhe pertencia, sem reserva.

— Mas eu também. Amo-a — disse Lambert, tristemente.

— Ela não tem certeza disso. Sempre receou que você a comparasse a outra.

— Quero muito mais a Nadine do que já quis a Rosa — murmurou ele.

Semelhante declaração me surpreendeu: apesar de tudo, eu havia adotado os preconceitos de Nadine:

— Será que você disse isso a ela?

— Não são coisas que se possam dizer.

— São coisas que ela teria necessidade de ouvir.

Ele encolheu os ombros.

— Nadine bem vê que durante mais de um ano só tenho vivido para ela.

— Pois está convencida de que se trata apenas de uma espécie de camaradagem. E como explicar-lhe isto? Como mulher, desconfia de si mesma: precisa ser amada como mulher.

Lambert hesitou:

— Mas, sob este aspecto, ela também é impraticável. Talvez eu não devesse dizer-lhe: quanto a isso não compreendo nada, sinto-me perdido. Se, de noite, nada se passa entre nós, ela se sente insultada; chocam-na quase todos os gestos amorosos; neste caso, bem-entendido, permanece gelada e zanga-se comigo...

Lembrei-me das amargas confidências de Nadine:

— Tem certeza de que, todas as noites, é ela quem quer...?

— Absoluta — respondeu Lambert, com uma expressão de fastio.

Havia contradição entre ambos, da qual não me admirei muito. Conheci outros exemplos. Isto significava, em qualquer hipótese, que nenhum dos dois amantes estava satisfeito com o outro.

— Nadine se sente mutilada, quando aceita sua feminilidade, e também quando a recusa — disse eu. — É o que torna difíceis as relações entre ambos. Mas, se você tiver um pouco de paciência, as coisas se arranjarão.

— Oh! Paciência! Tenho tido. Se pelo menos eu tivesse certeza de que ela não me detesta!

— Que ideia! Ela está ferrenhamente apegada a você.

— Sempre penso que me despreza porque não passo, como ela mesma o afirma, de um intelectual insignificante; um intelectual que sequer possui dons criadores — acrescentou ele, com azedume. — E que não se resolve a voar com as próprias asas.

— Nadine jamais poderá interessar-se por quem não seja intelectual — disse eu. — Adora discutir, explicar-se: tem necessidade de pôr sua vida em palavras. Não, acredite em mim: ela na verdade só o censura por não a amar o suficiente.

— Vou convencê-la — disse Lambert, cujo rosto se iluminou. — Se eu pensar que ela me ama, um pouco que seja, tudo o mais me será indiferente.

— Ela o ama, e muito: eu não lhe diria se não estivesse certa disso.

Ele retomou o seu livro e eu, meu trabalho. O céu escurecia cada vez mais; tornou-se inteiramente negro, quando, à tarde, subi ao meu quarto, a fim de tentar escrever a Lewis, que havia aprendido a falar comigo. O caso dele era mais fácil do que o meu. As pessoas, as coisas que me descrevia tinham existido para mim. Através daquelas folhas amarelas, eu revia a sua máquina de escrever, a colcha mexicana, a janela aberta para um terreno arborizado, os automóveis de luxo rodando ao longo de um asfalto todo rachado. Ao contrário, esta aldeia, meu trabalho, Nadine, Lambert, nada representavam para ele. Como falar sobre Robert, como não falar sobre Robert? O que Lewis exprimia nas entrelinhas de suas cartas resumia-se em palavras fáceis de dizer: “Espero-a, volte, sou todo seu.” Como, porém, dizer: “Estou longe, não voltarei senão daqui a muito tempo, pertenço a uma outra vida?” Como dizer isso, se eu desejava que ele lesse: “Amo-o”? Chamava-me, e eu não podia chamá-lo. Não tinha nada a dar-lhe, já que lhe recusava minha presença. Reli com vergonha minha carta: como estava vazia, contrastando com meu coração, tão carregado! E que promessas pequeninas: Voltarei; mas voltarei depois de muito tempo e seria para partir de novo. Minha mão se imobilizou ao tocar o envelope que, dentro de alguns dias, as mãos dele tocariam: mãos verdadeiras, aquelas que eu havia realmente sentido sobre a pele. Ele era, dessa forma, tão real! Às vezes me parecia um ser criado pelo meu coração. Eu dispunha dele com muita facilidade: sentava-o junto à janela, iluminava-lhe o rosto, despertava-lhe o sorriso, sem que ele se defendesse. O homem que me surpreendia, que preenchia minha vida, reencontrá-lo-ia em carne e osso? Deixei minha carta abandonada sobre a mesa, apoiei-me de cotovelos à janela. Caía o crepúsculo, o furacão se desencadeava. Viam-se exércitos de cavaleiros galopando nas nuvens, lança em riste, enquanto o vento delirava nas árvores. Desci até a sala de estar, acendi a lareira e, pelo telefone, convidei Lambert a vir jantar conosco; quando Nadine não estava para acirrar os conflitos, Robert e ele, de comum acordo, evitavam as questões espinhosas. Depois da refeição, Robert voltou ao escritório e, enquanto Lambert me ajudava a tirar a mesa, chegou Nadine, os cabelos completamente molhados de chuva. Ele lhe sorriu gentilmente:

— Você parece uma sereia. Quer comer alguma coisa?

— Não. Jantei com Vincent e Sézenac. — Ela apanhou sobre a mesa um guardanapo e esfregou os cabelos: — Falou-se a respeito dos campos

russos. Vincent é de minha opinião. Disse que a coisa é deveras lamentável, mas, se se abrisse uma campanha nesse sentido, os burgueses é que ficariam muito satisfeitos.

— Vai-se longe com esse tipo de raciocínio! — disse Lambert. Encolheu os ombros, irritado: — Ele vai tentar dissuadir Perron de escrever!

— Evidentemente — disse Nadine.

— Espero — continuou Lambert — que perca seu tempo. Preveni Perron de que, se o caso fosse abafado, eu deixaria *L'Espoir*.

— É um argumento de peso, esse! — observou Nadine, com ironia.

— Oh! Não se dê ares superiores! — redarguiu Lambert, com voz jovial. — No fundo, você não pensa tão mal de mim como quer fazer crer.

— Mas talvez pense menos bem do que você crê — disse ela, sem amenidade.

— Não é nada gentil!

— E você? Teria sido gentil, deixando-me ir sozinha a Paris?

— Você parecia não querer que eu fosse.

— Não disse que não queria. Disse que você teria podido propor-me isso. Tomei o rumo da porta, deixei aquele lugar. Ouvi Lambert, que dizia:

— Vamos, nada de brigas!

— Não estou brigando! — replicou Nadine.

Supus que fossem continuar assim a noite toda.

No dia seguinte de manhã desci logo cedo ao jardim. Sob o céu azul, que as chuvas da noite suavizaram, o campo permanecia mortificado, a estrada estava sulcada de valetas, a grama atapetada de ramos mortos. Instalei meus papéis sobre a mesa molhada, quando ouvi os estalidos da motocicleta. Nadine rodava sobre a estrada esburacada, os cabelos ao vento, a saia altamente repuxada sobre as coxas nuas. Lambert saiu do pavilhão, correu até a grade, gritando: “Nadine!”, e voltou até mim, com uma expressão perdida.

— Ela não sabe guiar! — exclamou, com agitação na voz. — E, além disso, o mau tempo de ontem... Há ramos quebrados, árvores tombadas atravessando a estrada. Acontecerá uma desgraça!

— Nadine é prudente à sua maneira — disse eu, para tranquilizá-lo. Mas também eu estava intranquila. Ela cuidaria de si, só que não tinha habilidade.

— Apanhou a chave do cadeado, enquanto eu dormia. É teimosa! — Ele me olhou com censura: — A senhora disse que ela me ama. Tem, então, uma esquisita maneira de amar! Ontem, eu não pedia outra coisa senão que fizéssemos as pazes, a senhora o testemunhou. Não adiantou grande coisa!

— Ah! Não é fácil chegarem a se entender — disse eu. — Tenha um pouco de paciência.

— Com ela é preciso ter muita!

Ele se distanciou, e eu pensei tristemente: “Que situação complicada!” Nadine corria pelas estradas, as mãos crispadas sobre o guidão, queixando-se ao vento. “Lambert não me ama. Ninguém nunca me amou, a não ser Diego, que morreu.” E, enquanto isto, de um lado para outro, pelo quarto, Lambert caminhava, o coração cheio de dúvidas. Difícil tornar-se um homem nestes tempos, quando a palavra homem estava carregada de um sentido sobremaneira pesado: tinha diante de si esse moço de vinte e cinco anos, que ainda sonhava com ternura maternal e com proteção viril, o exemplo dos mais velhos, uns mortos ou torturados, outros condecorados e prestigiados. Eu pensava nessas aldeias onde as crianças do sexo masculino, desde a idade de cinco anos, aprendem a enterrar na carne viva espinhos envenenados: também entre nós, para adquirir a dignidade adulta, é preciso que o homem saiba matar, fazer sofrer, fazer-se sofrer. As moças são oprimidas sob o peso das proibições; os rapazes, sob o das exigências. Dois tipos de provações igualmente nefastos. Se tivessem querido ajudar-se mutuamente, Nadine e Lambert haveriam, talvez, aceitado justamente as condições de sua idade, de seu sexo, compreendido o lugar real de ambos na terra. Será que ainda se decidiriam a querer isso?

Lambert almoçou conosco. Oscilava entre o medo e a raiva.

— Isso ultrapassa os limites de uma brincadeira! — disse com agitação. — Não se tem o direito de preocupar os outros assim. É maldade, é chantagem. Um bom par de bofetadas é o que ela merecia!

— Ela não pensa que você esteja tão preocupado! — disse eu. — E você sabe que não há mesmo motivo. Com certeza ela está dormindo num campo, ou tomando banho de sol.

— Se não estiver num buraco, com o crânio partido. É uma louca! Uma louca!

Lambert parecia de fato angustiado. Eu podia compreendê-lo. Estava também menos calma do que fazia supor. “Se tivesse acontecido alguma coisa, alguém já haveria telefonado”, dizia-me Robert. Mas, exatamente neste minuto, a máquina poderia ter sofrido (quem sabe?) um abalo brusco e Nadine batido de encontro a uma árvore. Robert procurava distrair-me. Mas, ao cair da noite, ele não escondia mais a própria inquietação. Já falava em telefonar aos postos policiais da redondeza, quando, afinal, ouvimos o barulho de estampidos. Lambert chegou à estrada antes de mim. A máquina estava coberta de lama, Nadine também. Ela desceu, rindo, e vi quando Lambert lhe deu, com toda a força, dois tapas.

— Mamãe! — Nadine rompeu para ele, por sua vez o esbofeteou, e gritava, com voz aguda: — Mamãe! — Ele a segurou pelos punhos. Estava tão pálido, quando me aproximei, que acreditei fosse desmaiar. Nadine sangrava pelo nariz, mas eu sabia que sangrava porque queria: era um ardil que havia aprendido na infância, quando lutava com os garotos, em torno das fontes do Luxemburgo.

— Vocês não têm vergonha — disse eu, interpondo-me entre ambos, como o teria feito para separar duas crianças.

— Ele me bateu! — gritava Nadine, com histeria.

Envolvi-lhe os ombros, com meus braços. Tapei-lhe o nariz:

— Acalme-se!

— Bateu em mim, porque usei sua imunda motocicleta. Vou fazê-la em pedaços!

— Acalme-se! — repetia eu.

— Vou fazê-la em pedaços!

— Ouça — disse-lhe eu. — Lambert fez muito mal em esbofeteá-la. Mas também é natural que tenha ficado fora de si. Todos sentimos um medo terrível por você. Acreditamos que lhe houvesse acontecido um acidente.

— Ele não daria importância para isso! Pensava na moto. Tinha medo de que eu a estragasse.

— Desculpe-me, Nadine — disse penosamente Lambert —, não devia ter feito isso... Mas estava fora de mim. Você poderia ter morrido.

— Hipócrita! Você não liga a mínima! Sei muito bem. Eu poderia ter estourado, que isso para você seria a mesma coisa. Já enterrou outra!

— Nadine! — De branco ele passou a vermelho. Nada mais de pueril havia em seu semblante.

— Enterrada, esquecida, tudo isso aconteceu tão depressa — gritou ela.

— Como você ousa dizer isso! Você, que traiu Diego com o exército americano inteiro!

— Cale-se.

— Você o traiu.

Lágrimas de furor escorriam pelas faces de Nadine:

— Eu talvez o tenha traído depois de morto. Mas você permitiu que seu pai denunciasse Rosa, quando ela ainda era viva.

Ele permaneceu em silêncio, por momentos. Depois disse:

— Não quero vê-la mais. Nunca mais.

Montou na motocicleta. Não achei uma palavra para detê-lo. Nadine soluçava:

— Venha descansar — disse eu. — Venha.

Ela me repeliu. Jogou-se sobre a vegetação. Gritava:

— Um sujeito cujo pai denunciava judeus. E dormi com ele! E ele me esbofeteou! Bem feito para mim! Bem feito!

Gritava. Não havia nada mais a fazer senão deixá-la gritar.

Capítulo VII

Paule passou o verão na casa de Claudie de Belzunce, e Josette foi bronzear-se em Cannes, em companhia da mãe. Henri viajou para a Itália, num pequeno automóvel de segunda mão. Gostava tanto daquele país, que conseguiu esquecer *L'Espoir*, o SRL, todos os problemas. Quando voltou a Paris, encontrou, em sua correspondência, um relatório que Lambert lhe havia remetido da Alemanha e um maço de documentos reunidos por Scriassine. Passou a noite a estudá-los: de manhã a Itália estava muito longe. Podia-se duvidar dos documentos desentranhados dos arquivos do Reich e que falavam em nove milhões e oitocentos mil prisioneiros; podiam-se considerar suspeitos os testemunhos dos poloneses internados, e libertados em 1941; mas, para recusar sistematicamente todos os depoimentos de homens e mulheres que haviam escapado dos campos, seria preciso decidir, de uma vez por todas, vender os olhos e tapar os ouvidos. E, depois, além dos artigos do código que Henri conhecia, havia aquele relatório aparecido em Moscou em 1935 e que enumerava os imensos trabalhos executados pelos campos de Oguepeú. Havia o plano quinquenal de 1941, que confiava ao MVD 14% dos empreendimentos de construção. As minas de ouro de Kolima, as de carvão de Norilek, de Vorkuta, as de ferro de Starobelsk, as zonas de pesca de Komi: como é que se vivia lá, exatamente? Qual era o número de trabalhadores forçados? Neste ponto, havia uma considerável margem de incerteza. Mas o que era certo é que os campos de trabalhos forçados existiam, em larga escala e de maneira institucional. “É preciso divulgá-lo”, concluiu Henri, “do contrário, serei cúmplice e, em face de meus leitores, culpado de um abuso de confiança.” Atirou-se vestido sobre a cama, pensando: “Vai ser divertido!” Iria brigar com os comunistas, e nesse caso a posição do jornal não seria nada fácil. Suspirou. Tinha ficado contente, de manhã, quando viu operários comprando *L'Espoir*, na banca de jornais da esquina: não o comprariam mais. Mas como silenciar? Poderia resguardar-se sob o

argumento de que não se achava suficientemente informado para escrever: era o regime no seu todo que dava um sentido verdadeiro a tais campos, pois as informações continuavam vagas. Mas ele também não sabia o bastante a respeito para poder ficar quieto. A ignorância não é um álibi, e ele o havia compreendido fazia muito tempo. Na dúvida, já que prometera a verdade aos leitores, competia a ele dizer-lhes o que sabia. Só mesmo se tivesse boas razões decidiria esconder-lhes as informações de que dispunha. Não se incluía entre essas razões a sua relutância a brigar com os comunistas. Essa relutância só dizia respeito a ele.

Felizmente, as circunstâncias deram-lhe algum prazo. Nem Dubreuilh, nem Lambert, nem Scriassine estavam em Paris. Quanto a Samazelle, não fez ao caso senão vagas alusões. Henri se esforçou por pensar nisso o menos possível. Aliás, havia muitas outras coisas em que devia pensar: fúteis, mas urgentes. Os ensaios de sua peça estavam tempestuosos. Salève se mostrava exageradamente eslavo, a frequência de seus caprichos não os tornava menos temíveis e Josette os suportava com lágrimas. Vernon começava a rezear um escândalo, sugeriam cortes e modificações inaceitáveis; ele havia confiado à casa Amaryllis a confecção do figurino, e Lucie Belhomme não queria compreender que Josette tinha que sair de uma igreja incendiada e não de um *atelier* de costura. Henri precisava passar horas no teatro.

“Contudo, tenho de telefonar a Paule”, pensou ele, certa manhã. Ela não lhe havia mandado senão raros e herméticos cartões-postais. Tinha voltado a Paris fazia alguns dias e não lhe dava sinal algum. Mas evidentemente vigiava, ansiosa, o telefone. Sua criação não passava de manobra e seria cruel abusar disso. Todavia, quando lhe telefonou, ela marcou encontro com uma voz tão sossegada, que ele subiu a escada com alguma esperança: talvez ela se houvesse desapegado dele seriamente. Paule lhe abriu a porta sorridente. Ele se perguntou: “Que será que lhe aconteceu?” Seus cabelos estavam levantados, descobrindo uma gorda nuca; havia depilado as sobrancelhas, usava um vestido colante e parecia quase vulgar. Continuando a sorrir, disse:

— Por que me olha assim?

Ele sorriu também, com esforço:

— Você está vestida diferente...

— Causo-lhe admiração? — Tirou da bolsa uma longa piteira, que levou à boca: — Espero causar-lhe muita admiração — disse ela, olhando-o com olhos brilhantes de alegria —, e, antes de mais nada, quero anunciar-lhe a grande novidade: estou escrevendo.

— Você está escrevendo? — perguntou ele. — O quê?

— Um dia ficará sabendo.

Ela mordiscava a piteira com ar misterioso. Ele foi até a janela. Paule lhe havia feito muitas vezes cenas de tragédia, mas esse gênero de comédia parecia indigno dela. Não fora o receio de complicações, e ele lhe teria arrancado a piteira, a teria despenteado, sacudido. Voltou-se para ela:

— Foram boas as férias?

— Muito! E que fim levou você? — perguntou ela, com uma espécie de indulgência.

— Oh! Passo meus dias no teatro. Por enquanto, marca-se passo. Sàleve é um bom diretor teatral, mas logo se enerva.

— A garota estará bem no papel? — perguntou Paule.

— Acho que vai ser excelente.

Paule aspirou a fumaça do cigarro, sentiu-se engasgar, tossiu:

— Seu caso com ela ainda continua?

— Ainda.

Paule o encarou com uma espécie de solicitude:

— É curioso.

— Por quê? — perguntou ele. Hesitou: — Não se trata de capricho; estou apaixonado — disse, agora com decisão.

Paule sorriu:

— Acredita nisso de fato?

— Estou certo. Amo Josette — reafirmou.

— Por que me diz isso, nesse tom? — perguntou ela, surpresa.

— Que tom?

— Um tom esquisito.

Ele fez um gesto de impaciência:

— Fale-me de suas férias. Escreveu-me tão pouco!

— Estive muito ocupada.

— Lugar bonito?

— Gostei — respondeu Paule.

Era fatigante fazer perguntas a que ela não respondia senão por breves frases carregadas de subentendidos misteriosos. Henri ficou tão nervoso com isso, que ao cabo de dez minutos foi embora. Ela não se esforçou no sentido de retê-lo, nem propôs novos encontros.

Lambert chegou da Alemanha oito dias antes do ensaio geral. Havia mudado depois da morte do pai: tornara-se mal-humorado, ensimesmado. Pôs-se logo a falar muito e depressa de seu inquérito jornalístico e dos testemunhos que colheu. Olhou para Henri com suspeita:

— Está ou não convencido?

— Quanto ao essencial, sim.

— Já é alguma coisa! E Dubreuilh? Que diz?

— Não o tenho visto. Não sai de Saint-Martin e não tive tempo de ir até lá.

— Seria urgente, todavia, passar à ação — disse Lambert. Franziu as sobrancelhas: — Espero que ele tenha suficiente boa-fé para reconhecer que desta vez os fatos foram estabelecidos.

— Seguramente!

De novo Lambert encarou Henri com suspeita:

— Pessoalmente, você está decidido a revelar?

— Pessoalmente sim.

— E se o velho se opuser a isso?

— O comitê será consultado. — O semblante de Lambert anuviou-se e Henri acrescentou: — Ouça, conceda-me oito dias. No momento estou muito atrapalhado, mas irei falar com ele, logo depois do ensaio geral. Esta questão será acertada. — Com voz amistosa, acrescentou: — Vou ao teatro. Gostaria de acompanhar-me?

— Li sua peça: não gostei — disse Lambert.

— É um direito seu — disse Henri, bem-humorado. — Mas poderia divertir-se em assistir a um ensaio.

— Tenho serviço. Preciso pôr ordem em meus apontamentos. — Houve um silêncio embaraçado, ao fim do qual Lambert pareceu decidir-se: — Vi Volange durante o mês de agosto — disse num tom neutro. — Está preparando um grande semanário literário, e ofereceu-me o cargo de redator-chefe.

— Ouvi falar sobre esse projeto — disse Henri. — *Les Beaux Jours*, não é isso? Suponho que ele não ouse assumir ostensivamente a direção.

— Quer dizer que ele quer servir-se de mim? Na verdade, deseja que nos ocupemos da publicação conjuntamente, o que não torna a proposta menos interessante.

— Em todo caso, você não pode trabalhar ao mesmo tempo em *L'Espoir* e numa publicação de direita — observou Henri, secamente.

— Trata-se de um semanário com fins exclusivamente literários.

— É o que sempre se diz. Mas aqueles que se declaram apolíticos são fatalmente reacionários. — Henri encolheu os ombros: — Enfim, como você espera poder conciliar nossas ideias e as de Volange?

— Não me sinto muito distanciado dele. Já disse a você várias vezes que partilho o desprezo de Volange pela política.

— Você não está compreendendo que em Volange esse desprezo ainda é uma atitude política: a única possível para ele, por enquanto.

Henri se deteve; Lambert exibiu uma expressão obstinada. Volange tinha sabido agradá-lo, sem dúvida. Além disso, oferecia-lhe a possibilidade de embaralhar o bem com o mal, de modo a inocentar o pai e também justificar-lhe a pesada fortuna. “Preciso dar um jeito de vê-lo frequentemente e de falar com ele”, pensou Henri. Por enquanto, não tinha tempo. Apertando a mão de Lambert, disse:

— Voltaremos a conversar sobre tudo isso.

Pesava-lhe um pouco que Lambert lhe tivesse falado tão secamente de sua peça. Sem dúvida, Lambert ficava constrangido quando se remexia o passado, por causa do pai; mas por que esta espécie de hostilidade? “É uma pena!”, dizia Henri a si mesmo. Teria gostado de que alguém de fora assistisse a um de seus últimos ensaios e lhe dissesse o que pensava: ele já não sabia a quantas andava. Sàleve e Josette não paravam de choramingar, Lucie Belhomme se recusava, terminantemente, a rasgar o vestido de Josette. Vernon teimava em oferecer uma ceia, após o ensaio geral. Henri protestou em vão, agitou-se inutilmente, ninguém ouvia uma palavra do que dizia. E tinha a impressão de que acabaria num desastre. “Afinal, uma peça bem-sucedida, ou malsucedida, não é coisa tão grave”, esforçava-se ele em dizer a si mesmo. Mas pelo menos se pudesse pessoalmente acomodar-se diante de um fracasso! Josette precisava triunfar. Decidiu telefonar aos Dubreuilh, que acabavam de regressar a Paris. Poderiam vir amanhã ao teatro? A peça seria vista na íntegra, e ele ansiava por conhecer a opinião dos Dubreuilh.

— Combinado — disse Anne. — Isso nos interessa enormemente. E obrigará Robert a descansar um pouquinho: anda trabalhando como um louco.

Henri temia, até certo ponto, que Dubreuilh mencionasse de novo o caso dos campos de concentração. Mas talvez ele também não tivesse pressa em tomar decisões. Não disse uma palavra. Quando o ensaio começou, Henri sentiu-se intimidado. Já o constrangia o fato de surpreender alguém lendo um de seus romances; estar sentado junto aos Dubreuilh, enquanto ouviam o seu texto... havia algo de obsceno nisso. Anne parecia comovida; Dubreuilh, interessado. Mas haveria o que pudesse não interessá-lo? Henri não ousou interrogá-lo. A última réplica tombou num silêncio glacial. Então Dubreuilh, voltando-se para Henri:

— Você pode ficar contente! — disse, com calor. — A peça produz efeito ainda muito melhor no palco do que lida. Disse-lhe logo: é o que você fez de melhor.

— Oh! seguramente! — apoiou Anne, com arroubo.

Continuaram a derramar elogios veementes: diziam exatamente as palavras que Henri tinha desejo de ouvir. Era-lhe muito agradável, mas também um pouco assustador. Durante estas três semanas, ele havia feito o possível para que a peça tivesse todas as chances. Não quis, porém, interrogar-se sobre o valor dela, sobre o que pudesse representar como acontecimento. Impediu-se de ter esperança e de ter medo. Agora, sentia fundir-se-lhe a prudência. Era o que havia feito de melhor. Agradaria? Será que o público iria achá-la agradável? O coração batia-lhe aceleradamente na noite do ensaio geral, ao mesmo tempo que ele atentava, escondido atrás de um porta-cenário, ao grande rumor inarticulado que subia da sala invisível. Vaidades, miragens... Havia anos que ele desconfiava dos fingimentos. Não tinha esquecido, porém, seus sonhos de rapaz. A glória... Acreditara nela, prometera a si mesmo apertá-la um dia contra si, amplamente, como quem abraça o ser amado. Ela é difícil de agarrar, não possui rosto. “Mas, pelo menos”, pensava ele, “isso poderia ter sido uma espécie de manifestação.” Certa vez, ouviu-a; tinha subido ao estrado, donde depois desceu com os braços carregados de livros. E seu nome repercutia no ruído dos aplausos. Talvez fosse conhecer novamente essa pequena apoteose infantil. Não se pode ser modesto sempre, não se pode ser orgulhoso sempre e desprezar todos os sinais. Se se passa o melhor de

seus dias tentando comunicar-se com o próximo, é porque ele representa alguma coisa. E porque a gente precisa saber, por vezes, que conseguiu representar alguma coisa para ele. É imprescindível que haja instantes de festa, em que o presente chame a si todo o passado e triunfe sobre o futuro... As rumações de Henri cessaram subitamente. Tinham-se dado os três sinais. Levantou-se o pano sobre uma gruta sombria, onde havia pessoas sentadas, silenciosas, o olhar fixo. Havia tão pouca relação entre essa presença impassível e o barulho animal da última meia hora, que a gente se perguntava de onde elas tinham surgido. Não pareciam totalmente reais. A verdade era aquela aldeia calcinada, eram o sol, os gritos, as vozes alemãs, o medo. Alguém tossiu na sala, e Henri sentiu que também eles, os Dubreuilh, Paule, Lucie Belhomme, Lambert, os Volange, tantos outros que ele conhecia, outros tantos que não conhecia, eram reais. Que faziam ali, exatamente? Ele se recordava de uma tarde vermelha de sol, de vinho e de acontecimentos sangrentos. Quis arrancá-la a esse mês de agosto, arrancá-la ao tempo, havia-a prolongado em devaneios, de que germinaram uma história e também ideias que moldou em palavras. Desejara que as palavras, as ideias, a história se tornassem coisas vivas. Esta assembleia muda estaria lá para dar-lhes vida? A rajada das metralhadoras pipocava, Josette atravessou a praça deserta em seu belo vestido Amaryllis. Veio cair sobre a parte anterior do palco, ao mesmo tempo que subiam dos bastidores gritos e ordens roucas. Também na sala houve gritos. Uma mulher, com um chapéu de penas amarelas de ave-do-paráiso, deixou sua poltrona rumorosamente: “Basta de horrores!” No meio das vaías e dos aplausos, Josette lançou sobre Henri um olhar acuado. Ele lhe sorriu com calma e ela recomeçou a falar. Sorria, ao passo que teria querido subir sobre a frente do palco, ou assoprar a Josette novas palavras, convincentes e eletrizantes. Bastaria estender a mão que lhe tocaria o braço, mas a luz da ribalta o excluía desse mundo, onde os momentos do drama continuavam a desfiar-se inexoravelmente. Agora Henri soube por que os assistentes tinham sido convocados: para proferir o veredicto. Não se tratava de uma apoteose, mas de um processo. Ele reconhecia aquelas frases, escolhidas com esperança no silêncio pacificador de seu quarto. Tinham, nessa noite, um sabor de crime. Culpado, culpado, culpado. Sentia-se tão sozinho como o homem que ouve em silêncio a fala de seu advogado, do boxe da sala do tribunal do júri.

Tinha culpa, e tudo quanto pedia era que o tribunal fosse indulgente. Houve ainda quem gritasse: “É uma vergonha”, e ele sem poder dizer palavra em sua defesa. Quando desceu o pano, em meio aos aplausos enxertados de uma ou outra vaia, notou que suas mãos estavam úmidas. Deixou o palco, foi enfiar-se no escritório de Vernon. Ao cabo de alguns minutos, a porta se abriu:

— Fui informada de que você não queria ver ninguém — disse Paule —, mas suponho que eu não esteja incluída. — Havia na voz dela uma insistente desenvoltura. Trajava um vestido preto e de novo nessa noite sua elegância sóbria fazia com que parecesse excêntrica: — Você deve estar deslumbrado! — acrescentou ela. — Foi um bonito escândalo.

— Sim, foi essa a impressão que tive.

— Sabe, a mulher que protestou é suíça, passou a guerra toda em Genebra. Houve também um belo tumulto no fundo da orquestra. E Huguette Volange aparentou desmaiar.

Henri sorriu:

— Huguette desmaiou?

— Com muita elegância. Mas é preciso ver o pobre Louis! Está farejando o sucesso, empalideceu.

— Estranho sucesso — disse Henri. — Você vai ver: no segundo ato, todos os que aplaudiram vão vaiar.

— Tanto melhor! — observou Paule, com soberba. E acrescentou: — Os Dubreuilh estão encantados.

Certamente, todos os amigos se felicitavam por esse feliz escândalo. Aos olhos dos intelectuais, o escândalo é sempre benigno, quando outros o provocam. Somente Henri era atingido por esses ódios e por essas cóleras que acabava de desencadear. Homens morreram queimados vivos numa igreja. Josette havia traído o marido, a quem amava de fato. A emoção, o rancor do público tornavam reais esses crimes de papelão. E o criminoso era ele. De novo apoiado a um suporte na coxa, à sombra, divisava os seus juízes e pensava com estupor: “Eis aí o que eu fiz! Fui eu!” Voltando um ano, o sol de agosto esmagava ainda a aldeia esquelética, mas tinham crescido cruzeiros sobre as covas, regadas de discursos. O ar estava cheio do som de fanfarras tricolores, e viúvas envelopadas em preto exibiam-se, com flores nos braços. Novamente, rumores hostis crepitaram na noite.

“Escarneço dos traficantes de cadáveres”, pensou Henri; “e vão acusar-me de desrespeito aos mortos.” No momento, as mãos estavam-lhes secas, mas ele sentia na garganta um gosto amargo. “Sou tão vulnerável?”, perguntou-se, com desgosto. Os outros, quando davam a mão a apertar, nos bastidores, tinham, contudo, um ar desenvolto, sossegado: conheciam secretamente estas angústias pueris? Como se compararem? Em tudo o mais, eles se explicam complacentemente. Não hesitam em comunicar aos outros um catálogo especificado de seus vícios, as medidas exatas de seu pênis. Mas nenhum escritor foi suficientemente presunçoso, ou suficientemente humilde, para mostrar às claras suas ambições, suas decepções. “Nossa sinceridade seria tão escandalosa como a das crianças”, pensou Henri; “mentimos do mesmo modo que elas e, do mesmo modo, cada um receia, secretamente, ser um monstro.” O pano desceu pela segunda vez. Henri assumiu um ar desenvolto, sossegado, a fim de estender a mão aos curiosos. Um verdadeiro desfile de sacristia. Mas tratava-se de casamento, ou de enterro?

— É um sucesso! — gritou Lucie Belhomme, precipitando-se na direção de Henri, quando ele entrou no grande restaurante, onde desfilava uma multidão perfumada. Ela pousou a mão enluvada no braço de Henri. Balançava-lhe sobre a cabeça um grande pássaro preto, aflito: — Confesse que Josette tem presença, quando aparece com aquele vestido vermelho.

— Amanhã à noite, arrastarei na poeira esse vestido, darei umas boas tesouradas.

— Não tem o direito, ele traz a marca da casa! — disse Lucie, secamente. — Aliás, todo mundo o achou muito bonito.

— Josette é que todo mundo achou bonita! — disse Henri. Sorriu a Josette, que, por sua vez, lhe sorriu, e com um ar dolente, quando um flash os ofuscou. Ele fez um gesto, mas a mão de Lucie contraiu-se sobre o seu braço:

— Seja bonzinho: Josette precisa de publicidade.

Outro clarão, mais outro. Paule observava a cena, com um ar de dama ultrajada. “Que fazedora de complicações!”, pensou ele irritado. Não sabia se havia perdido ou ganhado o processo; a glória sábia e segura das distribuições de prêmios... É preciso um coração de criança para conhecê-la. Mas repentinamente ele tinha vontade de ficar alegre. Alguma coisa acabava de acontecer-lhe, uma dessas coisas com que sonhava

confusamente, quinze anos antes, quando lia nas colunas Morisse os cartazes flamejantes: sua primeira peça fora representada, acharam-na boa. Sorriu de longe aos Dubreuilh e deu alguns passos para ir até eles. Louis o deteve no caminho. Tinha na mão um copo de martíni, o olhar estava um pouco perturbado:

— Pois bem, aí está o que se chama um grande sucesso parisiense!

— Como vai Huguette? — perguntou Henri. — Disseram-me que não se sentiu bem... É verdade?

— Ah! É porque você submete os nervos dos espectadores a uma dura prova! — disse Louis. — Note, não sou dos que ficam indignados. Por que recusar *a priori* os processos de melodrama, digamos mesmo de *Grand Guignol*, fazendo coro com os seus detratores? Mas Huguette é sensível, não resistiu ao impacto: saiu após o primeiro ato.

— Sinto muito! — lamentou Henri. — Você não deveria supor-se obrigado a ficar.

— Fazia questão de vir felicitá-lo — disse Louis, com um sorriso aberto. — Afinal, sou o seu mais velho amigo. — Olhou em volta: — Sou aqui, seguramente, o único que conheceu o pequeno ginasião de Tulle, que trabalhava tão duramente. Se houve alguém que mereceu triunfar, esse alguém foi você.

Henri reprimiu diversas respostas. Não, não podia devolver a Louis perfídia por perfídia. Já era desagradável imaginar o que se passava, no momento, dentro dessa cabeça invejosa. Não devia provocar novos remoinhos. Pôs um ponto na conversa:

— Agradeço por ter vindo. E todas as minhas desculpas a Huguette — disse, distanciando-se, num sorriso rápido.

Sim, Louis fora o único a dividir com ele aquelas recordações de mocidade e de infância, que o tocaram de leve hoje à noite: de repente, Henri se desgostou. Não tivera sorte em seu passado. Muitas vezes lhe parecia que todos esses anos volvidos continuavam à sua disposição, intatos como um livro que se acaba de fechar, que se pode abrir de novo. Tinha feito uma promessa: sua vida não terminaria antes que ele a recapitulasse. Mas, por uma razão ou outra, a tentativa era sempre abortada. De qualquer maneira, para que se refizesse por inteiro, o momento era mal-escolhido. Tinha muitas mãos a apertar e, sob o assalto dos cumprimentos equívocos, perdia a razão.

— Pois bem, partida ganha! — disse Dubreuilh. — Metade do pessoal está furioso, metade está encantado. Mas todos preveem trezentas representações.

— Josette esteve bem, não? — perguntou Henri.

— Muito bem! E é tão linda — disse Anne, um pouco apressadamente. Com rancor, acrescentou: — Mas a mãe..., que rabugenta vulgar! Ouvi-a rir com sarcasmo, há pouco, em companhia de Vernon... Não tem o menor pudor.

— Que é que ela dizia?

— Conto-lhe mais tarde... — disse Anne. Circulou um olhar e acrescentou: — Os amigos dela são horrorosos!

— Não são amigos dela, não são amigos de ninguém — disse Dubreuilh. — São os *vips* de Paris: não há nada mais lastimável. — Sorriu, como se desculpando: — Vou dar o fora.

— Eu fico um pouco, para ver Paule — disse Anne.

Dubreuilh apertou a mão a Henri:

— Você passa em nossa casa amanhã ou depois de amanhã?

— Sim. Precisamos tomar decisões — disse Henri. — Com urgência.

— Telefone — concluiu Dubreuilh.

Ganhou a saída depressa, estava contente de ir embora, não o escondia. E também era visível que Anne só ficava por polidez, ela não se sentia bem. Que teria dito, precisamente, Lucie? “Essa a razão por que Lachaume e Vincent não vieram para a ceia”, pensou Henri; “censuram-me, todos, de estar comprometido com essa gente.” Olhou furtivamente Paule, que continuava com a fixa expressão de censura. E, continuando a cumprimentar os convidados elegantes, apresentados por Vernon, perguntou-se: “Eu é que estou errado? Ou as coisas mudaram?” Houve um tempo em que eram conhecidos os amigos e os inimigos, em que se amava sob risco de vida, em que se odiava até a morte. Hoje, reservas e rancores infiltram-se em todas as amizades, o ódio se propagou. Ninguém mais está pronto a dar a vida, nem a matar.

— É uma peça muito interessante — disse Lenoir, com voz afetada. — Uma peça complexa. — Hesitou: — Só lamento que você não tenha esperado um pouco, antes de representá-la.

— Esperado o quê? O referendo? — perguntou Julien.

— Exatamente. Este não é o momento de sublinhar as fraquezas que os partidos de esquerda podem ter...

— À merda, neste caso! Felizmente Perron se decidiu a botar lenha na fogueira: o conformismo não lhe assenta bem, mesmo tingido de vermelho. — Julien riu, com ar de zombaria. — Você vai expor-se de tal forma à censura dos comunistas, que não terá mais vontade de fazer coro com eles.

— Não creio que Perron seja acessível ao ressentimento — disse Lenoir, com um ardor irrequieto. — Deus sabe que, pessoalmente, sofri os mais grosseiros insultos por parte do PC. Não me entregarei, porém, ao desânimo. Podem insultar-me, caluniar-me: não conseguirão fazer-me cair no anticomunismo.

— Em outros termos: dão-me um tapa na cara, e ofereço a outra face — observou Julien, rindo às gargalhadas.

Lenoir ficou muito vermelho.

— O anarquismo é também um conformismo — disse ele. — Você escreverá no *Figaro*, qualquer dia destes.

Distanciou-se com dignidade, e Julien apoiou a mão sobre o ombro de Henri:

— Sabe, sua peça não é má. Mas seria ainda muito mais para rir, se tivesse feito dela uma comédia bufa. — Rapidamente, passeou os olhos ao redor: — Uma revista de fim de ano sobre toda a alta roda... daria resultado.

— Escreva-a você — disse Henri, irritado. Sorriu a Josette, que exibia os ombros dourados no meio de um círculo de admiradores. Avançou na direção dela, quando encontrou o olhar acuado de Marie-Ange, a quem Louis havia encurralado, junto ao bufê. Este lhe falava olhando-a nos olhos e bebendo um copo de martíni. Os homens reconheciam de ordinário em Louis a sedução intelectual, mas ele nunca soubera agradar às mulheres. Havia uma impaciência avara no sorriso que estava a oferecer a Marie-Ange. Sentia-se que o cancelaria a qualquer momento, desde que começasse a agir. Parecia dizer: “Quero você, mas apresse-se em ceder, porque não posso perder tempo.” Lambert, a alguns passos deles, ruminava, sombriamente. Henri parou ao seu lado:

— Que salada! — disse, sorrindo-lhe. Procurava-lhe nos olhos uma cumplicidade que não encontrou.

— Sim, salada esquisita — disse Lambert. — A metade do pessoal que se acha aqui só pediria para massacrar a outra metade. De qualquer maneira, pois você decidiu agradar a gregos e troianos!

— Chama a isto agradar a gregos e troianos? Descontentei a todos.

— Todos também não, seria excessivo. Isso é relevante. Esse gênero de escândalo é somente publicidade.

— Sei que a peça não lhe agrada, mas não é uma razão para esse seu mau humor — disse Henri, conciliatoriamente.

— Ah! Mas a coisa é grave! — explicou Lambert.

— O quê? Mesmo supondo que a peça tenha fracassado, isso não é nada grave.

— O que é grave é que você tenha descido a esse gênero de sucesso! — disse Lambert, num tom polido. — O assunto escolhido, a técnica empregada, tudo foi de molde a agradar os mais baixos instintos do público. Tem-se o direito de esperar outra coisa de você.

— Vocês me deixam fartos! — explodiu Henri. — Estão todos aí a esperar coisas de mim: que eu entre para o PC, que o combata, que seja menos sério, que seja mais sério, que renuncie à política, que me consagre a ela de corpo e alma. E todos ficam decepcionados, abanam a cabeça com desaprovação.

— Queria que nos abstivéssemos de julgá-lo?

— Queria que me julgassem segundo o que eu faço e não segundo o que não faço. Engraçado: no começo, a gente é acolhido com benevolência, os leitores mostram-se contentes com aquilo que se traz de positivo. Mais tarde, só o que a gente tem são dívidas. Nenhum crédito.

— Não se preocupe, a crítica será excelente, com toda a certeza — disse Lambert, num tom pouco amistoso.

Henri encolheu os ombros e aproximou-se de Louis, que discorria, com violência na voz, diante de Marie-Ange e de Anne. Parecia totalmente embriagado. Não aguentava o álcool. Esse era o preço de sua sobriedade...

— Olhem isto — dizia ele, indicando Marie-Ange —: dorme com todo mundo, pinta o rosto, mostra as pernas, põe enchimentos nos seios, esfrega-se nos homens para excitá-los. E, de repente, banca a Santa Virgem...

— Contudo, tenho o direito de dormir com quem me agrada — replicou Marie-Ange, queixando-se.

— Direito? Que direito? Quem lhe deu direitos? — gritou Louis. — Não pensa em nada, não sente nada, mal palpita... e reclama direitos! Ei-la, a democracia! É bonito...

— E o direito de encher os outros, onde o conquistou? — perguntou Anne. — Vejam esse tipo! Toma-se por Nietzsche, porque agride grosseiramente uma mulher!

— Uma mulher! Ajoelhemo-nos diante dela! A senhora fala como de uma deusa! Elas se tomam por deusas, o que não impede que mijem e caguem, como todo mundo.

— Você bebeu demais, está grosseiro, melhor faria indo deitar-se — disse Henri.

— Naturalmente! Você as defende! As mulheres fazem parte do seu humanismo — disse Louis com voz que se empastava. — Beije-as, como qualquer outro, põe-nas de costas, monta-lhes em cima, mas respeita-as. Engraçado! Tais senhoras querem muito abrir as pernas, mas querem ser respeitadas. É assim, não é? Respeitem-me, e eu abro as pernas.

— E ser um imbecil, faz parte do seu personagem? — perguntou Henri. — Se não fechar a boca imediatamente, levo-o embora...

— Você tem a vantagem de que eu bebi — disse Louis, afastando-se, com a expressão anuviada.

— Ele é sempre assim? — perguntou Marie-Ange.

— O tempo todo. Só que é raro tirar a máscara — disse Anne. — Esta noite, está louco de inveja.

— Quer tomar alguma coisa, para se refazer? — perguntou Henri.

— Quero, eu que não arriscava beber...

Henri estendeu um copo a Marie-Ange. E viu Josette, de pé diante de Paule, que lhe falava com rapidez; os olhos dela pediam socorro. Ele foi plantar-se entre as duas mulheres.

— Vocês estão com a expressão muito séria. Falam de quê?

— É uma conversa de mulher para mulher — disse Paule, meio crispada.

— Ela disse que não me odeia: jamais teria pensado que me odiasse — gemeu Josette.

— Vamos, Paule! Não seja patética — disse-lhe Henri.

— Não sou patética. Procurava explicar-me claramente — disse Paule, com arrogância. — Detesto os equívocos.

— Não existe o mínimo equívoco.

— Tanto melhor — disse ela. E dirigiu-se para a porta, com um passo indolente.

— Tenho medo dela — disse Josette. — Olhava para você, a fim de que me viesse salvar. Mas você estava por demais ocupado em cortejar aquela moça de cabelos pretos...

— Eu cortejava Marie-Ange? Eu? Não, querida! Olhe para ela e olhe para você.

— Os homens têm gostos tão extravagantes! — A voz de Josette tremia. — Aquela velha gorda a explicar-me que o possui para sempre, e você a gargalhar com uma jovem de pernas tortas!

— Josette, minha pequena deusa! Bem sabe que só amo a você.

— Que sei eu? A gente nunca sabe. Depois de mim haverá outra, que talvez até esteja aqui — disse Josette, olhando em torno.

— Parece-me que eu é quem poderia queixar-me — observou ele, com jovialidade. — Você foi cortejada em excesso esta noite.

Ela arrepiou:

— Acha que gosto disso?

— Não fique triste. Representou tão bem! Juro-lhe.

— Para uma moça bonita, não estive muito mal. Às vezes, gostaria de ser feia — disse ela, com desventura.

Ele sorriu:

— Que o céu não a ouça.

— Ah! Não tenha medo, o céu nada ouve.

— Asseguro que você maravilhou a todos — disse ele, indicando os presentes.

— Isso não! São muito maldosos para se deixarem maravilhar por alguma coisa.

— Venha, vamos embora. Você precisa descansar.

— Você quer ir já?

— Você não?

— Oh! Eu? Sim. Estou fatigada. Espere cinco minutos.

Henri seguiu-a com os olhos, enquanto ela se despedia de um por um. E pensou: “É bem verdade; eles não se deixam maravilhar por coisa alguma; a gente não consegue emocioná-los, nem indigná-los; o que se passa na cabeça deles não pesa mais do que aquilo que dizem.” Enquanto estavam perdidos nas longínquas regiões do futuro, ou então na obscuridade da

sala, poderiam iludir; mas, vistos cara a cara, deixavam compreender que não havia nada a esperar nem a temer deles. E o que mais decepcionava era isso: não que o veredicto não fosse firme; mas que fosse lavrado por esse tipo de gente. Por fim, nada tinha importância alguma, entre tudo o que aconteceu nessa noite. Seus sonhos de rapaz careceram de qualquer sentido. Henri procurou dizer a si mesmo: “Esse não é o verdadeiro público.” Vá lá. De quando em quando, haveria na sala alguns homens, algumas mulheres, com quem valeria a pena falar. Mas seriam casos isolados. A multidão fraternal, que em seu coração detém a verdade, ele jamais a enfrentaria. Ela não existia. Pelo menos, não nesta sociedade.

— Não fique triste — disse Henri, sentando-se ao lado de Josette, em seu pequeno carro.

Sem responder, ela apoiou a cabeça sobre o encosto do banco e fechou os olhos, como extenuada. Seria verdade que o público a acolhera com reticência? Ela achava que sim. E ele que tanto desejou que Josette se sentisse bem-sucedida, pelo menos numa noite! Rodavam em silêncio pela ruazinha e ultrapassaram uma mulher, que andava a passos ligeiros. Henri reconheceu Anne e diminuiu a marcha:

— Quer subir? Eu a levo.

— Não, obrigada. Tenho vontade de andar.

Ela lhe dirigiu um pequeno gesto amistoso, e ele acelerou: tinha visto lágrimas em seus olhos. “Por quê? Por nada, com certeza, e por tudo”, pensou ele. Também estava fatigado dessa noite, dos outros, de si mesmo. “Não foi isso o que eu quis!”, disse para si, num repentino abatimento, sem saber se era nas lágrimas de Anne que estava pensando, se no rosto desolado de Lambert, se na decepção de Josette, se nos amigos, se nos inimigos, se nos ausentes, se naquela noite, se nestes dois últimos anos. Se em toda a sua vida.

“A carniça!”, pensou Henri. Quando se dá um romance como alimento aos críticos, eles mordem, um após outro. Quando se dá uma peça, recebe-se de um só golpe, na face, essa lama a que se aglutinam flores e escarros. Vernon estava encantado: mesmo os artigos injuriosos serviriam ao êxito da peça. Mas Henri olhava os recortes de jornal expostos sobre sua mesa com uma repugnância semelhante à vergonha. Recordava-se de uma expressão antiga de Josette, e pensava: “A celebridade é também uma humilhação.” Exibir-se sempre é dar-se, é curvar-se. Qualquer um tinha o

direito de dar-lhe um pontapé, ou de gratificá-lo com um sorriso. Aprendera a defender-se, tinha suas manhas. Evocava com precisão todos os rostos de seus detratores: ambiciosos, exasperados, frustrados, imbecis. Os que o congratulavam não valiam nem mais nem menos que os outros. Apenas sua simpatia podia passar como sendo discernimento e, indiretamente, cobravam por seus elogios. “Como a boa-fé é difícil!”, disse Henri a si mesmo. A verdade é que nem as injúrias, nem as felicitações provavam coisa alguma. E o que tinham de ferino é que encerravam Henri dentro de si mesmo, inexoravelmente. Se sua peça houvesse constituído um grande fracasso, ele teria podido olhá-la como um acidente e consolar-se disso com promessas. Mas reconhecia-se nela, enxergava ali os seus limites. “O que você fez de melhor...” Estas palavras de Dubreuilh o atormentavam ainda mais. Não lhe era agradável ouvir dizer que seu primeiro livro continuava sendo o melhor de todos. Mas pensar que essa peça, cujas qualidades eram incertas, pudesse mostrar, em relação ao restante de sua obra, uma classe superior também não era confortador. Um dia explicou a Nadine que não gostava de ser objeto de comparação. Há momentos, porém, em que se é obrigado a isso, e obrigado pelos outros. A gente então começa a fazer perguntas ociosas: “Quem sou, precisamente? Quanto valho?” É angustiante, é inútil. Embora talvez seja covardia nunca formular tais indagações. Com alívio, Henri ouviu ranger o assoalho do corredor.

— Pode-se entrar? — perguntou Samazelle. Seguiam-se Luc, Lambert e Scriassine.

— Eu os esperava.

Salvo Luc, que arrastava, com um ar sonolento, seus grandes pés gotosos, todos pareciam vir pedir contas. Sentaram-se em torno da escrivaninha.

— Confesso que não compreendo bem o sentido desta reunião — continuou Henri. — Vou daqui a pouco à casa de Dubreuilh...

— Justamente. É preciso que se tome uma decisão antes que você o veja — disse Samazelle. — Quando falei com ele, mostrou-se dos mais reticentes. Convenci-me de que vai pedir novos adiantamentos. Ora, Peltov e Scriassine exigem uma ação imediata, e estou inteiramente de acordo. Gostaria de que ficasse estabelecido que, no caso de oposição por parte de

Dubreuilh, o jornal se separasse do SRL e assegurasse, sem ele, a divulgação dos documentos.

— Quer Dubreuilh diga sim, quer diga não, levaremos o caso perante o comitê em conjunto, dobrando-nos à sua opinião — disse Henri, secamente.

— O comitê acompanhará Dubreuilh.

— Eu também o acompanharei. Aliás, não vejo por que se tenha de perder tempo em discutir, antes de conhecer a resposta dele.

— Porque a resposta é muito previsível — replicou Samazelle. — Ele usará como pretexto o referendo e as eleições, para tirar o corpo fora.

— Tentarei convencê-lo. Não retirarei, porém, minha solidariedade ao SRL — disse Henri.

— Existe ainda o SRL? Está dormindo há três meses — observou Samazelle.

— Há três meses que o SRL nada faz para frear a ofensiva comunista — disse Scriassine. — Há três meses que Dubreuilh não é atacado pela imprensa vermelha. Há para isso um bom motivo, que esclarece a situação a uma luz inteiramente nova. — Fez uma pausa teatral: — Dubreuilh está inscrito no PC desde o mês de junho.

— Pare com isso! — exclamou Henri.

— Tenho provas — disse Scriassine.

— Que provas?

— Seu cartão e sua ficha foram vistos. — Scriassine teve um sorriso satisfeito: — Desde 1944 que existe no partido um bando de rapazes que não são mais stalinistas do que você ou eu. Acharam, contudo, um meio de passar despercebidos. Conheço mais de um dessa espécie, e na intimidade só querem polemizar. Dubreuilh é-me suspeito há muito tempo. Fiz certas perguntas, que me foram respondidas.

— Seus espiões se enganaram, ou mentiram — disse Henri. — Se Dubreuilh quisesse inscrever-se no PC, começaria por abandonar o SRL, dando as razões.

— Ele sempre fez de modo que o SRL não se tornasse um partido — notou Samazelle. — Em princípio, um comunista pode pertencer ao movimento. Inversamente: um membro do movimento pode acreditar-se com o direito de aderir ao PC.

— Mas afinal, ele teria avisado — disse Henri. — O PC não é clandestino.

— Você não conhece essa gente! — disse Scriassine. — O PC tem interesse em que alguns de seus membros se façam passar por independentes. A prova é que, se eu não lhe houvesse aberto os olhos, você cairia no alçapão.

— Não creio no que disse.

— Posso fazê-lo encontrar um de meus informantes. — Scriassine levou a mão até o telefone.

— Interrogarei Dubreuilh, e só Dubreuilh — disse Henri.

— E você imagina que ele responderá honestamente? Ou você é ingênuo, ou tem razões especiais para evitar a verdade — disse Scriassine.

— Acho que este novo fato modifica nossas relações com o SRL — disse Samazelle.

— Não se trata de um fato — contrapôs Henri.

— Por que Dubreuilh haveria de prestar-se a semelhante manobra? — Era a voz de Luc.

— Porque o PC lhe pede e ele é ambicioso — afirmava Scriassine.

— Acredita, talvez senilmente, que a felicidade humana esteja nas mãos de Stalin — disse Samazelle.

— É uma raposa velha, que acha que os comunistas ganharam e que, assim, é preferível alinhar-se com eles — replicou Scriassine. — Tem razão, de certo modo: é preciso que você possua o gosto do martírio para conservar uma atitude crítica, sem nada fazer no sentido de impedir que surrupiem o poder: se chegarem até lá, verá o quanto essa inconsequência lhe vai custar.

— São considerações pessoais, essas, que não me dizem respeito — disse Henri.

— E os campos de trabalho? Dizem respeito a você, ou não? — indagou Lambert.

— Recusei-me a falar sobre eles? Disse que o farei de acordo com Dubreuilh, é tudo. E é a minha última palavra. Estamos discutindo inutilmente. Daqui a dois ou três dias, o comitê terá sido consultado e a resposta lhe será comunicada — disse Henri, voltando-se para Scriassine.

— A direção de *L'Espoir* talvez dê uma resposta diferente — observou Samazelle, levantando-se.

— É o que veremos.

Andaram para a porta, mas Lambert permaneceu de pé, diante da escrivaninha de Henri:

— Você devia aceitar um encontro com o informante de Scriassine. Dubreuilh é seu amigo. Mas é também o principal responsável pelo partido que você está tomando. Sob o pretexto de confiar nele, você trai a confiança que tem merecido dos outros.

— Essa é uma história para boi dormir! — replicou Henri.

Na verdade, ele não estava assim tão seguro de si. Se Dubreuilh, afinal, decidisse inscrever-se no PC, faria isso sem consultar Henri. Seguia seu caminho sem consultar ninguém, sem se preocupar com ninguém. A este respeito Henri não tinha mais ilusões. Posto na parede, talvez Dubreuilh hesitasse em mentir. Mas ainda não se havia feito nenhuma pergunta a ele e sua consciência se contentava, sem a menor dúvida, com uma restrição mental.

— Você vai deixar-se levar pelos seus próprios sofismas — disse Lambert, com tristeza. — Quanto a mim, sou de opinião de que, em semelhante caso, não revelar a verdade inteiramente, imediatamente, é crime. Preveni-o em junho: se você não publicar os textos, negociarei minhas cotas, você disporá delas como entender. Quando entrei para o jornal, era na esperança de que você logo interrompesse qualquer colaboração com o PC. Mas, se você continuar... o que tenho a fazer é retirar-me.

— Nunca colaborei com o PC.

— Chamo a isso de colaboração. Se se tratasse da Espanha, da Grécia, da Palestina, da Indochina, você se negaria a ficar quieto, logo no primeiro dia. Enfim, você está vendo! Arranca-se um homem à sua família, à sua vida, sem qualquer julgamento; joga-se num lugar de escravidão, faz-se com que trabalhe até o limite extremo de suas forças, mal-alimentado; se ficar doente, terá de morrer de fome. Você admite isso? Todos os indivíduos, operários, responsáveis, todos sabem que semelhante coisa pode acontecer-lhes, de uma hora para outra, e vivem com esse pavor na cabeça! Você admite isso? — repetiu Lambert.

— Claro que não! — disse Henri.

— Então, apresse-se a protestar. Durante a ocupação, você não tinha indulgência para com os que não protestavam!

— Protestarei, está combinado — disse Henri, com impaciência.

— Você disse que acompanhará Dubreuilh. E Dubreuilh vai opor-se a essa campanha.

— Você está enganado. Ele não se oporá.

— Suponhamos, porém, que eu não esteja enganado.

— Ah! Primeiro preciso falar com ele. O resto veremos depois.

— Sim, veremos! — rematou Lambert, andando em direção à porta.

Henri ouviu-lhe o barulho do passo no corredor, diminuindo, parecia-lhe que a sua própria mocidade tinha vindo fazer-lhe aquele apelo; se houvesse visto, com seus olhos de vinte anos, esses milhões de escravos aprisionados atrás de cercas de arame farpado, não teria encarado, nem por um segundo, a hipótese de calar-se. E Lambert adivinhara tudo: ele hesitava. Por quê? Repugnava-lhe fazer o papel de inimigo aos olhos dos comunistas. E, mais profundamente, gostaria de poder dissimular a si mesmo o fato de que na URSS também havia alguma coisa de podre. Mas isso tudo era covardia. Levantou-se, desceu a escada. “Um comunista”, pensou, “teria o direito de preferir o silêncio. São-lhe patentes os pontos de vista preconcebidos. E, mesmo quando ele mente, não engana a ninguém, em certo sentido. Mas eu, que faço profissão de independência, se usar o crédito de que gozo para abafar a verdade, serei um escroque. Não sou comunista justamente porque desejo ser livre para dizer o que os comunistas não querem e não podem dizer: papel muitas vezes ingrato, mas cuja utilidade eles mesmos reconhecem, no fundo. Com certeza, Lachaume, por exemplo, ficará contente de que eu fale: ele, e todos os que desejarem a abolição desses campos de trabalhos forçados, sem precisarem protestar contra os mesmos abertamente. E talvez, quem sabe, tentem officiosamente alguma coisa. Talvez pressões advindas dos próprios partidos comunistas levem a URSS a modificar o seu regime penitenciário: uma coisa é oprimir homens secretamente, outra é fazê-lo às claras. Calar-me seria derrotismo. Seria não querer olhar as coisas de frente e ao mesmo negar a possibilidade de mudá-las. Seria condenar irremediavelmente a União Soviética, sob o pretexto de não julgá-la. Se verdadeiramente não existir chance alguma para que ela se torne o que deveria ser, então não restará mais sobre a terra a mínima esperança. O que se fizer, o que se disser, não terá importância alguma.” Sim, repetia Henri a si mesmo, subindo a escada de Dubreuilh: ou falar tem um

sentido, ou nada tem sentido. É preciso falar. E, a menos que Dubreuilh esteja efetivamente inscrito no partido, compartilhará, sem dúvida, esta opinião. Henri tocou a campainha: “Se Dubreuilh estiver inscrito, dirá que sim?”

— Então? Tudo bem? — perguntou Dubreuilh. — Como vai a peça? De modo geral, a crítica é muito boa, não?

Henri teve a impressão de que esta voz cordial soava falsa: talvez porque alguma coisa soasse falsa em si mesma.

— Ela é boa — confirmou Henri. Deu de ombros: — Digo-lhe que estou farto da peça e que tudo o que peço é poder pensar em outra coisa.

— Conheço essa história. Há sempre no êxito algo de repugnante. — Sorriu: — A gente nunca está contente, porque os fracassos também não são agradáveis.

Sentaram-se no escritório e Dubreuilh prosseguiu:

— Pois bem, temos justamente que falar de outra coisa.

— Sim, e estou impaciente por conhecer o seu pensamento. Convenci-me, agora, de que Peltov disse a verdade, em linhas gerais.

— Em linhas gerais, sim — confirmou Dubreuilh. — Os campos existem. Não são campos de morte, como os dos nazistas: são, contudo, campos escravocratas. E a polícia tem o direito de enviar gente para lá, por um período de cinco anos, sem julgamento. Dito isto, eu gostaria de conhecer o número de detentos, de políticos, de condenados à prisão perpétua: as cifras de Peltov são totalmente arbitrárias.

Henri fez um movimento de aprovação com a cabeça:

— Na minha opinião, não devemos publicar-lhe o relatório. Vamos estabelecer, juntos, quais os fatos que nos parecem certos e fixar nossas próprias conclusões. Falaremos em nosso nome, precisando bem nosso ponto de vista.

Dubreuilh olhou para Henri:

— Minha opinião pessoal é que absolutamente nada deve ser publicado. E vou explicar-lhe por quê...

Henri sentiu um pequeno choque no coração. Pensou consigo mesmo: “Assim, os outros é que enxergaram certo!” Ele interrompeu Dubreuilh:

— Você pretende abafar este caso?

— Você sabe que ele não será abafado, que a imprensa da direita tirará disso seus proveitos. Deixemos a ela esse prazer: não nos cabe abrir um

processo contra a URSS. — Dubreuilh, por sua vez, não deixava Henri falar: — Seria inútil tomarmos todas as precauções imagináveis. O que o povo veria, fatalmente, em nossos artigos, seria a instauração de um auto acusatório contra o regime soviético. E isso não quero por nenhum preço.

Henri guardou silêncio. Dubreuilh havia falado num tom peremptório. Sua resolução estava assentada, ele não voltaria atrás, de nada serviria discutir. Sozinho, ele havia tomado suas decisões e as imporia ao comitê: Henri só tinha que submeter-se, docilmente.

— É preciso que eu lhe faça uma pergunta — disse Henri.

— Faça.

— Há pessoas que dizem que você se inscreveu, recentemente, no partido comunista.

— Dizem isso? Quem o diz?

— É o boato que corre.

Dubreuilh levantou os ombros:

— E você o levou a sério?

— Há dois meses que não nos falamos — acentuou Henri —, e eu suponho que você não me teria mandado qualquer comunicação nesse sentido.

— Naturalmente que eu teria feito comunicações! — disse Dubreuilh com veemência. — É absurdo! Como poderia ter-me inscrito, sem avisar o SRL, sem explicar minhas razões, publicamente?

— Teria podido retardar essa explicação por algumas semanas — disse Henri. Acrescentou vivamente: — Devo afirmar que isso me surpreenderia. Entretanto, quis interrogá-lo a respeito.

— Estes boatos todos! — disse Dubreuilh. — O povo fala qualquer coisa.

Parecia sincero: mas também o teria parecido, se houvesse mentido. Na verdade, Henri não via bem por que Dubreuilh se teria inscrito. Entretanto, Scriassine aparentava estar absolutamente seguro do que adiantara. “Eu deveria ter-me encontrado com o tal informante”, disse Henri a si mesmo. A confiança não é coisa que se imite: ou a gente tem, ou não tem. Sua recusa não passou de um gesto de falsa nobreza, pois ele já não tinha confiança em Dubreuilh. Tornou a falar, com voz indiferente:

— No jornal, todos estão de acordo quanto à necessidade de se expor o caso. Lambert decidiu deixar *L’Espoir*, caso não se proteste.

— Não será uma perda muito significativa — disse Dubreuilh.

— Tornaria a situação bastante delicada, uma vez que Samazelle e Trarieux estão prestes a romper com o SRL.

Dubreuilh refletiu um segundo:

— Está bem, se Lambert for embora, fico com suas cotas — disse.

— Você?

— O jornalismo não me satisfaz. Mas é a melhor forma de nos defendermos. Você, seguramente, convencerá Lambert no sentido de negociar suas cotas comigo. Quanto ao dinheiro, será arranjado.

Henri ficou perturbado. A ideia não lhe agradava de modo algum. Repentinamente, fez-se-lhe uma luz: “É um golpe premeditado!” Dubreuilh passara o verão com Lambert e sabia que este se preparava para demitir-se. Tudo se tornava perfeitamente coerente. Os comunistas teriam encarregado Dubreuilh de opor obstáculos a uma campanha incômoda e de anexar-lhes *L’Espoir*, imiscuindo-se na sua direção. Dubreuilh não poderia ter êxito, a não ser escondendo, cuidadosamente, sua filiação ao partido.

— Há, porém, uma pedra no caminho — disse Henri, secamente. — É que eu também desejo que o jornal fale.

— Está errado! — disse Dubreuilh. — Preste atenção. Se o referendo e as eleições não forem um sucesso para a esquerda, correremos o risco de uma ditadura gaullista: não é o momento de ajudar a propaganda anticomunista.

Henri encarou Dubreuilh. A questão era menos a de saber o que valiam os seus argumentos do que a de saber se ele estava ou não de boa-fé.

— E depois das eleições — perguntou — Você concordará em falar?

— Então, o caso já terá sido divulgado, de um jeito ou de outro — respondeu Dubreuilh.

— Sim, Peltov já terá levado suas informações ao *Figaro* — disse Henri.

— Equivale a dizer que a sorte das eleições não está em jogo, mas tão somente nossa própria atitude. E desse ponto de vista não percebo a vantagem de deixar a direita tomar a dianteira. Seremos, mesmo assim, obrigados a definir nossa posição. Que papel faremos? Cuidaremos de temperar os ataques anticomunistas sem dar abertamente razão à URSS, e pareceremos moedas falsas...

Dubreuilh interrompeu Henri:

— Sei muito bem o que diremos. Minha convicção é a de que os campos não são exigidos pelo regime, como o sustenta Peltov. Estão ligados a uma política que se pode lamentar, sem pôr em questão o regime em si. Dissociaremos as duas coisas. Condenaremos o trabalho corretivo, mas defenderemos a URSS.

— Admitamos. Salta aos olhos que nossas palavras terão muito mais peso, se formos os primeiros a denunciar os campos de concentração. Neste caso, ninguém poderá pensar que recitamos uma lição decorada. Darão crédito a nós e suplantaremos os anticomunistas: eles é que farão figura de partidários, quando forem além de nós.

— Oh! Isso em nada modifica a situação. Mesmo assim acreditarão neles — observou Dubreuilh. — E tirarão um argumento de nossa intervenção, dizendo que até simpatizantes se indignaram, ao ponto de se voltarem contra a União Soviética. Muita gente ficará perturbada, gente que sem isso não teria ido na onda.

Henri sacudiu a cabeça:

— É preciso que seja a esquerda que tome conta do caso. Quanto às calúnias da direita, os comunistas estão habituados, continuarão indiferentes. Mas se a esquerda inteira, através da Europa inteira, se insurgir contra os campos, isso poderá perturbá-los. A situação muda, quando um segredo passa a ser um escândalo: a URSS acabará, talvez, revisando seu sistema penitenciário...

— É um sonho! — disse Dubreuilh, pondo desdém na voz.

— Escute — disse Henri, enraivecido —, você admitiu, sempre, que poderíamos exercer certas pressões sobre os comunistas: este, aliás, é o sentido de nosso movimento. Aí está a oportunidade: agora ou nunca. Mesmo não tendo senão uma remota probabilidade de obter resultado, convém tentar.

Dubreuilh encolheu os ombros:

— Se desencadeássemos esta campanha, suprimiríamos em nós toda possibilidade de trabalhar com os comunistas: eles nos classificariam como anticomunistas, e com razão. Veja — continuou Dubreuilh —, o papel que tratamos de representar é o de uma minoria oposicionista, exterior ao partido, mas aliada dele. Se apelarmos para a maioria, a fim de combater os comunistas, seja sobre que ponto for, não se tratará mais de

uma oposição; entraremos em guerra contra eles, mudaremos de campo. Teriam o direito de nos chamar de traidores.

Henri encarou Dubreuilh. Não teria falado diferentemente, se fosse um comunista disfarçado. A resistência que oferecia confirmava Henri na sua ideia: se os comunistas desejavam que a esquerda se mantivesse neutra, é porque ela possuía influência sobre eles; neste caso, sua intervenção apresentava chances de tornar-se eficiente:

— Em resumo — disse ele —, a fim de conservar uma possibilidade de agir um dia sobre os comunistas, você recusa a que ora se oferece a nós. A oposição só nos é permitida na medida em que não tenha a mínima eficiência. Pois bem, não aceito essa tese — acrescentou, com decisão. — A ideia de que os comunistas vão cuspir-nos em cima não me é mais agradável do que a você. Mas já refleti bastante: não temos alternativa. — Deteve Dubreuilh, com um gesto. Não lhe devolveria a palavra, enquanto não lhe dissesse tudo: — Ser não comunista significa alguma coisa, ou não significa nada. Se não significa nada, tornemo-nos comunistas, ou vamos plantar batatas. Se tem um sentido, envolve certos deveres: entre outros, o de sabermos, em caso de necessidade, brigar com os comunistas. Poupá-los a qualquer preço, sem uma decidida vinculação com eles, é procurar a mais fácil das situações morais, é covardia.

Dubreuilh batia no seu mata-borrão com um ar impaciente:

— São considerações morais com que não tenho nada a ver. Interesse-me pelas implicações de meus atos e não pela aparência que me conferem.

— Não se trata de aparências...

— Como não? — disse Dubreuilh, bruscamente. — No fundo da história o que há é que você se aborrece de parecer intimidado diante dos comunistas...

Henri se aprumou:

— Ficaria aborrecido, com certeza, se nos deixássemos intimidar por eles: seria uma contradição com tudo o que estamos tentando, há dois anos.

Dubreuilh continuava batendo no mata-borrão, o ar fechado. E Henri, a voz seca, emendou:

— Você coloca a discussão num plano esquisito. Poderia perguntar-lhe o porquê desse medo de ser desagradável aos comunistas.

— Pouco me importa ser-lhes agradável ou desagradável. O que não quero é empreender uma campanha antissoviética. Principalmente agora. Seria um crime.

— Pois eu acharia um crime de minha parte não fazer contra os campos de trabalho forçado tudo o que estivesse em meu poder. — Olhando para Dubreuilh, Henri continuou: — Eu compreenderia muito melhor a sua atitude, se você estivesse filiado ao partido. Admitiria que um comunista negasse a existência dos campos ou até os defendesse.

— Já lhe disse que não estou filiado. — Havia irritação na voz de Dubreuilh. — Não lhe basta?

Levantou-se. Deu alguns passos através do cômodo. “Não”, pensou Henri, “isso, decididamente, não me basta. Nada impede que Dubreuilh esteja mentindo cinicamente: ele já o fez. E as considerações morais, com as quais não tem nada a ver? Mas, desta vez”, disse a si mesmo, com rancor, “não me deixarei levar.”

Dubreuilh continuava andando silenciosamente, em todas as direções. Teria sentido a desconfiança de Henri? Ou seria apenas sua oposição que o irritava? Parecia ter dificuldades em conter-se:

— Está bem, a solução é convocar o comitê — disse. — A decisão deles nos desempatará.

— Os membros do comitê o acompanharão, você sabe muito bem!

— Se as razões que você apresentar forem boas, eles se deixarão convencer.

— Pare com isso! Charlier e Méricaud votam sempre com você e Lenoir está ajoelhado diante dos comunistas. A opinião deles não me interessa.

— Como? Vai agir contra a decisão do comitê? — perguntou Dubreuilh.

— Se for o caso, sim.

— É uma chantagem? — perguntou novamente Dubreuilh, desta vez com voz inexpressiva. — Ou você fica com as mãos livres, ou *L’Espoir* rompe com o SRL. Não é assim?

— Chantagem não é. Estou decidido a falar e falarei. Eis tudo.

— Você percebe a significação desse rompimento? — O rosto de Dubreuilh ficou branco. — Seria o fim do SRL. E *L’Espoir* passaria para o campo do anticomunismo.

— No momento, o SRL é zero — disse Henri. — E *L’Espoir* jamais se tornará anticomunista. Confie em mim.

Mediram-se por um momento, em silêncio.

— Vou reunir o comitê imediatamente — disse, por fim, Dubreuilh. — E, se ele estiver de acordo comigo, desautorizaremos você publicamente.

— Estará de acordo. — Henri andou até a porta: — Desautorizem-me, e eu responderei.

— Reflita mais. O que você vai fazer chama-se traição.

— Foi tudo refletido — finalizou Henri.

Atravessou o vestíbulo e fechou a porta atrás de si, a qual nunca mais transporia.

Scriassine e Samazelle o aguardavam ansiosamente no jornal. Não esconderam a sua satisfação. Ficaram um pouco desapontados quando Henri lhes declarou que iria redigir ele mesmo, com toda a liberdade, os artigos sobre os campos. Isso ou nada. Scriassine quis discutir, mas Samazelle o convenceu rapidamente no sentido de aceitar. Henri pôs imediatamente mãos à obra. Descreveu, em linhas gerais, apoiado em textos, o regime penitenciário da URSS. Sublinhou-lhe o caráter escandaloso. Mas teve o grande cuidado de dizer que, de um lado, os erros daquele país não escusavam, de maneira alguma, os do capitalismo; que, de outro lado, a existência dos campos de trabalhos forçados condenava determinada política e não o regime inteiro. Num país exposto às piores dificuldades econômicas, eles representavam, sem dúvida, uma solução fácil. Tinha-se o direito de esperar que desaparecessem. Necessário seria que as pessoas para as quais a URSS encarnasse uma esperança, e os comunistas inclusive, tudo fizessem por conseguir a sua abolição. Só o fato de se lhes divulgar a existência já mudava a situação. Por isso Henri tinha tomado a palavra: calar-se seria derrotismo e covardia.

O artigo apareceu na manhã seguinte. Lambert declarou-se muito descontente. E Henri teve a impressão de que na redação se discutia acaloradamente. À noite, um entregador trouxe a carta de Dubreuilh. O comitê do SRL tinha excluído Perron e Samazelle, o movimento não mais conservava ligação alguma com o jornal. Lamentava que se estivessem explorando, em proveito de uma propaganda anticomunista, fatos que não podiam ser julgados senão no âmbito de uma apreciação global do regime stalinista. Qualquer que fosse o alcance exato de tais fatos, o PC continuaria sendo, hoje, a única esperança do proletariado francês. E, se se procurava desacreditá-lo, é porque se havia preferido servir à reação.

Henri redigiu imediatamente uma resposta. Acusava o SRL de ceder ao terror do comunismo e de trair o seu programa inicial.

“Como podemos chegar a isso?”, perguntou-se Henri, no dia seguinte, com uma espécie de estupor, ao comprar *L’Espoir*. Não conseguia tirar o olhar da primeira página. Tinha tido uma opinião; Dubreuilh, outra. Houve, entre quatro paredes, sons de vozes e alguns gestos impacientes: e, repentinamente, preto no branco, aos olhos de todos, estendiam-se duas colunas geminadas de insultos.

— O telefone não para de tocar — disse-lhe a secretária, quando ele chegou ao jornal, por volta das cinco horas. — Um sr. Lenoir virá vê-lo às seis horas.

— Deixe-o entrar.

— E há essa correspondência para ver: não consegui classificá-la até o fim.

“Bem, o caso está movendo o pessoal”, disse Henri a si mesmo, sentando-se em frente à escrivaninha. O primeiro artigo havia aparecido na véspera, e já uma porção de leitores o felicitava, o insultava, se espantava. Havia um cartão de Volange: “Meu velho, aperto-lhe as mãos.” Julien também o congratulava, num estilo elevado, completamente surpreendente. O desagradável era que todo o mundo parecia acreditar que *L’Espoir* fosse se tornar uma duplicata do *Figaro*: necessário pôr os pingos nos “is”. Henri levantou a cabeça. A porta do escritório acabava de ser aberta e Paule se encontrava diante dele. Vestia um velho casaco de pele, tinha aquele rosto dos dias ruins.

— É você? Que se passa? — perguntou Henri.

— É justamente o que vim perguntar-lhe — disse ela, atirando sobre a mesa o número de *L’Espoir*. — Que se passa?

— Bom... Está explicado no jornal. Dubreuilh não queria que eu publicasse estes artigos sobre os campos soviéticos. Mas eu o fiz e rompemos. — Impaciente, acrescentou: — Eu iria contar-lhe tudo amanhã, no almoço. Por que você veio hoje?

— Isso o incomoda?

— Tenho prazer em vê-la. Mas espero Lenoir a qualquer momento e estou com muito serviço. Dou-lhe detalhes amanhã. Não é tão urgente.

— Como não? É urgente. Preciso compreender. Por que esse rompimento?

— Acabo de dizer-lhe. — Ele sorriu insistentemente: — Você devia estar contente, desejava-o há tanto tempo.

Paule o olhou com ar preocupado:

— Mas por que agora? Não se rompe com um amigo de quinze anos, porque não se está de acordo com ele a respeito de uma infeliz história de política.

— Mas foi o que aconteceu. Na verdade, essa história infeliz tem grande importância.

Paule fechou o semblante:

— Você não me diz a verdade.

— Asseguro-lhe que sim.

— Há muito tempo que não me diz mais nada. Creio ter adivinhado por quê. Foi por isso que vim falar-lhe: é preciso que você me devolva a sua confiança.

— Você a tem, inteira. Isto posto, amanhã conversaremos. Agora não tenho tempo.

Paule não se mexeu:

— Eu lhe fui desagradável, aquela noite, explicando-me com Josette. Peço-lhe desculpa.

— Eu é que devo desculpar-me: estava de mau humor...

— Não me peça desculpa! — Ela ergueu para ele um rosto trêmulo de humildade: — Na noite daquele ensaio geral e nos dias subsequentes, compreendi muitas coisas. Não há comparação entre você e as outras pessoas, entre você e mim. Querê-lo tal como eu o havia sonhado e não como você é equivaleria a preferir-me à sua pessoa. Seria presunção. Acabou, porém. Só existe você: eu não sou nada. Aceito ser nada e aceito tudo de você.

— Ouça, não se exalte — disse ele, constrangido. — Digo-lhe que amanhã conversaremos.

— Você não me acha sincera? — perguntou Paule. — Tive culpa, pois fui excessivamente orgulhosa. É que o caminho da renúncia não é fácil. Mas, agora, juro-lhe: não reclamo nada mais para mim mesma. Só você existe, e pode exigir tudo de mim.

“Meu Deus!”, pensou Henri. “Contanto que ela se vá embora, antes que Lenoir chegue!...” Disse bem alto:

— Creio em você. Mas tudo o que lhe peço, por enquanto, é ter paciência até amanhã e deixar-me trabalhar.

— Você brinca comigo! — disse Paule, com voz violenta. Suavizou-se-lhe a expressão: — Repito-lhe que sou totalmente sua. Que poderei fazer para convencê-lo? Quer que corte uma de minhas orelhas?

— E que faria eu com ela? — perguntou Henri, numa tentativa de brincar.

— Seria um sinal. — Subiram lágrimas aos olhos de Paule: — É-me intolerável que você duvide de meu amor.

A porta entreabriu-se:

— O sr. Lenoir. Faço-o entrar?

— Que espere cinco minutos. — Henri sorriu a Paule: — Não duvido de seu amor. Mas, você vê, tenho horas marcadas, você precisa retirar-se.

— Você não vai, contudo, preferir Lenoir a mim! Que é ele para você? E eu, eu o amo. — Já agora ela chorava abundantemente: — Se tive relações sociais, se procurei escrever, tudo foi por amor a você.

— Bem sei.

— Talvez lhe tivessem contado que fiquei vaidosa, que não me importei com nada além do meu trabalho: a pessoa que lhe disse isso é muito culpada. Amanhã, jogarei ao fogo todos os meus originais, sob sua vista.

— Seria estúpido.

— Vou fazê-lo — disse ela, acrescentando com estardalhaço: — Vou fazê-lo imediatamente, ao entrar em casa.

— Mas, não, eu lhe peço. Isto não faz sentido.

O semblante de Paule abateu-se de novo:

— Quer dizer que nada o convence de meu amor?

— Mas estou convencido disso. Estou profundamente convencido.

— Ah! Aborreço-o — disse ela, chorando. — Como agir! Mas é importante que estes mal-entendidos se dissipem!

— Não existe mal-entendido algum.

— Aí está. Continuo — disse ela com desespero —, continuo a aborrecê-lo e você não querará mais ver-me!

“Não”, pensou ele, num impulso, “não quero mais.” Disse alto:

— Certamente que sim.

— Acabará detestando-me, e terá razão. Diga que lhe faço uma cena, eu!

— Não está fazendo cena.

— Bem vê que estou — disse ela, explodindo em soluços.

— Acalme-se, Paule — disse Henri, empregando o que tinha de mais suave no voz. A vontade era de bater-lhe, mas pôs-se a acariciar-lhe os cabelos: — Acalme-se.

Continuou a acariciá-la durante uns minutos. Por fim, ela decidiu erguer a cabeça.

— Bom, vou-me embora. — Olhou-o com angústia: — Vai almoçar amanhã? Promete?

— Juro.

“Não vê-la nunca mais será a única solução”, pensou ele, logo que ela fechou a porta atrás de si. “Mas como fazê-la aceitar dinheiro, se não a vir mais? Uma mulher escrupulosa não aceita o auxílio de um homem, a não ser impondo-lhe a sua presença. Darei um jeito. Mas não quero mais vê-la.”

— Desculpe-me por havê-lo feito esperar — disse Henri a Lenoir.

Este fez um pequeno gesto de mão:

— Não tem importância. — Tossiu, já estava vermelho. Certamente havia preparado palavra por palavra de sua crítica, mas a presença de Henri lhe desfazia as frases: — Já desconfia do objeto de minha visita...

— Sim, está solidário a Dubreuilh e minha atitude o escandaliza. Apresentei as razões que a fundamentam: sinto não tê-lo convencido.

— Você disse que não queria esconder a verdade aos seus leitores. Mas de que verdade se trata? — perguntou Lenoir. Ele havia reencontrado uma das palavras-chaves de seu discurso, iria imediatamente agarrar-se a ela, com facilidade. Verdade ambígua, verdade parcial, Henri conhecia a canção. Acordou quando Lenoir abandonou aquelas generalidades: — A pressão policial tem na URSS o mesmo papel que a pressão econômica num país capitalista. Se é exercida de maneira mais sistemática, só vejo vantagens nisso. Um regime em que o operário não está ameaçado de ser despedido nem tem responsabilidade, no caso de falência, precisa inventar novas formas de sanções.

— Não obrigatoriamente essas — disse Henri. — E você não vai querer comparar a condição de um desempregado com a dos trabalhadores dos campos.

— Pelo menos a vida diária deles está assegurada. Sou um homem convencido de que sua sorte é menos horrorosa do que afirma a

propaganda interessada. Tanto mais que se esquece de que a mentalidade soviética não é a nossa: o homem soviético acha natural, por exemplo, ser deslocado segundo as necessidades da produção.

— Qualquer que seja a mentalidade dele, nenhum homem acha natural ser explorado, subalimentado, privado de todos os seus direitos, encurralado, embrutecido pelo trabalho, condenado a morrer de frio, de escorbuto ou de esgotamento — disse Henri. E pensou: “Assim mesmo política é bonito!” Lenoir não teria literalmente suportado ver sofrer uma mosca, e admitia, com abundância de sentimentos, os horrores dos campos.

— Ninguém quer o mal pelo mal — disse Lenoir. — E a URSS menos ainda do que qualquer outro regime. Se se tomam essas medidas, é porque são necessárias. — Lenoir ficou ainda mais vermelho. — Como você ousa condenar as instituições de um país, cujas necessidades e dificuldades ignora? É uma leviandade intolerável.

— Falei dessas necessidades, dessas dificuldades. E você sabe muito bem que não condenei em bloco o regime soviético. Mas aceitá-lo em bloco, cegamente, é covardia. Você justifica tudo, invocando essa ideia de necessidade. Mas trata-se de uma faca de dois gumes. Quando Peltov diz que os campos são necessários, fá-lo para provar que o socialismo é uma utopia.

— Podem ser necessários hoje, sem o serem definitivamente. Você esquece que a situação da URSS é uma situação de guerra. As potências capitalistas só esperam o momento de cair-lhe em cima.

— Mesmo assim, nada prova que eles sejam necessários — disse Henri. — Ninguém quer o mal pelo mal e, todavia, acontece muitas vezes de ser praticado inutilmente. Você não negará que na URSS, como em toda parte, tenha havido erros, sem os quais as fomes, as revoltas, os massacres poderiam ter sido evitados. Pois bem, acho que esses campos também são um erro. Você sabe — acrescentou —, o próprio Dubreuilh é desta opinião.

Lenoir meneou a cabeça:

— Necessidade ou erro, você praticou, em todo o caso, uma ação má. Atacar a União Soviética não muda em nada o que se passa naquele país. E serve às potências capitalistas. Você preferiu trabalhar para a América e para a guerra.

— Claro que não. Pode-se criticar o comunismo, sem que por isso se lhe abale a saúde. Ele até fica mais forte assim!

— Você acaba de provar, mais uma vez, que não se pode querer ser não comunista sem que se torne, necessariamente, anticomunista — disse Lenoir. — Não há um terceiro caminho. O SRL estava condenado, desde o início, a aliar-se à reação, ou a perecer.

— Se é isso o que você pensa, só lhe resta inscrever-se no PC.

— Sim, é só o que me resta fazer, e é o que vou fazer. Fiz questão de que a situação ficasse clara: é preciso, doravante, que você me considere um adversário.

— Sinto muito — disse Henri.

Por um instante, eles se fitaram, embaraçados. E Lenoir disse:

— Então, adeus.

— Adeus.

Sim, era uma das respostas possíveis: negar os fatos, as cifras, a razão e o próprio sentido por um ato de fé cega: tudo o que Stalin faz está bem-feito. “Lenoir não é comunista: daí o seu excesso de zelo”, disse Henri a si mesmo. O que lhe interessava seria poder falar com Lachaume, ou com qualquer outro comunista inteligente e não muito sectário.

— Tem visto Lachaume, ultimamente? — perguntou Henri a Vincent.

— Tenho.

Vincent ficara agitado pelo caso dos campos de concentração. No começo, pensava que não se devia falar. Depois, acabou compartilhando a opinião de Henri.

— Que pensa ele de meus artigos?

— Está revoltado com você — respondeu Vincent. — Diz que você está fazendo anticomunismo.

— Ah! E os campos de concentração? Isso não o incomoda? Que pensa ele do caso?

Vincent sorriu:

— Que isso não existe. Que se trata de uma excelente instituição. Que desaparecerá por si mesma.

— Estou vendo! — disse Henri.

Decididamente as pessoas não gostam de se questionar. Todos procuravam salvaguardar os seus sistemas. Os jornais comunistas chegaram a entoar loas a uma instituição que batizavam com os nomes de

campos de reeducação e de trabalho corretivo. E os anti-stalinistas não viam no caso senão um pretexto para esquentar de novo sólidas indignações.

— Mais telegramas de felicitações! — disse Samazelle, atirando os papéis sobre a mesa de Henri. — Pode-se afirmar que levantamos a opinião pública — acrescentou, com ar de júbilo. Disse mais: — Scriassine está esperando na sala. Está com Peltov e dois outros sujeitos.

— O projeto deles não me interessa — disse Henri.

— Apesar disso, convém recebê-los — ponderou Samazelle.

Mostrou papéis que havia posto diante de Henri:

— Gostaria muito que você desse uma olhadela nesses artigos notáveis que Volange acaba de enviar-nos.

— Jamais Volange escreverá em *L'Espoir*.

— É uma pena! — disse Samazelle.

A porta se abriu, Scriassine entrou, sorrindo de um modo sedutor:

— Você dispõe de cinco minutos? Nossos amigos estavam impacientes. Trouxe Peltov e um jornalista americano, Bennet, que passou quinze anos em Moscou, como correspondente; trouxe também Moltberg, que militava ainda como comunista em Viena, no tempo em que eu acabava de deixar o partido. Posso fazê-los entrar?

— Faça-os entrar.

Entraram. Tinham o olhar carregado de censura, seja porque Henri os fizera esperar, seja porque o mundo não lhes fazia justiça. Henri, com um gesto, convidou-os a sentar-se e disse, dirigindo-se a Scriassine:

— Temo que esta reunião seja inteiramente inútil. Deixei bem claro, nas conversas que tivemos e nos meus artigos, que não me tornei anticomunista. Seu projeto deve ser levado à União gaullista e não trazido a mim.

— Não me fale de De Gaulle — disse Scriassine. — Quando ele esteve no poder, seu primeiro ato foi voar até Moscou: é uma coisa que não deve ficar esquecida.

— O senhor com certeza não teve tempo de olhar com atenção o nosso programa — disse Moltberg, com censura. — Somos homens de esquerda. O movimento gaullista é sustentado pelo grande capitalismo e não se trata de nos aliarmos a ele. Queremos reunir contra o totalitarismo russo as forças vivas da democracia. — Com um gesto cortês, ele desviou as

objeções de Henri: — O senhor disse que não se tornou anticomunista. Descortinou certos abusos e não quer ir mais longe. Em verdade, porém, não poderá deter-se no caminho: contra um país totalitário nossa participação também deve ser total.

Scriassine retomou vivamente a palavra:

— Não me diga que você está tão distante de nós. Afinal de contas o SRL foi criado para impedir que a Europa caísse nas mãos de Stalin. E é uma Europa autônoma o que também nós desejamos. Apenas compreendemos que ela não pode ser realidade, sem o socorro da América.

— Um defeito! — disse Henri. Encolheu os ombros: — Uma Europa colonizada pela América é justamente o que o SRL queria evitar. Foi, mesmo, o primeiro de nossos objetivos, pois nunca pensamos que Stalin esperasse anexar a Europa.

— Não compreendo esse preconceito contra a América — disse Bennet, com uma voz sombria. — É preciso ser comunista para não querer ver nela senão o sustentáculo do capitalismo: trata-se também de um grande país proletário; e é o país do progresso, da prosperidade, do futuro.

— É o país que em toda parte, contudo, toma sistematicamente o partido dos privilegiados: na China, na Grécia, na Turquia, na Coreia, que é que os americanos defendem? O povo não é, mas o capital, a grande propriedade. Quando penso que eles mantêm Franco e Salazar...

Henri soubera, nesse mesmo dia de manhã, que seus velhos amigos portugueses acabaram fomentando uma revolta: o saldo fora cerca de novecentas prisões.

— O senhor fala da política do Departamento de Estado — disse Bennet. — Esquece que existe um povo americano. Pode-se ter confiança nos sindicatos da esquerda e em toda aquela parte da nação que é sinceramente enamorada da liberdade e da democracia.

— Nunca os sindicatos retiraram sua solidariedade à política do governo — observou Henri.

Scriassine interveio:

— É necessário olhar as coisas de frente. A Europa não pode defender-se contra a URSS sem o apoio da América. Se você impede que a esquerda europeia aceite este fato, vai-se estabelecer uma confusão terrível entre os interesses da direita e os da democracia.

— Se a esquerda fizer uma política de direita, deixará de ser uma esquerda — replicou Henri.

— Em suma — disse Bennet, num tom ameaçador —, entre a URSS e a América, o senhor escolhe a URSS?

— Sim — disse Henri. — E nunca fiz mistério disso.

— Como pode o senhor pôr na balança os abusos do capitalismo americano e o horror de uma opressão policialesca? — perguntou Bennet. A voz inflamou-se-lhe, ele começava a profetizar. Moltberg fazia coro com ele, ao passo que Scriassine e Peltov falavam rapidamente em russo. Esses homens não se pareciam, absolutamente. Mas todos tinham o mesmo olhar perdido num sonho reivindicativo e horrendo, do qual se recusavam a acordar. Todos queriam ser cegos e surdos ao mundo, possuídos por um passado de horror. Aguda, grave, solene, ou maliciosa, a voz de todos vaticinava. Talvez entre os diversos testemunhos que produziam contra a URSS estivesse nisto o mais perturbador: aquele ar desconfiado, de raiva fácil, eternamente acuado, com que a experiência stalinista lhes havia marcado a fisionomia. Não convinha tentar detê-los quando começavam a atirar-nos à face suas recordações. Eram bastante inteligentes para esperar arrancar uma decisão a golpes de anedota: tratava-se antes de uma crise verbal, útil à higiene mental de todos. Bennet calou-se repentinamente, como esgotado.

— Não vejo o que fazemos aqui! — disse ele, bruscamente.

— Eu preveni que iríamos perder nosso tempo — lembrou Henri.

Levantaram-se. Moltberg olhou longamente Henri nos olhos:

— Talvez nos encontremos de novo, mais cedo do que o senhor pensa — disse, numa voz quase terna.

Quando deixaram o escritório, Samazelle agitou-se:

— É difícil discutir com esses exaltados. O mais incômodo é que se detestam entre si: cada um considera traidor o que permaneceu stalinista um pouco mais de tempo do que o outro. E o fato é que todos são suspeitos. Bennet morou quinze anos em Moscou, como correspondente: se se indignava tanto contra o regime como afirma hoje, que covardia! São homens marcados — concluiu, com ar de satisfação.

— Em todo caso, têm a honestidade de não querer comprometer-se com o gaullismo — disse Henri.

— Falta-lhes senso político — acrescentou Samazelle.

Este havia fracassado na esquerda: nada lhe parecia mais natural do que uma vinculação com a direita, pois se interessava pelo seu número de ouvintes, e não pelo sentido de seus discursos. Havia proposto a Henri artigos de Volange, falava com sóbria simpatia do programa da União gaullista. Henri simulava não compreender suas insinuações. Mas era uma tática inútil; Samazelle não hesitou muito tempo em atacar francamente:

— Haveria uma bela partida a ser jogada por quem quisesse, sinceramente, constituir uma esquerda independente — disse ele, de modo aberto. — Scriassine tem razão em pensar que a Europa não poderia existir sem o apoio dos Estados Unidos. Nosso papel devia ser o de promover a coalizão de todas as forças que se opõem à sovietação do Ocidente, em proveito de um socialismo autêntico: aceitar a ajuda americana, desde que nos venha do povo americano; aceitar uma aliança com a União gaullista, desde que esta possa ser orientada no sentido de uma política de esquerda. Eis o programa que eu nos proporia.

Ele fixava em Henri um olhar severo e imperioso.

— Não conte comigo para executá-lo — disse Henri. — Continuarei a combater, com todas as minhas forças, a política americana. E você sabe perfeitamente que o gaullismo é a reação.

— Temo que você não esteja interpretando muito bem a situação. Cercou-se inutilmente de precauções, ei-nos classificado como anticomunistas: isso elimina a metade de nossos leitores. A única chance do jornal está em que ele ganhe novos. E, para tanto, não podemos parar no meio do caminho: é preciso disparar na direção que acabamos de tomar.

— Isto é, tornar-se efetivamente um jornal anticomunista! — disse Henri. — Nada disso. Se é para falir, vamos à falência, mantendo a nossa linha até o fim.

Samazelle nada respondeu; Trarieux, com toda a certeza, era da mesma opinião que ele, mas sabia que Lambert e Luc apoiariam Henri sempre: nada podia contra esta coalizão.

— Leu *L'Enclume*? — perguntou, jubiloso, dois dias depois. Atirou o semanário sobre a mesa de Henri: — Leia-o.

— Que há de especial em *L'Enclume*? — disse Henri, com displicência.

— Um artigo de Lachaume sobre você — respondeu Samazelle. — Leia-o — repetiu.

— Mais tarde o lerei.

Assim que Samazelle deixou o escritório, Henri abriu o jornal. “Abaixo as máscaras”, era o título do artigo. À medida que lia, Henri sentia a garganta contrair-se de cólera. Lachaume explicava, a golpes de citações truncadas e de resumos tendenciosos, que toda a obra de Henri escondia uma sensibilidade fascista e subentendia uma ideologia reacionária. Sua peça, notadamente, era um insulto à Resistência. Havia nele um fundamental menosprezo pelos outros homens: provavam-no os odiosos artigos que acabava de publicar em *L’Espoir*, e provavam-no com estridência. Teria sido mais honesto declarando-se francamente anticomunista do que afirmando sua simpatia pela URSS no momento em que, contra ela, desencadeava essa campanha de calúnia: a grosseria de tal artifício mostrava bem a mesquinhez de estima que ele tinha em relação aos seus semelhantes. As palavras traidor e vendido não estavam ali escritas, preto no branco, mas podiam ser lidas nas entrelinhas. E era Lachaume quem havia escrito isso! Lachaume! Henri o revia, de expressão contente, encerando os assoalhos de Paule, no tempo em que vivia escondido no estúdio. Revia-o na estação de Lyon, enterrado num sobretudo muito comprido e inteiramente tomado pela sua emoção, na hora das despedidas. As velinhas de Natal crepitavam; sentado a uma mesa do bar Rouge, ele dizia: “É preciso trabalhar de mãos dadas.” Mais tarde, e sob uma aparência de confusão: “Nunca atacaram você!” Henri tentou pensar: “Não é culpa dele. Culpado é o partido, que o escolheu expressamente para essa tarefa.” Uma cólera de avermelhar lhe subiu até os olhos. Tinha sido bem Lachaume quem inventara cada frase: ninguém se limita a obedecer; todos recriam. E ele ainda era menos perdoável do que seus cúmplices, porque sabia muito bem que estava mentindo. Sabe que não sou fascista e que jamais me tornarei fascista.

Levantou-se. Nada de responder a esse artigo: não tinha nada mais a dizer além do que Lachaume já sabia. Quando as palavras já não têm sentido, a única coisa que resta fazer é bater. Subiu em seu carro. A essa hora, Lachaume deveria estar no bar Rouge. Henri dirigiu-se até lá. Encontrou Vincent, que bebia com amigos. Nada de Lachaume.

— Lachaume não está aqui?

— Não.

— Então deve estar em *L’Enclume* — disse Henri.

— Não sei — disse Vincent, que se ergueu e acompanhou Henri até a porta. — Você está de carro? Vou ao jornal.

— Eu não vou para lá. Vou até *L'Enclume*.

Vincent saiu atrás dele. Disse:

— Largue mão.

— Leu o artigo de Lachaume? — perguntou Henri.

— Li. Mostrou-me antes da publicação, e briguei com ele. É uma bela porcaria. Mas que adiantaria fazer um escândalo?

— Nem sempre tenho vontade de bater. Mas, desta vez, é necessário que faça. Tanto melhor se acabar em escândalo.

— Você está errado — disse Vincent. — Eles se valerão disso para fazer a coisa render: irão ainda mais longe.

— Mais longe? Mas trataram-me de fascista, não podem ir mais longe. E, de qualquer maneira, mando tudo às favas. — Henri abriu a porta do carro. Vincent agarrou-lhe o braço:

— Você sabe, quando decidem cair em cima de alguém, não recuam diante de nada — disse Vincent. — Há um ponto fraco na sua vida e eles irão pegá-lo por aí.

Henri olhou para Vincent:

— Um ponto fraco? Você quer referir-se a Josette e a essas fofocas que pululam a seu respeito?

— Sim. Você talvez não desconfie, mas todo o mundo está a par.

— Não ousariam...

— Acredita que se sentissem tolhidos? — Hesitou: — Eu de tal modo descompus Lachaume, quando ele me mostrou o artigo, que suprimiu dez linhas. Mas da próxima vez não deixará de bradá-las.

Henri silenciou. Pobre Josette, tão vulnerável! Ele sentia frio na espinha só de imaginá-la lendo essas dez linhas que Lachaume havia suprimido. Instalou-se ao volante:

— Suba, vamos ao jornal, você ganhou. — Deu a partida e acrescentou: — Obrigado!

— Não acreditava que Lachaume fosse capaz disso — disse Vincent.

— Nem Lachaume nem ninguém. Atacar uma pessoa na sua vida particular, e dessa maneira, é muito lamentável.

— É lamentável! — disse Vincent. Hesitou: — Mas existe uma coisa que você deveria compreender: é que você não tem vida particular.

— Como não? — exclamou Henri. — Claro que tenho uma vida particular, e que é de minha conta exclusiva.

— Você é um homem público. Tudo o que faz cai no domínio público: a prova aí está. É preciso que você seja inatacável, em todos os aspectos.

— Não há defesa possível contra a calúnia — disse Henri. Durante um momento, ambos rodaram em silêncio. Henri continuou: — Quando penso que escolheram Lachaume para esse trabalho!... Justamente Lachaume! Foram perfeitos. — E acrescentou: — É preciso que me detestem!

— Não vai imaginar que gostem de você — disse Vincent.

Chegaram diante do jornal e Henri desceu do carro.

— Tenho que dar uma volta, estarei lá daqui a cinco minutos — disse ele. Não tinha volta nenhuma a dar, mas queria ficar só, cinco minutos. Partiu a pé, em frente. “Não vai imaginar que gostem de você!” Não, não imaginava. Não lhes havia calculado, porém, a hostilidade. Slogans superados flutuaram entre seu coração e seus lábios: adversário leal, combater-se na estima. Eram palavras velhas de dois anos, de vários séculos e cujo sentido ninguém mais compreendia. Ele sabia que os comunistas o atacariam oficialmente: mas dizia-se que, secretamente, muitos lhe conservariam a estima; e faria inclusive que refletissem. “Na verdade, odeiam-me!”, pensou. Seguiu em frente, ao acaso. Paris estava bela e melancólica como Bruges-la-Morte, sob as esfumaçadas rutilâncias do outono, e em suas ruas habitava o ódio. Era uma experiência nova, bastante terrível. “O amor... nunca é inteiramente dirigido a nós”, pensou Henri; “a amizade é precária como a vida; mas o ódio não abandona o seu homem, e é tão seguro quanto a morte.” Doravante, aonde quer que fosse, o que quer fizesse, esta certeza o acompanharia sempre: “Sou odiado!”

Scriassine esperava Henri no escritório. “Ele leu *L’Enclume*, pensa que se deve aproveitar o calor do momento”, disse Henri a si mesmo. Perguntou:

— Você precisa falar comigo? — E acrescentou, com fingida solicitude: — Alguma coisa errada? Você está com má aparência.

— Estou com uma terrível dor de cabeça. Sono de menos e vodka demais. Nada de grave — disse Scriassine. Aprumou-se sobre a cadeira e enrijeceu o semblante: — Vim perguntar se você mudou de opinião, depois daquela dia.

— Não — disse Henri —, e não mudarei.

— A maneira como os comunistas o tratam não o leva a refletir?

Henri se pôs a rir:

— Oh! Eu reflito. Reflito muito. Não faço outra coisa.

Scriassine suspirou profundamente:

— Tinha esperança de que você acabasse vendo com clareza.

— Vamos. Não fique chateado. Você não precisa de mim.

— Não se pode contar com ninguém — disse Scriassine. — A esquerda perdeu o calor. A direita nada aprendeu. — Acrescentou, com voz lúgubre:

— Há momentos em que tenho vontade de retirar-me para o campo.

— Retire-se.

— Não me sinto com esse direito. — Scriassine passou a mão sobre a testa, com ar de extrema fadiga: — Que dor de cabeça!

— Quer um comprimido?

— Não, não. Vou encontrar algumas pessoas daqui a pouco, velhos companheiros. Nunca é muito agradável. Neste caso, prefiro não estar lúcido em excesso.

Houve um silêncio. Scriassine perguntou:

— Você vai responder a Lachaume?

— Certamente não.

— É uma pena. Você, quando quer, sabe defender-se. A resposta a Dubreuilh foi bem-enviada.

— Sim. Mas teria sido justa? — Henri interrogou Scriassine com o olhar: — Gostaria de saber se seu informante é realmente sério.

— Que informante? — perguntou Scriassine, passeando sobre o rosto a mão dolorosa.

— Aquele que afirma ter visto o cartão e a ficha de Dubreuilh.

— Oh! — exclamou Scriassine. Sorriu ligeiramente: — Ele nunca existiu.

— Não é possível! Você inventou isso então!

— Aos meus olhos, Dubreuilh é um comunista, inscrito ou não. Mas eu não tinha meios de fazer você partilhar minha convicção, e agi com certa desonestidade.

— E se eu tivesse concordado em encontrar a pessoa?

— A mais elementar psicologia garantia-me que você se oporia a isso.

Henri olhou Scriassine estupefato. Não chegava sequer a zangar-se, por causa de uma mentira confessada com tanta naturalidade! Scriassine teve

um sorriso confuso:

— Ficou aborrecido?

— Não imaginava que se pudessem empregar táticas dessa natureza!

— Na verdade, prestei-lhe um favor — disse Scriassine.

— Vai permitir-me que não lhe agradeça.

Scriassine sorriu, sem responder. Levantou-se:

— Vou-me embora, por causa do encontro combinado.

Henri permaneceu imóvel por longo tempo, o olhar parado. Se Scriassine não tivesse inventado essa história, que aconteceria? Talvez as coisas houvessem seguido o mesmo rumo. Talvez não. Em todo caso, amargurava-o pensar que havia jogado com cartas falsas: isso lhe dava uma devoradora vontade de voltar atrás. “Por que não tentaria explicar-me com Nadine?”, perguntou a si próprio, bruscamente. Vincent às vezes a via. Decidiu perguntar-lhe a data em que iriam encontrar-se.

Quando ele entrou, na quinta-feira seguinte, no café onde Nadine aguardava, sentiu-se levemente emocionado. Todavia, jamais havia atribuído muita importância ao julgamento dela. Plantando-se diante da mesa, disse:

— Olá!

Ela ergueu os olhos:

— Olá! — disse com indiferença. Não parecia sequer surpresa.

— Vincent chegará um pouco atrasado: Vim avisá-la. Posso sentar-me?

Ela inclinou a cabeça, sem responder.

— Estou muito contente de poder falar com você — disse Henri, com um sorriso. — Tínhamos relações pessoais. Neste caso, gostaria muito de saber se o fato de achar-me estremecido com seu pai estremece também as relações entre nós.

— Oh! No tocante a relações pessoais, a gente só se via quando por acaso se encontrava — disse Nadine, friamente. — Você não aparece mais na *Vigilance*, a gente não mais se vê: não há problema.

— Perdão, mas existe um, para mim. Se não estamos zangados um com o outro, nada impede de tomarmos alguma coisa juntos de vez em quando.

— Nada nos obriga a isso, tampouco.

— Pelo que vejo, estamos brigados? — perguntou Henri. Ela não respondeu. Ele acrescentou: — Entretanto, você não encontra Vincent, que é da mesma corja que eu?

— Vincent não escreveu a carta que você escreveu.

Henri disse vivamente:

— Reconheça que a de seu pai também não foi amável!

— Não é uma razão. E a sua estava realmente feia.

— Vá lá — disse Henri. — É que eu estava furioso. — Olhou Nadine nos olhos: — Haviam-me jurado, com o apoio de provas, que seu pai se havia inscrito no partido comunista. Fiquei furioso com o fato de que ele me tivesse escondido isso. Ponha-se em meu lugar.

Quando Nadine ficava com esse jeito de teimosa, esperar convencê-la era inútil. Aliás, Henri não teria podido justificar-se sem acusar Dubreuilh. Ele deixou passar.

— É só por causa dessa carta que você está irritada comigo? — perguntou. — Ou não será porque os seus companheiros comunistas a convenceram de que sou um socialista-traidor?

— Não tenho companheiros comunistas — disse ela. Pousou no rosto de Henri um olhar gelado: — Socialista-traidor ou não, você não é mais o que foi.

— É idiotice isso que você diz — falou Henri com irritação. — Sou exatamente o mesmo.

— Não.

— Em que mudei? A partir de quando? Que é que você censura em mim? Explique-se.

— Antes de mais nada, você está frequentando uma sociedade imunda — disse Nadine, cuja voz bruscamente se alterou. — Eu pensava que você pelo menos quisesse que a gente se lembrasse. Diz coisas muito boas em sua peça: que não se deve esquecer etc. E, na verdade, você é exatamente igual aos outros!

— Ah! Vincent contou-lhe histórias!

— Vincent não: Sézenac. — Os olhos de Nadine faiscaram: — Como pode tocar a mão daquela mulher! Quanto a mim, preferia ser esfolada viva...

— Digo-lhe o que disse outro dia a Vincent: minha vida particular só diz respeito a mim. Por outro lado, faz um ano que conheço Josette: não fui eu que mudei, foi você.

— Não mudei. Apenas no ano passado eu não sabia o que sei. E, depois, eu tinha confiança em você! — acrescentou ela, num tom provocante.

— E por que deixou de ter confiança? — perguntou Henri, enraivecido. Nadine baixou a cabeça, com ar fechado.

— Tomou partido contra mim no caso dos campos de trabalhos forçados? É um direito seu. Mas daí a decidir que sou um canalha, há uma grande diferença. Essa é, com certeza, a opinião de seu pai — acrescentou ele, com voz irritada. — Mas você não tinha o hábito de tomar tudo o que ele diz como palavra do Evangelho.

— Não é canalha por haver falado a respeito dos campos. Em si, acho até que isso é defensável — disse Nadine, pondo solenidade na voz. — A questão é saber por que você o fez.

— Já me expliquei, não?

— Deu razões públicas. Mas suas razões pessoais não são conhecidas. — Novamente, ela fixou sobre Henri um olhar gelado: — Toda a direita o cobre de flores. É embaraçoso. Você me dirá que nada pode fazer, quanto a isso: mesmo assim, é embaraçoso.

— Enfim, Nadine, você pensa seriamente que esta campanha seja uma manobra para aproximar-me da direita?

— Em todo caso, a direita se aproxima de você.

— Idiotice! Se eu quisesse bandear-me para a direita, já o teria feito! Você bem vê que *L'Espoir* não mudou de orientação. E juro-lhe que tenho mérito nisso. Vincent não lhe explicou como vai a coisa?

— Vincent é cego, quando se trata de amigos dele. Certamente ele defende você, o que prova a pureza de coração dele e nada mais.

— E você, quando me acusa de ser canalha, tem provas disso? — perguntou Henri.

— Não. Por isso não o acuso: desconfio, e é tudo. — Ela sorriu sem alegria: — Sou desconfiada de nascença!

Henri levantou-se:

— Está bem. Desconfie à vontade. Eu, quando tenho alguma amizade por alguém, antes procuro dar-lhe crédito. Mas esse não é o seu gênero. Errei ao vir aqui, desculpe-me.

“A desconfiança... Não há nada pior”, refletiu ele, ao reentrar em casa. “Prefiro que me arrastem pela lama, como o fez Lachaume: há mais franqueza.” Henri os imaginava, sentados no escritório a tomar café: Dubreuilh, Nadine, Anne. Não diziam: “É um canalha.” Não. Tinham escrúpulos demais para isso: desconfiavam. O que se pode responder a

quem desconfia? Um criminoso pode pelo menos procurar desculpas; mas um suspeito? Está inteiramente desarmado. “Sim, aí está o que fizeram de mim”, disse ele a si mesmo, encolerizado, nos dias seguintes, “um suspeito; e, além do mais, censuram-me por ter uma vida particular!” Acontece que ele não era nem um tribuno, nem um porta-bandeira. Gostava de sua vida, de sua vida particular. Em compensação, estava farto de política. Com ela a gente nunca está quite. Cada sacrifício cria novos deveres. Primeiro, o jornal, e agora queriam interditar todos os seus prazeres, todos os seus desejos. Em nome de quê? De qualquer forma, não se fazia nada do que se queria fazer; fazia-se mesmo o contrário: neste caso, não vale a pena sentir-se inibido. Decidiu deixar as inibições e agir como lhe aprouvesse: no ponto em que se achava, não tinha nenhuma importância.

Assim mesmo, à noite, viu-se à mesa, entre Lucie Belhomme e Claudie de Belzunce, diante de uma garrafa de champanhe muito doce. Bruscamente, Henri ficou admirado: “Que faço aqui?” Não gostava de champanhe, nem dos lustres, nem dos espelhos, nem do veludo das cadeiras, nem daquelas mulheres que exibiam com abundância uma pele gasta. Não gostava nem de Lucie, nem de Dudule, nem de Claudie, nem de Vernon, nem do jovem ator envelhecendo, de quem se dizia ser amante de Vernon.

— Então ela entrou no quarto — contava Claudie —, viu-o deitado na cama, inteiramente nu, com um rabichozinho... Assim — disse ela, designando seu dedinho —; e perguntou: “Onde é que a gente põe isso? No nariz?” — Os três homens riram estrepitosamente e Lucie disse, com uma voz meio seca: — Muito engraçado! — Sentia-se lisonjeada com a companhia de uma mulher bem-nascida, mas irritava-se com o tom grosseiro que Claudie voluntariamente adotava, quando saía com inferiores. Lulu fazia esforços patéticos para exhibir uma distinção à altura de sua elegância. Ela se voltou para Henri:

— Ruéri ficaria bem no papel de marido — sussurrou, designando o mocinho bonito que chupava, com um canudinho, o drinque de Vernon.

— Que marido?

— O marido de Josette.

— Mas ele não é visto: morre no começo da peça.

— Sei. Mas, para o cinema, essa sua história é muito triste. Brieux sugere que o marido escape, esconda-se no *bunker* da Resistência e, no final, perdoe a Josette.

Henri encolheu os ombros:

— Brieux filmará minha peça, ou não fará nada.

— O senhor não vai desprezar dois milhões, só por lhe pedirem que ressuscite um morto!

— Ele finge desprezar o dinheiro — disse Claudie. — Entretanto, tem-se muita necessidade disso, pelo preço que anda a manteiga: pelo menos custava mais barato, no tempo dos Fritz.

— Não fale assim diante de um resistente — disse Lucie.

Desta vez riram todos em coro, e Henri sorriu com eles. Se tivessem podido ouvi-lo e vê-lo, todos em coro o haveriam censurado, Lambert assim como Vincent, Volange tanto quanto Lachaume, e Paule, e Anne, e Dubreuilh, e Samazelle, e mesmo Luc, e toda a multidão anônima dos que esperavam alguma coisa dele. Justamente por isso se achava ali, com aquela gente: porque não devia estar ali. Estava errado, radicalmente errado, sem reserva, sem desculpa: que tranquilidade! Acabaria farto de se perguntar a todo momento: tenho ou não tenho razão? Pelo menos nessa noite ele conhecia a resposta: não tenho razão, estou perfeitamente errado. Andava brigado para sempre com Dubreuilh, o SRL o havia desautorizado, a maior parte dos antigos companheiros arrepiavam de escândalo ao pensar nele. Em *L'Enclume*, Lachaume e seus colegas — e quantos mais, em Paris e na província — o chamavam de traidor. Nos bastidores do Studio 46, as metralhadoras portáteis crepitavam, os alemães incendiavam uma aldeia francesa e a cólera e o horror despertavam nos corações entorpecidos. Por toda parte o ódio flamejava. Aí estava a sua recompensa: o ódio, e não havia meio algum de vencê-lo. Beber: ele compreendia Scriassine. Encheu o copo novamente.

— Foi um ato de coragem o seu — disse Lucie.

— Que ato?

— Denunciar todos esses horrores.

— Oh! Sob esse aspecto, há milhares de heróis na França — disse Henri.

— Quando a gente ataca, hoje, a URSS, não corre o risco de ser fuzilado.

Ela encarou Henri com ar meio perplexo:

— Sim, mas o senhor tinha arranjado uma situação do lado da esquerda. Esta história deve comprometê-lo.

— Mas pense nas situações que posso arranjar ao lado da direita!

— Direita, esquerda, são noções muito superadas — disse Dudule. — O que é preciso fazer o país compreender é que é necessária ao seu reerguimento a colaboração do capital e do trabalho. O senhor realizou um trabalho útil, dissipando um dos mitos opostos à reconciliação daqueles dois fatores.

— Não me felicite muito depressa! — disse Henri.

Era o pior tipo de solidão: ter a aprovação de gente desse tipo. Onze e meia, a hora mais temível; o teatro se esvaziava. Todas essas consciências que durante três horas ele mantivera cativas se desencadeavam conjuntamente e, de um só golpe, se voltavam contra ele: que massacre!

— O velho Dubreuilh deve estar espumando — disse Claudie, com ar de satisfação.

— Diga-me com quem a mulher dele dorme? — perguntou Lucie. — Porque, afinal, ele é quase um velho.

— Não sei — disse Henri.

— Ela me deu a honra de ir uma vez à minha casa — contou Lucie. — É uma bela convencida! Detesto essas mulheres que se vestem como operárias, para mostrar que têm ideias socialistas.

Anne era uma convencida. Dudule, que tinha visto o mundo, explicava que Portugal era um paraíso; eles pensavam, todos, que a riqueza fosse um mérito, que faziam jus à que possuíam; mas Henri só podia ficar quieto, uma vez que veio sentar-se ao lado deles.

— ...noite — disse Josette, colocando sobre a mesa uma pequena bolsa revestida de lantejoulas. Trajava seu vestido verde, generosamente decotado. Henri não chegava a compreender por que, uma vez que a feria o desejo masculino, ela se oferecia tão prodigiosamente aos olhares dos homens. Não apreciava que essa tenra carne fosse tão pública como um nome. Ela se sentou ao lado dele, à ponta da mesa, e ele perguntou:

— Tudo correu bem? Não vaiaram?

— Oh! Quanto a você, é um sucesso.

De um modo geral, a crítica não tinha sido má para Josette: uma estreia, como tantas outras. Com o seu físico e com paciência, ela teria todas as

chances de fazer uma honrosa carreira; mas estava decepcionada. O rosto animou-se-lhe:

— Você viu? Felícia Lopez está na mesa do fundo: como é bonita!

— Tem, sobretudo, joias muito bonitas — disse Lucie.

— Ela é bonita!

— Muito pequena — disse Lucie, sorrindo sem vontade —, nunca diga na presença de um homem que outra mulher é bonita. Porque ele poderia pensar que você o é menos. E esteja certa de que nenhuma será tola o bastante para lhe pagar na mesma moeda.

— Josette pode usar de toda a franqueza — disse Henri —, nada tem a temer.

— Com o senhor, talvez — replicou Lucie, num tom levemente desdenhoso. — Mas há os que não se agradam de ter diante de si essa cara de chorona. Dê-lhe, portanto, de beber: uma mulher bonita deve ser alegre.

— Não quero beber — disse Josette. Choraminguou: — Tenho uma espinha no canto do lábio. Com certeza é o fígado... Tomarei água de Vichy.

— Que geração! — exclamou Lucie, encolhendo os ombros.

— O que há de bom quando se bebe — disse Henri — é que se acaba ficando bêbado.

— Você não está bêbado? — perguntou Josette, com inquietação.

— Oh! Embriagar-se com champanhe seria um trabalho de Hércules. — Estendeu a mão para a garrafa e ela lhe segurou o braço:

— Tanto melhor. Porque tenho algo a dizer-lhe. — Ela hesitou: — Antes, porém, prometa-me não ficar zangado.

Ele riu:

— Não posso prometer sem saber do que se trata.

Josette o olhou com impaciência:

— Então você não me ama mais...

— Vamos lá.

— Pois bem, dei uma entrevista, uma noite destas, a *L'Eve Moderne*...

— Que foi que você contou mais?

— Disse que estávamos noivos. Isto não visa, em absoluto, a obrigá-lo a casar comigo — acrescentou ela, prontamente. — Anunciaremos nosso rompimento, quando você o desejar. Mas somos vistos juntos o tempo todo. E o noivado me dá mais importância, você compreende. — Da bolsa

rutilante tirou uma página de revista, desdobrando-a, satisfeita: — Ao menos uma vez foram gentis no que escreveram.

— Mostre — disse Henri, que murmurou, em seguida: — Ah! Estou com boa aparência!

Enormemente decotada, Josette ria ao lado de Henri, diante de taças de champanhe. E ele ria também. Pensou, com despeito: “Justamente agora; daqui a imaginar-se que arrasto minhas noites bebericando champanhe, que estou vendido à América, vai apenas a distância de um passo: logo será transposta.” No entanto ele não gostava de todo esse alarido vergonhoso. Frequentava os lugares modernos para dar prazer a Josette, mas isso não tinha valor, esses momentos permaneciam à margem de sua verdadeira vida. Mantinha os olhos fixos na foto: “O fato é que sou eu, e que estou aqui.”

— Está zangado? — perguntou Josette. — Havia prometido que não se zangaria!

— Não estou zangado, absolutamente — disse ele. E pensou com decisão: “Que vão todos cagar!” Não devia nada a ninguém e estava atraindo para o seu lado todos os erros: era essa a verdadeira liberdade! Disse: — Venha dançar.

Deram alguns passos sobre a pista atravancada de homens vestindo *smokings* e de mulheres muito decotadas. Josette perguntou:

— É verdade que o aborrece ver-me com ar triste?

— O que me aborrece é que você esteja triste.

Ela encolheu os ombros:

— Não é culpa sua.

— Aborrece-me, mesmo assim. Não há razão, você sabe. Sua divulgação é excelente, asseguro-lhe que terá contratos...

— Sim. Bobagem. É que sou boba: pensava que, no dia seguinte ao ensaio geral, tudo mudaria bruscamente; por exemplo: que mamãe não ousasse mais falar-me como me fala; e, depois, que, no fundo, eu me sentiria diferente.

— Quando você tiver representado bastante e estiver segura de seu talento, tudo lhe parecerá diferente.

— Não. O que eu imaginava... — Ela hesitou: — Era mágico. — Josette era tocante quando procurava vestir com palavras seus pensamentos

incertos: — Quando alguém se apaixona pela gente de fato, é magia, tudo se transforma. Eu acreditava que fosse assim, depois do ensaio geral.

— Um dia você me disse que ninguém a havia amado.

Josette corou:

— Oh! Uma vez. Aconteceu uma vez. Quando eu era ainda pequena, saía do pensionato. Nem me lembro mais.

Henri disse, gentilmente:

— Todavia, você parece lembrar-se disso. Quem era?

— Um jovem. Mas ele viajou. Viajou para a América. Esqueci-o. É coisa velha.

— E entre nós dois? — perguntou Henri. — O que há não é também um pouco mágico?

Ela o olhou com uma espécie de desaprovação:

— Oh! Você é gentil, diz-me coisas gentis. Mas não é para sempre.

Henri, meio aborrecido, disse:

— Com o jovem tampouco, uma vez que ele partiu.

— Ah! Deixe-me sossegada com essa história — disse Josette, com uma irritação de voz que Henri ainda não tinha conhecido. — Partiu, porque não podia agir de outro modo.

— Mas ele não morreu por causa disso.

— Que é que você sabe a respeito?

— Desculpe-me, minha querida — respondeu Henri, assustado com a violência dela. — Ele morreu?

— Morreu. Morreu na América. Está contente?

— Eu não sabia, não fique zangada — murmurou Henri, reconduzindo-a para a mesa. Seria ela capaz, dez anos depois, de ter ainda recordações tão dolorosas? “Pode amar mais do que me ama?”, perguntou a si mesmo, com desgosto. “Se não me ama, tanto melhor: assim, não tenho responsabilidade, não estou em falta.” Ele bebeu, um atrás do outro, diversos copos. Repentinamente, todos os objetos à sua volta se puseram a falar: fascinantes as mensagens que emitiam com uma rapidez desconcertante e que ele era o único a captar. Infelizmente esquecia-as logo em seguida. Essa varinha de madeira, pousada negligentemente de um lado a outro de uma das taças... ele já não recordava mais o que significava. E o lustre, esse enorme penduricalho de cristal, que representava? A ave oscilante sobre a cabeça de Lucie era uma lápide:

morta, empalhada, era o próprio monumento fúnebre dela: como Louis. Por que Louis não se teria mascarado de ave? Na verdade, todos eram animais mascarados. De vez em quando, produzia-se no cérebro deles uma pequena descarga elétrica. E então lhes saíam palavras da boca.

— Olhe — disse ele a Josette. — Foram todos transformados em homens: o chimpanzé, o cão, o avestruz, a foca, a girafa. E eles falam. Falam, porém não se compreendem. Veja, você não me compreende: não somos também da mesma espécie.

— Não, não compreendo.

— Não importa — disse ele com indulgência —, não importa absolutamente. — Levantou-se: — Venha dançar.

— Mas o que acontece com você? Está pisando no meu vestido. Bebeu em excesso?

— Nunca em excesso. Você não quer mesmo beber um pouco? A gente se sente tão bem! Eu poderia fazer qualquer coisa: bater em Dudule ou beijar sua mãe...

— Você não vai beijar mamãe! Que é que você tem? Nunca o vi assim.

— Verá. — Uma porção de recordações dançava-lhe caprichosamente na cabeça, e veio-lhe à memória uma expressão de Lambert: — Veja — disse solenemente —, eu integro o mal!

— Mas que é que você está dizendo? Venha sentar-se.

— Não, dancemos.

Dançaram, tornaram a sentar-se, dançaram ainda mais, Josette se alegrou pouco a pouco:

— Olhe aquele tipo alto que acaba de entrar: é Jean-Claude Sylvère — disse ela, com uma voz deslumbrada. — Esta boate é boa mesmo. Voltaremos.

— Sim, é boa — disse Henri.

Olhou em torno de si com surpresa. Que fazia ele aqui, exatamente? De súbito, as coisas se calaram. Ele estava com sono e tinha o estômago embrulhado. “Deve ser isto o excesso.” Pelo menos, escapava-se. Uma noite, com alguma sorte e muito uísque, pode-se escapar, dizia Scriassine, que era entendido. Com champanhe a coisa também ia: a gente esquecia os erros e as razões, o ódio, tudo.

— É boa — repetiu Henri. — E depois, não é como eles dizem, a gente não se diverte por se divertir. Voltaremos, minha querida. Voltaremos.

Capítulo VIII

É uma aventura estranha viver um amor, recusando-o. As cartas de Lewis partiam-me o coração. Escrevia-me ele: “Será que todos os dias vou amar você cada vez mais?” Numa outra carta: “Peça estranha a que você me pregou! Não posso mais levar para casa mulheres por uma noite só. Não tenho mais nada a oferecer àquelas a quem poderia dar um pedacinho de meu coração.” Como eu tinha vontade, lendo essas palavras, de atirar-me em seus braços! Já que isso me era vedado, deveria dizer-lhe: “Esqueça-me.” Não queria, porém, dizer-lhe isso. Queria que ele me amasse. Queria todo o mal que eu lhe causava. Sentia sua tristeza no remorso. Sentia também por mim mesma. Como o tempo passava lentamente! Como passava depressa! Lewis permanecia sempre tão longe de mim! Mas eu me aproximava dia a dia de minha velhice. Nosso amor envelhecia. Morreria um dia, sem ter vivido. Era um pensamento insuportável. Fiquei contente de deixar Saint-Martin, de em Paris reencontrar doentes, amigos, barulho, ocupações que me impediam de pensar em mim.

Não tinha revisto Paule desde o mês de junho. Claudie se havia entusiasmado com ela e convidara-a a passar o verão em seu castelo borgonhês: para grande surpresa minha, Paule aceitara o convite. Quando, de regresso a Paris, eu lhe telefonei, fiquei desconcertada pela polidez graciosa e distante de sua voz:

— Certamente, ficarei encantada de vê-la. Você estará livre amanhã para ir ao *vernissage* de Marcadier?

— Preferiria vê-la mais sossegadamente. Você não tem outra hora?

— É que estou muito ocupada. Espere. Pode passar amanhã, depois do almoço?

— Para mim está muito bom. Combinado.

Pela primeira vez, depois de muitos anos, Paule se achava em traje de passeio quando me abriu a porta. Vestia um *tailleur* da última moda, em

fil-à-fil cinzento, e uma blusa preta. Estava com um penteado alto, com franja. Tinha depilado as sobrancelhas. O rosto dela se havia tornado mais espesso e ligeiramente avermelhado.

— Como vai? — perguntou ela, afetuosamente. — Teve boas férias?

— Excelentes. E você? Ficou contente?

— Encantada — disse ela, num tom que me pareceu recheado de subentendidos. Sondava-me com uma expressão ao mesmo tempo embaraçada e provocadora: — Não me acha mudada?

— Parece estar em excelente forma. E veste um belo *tailleur*.

— Foi Claudie quem me deu de presente: é um Balmain.

Não havia nada a dizer contra aquele corte requintado, nem contra aqueles sapatos elegantes. Talvez fosse apenas porque eu não estava habituada ao seu novo estilo: Paule me parecia mais estranha do que nos trajes fora de moda, que antes inventava para si. Sentou-se, cruzou as pernas, acendeu um cigarro.

— Você sabe — disse, sorrindo ligeiramente —, sou uma nova mulher.

Eu não soube muito o que responder e disse estupidamente:

— Influência de Claudie?

— Claudie foi apenas um pretexto. Embora seja uma pessoa notável. — Ela devaneou por um segundo. — As pessoas são muito mais interessantes do que eu pensava. Uma vez que a gente deixe de mantê-las à distância, não pedem senão para ser gentis. — Examinou-me de um jeito crítico: — Você deveria sair mais.

— Talvez — disse eu covardemente. — Quem estava lá?

— Oh! Todo mundo — respondeu ela, com uma voz deslumbrada.

— Você também vai abrir sua casa?

Ela riu:

— Acredita que eu não seria capaz?

— Ao contrário.

Ela ergueu as sobrancelhas:

— Ao contrário? — Houve um pequeno silêncio. Paule, com voz seca, disse: — Em todo caso, por enquanto, é de outra coisa que se trata.

— De quê?

— Estou escrevendo.

— Que bom! — disse eu, carregando a voz de entusiasmo.

— Eu não me considerava, absolutamente, uma mulher letrada — disse ela, sorrindo. — Mas, lá, todos me afirmaram que seria um crime deixar perder tantos dons.

— E o que você está escrevendo? — perguntei.

— Pode-se chamar a isso o que quiser: novelas ou poemas. Coisa impossível de ser classificada.

— Mostrou seu trabalho a Henri?

— Claro que não. Disse-lhe que estava escrevendo, mas não lhe mostrei nada. — Encolheu os ombros: — Tenho certeza de que ele ficaria desconcertado. Nunca procurou inventar novas formas. Aliás, a experiência que estou fazendo, devo fazê-la só.

— Ela me olhou na face, e disse com solenidade: — Descobri a solidão.

— Não gosta mais de Henri?

— Sim, mas como pessoa livre. — Atirou o cigarro para dentro da lareira vazia. Disse: — A reação dele foi curiosa.

— Ele notou que você tinha mudado?

— Evidentemente, não é estúpido.

— De fato.

Eu é que me sentia estúpida. Interroguei Paule com o olhar.

— Primeiramente, quando do seu regresso, não lhe dei sinal — disse ela, com voz satisfeita. — Esperei que ele telefonasse, ele o fez logo. — Ela se recolheu um segundo: — Vesti meu belo *tailleur*, abri-lhe a porta com uma expressão muito sossegada, e imediatamente ele mudou de fisionomia. Senti que ficou transtornado: apoiou à janela a testa, dando-me as costas para esconder o rosto, enquanto gravemente eu lhe falava de nós, de mim. Depois, olhou-me com ar esquisito. Compreendi que ele acabava de decidir pôr-me à prova.

— Pô-la à prova por quê?

— Durante um momento, ele esteve a ponto de propor-me que retomássemos a nossa vida comum. Depois, dominou-se. Quer estar seguro a meu respeito. Tem o direito de duvidar: não fui fácil com ele durante estes dois anos.

— E então?

— Explicou-me seriamente que está apaixonado pela pequena Josette. — Paule se pôs a rir com abandono: — Você está compreendendo?

Hesitei.

— Ele tem um caso com Josette, não?

— Certamente. Mas ele não tinha necessidade de vir contar-me que a amava. Se a amasse, não me teria revelado, seguramente. Pôs-me, você compreende, em observação. Mas ganhei antecipadamente, porque me mantive bem.

— Compreendo — disse eu. Reuni toda a minha coragem num grande sorriso confiante.

— O mais divertido — disse ela alegremente — foi que ele estava, ao mesmo tempo, de uma afetação inimaginável: não quer que eu lhe seja pesada; mas, se eu deixar de amá-lo, seria capaz de matar-me. Olhe, falou-me do museu Grévin.

— Com que propósito?

— Assim, à queima-roupa. Parece que há um certo acadêmico, Mauriac ou Duhamel, que vai ter a própria estátua no museu Grévin. Imagine se Henri se preocupa com isso! Na verdade, tratava-se de uma alusão àquela famosa tarde, em que se apaixonou por mim. Quer que eu me lembre.

— É complicado.

— Não, não é. É ingênuo. Aliás, não há senão uma coisa, e muito simples, a fazer. Daqui a quatro dias será o ensaio geral: falarei com Josette.

— Por que falar com ela? — perguntei, com inquietação.

— Oh! Tudo e nada. Quero conquistá-la — disse Paule, com um riso leve. Ergueu-se: — Não quer mesmo ir ao *vernissage*?

— Não tenho tempo.

Ela plantou sobre a cabeça uma boina preta e calçou luvas.

— Sinceramente, como você acha que estou?

Não era mais em mim, era em seu rosto que eu decifrava minhas respostas. Disse, com convicção:

— Perfeita!

— Vemo-nos na quinta-feira, no ensaio geral — disse ela. — Você irá à ceia?

— Com certeza.

Desci com ela. Seu andar também estava mudado. Seguia em linha reta, com segurança, mas era uma segurança de sonâmbula.

Três dias antes do ensaio geral, assisti com Robert a um ensaio dos *Survivants*. Ficamos surpresos, ambos. Gosto de todos os livros de Henri,

tocam-me pessoalmente. Mas reconhecia que ele não havia feito ainda nada de tão bom. Era novidade nele aquela violência verbal, aquele lirismo ao mesmo tempo burlesco e negro. Além disso, desta vez não havia distância alguma entre o enredo e as ideias: bastaria prestar atenção à narrativa, para que o sentido da peça se impusesse; como esse sentido se ajustava a uma história singular e convincente, tinha a riqueza da realidade. Robert dizia:

— Isso é que é teatro verdadeiro! — Eu esperava que todos os espectadores fossem reagir como nós. Apenas, esse drama, que se assemelhava à farsa e à tragédia, tinha um gosto de carne crua, que poderia assustá-los. Quando se levantou o pano, na noite do ensaio geral, senti-me bastante inquieta. A pequena Josette era nitidamente desprovida de talentos, mas saiu-se bem, quando algumas pessoas se puseram a fazer barulho. Depois do primeiro ato, os aplausos foram enormes. E mais ainda ao final: foi um verdadeiro triunfo. Decididamente, na vida de um escritor que não é muito infortunado, há sérios momentos de alegria. Deve-se ficar muito emocionado, quando se constata, assim de um só golpe, que triunfou em sua iniciativa.

Ao entrar no restaurante, senti um grande impulso de simpatia por Henri. É tão rara a verdadeira simplicidade! Ao redor dele, tudo soava falso: os sorrisos, as vozes, as palavras. E ele... ele estava justamente igual a si mesmo. Parecia feliz, meio embaraçado. Eu gostaria de dizer-lhe uma porção de coisas gentis. Mas não devia ter esperado: ao cabo de cinco minutos, tinha já um nó na garganta. Cabe destacar que fracassei diversas vezes em seguida. Fui dar com Lucie Belhomme no momento em que ela dizia a Volange, apontando duas jovens atrizes judias:

— Não eram fornos crematórios que os alemães tinham: eram incubadoras! — Eu conhecia a brincadeira. Mas jamais a tinha ouvido, com meus próprios ouvidos. Tive a um tempo horror de Lucie Belhomme e de mim mesma. E quis mal a Henri. Na peça, ele dizia coisas muito bonitas sobre o esquecimento: mas estava também esquecido. Vincent afirmava que a Belhomme mãe tinha tido a cabeça raspada, pois estivera seriamente envolvida com os alemães. E Volange? Que fazia lá? Não tive mais vontade de felicitar Henri. Creio que ele sentiu meu constrangimento. Permaneci ali, um pouco de tempo, por causa de Paule. Mas era tal a minha indisposição que bebi sem medida, o que não me

ajudou. Recordava-me das palavras que Lambert havia dito a Nadine. “Com que direito insisto em recordar-me?”, perguntava-me. “Preocupe-me menos do que os outros, sofri menos do que os outros: se eles esqueceram, se é preciso esquecer, só me resta esquecer também.” Era em vão, porém, que eu me censurava: tinha vontade de insultar alguém ou de chorar. Reconciliar-se, perdoar, que palavras hipócritas! A gente esquece, e é tudo. Esquecer os mortos não era o bastante. Esquecemos, agora, as matanças, esquecemos os matadores. Vá lá, não tenho direito algum. Mas, se me vêm lágrimas aos olhos, isso é só comigo.

Paule falou longamente com Josette naquela noite. Não sei o que lhe disse. Durante as semanas seguintes, tive a impressão de que ela me evitava; saía, escrevia, vivia atarefada e estava importante. Não me preocupei com ela: eu estava muito ocupada, e por muitas coisas. Indo para casa, uma tarde, encontrei Robert vermelho de raiva. Era a primeira vez na vida que eu o via fora de si: acabava de brigar com Henri. Contou-me a cena em algumas frases muito truncadas e disse-me, numa voz cortante:

— Não tente desculpá-lo: é indesculpável.

Não tentei fazê-lo imediatamente, estava sem voz. Quinze anos de amizade apagados em uma hora! Henri não se sentaria mais naquela poltrona, não lhe ouviríamos mais a voz alegre. Como Robert ia ficar só! E Henri? Que vazio na sua vida! Não, isso não podia ser definitivo. Recuperei a palavra:

— É um absurdo. Vocês dois nasceram um para o outro. Num caso desses, você podia mostrar a Henri o erro dele, do ponto de vista político, sem lhe retirar a amizade. Está de boa-fé, tenho certeza. Não é fácil ver claro nessa história. Devo dizer que, se eu tivesse decisões a tomar sob minha própria responsabilidade, ficaria muito embaraçada.

— Você parece imaginar que expulsei Henri a pontapés — disse Robert. — Eu pedia apenas para acertar as coisas amigavelmente. Ele é que saiu, batendo a porta.

— Está certo de não haver-lhe feito sentir que tinha que optar entre ceder e romper? — perguntei. — Quando você lhe pediu que *L'Espoir* viesse a ser o jornal do SRL, ele se deixou convencer de que, em caso de recusa, perderia a sua amizade. Desta vez, já que não queria ceder, preferiu acabar com isso, imediatamente.

— Você não esteve presente à cena. Desde o começo ele se mostrou de uma clara má vontade. Não digo que fosse fácil uma conciliação: mas ao menos se podia tentar evitar um estouro. Em lugar disso, ele recusou todos os meus argumentos. Recusou-se a discutir com o comitê. Foi até o ponto de insinuar que eu estava secretamente inscrito no partido comunista. Quer que eu lhe diga uma coisa? Ele procurou esse rompimento.

— Que ideia!

Henri havia seguramente alimentado sérios rancores contra Robert, mas isso fazia muito tempo. Por que brigarem agora?

Robert olhou para longe, com uma expressão dura:

— Eu o incomodo, você compreende.

— Não, não compreendo.

— Ele se encontra numa má situação. Viu o tipo de gente com quem se dá? Somos a sua consciência suja, da qual ele só procura livrar-se.

— Você está sendo injusto! — disse eu. — Também fiquei descontente, na outra noite. Mas você mesmo me fez ver que, hoje, representar uma peça obriga, necessariamente, a certos compromissos. E com Henri a coisa não vai longe: ele mal frequenta aquela gente. Faz amor com Josette. Mas não é ela, quanto a isto se pode ficar sossegado, que o influencia.

— Aquela ceia, em si, não teve importância, concordo — disse Robert.

— Mas representa um indício. Henri é um tipo que prefere a si mesmo e que quer poder preferir a si com toda a tranquilidade, sem ter contas a prestar a ninguém.

— Prefere a si mesmo? — perguntei. — Passa o tempo a fazer coisas que o aborrecem! Você sempre reconheceu que ele foi muito devotado.

— Quando a coisa lhe agrada, sim. Mas o fato é que a política lhe desagrade. Ele só se preocupa, seriamente, consigo mesmo. — Robert me interrompeu com um gesto impaciente: — É isso o que mais censuro nele. Nesse caso, não pensou senão naquilo que as pessoas diriam dele.

— Você não vai afirmar-me que a existência dos campos o tenha deixado indiferente.

— A mim tampouco deixa indiferente — disse Robert —; a questão não é essa. — Encolheu os ombros: — Henri não quer ser acusado de deixar-se intimidar pelos comunistas. E prefere passar, efetivamente, para o campo dos anticomunistas. Nestas condições, convém-lhe estar brigado comigo.

Poderá, sem constrangimento, modelar para si uma bela figura de intelectual de coração grande, aplaudida por toda a direita.

— Agradar à direita é coisa que não interessa a Henri — disse eu.

— O que ele quer é agradar a si mesmo, e isso fatalmente o levará para a direita, porque na esquerda as figuras bonitas não são muito cultivadas. — Robert levava a mão ao telefone: — Vou convocar o comitê para amanhã de manhã.

Durante toda a noite Robert ruminou, com um ar malévolo, a carta que queria submeter ao comitê. Tive o coração enlutado na manhã em que, desdobrando *L'Espoir*, vi impressas as duas cartas, a de Henri e a dele, com as quais ambos trocavam acusações insultuosas. Nadine também ficou desconsolada; ela havia conservado muita amizade por Henri, e por outro lado, não suportava que o pai fosse atacado publicamente.

— Foi Lambert que influenciou Henri — disse-me ela, com raiva.

Eu gostaria de poder compreender o que se havia passado na cabeça de Henri. As interpretações de Robert eram malévolas demais. O que o indignava mais era Henri não lhe haver falado com confiança. Mas, afinal, pensei eu, Robert lhe deu algumas razões para ficar desconfiado. Ele me diria que Henri devia, com o tempo, passar uma borracha... Isto é bonito de dizer, mas o passado a gente não esquece quando quer. E sei por experiência que se é facilmente injusto com as pessoas a quem não se tem o hábito de julgar. Eu mesma, sob o pretexto de que nas pequenas coisas Robert envelheceu um pouco, já duvidei dele: noto hoje que, se decidiu calar-se a propósito da questão dos campos de trabalhos forçados, foi devido a razões sólidas, mas acreditei tratar-se de fraqueza. Sendo assim, compreendo Henri. Também ele admirou Robert cegamente. Embora conhecendo-lhe o autoritarismo, acompanhou-o sempre, em tudo, mesmo quando obrigado a viver a contragosto. O caso Trarieux devia tê-lo marcado, justamente por causa disso: já que Robert o decepcionara uma vez, Henri pensou que ele se havia tornado capaz de tudo.

Enfim, era inútil fazer críticas a este respeito: não se podia voltar atrás. Agora, a questão que surgia era saber que fim levaria o SRL. Dividido, desorganizado, privado de jornal, estava condenado a pulverizar-se rapidamente. Por intermédio de Lenoir, Lafaurie sugeriu sua fusão com grupos paracomunistas. Robert respondeu que queria aguardar as eleições, antes de decidir alguma coisa. Mas eu sabia que ele não concordaria. A

verdade é que a descoberta dos campos de trabalhos forçados não o havia deixado indiferente: não tinha a mínima vontade de se aproximar dos comunistas. Os membros do SRL eram livres para se inscrever no PC, mas o movimento, como tal, simplesmente cessaria de existir.

Lenoir foi o primeiro a inscrever-se. Felicitava-se de que o esvaziamento do SRL o houvesse tirado de um erro. Muitos outros o acompanharam: uma loucura o número de pessoas cujos olhos foram abertos em novembro, após os triunfos comunistas. A pequena Marie-Ange veio pedir a Robert uma entrevista para *L'Enclume*.

— Mas desde quando você é comunista? — perguntei.

— Desde que compreendi que era preciso tomar partido — respondeu-me ela, medindo-me com um ar de superioridade cansada.

Robert negou-lhe o pedido. Todas essas conversões em torno dele o aborreciam. E, apesar de seu rancor em relação a Henri, o artigo de Lachaume o enojou. Quando Lenoir voltou à carga, ele o escutou com impaciência.

— Foi a mais bela resposta que os comunistas podiam dar a essa campanha imunda: o triunfo eleitoral — disse Lenoir, com voz entusiasmada. — Perron e sua corja não conseguiram mudar o destino de um só voto. — Ele encarou Robert, com expressão sedutora. — Atualmente, o SRL o acompanhará como um só homem, se você lhe propuser a fusão que outro dia havíamos considerado.

— O SRL está morto — disse Robert. — E eu não faço mais política.

— Vamos! — replicou Lenoir. Sorriu: — Os membros do SRL ainda estão vivos. Bastará uma palavra de ordem sua para se congregarem.

— Não tenho a intenção de proferi-la. Já não estava de acordo com os comunistas, antes do caso dos campos, não será agora que vou atirar-me em seus braços.

— Os campos... Mas, vejamos: Você se recusou a tomar parte nessa ludibriação.

— Recusei-me a falar sobre o assunto, não a acreditar na existência de tais campos — disse Robert. — *A priori*, é preciso sempre acreditar no pior; esse é o verdadeiro realismo.

Lenoir franziu os sobrolhos:

— É preciso saber encarar o pior e passar adiante, de acordo — disse ele.

— Mas, então, critique os comunistas em tudo o que quiser: isto não deve

impedi-lo de se aliar a eles.

— Não — repetiu Robert. — Política comigo é coisa acabada. Volto para a minha toca.

Eu bem sabia que o SRL não existia mais e que Robert não tinha nenhum projeto novo. Senti, contudo, um pequeno choque, ouvindo-o declarar que retonaria em definitivo a sua toca. Assim que Lenoir saiu, perguntei:

— Você realmente abandonou a política?

Robert sorriu:

— Tenho a impressão de que ela é que me abandonou. Que posso fazer?

— Estou certa de que, se você procurasse, acharia — disse eu.

— Não. Há uma coisa de que começo a convencer-me: hoje, uma minoria não tem mais chances. — Robert encolheu os ombros: — Não quero nem trabalhar com os comunistas, nem contra eles. E então?

— Então, dedique-se à literatura — disse eu, alegremente.

— Sim — disse Robert, sem entusiasmo.

— Você poderá, sempre, escrever artigos para a *Vigilance*.

— Oportunamente, sim. Mas, na realidade, o que a gente escreve não pesa na balança. É verdade o que dizia Lenoir, os artigos de Henri não tiveram a mínima influência nas eleições.

— Lenoir parece crer que Henri está desolado por isso. Mas é muito injusto: segundo o que você mesmo me disse, Henri não desejava influir.

— Não sei o que ele desejava — disse Robert, com voz arrogante. — E não estou certo de que ele próprio o saiba.

— Em todo caso — disse eu, vivamente —, você há de reconhecer que *L'Espoir* não desaguou no anticomunismo.

— Até aqui, não. Convém aguardar a continuação.

Irritava-me pensar que Robert e Henri tivessem brigado por causa de uma história comprida e sem importância alguma. Não era o caso de que se reconcilhassem, mas visivelmente Robert se sentia muito só. O inverno não seguia feliz. As cartas que eu recebia de Lewis eram alegres, mas não me confortavam. Nevava em Chicago, gente patinava no lago, Lewis passava dias sem sair de seu quarto; imaginava histórias: imaginava que, no mês de maio, desceríamos o Mississippi de navio, dormiríamos juntos numa cabine, embalados pelo som das águas. Poderia se dizer que acreditava nisso. De Chicago, sem dúvida, o Mississippi não parecia tão longe. Mas eu sabia que, para mim, esse dia frio e cinzento que

recomeçava após cada despertar recomençaria sem fim. “Nunca nos veremos de novo”, pensava eu, “não haverá primavera.”

Foi por uma dessas noites sem futuro que eu ouvi pelo telefone a voz de Paule, que falava num tom imperioso:

— Anne! É você? Venha imediatamente, preciso falar-lhe, é urgente.

— Sinto muito — disse eu. — Tenho convidados para o jantar: passarei aí amanhã de manhã.

— Você não compreende: acontece-me alguma coisa de terrível e só você pode ajudar-me.

— Não pode dar um pulo até aqui?

Houve um silêncio:

— Quem está aí para o jantar?

— Os Pelletier e os Cange.

— Henri não está aí?

— Não.

— Tem certeza?

— Evidentemente. Estou certa.

— Então eu vou. Mas não lhes diga nada.

Uma meia hora depois, ela tocou a campainha e eu a fiz entrar em meu quarto. Um sombrio lenço de seda escondia-lhe os cabelos. O pó com que se havia maquiado não lhe camuflava o nariz inchado. Seu hálito tinha um cheiro forte de hortelã e de vinho barato. Paule fora tão bela, que eu nunca havia imaginado que pudesse deixar de sê-lo inteiramente: havia alguma coisa em seu rosto que resistiria a tudo; e, de repente, isso se tornava visível; ele era feito, como os outros, de uma carne esponjosa: mais de 80% de água. Ela arrancou o lenço, deixou-se cair sobre o divã:

— Olhe o que acabo de receber.

Era uma carta de Henri, algumas linhas, em letra legível, num papel branco, pequeno: “Paule. Nós não fazemos senão prejudicar-nos. É preferível que deixemos de ver-nos inteiramente. Procure não pensar mais em mim. Faço votos de que um dia possamos ser amigos. Henri.”

— Você compreende alguma coisa disso? — perguntou ela.

— Não ousou falar com você. Preferiu enviar-lhe uma carta.

— Mas que significa ela?

— Parece-me clara.

— Você tem sorte.

Ela me olhava interrogativamente. E acabei murmurando:

— É uma carta de ruptura.

— De ruptura? Você já viu cartas de ruptura escritas assim?

— Nada tem de extraordinário.

Paule encolheu os ombros:

— Vamos! Antes de mais nada, que existe entre nós para romper, uma vez que aceito a ideia de amizade e que nada mais desejo?

— Você tem certeza de que não lhe disse que o amava?

— Amo-o para além deste mundo: no que é que isso constitui problema à nossa amizade? E, de resto, ele exige esse amor — disse ela com uma voz violenta, que de súbito me fez lembrar a voz de Nadine. — Esta carta é de uma hipocrisia revoltante! Afinal, releia-a: *Procure* não pensar mais em mim. Por que simplesmente ele não me disse: não pense mais em mim? Traiu-se. Quer que eu me torture a procurar, não, porém, que eu vença. E, ao mesmo tempo, em vez de me chamar, banalmente: querida Paule, escreveu: Paule. — A voz enterneceu-se-lhe, quando ela pronunciou o próprio nome.

— Ele receou que o *querida* lhe parecesse hipocrisia.

— De jeito algum. Você bem sabe que, no amor, nos momentos mais enlouquecedores, não se diz senão o nome, sem acréscimos. Ele quis fazer-me ouvir sua voz na cama, compreende?

— Mas por quê?

— É sobre isso que venho interrogá-la — disse ela, olhando-me de modo acusador; desviou os olhos. — Nós não fazemos senão prejudicar-*nos*. É o cúmulo! Ele quer dizer que eu o atormento!

— Suponho que ele sofre por fazê-la sofrer.

— E pensará que esta carta me será agradável? Vamos! Vamos! Ele não é tão estúpido.

Houve um silêncio e perguntei:

— O que você acha?

— Não entendo. Não entendo nada. Não supunha que ele pudesse ser tão sádico. — Passou as mãos sobre as faces, esgotada. — Parecia-me que eu havia quase ganhado. Ele se tornara de novo confiante, amistoso; mais de uma vez senti a sua disposição para dizer-me que a provação estava terminada. E, depois, outro dia, tive que fazer uma manobra falsa.

— Que foi que se passou?

— Os jornalistas tinham anunciado seu casamento com Josette. Naturalmente não acreditei nisso, nem por um minuto. Como poderia casar com Josette, se a mulher dele sou eu? Isso fazia parte da provação, compreendi imediatamente. E ele veio confessar-me que se tratava de mentira.

— Sim?

— Estou lhe dizendo! Será que você também desconfia de mim?

— Eu disse: “Sim.” Não era uma pergunta.

— Você disse: Sim? Enfim, passemos adiante. Ele veio. Tentei explicar-lhe que já era tempo de ele terminar essa novela, que nada do que lhe acontece no mundo poderia atingir-me, que o amo com uma renúncia total. Não sei se fui inábil ou se ele é que anda louco. A cada palavra que eu dizia ele entendia uma diferente. Foi horrível...

Houve um longo silêncio. Perguntei, com prudência:

— Mas que está pensando que ele queira exatamente de você?

Ela me encarou com desconfiança:

— Afinal, qual é o seu jogo?

— Não faço jogo algum.

— Você me faz perguntas estúpidas.

Depois de um novo silêncio, ela prosseguiu:

— Você sabe perfeitamente o que ele quer. Quer que eu lhe dê tudo, sem nada pedir-lhe. É simples. O que não sei é se ele escreveu esta carta porque crê que eu ainda exija o seu amor, ou porque teme que lhe recuse o meu. No primeiro caso, é a novela que continua. No segundo...

— No segundo?

— É uma vingança — disse ela, sombriamente. De novo seu olhar pousou sobre mim, hesitante, desconfiado e, todavia, altivo: — Você precisa me ajudar.

— De que modo?

— Falando com Henri e convencendo-o.

— Mas, Paule, você bem sabe que Robert e eu acabamos de brigar com Henri.

— Sei — disse ela, vagamente. — Mas você se encontra com ele, apesar disso.

— É claro que não.

Ela hesitou.

— Admitamos. Em todo caso, você pode encontrar-se com ele: não irá atirá-la escada abaixo.

— Pensará que foi você que me mandou, e o que eu disser não pesará, absolutamente.

— Você é minha amiga?

— Evidentemente!

Lançou-me um olhar de pessoa vencida, o rosto relaxou-se-lhe, ela explodiu em lágrimas. E disse:

— Duvido de tudo isso.

— Paule, eu sou sua amiga.

— Então vá falar com ele. Diga-lhe que estou esgotada, que basta. Talvez eu tenha errado. Mas há muito tempo que ele me tortura. Diga-lhe que pare!

— Suponhamos que eu faça isso. Quando eu lhe repetir o que Henri me tiver dito, você acreditará em mim?

Ela se levantou, enxugou os olhos, arrumou o lenço de seda.

— Acreditarei em você, se me falar a verdade — disse, caminhando para a porta.

Eu sabia que era perfeitamente inútil falar com Henri. Quanto a Paule, qualquer conversa amistosa seria inútil de agora em diante. O necessário mesmo seria deitá-la em meu divã e atormentá-la. Felizmente, não nos é permitido tratar de alguém que conhecemos intimamente: eu ficaria com a impressão de haver cometido um abuso de confiança. Covardemente, aliviou-me o fato de que ela se negasse a atender ao telefone e que tivesse respondido a duas cartas minhas com um recado lacônico: “Desculpe-me. Preciso ficar só. Dou-lhe um aviso oportunamente.”

O inverno continuou a arrastar-se. Nadine andava muito instável, desde o seu rompimento com Lambert. Não via ninguém, com exceção de Vincent. Não fazia mais jornalismo, limitando-se a ocupar-se da *Vigilance*. Robert lia muito, levava-me sempre ao cinema e passava horas ouvindo música: pôs-se a comprar discos com entusiasmo. Quando nutre assim uma nova mania, é porque o trabalho não vai bem.

Certa manhã, quando fazíamos nossa primeira refeição, folheando os jornais, dei com um artigo de Lenoir. Era a primeira vez que ele escrevia num jornal comunista e nisso empregou um esforço sério. Todos os seus

antigos amigos eram difamados em regra. O menos maltratado: Robert. Em compensação, Lenoir investia contra Henri.

— Olhe isto — disse eu.

Robert leu; e repeliu o jornal:

— Deve-se confessar que Henri tem muito mérito em não tornar-se anticomunista.

— Não lhe disse que ele resistiria?

— O jornal ainda deve estar tendo tiragem — refletiu Robert. — Sente-se bem, pelos artigos de Samazelle, que ele gostaria de passar para a direita. Trarieux também, evidentemente; e Lambert é mais do que duvidoso.

— Oh! Henri está em maus lençóis — disse eu. Sorri: — No fundo a dele é quase a mesma situação sua: ambos estão mal diante de todo o mundo.

— Isso deve assustá-lo mais do que a mim.

Havia quase benevolência na voz de Robert. Tive a impressão de que seu rancor contra Henri começava a dissipar-se.

— Nunca chegarei a compreender por que ele brigou com você desse jeito. Tenho certeza de que hoje estará arrependido.

— Pensei nisso muitas vezes — disse Robert. — No começo, censurava-o por ter cuidado em excesso de si mesmo, no caso em questão. Agora, acho que ele não estava muito errado. No fundo, tínhamos que decidir sobre o que pode e o que deve ser o papel de um intelectual, no dia de hoje. Calar-se seria adotar uma solução muito pessimista. Na sua idade, é natural que ele tenha torcido o nariz.

— O paradoxo está em que Henri tinha muito menos disposição do que você para representar um papel político.

— Talvez tivesse compreendido que outras coisas estavam em pauta.

— Que coisas?

Robert hesitou.

— Quer descer até o fundo do meu pensamento?

— Claro que sim.

— Um intelectual não tem mais papel algum a representar.

— Como assim? Não pode escrever?

— Oh! Pode-se perder tempo enfiando palavras, como se enfiam pérolas, desde que se tome o cuidado de não dizer coisa alguma. Mas, assim mesmo, há perigo.

— Vamos lá... Você, em seu livro, defende a literatura.

— Espero que o que eu disse sobre o assunto venha a ser verdade, um dia. Por enquanto, creio que o melhor que temos a fazer é procurar que nos esqueçam.

— Não obstante, você não deixará de escrever. Ou deixará?

— Deixarei. Terminado este ensaio, não escreverei mais.

— Mas por quê?

— Por que é que escrevo? — perguntou Robert. — Porque o homem não vive só de pão e porque creio na necessidade deste supérfluo. Escrevo para salvar tudo o que a ação negligencia: as verdades do momento, o individual, o imediato. Até aqui, pensava que esse trabalho se integrasse no da revolução. Mas, não, incomoda-o. Atualmente, explora-se toda e qualquer literatura que vise a dar aos homens outra coisa além de pão, a fim de se demonstrar que eles podem muito bem viver sem pão.

— Você sempre evitou esse mal-entendido.

— Mas as coisas mudaram — disse Robert. — Você compreende — continuou —, hoje a revolução está nas mãos dos comunistas, e somente nas deles. Os valores que defendíamos não têm mais lugar. Serão talvez reencontrados, esperemos. Mas, se teimarmos em mantê-los neste momento, serviremos à contrarrevolução.

— Não, não quero acreditar nisso — disse eu. — O gosto da verdade, o respeito pelos indivíduos certamente não são nocivos.

— Se me neguei a falar dos campos de trabalho, foi porque a verdade me pareceu nociva.

— Era um caso particular.

— Um caso particular semelhante a centenas de outros. Não, ou se diz a verdade, ou não se diz. Se não se está decidido a dizê-la sempre, o que se tem a fazer é não se meter: o melhor é calar-se.

Encarei Robert:

— Sabe o que penso? Você continua a achar que era preciso guardar silêncio a respeito dos campos russos, mas isso lhe foi pesado, mesmo assim. Quanto aos sacrifícios, você é como eu: não gostamos disso, dá-nos remorsos. É para punir-se que você renunciou a escrever.

Robert sorriu:

— Digamos, antes, que, sacrificando certas coisas, em linhas gerais, aquilo que você chamava meus deveres de intelectual, tomei consciência

da vaidade nisso. Lembra-se da ceia de Natal de 1944? — perguntou ele. — Dizia-se que talvez chegasse um momento em que a literatura perdesse os seus direitos. Pois bem, chegamos a essa situação! Leitores não faltam. Mas os livros que eu poderia oferecer-lhes seriam ou nocivos ou insignificantes.

Hesitei:

— Há alguma coisa de errado nisso.

— O quê?

— Se os antigos valores lhe parecessem tão inúteis, você marcharia com os comunistas.

Robert abanou a cabeça:

— Tem razão. Algo está errado. E vou dizer-lhe o que é: estou muito velho.

— Que é que sua idade tem a ver com isso?

— Noto que muitas coisas a que me apeguei perderam a atualidade. Sou levado a desejar um futuro bem diferente do que imaginava. Apenas, não posso transformar-me; então não vejo lugar para mim nesse futuro.

— Em outras palavras, você deseja a vitória do comunismo, embora sabendo que não poderia viver num mundo comunista?

— É mais ou menos isso. Voltarei a falar-lhe do assunto — acrescentou ele. — Vou escrever a respeito: será a conclusão de meu livro.

— Sendo assim, quando o livro estiver acabado, que fará você? — perguntei.

— Farei o que todos fazem. Há dois bilhões e meio de homens que não escrevem.

Não quis inquietar-me em demasia. Robert tinha que fazer face ao malogro do SRL, estava em apuros, restabelecia-se. Mas confesso que essa ideia não me aprazia: fazer o que todos fazem. Comer para viver, viver para comer, tal tinha sido o pesadelo de minha adolescência. Se fosse para retornar àquele estado, era preferível abrir o gás imediatamente. Mas suponho que todo o mundo pense também assim: abramos o gás imediatamente; e não se abre.

Senti-me deprimida nos dias seguintes e não tinha vontade de ver ninguém. Fiquei admirada, quando, certa manhã, um entregador pôs em meus braços um enorme buquê de rosas vermelhas. Alfinetada ao papel transparente, havia uma pequena carta de Paule:

“Lux! O mal-entendido está dissipado! Estou feliz, envio-lhe rosas. Esta tarde, em minha casa.”

Eu disse a Robert:

— Isto não está melhorando.

— Não existe algum mal-entendido?

— Nada.

Ele me repetiu o que já me dissera diversas vezes:

— Você deveria era levá-la ao dr. Mardrus.

— Não será fácil convencê-la.

Eu não a tratava como médica. Mas também não era sua amiga, quando lhe subia a escada com mentiras à flor dos lábios e um olhar profissional escondido no fundo dos olhos. O sorriso que abri como engodo, ao bater à porta, parecia-me uma traição. Disso ainda fiquei mais envergonhada porque, ao me receber, Paule teve um gesto raro: beijou-me. Vestia um dos vestidos longos antigos, tinha presa aos cabelos soltos uma rosa vermelha, outra do lado do coração. O estúdio estava cheio de flores.

— Como você foi gentil em vir! — exclamou Paule. — É sempre gentil. Eu, na verdade, não mereço tanto. Fui repugnante com você. Estava inteiramente desnorteada — acrescentou, como se desculpando.

— Eu é que devo agradecer-lhe: Você me enviou rosas magníficas.

— Ah! É um grande dia! — disse Paule. — Fiz questão de que você participasse da festa. — Ela me sorriu, com expressão feliz: — Espero Henri a qualquer hora: tudo recomeça.

Tudo recomeçava? Eu duvidava, e muito. Antes supus que Henri tivesse decidido visitá-la por caridade. Em todo caso, não queria vê-lo. Dei um passo em direção à porta:

— Eu lhe disse que estávamos brigados com Henri, que ficará furioso de me ver aqui. Voltarei amanhã.

— Por favor! — disse Paule.

Havia tal pânico em seus olhos, que joguei a bolsa e as luvas sobre o divã. Tanto pior, ficaria. Paule dirigiu-se à cozinha, fazendo-o em grandes passadas macias, e voltou com duas taças e uma garrafa de champanhe numa bandeja.

— Vamos beber ao futuro.

A rolha saltou, nossas taças se tocaram.

— Que aconteceu? — perguntei.

— É preciso que eu seja realmente estúpida — respondeu Paule, alegremente. — Desde muito tempo tenho em mãos todos os indícios. E foi somente esta noite que as peças foram encaixadas. Eu não dormia, mas tinha os olhos fechados. E, de súbito, vi, tão claramente como num cartão-postal, o grande tanque do castelo de Belzunce. Logo de madrugada, enviei um cartão a Henri.

Olhei-a com inquietação. Sim, tinha feito bem de ficar. A coisa não andava melhor, não andava de jeito algum.

— Você não compreende? É tolice, tanto quanto uma peça de *vaudeville*! Henri está com ciúmes. — Ela riu com verdadeira alegria: — Parece inconcebível, não?

— Bastante.

— Pois bem, é a verdade. Ele brinca sadicamente de torturar-me. E, agora, sei por quê. — Ela fixou a rosa vermelha aos seus cabelos: — Quando ele, bruscamente, declarou que não devíamos mais dormir juntos, acreditei que o houvesse feito por delicadeza moral. Eu me enganava completamente. Ele, na verdade, imaginava que eu tivesse ficado fria, e isto o feriu horivelmente em seu amor-próprio. Não protestei com suficiente convicção, o que o irritou mais ainda. Nesse momento, comecei a sair, a vestir-me bem, e ele se zangou. Despedi-me alegremente, mas alegremente demais para o gosto dele. E, uma vez, na Borgonha, acumulei gafes monumentais. Juro-lhe que não o fiz de propósito.

Nesse instante, bateram suavemente à porta. Paule me olhou com tal fisionomia, que me levantei para ir abrir. Era uma mulher, com um cesto à mão.

— Perdão, desculpe — disse ela. — Não acho a zeladora do prédio. É para castrar um gato.

— A clínica fica no andar térreo — disse eu. — A porta à esquerda...

Fechei de novo e meu riso gelou, quando deparei com o olhar perplexo de Paule.

— Que significa isso? — perguntou ela.

— Que a zeladora do prédio não estava lá — respondi, alegremente. — Acontece...

— Mas por que foi aqui que ela bateu?

— Acaso. Teria que bater em algum lugar.

— Acaso? — disse Paule.

Sorri de maneira sedutora:

— Você me falava sobre suas férias. Que fez para magoar Henri?

— Ah! Sim. — Não havia mais animação alguma em sua voz. — Pois bem, enviei-lhe o primeiro cartão-postal. Falava-lhe de minhas ocupações e escrevi esta frase infeliz: “Faço longos passeios por esta região, que, dizem, parece-se muito comigo...” Evidentemente, ele pensou logo que eu tivesse um amante.

— Não entendo...

— *Dizem* — falou Paule com impaciência. — O *dizem* era suspeito. Quando alguém compara uma mulher a uma paisagem, geralmente esse alguém é amante dela. E, ainda sobre isso, mandei-lhe para Veneza outro cartão, representando o parque de Belzunce, com um lago ao centro.

— E daí?

— Você mesma me ensinou que as fontes, as represas rasas, os lagos são um símbolo psicanalítico. Henri compreendeu que eu lhe esfregava na cara: arranjei um amante. Ele com certeza soube que Louis Volange estava lá: Você não notou, à ceia do ensaio geral, o olhar com que ele me fulminou, quando eu conversava com Volange? Está claro como dois e dois são quatro. Tudo se encadeia, a partir de então.

— Foi isso o que você lhe disse, em seu recado?

— Sim. Agora ele sabe tudo.

— Respondeu a você?

— Por que iria fazê-lo? Virá até aqui, sabe muito bem que eu o espero.

Fiquei silenciosa. No fundo, Paule sabia que Henri não viria. Por isso suplicou-me que ficasse. Em um dado momento, precisaria confessar que ele não tinha vindo, e então desmoronaria. Minha única esperança era que Henri tivesse compreendido que ela estava enlouquecendo e que, por piedade, passasse por ali para vê-la. Enquanto isso, eu não achava nada que fazer. Ela olhava a porta com uma fixação que já me era insuportável. O odor das rosas assemelhava-se a um odor mortuário.

— Continua trabalhando? — perguntei.

— Sim.

— Prometeu-me mostrar alguma coisa — prossegui, tocada por uma inspiração súbita. — E nunca o fez.

— Isso a interessa de fato?

— Claro que sim.

Ela se dirigiu para a sua escrivaninha, de onde tirou um maço de papéis azuis, preenchidos com letra redonda. Pousou-o sobre os meus joelhos. Ela sempre cometera erros de ortografia; nunca, porém, em tão grande número. Percorri uma folha, o que encobria meu embaraço. Mas Paule continuava olhando a porta.

— Leio-a muito mal — disse eu. — Você se importaria de ler em voz alta?

— Como quiser.

Acendi um cigarro. Pelo menos, enquanto ela lia, eu sabia o tipo de sons que se lhe formavam na garganta. Não esperava grande coisa, mas assim mesmo fiquei surpresa, era aterrador. No meio de uma frase, tocaram a campainha embaixo. Paule se levantou:

— Veja! — exclamou ela, com expressão triunfante. Apertou o botão que abre a porta. Ficou de pé, uma expressão de êxtase estampada no rosto.

— Telegrama.

— Obrigada.

O homem fechou a porta e ela me entregou o papel azul:

— Abra-o, leia-o para mim.

Ela se havia sentado no divã. As maçãs do rosto e os lábios ganharam um tom violáceo.

“Paule. Nunca houve mal-entendido algum. Seremos amigos, quando você tiver admitido que nosso amor morreu. Enquanto isso, não me escreva mais. Até mais tarde.”

Ela caiu ao comprido e com tanta violência que, na lareira, uma rosa se desfolhou. Gemeu:

— Não compreendo, não compreendo mais nada. — Soluçava, o rosto escondido nas almofadas. Eu lhe lançava palavras vazias de sentido, apenas para ouvir o som de minha voz:

— Você vai superar, é preciso superar. O amor não é tudo... — Sabendo bem que, em seu lugar, eu não quereria jamais superar, jamais enterrar meu amor com as próprias mãos.

* * *

Eu voltava de Saint-Martin, onde havia passado o fim de semana, quando recebi o recado escrito dela: “O jantar será servido amanhã, às oito horas.” Tirei o fone do gancho. A voz de Paule pareceu-me gelada:

— Ah! É você? De que se trata?

— Eu queria justamente dizer-lhe que está combinado para amanhã à noite.

— Naturalmente, está combinado — disse ela, e desligou.

Eu aguardava uma noite difícil, e, não obstante, quando Paule me abriu a porta, senti um choque. Nunca lhe tinha visto o rosto sem maquilagem. Ela vestia uma saia velha, um velho pulôver cinzento e tinha os cabelos puxados para trás e terminando num coque malfeito. Sobre a mesa retrátil, que, aumentada, se estendia de uma a outra parede do estúdio, dispusera doze pratos e igual número de copos. Estendendo-me a mão, disse-me com uma careta:

— Você veio apresentar-me condolências ou felicitações?

— A propósito de quê?

— De meu rompimento com meu amante.

Não respondi, e ela perguntou, designando, com desdém, o corredor deserto:

— Onde estão eles?

— Quem?

— Os outros.

— Que outros?

— Ah! Eu estava pensando que vocês fossem muito mais numerosos — disse ela, com uma voz incerta, fechando a porta. Deu uma olhadela na direção da mesa: — Que você quer comer?

— Qualquer coisa. O que você tiver.

— É que não tenho nada, salvo, talvez, macarrão.

— De qualquer maneira, não estou com fome — disse eu solicitamente.

— Posso oferecer-lhe macarrão, sem prejudicar ninguém — disse ela, com uma voz insinuante.

— Na verdade, não. Acontece muitas vezes de eu não jantar.

Sentei-me. Não conseguia desviar o olhar daquela mesa de banquete. Paule também se havia sentado, encarava-me silenciosamente. Eu já tinha visto em seus olhos a censura, a suspeita, a impaciência. Hoje, todavia, não havia engano: preto, frio, duro, era o ódio. Falei, com esforço:

— A quem você esperava? — perguntei.

— Esperava todos vocês. — Ela encolheu os ombros: — Certamente me esqueci de enviar os convites.

— Todos? A quem você se refere? — perguntei.

— Você bem sabe — respondeu ela. — Você, Henri, Volange, Claudie, Lucie, Robert, Nadine: toda a coalizão.

— Uma coalizão?

— Não banque a inocente — disse ela, a voz dura. — Vocês todos integraram uma coalizão. Queria fazer-lhes, esta noite, a seguinte pergunta: com que fim agiram? Se foi para o meu bem, agradecerei a todos e partirei para a África, a cuidar dos leprosos. Do contrário, só me resta a vingança. — Ela me olhou fixamente: — Terei que vingar-me, primeiro, daqueles que me foram os mais queridos. É preciso, pois, que eu me decida sobre uma base inquestionável. — Havia-lhe na voz um arrebatamento tão sombrio, que eu olhava de soslaio a bolsa que ela havia colocado sobre os joelhos e cujo zíper manobrava nervosamente. De súbito, tudo se havia tornado possível. Esse estúdio vermelho... que belo cenário para um assassinato! Decidi contra-atacar:

— Ouça, Paule, você parece muito fatigada ultimamente. Dá um jantar e se esquece de convidar as pessoas, e se esquece de preparar a refeição. Agora, surpreendo-a a construir um delírio de perseguição. É necessário que procure um médico imediatamente. Vou marcar para você uma consulta com Mardrus.

Por um instante, ela pareceu confusa:

— Tenho dores de cabeça — disse —, mas isto é secundário. Preciso, antes de tudo, esclarecer as coisas. — Refletiu: — Sei que tenho um temperamento que me leva a interpretar tudo. Mas um fato é um fato.

— Onde estão os fatos?

— Por que Claudie postou sua última carta na rua Singer? Por quê? Por que, na casa de frente, havia um macaco fazendo trejeitos para mim? Por que, quando eu disse que não sabia abrir a casa, você me respondeu: “Ao contrário”? Vocês me acusam de haver imitado Henri, tentando escrever, de haver imitado Claudie, os vestidos dela, sua vida mundana. Censuram-me por haver aceitado o dinheiro de Henri e de desprezar os pobres. Uniram-se para convencer-me de minha abjeção. — De novo ela fixou sobre mim um olhar ameaçador: — Isso para salvar-me ou para destruir-me?

— O que você chama fatos são acasos, que não significam nada — disse eu.

— Vamos, vamos, não são nuvens que se encontram! Não negue — acrescentou ela, com impaciência. — Responda-me francamente, ou nunca sairemos disso.

— Ninguém jamais pensou em destruir você. Ouça, por que haveria eu de querer-lhe mal? Somos amigas.

— É o que eu dizia a mim mesma antigamente — revelou Paule. — Assim que eu via você, deixava de acreditar em minhas suspeitas: era como um encanto. — Ela se levantou bruscamente, a voz mudou-lhe: — Recebo-a muito mal — disse. — Devo ter um resto de vinho do porto em algum lugar. — Foi procurá-lo, encheu dois copos e forçou um sorriso:

— Como vai Nadine?

— Assim, assim. Desde o rompimento com Lambert, anda abatida.

— Quem é o amante dela?

— Acredito que, neste momento, ninguém.

— Nadine? Confesse que é de estranhar — disse Paule.

— Nem tanto assim.

— Ela não sai frequentemente com Henri?

— Eu já lhe disse que estamos brigados.

— Ah! Esquecia-me desta história de briga! — disse Paule, com uma espécie de riso. Cessou o riso: — Não sou idiota, você sabe.

— Ora, você leu as cartas de Henri e de Robert em *L'Espoir*.

— Li-as no número do jornal que tive em mãos, sim.

Encarei-a:

— Quer dizer que esse número foi feito de propósito?

— Mas é evidente! — respondeu Paule, que, encolhendo os ombros, acrescentou: — Isso para Henri foi uma brincadeira de criança.

Silenciei. Discutir não teria o mínimo sentido. Ela atacou de novo:

— Assim, segundo você, Nadine não se encontra mais com Henri?

— Não.

— Ela nunca o amou, não?

— Nunca.

— Por que foi com ele a Portugal?

— Você bem sabe: ter um caso com ele a divertiria. E, sobretudo, ela tinha vontade de viajar.

Minha impressão era a de estar sendo submetida a um interrogatório de polícia. De um momento para outro, saltariam sobre mim. Iam moer-me

de pancadas.

— E você a deixou ir, assim...

— A partir da morte de Diego, deixei-a livre, sempre.

— Você é uma mulher engraçada — disse Paule. — Fala-se muito de mim; não se fala, suficientemente, de você. — Encheu de novo o meu copo: — Acabe esse vinho.

— Obrigada.

Eu não percebia onde ela queria chegar, mas achava-me cada vez mais indisposta. Que teria Paule, exatamente, contra mim?

— Há muito tempo que você não faz amor com Robert, não é? — perguntou ela.

— Muito tempo.

— E você nunca teve amantes?

— Aconteceu... Casos sem importância.

— Casos sem importância — repetiu Paule, lentamente. — E você tem, no momento, um desses casos sem importância?

Não sei bem por que me senti obrigada a responder, como se esperasse que a verdade tivesse o poder de desarmar-lhe a loucura:

— Tenho na América um caso muito importante. Com um escritor: chama-se Lewis Brogan...

Estava pronta a contar-lhe tudo. Ela, porém, me deteve:

— Oh! A América é longe. Falo da França.

— Amo esse americano — disse eu. — Voltarei a vê-lo em maio. Qualquer outro caso está fora de cogitações.

— E o que Henri diz a esse respeito? — perguntou ela.

— Que tem Henri a ver com o assunto?

Paule se levantou:

— Vamos, abandone esse jogo. Você sabe muito bem que estou a par: Você anda fazendo amor com Henri. O que quero é que me diga quando isso começou.

— Ora, foi Nadine quem andou com ele. Não eu.

— Você a atirou aos braços de Henri, para prendê-lo. Compreendi isso há muito tempo — disse Paule. — Você é bem forte; mesmo assim, tem cometido erros.

Paule havia posto a mão em sua bolsa e continuava a brincar com o zíper. Eu não podia mais afastar o olhar de suas mãos. Levantei-me também.

— Se você pensa assim, é melhor que eu vá embora.

— Adivinhei a verdade naquela noite de maio de 1945, quando vocês fingiram haver-se perdido no meio da multidão. Depois, supus que estivesse delirando: como fui idiota!

— Você delirava — disse eu. — Você delira.

Paule encostou-se à porta:

— Acabemos com isso — disse. — Vocês montaram essa novela para se livrarem de mim, ou me ajudar?

— Procure um médico: Mardrus ou outro. Qualquer um. Mas vá vê-lo e conte-lhe tudo. Ele lhe dirá que você está em pleno delírio.

— Você se nega a ajudar-me? — perguntou Paule. — Oh! Eu esperava por isso. Pouco importa. Acabarei, felizmente, por ver as coisas com clareza, sem seu auxílio.

— Não posso auxiliá-la, você se recusa a acreditar em mim. — Durante um momento que me pareceu interminável, ela mergulhou o seu olhar no meu:

— Quer retirar-se? Eles a estão esperando?

— Ninguém está me esperando. Mas não adianta nada eu ficar.

Paule se afastou da porta:

— Retire-se. Você pode repetir-lhes tudo: nada tenho a esconder.

— Creia-me, Paule — disse eu, estendendo-lhe a mão —, você está doente, precisa cuidar-se.

Ela me estendeu a sua:

— Obrigada pela visita. Até logo.

— Até logo.

Desci a escada tão depressa quanto me foi possível.

No dia seguinte, depois do almoço, estávamos tomando café, quando tocaram a campainha. Era Claudie.

— Desculpem-me. É incorreto de minha parte ter vindo assim, inesperadamente. — Sua voz estava agitada e enfática — Venho vê-los por causa de Paule. Minha impressão é a de que algo está errado.

— Que aconteceu?

— Ela devia almoçar em minha casa. À uma e meia não estava lá. Telefonei, e respondeu-me com uma grande gargalhada. Eu lhe disse que já íamos sentar-nos à mesa. E ela gritou: “Sentem-se à mesa! Sentem-se à mesa!”, rindo como uma histérica.

Uma alegre apreensão fazia brilhar os olhos grandes de Claudie. Levantei-me:

— É necessário passar pela casa dela.

— Eu havia pensado nisso. Não ousava, porém, ir até lá sozinha — disse Claudie.

— Vamos juntas!

O carro de Claudie nos deixou, dois minutos depois, em frente à casa de Paule. Hoje, o familiar letreiro QUARTOS MOBILIADOS parecia carregado de um sentido sinistro. Toquei a campainha. A porta não se abriu. Mais uma vez, toquei longamente. Um passo martelou os ladrilhos e Paule apareceu. Tinha os cabelos escondidos sob um xale cor de violeta. Pôs-se a rir:

— Vocês são só duas? — Segurava a porta entreaberta e examinava-nos com olhos malignos. — Não preciso mais de vocês. Obrigada.

Fechou brutalmente a porta e ouvi-a gritar muito alto, enquanto se afastava:

— Que palhaçada!

Ficamos as duas em pé, sobre a calçada.

— Julgo necessário prevenir a família — disse Claudie, cujos olhos já não brilhavam: — Num caso assim, é o melhor que se tem a fazer.

— Sim, ela tem uma irmã. — Hesitei: — Mas vou tentar falar-lhe.

Desta vez apertei o primeiro botão e a porta se abriu automaticamente. A zeladora me deteve a passagem. Era uma mulherzinha franzina e discreta, que cuidava do apartamento de Paule havia muito tempo:

— A senhora vai ver a srta. Mareuil?

— Sim, ela não parece bem.

— Justamente, eu andava aborrecida — disse a zeladora. — Faz pelo menos cinco dias que não come absolutamente nada, e os locatários de baixo disseram-me que, durante toda a noite, anda de um lado para outro. Quando lhe arrumo o apartamento, está sempre resmungando coisas em voz alta: eu já me habituei a isso; mas, nestes últimos tempos, tornou-se totalmente esquisita.

— Vou procurar fazer com que descanse.

Subi a escada. Claudie subiu atrás de mim. Estava escuro no último patamar. Alguma coisa lampejava na obscuridade: uma grande folha branca, fixada com pregos sobre a porta. Em letras impressas, estava escrito o seguinte no papel: “O macaco vulgar.” Bati, em vão.

— Que horror! — exclamou Claudie. — Ela morreu.

Colei o olho ao buraco da fechadura. Paule se achava de joelhos, diante da lareira. Ao seu redor, viam-se maços de papel, que ela ia atirando ao fogo. Bati novamente, com violência:

— Abra, ou arrombo a porta!

Ela se levantou, abriu a porta, pôs as mãos atrás das costas.

— Que querem comigo?

De novo se ajoelhou diante do fogo. Lágrimas rolavam-lhe sobre as faces. Do nariz escorria-lhe catarro. Ela atirava seus manuscritos às chamas. Cartas também. Pousei a mão sobre o seu ombro. Paule se sacudiu com horror:

— Deixe-me.

— Paule, você vai comigo ao médico, imediatamente. Está ficando louca.

— Saia. Sei que me odeia. E eu também a odeio. Saia.

Levantou-se e pôs-se a gritar:

— Saiam.

Daí a pouco, iria berrar. Andei em direção à porta e saí com Claudie. Esta telegrafou à irmã de Paule. Eu telefonei a Mardrus, pedindo-lhe um conselho, e enviei um recado a Henri. À noite, durante o jantar, um toque de campainha nos sobressaltou. Nadine pulou em direção à porta de entrada; era um rapazinho, que me estendeu um pedaço de papel:

— Da parte da srta. Mareuil. Sou sobrinho da zeladora — disse ele. Li em voz alta:

— “Não a odeio. Espero-a. Venha imediatamente.”

— Você não irá lá — disse Nadine.

— Claro que irei.

— Não adiantará nada.

— A gente nunca sabe.

— Mas Paule está perigosa — disse Nadine. — Bom — acrescentou —, se você for, irei junto.

— Quem irá sou eu — interveio Robert. — Nadine tem razão, é melhor que sejam duas pessoas a irem.

Protestei fracamente:

— Paule achará estranho.

— Há tantas coisas que lhe parecem estranhas! — disse Robert.

Na verdade, quando de novo me encontrei diante daquela casa demente, quando mais uma vez subi a escada de tapete arreventado, fiquei muito contente de ter Robert em minha companhia. O papel não estava mais afixado à porta. Paule não nos estendeu a mão, mas seu rosto era franco. Fez um gesto cerimonioso:

— Tenham a bondade de entrar.

Retive uma exclamação: todos os espelhos estavam quebrados e os tapetes cheios de lascas de vidro. Um cheiro acre de tecidos queimados enchia o ambiente:

— Eu queria — disse Paule com voz solene — agradecer-lhes. — Designou-nos os lugares de sentar: — Quero agradecer a todos; porque agora compreendi.

Sua voz parecia sincera. Mas o sorriso que ela nos endereçava torcia-lhe os lábios, como se ela já não fosse mais capaz de governá-los.

— Você não tem coisa alguma a agradecer-me — disse eu. — Nada fiz.

— Não minta. Vocês agiram para o meu bem, admito-o. Mas não devem mais mentir-me. — Ela me sondou: — Foi para o meu bem, não foi?

— Sim — respondi.

— Sim, sei disso. Mereci esta provação, e vocês estavam certos em infligirem-na a mim. Agradeço-lhes por me haverem posto diante de mim mesma. Agora, porém, preciso de um conselho: devo tomar ácido prússico ou tentar redimir-me?

— Nada de ácido prússico — disse Robert.

— Bom. Então, como vou viver?

— Antes de mais nada, você vai tomar um calmante e dormir — disse eu. — Já não se aguenta de pé.

— Não quero mais ocupar-me de mim — disse ela com violência. — Pensei demasiadamente em mim, não me dê maus conselhos.

Deixou-se cair sobre uma cadeira. Só havia que esperar: de um momento para outro ela desabaria, e eu a poria na cama com dois comprimidos. Olhei ao meu redor. Teria ela de fato ácido prússico ao seu alcance? Eu me recordava de que, em 1940, Paule me havia mostrado um frasquinho marrom, explicando-me que arranjava veneno, “pelo sim, pelo não”. Talvez o frasco estivesse na bolsa dela. Não ousei tocar nessa bolsa. Meu olhar se voltou para ela. O maxilar inferior pendia-lhe, todos os seus traços estavam abatidos. Eu vira muitas fisionomias nesse estado. Mas

Paule não era uma enferma, era Paule. Doía-me vê-la assim. Ela fez um esforço:

— Quero trabalhar. Quero reembolsar Henri. E não quero mais que os pobres me insultem.

— Acharemos trabalho para você — disse Robert.

— Pensei em ser empregada doméstica. Mas seria fazer uma concorrência injusta. Quais as ocupações em que não se faz concorrência a ninguém?

Robert disse:

— Acharemos.

Paule passou a mão sobre a testa:

— Tudo é tão difícil! Há pouco, eu havia começado a queimar os meus vestidos. Não tenho, porém, o direito de fazer isso. — Ela me olhou: — Se eu os vender aos catadores de lixo, pensa que eles deixarão de me detestar?

— Não detestam você.

Bruscamente, ela se ergueu, andou para a lareira e apanhou um monte de roupas: os vestidos de seda lustrosa, o *tailleur* de *fil-à-fil* cinzento não eram mais do que trapos estraçalhados:

— Vou distribuí-los imediatamente. Desçamos todos, juntos.

— É muito tarde — ponderou Robert.

— O café dos pobres fica aberto até muito tarde.

Paule pôs um casaco sobre os ombros: como impedi-la de descer? Troquei com Robert um olhar que sem dúvida foi surpreendido por ela:

— Sim, é uma comédia — disse, com voz cansada. — Agora, imito-me a mim mesma. — Tirou o casaco, jogou-o sobre uma cadeira: — Também isto é comédia; vi-me, jogando o casaco. — Enterrou os punhos cerrados nos olhos: — Não paro de me ver!

Enchi um copo com água, na qual dissolvi um comprimido:

— Beba isto — disse-lhe eu. — E deite-se.

O olhar de Paule vacilou, ela caiu em meus braços:

— Estou doente! Estou tão doente!

— Sim, mas vai tratar-se e vai sarar — disse eu.

— Tratem de mim, é preciso que tratem de mim.

Ela tremia. Lágrimas desciam-lhe pelas faces. Estava tão febril e úmida, que parecia a ponto de fundir-se, deixando em seu lugar uma poça de

piche, negra como seus olhos.

— Amanhã, levo-a a uma clínica — disse eu. — Enquanto isso, beba.

Ela pegou o copo:

— Isto me fará dormir?

— Seguramente.

Esvaziou o copo de um só trago.

— Agora suba e vá deitar-se.

— Eu subo — disse ela, docilmente.

Acompanhei-a. Enquanto ela estava no banheiro, abri a bolsa fechada a zíper: no fundo estava um frasquinho castanho, que enfiei no bolso.

Na manhã seguinte, Paule me acompanhou docilmente até a clínica, e Mardrus me prometeu que ela sararia: era questão de algumas semanas, ou meses. Sararia. Entretanto, perguntei a mim mesma, intranquila, quando me achei novamente na rua: “De que exatamente irão curá-la? Quem será ela, depois?” Oh! Fácil, em suma, a previsão. Ela seria como eu, como milhões de outras: uma mulher aguardando a morte, sem saber por que vive.

* * *

E eis que o mês de maio acabou chegando. Lá, em Chicago, eu iria rever-me na pele de uma mulher que ama e é amada: isso não me parecia verossímil. Sentada no avião, ainda não acreditava nisso. Era um velho aparelho vindo de Atenas e que voava muito baixo. Estava cheio de comerciantes gregos, que iam procurar fortuna na América. Eu não sabia o que ia procurar lá. Nenhuma imagem viva no meu coração, nenhum desejo no meu corpo. Não era essa viajante enluvada que Lewis aguardava: eu não era aguardada por ninguém. Quando o avião deu meia-volta sobre o oceano, pensei: “Eu sabia; jamais o verei de novo.” Um motor havia parado. Voltamos a Shannon. Passei dois dias à margem de um fiorde, numa imitação de aldeia, integrada por casas infantis. À noite tomava uísque irlandês, de dia passeava sobre uma planície verde e cinzenta; melancólica, como se deseja. Quando aterrissamos nos Açores, um pneu estourou e encerraram-nos durante 24 horas num saguão guarnecido de tecido. Depois de Gander, o avião foi envolvido por uma tormenta, e a fim de escapar-lhe, o piloto voou para a Nova Escócia. Eu tinha a impressão de que o resto de minha vida iria passar-se a gravitar em torno da Terra, eu a

comer frango frio. Sobrevoamos um golfo de água escura, que o feixe de luz de um farol varria. De novo o avião pousou: mais uma esplanada, um saguão. Sim, eu estava condenada a errar sem fim de esplanada em esplanada, com a cabeça cheia de barulho e uma mala azul a meus pés.

De súbito o avistei: Lewis. Havíamos combinado que ele me esperaria em casa. Mas ele ali estava, por entre a multidão que espreitava a porta da alfândega. Usava colarinho duro e óculos de armação dourada. Estava excêntrico. Mas o mais excêntrico é que eu o tinha visto e nada sentia. Todo um ano de expectativa, essas queixas, esses remorsos, essa viagem longa... E iria talvez constatar que não o amava mais. E ele? Amar-me-ia ainda? Gostaria de correr ao seu encontro. Mas os funcionários da alfândega não terminavam. As pequenas mercadoras gregas tinham as malas cheias de rendas, e eles examinavam com perícia uma por uma, gracejando. Quando, finalmente, me liberaram, Lewis não estava mais lá. Tomei um táxi e quis dar seu endereço ao motorista: já não me lembrava do número. Meus ouvidos zumbiam e aquele ruído na cabeça não parava mais. Afinal, encontrei-o. Era o 1.211. O táxi deu a partida. Uma avenida, outra, anúncios luminosos de néon, mais anúncios de néon. Nunca eu me teria orientado nesta cidade, mas, mesmo assim, parecia-me que o trajeto não deveria ser tão longo. Talvez o motorista me levasse para o fundo de um beco sem saída e me matasse de pancadas. Na disposição de espírito em que me encontrava, isto me teria parecido mais normal do que rever Lewis. O motorista virou-se e disse:

— O 1.211 não existe.

— Existe, sim; conheço bem a casa.

— Pode ser que tenham alterado os números. Vamos percorrer de novo a avenida, em sentido contrário.

Pôs o carro a rodar, em marcha lenta, ao longo da calçada. Parecia-me que eu estava reconhecendo os cruzamentos, os terrenos vazios, os trilhos: mas trilhos, terrenos vazios, todos se parecem. Um pequeno lago, um viaduto, pareciam-me familiares. Poderia se dizer que as coisas ainda estavam onde tinham estado, mas mudados os lugares. “Que loucura!”, pensei. A gente parte e diz: “Voltarei”; porque partir para sempre é duro demais. Entretanto, está-se mentindo: não se volta. Passa-se um ano, passa-se muita coisa, nada permanece igual ao que era. Lewis estava hoje de colarinho duro; vi-o, sem que meu coração batesse com mais rapidez; a

casa dele tinha-se evaporado. Sacudi-me: “Só tenho de telefonar”, disse a mim mesma. “Qual é o número?” Havia-o esquecido. Repentinamente, vi um letreiro vermelho: SCHILTZ, e também caras apatetadas, que, rindo, encimavam um cartaz. Gritei:

— Pare! Pare! É aqui.

— É o 1.112 — disse o motorista.

— Mil, cento e doze; isso mesmo!

Saltei do táxi e percebi uma silhueta debruçada, destacando-se no recorte luminoso de uma janela. Ele esperava, esperava-me, acorria, era bem ele mesmo. Não usava colarinho duro, nem óculos, mas, na cabeça, tinha um boné de beisebol. E seus braços me sufocavam:

— Anne!

— Lewis!

— Finalmente! Esperei tanto! Como demorou!

— Sim, demorou, demorou muito!

Sei que ele não me carregou e não me recorde de ter-me servido de minhas pernas para subir a escada. Entretanto, eis que nos abraçávamos no meio da cozinha amarela: o fogão, o linóleo, a coberta mexicana, todas as coisas lá estavam, nos seus lugares. Balbuciei:

— Que é que você faz com esse boné?

— Não sei. Ele estava aí. — Arrancou-o e jogou-o sobre a mesa.

— Vi o seu sócia no aeroporto: usa óculos e colarinho duro, postiço. Meteu-me medo: pensei que fosse você e não senti nada.

— Eu também tive medo. Faz uma hora, dois homens passaram sob a janela, trazendo uma mulher morta ou desmaiada; pensei que fosse você.

— Agora, sim, sou eu, é você...

Lewis apertou-me com muita força e, depois, diminuindo o vigor de seu abraço, disse:

— Você está cansada? Tem sede? Fome?

— Não.

Colei-me novamente a ele; meus lábios estavam tão pesados, tão entorpecidos, que não mais deixavam passar as palavras. Apoiei-os sobre sua boca. Ele me deitou na cama:

— Anne, todas as noites esperei por você.

Fechei os olhos. Novamente um corpo masculino pesava sobre mim, repleto de toda a sua confiança e de todo o seu desejo. Era Lewis. Ele não

mudara, nem eu, nem nosso amor. Eu tinha partido, mas voltara: tornara a encontrar meu lugar e estava liberta de mim mesma.

Passamos o dia seguinte fazendo malas e nos amando. Foi uma longa jornada, que durou até a manhã do outro dia. No trem dormimos, de rostos unidos. Mal despertei, avistei junto ao cais do rio Ohio o barco munido de uma enorme roda do qual Lewis me havia falado em suas cartas; tinha pensado tanto nele, sem poder crer na sua existência, que, no momento, quase não acreditava no que meus olhos viam. Era, entretanto, bem real, subi nele. Enternecida, olhei nossa cabine. Em Chicago, morava com Lewis; aqui, a cabine era nossa, pertencia-nos a ambos: éramos, portanto, realmente, um casal. Sim. Agora eu sabia: pode-se voltar e eu voltaria todos os anos; em cada ano nosso amor teria de atravessar uma noite mais comprida do que a noite polar: mas um dia a felicidade se levantaria para não mais se deitar durante três ou quatro meses. Do fundo da noite esperaríamos por este dia, esperaríamos juntos, a ausência não mais nos separaria: estávamos unidos para sempre.

— Vamos partir: Venha depressa! — disse Lewis.

Ele subiu correndo a escada e eu o segui; debruçou-se na balaustrada, a cabeça girava-lhe em todas as direções:

— Olhe como é bonito: o céu e a terra a se misturarem na água.

As luzes de Cincinnati brilhavam sob um grande céu pontilhado de estrelas, e nós deslizávamos sobre chamas. Sentamo-nos e ficamos longo tempo a olhar os anúncios de néon, empalidecendo e desaparecendo. Lewis apertou-me contra si:

— E dizer que eu nunca tinha acreditado em tudo isto!

— Em tudo o quê?

— Amar e ser amado.

— Em que acreditava você?

— Num quarto permanente, refeições regulares, mulheres ocasionais: a segurança. Pensava que não devia pedir mais. Pensava que todo mundo é sozinho, sempre. E ei-la, aqui!

Acima de nossas cabeças, um alto-falante gritava números: os passageiros jogavam bingo. Todos eram tão velhos que eu havia perdido a metade da minha idade. Tinha vinte anos, vivia o meu primeiro amor e esta era a minha primeira viagem.

Lewis beijava-me os cabelos, os olhos, a boca:

— Vamos descer. Quer?

— Você bem sabe que nunca digo não.

— Mas gosto de ouvi-la dizer sim. Você o diz tão gentilmente!

— Sim — disse eu. — Sim.

Que satisfação não precisar dizer nada senão sim. Com minha vida já gasta, com minha pele não mais totalmente fresca, eu fabricava felicidade para o homem a quem amava: que felicidade!

Levamos seis dias descendo o Ohio e o Mississippi. Nos pontos de escala, fugíamos dos demais passageiros e caminhávamos até perder o fôlego, através de cidades quentes e negras. O tempo restante conversávamos, líamos, fumávamos, sem fazer nada, deitados ao sol, no convés. Todos os dias a mesma paisagem de água e verdor, o mesmo ruído de máquina e água: mas gostaríamos de que uma só manhã renascesse todas as manhãs; e uma só noite, todas as noites.

Isto é a felicidade: tudo estava bom para nós. Ficamos felizes ao deixar o barco. Conhecíamos ambos Nova Orleans, mas para Lewis e para mim aquela não era a mesma cidade. Ele me mostrou os bairros populosos, onde, quinze anos antes, vendera sabonetes; as docas, onde se alimentara de bananas roubadas; as ruazinhas suspeitas que atravessara, o coração aos pulos e atormentado pelo sexo, com os bolsos vazios. Por momentos, parecia quase sentir saudades daquele tempo de miséria, de cólera, e dos desejos não saciados. Mas, quando o levei a passear no setor francês, quando aí se exibiu, como turista, nos bares e pátios, exultava como se estivesse pregando uma boa peça ao destino. Nunca andara de avião; durante todo o trajeto, estive com o nariz colado a uma janelinha, rindo para as nuvens.

Eu também me regozijava. Que diferença de hábitos, de ideias! Quando as estrelas fixas se põem a valsar no céu e a terra muda completamente de vida, é quase como se mudássemos também de vida. Para mim o Yucatán não era senão um nome sem conteúdo, inscrito num atlas em letras miúdas; nada me ligava a ele, nem mesmo um desejo, uma imagem. E eis que o descobria com meus próprios olhos. O avião ficou pesado, mergulhou para o solo, e eu vi desdobrar-se, de uma a outra extremidade do céu, um matagal de veludo esverdeado, onde a sombra das nuvens cavava lagos negros. Rolei sobre uma via acidentada, entre campos de agaves azuis, sobre os quais, de longe em longe, explodia o vermelho

vigoroso dos *flamboyants* de copas achatadas. Andávamos por uma rua margeada de casinhas de taipa, cobertas de palha. Fazia um sol enorme. Deixamos as malas no saguão do hotel, uma espécie de estufa luxuriante e malcheirosa, onde dormiam, empoleirados sobre um pé, flamingos rosados. E saímos. Nas praças brancas, à sombra de árvores lustrosas, homens de branco sonhavam, sob seus chapéus de palha. Eu reconhecia o céu, o silêncio de Toledo e de Ávila. Rever a Espanha deste lado do oceano me pasmava ainda mais do que dizer a mim mesma: “Estou no Yucatán.”

— Vamos tomar uma dessas pequenas charretes — disse Lewis.

Havia na esquina da praça uma fila de charretes pretas, com encostos rijos. Lewis despertou um dos cocheiros. Sentamo-nos sobre a banqueta estreita. Lewis se pôs a rir:

— E, agora, aonde vamos? Você sabe?

— Diga ao cocheiro que nos leve a passear e também ao correio: espero cartas.

Lewis havia aprendido, na Califórnia do Sul, algumas palavras de espanhol. Fez um pequeno discurso ao cocheiro e o cavalo se pôs em marcha, devagar. Percorremos avenidas luxuosas e em ruínas. A chuva, a pobreza tinham roído casas de campo construídas em sóbrio estilo castelhano. As estátuas apodreciam atrás das grades enferrujadas dos jardins. Flores luxuriantes, vermelhas, violeta e azuis, agonizavam ao pé das árvores seminuas. Alinhadas sobre a crista dos muros, grandes aves pretas espreitavam. Um cheiro de morte em toda parte. Fiquei contente de me ver ao redor do mercado de índios: sob os toldos batidos de sol, uma multidão muito viva formigava.

— Espere-me cinco minutos — disse eu a Lewis.

Ele se sentou sobre o degrau da escada e entrei no correio. Havia uma carta de Robert. Abri-a imediatamente. Ele estava corrigindo as últimas provas de seu livro, escrevia um artigo para a *Vigilance*, um artigo político. Bom. Eu tinha tido razão em não preocupar-me demais. Inutilmente ele desconfiou da política e da literatura, não estava no ponto de renunciar a nada disso. Informava que em Paris o tempo andava feio. Guardei a carta em minha bolsa e saí. Como Paris estava longe! Como o céu estava azul! Segurei o braço de Lewis:

— Tudo vai bem.

Atravessamos a multidão, à sombra de toldos. Vendiam-se frutas, peixes, sandálias, tecidos de algodão. As mulheres vestiam compridas saias bordadas. Eu gostava de suas tranças reluzentes e de seus rostos parados. Os indiozinhos riam muito, mostrando os dentes. Sentamo-nos em uma taberna cheirando a maresia, e serviram-nos, sobre um barril, uma cerveja preta e espumante. Só havia homens, todos jovens. Tagarelavam, riam.

— Parecem felizes esses índios — disse eu.

Lewis encolheu os ombros:

— É fácil dizer. Também no bairro italiano, quando a gente passeia sob um sol esplêndido, as pessoas parecem felizes.

— É verdade. Seria preciso ver as coisas mais de perto.

— Pensava nisso, ao esperá-la — disse Lewis. — Para nós, tudo assume um caráter de festa, porque viajar é uma festa. Mas tenho a certeza de que eles não estão em festa. — Cuspiu um caroço de azeitona. — Quando a gente passa, assim, como turista, não compreende absolutamente nada.

Sorri a Lewis:

— Vamos comprar uma casinha. Dormiremos em redes, fabricarei *tortillas* para você e aprenderemos a falar a língua indígena.

— Eu gostaria muito — concordou Lewis.

— Ah! — disse eu, suspirando. — Seria preciso ter várias vidas.

Lewis me olhou:

— Você não se vira tão mal — disse, com um pequeno sorriso.

— Como assim?

— Você se ajeita no sentido de ter duas vidas, parece-me.

O sangue me subiu às faces. A voz de Lewis não era hostil, mas também não era muito afetuosa. Seria por causa daquela carta de Paris? Bruscamente, constatei que eu não era a única a pensar em nosso caso: também ele pensava nisso, à sua maneira. Eu dizia a mim mesma: Voltei, voltarei sempre. Mas ele a si mesmo dizia, talvez: ela sempre irá embora. Que responder-lhe? Minha liberdade estava limitada. E eu disse, com angústia:

— Lewis, nós nunca seremos inimigos, não é?

— Inimigos? Quem poderia ser seu inimigo?

Ele tinha o ar de quem se achava realmente confuso. Claro que aquelas palavras, que me tinham vindo aos lábios, eram estúpidas. Lewis me sorria, eu lhe sorri. Mas, repentinamente, fiquei com medo: aconteceria de

um dia eu vir a ser punida, devido a ter ousado amar sem dar toda a minha vida?

Jantamos no hotel entre dois flamingos rosados. A agência turística de Mérida nos enviara, como seu representante, um pequeno mexicano, que Lewis ouvia com impaciência. Eu não o ouvia. Continuei a perguntar-me: que se passa na cabeça dele? Nunca falávamos do futuro. Lewis não me fazia perguntas. Talvez eu devesse interrogá-lo. Mas, afinal, um ano antes eu lhe havia dito tudo o que tinha a dizer-lhe. Não havia nada de novo a acrescentar. E, depois, palavras... É perigoso. A gente se arrisca a enrolar tudo. Era preciso viver esse amor. Mais tarde, quando ele já tivesse um longo passado atrás de si, haveria tempo bastante para que se falasse a seu respeito.

— Madame não pode ir a Chichen-Itza de ônibus — disse o pequeno mexicano. Dirigiu-me um grande sorriso: — O carro estaria o dia todo à disposição, para levá-los a passear até as ruínas, e o motorista serviria de guia.

— Detestamos guias e gostamos de andar — disse Lewis.

— O Hotel Maya faz um desconto para os clientes da agência.

— Nós nos hospedaremos no Victoria — disse eu.

— Impossível: o Victoria é um albergue indígena — disse o índio.

Diante de nosso silêncio, ele se inclinou, com um sorriso de nojo:

— Os senhores vão passar um dia muito sofrido!

Com efeito, o ônibus que nos levou na noite seguinte até Chichen-Itza era realmente confortável. Sentimo-nos orgulhosos de nossa teimosia, quando ultrapassamos o jardim do Hotel Maya, onde se fazia ouvir um burburinho de vozes americanas:

— Você os está ouvindo! — disse-me Lewis. — Mas não vim ao México para ver americanos!

Ele tinha à mão uma pequena sacola de viagem e avançávamos, com cuidado, por um caminho lodoso. Uma água pesada pingava das árvores, que escondiam o céu de nossas vistas. Não se via nada. E eu estava atordoada com o cheiro forte de húmus, de folhas apodrecidas, de flores moribundas. Saltavam nas trevas invisíveis gatos de olhos lampejantes. Apontei aquelas pupilas sem corpo:

— Que é aquilo?

— Vaga-lumes. Há também em Illinois. Ponho cinco deles sob um vidro de lâmpada, e você terá luz suficiente para ler.

— Seria muito útil! — disse eu. — Não vejo nada, aqui. Tem certeza de que existe outro hotel?

— Tenho toda certeza.

Eu começava a duvidar. Nenhuma casa, nenhum trabalho humano. Afinal, ouvimos vozes espanholas. Distinguia-se vagamente uma parede: nada de luz. Lewis empurrou uma barreira, porém não ousávamos avançar: porcos grunhiam, aves cacarejavam e havia, em algum lugar, um coro de sapos. Murmurei:

— É um lugar perigoso.

Lewis gritou:

— Aqui é o hotel?

Fez-se ouvir um rumor, uma vela piscou. Depois, a luz se expandiu. Achávamo-nos no pátio de um albergue, um homem sorria para nós, polidamente. Disse coisas em espanhol. Lewis traduziu:

— Ele se desculpa. Faltou eletricidade; o homem tem quartos.

O quarto dava, de um lado, para o pátio e, de outro lado, para a mata. Era espartano, mas as roupas de cama eram brancas, sob os mosquiteiros brancos. Como jantar serviram-nos *tortillas*, que colavam aos dentes, favas roxas e um frango ossudo, cujo molho me incendiou a garganta. A sala de jantar era decorada com porcelana de feira e cromos. Sobre um calendário, índios seminus, empenachados, jogavam basquete, no centro de um antigo estádio. A um banco, no pátio, em meio a porcos e galinhas, um mexicano dedilhava seu violão.

— Como Chicago está longe! — exclamei. — E Paris! Como tudo está longe!

— Sim, agora começamos realmente a viajar — disse Lewis, com uma voz animada.

Apertei-lhe a mão. Nesse instante, eu sabia muito bem o que lhe havia na cabeça: o som do violão, o coro dos sapos e eu. Os sapos, o violão, eu os ouvia, e eu era toda de Lewis. Para ele, para mim, para nós, nada existia: só nós dois.

Toda a noite o coaxar dos sapos entrou em nosso quarto. De manhã, tagarelavam milhares de aves. Quando penetramos no perímetro dentro do qual se ergue a cidade velha, achávamo-nos sozinhos. Lewis correu para os

templos e eu o acompanhei, a passos curtos. Estava ainda mais desconcertada do que à minha chegada a Yucatán. Até aqui, a antiguidade para mim se confundia com o Mediterrâneo. Ao alto da Acrópole, no Fórum, eu havia contemplado sem surpresa o meu próprio passado. Nada ligava, porém, Chichen-Itza à minha história. Oito dias antes, eu ignorava até o nome desta imensa Meca geométrica de pedras empapadas de sangue. E ela aí estava, enorme, silenciosa, esmagando a terra com o peso de sua arquitetura calculada e de suas esculturas fanáticas. Templos, altares, o estádio pintado sobre o calendário, um mercado de mil colunas, mais templos de ângulos exatos, com baixos-relevos disparatados. Procurei Lewis com os olhos, e vi-o ao alto da grande pirâmide. Agitava a mão, parecia muito pequeno. A escada era íngreme e subi sem olhar para os meus pés, os olhos fixos em Lewis.

— Onde estamos? — perguntei.

— Faço a mesma pergunta.

Além do recinto de paredes, divisava-se, a perder de vista, a mata verde, onde, de longe em longe, se ostentava a cor vermelha de um *flamboyant*. Nenhum campo. Eu perguntei:

— Mas onde eles cultivam o milho?

— Que foi que lhe ensinaram na escola? — perguntou Lewis, num tom vaidoso. — Na ocasião das semeaduras, eles queimam um pedaço da mata. Após a colheita, as árvores crescem imediatamente, outra vez; não se veem cicatrizes.

— Como você sabe disso?

— Oh! Sempre soube.

Pus-me a rir.

— Mentira sua. Você leu isso num livro, com certeza esta noite, enquanto eu dormia. Do contrário me teria dito ontem, no ônibus.

Ele se mostrou confuso:

— Apesar de tudo, é engraçado; mesmo nas pequenas coisas você me desmonta, sempre. Sim, encontrei um livro, ontem à noite, no hotel, e queria impressioná-la.

— Impressione-me. Que mais você aprendeu?

— O milho cresce sozinho. Os camponeses não precisam trabalhar mais do que algumas semanas por ano. Por isso tiveram tempo de construir tantos templos. — Com violência brusca, ele acrescentou: — Você pode

imaginar estas vidas! Comer *tortillas* e carregar pedras, sob este sol! Comer e suar, suar e comer, dia após dia! Os sacrifícios humanos não eram assim tantos. E estes não são os piores. Mas pense naqueles milhões de infelizes, que os guerreiros e os sacerdotes transformaram em burros de carga. E por que motivo? Por vaidade imbecil!

Ele olhava com hostilidade essas pirâmides que outrora se alçavam para o sol e que hoje nos pareciam humilhar a terra. Eu não partilhava sua cólera, talvez porque nunca tivesse precisado suar para comer, e talvez porque toda essa infelicidade fosse muito velha. Mas eu não podia tampouco, ao contrário de dez anos antes, perder-me na contemplação dessa beleza morta, sem uma reflexão. Tal civilização, que havia sacrificado tantas vidas humanas aos seus brinquedos de pedra, nada havia deixado atrás de si. Mais ainda do que a sua crueldade, o que me ofendia era a sua esterilidade. Pouco mais do que um punhado de arqueólogos e de estetas havia para se interessar por esses monumentos, que os turistas fotografavam maquinalmente.

— E se descêssemos? — perguntei.

— Como?

Poderia se dizer que as paredes que sustentavam a plataforma eram, as quatro, verticais. Uma delas mostrava estrias de sombras e de luzes, sobre as quais não se podia pensar em pôr os pés. Lewis se pôs a rir:

— Nunca lhe disse que, quando me alço dois metros acima do chão, tenho uma vertigem terrível? Subi sem notar, mas não poderei mais descer.

— Será necessário!

Lewis recuou para o meio da plataforma:

— Impossível! — Sorriu de novo: — Há dez anos, em Los Angeles, eu morria de fome. Achei trabalho: tratava-se de caiar o alto de uma chaminé de fábrica. Içaram-me dentro de um cesto: fiquei lá três horas, sem me decidir a sair. Acabaram fazendo-me descer, e fui embora com os bolsos vazios. Entretanto, não havia comido coisa alguma, fazia dois dias. É o que lhe digo!

— Esquisito que você tenha vertigem! — disse eu. — Você viu tantas coisas semelhantes, e de todas as cores, que eu acreditava que estivesse mais habituado a elas! — Dirigi-me para a escada: — Há toda uma família americana preparando-se para subir. Desçamos!

— Você não tem medo?

— Sim, tenho medo.

— Neste caso, deixe-me ir à sua frente — disse Lewis.

Descemos a escada dando-nos as mãos, arrimando-nos atrapalhadamente. Suávamos, quando pisamos embaixo. Um guia explicava a um grupo de turistas os mistérios da alma dos maias. Murmurei:

— Que coisa engraçada é viajar!

— Sim, muito engraçada — disse Lewis. Ele me levou: — Voltemos para casa, vamos beber alguma coisa.

A tarde estava muito quente. Cochilamos nas redes, em frente à porta de nosso quarto. E, depois, brutal como um tropismo, a curiosidade me fez voltar a cabeça para a floresta:

— Tenho muita vontade de passear por essas matas — disse eu.

— Por que não?

Embrenhamo-nos no grande silêncio úmido da selva. Nenhum turista. Formigas vermelhas, que carregavam sobre o ombro raminhos afiados, marchavam aos montes para invisíveis cidadelas. Encontrávamos também miríades de borboletas, rosadas, azuis, verdes, amarelas, que revoavam ao ruído de nossos passos. Uma água adormecida nos cipós caía-nos em cima, em gotas grandes. A espaços, divisava-se, ao fim de um caminho, um misterioso túmulo: sepultado sob a sua ganga pedregosa, um templo ou um palácio em ruínas; alguns tinham sido meio exumados, mas a vegetação os escondia.

— Seria de acreditar que nunca veio ninguém até aqui — disse eu.

— Sim — concordou Lewis, sem calor.

— Olhe para a extremidade do caminho: é um grande templo.

— Sim — concordou novamente Lewis.

Era um templo muito grande. Lagartos dourados se aqueciam por entre as pedras. As esculturas estavam deterioradas, salvo um dragão, que fazia uma cara nefasta. Mostrei-o a Lewis, cujo rosto continuava morto:

— Viu?

— Vejo — respondeu ele.

Repentinamente, deu um pontapé na goela do dragão.

— Que está fazendo?

— Dei-lhe um pontapé — respondeu Lewis.

— Por quê?

Ele me olhava de um modo que não me agradou. Sentou-se sobre um rochedo. E perguntei:

— Não quer dar uma volta no templo?

— Faça-a sem mim.

Circundei o templo, mas o coração não foi comigo. Só vi pedras empilhadas umas sobre outras e que nada significavam. Quando voltei, Lewis não se havia mexido. Seu rosto estava tão vazio, que ele parecia ausente de si mesmo.

— Viu o suficiente? — perguntou.

— Quer voltar para casa?

— Se você viu o suficiente.

— Sim, o suficiente. Voltemos para casa.

Caía a noite. Já se começavam a divisar os primeiros vaga-lumes. Eu disse para mim, com preocupação, que, afinal, mal conhecia Lewis. Ele era tão espontâneo, tão sincero, que me parecia simples! Mas quem o é? Ao dar aquele pontapé, não parecia bem. E suas vertigens, que significavam? Andávamos em silêncio. Em que estaria pensando?

— Em que você pensa? — perguntei.

— Penso na casa de Chicago. Deixei a lâmpada acesa, os passantes pensarão que há alguém dentro: e não há ninguém.

Havia tristeza em sua voz.

— Você se aborrece de estar aqui? — perguntei.

Lewis esboçou um pequeno sorriso:

— Será que estou aqui? Engraçado: Você é como uma criança, tudo lhe parece real. Quanto a mim, tudo me dá a impressão de um sonho: um sonho sonhado por outrem.

— Entretanto, é exatamente você. E sou eu.

Lewis não respondeu. Saímos da mata. Era noite fechada. No céu, as velhas constelações jaziam em confusão, por entre uma quantidade de estrelas inteiramente novas. Ao notar as luzes do albergue, Lewis sorriu:

— Enfim! Eu me sentia perdido!

— Perdido?

— São tão velhas todas aquelas ruínas! Tão velhas!

— Pessoalmente, gosto de sentir-me perdida — disse eu.

— Eu não. Vivi perdido muito tempo, pensei nunca mais me rever assim. Agora, por nada no mundo eu recomençaria.

Havia desafio em sua voz, senti-me obscuramente ameaçada:

— Às vezes, a gente precisa saber perder-se: se nada se arrisca, nada se tem.

— Prefiro nada ter a correr esse risco — disse Lewis, num tom categórico.

Eu o compreendia: ele havia lutado tanto para conquistar alguma segurança, que, acima de tudo, fazia o possível por preservá-la. Todavia, com que imprudência me havia amado! Será que iria lastimar isso?

— Aquele pontapé que você deu, deu-o porque se sentia perdido? — perguntei.

— Não. Não estava gostando daquele animal.

— Em verdade, você parecia estar bravo.

— É que eu o sou — disse Lewis.

— Não comigo.

Ele sorriu:

— Com você, é difícil. Tentei ficar uma vez, no ano passado, e você imediatamente chorou.

Entramos em nosso quarto e eu perguntei:

— Lewis, você não me quer mal?

— Por que haveria de querer-lhe mal?

— Não sei. Por tudo, por nada. Por ter duas vidas.

— Se você só tivesse uma, não estaria aqui — disse ele.

Olhei-o com inquietação:

— Quer-me mal?

— Não. Não lhe quero mal. — Apertou-me fortemente contra si: — Quero-a. — Empurrou o mosquitoeiro, atirou-me sobre a cama. Quando ficamos nus, pele contra pele, ele disse com alegria de voz:

— Estas são as nossas mais belas viagens!

Sua fisionomia tinha se iluminado. Ele não se sentia mais perdido. Estava bem onde estava, em meu corpo. E eu não estava mais preocupada. A paz, a alegria que encontrávamos nos braços um do outro seria mais forte do que tudo.

* * *

Viajar, correr o mundo, para ver com os próprios olhos o que não existe mais, o que não nos diz respeito, é uma atividade bastante equívoca. Sobre isso estávamos de acordo, Lewis e eu, o que não impedia que ambos nos divertíssemos, enormemente. Em Uxmal, num domingo, os índios desembalavam cestos de piquenique, à sombra dos templos. Subimos escadas deterioradas, agarrando-nos a correntes, atrás de mulheres de saias compridas. Dois dias depois, sobrevoamos florestas embebedadas de chuva. O avião elevou-se ao céu e não desceu: foi a terra que subiu ao nosso encontro; ofereceu-nos, deitados no verde, um lago azul e uma cidade plana, quadriculada tão regularmente como o caderno de um escolar: Guatemala, com a pobreza seca de suas ruas margeadas por amplas casas baixas, com seu mercado exuberante, suas camponesas descalças, vestindo andrajos principescos e carregando na cabeça cestos de flores e de frutos. No jardim do hotel de Antigua, avalanches de flores vermelhas, violetas e azuis desmoronavam ao comprimento dos troncos das árvores e afogavam os muros. A chuva caía com fúria, espessa e quente, e um papagaio acorrentado percorria de alto a baixo, rindo, o seu poleiro. À margem do lago Atitlán, dormíamos num bangalô florido de enormes ramos de cravo. Um navio nos conduziu até Santiago, onde mulheres aureoladas por fitas vermelhas embalavam bebês enterrados em capuzes cilíndricos, da cabeça aos ombros. Numa quinta-feira, desembarcamos no centro do mercado de Chichicastenango. A praça estava coberta de tendas e de vasos. Mulheres vestidas de blusas bordadas e de saias furta-cores vendiam sementes, farinhas, pães, frutas cristalizadas, aves magras, louças de barro, bolsas, cintos, sandálias e quilômetros de tecidos cor de vitral e de cerâmica, tão belos que até Lewis os tocava com entusiasmo.

— Compre esta fazenda vermelha! — dizia ele. — Ou então a verde, com todos esses passarinhos.

— Espere. É preciso ver tudo.

As mais maravilhosas de todas essas maravilhas eram os velhíssimos *huipils*, que algumas camponesas vestiam. Mostrei a Lewis uma dessas blusas de bordados antigos, em que o azul se fundia ternamente com vermelhos e dourados desmaiados:

— Aí está o que eu gostaria de comprar, se estivesse à venda.

Lewis examinou a velha índia de tranças longas:

— Ela o venderia, talvez.

— Não ousarei propor-lhe. E, depois, em que língua?

Continuamos rodando. Mulheres batiam, com as mãos, a massa das *tortillas*; um guisado amarelo, que enchia panelas, cozinhava lentamente ao fogo; famílias comiam. A praça era cortada por duas igrejas brancas, às quais se tinha acesso por meio de escadas; nos degraus, homens vestidos de toureiros de opereta agitavam incensos. Subimos para a grande igreja, através da fumaça espessa, que recordava minha infância religiosa.

— Pode-se entrar? — perguntei.

— Que podem eles fazer-nos? — disse Lewis.

Entramos, e um pesado cheiro de substâncias aromáticas me atacou a garganta. Nem cadeiras, nem bancos. Nenhum assento. O chão de lajes era um tabuleiro de velas, com chamas rosadas. Os índios rosnavam orações, passando de mão em mão espigas de milho. Jazia sobre o altar uma múmia coberta de brocados e de flores. Em frente, sobrecarregado de panos e de joias, havia um grande Cristo, sangrando na face torturada.

— Se ao menos a gente pudesse compreender o que eles dizem! — observou Lewis.

Ele olhava um velho de pés rugosos, que benzia mulheres ajoelhadas. Puxei-o pelo braço:

— Vamos sair. Este incenso todo me dá dor de cabeça.

Quando nos vimos fora, Lewis me disse:

— Não, veja, não creio que estes índios sejam muito felizes. Seus trajés são alegres: não eles.

Compramos cintos, sandálias, fazendas. A velha de *huipil* maravilhoso continuava lá, porém não ousei abordá-la. No café-mercearia da praça, alguns índios bebiam ao redor de uma mesa, as esposas sentadas a seus pés. Pedimos *tequilla*, que nos serviram com sal e pequenos limões verdes. Entre os índios dançavam dois jovens, também índios, cambaleando: pareciam tão incapazes de se divertir, que isso inspirava uma grande compaixão. Fora, os negociantes começavam a guardar seus vasos. Armavam, com as louças de barro, edifícios complicados, que instalavam sobre as costas. A testa cingida por uma faixa de couro, que os ajudava a sustentar o fardo, iam-se embora, a trote curto.

— Olhe isso! — exclamou Lewis. — Eles se tomam por bestas de carga.

— Acho que são pobres demais para possuírem burros.

— Também acho. Mas parecem tão bem-instalados em sua miséria! É o que eles têm de provocante. E se fôssemos para casa? — acrescentou Lewis.

— Vamos.

Voltamos ao hotel, mas ele me deixou em frente à porta:

— Esqueci-me de comprar cigarros. Volto já.

Havia um grande fogo em nossa lareira. Esta pequena cidade ensolarada erguia-se a uma altura maior do que a da mais alta comuna da França. A noite prometia ser fresca. Deitei-me diante das chamas, que exalavam um cheiro bom de resina. Era um quarto que me agradava, com suas paredes cor-de-rosa e com todos os seus tapetes. Pensei em Lewis: estava contente de me achar só, cinco minutos, porque isso me possibilitava pensar nele. Decididamente, o pitoresco... isso não combinava com ele. Quer se lhe mostrassem templos, paisagens, mercados, ele imediatamente via através disso: Via homens. E tinha suas ideias sobre o que deve ser um homem: antes de mais nada, alguém que não se resigne, alguém que tenha desejos e lute por satisfazê-los. Ele próprio se contentava com pouco, mas recusava-se com violência a se ver inteiramente frustrado. Havia em seus romances uma singular mistura de ternura e de crueldade, porque ele detestava, quase tanto quanto os opressores, as vítimas por demais complacentes. Reservava sua simpatia às pessoas que pelo menos tentavam evasões pessoais na literatura, na arte, na droga, a rigor no crime, o melhor possível na felicidade. E não admirava verdadeiramente senão os grandes revolucionários. Não era mais político do que eu, mas gostava muito sentimentalmente de Stalin, de Mao Tsé-tung, de Tito. Os comunistas da América lhe pareciam tolos e moles, mas eu supunha que na França ele teria sido comunista: pelo menos tentaria ser. Voltei a cabeça para a porta: por que não voltava? Já ia impacientar-me, quando, finalmente, ele entrou, com um pacote debaixo do braço.

— Que é que você fez? — perguntei.

— Estava incumbido de uma missão especial.

— Incumbido por quem?

— Por mim mesmo.

— E completou-a?

— Claro que sim.

Ele me atirou o pacote. Arranquei o papel. E o azul me encheu os olhos: era o *huipil* maravilhoso.

— Ele está é sujo! — notou Lewis.

Eu seguia com o dedo, deliciada, o desenho caprichoso e refletido dos bordados:

— É magnífico! Como você conseguiu?

— Levei comigo o porteiro do hotel e ele negociou tudo. A velha por nada queria saber de vender seus andrajos: mas, quando se propôs a ela substituí-los por um *huipil* novo, cedeu. Ela pareceu, mesmo, haver-me tomado por um idiota. Somente precisei, depois disso, oferecer uma bebida ao porteiro, que não me largava mais: quer ir tentar fortuna em Nova York.

Agarrei-me ao pescoço de Lewis:

— Por que você é tão gentil comigo?

— Já lhe disse que não sou gentil. Sou muito egoísta. O que há é que você representa um pequeno pedaço de mim. — Ele me enlaçou mais fortemente: — É doce amar você.

Ah! Nossos corpos nos eram muito úteis nesses instantes em que a ternura nos sufocava. Colei-me a Lewis. Como sua carne podia ser ao mesmo tempo tão familiar e tão perturbadora? Logo seu calor me queimava, da pele aos ossos. Desabamos sobre o tapete, em frente às chamas crepitantes.

— Anne! Sabe quanto a amo? Sabe, embora não lhe diga constantemente?

— Sei. E você também, não é?

— Sei.

Atiramos nossas roupas aos quatro cantos do quarto.

— Por que será que a desejo tanto? — perguntou Lewis.

— Porque eu o desejo tanto.

Possuiu-me sobre o tapete; possuiu-me depois na cama, e fiquei deitada por um longo tempo, sob a curva de seu braço.

— Como gosto de estar unida a você!

— Como gosto de tê-la junto a mim!

Ao cabo de um momento, Lewis se ergueu sobre um cotovelo:

— Estou com a garganta seca. Você não?

— Bem que eu tomaria alguma coisa.

Ele telefonou, pediu dois uísques. Enfiei meu roupão e ele o seu, um velho, branco.

— Você deveria jogar fora esse horror — disse eu.

Ele se fechou apertadamente no tecido macio:

— Jamais! Esperarei que ele me abandone.

Lewis não era avaro, absolutamente, mas detestava jogar fora as coisas, principalmente as roupas velhas. Trouxeram-nos o uísque e sentamo-nos junto ao fogo. Fora, começava a chover. Todas as noites chovia.

— Sinto-me bem! — disse eu.

— Também eu — disse Lewis. Passou o braço em torno de meus ombros: — Anne! — disse. — Fique comigo.

Minha respiração parou na garganta:

— Lewis! Você sabe como eu gostaria! Gostaria tanto! Mas não posso.

— Por quê?

— Já lhe expliquei isso no ano passado.

Esvaziei meu copo de um trago e todos os antigos medos se abateram sobre mim: o do Clube Delisa, o de Mérida, o de Chichen-Itza e outros mais, que havia sufocado muito depressa. O que eu pressentia aí estava. Um dia ele me diria: fique, e eu teria que responder não. Então, que aconteceria? No ano passado, se eu perdesse Lewis, ainda poderia consolar-me. Agora, privar-me dele equivaleria a ser enterrada viva.

— Você é casada — disse ele. — Mas pode divorciar-se. Viveremos juntos, sem ser casados. — Debruçou-se sobre mim: — Você é minha mulher, minha única mulher.

As lágrimas subiram-me aos olhos:

— Amo-o — disse eu. — Sabe quanto o amo. Mas, na minha idade, não se pode jogar fora toda uma vida: é muito tarde. Nós nos encontramos muito tarde.

— Não para mim — disse ele.

— Acredita? — perguntei. — Se eu lhe pedisse que fosse viver em Paris para sempre, você iria?

— Não falo francês — respondeu Lewis, prontamente.

Sorri:

— Isso se aprende. A vida não é mais cara em Paris do que em Chicago, e uma máquina de escrever é fácil de transportar. Você iria?

O semblante de Lewis se contraiu:

— Eu não poderia escrever em Paris.

— Suponho que não — disse eu. Encolhi os ombros: — Veja, no estrangeiro você não poderia mais escrever, sua vida não teria mais sentido. Não escrevo. Mas há coisas que contam para mim, tanto quanto seus livros para você.

Lewis silenciou por um momento:

— E no entanto você me ama?

— Sim — respondi. — Hei de amá-lo até a morte. — Tomei-lhe as mãos: — Lewis, posso vir todos os anos. Se ficarmos seguros de encontrar-nos todos os anos, não haverá mais separação. Apenas esperas. Pode-se esperar na felicidade, quando se ama fortemente.

— Se você me ama como eu a amo, por que perdermos três quartos de nossa vida, esperando? — perguntou Lewis.

Hesitei:

— Porque o amor não é tudo. Você deveria compreender-me: também para você ele não é tudo.

Minha voz tremia e meu olhar suplicava a Lewis que compreendesse, que me conservasse esse amor, o qual não era tudo, mas sem o qual eu não seria mais nada.

— Não, o amor não é tudo — disse Lewis.

Ele me olhava com um ar hesitante, e eu disse, com arrebatamento:

— Estou presa a outras coisas, porém não o amo menos por isso. Não me deve querer mal. Não me deve amar menos por isso.

Lewis tocou em meus cabelos:

— Suponho que, se o amor fosse tudo para você, não a amaria tanto: isso não seria mais você.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Se ele me aceitasse inteiramente, com meu passado, minha vida, com tudo o que me separava dele, nossa felicidade estaria salva. Atirei-me em seus braços:

— Lewis! Seria tão horrível se você não tivesse compreendido! Mas você compreende. Que felicidade!

— Por que está chorando? — perguntou ele.

— Tive medo: se perdesse você, não poderia mais viver.

Ele esmagou uma lágrima sobre a minha face:

— Não chore. Sou eu quem tem medo quando você chora.

— Agora choro porque sou feliz — disse eu. — Porque seremos felizes. Quando estivermos juntos, faremos provisões de felicidade para o ano todo. Não é, Lewis?

— É, sim, minha gaulesinha — respondeu ele, ternamente. Beijou-me a face molhada: — É engraçado, às vezes você me parece uma mulher muito ajuizada; outras vezes, uma perfeita criança.

— Acho que sou uma mulher estúpida. Mas isso me é indiferente, desde que você me ame.

— Amo-a, estúpida gaulesinha — disse Lewis.

* * *

Eu tinha o coração em festa no dia seguinte, no ônibus que nos levava a Quetzaltenango. Não receava mais o futuro, nem Lewis, nem as palavras; não receava mais nada. Pela primeira vez, ousava fazer projetos em voz alta: no próximo ano, Lewis alugaria uma casa no lago Michigan e aí passaríamos o verão. Daqui a dois anos, ele iria a Paris, eu lhe mostraria a França, a Itália... Eu tinha sua mão apertada na minha, e ele me aprovava sorrindo. Atravessávamos espessas florestas; caía uma chuva tão quente e tão cheirosa, que baixeí o vidro para senti-la em meu rosto. Pastores nos viam passar, imóveis debaixo de suas capas de palha: parecia que transportavam choupanas nas costas.

— Será mesmo verdade que estamos a quatro mil metros? — perguntou Lewis.

— Parece.

Ele sacudiu a cabeça:

— Não creio nisso. Eu teria vertigem.

De longe, sempre me pareceram um impossível prodígio essas planuras tão altas como geleiras e cobertas de árvores luxuriantes. Agora eu as via, tornavam-se tão naturais como uma planície francesa. A bem dizer, a alta Guatemala, com seus vulcões adormecidos, seus lagos, seus prados, seus camponeses superticiosos, parecia a Auvergne. Eu começava a me cansar disso e fiquei contente quando, dois dias depois, descemos para a costa: uma descida admirável! De madrugada, tiritávamos de frio pela estrada em zigue-zagues, bordejada de frescas pastagens. E, depois, as plantas de folhas transitórias desapareceram, sob a ondulação de uma sombria vegetação de folhas duras e lustrosas. Ao pé das pastagens alpinas, ornadas

pela geada, apareceu uma humilde aldeia andaluza, florida de hibiscos e primaveras. Em pouco tempo de viagem, transpusemos ainda diversos paralelos, o céu afogueou-se, atravessamos plantações de bananeiras, semeadas de choupanas, em torno das quais vagavam índias de seios nus. A estação de Motzatenango parecia uma feira. Havia mulheres sentadas sobre os trilhos, rodeadas por suas saias, seus fardos, suas aves. Um sino soou ao longe, empregados puseram-se a gritar e um trenzinho apareceu, precedido por um antigo barulho de vapor e ferro velho.

Gastamos dez horas para percorrer os 120 quilômetros que nos separavam da Guatemala. Em cinco horas, no dia seguinte, por sobre montanhas sombrias e uma orla faiscante, um avião nos transportou ao México.

— Enfim, uma autêntica cidade! Uma cidade onde acontecem coisas! — disse Lewis, no táxi. — Gosto das cidades! — acrescentou.

— Eu também.

Havíamos escolhido, com antecedência, o nosso hotel, e uma correspondência nos aguardava. Li minhas cartas no quarto, sentada ao lado de Lewis: agora eu podia pensar em minha vida de Paris sem ter a impressão de roubar-lhe alguma coisa; agora eu dividia com ele mesmo tudo o que nos separava. Robert parecia estar de bom humor, dizia que Nadine andava triste, mas calma; e Paule estava quase curada: tudo ia bem. Sorri a Lewis:

— Quem escreveu a você?

— Meus editores.

— Que dizem eles?

— Querem pormenores sobre a minha vida. Para o lançamento do livro: esperam fazer um grande lançamento. — A voz de Lewis estava insossa. Interroguei-o com o olhar:

— Isso significa que você ganhará muito dinheiro, não?

— Esperemos que sim! — disse Lewis. Enfiou a carta num bolso: — Preciso responder-lhes imediatamente.

— Por que imediatamente? — perguntei. — Vamos antes ver o México.

Lewis se pôs a rir:

— Uma cabeça tão pequena! E olhos que não se cansam nunca de olhar!

Ele ria, mas alguma coisa me desconcertou em seu tom:

— Se sair o aborrece, fiquemos — disse eu.

— Você ficaria extremamente desolada! — exclamou Lewis.

Andamos ao longo da alameda; sobre o passeio, mulheres teciam enormes coroas mortuárias, e outras iam e vinham. A palavra Alcazar brilhava alegremente na fachada de um saguão funerário. Percorremos uma larga avenida populosa e, depois, ruazinhas suspeitas. À primeira vista, o México me agradava. Mas Lewis estava preocupado, o que não me admirava. Há coisas que ele decide de um único impulso, mas muitas vezes lhe acontece hesitar, durante horas, em frente de uma mala a fazer ou de uma carta a escrever. Deixei-o meditar em silêncio, durante todo o jantar. Uma vez no quarto, instalou-se diante de uma folha de papel branco: a boca entreaberta, o olho vidrado, parecia um peixe. Adormeci, antes que ele tivesse traçado uma única palavra.

— Está pronta a sua carta? — perguntei-lhe, na manhã seguinte.

— Sim.

— Por que o aborrecia tanto o fato de escrevê-la?

— Não me aborrecia. — Ele se pôs a rir: — Ah! Não me olhe como se eu fosse um dos seus doentes. Venha passear.

Naquela semana, passeamos muito. Escalamos as grandes pirâmides, navegamos em barcos floridos, passeamos pela avenida Jalisco, pelos seus míseros mercados, seus *dancings*, seus *music-halls*. Rodamos pela zona e tomamos *tequilla* em bares de má reputação. Esperávamos ficar ainda um pouco no México, passar um mês visitando o país e voltar a Chicago por alguns dias. Mas, uma tarde, quando voltamos para o nosso quarto, para fazer a sesta, Lewis me disse abruptamente:

— Preciso estar quinta-feira em Nova York.

Olhei-o com surpresa:

— Em Nova York? Por quê?

— Os meus editores me pedem.

— Recebeu nova carta?

— Sim, convidam-me para quinze dias.

— Mas você não é obrigado a aceitar — disse eu.

— Justamente: sou obrigado — disse Lewis. — Talvez na França não seja assim — acrescentou ele —, mas, aqui, um livro é um acontecimento, do qual se precisa cuidar, se se quer que dê resultados financeiros. Devo encontrar pessoas, comparecer a *parties*, dar entrevistas. Não é muito divertido, mas é assim.

— Você não os avisou de que não estaria livre antes de julho? Não se pode adiar isso tudo até julho?

— Julho é uma época má. Seria preciso esperar até outubro e então ficará demasiado tarde. — Lewis acrescentou com impaciência: — Há quatro anos que vivo a cargo de meus editores. Se eles querem ganhar dinheiro, eu é que não vou criar obstáculos a isso. E eu também preciso de dinheiro, uma vez que quero continuar a escrever o que me agrada.

— Compreendo — disse eu.

E compreendia. Entretanto, sentia um esquisito vazio na boca do estômago. Lewis se pôs a rir:

— Pobre gaulesinha! Como ela fica com uma expressão lastimável, quando não lhe fazem as vontades!

Corei. Era bem verdade que Lewis só pensava em dar-me prazer. Se ele uma vez se preocupava com seus próprios interesses, eu não deveria sentir-me atingida. Ele me achava egoísta. Daí o fato de sua voz estar um pouco agressiva.

— Culpa sua — disse eu. — Você me mimou em excesso. — Sorri: — Oh! Será bom passearmos juntos em Nova York — continuei. — Apenas me chocou a ideia de ser preciso alterar todos os nossos projetos. E você me anunciou a coisa sem preâmbulos.

— Como seria necessário anunciar-lhe?

— Não o estou censurando em nada — disse eu, alegremente. Interroguei Lewis com o olhar: — Eles o convidaram já na primeira carta?

— Sim.

— Por que não me disse?

— Sabia que não seria agradável para você — respondeu Lewis.

Seu ar confuso enterneceu-me. Agora eu compreendia por que ele tinha ficado tão aflito para responder. Tentava salvar nossa viagem ao México, e esperava tão firmemente conseguir isso, que lhe pareceu desnecessário inquietar-me. Mas havia fracassado. Agora, então, esforçava-se no sentido de aparentar firmeza contra a má sorte, e as minhas lamentações o irritavam um pouco: ele prefere irritar-se a entristecer; eu o compreendo.

— Você poderia ter-me falado, não sou tão fraca — disse eu, que sorri para Lewis com ternura: — Veja bem que você me está mimando demais.

— Talvez — disse ele.

De novo, senti-me desconcertada:

— Vamos mudar as coisas. Quando estivermos em Nova York serei eu quem fará suas vontades.

Lewis me olhou, rindo:

— Verdade isso?

— Verdade, sim. Cada um tem sua vez.

— Sendo assim, não esperemos Nova York. Começemos imediatamente.

— Ele me agarrou pelos ombros: — Venha fazer minhas vontades — disse, com um pouco de desafio.

Foi a primeira vez que, ao lhe dar minha boca, pensei: “Não.” Não tinha, porém, o hábito de negar, nem sabia fazê-lo. E já era tarde demais para recusar-me, sem inventar histórias. Certo que me havia acontecido, duas ou três vezes, dizer sim, sem verdadeiramente estar com vontade. Mas meu coração nunca se opunha. Hoje, era diferente. Houve na voz de Lewis uma insolência que me gelou. Seus gestos, suas palavras não me chocavam nunca, porque eram tão espontâneos como o seu desejo, seu prazer, seu amor. Hoje, era constrangida que eu participava da ginástica familiar, que me pareceu barroca, frívola, incongruente. E notei que Lewis não me dizia: “Amo-a.” Quando o dissera pela última vez?

Não o disse nos dias seguintes. Só falava de Nova York. Tinha passado um dia, lá, em 1943, ao embarcar para a Europa, e ardia de vontade de se ver de novo naquela cidade. Esperava encontrar antigos amigos de Chicago; esperava uma porção de coisas. O futuro e o passado valem muito mais do que o presente aos olhos de Lewis. Eu estava perto dele, Nova York estava longe: era Nova York que o obcecava. Eu não me deixava afetar muito por isso, mas, mesmo assim, seu contentamento me entristecia. Será que ele já não estava farto de nossa vidinha a dois? Eu tinha recordações em excesso e muito próximas para temer que Lewis já estivesse cansado de mim. Mas talvez ele começasse a habituar-se demais...

* * *

Nova York estava muito quente. Havia terminado as grandes chuvas noturnas. Logo pela manhã o céu queimava. Lewis deixou cedo o hotel e fiquei a cochilar, sob o ronco do ventilador. Li, tomei um banho de chuveiro, escrevi algumas cartas. Às seis horas, estava vestida e esperava Lewis. Ele chegou às sete e meia, todo animado:

— Encontrei Felton! — disse-me.

Falou-me muito desse Felton, que era percussionista de noite, de dia motorista de táxi e, de noite e de dia, viciado em drogas. A mulher fazia o *trottoir* e tomava drogas com ele. Tinham deixado Chicago por graves razões de saúde. Lewis não sabia exatamente o endereço deles. Assim que deixou seus agentes e editores, tratou de descobrir esse endereço. Depois de mil peripécias, conseguiu, finalmente, falar com Felton pelo telefone.

— Ele nos espera — disse Lewis. — Vai mostrar-nos Nova York.

Eu teria preferido passar a noite a sós com Lewis, mas disse com entusiasmo:

— Será muito divertido conhecê-lo.

— E, depois, ele nos levará a uma porção de lugares. São lugares que, sem ele, jamais descobriríamos. Lugares que seus amigos psiquiatras com certeza não lhe mostraram — acrescentou Lewis, alegremente.

Fora, o calor era úmido e forte. Mais calor ainda fazia no casebre de Felton. Era um sujeito alto, tinha o rosto pálido. Ria de prazer, segurando as mãos de Lewis. Na verdade, não nos mostrou grande coisa de Nova York. A mulher apareceu com dois rapazinhos, trazendo latas de cerveja. Esvaziaram lata por lata, falando sobre uma porção de pessoas a respeito das quais eu tudo ignorava e que acabavam de ser presas, que iam sair da prisão, que procuravam montar uma tramoia, que haviam descoberto uma. Falaram também sobre o tráfico de entorpecentes e sobre o preço que custavam os policiais daqui. Lewis divertia-se muito. Fomos comer costeletas de porco em um boteco da Terceira Avenida. Continuaram falando muito tempo. Eu me aborrecia imensamente e me sentia deprimida.

Fiquei assim nos dias seguintes. Num ponto eu não me havia enganado: uma vez em Nova York, Lewis de algum modo mudou de tom. Não apreciava o gênero de vida que lhe era infligido, as mundanidades, a publicidade. Ia sem satisfação aos seus almoços, às suas *parties*, aos seus coquetéis, dos quais voltava sem alegria. Eu não sabia muito bem o que fazer. Lewis me propunha molemente que o acompanhasse: este ano, porém, não me divertiam os encontros sem futuro, nem mesmo me divertia rever meus velhos amigos. Eu passeava pelas ruas, só e sem muita convicção. O calor era forte, o asfalto derretia sob os meus pés, eu suava imediatamente e sentia muita falta de Lewis. O pior era que, quando nos

encontrávamos, nem por isso havia maior satisfação. Aborrecia-o relatar sessões maçantes. E eu não tinha nada a relatar. Então íamos ao cinema, a uma luta de boxe, a uma partida de *beisebol*, e muitas vezes Felton ia conosco.

— Você não tem muita simpatia por Felton, não é? — perguntou-me Lewis um dia.

— Não tenho, principalmente, nada a dizer-lhe, nem ele a mim. — Olhei Lewis com curiosidade: — Por que seus melhores amigos são batedores de carteira, ou viciados, ou cafetões?

Lewis encolheu os ombros:

— Acho-os mais divertidos que os outros.

— Mas você nunca sentiu vontade de se drogar?

— Oh! Não! — respondeu ele prontamente. — Você bem sabe: adoro tudo o que é perigoso, mas de longe.

Brincava, mas dizia a verdade. Fascina-o o que é perigoso, desmedido, irracional; mas decidiu viver sem riscos, com limites e racionalmente. É essa contradição que o torna muitas vezes tenso e hesitante. Não seria ela que se encontrava em sua atitude para comigo?, perguntava-me a mim mesma, com angústia. Lewis me havia amado impulsivamente, com imprudência. Estaria agora a recriminar-se por isso? Em todo caso, eu não podia mais esconder o seguinte: já havia algum tempo que ele havia mudado.

Naquela noite, Lewis parecia estar de muito bom humor, quando entrou no quarto. Tinha passado a tarde gravando uma entrevista para o rádio, e eu esperava o pior. Mas ele me beijou alegremente:

— Vista-se depressa. Janto com Jack Murray, e você irá comigo. Ele morre de vontade de conhecê-la e eu quero que você o conheça.

Não escondi minha decepção:

— Esta noite? Lewis, será que nunca mais passaremos sozinhos uma noite, você e eu?

— Nós o deixaremos cedo! — respondeu. Esvaziou sobre a mesa os bolsos do paletó e tirou do guarda-roupa o terno novo: — Não me acontece com frequência ter simpatia por um escritor — disse ele. — Se lhe afirmo que Murray lhe será agradável, pode crer em mim.

— Creio em você.

Sentei-me diante da penteadeira, para remaquilar-me.

— Vamos jantar ao ar livre, no Central Park — informou Lewis. — Parece que o lugar é muito bonito e que lá se come muito bem. Que diz você?

Sorri:

— Digo que, se de fato estivermos livres cedo, será perfeito.

Lewis me olhou com uma expressão hesitante.

— Gostaria muito de que Murray lhe fosse agradável.

— Por quê?

— Ah! Fizemos projetos! — disse Lewis, com voz alegre. — Mas é preciso que ele lhe agrade. Do contrário nada feito.

Interoguei Lewis com o olhar.

— Ele tem uma casa num vilarejo, perto de Boston — continuou. — Murray nos convida para irmos até lá, pelo tempo que quisermos. Seria muito melhor do que voltarmos a Chicago: em Chicago deve estar ainda mais quente do que aqui.

Senti novamente um grande vazio na boca do estômago:

— Ele mora ou não mora nessa casa?

— Mora com a mulher e duas crianças. Mas não se assuste — acrescentou Lewis, num tom mais ou menos zombeteiro —, teríamos um quarto para nós.

— Mas, Lewis, não tenho vontade de passar este último mês com outras pessoas! Prefiro sentir bastante calor em Chicago, sozinha com você.

— Não vejo por que precisaríamos ficar noite e dia a sós, os dois, sob o pretexto de que nos amamos — disse Lewis, com uma voz brusca.

Antes que eu tivesse podido responder, ele havia entrado no banheiro e fechado a porta.

Com angústia, interoguei-me: “Que significa isso? Será que na verdade ele se aborrece comigo?” Vesti uma blusa de rendas e uma saia vistosa, compradas no México, calcei sandálias douradas e permaneci plantada no meio do quarto, completamente ao desamparo. Ele se aborrece? Ou o que é que há? Toquei nas chaves que ele havia deixado sobre a mesa, na carteira, no maço de Camel. Como eu podia conhecer Lewis tão mal, agora que o amava tanto! Entre os papéis esparsos, notei uma carta. Tinha o timbre de seus editores. Abri-a: *Caro Lewis Brogan. Uma vez que você prefere vir imediatamente a Nova York, estamos de acordo. Vamos tomar todas as providências necessárias. Combinado para quinta-feira ao meio-dia.* Li a

continuação sem atenção: não interessava. *Você prefere vir imediatamente a Nova York, você prefere, você...* Na noite em que Paule havia dado seu banquete fantasma, eu senti o chão oscilar sob os meus pés. Hoje era pior. Lewis não estava louco: a louca seria eu, necessariamente. Deixei-me cair sobre a poltrona. Ele tinha escrito essa carta somente oito dias depois da noite de Chichicastenango, da noite em que me dizia: “Amo-a, estúpida gaulesinha.” Eu me lembrava de tudo: das chamas, dos tapetes, de seu velho roupão, da chuva contra as vidraças. E ele dizia: “Amo-a.” Isto oito dias antes de nossa chegada ao México. Nesse meio tempo, nada se tinha passado. Então por quê? Por que decidira abreviar nossa vida a sós? Por que me havia mentido? Por quê?

— Oh! Não faça essa cara! — disse Lewis, ao sair do banheiro.

Ele me supunha emburrada por causa do convite de Murray. Não esclareci. Impossível arrancar-me uma palavra. Durante o trajeto, feito de táxi, não abrimos a boca.

Estava fresco no restaurante do Central Park. Pelo menos a vegetação, as toalhas de mesa adamascadas, os baldes cheios de gelo, os ombros nus das mulheres davam uma impressão de frescor. Bebi dois martinis seguidos. Graças a isso, quando Murray chegou pude articular decentemente algumas frases. No tempo em que eu gostava de encontros sem futuro, certamente teria ficado satisfeita de conhecê-lo. Ele era todo redondo, cabeça, rosto e corpo, e talvez fosse por isso que a gente tinha vontade de se agarrar a ele, como a uma tábua de salvação. E como sua voz era gentil! Ouvindo-a, constatei o quanto a de Lewis se havia tornado seca. Murray me falou dos livros de Robert, dos de Henri, parecia estar por dentro de tudo. Era fácil conversar com ele. Continuava a martelar em minha cabeça: “Você prefere vir a Nova York, você prefere Nova York.” Mas era um pesadelo que continuava sem minha consciência, enquanto eu saboreava um coquetel de camarões e bebia vinho branco. Murray me perguntou o que os franceses pensavam das propostas de Marshall e pôs-se a discutir com Lewis sobre a provável atitude da URSS: era de opinião que ela mandaria Marshall passear e que teria muita razão. Parecia entender de política mais do que Lewis. De um modo geral tinha a cabeça mais bem-organizada e uma cultura mais sólida. Lewis estava todo feliz de reencontrar suas próprias opiniões na boca de um homem que sabia muito bem defendê-las. Sim, sob diversos aspectos Murray podia dar-lhe muito

mais do que eu, compreendia que Lewis tivesse vontade de fazer dele um amigo. Eu compreendia, com a maior exatidão, que Lewis desejasse passar este mês com ele. Mas isto não me explicava a mentira do México; não explicava o essencial.

— Posso deixá-los em algum lugar? — perguntou Murray, dirigindo-se para o estacionamento.

— Não, estou com vontade de andar — disse eu, prontamente.

— Se gosta de andar, é absolutamente necessário que vá a Rockport — disse Murray, com um grande sorriso. — Há passeios deslumbrantes a fazer. Estou certo de que o lugar lhes agradará. E ficarei tão contente de tê-los lá!

— Seria bom! — disse eu, calorosamente.

— A partir de segunda-feira próxima, ambos têm que aparecer. Nem será preciso avisar.

Ele subiu no carro e partimos a pé, através do parque.

— Acho que Murray tinha vontade de passar a noite conosco — disse Lewis, com alguma censura.

— Talvez. Mas eu não.

— Você, entretanto, pareceu entender-se muito bem com ele — observou Lewis.

— Acho-o muito simpático. Mas tenho coisas a dizer a você.

A fisionomia de Lewis anuviou-se:

— Não devem ser muito importantes!

— São. — Mostrei uma pedra chata, situada no meio da grama: — Sentemo-nos.

Esquilos cinzentos corriam pelo verde. Ao longe, grandes edifícios brilhavam. Com uma voz neutra, eu disse:

— Há pouco, enquanto você tomava banho, deixou cartas espalhadas sobre a mesa. — Procurei o olhar de Lewis: — Seus editores não exigiam, absolutamente, que você viesse agora a Nova York. Foi você quem lhes propôs isso. Por que me disse o contrário?

— Ah! Você lê minha correspondência pelas costas! — disse Lewis, com a voz irritada.

— Por que não? Você mente para mim.

— Minto para você e você revista meus papéis: estamos quites — disse Lewis, com hostilidade.

De súbito, todas as minhas forças me abandonaram e olhei para ele com estupor. Era ele, era eu. Como havíamos chegado a esse ponto?

— Lewis, não compreendo mais nada. Você me ama, eu o amo. Que é que está acontecendo a nós dois? — perguntei, desorientada.

— Absolutamente nada — disse ele.

— Não compreendo! — repeti. — Explique-me. Estávamos tão felizes no México! Por que você resolveu vir a Nova York? Bem sabia que quase não poderíamos ver-nos mais.

— Sempre índios, ruínas... Começava a enfastiar-me — disse Lewis. Encolheu os ombros: — Tive vontade de mudar de ar; não vejo o que isso tem de trágico.

Não era uma resposta, mas decidi provisoriamente contentar-me com ela:

— Por que não me disse que estava entediado no México? Por que essas manobras? — perguntei.

— Você não me teria deixado vir aqui, teria me obrigado a ficar lá.

Fiquei tão surpresa como se ele me houvesse esbofetado: que rancor em sua voz!

— Você está pensando no que diz?

— Sim — respondeu ele.

— Mas, afinal, Lewis, quando o impedi de fazer o que queria? Sim, você procurava dar-me prazer, sempre: mas isso parecia dar prazer também a você. Nunca tive a impressão de que o tiranizasse.

Revi na memória o nosso passado: tudo tinha sido amor, entendimento e a felicidade de nos darmos felicidade um ao outro. Era horrível imaginar que, por detrás da gentileza de Lewis, se escondessem queixas.

— Você é tão teimosa, que nem mesmo se dá conta disso — disse Lewis.

— Arranja as coisas na cabeça e não larga delas; é preciso resignar-se ao que você quer.

— Mas quando aconteceu isso? Dê-me exemplos.

Lewis hesitou:

— Tenho vontade de ir passar este mês na casa de Murray e você se opõe.

Interrompi-o:

— Você está de má vontade. Quando aconteceu coisa semelhante, antes do México?

— Sei muito bem que, se eu não houvesse feito força, teríamos permanecido no México — disse Lewis. — Segundo seus planos, a gente devia passar lá ainda um mês, e você me teria provado a necessidade disso.

— Antes de mais nada, os planos eram de nós dois — disse eu. Refleti. — Suponho que eu teria discutido; mas, uma vez que era tão grande a sua vontade de vir a Nova York, eu acabaria certamente por ceder.

— É fácil dizer — disse Lewis. Deteve-me com um gesto: — Em todo caso, teria sido preciso um árduo trabalho para convencê-la. Apliquei uma mentirinha, para ganhar tempo: não é tão grave.

— Quanto a mim, acho isso grave. Pensava que você jamais mentiria para mim.

Lewis sorriu com algum constrangimento:

— De fato, menti pela primeira vez. Mas você não tem razão de magoar-se. Quer mintamos para nós mesmos, quer não, nunca se diz a verdade.

Encarei-o com perplexidade. Decididamente, passavam-lhe pela cabeça coisas esquisitas! O coração andava-lhe pesado. Mas o que acontecia, exatamente? Sacudi a cabeça:

— Não acredito nisso. Podemos falar. Podemos nos conhecer. Basta um pouco de boa vontade.

— Sei que essa é sua ideia — disse Lewis. — Mas, justamente, é a pior mentira: fingir que dizemos a verdade um ao outro.

Ele se levantou:

— Enfim, sobre esse ponto eu já lhe disse o que tinha a dizer. Não há nada a acrescentar. Talvez pudéssemos sair daqui.

— Vamos embora.

Atravessamos silenciosamente o parque. Essa explicação não me havia explicado absolutamente nada. Só uma coisa estava clara: a hostilidade de Lewis. Mas de onde vinha ela? Ele estava demasiado hostil para dizer-me. De nada serviria interrogá-lo.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Aonde quiser.

— Não tenho ideia.

— Nem eu tampouco.

— Você parecia ter planos para esta noite — disse Lewis.

— Nada de especial. Pensei que se pudesse ir a um pequeno bar sossegado, e conversar.

— Não se conversa assim, sob encomenda — disse ele, com indisposição.

— Vamos ouvir jazz no café Society.

— Você não ouviu jazz suficiente, em sua vida?

A raiva subiu-me ao rosto:

— Bom, vamos dormir.

— Não tenho sono — disse Lewis, com ar inocente.

Ele se divertia em me irritar, mas sem amizade. Pensei, com rancor: “Ele estraga esta noite de propósito; estraga tudo de propósito.” Secamente, eu disse:

— Então, vamos ao café Society, já que tenho vontade disso e você não tem vontade de coisa alguma.

Tomamos um táxi. Lembrei-me do que Lewis me dissera um ano antes: que, por culpa sua, ele não se entendia com ninguém. Era verdade, então! Mantinha boas relações com Teddy, Felton, Murray, porque os via raramente. Mas uma vida em comum... não suportaria muito tempo. Havia-me amado impensadamente: e já o amor lhe parecia uma sujeição. De novo a raiva me atravessou a garganta: era antes consolador. “Ele devia prever o que lhe acontece”, pensei. “Não devia ter-me deixado comprometida de corpo e alma neste caso. E não tem o direito de se comportar da forma como vem fazendo. Se lhe estou sendo pesada, que o diga. Posso voltar a Paris, estou pronta para voltar.”

A orquestra tocava um trecho de Duke Ellington. Pedimos uísque. Lewis me encarou com alguma inquietação:

— Você está triste?

— Não — disse eu —, triste não. Estou com raiva.

— Com raiva? Você tem um modo muito calmo de ficar com raiva.

— Não confie nisso.

— Em que é que está pensando?

— Em que, se esta história está-se tornando pesada para você, é só dizê-lo. Posso tomar um avião para Paris amanhã.

Lewis sorriu levemente:

— O que você sugere é grave.

— Para uma vez que saímos sozinhos, parece que isto lhe é insuportável — disse eu. — Acho que está aí o segredo de todo o seu comportamento: Você se aborrece em minha companhia. É o caso de eu ir embora.

Lewis sacudiu a cabeça:

— Não me aborreço em sua companhia — disse, muito seriamente.

A raiva abandonou-me, assim como se tinha apoderado de mim. E, novamente, senti-me sem forças:

— Então, que há? Há alguma coisa: que é?

Houve um silêncio, e Lewis disse:

— Admitamos que, de vez em quando, você me irrite um pouquinho.

— Bem que sinto isso. Mas gostaria de saber por quê.

— Explicou-me que o amor não representa tudo para você — disse Lewis, começando, bruscamente, a falar muito e depressa. — Vá lá. Mas, então, por que exige que ele seja tudo para mim? Se tenho vontade de vir a Nova York, de ver amigos, isto a aborrece. Seria preciso que fosse só você quem contasse, que nada mais existisse, que eu lhe subordinasse toda a minha vida, enquanto você não sacrificaria nada da sua. Não é justo!

Fiquei quieta. Em suas censuras havia muita má-fé e muita incoerência. Mas a questão era outra. Pela primeira vez, nesta noite, eu entrevia um clarão nada tranquilizador.

— Engana-se — murmurei. — Não exijo nada.

— Oh! Sim! Você vai e volta, quando isso lhe dá na telha. Mas, enquanto estiver aqui, devo assegurar-lhe uma felicidade perfeita...

— Você é que é injusto — retruquei. A voz ficou presa na garganta. Agora, repentinamente, a coisa me saltava aos olhos: Lewis estava ressentido comigo, porque eu tinha recusado ficar ao seu lado para sempre. A presente estada em Nova York, os projetos feitos com Murray eram represálias!

— Você está ressentido comigo! — disse-lhe. — Por quê? Não tenho culpa de nada, você bem sabe.

— Não estou sentido com você. Penso unicamente que não se deve pedir mais do que se dá.

— Você está sentido comigo! — repeti. Olhei Lewis com desespero. — Entretanto, quando falamos em Chichicastenango, estávamos de acordo, você me compreendia. Que se passou depois disso?

— Nada — disse Lewis.

— Então? Você dizia que não me teria amado tanto, se fosse diferente. Dizia que seríamos felizes...

Lewis encolheu os ombros:

— Eu disse o que você queria que eu dissesse.

Novamente tive a impressão de receber uma bofetada em pleno rosto. Balbuciei:

— Como assim?

— Queria dizer-lhe muitas outras coisas, mas você se pôs a chorar de alegria; isto me fechou a boca.

Sim, recordava-me. As chamas crepitavam e eu tinha os olhos cheios de lágrimas; era verdade que me apressara a chorar de alegria no ombro de Lewis. Havia-lhe forçado a mão. Era verdade.

— Tinha tanto medo! — disse eu. — Tinha tanto medo de perder o seu amor!

— Sei disso. Você parecia aterrorizada. Isto também impediu que eu falasse — continuou Lewis, acrescentando, rancoroso: — Como você ficou aliviada, quando compreendeu que me levaria para onde queria! O resto lhe era indiferente!

Mordi os lábios. Desta vez não convém que eu chore, por nenhum preço. E, entretanto, o que me acontecia era horroroso. As chamas, os tapetes, a chuva contra as janelas, Lewis no seu roupão branco: eram falsas todas estas lembranças. Revia-me chorando em seu ombro. Estávamos unidos para sempre: mas eu estava unida sozinha. Ele tinha razão: eu deveria ter-me preocupado com o que se passava no seu íntimo, em vez de me satisfazer com as palavras que lhe arrancava. Eu tinha sido covarde, egoísta e covarde. Estava bem-punida. Juntei toda a minha coragem; agora já não podia mais furtar-me a ouvir o que Lewis tinha a dizer.

— Que teria você dito, caso eu não chorasse? — perguntei.

— Teria dito que não se pode amar da mesma forma alguém que nos pertence inteiramente e alguém que não nos pertence assim.

Empertiguei-me e tentei defender-me:

— Você disse justamente o contrário: disse que, se eu fosse diferente, não me amaria tanto.

— Não é contraditório isso — disse Lewis. Sacudiu os ombros: — Ou então os sentimentos são capazes de se contradizer.

Inútil discutir; a lógica não tinha, aqui, nada que fazer. Sem dúvida os sentimentos de Lewis haviam sido inicialmente confusos e, para ganhar tempo, ele tinha dito palavras tranquilizadoras; ou pode ser que só mais tarde ele houvesse ficado ressentido comigo. Pouco importava. Já não me amava da mesma forma que antes: como resignar-me? O desespero sufocava-me. Para impedir-me de pensar, continuei a falar:

— Você não me ama tanto como outrora?

Lewis hesitou:

— Penso que o amor é menos importante do que pensava.

— Compreendo — disse eu. — Já que vou embora, estar aqui ou não estar não faz muita diferença.

— Algo assim — respondeu Lewis. Olhou-me, e repentinamente sua voz se transformou: — Todavia, esperei-a tanto! — disse com emoção. — Durante todo o ano, não pensei em outra coisa. Como a desejei!

— Sim — retruquei, com tristeza. — E agora...

Lewis passou o braço em volta de meus ombros:

— Agora ainda a desejo.

— Oh! Daquele jeito!

— Não só daquele jeito. — A mão dele crispou-se sobre o meu braço: — Casaria com você na hora.

Abaixei a cabeça. Lembrei-me da estrela cadente sobre o lago. Ele tinha formulado um voto, esse voto não fora atendido; eu havia prometido a mim mesma que não o decepcionaria nunca e o decepcionara irremediavelmente. Era a única culpada. Nunca mais poderia querer-lhe mal, por nada.

Não falamos mais. Ouvimos um pouco de jazz e voltamos para casa. Não dormi. Com angústia me perguntava se conseguiria salvar o nosso amor; este ainda poderia triunfar da ausência, da espera, de tudo, mas com a condição de que ambos o quiséssemos. Será que Lewis iria querer também? “No momento ele está hesitante”, dizia-me eu; “procura resguardar-se dos arrependimentos, do sofrimento, daquele mal-estar indefinível da alma. Entretanto, o homem a quem desagrade jogar fora um velho roupão não se desembaraçará tão facilmente de nosso passado. Ele é mais generoso do que orgulhoso”, dizia-me eu, ainda para me encorajar; “é mais ávido do que prudente, deseja que lhe aconteçam coisas.” Só que eu também sabia do valor que ele dava à própria segurança, a

independência, e como se orgulhava de viver comedida e ajuizadamente. Pode parecer insensato amar através de um oceano. Sim, estava aí o que se me representava ser o mais temível em Lewis: esta loucura de sensatez que o acomete bruscamente. Era a ela que eu devia combater. Precisava demonstrar a Lewis que ele tem mais a ganhar do que a perder nesta história. Ao tomar o café da manhã, ataquei:

— Lewis, pensei a noite toda em nós.

— Você teria feito melhor se dormisse.

Sua voz era amistosa, ele parecia calmo; sem dúvida, dizer-me o que lhe pesava sobre o coração o havia aliviado.

— Você me confessou ontem que eu o irritava, porque exijo mais do que dou — disse-lhe eu. — Sim, está errado: não farei mais isso. Tomarei o que você me der e nunca mais exigirei nada.

Lewis quis interromper-me, mas eu continuei. De início iríamos para a casa dos Murray, estava entendido. Depois eu não queria que ele se julgasse preso àquela fidelidade que, até o presente, se havia imposto: em minha ausência deveria sentir-se tão livre como se eu não tivesse existido. Se alguma vez se sentisse tentado a amar uma outra mulher, com verdadeiro amor, tanto pior para mim; eu não protestaria. Uma vez que o nosso caso não lhe trazia tudo aquilo com que sonhara, ao menos não o privaria de coisa alguma.

— Assim sendo, não pense que lhe armei uma cilada. Não estrague mais as coisas pelo puro prazer de estragá-las.

Lewis tinha-me ouvido com atenção. Sacudiu a cabeça:

— O caso não é tão simples assim!

— Eu sei — respondi. — Desde o momento em que se ama, não se é mais livre. Contudo, amar a quem se crê com direitos sobre a gente e amar a quem não se crê com direito nenhum não é a mesma coisa.

— Oh! Que uma mulher acreditasse ter direitos sobre mim me seria bem indiferente, se eu não tomasse conhecimento disso — disse Lewis. E acrescentou: — Não falemos mais em tudo isso. A gente só enrola as coisas, quando fala.

— A gente as enrola também quando se cala — respondi. Inclinei-me para ele: — Há uma coisa que lhe quero perguntar: Você se arrepende de ter-me conhecido?

— Não — disse ele. — Esteja tranquila. Jamais me arrependerei.

O tom de sua voz me deu coragem:

— Lewis, nós nos veremos de novo, não é?

Ele sorriu:

— É o que há de mais certo no mundo.

A esperança retornou-me ao coração. Eu sabia que meu discurso não o convencera senão pela metade. Efetivamente, sim, era falacioso falar-lhe de liberdade e pedir-lhe ao mesmo tempo que não me expulsasse de seu coração. “Mas será suficiente”, dizia eu a mim mesma, “que ele não se mantenha obstinado em seu rancor, e eu lhe provarei que nosso amor pode ser feliz.” Sem dúvida eu já havia tocado num dos seus pontos sensíveis, ou então suas queixas se tinham dissipado no momento em que as havia formulado: levou-me de tarde para Coney Island e foi tão alegre, tão terno, como nos mais belos dias. De repente acudiam-lhe mil coisas para me contar: sobre a vida literária em Nova York, sobre pessoas, sobre livros; falava, falava como se nos tivéssemos reencontrado nesse momento. E, se ao menos ele houvesse dito “Amo-a”, eu poderia acreditar, naquela noite, que tudo estava exatamente como em outros tempos.

— Ir para a casa dos Murray não a aborrece de verdade? — perguntou-me ele na segunda-feira, com a voz um pouco hesitante.

— De maneira alguma. Diverte-me.

— Então vamos esta noite.

Olhei-o, surpresa:

— Pensava que você ainda tivesse muitas coisas que fazer aqui!

Lewis pôs-se a rir:

— Não as farei.

A partir da manhã seguinte, tomamos café com os Murray, num estúdio com grandes janelas envidraçadas. A casa ficava fora da cidade, empoleirada num espigão rochoso. O azul do céu e o ruído do mar entravam pelas janelas, Lewis falava ininterruptamente, empanturrando-se de torradas com manteiga: quem lhe visse o rosto alegre acreditaria estar ele realizando finalmente o mais caro de seus sonhos. Necessário reconhecer que tudo era perfeito: o pitoresco do lugar, o tempo, a primeira refeição, o sorriso de nossos anfitriões. Entretanto, eu me sentia desconfortável dentro da própria pele. Ellen, apesar de sua gentileza, intimidava-me; sua elegância discreta, o encanto de sua casa, seus dois filhos resplandecentes de saúde davam o testemunho de que ela era uma

jovem matriarca realizada: as mulheres que regulam com tanta felicidade todos os detalhes de sua existência sempre me assustam um pouco. E eis que eu ia ser apanhada na rede cerrada desta vida, em que não havia lugar para mim: tinha a impressão de estar, ao mesmo tempo, solidamente amarrada e de navegar à deriva.

O menininho tinha oito anos, chamava-se Dick. Tomou-se imediatamente de grande amizade por Lewis; conduziu-nos, através de um caminho estreito e escarpado, até uma pequena enseada ao pé dos rochedos. Lewis passou a manhã jogando bola com ele, dentro da água e na areia. Eu nadei, li, não me aborreci, mas continuei a perguntar-me: “Que faço aqui?” À tarde Murray levou-nos a passear de carro, ao longo da costa; Ellen não nos acompanhou. De volta à casa, ficamos sós por bastante tempo, Lewis e eu, no estúdio, diante de copos de uísque. Repentinamente, verifiquei que nos acontecia com frequência ficarmos a sós, juntos: Murray esperava passar seus dias diante da máquina de escrever e Ellen não tinha, visivelmente, nenhum minuto para si. Tomei um gole de uísque, começava a sentir-me bem.

— Como é lindo este lugar! — exclamei. — E como Murray é gentil! Estou contente!

— Sim, está-se bem aqui — disse Lewis.

O rádio tocava uma música ligeira, antiga, e durante um momento ouvimo-la em silêncio. O gelo tintilava nos copos, ouvia-se o riso de crianças, um cheiro gostoso de massa se misturava ao do mar.

— Eis como seria preciso viver! — exclamou Lewis. — Uma casa própria, uma mulher a quem não se ama nem muito, nem muito pouco; filhos.

— Você pensa que é assim que Murray gosta de Ellen? Nem muito, nem muito pouco? — perguntei-lhe, com curiosidade.

— É evidente — disse Lewis.

— E ela? Como o ama?

Lewis sorriu:

— Muito e muito pouco, suponho, como todas as mulheres.

“Ele está de novo sentido comigo”, pensei, com um pouco de tristeza. Era, sem dúvida, por causa deste pequeno sonho de felicidade doméstica, que acabava de atravessar-lhe a cabeça. Perguntei:

— Acredita que você seria feliz assim?

— Pelo menos nunca seria infeliz.

— Não é bem certo. Há pessoas a quem o fato de não se sentirem felizes torna infelizes: creio que você é uma delas.

Lewis sorriu:

— Pode ser — disse. Refletiu: — Todavia, invejo Murray por ter filhos. A gente se cansa de viver sempre sozinho, exclusivamente para si; a vida acaba parecendo inútil! Gostaria de ter filhos.

— Pois bem, um dia você casará e terá filhos — repliquei.

Lewis olhou-me. Parecia hesitante:

— Isto não acontecerá amanhã, nem depois de amanhã. Mais tarde, porém, daqui a alguns anos, por que não?

Sorri-lhe:

— Sim — respondi. — Por que não? Daqui a alguns anos...

Era tudo o que eu pedia: alguns anos. Para juramentos eternos eu morava muito longe, tinha muita idade; era preciso tão somente que nosso amor vivesse o tempo suficiente para extinguir-se de modo suave, deixando em nossos corações saudades sem mácula e uma amizade que não tivesse fim.

O jantar foi tão generoso e Murray tão cordial, que acabei por me sentir em casa. Minha disposição era favorável, quando, ao café, chegaram visitas. Era início de temporada e ainda havia poucos veranistas em Rockport. Todos se conheciam e estavam ávidos para verem rostos novos. Receberam-nos com festa. Lewis retirou-se logo da conversa, ajudou Ellen a preparar sanduíches e a bater coquetéis. Fiz o que pude para responder todas as perguntas com que me sobrecarregavam. Murray iniciou uma discussão sobre relações entre psicanálise e o marxismo. Sobre isso meus conhecimentos eram maiores do que os dos outros e, como nosso anfitrião me estimulava, falei muito. Quando de novo em nosso quarto, Lewis me olhou com ar intrigado e me disse:

— Vou acabar acreditando que há um cérebro nesse craniozinho!

— Enganei bem, não é?

— Não: Você tem realmente um cérebro — repetiu. Continuava a olhar-me e havia alguma reprovação em seus olhos: — É esquisito; nunca penso em você como uma intelectual. Para mim você é tão diferente!

— Com você, sinto-me outra coisa — disse eu, indo para os seus braços.

E como me apertou com força! Ah! De repente, nenhuma questão se levantava. Ele estava aí, e isto bastava. Tinha as pernas de Lewis

enredadas em minhas pernas, sua respiração, seu odor característico, suas mãos violentas sobre o meu corpo; ele dizia “Anne!”, com a mesma voz de outrora, e como outrora o sorriso dele me trazia o seu coração, juntamente com a sua carne.

Quando acordamos, céu e mar brilhavam. Tomamos emprestadas as bicicletas dos Murray e fomos à aldeia; passeamos sobre a ponte, estivemos um longo tempo a olhar os barcos, os pescadores, as redes, os peixes; eu respirava o fresco aroma particular dos peixes marinhos, o sol me acariciava. Lewis segurava-me pelo braço, ria.

Num ímpeto, falei:

— Que bela manhã!

— Pobre gaulesinha — disse Lewis, com voz terna. — Como necessita de tão pouco para sentir-se no paraíso!

— O céu, o mar, o homem que amo: não é tão pouco.

Ele me apertou o braço:

— Vá! Você não é muito exigente.

— Contento-me com o que tenho — disse eu.

— Você tem razão — respondeu Lewis. — É preciso que a gente se contente com o que tem.

O céu tornou-se ainda mais azul; o sol, mais quente. E eu escutei dentro de mim um grande e alegre carrilhão. Pus-me a pensar: “Ganhei.” Aceitei aceitando o convite para vir aqui. Lewis sentia-se livre, compreendia que meu amor não o privava de nada. Durante uma parte da tarde, jogou novamente com Dick, na praia, e eu lhe admirei a paciência. Há muito tempo que não o via tão tranquilo. Depois do jantar, Murray levou-nos à casa de amigos e desta vez Lewis não procurou manter-se de lado: ficou exuberantemente comunicativo. Decididamente, ele não acabaria nunca de provocar minha admiração; eu não achava que, em sociedade, ele pudesse ser brilhante: era. Contou nossa viagem em resumos tão hábeis e com tal felicidade criadora, que sua Guatemala era mais verdadeira do que a verdadeira; todos tiveram vontade de visitá-la. Quando imitou os indiozinhos, trotando com seus fardos, as mulheres exclamaram:

— Você seria um ator maravilhoso!

— Como ele conta bem!

Lewis parou na hora:

— Que paciência vocês têm! — disse, sorrindo. E acrescentou: — Eu, por mim, detesto as narrativas de viagem.

— Oh! Continue — disse uma loura.

— Não, terminei meu número — declarou ele, encaminhado-se para o bufê. Esvaziou um grande copo de *manhattan*, enquanto lindas moças de espáduas douradas e mulheres menos bonitas e de olhos sentimentais o rodeavam, solícitas. Atormentou-me um pouco constatar que ele agradava às mulheres. Achava que Lewis me seduzira sutilmente, por sua falta de sedução pessoal: e descobria que ele era sedutor. De qualquer forma, o que ele representava para mim não representava para ninguém mais. “Só para mim ele é único”, pensei, com uma espécie de orgulho.

Eu também bebi, dancei, conversei com um violonista que acabava de ser despedido do rádio por causa de suas ideias avançadas; depois com músicos, com pintores, com intelectuais, com literatos. No verão Rockport é um anexo de Greenwich Village, enche-se de artistas. Repentinamente, dei-me conta do desaparecimento de Lewis. Perguntei a Murray:

— Para onde foi Lewis?

— Não sei, absolutamente — disse-me Murray, com sua voz plácida.

Senti-me um pouco angustiada: teria ele ido dar uma volta no jardim, com uma de suas belas admiradoras? Neste caso, não ficaria muito contente de me ver aparecer: tanto pior! Dei uma olhadela no vestíbulo, na cozinha, e saí da casa. Não se ouvia senão o canto das cigarras. Dei alguns passos e avistei um cigarro aceso; Lewis estava sentado num banco de jardim, sozinho.

— Que está fazendo aqui? — perguntei-lhe.

— Descansando.

Sorri:

— Pensei que aquele mulherio fosse comê-lo vivo.

— Sabe o que era preciso fazer? — disse Lewis, num tom vingativo. — Embarcá-las num navio, jogá-las todas ao mar, e em lugar delas trazer uma carga de indiazinhas. Você se lembra das indiazinhas de Chichicastenango, comportadamente sentadas no chão, aos pés dos maridos? Como eram silenciosas! E tinham rostos em que nada se mexia.

— Lembro.

— Elas têm sempre o rosto bonito, as tranças negras: e jamais tornaremos a vê-las — continuou Lewis. Suspirou: — Como está longe

tudo isso.

Havia em sua voz a mesma nostalgia de quando, na selva de Chichen-Itza, me falava na casa de Chicago. “Se eu me tornar uma recordação para ele, poderei ser lembrada com esta ternura”, pensei. Não desejava, porém, tornar-me uma recordação.

— Pode ser que voltemos a ver as indiazinhas um dia.

— Acho que não — disse Lewis. Levantou-se. — Venha passear. A noite está tão cheirosa!

— É preciso voltar para junto daquela gente, Lewis. Vão sentir nossa falta.

— E daí? Nada tenho a dizer-lhes, nem eles a mim.

— Mas são amigos dos Murray: não seria gentil desaparecermos assim.

Lewis suspirou:

— Como eu gostaria de uma pequena esposa índia, que me seguisse sem protestar para onde eu quisesse ir!

Entramos de novo em casa. Lewis não estava nada alegre. Bebeu muito e não respondia senão por grunhidos às perguntas que lhe faziam. Sentou-se ao meu lado e ouviu a conversa com um ar de censura. Eu disse a Murray que, na França, muitos escritores se perguntavam que sentido tinha escrever, hoje em dia. Todo mundo se pôs a discutir apaixonadamente a respeito. O rosto de Lewis tornava-se cada vez mais sombrio. Ele detesta teorias, sistemas, generalizações. Bem sei por quê: para ele, uma ideia não é um conjunto de palavras, é algo vivo; as ideias que acolhe remexem nele, desarrumam tudo. E ele se vê obrigado a um duro trabalho para pôr ordem no cérebro, o que o assusta um pouco. Também sob este aspecto, ele deseja segurança, detesta sentir-se perdido; frequentemente se fecha. Era visível que se fechava. Em dado momento, explodiu:

— Por que a gente escreve? Para quem escreve? Se se começar com esta indagação, não se escreve mais! Escreve-se, é tudo, e as pessoas nos leem. Escreve-se para as pessoas que nos leem. Os escritores que ninguém lê são os que levantam tais questões!

Foi um banho de água fria. Ainda mais porque estavam lá de fato não poucos escritores que ninguém lia e jamais leria. Murray, felizmente, contornou a situação. Lewis reentrou na sua concha. Um quarto de hora mais tarde, despedimo-nos.

Todo o dia seguinte Lewis esteve de mau humor; quando Dick, empunhando revólveres, chegou à praia, soltando gritos, Lewis o olhou de viés; e foi cheio de raiva que lhe deu uma lição de boxe e o levou a nadar. À tarde, enquanto eu conversava com Ellen e Murray, ficou absorto na leitura dos jornais. Eu sabia que Murray não se magoaria por tão pouco, mas estava aborrecida por causa de Ellen. “Ele bebeu demais ontem, amanhã estará mais bem-disposto”, pensei, esperançosa, ao adormecer.

Enganava-me. No dia seguinte de manhã, Lewis não me deu um sorriso sequer. Ellen ficou sensibilizada, porque ele lhe tirou o aspirador das mãos e limpou a casa, desde o porão até o sótão: mas esta fúria de serviços caseiros era suspeita. Ele continuava silencioso: de que estaria fugindo? Mostrou-se relativamente amável ao almoço, mas logo, a sós comigo, na praia, me disse, com voz violenta:

— Se este fedelho sujo vier chatear-me outra vez, torço-lhe o pescoço.

— É culpa sua! — disse eu, com irritação. — Você não devia ter sido tão gentil com ele, no primeiro dia.

— No primeiro dia, eu sempre me entrego — disse Lewis, a voz carregada de rancor.

— Sim: mas os outros também existem — observei prontamente. — É preciso que você leve isso em conta.

Rolaram pedrinhas sobre nossas cabeças. Dick descia o caminho. Vestia uma calça xadrez preta e branca, uma camisa limpa e exibia um cinturão de *cowboy*. Correu para Lewis:

— Por que você veio aqui? Eu o esperava lá em cima. Disse-me ontem que, depois do almoço, iríamos passear de bicicleta.

— Não tenho vontade de passear — disse Lewis.

Dick olhou-me com censura:

— Ontem você disse que a gente iria amanhã. Amanhã é hoje.

— Se é hoje, não é amanhã — disse Lewis. — Que é que ensinam a você na escola? Amanhã é amanhã.

Dick abriu a boca com um ar infeliz. Agarrou Lewis pelo braço:

— Vamos! Venha!

Lewis desprendeceu-se de seu braço com um gesto brusco: foi quase com essa cara que ele deu um pontapé no dragão de pedra. Pousei a mão sobre o ombro de Dick:

— Ouça, vou levá-lo a passear de bicicleta. Iremos à cidade: olharemos os barcos, tomaremos sorvete.

Dick me examinou sem entusiasmo:

— Ele prometeu vir — disse, apontando Lewis.

— Ele está cansado.

Dick se voltou para Lewis:

— Você fica aqui? Vai mergulhar?

— Não sei.

— Fico com você: lutaremos boxe — disse Dick. — E, depois, vamos nadar...

Erguia de novo para Lewis um rosto confiante.

Mas este disse:

— Não!

Apoiei minha mão ao ombro de Dick:

— Venha. Vamos deixá-lo. Ele tem coisas na cabeça em que pensar. Preciso ir a Rockport e, sozinha, ficaria aborrecida: acompanhe-me. Você me contará histórias, e eu lhe comprarei revistas em quadrinhos, comprarei o que você quiser! — disse-lhe, com a energia do desespero.

Dick deu as costas a Lewis e se pôs a subir o caminho. Eu estava furiosa com Lewis: não se age assim com uma criança! Além do mais, não me divertia ter que me ocupar de Dick. Felizmente, por profissão, sei inspirar confiança a um garoto. Ele logo se tornou risonho. Fizemos uma corrida de bicicleta: deixei-me vencer por pouco. Empanturrei Dick de sorvetes de groselha, subimos num barco pesqueiro. Enfim, fiz tanto e tão bem, que ele não quis largar de mim antes da hora do jantar.

— Pois bem, você pode agradecer-me — disse eu a Lewis, entrando no quarto. — Livrei-o do fedelho. — Acrescentei: — Você foi repugnante com ele.

— É ele que pode agradecer a você — disse Lewis —; mais um minuto, e quebrava-lhe os ossos.

Ele estava deitado em sua cama, com a velha calça de algodão e camisa de mangas curtas. Fumava, olhando o teto. Pensei, com rancor, que ele de fato deveria agradecer-me. Tirei a roupa de praia e pus-me a pentear-me de novo:

— Já é hora de você se vestir — observei.

— Estou vestido — disse Lewis. — Não vê que tenho roupa sobre o corpo? Pareço estar nu?

— Você não espera descer assim, não?

— Como não? Não vejo por que seria preciso mudar de traje, sob o pretexto de que o sol se escondeu.

— Murray e Ellen fazem isso, e você está na casa deles. Além do que, haverá gente para jantar.

— Isso ainda! — disse Lewis. — Não vim aqui para deparar-me outra vez com a vida idiota de Nova York.

— Você não veio aqui para ser desagradável a todo mundo! — disse eu. — Já ontem à noite Ellen começava a olhá-lo com um ar esquisito. — Bruscamente, interrompi-me: — Oh! E, além do mais, não ligo! — disse eu. — Faça o que quiser!

Lewis acabou por se vestir, reclamando. “Foi ele quem me impôs esta temporada, e agora age expressamente no sentido de torná-la insuportável”, disse eu a mim mesma, com raiva. Eu agia do melhor modo possível e ele estragava tudo. Decidi que esta noite o deixaria de lado: era muito cansativo estar a toda hora dando atenção às suas indisposições.

Fiz o que me havia prometido: conversei com todo mundo e ignorei Lewis. De um modo geral, achei simpáticos os amigos de Murray: passei uma boa noite. Quase todos os convidados, por volta da meia-noite, saíram; Ellen se retirou. Lewis também. Fiquei com Murray, o violonista e dois outros sujeitos. E continuamos conversando até três horas da manhã. Quando entrei em nosso quarto, Lewis acendeu a luz, aprumou-se na cama:

— Então? Acabou de fazer barulho com a boca? Não pensava que uma mulher pudesse fazer, sozinha, tanto barulho, exceto, talvez, a sra. Roosevelt.

— Gosto muito de conversar com Murray — disse eu, começando a tirar a roupa.

— É exatamente o que censuro em você! — A voz de Lewis elevou-se: — Teorias, sempre teorias! Não é a golpes de teorias que se fazem bons livros! Há pessoas que explicam como fazer livros, e outras que os fazem: nunca são as mesmas.

— Murray não pretende ser um romancista. É um crítico. Um excelente crítico, você mesmo o reconhece.

— É um grande verbalista! E você está lá, a escutá-lo, com sorrisos inteligentes! Dá vontade de bater-lhe a cabeça de encontro a uma parede, a fim de repor dentro dela um pouco de bom senso!

Meti-me em minha cama:

— Boa noite — disse eu.

Ele apagou a luz, sem responder.

Fiquei de olhos abertos. Não estava mais, sequer, com raiva: não compreendia coisa alguma. Tais reuniões aborreciam Lewis, vá lá, mas, enfim, durante todo o dia, a paz que desfrutávamos era soberana e, verdadeiramente, Murray nada tinha de pedante. Até aqui, Lewis também havia tido prazer em conversar com ele. Por que essa brusca hostilidade? Sem dúvida alguma, era a mim que Lewis visava, quando resolvia estragar nossa temporada. Seus rancores permaneceram ativos: mas, neste caso, ele deveria reservar a mim suas manifestações de mau humor. Era preciso que estivesse zangado consigo mesmo para censurar dessa forma o mundo todo. Talvez se recriminasse pelos momentos em que pareceu dar-me toda a sua ternura: foi-me tão insuportável esta ideia, que quis chamá-lo, falar-lhe. Minha voz, porém, ficou presa em minha boca. Eu ouvia-lhe a respiração igual, ele dormia. Faltava-me coragem para acordá-lo. Um homem que dorme comove. É muito inocente. E tudo se torna possível, tudo pode começar, começar outra vez. Ele abriria os olhos, diria: “Amo-a, minha gaulesinha.” E, justamente, não. Ele não diria, essa inocência não era senão uma miragem: amanhã seria igual a hoje. Com desespero, perguntei-me: “Será que não há um meio de sair dessa?” Tive um sobressalto de revolta: “Que quer ele? Que fará? Que pensa?” Eu aí estava, a torturar-me com perguntas, enquanto ele repousava tranquilamente, longe de seus pensamentos: isso era muito injusto! Tentei esvaziar-me de tudo. Mas, não. Não podia dormir. Levantei-me sem ruído. Dick me havia impedido de tomar banho de mar no período da tarde e tive vontade, subitamente, de sentir o frescor da água. Enfieei minha roupa de banho, meu vestido de praia, agarrei o velho roupão de Lewis, e descí descalça pela casa adormecida. Como a noite era vasta! Calcei minhas alpargatas, corri até a praia e estirei-me sobre a areia. Estava muito agradável. Fechei os olhos sob as estrelas, e o barulho da água me embalou o sono. Quando acordei, um grande astro vermelho emergia da água. Era o quarto dia da Criação: o sol acabava de nascer, o sofrimento dos animais e dos homens

não tinha ainda sido inventado. Misturei-me ao mar. Deitada de costas, flutuava, os olhos cheios de céu, e não pesava mais nada.

— Anne!

Dei de frente para a orla; uma terra habitada, um homem chamando: era Lewis com calça de pijama, o torso nu. Achei de novo o peso de meu corpo, nadei na direção dele:

— Aqui estou!

Ele andou ao meu encontro, a água subia até os joelhos, quando me agarrou em seus braços:

— Anne! — repetia ele. — Anne!

— Você vai ficar todo molhado! Deixe que me enxugue — disse eu, puxando-o para a praia.

Ele não afrouxou seu braço:

— Anne! Como tive medo!

— Eu lhe causei medo? Bem que era a minha vez!

— Abri os olhos, a cama estava vazia e você não voltava. Desci, você não estava em parte alguma da casa. Vim até aqui e, de início, não a vi...

— Contudo, você não acreditou que eu me tivesse afogado!

— Não sei no que acreditei. Foi como um pesadelo! — disse Lewis.

Peguei o roupão branco:

— Esfregue-me e enxugue-se.

Ele obedeceu e pus o vestido. Lewis se envolveu no roupão:

— Sente-se perto de mim! — pediu.

Sentei-me e, novamente, ele me enlaçou:

— Você aí está! Não a perdi.

Disse eu, impulsivamente:

— Você nunca me perderá por culpa minha.

Durante um longo momento, ele me acariciou os cabelos em silêncio. De súbito, falou:

— Anne! Voltemos para Chicago!

Um sol nasceu em meu coração, mais esplendoroso do que o que nascia no céu:

— Eu gostaria muito!

— Voltemos — disse ele. — Tenho tanta vontade de ficar só com você! Na própria noite de nossa chegada, compreendi a tolice que havia feito!

— Lewis! Gostaria tanto de estar só com você! — Sorri-lhe: — Foi isso que o pôs de tão mau humor. Você arrependeu-se de ter vindo aqui?

Lewis fez um movimento com a cabeça:

— Eu me sentia numa armadilha e não via meio algum de sair: era terrível!

— E agora você vê um meio? — perguntei.

Ele me olhou com um ar inspirado:

— Eles dormem: façamos nossas malas e demos o fora.

Sorri:

— Antes procure explicar-se com Murray — disse eu. — Ele compreenderá.

— E, se não compreender, tanto pior — disse Lewis.

Olhei-o com alguma inquietação:

— Lewis! Está inteiramente certo de querer voltar? Não é um capricho? Não vai arrepender-se?

Ele esboçou um ligeiro sorriso:

— Sei muito bem quando ajo por capricho. Juro para você que agora não se trata disso.

Novamente procurei olhá-lo nos olhos:

— E, quando tivermos reencontrado nossa casa, pensa que reencontraremos o resto? Será exatamente como no ano passado? Ou quase?

— Exatamente como no ano passado — disse Lewis, com voz grave. Tomou-me a cabeça entre as mãos e olhou-me por longo tempo: — Experimentei amá-la menos: não pude.

— Ah! Não experimente mais — disse eu.

— Não experimentarei mais.

Não sei ao certo o que Lewis lhe contou, mas Murray estava sorridente, quando nos acompanhou ao aeroporto, na tarde do dia seguinte. Lewis não mentira: em Chicago, tive novamente tudo. Quando nos separamos na esquina da avenida, Lewis apertou-me nos braços, dizendo:

— Nunca a amei tanto!

Capítulo IX

A secretária abriu a porta:

— Um telegrama.

— Obrigado — disse Henri, pegando o papel azul. Pensou: “Paule suicidou-se.” Por mais que Mardrus lhe afirmasse que ela não alimentava nenhuma ideia de suicídio e que estava quase sã, havia no momento alguma coisa de maléfico no toque da campainha do telefone e, sobretudo, na correspondência telegráfica. Ficou aliviado, ao reconhecer a assinatura de Lucie Belhomme: “Preciso vê-lo urgentemente. Passe em minha casa amanhã de manhã.” Releu com perplexidade a imperiosa mensagem. Lucie jamais havia usado esse tom com ele. Josette estava maravilhosamente bem de saúde e encantada com o papel que representava em *A bela Suzon*; esta noite ia dançar no baile de gala das rendas, com um grandioso vestido da marca Amaryllis. Henri não via realmente o que Lucie queria dele. Meteu no bolso o telegrama: com toda a certeza, uma amolação à vista. Todavia, mais uma, menos uma, que importância havia? Seu pensamento voltou a Paule. Estendeu a mão para o telefone, mas deixou-a cair: “A srta. Mareuil vai muito bem.” A resposta não variava, nunca, nem a gelada entonação da enfermeira. Haviam-no proibido de ver Paule, foi ele quem a deixou louca, todos estavam de acordo a respeito disso. Tanto melhor: poupavam-lhe o fardo de acusar a si mesmo. Fazia tanto tempo que Paule lhe havia atribuído o papel de carrasco, que seus remorsos tinham cristalizado em uma espécie de tétano: não os sentia mais. Aliás, desde que compreendera que nunca se está certo, o que quer tenhamos feito, sobretudo quando pensamos ter acertado, trazia o coração singularmente leve. Digeria como leite quente sua ração diária de insultos.

— Sou o primeiro a chegar? — perguntou Luc.

— Como você está vendo.

Luc deixou-se cair sobre uma cadeira. Ele se apresentava de propósito em mangas de camisa e com sapatos de feltro, porque sabia que Trarieux

detestava o desleixo.

— Diga-me, que faremos se Lambert nos deixar? — perguntou.

— Não nos deixará — respondeu Henri, prontamente.

— Ele está de fato a favor de Volange — disse Luc. — Tenho certeza de que foi por isso que Samazelle propôs tais artigos: para levar Lambert a nos pôr em minoria.

— Lambert prometeu-me seu voto — disse Henri.

Luc suspirou:

— Pergunto-me que jogo andará fazendo esse *playboy*. Eu, no lugar dele, teria desistido há muito tempo.

— Suponho que, um dia destes, ele se vá — disse Henri. — Não fará, porém, o jogo dos outros. Mantive os meus compromissos; ele mantém os dele.

Henri estabeleceu como regra defender Lambert contra Luc e Luc contra Lambert, em todas as ocasiões. Mas o fato é que a situação era equívoca. Lambert não continuaria votando indefinidamente contra suas convicções.

— Silêncio! Lá está o inimigo! — disse Luc.

Trarieux entrou em primeiro lugar, seguido de Samazelle e de Lambert, cuja fisionomia era pesada. Ninguém sorria, salvo Luc. Só ele se divertia com esta guerra de resistência, na qual ninguém se tinha ainda desgastado.

— Antes de discutir a questão que nos reúne hoje, gostaria de apelar para a boa vontade de cada um — disse Trarieux, fixando sobre Henri um olhar insistente. — Somos todos apegados ao jornal — continuou, com uma voz quente. — E, entretanto, por falta de harmonia, estamos levando-o à falência. Um dia Samazelle diz branco, no dia seguinte Perron diz preto: o leitor em consequência se desorienta e compra outro jornal. É preciso, com a máxima urgência, que, por cima de nossas discordâncias, estabeleçamos uma plataforma comum.

Henri sacudiu a cabeça:

— Pela centésima vez, repito que não farei concessão alguma. O senhor renuncie a tomar posição contra mim. Mantenho *L'Espoir* na linha que sempre teve.

— Trata-se de uma linha a que o desastre do SRL condenou e que se tornou anacrônica — disse Samazelle. — Hoje não se pode mais ficar neutro em face dos comunistas. É preciso ser decididamente a favor, ou

contra. — Ele ensaiou, sem convicção, o seu riso jovial: — Dada a maneira como o tratam, admira que você insista em poupá-los.

— Admira que homens que se diziam da esquerda sustentem o partido dos capitalistas, dos militares e dos padres — disse Henri.

— Distingamos — retrucou Samazelle. — Toda a minha vida lutei contra o militarismo, contra a Igreja e contra o capitalismo. Deve-se reconhecer, entretanto, que De Gaulle é mais do que apenas um militar; que o apoio da Igreja, hoje, é necessário na defesa dos valores a que estamos apegados; e que o gaullismo pode ser um regime anticapitalista, se homens de esquerda assumirem os postos de comando.

— É preferível ouvir isso a ser surdo — disse Henri —; mas o que eu disse está inteiramente certo!

— Creio, não obstante, que seria de seu interesse procurar um ponto de entendimento conosco — observou Trarieux. — Porque, afinal, poderia acontecer-lhe ficar em minoria.

— Para mim seria surpresa — replicou Henri. Endereçou um ligeiro sorriso a Lambert, que não sorriu. Evidentemente, a lealdade deste lhe era pesada, e ele fazia questão de evidenciá-lo. — Em todo caso — disse Henri —, se isso me acontecesse, eu pediria demissão; compromissos, porém, não aceitaria. — Acrescentou, com impaciência: — Inútil discutir até amanhã. Temos que tomar uma decisão: tomemo-la. Quanto a mim, recuso-me categoricamente a publicar os artigos de Volange.

— Eu também — disse Luc.

Todos os olhares se voltaram para Lambert, que, sem levantar os olhos, disse:

— A publicação desses artigos não me parece oportuna.

— Mas você os acha excelentes! — disse estrepitosamente Samazelle.
— Você se deixa intimidar!

— Acabo de dizer que sua publicação não me parece oportuna. Está claro, não? — interrogou Lambert, com altivez.

— Vocês esperavam desorganizar-nos? Erraram o golpe — disse Luc num tom zombeteiro.

Trarieux levantou-se bruscamente e fuzilou Henri com o olhar:

— Numa destas manhãs, *L'Espoir* irá à falência. Será a recompensa de sua teimosia.

Dirigiu-se até a porta. Samazelle e Luc saíram atrás dele.

— Posso falar-lhe? — perguntou Lambert, com voz inexpressiva.

— Ia fazer-lhe a mesma pergunta — disse Henri, que sentia nos lábios um falso sorriso. Fazia meses, fazia, mesmo, um ano que não tivera com Lambert uma conversa verdadeiramente amigável. Não era por falta de tentativas, mas Lambert emburrava. Henri já não sabia mais como falar-lhe:

— Sei o que você vai dizer-me. Acha que a situação não é mais sustentável?

— Não é mais — disse Lambert, que olhou Henri com censura. — Você tem o direito de não gostar de De Gaulle, mas poderia manter uma neutralidade bondosa. Nos artigos que você impugnou, Volange dissociava brilhantemente a ideia de gaullismo da de reação.

— Dissociar as ideias é uma brincadeira de criança! — disse Henri, que acrescentou: — Então, quer revender suas cotas?

— Quero.

— E trabalharia no *Beaux Jours*, com Volange?

— Exatamente.

— Tanto pior! — Henri encolheu os ombros: — Você vê, eu tinha razão. Volange pregava a abstração: mas aguardava a sua hora. Atirou-se logo na política.

— Culpa sua — disse Lambert, de pronto. — Você semeou a política em toda parte. Se pode-se impedir que o mundo seja inteiramente politizado, é obrigado a fazer política.

— De qualquer maneira, vocês nada impedirão! — observou Henri. — Enfim, é inútil discutir: não falamos mais a mesma linguagem — acrescentou ele. — Revenda suas cotas. Mas surge um problema. Se nós quatro as partilharmos, a situação voltará a ser aquela que você nos ajudou a evitar. Seria preciso que Luc, você e eu nos entendêssemos sobre a pessoa indicada para adquiri-las.

— Escolha quem você quiser, isso me é indiferente — disse Lambert. — Trate apenas de achar logo essa pessoa. Não quero precisar repetir o que estou fazendo hoje.

— Vou providenciar. Mas dê-me tempo de agir. Você não será substituído assim.

Henri havia lançado ao acaso estas últimas palavras, mas Lambert pareceu afetado por elas. Feria-se com frases inocentes e acontecia-lhe

emprestar calor a palavras indiferentes.

— Uma vez que não se fala mais a mesma língua, o primeiro a aparecer será melhor do que eu — disse ele, com a voz emburrada.

— Você bem sabe que, ao lado das ideias de um indivíduo, há o próprio indivíduo — disse Henri.

— Sei, e é o que complica as coisas. Você e suas ideias somam dois. — Levantou-se: — Vem comigo ao festival Lenoir?

— Talvez fosse melhor a gente ir ao cinema.

— Ah! Não! Não quero perder aquilo.

— Está bem, pegue-me às oito e meia.

Os jornais comunistas haviam anunciado a leitura da obra-prima em quatro atos e seis quadros e em que Lenoir “conciliava as exigências da pureza da poesia com a preocupação de outorgar aos homens uma mensagem amplamente humana”. Em nome do velho grupo para-humano, Julien se propunha sabotar essa reunião. Nos artigos publicados por Lenoir, a partir de sua conversão, havia um fanatismo tão servil, tinha feito o processo de seu passado e de seus amigos com um zelo tão odioso, que Henri considerava sem desprazer vê-lo em cana. Depois, era uma forma igual às outras de matar a noite: desde a doença de Paule ele suportava com dificuldade a solidão. Além de tudo, havia o telegrama de Lucie Belhomme, que o intrigava desagradavelmente.

A sala estava cheia. A *intelligentsia* comunista estava toda reunida: a velha guarda e muitos novos recrutas. Um ano antes, uma boa quantidade desses novatos denunciava com indignação os erros e as faltas dos comunistas. Depois, em novembro, subitamente haviam compreendido; haviam compreendido que ser do partido podia servir a alguma coisa. Henri desceu o corredor central, à procura de um lugar, e, à sua passagem, os rostos se carregavam de um desprezo rancoroso. Assim, Samazelle tinha razão: eles não estavam satisfeitos com sua honestidade. O ano todo ele se havia fatigado em defender *L'Espoir* contra as pressões gaullistas, tomara partido, violentamente, contra a guerra da Indochina, contra a prisão dos deputados de Madagascar, contra o plano Marshall: em suma, havia sustentado, exatamente, os pontos de vista deles, o que não impedia que o tratassem de falsário e de vendido. Chegou até as primeiras filas. Scriassine esboçou um sorriso, mas os moços agrupados à volta de Julien

olharam Henri com hostilidade. Ele voltou, sentou-se ao fundo da sala, sobre um degrau de escada.

— Devo ser um sujeito do gênero de Cyrano de Bergerac — disse. — Só tenho inimigos.

— É bem culpa sua — observou Lambert.

— Na verdade, custa muito caro fazer amigos.

Ele havia apreciado a camaradagem, o trabalho de equipe: mas isto num outro tempo, num outro mundo. Hoje estava, por assim dizer, radicalmente só. Nada se tinha a perder assim; também não se tinha grande coisa a ganhar. Mas quem ganha o que quer que seja sobre a Terra?

— Observe a pequena Bizet — disse Lambert. — Ela adquiriu logo o estilo da casa.

— Sim, um belo tipo de militante — disse Henri, alegremente.

Quatro meses antes, ele havia impugnado uma reportagem sua sobre problemas alemães e ela choramingou:

— Decididamente, para se ter sucesso no jornalismo a gente precisa vender-se ao *Figaro* ou ao *L'Humanité*. — E ela havia acrescentado: — Não posso, contudo, levar este trabalho a *L'Enclume*. — Depois, ao cabo de uma semana, telefonou: — Mesmo assim, levei a reportagem a *L'Enclume*. — Agora, escrevia para essa publicação toda semana, e Lachaume citava com emoção: “Nossa querida Marie-Ange Bizet.” Sapatos baixos, malmaquilada, ela subia o corredor central apertando mãos, com ar importante. Passou diante de Henri, que se levantou, e agarrou-a pelo braço:

— Boa noite!

— Boa noite! — disse ela, sem sorrir. Quis desprender-se.

— Você está muito apressada: o partido é que a proíbe de falar comigo?

— Não pense que temos grande coisa a dizer-nos — disse Marie-Ange, cuja voz pueril se havia tornado ácida.

— Deixe-me, contudo, felicita-la: Você está abrindo seu caminho.

— Sobretudo, tenho a impressão de estar realizando um trabalho útil.

— Bravo! Você já possui todas as virtudes comunistas!

— Espero ter perdido alguns defeitos burgueses.

Ela se distanciou com dignidade e, nesse instante, explodiram aplausos. Lenoir subia ao palanque, sentava-se diante da mesa, enquanto palmas disciplinadas representavam o entusiasmo. Dispôs folhas sobre o tapete e

pôs-se a ler uma espécie de manifesto. Lia com uma voz entrecortada, tomando desesperado impulso em cada palavra, como se tivesse visto abrirem-se entre as sílabas fendas vertiginosas. Visivelmente, temia a si mesmo. Todavia, sobre a missão social do poeta e sobre a poesia do mundo real, não expunha senão os mais batidos lugares-comuns. Quando parou houve uma nova salva de aplausos: o setor inimigo não se mexeu.

— Observe! — disse Lambert. — Até onde chegaram, para aplaudir isso!

Henri não respondeu. Com certeza, bastava olhar de frente para esses intelectuais de má-fé para despojá-los de seu desprezo. Foi por arrivismo, ou por medo, ou por comodidade moral, que eles se haviam convertido, e o seu servilismo não tinha limites. Mas também era preciso ter má-fé para se satisfazer com essa vitória demasiado fácil. Não era em pessoas assim que Henri pensava, quando dizia a si mesmo, o coração apertado: “Eles se odeiam.” Eram sinceros esses milhares de homens que haviam lido *L’Espoir*, que não o liam mais e para os quais o nome Henri era o nome de um traidor. O ridículo dessa reunião em nada lhes diminuiria a sinceridade, nem o ódio.

Lenoir havia atacado, com voz acalmada, uma cena em alexandrinos; um jovem se lamentava de sentir um vazio na alma; queria deixar sua cidade natal; pais, amantes, colegas o exortavam à resignação, mas ele desprezava as tentações burguesas, ao mesmo tempo que o coro comentava sua partida em estâncias sibilinas; algumas imagens obscuras e algumas palavras eruditas acentuavam a cuidada superficialidade das tiradas. Subitamente, ouviu-se uma voz estridente:

— Enganador!

Julien se havia levantado. E gritava:

— Prometeram-nos poesia: onde está a poesia?

— E o realismo? — gritou outra voz. — Onde está o realismo?

— A obra-prima: queremos a obra-prima!

— Para quando é a reconciliação?

Puseram-se a repetir sapateando: “Reconciliação!”, ao passo que se gritava através da sala: “Rua! Chamem a polícia! Provocadores! Fale-nos sobre os campos de concentração! Viva a paz! Força para os fascistas! Não insulte a Resistência! Viva Thorez! Viva De Gaulle! Viva a liberdade!”

Lenoir desafiava com o olhar os seus carrascos. Tinha-se a impressão de que ele iria cair de joelhos, descobrindo o peito, ou então se meter a dançar convulsivamente. Sem que se soubesse por que, o tumulto acalmou-se e ele retomou a leitura. Agora o herói andava pelo mundo, procurando uma evasão impossível. Um leve e insolente som de gaita percorreu a sala: um pouco mais tarde, ouviu-se o barulho de uma corneta. Julien pontuava cada alexandrino com um acesso de riso, que provocava na boca de Lenoir uns tremeliques espasmódicos. O riso se propagava pelas poltronas, ria-se generalizadamente. E Henri também se pôs a rir: afinal, ele tinha vindo para isso. Alguém gritou para ele “Patife!”, o que o fez rir mais fortemente. Os aplausos explodiram, entre risos e assobios. Gritou-se ainda: “Para a Sibéria! Para Moscou! Viva Stalin! Delator! Vendido!” Alguém gritou inclusive: “Viva a França!”

— Esperava que fosse mais engraçado — disse Lambert, ao sair da sala.

— De fato, não foi nada engraçado — disse Henri. Ele se voltou, ouvindo atrás de si a voz esbaforida de Scriassine:

— Vi-o na sala, e depois você desapareceu. Eu o procurava por toda parte.

— Você me procurava? — perguntou Henri. Sentia um nó na garganta: “Que é que ele quer comigo?” A noite toda ele soubera: alguma coisa de terrível iria acontecer.

— Sim, vai-se tomar um trago no New Bar — disse Scriassine. — É preciso regar esta festinha. Você conhece o New Bar?

— Conheço — disse Lambert.

— Então, até já — disse Scriassine, que desapareceu voando.

— Que é o New Bar? — perguntou Henri.

— É verdade que você não põe mais os pés neste bairro — respondeu Lambert, sentando-se no carro de Henri. — Depois que os comunistas tomaram conta do bar Rouge, os velhos clientes não comunistas se refugiaram ao lado. Num bar novo.

— Que seja o New Bar — disse Henri.

Instalaram-se no carro, e alguns instantes mais tarde dobravam a esquina da ruazinha:

— É aqui?

— É aqui.

Henri parou o carro brutalmente. Reconhecia a luz cor de sangue do bar Rouge. Empurrou a porta do New Bar:

— Meio caída esta leiteria.

— Sim, mas é mais bem-frequentada do que a do lado — disse Lambert.

— Oh! Isso... duvido. — Henri encolheu os ombros: — Felizmente, má frequência não me atemoriza.

Sentaram-se a uma mesa. Muita mocidade, muito barulho, muita fumaça. Henri não conhecia nenhuma daquelas caras. Quando saía com Josette, ia a lugares inteiramente diferentes. Por sinal, isso não lhe acontecia com muita frequência.

— Uísque? — perguntou Lambert.

— De acordo.

Lambert pediu dois uísques, naquele tom elegantemente entediado que havia tomado de empréstimo a Volange. Aguardaram a bebida em silêncio. Era realmente triste: Henri não achava mais nada que dizer a Lambert. Fez um esforço:

— Parece que saiu o livro de Dubreuilh.

— Aquele do qual ele publicou extratos na *Vigilance*?

— Sim.

— Estou curioso para lê-lo.

— Eu também.

Antigamente, Dubreuilh lhe passava, sempre, as primeiras provas. Aquele livro, Henri o compraria em uma livraria e falaria a respeito com quem quisesse, menos com Dubreuilh, a única pessoa com quem gostaria de conversar sobre o assunto.

— Achei aquele artigo que você impugnou, sobre Dubreuilh — disse Lambert. — Lembra-se? Não estava tão mau, você sabe.

— Nunca lhe disse que era mau — disse Henri.

Ele se recordava dessa conversa. Era a primeira vez que sentira em Lambert uma espécie de hostilidade:

— Vou revê-lo e fazer um estudo global sobre Dubreuilh — disse Lambert. Hesitou imperceptivelmente: — Volange o pediu para *Beaux Jours*.

Henri sorriu:

— Procure não ser excessivamente injusto.

— Serei objetivo. Tenho também uma novela para publicar em *Beaux Jours* — acrescentou Lambert.

— Ah! Você escreveu outras novelas?

— Escrevi duas. Volange gosta muito delas.

— Teria muito prazer de vê-las — disse Henri.

— Você não as apreciaria.

Julien apareceu na abertura da porta, caminhando para a mesa deles. Tinha passado o braço sob o de Scriassine. Seus ódios comuns substituíam, provisoriamente, a amizade.

— Ao trabalho, companheiros! — disse ele, com voz ruidosa. — Chegou, finalmente, o momento de reconciliar o homem com o uísque.

Ele havia fixado à sua camisa um cravo branco, e seu olhar recuperara um pouco do brilho antigo: talvez porque não tivesse ainda bebido nada.

— Uma garrafa de champanhe! — gritou Scriassine.

— Champanhe, aqui! — disse Henri, com escândalo.

— Vamos a outro lugar! — disse Scriassine.

— Não, não, que venha o champanhe; mas nada de ciganos! — disse Julien, sentando-se rapidamente. Sorriu: — Bela reunião, não é? Reunião altamente cultural! Lamento somente que não tenha saído um pouco de sangue.

— Bela reunião, mas seria preciso que tivesse resultados — observou Scriassine, que olhou Julien e Henri com um ar insistente. — Tive uma ideia, durante a sessão: a gente deveria organizar uma liga para opor-se, em todas as ocasiões e de todas as maneiras, aos intelectuais que traíssem.

— E se a gente organizasse uma liga para opor-se a todas as ligas? — perguntou Julien.

Henri dirigiu-se a Scriassine:

— Você não se tornou um pouquinho fascista?

— E aí está! — disse Scriassine. — Aí está por que nossas vitórias não têm futuro.

— À merda o futuro! — disse Julien.

O semblante de Scriassine tinha-se tornado sombrio:

— É preciso, não obstante, fazer alguma coisa.

— Por quê? — perguntou Henri.

— Escreverei um artigo sobre Lenoir — disse Scriassine. — É um admirável caso de neurose política.

— Oh! Não diga! Conheço outros casos, talvez piores que este — disse Henri.

— Somos todos neuróticos — afirmou Julien. — Mas, ainda assim, nenhum de nós escreve em alexandrinos.

— Está certo! — Henri se pôs a rir: — Diga-me, você teria feito uma cara esquisita, se o texto de Lenoir fosse bom.

— E imagine se Thorez tivesse vindo dançar o *french cancan*! — respondeu Julien. — Que cara faria você?

— Afinal, Lenoir escreveu bons poemas — disse Henri.

Lambert sacudiu os ombros, irritado:

— Antes de haver abdicado a sua liberdade.

— A liberdade do escritor... — interveio Henri. — Seria preciso saber o que quer dizer isto.

— Não quer dizer nada — disse Scriassine. — Ser um escritor não quer dizer mais nada.

— Exato — respondeu Julien. — Isso me dá até vontade de me pôr de novo a escrever.

— Bem que você deveria — disse Lambert com súbita animação. — São tão raros, hoje, os escritores que não se acreditam imbuídos de uma missão!

“Esta é comigo”, pensou Henri. Mas não disse nada. Julien se pôs a rir:

— E aí está! Imediatamente ele me atribui uma missão: a de testemunhar que o escritor não está imbuído de qualquer missão.

— De modo algum! — contraveio Lambert.

Julien pôs um dedo sobre os lábios:

— Só o silêncio é seguro.

— Bom Deus! — disse bruscamente Scriassine. — Acabamos de assistir a um espetáculo perturbador. Vimos um homem, que foi nosso amigo, reduzido à abjeção pelo partido comunista: e você fala de literatura! Você não tem colhões?

— Você leva o mundo muito a sério — disse Julien.

— Sim? Pois bem, se não houvesse homens como eu para levarem o mundo a sério, os stalinistas estariam no poder, e não sei onde estaria você.

— Bem sossegado, debaixo de alguns palmos de terra — afirmou Julien.

Henri pôs-se a rir:

— Imagina que os comunistas querem o seu pescoço?

— Meu pescoço não gosta deles — respondeu Julien. — Sou muito sensível. — Voltou-se para Scriassine: — Não peço nada a ninguém. Divirto-me em viver, enquanto a vida me diverte. Quando se tornar impossível, acabo com ela.

— Você daria cabo de si, se os comunistas estivessem no poder? — perguntou Henri, com voz divertida.

— Sim — respondeu Julien. — E aconselharia você, vivamente, a fazer a mesma coisa.

— Essa é boa! — disse Henri. Olhou Julien com estupor: — A gente acredita estar brincando com companheiros, e de repente percebe que um deles pensa que é Napoleão!

— E diga-me: que fará você, no caso de uma ditadura gaullista?

— Não aprecio os discursos, nem a música militar: mas saberei desprezar tudo, com um pouco de algodão no ouvido.

— Estou vendo. Pois bem, vou dizer-lhe uma coisa: Você acabaria tirando o algodão e aplaudindo os discursos.

— Não sou suspeito de gostar de De Gaulle, você o sabe — disse Scriassine. — Mas não pode comparar o que seria uma França gaullista a uma França stalinizada.

Henri encolheu os ombros:

— Oh! Você também vai logo gritar: “Viva De Gaulle!”

— Não é culpa minha se as forças anticomunistas se agruparam em torno de um militar — disse Scriassine. — Quando quis reagrupar uma esquerda contra os comunistas, você se negou a isso.

— Se é para ser anticomunista, por que não ser militar? — perguntou Henri. Acrescentou, com irritação: — Você fala de uma esquerda! Você dizia: existe o povo americano, existem os sindicatos. E em seus artigos defende Marshall e companhia.

— No momento atual, a divisão do mundo em dois blocos é um fato: somos obrigados a aceitar em bloco a América, ou a URSS.

— E você escolhe a América!

— Não há campos de trabalhos forçados na América.

— Ainda os tais campos! Vocês me fazem arrepender-me de haver falado a respeito! — disse Henri.

— Não diga isso — interveio Lambert. — Foi o ato mais admirável que você já praticou. — A voz de Lambert estava um pouco pastosa. Ele se achava no segundo copo e suportava mal o álcool.

Henri encolheu os ombros:

— Para que serviu isso? A direita utilizou o assunto para criar uma suja consciência comunista, como se assim ela se justificasse! Logo que se fala de exploração, de desemprego, de fome, respondem-nos com os campos de trabalhos forçados. Se não existissem, seriam inventados.

— O fato é que existem — disse Scriassine. — Incomoda, hein?

— Lamento as pessoas a quem isto não incomode! — disse Henri.

Lambert se levantou bruscamente:

— Vocês vão desculpar-me, tenho um encontro.

— Saio com você — disse Henri, levantando-se também. — Vou para casa, deitar-me.

— Deitar-se! A esta hora! Numa noite destas! — disse Julien.

— É uma grande noite! — exclamou Henri. — Mas tenho sono. — Ele teve um leve gesto de despedida e andou em direção à porta.

— Onde é seu encontro? — perguntou a Lambert.

— Não tenho encontro algum. Mas estava farto. Eles não têm graça. — Lambert acrescentou com rancor: — Quando se poderá passar uma noite, sem se falar em política?

— Não se falou: enrolou-se.

— Enrolou-se de política.

— Eu lhe havia sugerido ir ao cinema.

— Política ou cinema! — disse Lambert. — Será que não há mais nada neste mundo?

— Suponho que haja.

— O quê?

— Gostaria muito de saber!

Lambert deu um pontapé contra o asfalto da calçada. Perguntou, num tom vagamente reivindicativo:

— Não vai tomar alguma coisa?

— Vamos tomar um trago.

Sentaram-se num terraço. Fazia uma noite bonita, havia gente rindo em torno de mesinhas. De que falavam? Pequenos carros ziguezagueavam na rua, moços e moças passavam abraçados, sobre os passeios casais

dançavam, ouvia-se o eco de um jazz muito bom. Seguramente, havia no mundo muitas outras coisas, além da política e do cinema: mas para outras pessoas.

— Dois *scotches* duplos — pediu Lambert.

— Duplos! Como você está indo! Você também deu para beber?

— Por que “você também”?

— Julien bebe, Scriassine bebe.

— Volange não bebe, e Vincent bebe — disse Lambert.

Henri sorriu:

— É você que vê em toda parte segundas intenções políticas. — falei distraidamente.

— Nadine também não queria que eu bebesse — disse Lambert, cujo semblante já exprimia uma obstinação nebulosa. — Ela não me acreditava capaz disso, não me acreditava capaz de nada: exatamente como você. É engraçado: não inspiro confiança — concluiu com voz sombria.

— Sempre tive confiança em você — disse Henri.

— Não. Durante certo tempo, você foi indulgente comigo, nada mais. — Lambert tomou metade de seu copo de uísque e continuou, enraivecido: — Na sua corja, se a gente não é um gênio precisa ser um monstro. Vincent, concordo, é um monstro. Mas eu não sou escritor, nem homem de ação, nem um grande devasso; justamente um filho de família, que nem mesmo sabe embriagar-se como manda o figurino.

Henri encolheu os ombros:

— Ninguém exige que você seja um gênio, ou um monstro.

— Você não exige nada de mim, porque me despreza.

— Você está completamente louco! — disse Henri. — Lamento que você tenha as ideias que tem, porém não o desprezo.

— Pensa que sou um burguês.

— E eu? Não sou também?

— Oh! Mas você é você — disse Lambert, com rancor. — Afirmo que não se sente superior a ninguém. Mas, na verdade, despreza todo mundo: Lenoir, Scriassine, Julien, Samazelle, Volange, e todos os mais, e a mim também. Evidentemente — acrescentou, com uma voz ao mesmo tempo apreciativa e rabugenta — Você tem uma moral tão elevada! É desinteressado, honesto, leal, corajoso, conseqüente consigo mesmo: nenhuma falha. Ah! Deve ser extraordinário a gente sentir-se incriticável!

Henri sorriu:

— Posso jurar-lhe que esse não é o meu caso.

— Vamos! Você é impecável, e sabe disso — disse Lambert, num tom desanimado. — Quanto a mim, bem sei que não sou impecável — acrescentou ele, com raiva. — Todavia, não ligo: sou como sou.

— Quem o recrimina por isso? — perguntou Henri. Encarou Lambert com um pouco de remorso. Havia-o censurado por ceder à facilidade, mas Lambert tinha muitas desculpas: uma infância dura, a morte de Rosa, quando ele tinha vinte anos. E não foi Nadine quem o consolou. No fundo, o que ele pedia era coisa muito modesta: que o deixassem viver um pouco independentemente. “E eu não lhe fiz senão exigências”, pensou Henri. Por isso é que Lambert se passava para o lado de Volange. Talvez não fosse tarde demais para oferecer-lhe outra coisa. Henri disse, com voz afetuosa:

— Parece-me que você tem uma porção de queixas contra mim. Faria melhor expondo-as de uma vez. A gente se explicaria.

— Não tenho queixas. Você é que não me dá razão, o tempo todo. Passa o seu tempo a não me dar razão — disse Lambert, com voz lúgubre.

— Engana-se completamente. Quando tenho uma opinião diferente da sua, isso não quer dizer que você esteja errado. Antes de tudo, não somos da mesma idade. O que tem valor para mim não tem, obrigatoriamente, valor para você. Por exemplo, eu tive uma juventude: compreendo bem que você deseje aproveitar um pouco a sua.

— Você compreende isso? — perguntou Lambert.

— Mas é claro.

— Oh! E, depois, se você me censurar, darei de ombros.

A voz de Lambert vacilava. Ele tinha bebido demais para que fosse possível uma conversa. E, aliás, nada era urgente. Henri lhe sorriu:

— Ouça, é tarde e nós dois estamos um pouco cansados. Mas, uma noite destas, vamos sair juntos, e trataremos de ter uma conversa de verdade: faz muito tempo que isso não nos acontece.

— Uma conversa de verdade... Acha possível? — perguntou Lambert.

— Possível, quando se quer — disse Henri. Levantando-se: — Acompanho você?

— Não, vou ver se encontro uns amigos — disse Lambert, vagamente.

— Então, até uma noite dessas! — disse Henri.

Lambert estendeu-lhe a mão:

— Até uma noite dessas!

Henri chegou ao hotel. Havia um pacote no escaninho correspondente ao número de seu quarto: o ensaio de Dubreuilh. Subindo a escada, arrebentou os barbantes e abriu o volume na folha de rosto: é claro, estava em branco. Que imaginou ele? Fora Mauvanes quem lhe havia mandado esse livro, como já lhe mandara uma porção de outros.

“Por quê?”, perguntou a si mesmo, “por que estamos brigados?” Havia-se interrogado muitas vezes a respeito. Os artigos de Dubreuilh na *Vigilance* traduziam exatamente o mesmo som que os editoriais de Henri: na verdade, nada os separava. E eles estavam brigados. Tratava-se de um desses fatos dos quais não se pode voltar atrás, mas que não se explicam. Os comunistas detestavam Henri, Lambert abandonava *L’Espoir*, Paule estava louca, o mundo corria para a guerra; a briga com Dubreuilh não tinha nem mais nem menos sentido.

Henri sentou-se diante de sua mesa e pôs-se a folhear o livro; conhecia-lhe grandes trechos. Saltou imediatamente para o capítulo final: um longo capítulo, que devia ter sido escrito em janeiro, após a liquidação do SRL. Sentiu-se um pouco desconcertado. O que havia de muito bom em Dubreuilh é que ele nunca hesitava em reexaminar suas ideias. Recomeçava, sempre, sem ideal prefixado. Mas, desta vez, a reviravolta era radical. Declarava: “Um intelectual francês, hoje, nada pode.” Evidentemente: o SRL havia fracassado; os artigos de Dubreuilh na *Vigilance* faziam rumor, mas não exerciam influência alguma, sobre pessoa alguma. Acusava-se a Dubreuilh, ora de ser um comunista disfarçado, ora de ser um partidário de Wall Street; quase só tinha inimigos: não devia estar muito satisfeito. O caso de Henri era quase igual ao seu, também não estava satisfeito; mas não era igual. Henri vivia o dia a dia, dava um jeito. Já Dubreuilh, com seu lado fanático, não sabia, seguramente, dar um jeito. Aliás, ele ia mais longe do que Henri. Condenava inclusive a literatura. Henri continuou lendo. Dubreuilh ia mais longe ainda: condenava sua própria existência. Opunha ao velho humanismo, que tinha sido o seu, um humanismo novo, mais realista, mais pessimista, que dava amplo lugar à violência e quase nenhum às ideias de justiça, de liberdade, de verdade. Demonstrava vitoriosamente que estava aí a única moral adequada das atuais relações entre os homens. Mas, para

adotá-la, era preciso jogar fora tanta coisa, que, pessoalmente, ele não tinha capacidade para isso. Era muito estranho ver Dubreuilh pregando uma verdade que não podia tornar sua: significava que ele se considerava morto. “Culpa minha”, pensou Henri. “Se eu não me tivesse obstinado, o SRL ainda existiria, Dubreuilh não se suporia definitivamente vencido.” Ineficiente, isolado, duvidando de que sua obra tivesse um sentido, privado de futuro, contestando seu passado, era aflitivo imaginá-lo. Bruscamente, Henri disse a si mesmo: “Vou escrever-lhe!” Talvez Dubreuilh não respondesse, ou respondesse encolerizado. Que importava? Henri não sabia mais o que era o amor-próprio. Ao deitar-se, decidiu: “Amanhã, escrevo-lhe!” Também disse a si mesmo: “Amanhã terei uma conversa de verdade com Lambert.” Apagou a luz: “Amanhã. Por que será que a Belhomme mãe quer ver-me amanhã cedo?”, perguntou-se.

* * *

A camareira deu passagem e Henri entrou no salão. Peles de urso, tapetes, divãs baixos, o mesmo silêncio cúmplice do tempo em que ele encontrava, aqui, Josette, tacitamente oferecida; Lucie, contudo, não o havia convocado para propor-lhe seus encantos quinquagenários! Ele se repetia: “Que quererá ela de mim?” E procurava não pensar nas respostas.

— Obrigada por ter vindo — disse Lucie. Vestia um austero vestido caseiro. Os cabelos estavam bem-arrumados. Ela não tinha, porém, desenhado as sobrancelhas. E aquela espécie de calvície a envelhecia estranhamente. Fez um sinal para que Henri se sentasse:

— Tenho um favor a pedir-lhe. Não é tanto para mim: é para Josette. O senhor gosta dela, ou não?

— A senhora sabe que sim — respondeu Henri. O tom de Lucie era tão normal, que ele se sentiu vagamente aliviado: ela quer que eu case com Josette, ou que entre em alguma trama; mas por que conservava na mão direita aquele lencinho de renda? Por que o apertava tão fortemente?

— Não sei até onde o senhor iria, para socorrê-la — disse Lucie.

— Diga-me de que se trata.

Lucie hesitou. Ela amassava entre as mãos o lencinho amarfanhado:

— Vou dizer-lhe, não tenho alternativa. — Esboçou um sorriso: — Com certeza lhe contaram que, durante a guerra, nós não fomos, precisamente, resistentes.

— Disseram-me.

— Nunca ninguém saberá o que paguei para ter a casa Amaryllis e fazer dela uma grande casa de modas — disse Lucie. — Aliás, isso não interessa a ninguém e não pretendo comovê-lo com a minha história. Apenas é preciso que compreenda que, depois disso, preferiria jogar minha cabeça a deixar aquela casa falir. Só poderia salvá-la servindo-me dos alemães: servi-me deles e não lhe direi que lamento. Evidentemente, do nada não sai nada. Recebi-os em Lyons, dei festas: enfim, fiz o necessário. Isto me valeu alguns aborrecimentos com a Libertação, mas já está longe, está esquecido.

Lucie olhou em torno dela e olhou Henri. Ele murmurou, com voz calma:

— E então? — Parecia-lhe que esta cena já tinha sido vista. Quando? Em seus sonhos, talvez. Desde que ele recebeu aquele telegrama, sabia o que Lucie iria dizer-lhe. Fazia um ano que aguardava essa hora.

— Há um sujeito que tomava conta comigo de meus negócios, um certo Mercier. Vinha constantemente a Lyons: roubou fotografias, cartas, recolheu mexericos. Se ele levar tudo a público, seremos alvo, Josette e eu, de execração nacional.

— Era verdade então a história do dossiê? — perguntou Henri, que nada sentia senão uma grande fadiga.

— Ah! O senhor estava a par? — perguntou Lucie, com surpresa. O rosto descontraiu-se-lhe um pouco.

— A senhora também se serviu de Josette?

— Se me servi de Josette? Ela nunca me serviu para nada — disse Lucie, com amargura. — Comprometeu-se de um modo perfeitamente inútil. Apaixonou-se por um capitão, um bonito moço sentimental e sem nenhuma influência, que lhe enviou cartas inflamadas, antes de ser morto na frente leste. Ela as deixou dispersas por toda parte, assim como fotografias, em que ambos apareciam. Belos documentos, garanto-lhe. Mercier compreendeu depressa o proveito que poderia tirar disso.

Henri se levantou bruscamente e andou na direção da janela. Lucie o observava, mas ele não ligava. Recordava o rosto indolente de Josette naquela manhã, a primeira manhã, e aquela voz tão verdadeira, que mentia: “Eu? Apaixonada? Por quem?” Havia amado. Amara a outro, um

bonito rapaz, que era alemão. Henri se voltou para Lucie e perguntou, com esforço:

— Chantagem?

Lucie riu levemente:

— Está pensando que eu viria pedir-lhe dinheiro? Faz três anos que estou desembolsando e dispunha-me, mesmo, a continuar. Ofereci inclusive uma vultosa quantia a Mercier, pelo resgate do dossiê. Ele, porém, é sagaz, enxerga longe. — Ela olhou Henri nos olhos e disse, provocante: — Foi um delator da Gestapo, acaba de ser preso. Manda-me dizer que, se eu não o tirar de lá, vai nos comprometer.

Henri não disse palavra; as imundas que dormiam com os alemães, até então, pertenciam a outro mundo, com o qual era possível uma única relação: ódio. Mas eis que Lucie falava, ele ouvia; esse mundo abjeto era o mesmo que o dele, pois só existe um. Dos braços do capitão alemão Josette havia passado para os braços dele.

— O senhor já pensou no que esta história representa para Josette? — perguntou Lucie. — Com o caráter que tem, ela jamais se refará disso, cortará os pulsos.

— Que quer que eu faça nesse caso? Que espera de mim? — perguntou ele, a voz irritada. — Não conheço advogado capaz de tirar da prisão um delator da Gestapo. O único conselho que tenho a dar-lhe é que fuja para a Suíça o mais rápido possível.

Lucie encolheu os ombros:

— Para a Suíça! Digo-lhe que Josette cortaria os pulsos. Estava tão contente estes dias, aquela bonequinha! — disse ela, com um repentino enternecimento. — Todo o mundo afirma que na tela ela se sai de modo sensacional. Sente-se — acrescentou Lucie com impaciência — e ouça.

— Estou ouvindo — disse Henri, sentando-se.

— Advogado? Tenho um, em mãos. É o dr. Truffaut. Não o conhece? Amigo certo e que tem algumas obrigações para comigo — disse Lucie, meio sorrindo. Cravou o olhar nos olhos de Henri: — Estudamos o caso juntos, sob todos os aspectos. Ele afirma que a única solução está em que Mercier se justifique como agente bilateral: mas, bem-entendido, isto só ficará de pé se for sustentado por um resistente idôneo.

— Ah! Compreendo! — disse Henri.

— É fácil compreender — disse Lucie, friamente.

Henri teve um pequeno riso:

— A senhora acredita que é tão simples! O diabo é que todos os companheiros sabem que Mercier nunca trabalhou comigo.

Lucie mordeu o próprio lábio. Subitamente ela perdia a imponência, e ele receou que se pusesse a chorar. Seria um espetáculo nauseante. Ele observava, com um prazer diabólico, aquele semblante abatido, e em sua cabeça corriam palavras, como o vento: ela, a apaixonada por um capitão alemão, me possuiu. Imbecil! Pobre imbecil! Acreditava-se seguro do prazer dela, de sua ternura: imbecil! Não o havia jamais considerado senão como um instrumento. Lucie era uma mulher inteligente, enxergava longe. Se ela havia zelado pelos interesses de Henri, se havia atirado Josette em seus braços, não o tinha feito para assegurar carreira a uma filha a quem não dava importância alguma: tinha-o feito para amarrar a si um aliado útil. E Josette fizera o seu jogo. Dizia a Henri que jamais havia amado, a fim de se desculpar pela reserva do seu coração: mas qualquer amor de que esse coração fútil fosse capaz, ela o tinha dado ao capitão alemão, que era um belo rapaz. A vontade de Henri era insultá-la, bater-lhe. E pediam-lhe que a salvasse!

— Mas o trabalho não era clandestino? — perguntou Lucie.

— Sim, mas, entre nós... nós nos conhecíamos.

— E o juiz não aceitará a sua palavra? Se o senhor for acareado com seus colegas, eles o contradirão?

— Não sei, e não quero correr o risco — disse Henri, com irritação. — A senhora não parece desconfiar que um falso testemunho é coisa grave. Tem apego à sua casa de costura. Eu também tenho apego a certas pequenas coisas.

Lucie recuperou a calma. Com voz neutra, disse:

— A principal acusação contra Mercier é que ele entregou duas moças, a 23 de fevereiro de 1944, na ponte de Alma. — Lucie ergueu para Henri um olhar interrogativo: — Na clandestinidade, elas se chamavam Lisa e Yvonne; passaram um ano em Dachau; isto não lhe diz nada?

— Não.

— É uma pena. Se as conhecesse, o fato teria podido auxiliar-nos. Em todo caso, elas, evidentemente, o conhecem. Se o senhor afirmar que Mercier, naquele dia, estava em sua companhia e em outro lugar, será que

elas não terão medo? Se o senhor declarar que utilizava secretamente Mercier como delator, alguém ousará contradizê-lo?

Henri refletiu. Sim, ele tinha muito crédito. Um blefe poderia ter êxito. Luc estava em Bordeaux em 1944, Chancel, Varieux, Galtier tinham morrido. Quanto a Lambert, Sézenac, Dubreuilh, se tivessem dúvidas, iriam guardá-las para si. Mas ele é que não iria dar testemunho falso em favor de uma vagabunda, cujo corpo lhe havia agradado. Tinha guardado muito bem o seu segredo, a inocente!

— Trate, portanto, de fugir depressa para a Suíça! — disse ele. — Lá a senhora encontrará uma porção de gente boa. Para a Suíça, ou para o Brasil, ou para a Argentina: o mundo é grande. Acreditar que só se pode viver em Paris é um preconceito.

— O senhor conhece Josette, não? Ela começava justamente a retomar gosto pela vida. Jamais resistirá ao golpe!

Henri pensou, impetuosamente: “Preciso vê-la! Imediatamente!” Levantou-se, de súbito:

— Vou refletir.

— Aqui está o endereço do dr. Truffaut — disse Lucie, tirando do bolso um pedaço de papel. — Se se decidir, ponha-se em contato com ele.

— Supondo-se que eu concorde — disse Henri —, como certificar-se de que o sujeito restituiria o dossiê?

— Que quer que ele faça do dossiê? Em primeiro lugar, não tem interesse em aborrecê-lo. E, depois, no dia em que o dossiê ficasse conhecido, seu testemunho se tornaria suspeito. Não. Se o senhor o tirar dessa dificuldade, ele terá as mãos amarradas.

— Eu telefono à senhora esta noite — disse Henri.

Lucie se levantou. Por um instante, ficou plantada diante de Henri, parecendo hesitante. De novo ele receou que ela se inundasse de lágrimas ou se lhe atirasse aos pés. Lucie limitou-se a suspirar. E o acompanhou até a porta.

Ele desceu rapidamente a escada. Instalou-se ao volante de seu carro e subiu para a rua Gabrielle. Guardava sempre no bolso a chavezinha que Josette lhe havia dado, um ano antes, numa linda noite. Abriu a porta do apartamento e entrou sem bater, no quarto:

— Quem é? — perguntou Josette, que abriu os olhos e sorriu levemente: — Você? Que horas são? Que gentileza ter vindo beijar-me!

Ele não a beijou. Abriu as cortinas e sentou-se num pufe com babados. Entre aquelas paredes estofadas, aqueles bibelôs, aquele cetim, aquelas almofadas, era difícil crer no escândalo, na prisão, no desespero. Um rosto sorria, muito rosado sob os cabelos fulvos.

— Preciso falar-lhe — disse Henri.

Josette ergueu-se um pouco sobre os travesseiros:

— A propósito de quê?

— Por que você não me disse a verdade? Sua mãe acaba de me contar tudo. E, desta vez, quero a verdade — disse ele, com uma voz violenta. — Foi pensando que um dia eu pudesse fazer-lhe um favor que ela atirou-a em meus braços?

— Que está acontecendo? — perguntou Josette, olhando Henri com expressão assustada.

— Responda-me: foi em obediência à sua mãe que você concordou em ir para a cama comigo?

— Há muito tempo que mamãe me aconselha a abandoná-lo. Ela gostaria que eu me ajeitasse com um velho. Que está acontecendo? — repetiu ela, num tom de súplica.

— O dossiê — respondeu ele. — Você já ouviu falar nesse dossiê? O indivíduo que o tem em mãos foi preso e ameaça confessar tudo.

Josette escondeu o rosto no travesseiro:

— Isso nunca acabará! — disse ela, demonstrando desespero.

— Você se lembra: em nossa primeira manhã, aqui mesmo, disse-me que nunca havia amado ninguém; mais tarde, falou-me vagamente a respeito de um jovem morto na América: esse seu jovem era um capitão alemão. Ah! Você zombou bastante de mim.

— Por que me fala assim? Que é que fez a você? Quando estive em Lyons, não o conhecia.

— Mas, quando a interroguei, me conhecia. E mentiu para mim, com ares tão inocentes!

— Que adiantaria dizer-lhe a verdade? Mamãe me proibira de fazê-lo. E, afinal, você era uma pessoa estranha.

— E, durante um ano, permaneci para você uma pessoa estranha?

— A troco de que teria falado de tudo isso? — Ela se pôs a chorar docemente entre os dedos: — Mamãe diz que, se me denunciarem, irei para a prisão: não quero! Prefiro matar-me!

— Quanto tempo durou sua história com o capitão?

— Um ano.

— Foi ele que a instalou neste apartamento?

— Sim. Tudo o que tenho foi ele que me deu.

— E você o amava?

— Ele me amava. Amava-me como nenhum homem jamais me amará. Sim, eu o amava — disse ela, soluçando. — Não é motivo para me porem numa prisão.

Henri se levantou, deu alguns passos por entre os móveis escolhidos pelo belo capitão. No fundo, sempre soubera que Josette era capaz de entregar-se aos alemães. Ela havia confessado: “Não compreendo nada a respeito desta guerra.” Ele supôs que ela lhes sorrisse, mesmo que flertasse vagamente com eles, e a desculpava; um amor sincero deveria parecer-lhe ainda mais desculpável. Mas o fato é que Henri não suportava imaginar sobre essa poltrona um uniforme verde-acinzentado e o homem deitado com ela, pele com pele, boca com boca.

— E você sabe o que sua mãe espera? Que eu vá dar um testemunho falso para tirar você da enrascada. Um testemunho falso: suponho que isso não interessa a você.

— Não irei para a prisão, eu me mato — repetiu Josette, por entre lágrimas. — Aliás, pouco me importa, pouco me importa matar-me.

— Não se trata de você ir para a prisão — disse Henri, a voz amainada.

Vamos! Inútil bancar o justiceiro. Ele estava simplesmente com ciúmes. Em boa justiça, não podia querer mal a Josette, por ter ela amado o primeiro homem que a amou. E com que direito lhe recriminava o silêncio? Ele não tinha direito algum.

— Na pior hipótese, vocês serão obrigadas a deixar a França — continuou ele. — Mas pode-se viver em outra parte, tanto quanto na França.

Josette continuava soluçando. Evidentemente, não tinha nenhum sentido o que ele acabava de dizer. A vergonha, a fuga, o exílio: Josette não resistiria ao golpe, nunca. Já não estava tão apegada à vida. Ele olhou em torno de si, a angústia fechou-lhe a garganta. A vida parecia muito frívola, nesse cenário de comédia. Mas, se um dia Josette cortasse os pulsos, seria entre essas paredes acolchoadas, deitada sob esses lençóis rosados, que morreria. E seria enterrada com sua camisola macia. A futilidade daquele

quarto era apenas uma ilusão. As lágrimas de Josette tinham verdade, um esqueleto verdadeiro se escondia sob sua pele perfumada. Ele se sentou à beira da cama:

— Não chore. Tirarei você disso.

Ela afastou as mechas de cabelo que escorriam sobre o seu rosto molhado:

— Você? Você parece tão zangado!...

— Não, não estou zangado — disse ele. — Prometo-lhe que tirarei você disso — repetiu, com força.

— Oh! Sim! Salve-me! Por favor! — disse Josette, atirando-se aos braços dele.

— Não tenha medo. Nada de mal lhe acontecerá — disse ele, docemente.

— Você é gentil! — Ela se uniu a ele, estendeu-lhe a boca. Ele desviou o rosto.

— Causo-lhe aversão? — murmurou Josette com uma voz tão humilde, que Henri, bruscamente, teve vergonha: Vergonha de estar do lado bom. Um homem diante de uma mulher, um sujeito que tem dinheiro, um nome, cultura e, sobretudo, moralidade. Um pouco murcha há algum tempo, a moralidade, mas ainda poderia iludir. Oportunamente, ele mesmo se deixaria levar. Beijou a boca salgada de lágrimas:

— Sou eu que causo aversão a mim mesmo.

— Você?

Josette ergueu para ele olhos que nada compreendiam, e de novo ele a beijou, numa exaltação de piedade. Que armas lhe haviam sido dadas? Que princípios? Que esperanças? Tinha havido as bofetadas de sua mãe, o farejar dos machos, a humilhante beleza. E, agora, havia se instalado no seu coração um remorso assustado:

— Eu deveria ter sido logo gentil, em vez de injuriá-la grosseiramente — disse ele.

Josette o olhou ansiosa:

— É verdade que você não me quer mal?

— Não lhe quero mal. E tirarei você disso.

— Como vai fazer?

— Farei o que for preciso.

Ela suspirou e pousou a cabeça sobre o ombro de Henri, que lhe acariciou os cabelos. Um testemunho falso: ele tinha horror a essa ideia.

Mas o quê? Jurando em falso, não prejudicaria ninguém. Salvaria o couro de Mercier, o que seria lamentável: mas tantos outros merecem morrer e vivem às maravilhas! Se se omitisse, Josette seria bem capaz de matar-se; ou, em todo caso, sua vida estaria arruinada. Não, não poderia hesitar: de um lado havia Josette, de outro lado, escrúpulos de consciência. Enrolou uma mecha de cabelos em torno de seu dedo. De qualquer modo, a consciência limpa não serve para muito. Já havia pensado nisso: tanto fazia seguir francamente o seu descaminho. Eis que se lhe oferecia uma belíssima ocasião de mandar à merda a moralidade: não iria perdê-la. Desimpediu a mão, passou-a sobre o rosto. Não lhe ia bem bancar o demônio. Daria esse falso testemunho, porque não podia agir de outro modo. Era tudo. “Como cheguei até aqui?” Isto lhe parecia ao mesmo tempo muito lógico e perfeitamente impossível; nunca se havia sentido mais triste.

Henri não escreveu a Dubreuilh, nem teve a conversa franca com Lambert. Amigos, isto significa contas a prestar: para fazer o que ele ia fazer, seria preciso estar só. Agora que sua decisão estava tomada, ele se imunizava contra os remorsos. Também não tinha mais medo. Corria, evidentemente, um grande risco, seriam possíveis verificações em outras fontes. E que bonito escândalo, se um dia ele fosse reconhecido culpado de falso testemunho! Misturado ao molho gaullista ou ao molho comunista, isso faria um esplêndido guisado. Mas ele não se iludia quanto à importância de sua ação. E, quanto ao seu futuro pessoal, dava de ombros. Combinou com dr. Truffaut a pretensa trajetória de Mercier. E estava quase nada perturbado, no dia em que entrou no gabinete do juiz. O escritório, semelhante a milhares de outros escritórios, parecia menos real do que um cenário de teatro. O magistrado, o escrivão não eram senão atores de um drama abstrato. Desempenhavam o seu papel. Henri desempenharia o dele. A palavra verdade aqui nada significava.

— Evidentemente, um agente bilateral é obrigado a dar garantias ao inimigo — explicou ele, com uma voz desenvolta. — O senhor sabe disso tanto quanto eu. Mercier não podia auxiliar-nos, sem se comprometer. Mas sempre decidíamos juntos sobre as informações que ele fornecia aos alemães. Jamais se deixou escapar a mínima coisa em relação às verdadeiras atividades da rede. E, se estou hoje aqui, se tantos

companheiros escaparam à morte, se *L'Espoir* pôde viver clandestinamente, a ele o devemos.

Henri falava com um calor que sentia convincente. E o sorriso de Mercier corroborava suas palavras. Era um rapaz muito bonito, com uns trinta anos, aparência modesta, rosto sobretudo simpático. “E, todavia”, pensava Henri, “foi ele talvez quem entregou Borel ou Fauchois; entregou outros: sem amor, sem ódio, por dinheiro; mataram-nos, eles se mataram, e Mercier continuará a viver honrado, rico, feliz.” Mas, entre aquelas quatro paredes, a gente estava tão longe do mundo em que os homens vivem e morrem, que isso não tinha grande importância.

— É sempre delicado decidir quanto ao momento em que um agente bilateral se torna traidor — disse o juiz. — O que o senhor ignora é que, infelizmente, Mercier transpôs essa fronteira.

Fez um sinal ao oficial de justiça, e Henri se empertigou. Este sabia que Yvonne e Lisa tinham passado doze meses em Dachau; jamais as vira, porém. Agora, estava-as vendo. Yvonne era morena, parecia restabelecida; Lisa tinha cabelos castanhos, estava ainda magra e pálida, como uma jovem ressuscitada; a vingança não lhe teria devolvido as cores. Mas ambas eram muito reais e ia ser duro mentir sob os olhos delas. Foi Yvonne quem repetiu o depoimento das duas, e seu olhar não se desgrudava do rosto de Mercier:

— No dia 23 de fevereiro de 1944, às duas horas da tarde, eu tinha um encontro na ponte de Alma com Lisa Peloux, aqui presente. No momento em que me aproximava dela, três homens avançaram para nós, dois alemães e aquele que nos apontou para eles e que vestia um sobretudo marrom, estava sem chapéu e com a barba feita.

— Há um erro de pessoa — disse Henri, com firmeza. — No dia 23 de fevereiro, às duas horas, Mercier estava comigo, em La Souterraine. Chegamos juntos, na véspera. Companheiros deviam comunicar-nos o plano dos entrepostos que os americanos construíram três dias depois, e passamos esse dia com eles.

— Mas é justamente ele — disse Yvonne, que olhou para Lisa. Esta disse:

— É exatamente ele!

— O senhor não se teria enganado quanto à data? — perguntou o juiz.

Henri sacudiu a cabeça:

— O bombardeio foi no dia 26. As indicações foram transmitidas no dia 24. Os dias 22 e 23, passei-os lá. Tais datas a gente não esquece.

— E as senhoras foram detidas justamente no dia 23 de fevereiro? — perguntou o juiz, voltando-se para as moças.

— Sim, no dia 23 de fevereiro — respondeu Lisa. Elas pareciam estupefatas.

— As senhoras só viram o seu delator pelo espaço de um instante e quando se achavam agitadas — disse Henri. — Eu trabalhei dois anos com Mercier. Impossível que o confunda com outro. Tudo o que sei a respeito dele me garante que ele jamais teria entregado duas resistentes: isto é só uma opinião. Mas o que declaro sob juramento é que, a 23 de fevereiro de 1944, ele esteve comigo em La Souterraine.

Henri olhava gravemente Yvonne e Lisa. Elas se entreolharam com desventura. Estavam tão seguras da identidade de Mercier como da lealdade de Henri. Havia pânico em seus olhos.

— Então, trata-se do irmão gêmeo dele — disse Yvonne.

— Ele não tem irmão — informou o juiz.

— Trata-se de alguém parecido com ele, como um irmão.

— A uma distância de dois anos, muitas pessoas se parecem — disse Henri.

Houve um silêncio e o juiz perguntou:

— As senhoras mantêm o seu depoimento?

— Não — respondeu Yvonne.

— Não — respondeu Lisa.

Para não suspeitarem de Henri, consentiram em duvidar da recordação mais certa que tinham. Mas, com o passado, o presente vacilava em torno delas, e a própria realidade. Henri se horrorizou com essa perplexidade, espelhada no fundo dos olhos delas.

— Quer fazer o favor de reler e assinar? — disse o magistrado.

Henri releu a página datilografada. Traduzido naquele estilo inumano, seu depoimento perdia todo o peso, o que não fazia obstáculo a que assinasse. Mas ele acompanhou com os olhos, incerto, a saída das moças. Tinha vontade de correr atrás delas. Nada tinha, porém, a dizer-lhes.

Foi um dia igual a todos os outros, e em seu rosto ninguém adivinhava que ele acabava de praticar um perjúrio. Lambert o encontrou no corredor sem lhe sorrir, mas isso por motivos inteiramente diversos: estava

magoado com Henri, que ainda não havia proposto que saíssem uma vez sozinhos. “Amanhã, convido-o para jantar.” Sim, a amizade era novamente permitida, findas as precauções, findos os escrúpulos: as coisas tinham-se passado tão bem, que se podia supor que nada, absolutamente, se tinha passado. “Suponhamo-lo”, disse Henri a si mesmo, instalando-se diante de sua escrivaninha. Ele percorreu a correspondência. Uma carta de Mardrus: Paule tinha sarado, mas era melhor que Henri não tentasse revê-la; perfeito. Pierre Leverrier escrevia que estava disposto a ficar com as cotas de Lambert. Tanto melhor, ele era honesto e austero; não devolveria a *L’Espoir* a sua juventude perdida, mas seria possível trabalhar com ele. Ah! Trouxeram informações adicionais sobre o caso de Madagascar. Henri leu as páginas datilografadas. Cem mil malgaxes massacrados contra cento e cinquenta europeus, o terror reina na ilha, todos os deputados foram presos, embora tenham desaprovado a rebelião, são submetidos a torturas dignas da Gestapo, houve um atentado a granada contra o advogado deles, o processo é antecipadamente fraudado e nenhum jornal para denunciar o escândalo. Henri tirou sua caneta-tinteiro. Seria preciso mandar alguém até lá: Vincent não pediria outra coisa. Enquanto isso, Henri iria ocupar-se de seu editorial. Acabava de redigir as primeiras linhas, quando a secretária abriu a porta:

— Há um visitante. — Ela lhe entregou uma ficha: dr. Truffaut. Henri sentiu um pequeno aperto no coração. Lucie Belhomme, Mercier, dr. Truffaut, alguma coisa se havia passado: ele tinha cúmplices.

— Faça-o entrar.

O advogado trazia à mão uma grande pasta de couro:

— Não o incomodarei por muito tempo — disse. E acrescentou, com uma voz satisfeita: — Seu depoimento foi bem-sucedido. O reconhecimento judicial de que a ação é impertinente está assegurado. Com isso, sinto-me profundamente feliz. Não é na prisão que esse moço teria que expiar os erros que pôde cometer. O senhor lhe deu a possibilidade de tornar-se um novo homem.

— E de praticar novas patifarias! — disse Henri. — Mas a questão não é essa. Tudo o que espero é que não se ouça mais falar nele.

— Aconselhei-o a partir para a Indochina — disse o dr. Truffaut.

— Excelente ideia. Que ele mate tantos indochineses quanto franceses fez morrer. E será um herói notável. Além disso, ele devolveu o dossiê?

— Justamente. — Dr. Truffaut tirou da pasta um grande pacote revestido de papel marrom: — Fiz questão de entregar-lhe em mãos.

Henri pegou o pacote:

— Por que para mim? — perguntou, com hesitação. — Devia entregá-lo à sra. Belhomme.

— O senhor fará dele o que lhe aprouver. Meu cliente se havia comprometido a entregá-lo ao senhor — disse o dr. Truffaut com voz indiferente.

Henri jogou o pacote na gaveta. O advogado tinha para com Lucie obrigações misteriosas: isso não significava que ela a trouxesse no coração. Talvez proporcionasse a si mesmo o prazer de uma vingança:

— Está certo de que está tudo aí?

— Completamente — respondeu dr. Truffaut. — Esse jovem compreendeu perfeitamente que um mau humor da parte do senhor poderia custar-lhe caro. Não mais ouviremos falar dele; estou convencido disso.

— Agradeço-lhe o incômodo — disse Henri.

O advogado não se levantou:

— O senhor não está pensando que temos de recear um desmentido.

— Não estou pensando. Aliás, não houve publicidade alguma em torno do caso.

— Não, felizmente. Ele foi abafado muito depressa.

Houve um silêncio que Henri não tentou quebrar, e dr. Truffaut acabou por se decidir:

— Pois bem, deixo-o trabalhar. Espero que nos encontremos um dia destes, em casa da sra. Belhomme. — Levantou-se: — Se tiver alguma vez o mínimo aborrecimento, previna-me.

— Obrigado — disse Henri, secamente.

Assim que o advogado saiu, Henri abriu a gaveta: sua mão se imobilizou sobre um papel pardo. Seria o caso de não tocar nele, mas levar o pacote ao quarto e queimá-lo, sem um olhar. Mas já arrancava os barbantes, esparramava sobre a mesa os documentos: cartas em alemão, em francês, relatórios, depoimentos, fotografias; decotada, estrelada de joias, via-se Lucie entre alemães uniformizados. Sentada entre dois oficiais, diante de um balde de champanhe, Josette ria desbragadamente. De pé, com um vestido claro, bem no meio de um gramado, ela era abraçada pelo belo capitão e lhe sorria com aquele ar de confiança feliz que havia muitas

vezes transtornado Henri. Os cabelos caíam-lhe livremente sobre os ombros, ela parecia mais jovem do que hoje, e muito mais alegre. Como ria! Pondo de novo as fotografias na mesa, Henri notou que seus dedos tinham deixado sobre a superfície lustrosa sinais úmidos. Sempre soubera que Josette rira, ao passo que milhares de Lisas e de Yvones agonizavam nos campos de concentração. Essa, porém, era uma história antiga, bem-escondida atrás de uma cômoda cortina, que confunde o passado, a ausência e o nada. Agora ele via; o passado tinha sido presente: era presente.

“Meu querido amor.” O capitão escrevia num francês cuidadoso, entremeado de pequenas frases em alemão, de pequenas frases apaixonadas. Ele parecia ter sido muito burro, muito apaixonado e muito triste. Ela o tinha amado, ele estava morto, ela com certeza chorou muito. Mas, primeiro, ela rira. E como rira!

Henri refez o pacote e atirou-o numa gaveta, que fechou à chave: “Amanhã, eu o queimarei.” Por enquanto precisava terminar seu artigo. Retomou a caneta. Ia falar de justiça, de verdade, protestar contra as matanças e as torturas. “É preciso”, disse a si mesmo, com força. Se renunciasse a fazer o que lhe cabia fazer, poderia se tornar duplamente culpado. Pensasse o que pensasse de si mesmo, havia lá aqueles homens, queurgia tentar salvar.

Trabalhou até onze horas da noite, sem ter tido tempo de jantar. Não estava com fome. Como nas outras noites, foi procurar Josette à saída do teatro, e aguardou-a em seu carro. Ela trazia um mantô vaporoso, esbranquiçado. Estava muito maquiada e muito bonita. Sentou-se ao lado dele, dispôs com cuidado, em torno de si mesma, a nuvem que a envolvia.

— Mamãe disse que tudo correu bem. É verdade? — perguntou ela.

— Sim, fique sossegada — respondeu ele. — Todos os papéis estão queimados.

— É verdade?

— É verdade.

— E não vão suspeitar que você mentiu?

— Não creio.

— Tive tanto medo durante o dia todo! — exclamou Josette. — Estou no fim de minhas forças. Leve-me para casa.

— De acordo.

Rodaram silenciosamente para a rua Gabrielle. Josette pousou a mão sobre a sua manga:

— Foi você que queimou os papéis?

— Sim.

— Olhou-os?

— Sim.

— Que havia, exatamente? Com certeza, nenhuma fotografia minha, inconveniente — disse ela, pondo preocupação na voz. — Fotografias minhas, inconvenientes, nunca foram tiradas.

— Não sei o que você chama de fotografias inconvenientes — disse ele, meio sorrindo. — Você estava com o capitão alemão, e muito bonita.

Ela não disse nada. Era bem Josette, a mesma Josette. Mas, através dela, ele revia a linda moça demasiado alegre, que ria numa fotografia, indiferente a todos os infortúnios. De agora em diante, ela estaria sempre entre eles.

Henri parou o carro e acompanhou Josette até a porta principal:

— Não vou subir — disse ele. — Também estou cansado e tenho uma porção de coisas a fazer.

Josette abriu grandes olhos assustados:

— Você não sobe?

— Não.

— Está zangado? — perguntou ela. — Outro dia você disse que não, mas agora está zangado.

— Não estou zangado. Aquele sujeito a amou e você o amou. Você estava livre. — Ele encolheu os ombros: — Talvez seja ciúme, mas esta noite não tenho vontade de subir.

— Como quiser — disse Josette.

Ela lhe sorriu tristemente e apertou o botão. Quando desapareceu, ele ficou longo tempo olhando a moldura do umbral da porta, iluminada. Sim, talvez fosse simplesmente ciúme: tomá-la em seus braços teria sido para ele insuportável, esta noite: “Sou injusto”, disse Henri a si mesmo. Mas a justiça nada tinha a ver aqui. Não se dorme com uma mulher por justiça. Ele se distanciou.

* * *

Quando, no dia seguinte, Henri o convidou para jantar, Lambert manteve sua expressão crispada.

— Sinto, estou ocupado — disse ele.

— E amanhã?

— Amanhã também. Esta semana, estarei ocupado todas as noites.

— Então ficará para a próxima semana — disse Henri.

Impossível explicar a Lambert por que não o tinha convidado antes. Mas Henri decidiu, alguns dias mais tarde, voltar à carga: Lambert ficaria certamente sensibilizado com a insistência. Ele subia a escada do jornal, ruminando uma pequena trama persuasiva, quando encontrou Sézenac.

— Olhe! Você aí! — disse amistosamente. — Que é feito de você?

— Nada de especial — respondeu Sézenac.

Havia engordado, estava muito menos bonito que antes.

— Você não sobe de novo, um minuto? Faz séculos que a gente não se vê — disse Henri.

— Hoje não — retrucou Sézenac.

Bruscamente, desceu a escada. Henri subiu os últimos degraus. No corredor, Lambert, encostado à parede, parecia esperá-lo.

— Acabo de encontrar Sézenac — disse Henri. — Você o viu?

— Sim.

— Você o vê às vezes? Que é que ele faz? — perguntou Henri, empurrando a porta de seu escritório.

— Creio que é delator da polícia — respondeu Lambert, com uma voz estranha. Henri o olhou com espanto: tinha a testa úmida.

— Que é que faz você imaginar isso?

— Coisas que me disse.

— Um viciado que precisa de dinheiro: evidentemente, é o tipo de rapaz de que se pode fazer um delator — disse Henri, que acrescentou, curiosamente: — Que contou ele a você?

— Propôs-me uma combinação esquisita. Prometia entregar-me os patifes que mataram meu pai, em troca de certas informações.

— Que informações?

Lambert olhou Henri nos olhos:

— Informações sobre você.

Henri sentiu um espasmo na boca do estômago.

— Em que eu interesse à polícia? — perguntou, com uma voz assustada.

— Você interessa a Sézenac. — O olhar de Lambert não se despregava de Henri: — Parece que outro dia você testemunhou em favor de um certo Mercier, um rapaz que fazia mercado negro lá pelas bandas de Lyons e que frequentava as Belhomme. Você afirmou que, em 1943/1944, ele trabalhava em nossa rede e que, a 23 de fevereiro de 1944, o acompanhou a La Souterraine.

— É exato — disse Henri. — E daí?

— Você nunca encontrou Mercier antes deste último mês — disse Lambert, com uma voz de triunfo. — Sézenac sabe bem disso, e eu também. Naquele ano, eu o acompanhava como uma sombra: não havia Mercier. Sua viagem a La Soterraine deu-se a 29 de fevereiro. Falou-se de eu acompanhar você, e a data me ficou marcada. Foi Chancel que você levou.

— Você está completamente louco! — disse Henri. Sentia-se tão indignado como se Lambert o houvesse injustamente suspeitado. — Fiz duas viagens a La Souterraine, a primeira com Mercier, que ninguém conhecia, a não ser eu. — Com voz irritada, acrescentou: — Você não merece que eu lhe responda, porque, em suma, está acusando-me de falso testemunho, somente isso!

— No dia 23 você estava em Paris — disse Lambert. — Tenho tudo marcado em minhas agendas. Vou verificar, mas sei que você só fez uma viagem. A gente discutiu bastante a respeito. Não, não me venha com histórias. A verdade é que Mercier tem o controle das Belhomme de uma ou de outra maneira. E, para salvar essas duas cabeças raspadas, você inocentou um delator da Gestapo.

— Fosse um outro, que não você, e eu lhe quebraria a cara — disse Henri. — Saia deste escritório imediatamente, e não me ponha mais os pés aqui.

— Espere! — disse Lambert. — Ainda tenho uma palavra a dizer-lhe. Não informei nada a Sézenac. Entretanto, juro-lhe que tinha vontade de que ele falasse. Não lhe informei nada — continuou. — Neste caso, agora, estamos quites. Retomo a minha liberdade.

— Há muito tempo que você aguardava um pretexto. Acabou inventando um: felicito-o.

— Não inventei nada! — disse Lambert. — Bom Deus! — acrescentou ele. — Que estúpido eu fui! Supunha-o tão limpo, tão desinteressado! Isso

até me intimidava! Imaginava que devia ser-lhe leal. Você fala de lealdade, julga todo mundo: mas os escrúpulos não o sufocavam mais do que a qualquer outro.

Lambert andou em direção à porta com tanta dignidade, que Henri quase teve vontade de sorrir. Sua raiva tinha se evaporado. Não sentia mais do que uma angústia leve. Explicar-se francamente? Não, Lambert era demasiado instável, demasiado influenciável. Hoje, negara-se a informar Sézenac, mas, amanhã, uma confissão poderia tornar-se em suas mãos, nas de Volange, uma arma terrível. Tornava-se preciso negar: o perigo já era muito grande, assim mesmo: “Sézenac procura provas contra mim, sabe que poderia vendê-las caro”, pensou Henri. Dubreuilh nunca tinha ouvido falar em Mercier. Talvez se lembrasse de que a 23 de fevereiro de 1944, Henri estava em Paris. Se Sézenac o apanhasse de surpresa, ele não teria razão alguma para alterar a verdade. Seria necessário preveni-lo. Mas a Henri repugnava reclamar-lhe uma cumplicidade, antes de ter pelo menos tentado reconciliar-se com ele. Aliás, não podia encarar a necessidade de confessar-lhe a verdade. Era estranho. Ele dizia a si mesmo: “Se tivesse que fazer de novo, eu faria.” E, todavia, não teria suportado a ideia de que alguém mais fosse posto a par do que havia feito. Neste caso, ficaria envergonhado. Não se sentiria justificado senão durante o tempo em que não fosse descoberto: durante quanto tempo? Repetia a si mesmo: “Estou em perigo.” Alguém mais o estava: Vincent. Mesmo que não fosse seu bando que houvesse executado o velho, Sézenac estava informado sobre ele. Era preciso preveni-lo. E era preciso encontrar Luc imediatamente, que se tratava em casa de uma crise de gota, assim como redigir com ele uma carta de demissão. Luc aguardava, havia tempos, uma crise; não se impressionaria muito, com certeza. Henri se levantou. Pensou: “Não me sentarei mais a esta mesa; está tudo acabado, *L’Espoir* não me pertence mais!” Lamentava abandonar a campanha que havia empreendido sobre os acontecimentos de Madagascar: evidentemente os outros continuariam lutando. Mas, tirando isso, ele estava muito menos emocionado do que o teria acreditado. Ao descer as escadas, disse vagamente, a si mesmo: “É o preço.” O preço de quê? De ter dormido com Josette? De haver querido salvá-la? De ter pretendido manter uma vida particular, ao passo que a ação exige o homem inteiramente? De haver insistido na ação, quando ele

não se lhe entregava sem reserva? Não sabia. E, mesmo que soubesse, não teria mudado coisa alguma.

Na noite em que as rotativas imprimiram sua carta de demissão, Henri recomendou ao porteiro do hotel: “Amanhã, não estarei aqui para ninguém, não receberei visitas, nem telefonemas.” Empurrou sem alegria a porta de seu quarto: não tinha tido novos contatos sexuais com Josette, ela não parecia muito afetada por isso, e assim estava muito bem, o que não impedia que essa cama em que Henri dormia sozinho lhe parecesse austera como uma cama de hospital. É tão bom misturar o próprio sono ao de outro corpo bem quente, bem confiante: acorda-se nutrido. Agora, ao despertar, ele se sentia vazio. Teve dificuldade para adormecer. Estava antecipadamente exasperado por todos os comentários que sua demissão iria suscitar.

Levantou-se tarde. Acabava de arrumar-se, quando lhe trouxeram um telegrama: teve um choque, ao reconhecer a letra de Dubreuilh: “Acabo de ler sua carta de adeus a *L’Espoir*. Na verdade, é um absurdo que nossa atitude acentue unicamente os nossos desacordos, quando tantas coisas nos aproximam. Quanto a mim, sou sempre seu amigo.” Havia um *post scriptum*: “Gostaria de falar-lhe o mais cedo possível, a propósito de alguém que, parece, lhe quer mal.” Por longo tempo Henri manteve os olhos fixos sobre as linhas azul-escuras. Tinha pensado em escrever, e Dubreuilh foi quem o fez. Podia-se acusar de orgulho sua generosidade: mas, neste caso, o orgulho, nele, era uma virtude generosa. “Vou até lá imediatamente”, disse Henri a si mesmo; e pareceu-lhe que se acabava de jogar em seu peito um exército de formigas vermelhas. Que dissera Sézenac? Se fizera nascer suspeitas em Dubreuilh, como mentir convincente o bastante para aniquilá-las? Não era com certeza tarde demais para a mentira, uma vez que Dubreuilh lhe oferecia a amizade. Mas era odioso responder a um tal oferecimento por um abuso de confiança. Entretanto, que fazer além disso? O próprio Dubreuilh ficaria escandalizado com uma confissão e, assim sendo, Henri se sentiria em falta. Entrou no carro. Pela primeira vez, pesava-lhe ter um segredo: isso exige que se engane a outrem e traia a si mesmo; a amizade não é mais, absolutamente, possível. Hesitou longo tempo diante da porta de Dubreuilh, sem se decidir a tocar a campainha.

Dubreuilh, sorrindo, lhe abriu:

— Como estou contente de vê-lo! — disse, num tom natural e atarefado, como se tivessem coisas importantes para debater, depois de uma curta ausência.

— Sou eu quem está contente — disse Henri. — Seu recado, quando o recebi, deu-me um grande prazer. — Entraram no escritório e Henri acrescentou: — Pensei, muitas vezes, em escrever-lhe.

Dubreuilh o interrompeu:

— Que foi que ocorreu? — perguntou. — Lambert abandonou você?

A velha curiosidade lhe brilhava nos olhos, naqueles olhos espertos e maldosos, que não haviam mudado.

— Faz meses que Samazelle e Trarieux querem bandear-se para o gaullismo. Lambert acabou aderindo a eles.

— O salafrariozinho! — disse Dubreuilh.

— Ele tem desculpas — disse Henri, constrangido. Sentou-se em sua poltrona habitual e acendeu um cigarro, como habitualmente. As verdadeiras justificativas de Lambert... era preciso que ele as conservasse em segredo. Dubreuilh não havia mudado. Nem o escritório, nem os rituais. Mas já não era o mesmo. Outrora, mais poderia abri-lo, dissecá-lo sem surpresa: agora, ele escondia sob a pele um tumor vergonhoso. Disse Henri rapidamente:

— Discutimos e encostei-o à parede.

— Isso devia acabar assim! — disse Dubreuilh, pondo-se a rir. — Pois bem, tudo está encerrado. O SRL morreu, seu jornal foi roubado: eis-nos de volta ao marco zero.

— Culpa minha — disse Henri.

— Não é culpa de ninguém — contraveio Dubreuilh prontamente, e abriu um armário. Tenho um excelente *armagnac*. Quer?

— Com prazer.

Dubreuilh encheu dois cálices e estendeu um a Henri. Sorriram um para o outro.

— Anne ainda está na América? — perguntou Henri.

— Ela volta daqui a quinze dias. Como vai ficar contente! — acrescentou alegremente Dubreuilh. — Achava tão estúpido isto de a gente não se ver mais!

— Era muito estúpido — disse Henri.

Ele gostaria de explicar-se. Parecia-lhe que esta briga não ficaria verdadeiramente liquidada, a não ser que falassem a respeito, de coração aberto. E ele estava inteiramente pronto a reconhecer os próprios erros. Mas, de novo, Dubreuilh mudou o curso da conversa:

— Disseram-me que Paule curou-se. É verdade?

— Parece. Ela não quer mais me ver, e estou muito satisfeito com isso: Vai instalar-se na casa de Claudie de Belzunce.

— Em suma, ei-lo livre como o ar — disse Dubreuilh. — Que pretende fazer?

— Vou concluir meu romance. Quanto ao resto, não sei. Isso tudo se passou tão depressa, que ainda estou atordado.

— Não se alegra de pensar que, afinal, vai ter tempo?

Henri encolheu os ombros:

— Não especialmente. Isso virá com certeza. Por enquanto, tenho principalmente remorsos.

— Gostaria de saber por quê! — disse Dubreuilh.

— Por mais que você diga, sou responsável por tudo o que aconteceu. Se eu não houvesse insistido, você adquiriria as cotas de Lambert, *L'Espoir* nos pertenceria e o SRL aguentaria o baque.

— O SRL estava perdido de qualquer maneira — disse Dubreuilh. — *L'Espoir*, sim... talvez a gente tivesse podido salvá-lo. E daí? Resistir aos dois blocos, permanecer independente, eis o que também tento na *Vigilance*: mas não vejo bem em que isso pode adiantar.

Henri encarou Dubreuilh com perplexidade. Seria por delicadeza que este se apressava a inocentá-lo? Ou quereria evitar discutir seus próprios métodos?

— Você pensa que em outubro o SRL já não tinha mais chances? — perguntou Henri.

— Penso que nunca teve — disse bruscamente Dubreuilh.

Não, ele não falava assim por cortesia: estava convencido, e Henri se sentiu desconcertado. Gostaria muito de dizer a si mesmo que nada tinha a ver com o desastre do SRL. Todavia, aquela declaração de Dubreuilh o incomodava. Em seu livro, Dubreuilh constatava o nenhum poder dos intelectuais franceses. Mas Henri não havia imaginado que ele desse às suas conclusões um alcance referente mesmo a situações passadas.

— Desde quando você pensa assim?

— Há muito tempo. — Dubreuilh encolheu os ombros: — Desde o começo, a partida era jogada entre a URSS e os Estados Unidos; e nós estávamos fora dessa jogada.

* * *

— O que você me dizia não me parece, todavia, tão falso — disse Henri. — A Europa tinha um papel a desempenhar, e a França, na Europa, tinha o seu.

— Era falso. Estávamos encurralados. Afinal, veja bem — acrescentou Dubreuilh, com uma voz impaciente —, que é que pesávamos? Absolutamente nada.

Decididamente, ele era sempre o mesmo. Obrigava-nos impetuosamente a segui-lo, e depois, de repente, largava-nos, para atacar numa nova direção. Muitíssimas vezes Henri dissera a si mesmo: “Nada se pode fazer.” Mas incomodava-o o fato de que Dubreuilh o afirmasse, com tanta autoridade:

— Sempre soubemos que éramos minoria — disse ele —; mas você admitia que uma minoria pode ser eficiente.

— Em certos casos, não naquele — disse Dubreuilh. Pôs-se a falar muito depressa. Visivelmente, ele tinha o coração pesado, havia muito tempo: — Na Resistência, perfeitamente, um punhado de homens bastaria para isso. Tudo o que se queria, em resumo, era criar agitação. Agitar, sabotar, resistir é a função de uma minoria. Mas, quando se pretende construir, o caso é inteiramente diverso. Acreditamos que bastaria aproveitar o nosso ímpeto: ao passo que havia uma divisão radical entre o período de ocupação e o que se seguiu à Libertação. Recusar a colaboração dependia de nós. As consequências não nos diziam respeito.

— Mesmo assim nos diziam respeito um pouco — observou Henri. Via bem por que Dubreuilh fingia o contrário. O velho não queria pensar que tivesse tido possibilidades de ação e que as tivesse explorado mal: preferia acusar-se de um erro de julgamento a confessar um fracasso. Mas Henri permanecia convencido de que, em 1945, o futuro ainda estava aberto: não foi por prazer que se metera em política. Tinha sentido, evidentemente, que o que se passava em volta dele lhe dizia respeito: — Erramos o golpe — declarou —; isto não prova que tenhamos errado em tentá-lo.

— Oh! Não fizemos mal a ninguém — observou Dubreuilh —, e tanto faz a gente ocupar-se de política quanto embriagar-se; sendo que a política causa menos mal à saúde. Não impede que tenhamos errado lindamente o caminho! Quando relemos o que escrevíamos em 1944/1945, temos vontade de rir: faça a experiência e verá.

— Suponho que fôssemos demasiado otimistas — disse Henri. — Isso se compreende...

— Conceda-nos todas as circunstâncias atenuantes que você quiser! — disse Dubreuilh. — O êxito da Resistência, a alegria da Libertação, isso nos justifica amplamente. O bom direito triunfava, o futuro era prometido aos homens de boa vontade. Com nosso velho grau de idealismo, não pedíamos senão que se acreditasse nisso. — Encolheu os ombros: — Éramos crianças.

Henri se calou. Ele gostava desse passado: como a gente gosta, justamente, de recordações da infância. Sim, aquele tempo em que a gente distinguia, sem hesitar, os amigos e os inimigos, o bem e o mal, aquele tempo em que a vida era simples como uma imagem de Epinal, assemelhava-se a uma infância. Sua própria repugnância a negá-lo dava razão a Dubreuilh.

— No seu entender, que deveríamos ter feito? — perguntou ele. Sorriu: — Inscrevermo-nos no partido comunista?

— Não — disse Dubreuilh. — Como você me disse um dia, a gente não deixa de pensar naquilo em que pensa: impossível deixar de ser si mesmo. Teríamos sido péssimos comunistas. — Ele acrescentou bruscamente: — Aliás, que fizeram eles? Absolutamente nada. Estavam também encurralados.

— Então?

— Então nada. Não havia nada a fazer.

Henri encheu de novo o copo. Dubreuilh talvez tivesse razão. Mas, neste caso, era engraçado. Henri evocava aquele dia de primavera, em que contemplava pescadores de vara, com nostalgia; dizia então a Nadine: “Não tenho tempo.” Ele nunca tinha tempo: excesso de coisas a fazer. E, na verdade, não houvera nada a fazer.

— Pena que a gente não o tenha aprendido antes. Teria evitado muitos aborrecimentos.

— Antes não poderíamos aprendê-lo — disse Dubreuilh. — Admitir que se pertence a uma nação de quinta categoria e a uma época superada é coisa que não se faz num dia. — Moveu a cabeça: — A gente necessita de todo um trabalho para se resignar à impotência.

Henri olhou Dubreuilh com admiração. Que bela enganação! Não houve fracasso, apenas um erro. E mesmo o erro estava justificado, por conseguinte abolido. O passado era claro como luz e Dubreuilh, uma impecável vítima da fatalidade histórica. Sim: pois bem, Henri não achava isso satisfatório, absolutamente. Não gostava de pensar que havia sido conduzido de um extremo a outro daquela história. Tinha tido grandes embates de consciência, dúvidas, entusiasmos, e, segundo Dubreuilh, as coisas estavam antecipadamente ordenadas. Muitas vezes se interrogava sobre quem ele era. E eis o que lhe respondiam: um intelectual francês inebriado pela vitória de 1944 e trazido de volta pelos acontecimentos a uma lúcida consciência de sua inutilidade.

— Você ficou muito fatalista! — disse Henri.

— Não. Não digo que a ação em geral seja impossível. Ela o é neste momento, para nós.

— Li o seu livro. Em suma, você pensa que só se poderia fazer alguma coisa marchando-se francamente com os comunistas.

— Sim. Não porque a posição deles seja brilhante. Mas o fato é que, fora deles, não há nada.

— Ainda assim você não marchou com eles.

— Não posso voltar atrás — disse Dubreuilh. — A revolução deles está muito longe daquela que antigamente eu esperava. Estava enganado. Infelizmente, não basta constatar os próprios erros para se tornar bruscamente outra pessoa. Você é moço, é talvez capaz de tomar uma resolução arriscada: eu não.

— Oh! Quanto a mim, há muito tempo que não tenho mais vontade de meter-me em nada — disse Henri. — Gostaria de retirar-me para o campo, ou mesmo dar o fora para o exterior, e escrever. — Sorriu: — No seu entender, a gente nem mesmo tem o direito de escrever.

Dubreuilh sorriu também:

— Eu talvez tenha exagerado um pouco. Afinal, a literatura não é tão perigosa assim.

— Mas você acha que ela não tem mais nenhum sentido.

— Acha que tem? — perguntou Dubreuilh.

— Sim, uma vez que continuo escrevendo.

— Não é uma razão.

Henri olhou Dubreuilh com desconfiança:

— Você escreve ainda ou não escreve mais?

— Nunca se curaram manias provando que elas não têm sentido. Do contrário os hospícios ficariam vazios.

— Ah!, bom — disse Henri. — Você não chegou a convencer a si mesmo: prefiro isso.

— Chegarei lá, talvez, um dia — disse Dubreuilh, com ar malicioso. Deliberadamente, mudou o curso da conversa: — Olhe, queria preveni-lo: tive ontem uma estranha visita. O pequeno Sézenac. Não sei o que você lhe fez, mas ele não o aprecia.

— Mandei-o embora de *L'Espoir*. Já faz muito tempo isso.

— Começou por fazer-me uma porção de perguntas sem pé nem cabeça — disse Dubreuilh. — Se eu conhecia um certo Mercier, se você estava em Paris não sei mais que dia de 1944. Primeiro, não me lembro de nada; e, depois, que é que ele tinha com isso? Despedi-o secamente, e ele então se pôs a inventar uma história para boi dormir.

— Sobre mim?

— Sim, é um mitômano esse rapazinho. Ele pode ser perigoso. Contou-me que você tinha dado um testemunho falso para inocentar um delator da Gestapo. Teriam feito chantagem com você, através da pequena Belhomme. É preciso impedi-lo de espalhar semelhantes histórias.

Com alívio, Henri compreendeu, pelo tom de Dubreuilh, que em nenhum instante ele supôs que Sézenac tivesse dito a verdade. Bastaria atirar, sorrindo, uma frase negligente, e o incidente estaria encerrado. Ele não encontrava a frase. Dubreuilh o olhou com alguma curiosidade:

— Sabia que ele o detestava até esse ponto?

— Ele não me detesta especialmente — disse Henri. Bruscamente, acrescentou: — O fato é que sua história é verdadeira.

— Ah!, é verdadeira?

— Sim. — De súbito, a ideia de mentir humilhava Henri. Afinal, uma vez que ele se reconciliava com a verdade, os outros não precisavam bancar os enganados: o que era bom bastante para ele, mas também para eles. Com algum desafio, Henri continuou: — Dei um falso testemunho

para salvar Josette, que se havia entregue a um alemão. Você, que muitas vezes me censurou de moralismo, vê que estou progredindo.

— Então é verdade que esse Mercier era um delator? — perguntou Dubreuilh.

— É verdade. Merecia perfeitamente ser fuzilado — disse Henri, que olhou para Dubreuilh: — Você acha que pratiquei uma canalhice? Não queria, entretanto, que a vida de Josette se perdesse. Se ela houvesse cortado os pulsos, eu não me perdoaria. Ao passo que um Mercier a mais ou a menos na Terra... confesso que isso não me impede de dormir.

Dubreuilh hesitou:

— É preferível, contudo, um de menos a um a mais.

— Evidentemente. Mas estou certo de que Josette se teria suicidado. Poderia deixá-la morrer? — perguntou Henri, com veemência.

— Não. — Dubreuilh parecia perplexo: — Você deve ter passado um momento difícil!

— Decidi-me quase imediatamente. — Henri encolheu os ombros: — Não digo que estou orgulhoso do que fiz.

— Você sabe o que prova essa história? — perguntou Dubreuilh, com uma súbita animação. — Que a moral particular não existe. Mais uma dessas coisas nas quais acreditávamos e que carecem de qualquer sentido.

— Acredita? — Decididamente, Henri não gostava do gênero de consolo que Dubreuilh hoje lhe dispensava: — Vi-me contra a parede, é certo — continuou ele. — Naquele momento, eu não tinha escolha. Nada, porém, teria acontecido, não fosse essa minha ligação com Josette. Suponho que aí tenha havido uma falha.

— Ah! A gente não pode abrir mão de tudo — disse Dubreuilh, com uma espécie de impaciência. — O ascetismo é bom, quando é espontâneo. Mas, para isso, é preciso ter, paralelamente, boas recompensas. E muitas, no mundo, tal como ele é, a gente não tem. Digo que, se você não tivesse dormido com Josette, mágoas consequentes o haveriam levado a praticar outras tolices.

— Isso é muito possível — disse Henri.

— Não se pode traçar uma linha reta em espaço curvo. Não se pode levar uma vida correta numa sociedade que não o é. Sempre se é apanhado de novo, de um jeito ou de outro. Mais uma ilusão de que precisamos livrar-nos — concluiu ele. — Não há salvação pessoal possível.

Henri olhou Dubreuilh com indecisão:

— Então que é que nos resta?

— Não resta grande coisa, acredito — disse Dubreuilh.

Houve um silêncio. Henri não se sentia satisfeito com esta indulgência generalizada:

— O que eu gostaria de saber é o que você teria feito em meu lugar — disse ele.

— Não posso dizer-lhe, uma vez que não estive em seu lugar — disse Dubreuilh. — Você deveria contar-me tudo em detalhes — acrescentou.

— Vou contar-lhe tudo.

Capítulo X

O avião voou sem escalas de Gander a Paris e chegou com duas horas de antecedência. Deixei minha bagagem na estação dos Invalides e tomei o ônibus. Era uma madrugada toda triste, deserta, que frisava a indiscrição de minha chegada clandestina, quando me supunham muito longe, nas nuvens. Um homem varria o passeio diante do portão ainda fechado, as latas de lixo não tinham sido esvaziadas: eu chegava antes que o cenário fosse colocado e os atores maquiados. Evidentemente, não se é um intruso, quando se volta a entrar na própria vida: entretanto, quando eu abria e fechava suavemente a porta do apartamento, a fim de não despertar Nadine, meus gestos furtivos me davam uma vaga impressão de erro e de perigo. Nenhum ruído no escritório de Robert. Girei a maçaneta de louça: quase imediatamente ele ergueu a cabeça. Afastou a poltrona, sorrindo, e me envolveu com o braço:

— Meu pobre animalzinho indefeso! Você chega assim, toda sozinha! Eu ia sair para apanhá-la.

— O avião chegou duas horas adiantado — disse eu. Beijei-lhe as bochechas malbarbeadas. Ele vestia um roupão, estava hirsuto, os olhos inchados pela insônia: — Você trabalhou a noite toda? É muito ruim isso.

— Queria concluir alguma coisa, antes de seu regresso. Fez uma boa viagem? Não está cansada?

— Dormi o tempo todo. E você? Quando não está sendo cuidado por nós, não é muito ajuizado.

Falamos alegremente, mas, quando Robert foi para o banheiro, reencontrei o mesmo silêncio que me havia sufocado, no momento em que, ao entreabrir-se a porta, o avistei de cabeça baixa, escrevendo, muito longe de mim. Que plenitude neste escritório, onde eu não estive! O ar estava saturado de fumaça e de trabalho. Um pensamento onipotente convocava aqui, à sua vontade, o passado, o futuro, o mundo inteiro: tudo estava presente; nenhuma ausência. Sobre um móvel com prateleiras,

minha fotografia sorria, uma fotografia já velha e que não envelheceria nunca. Estava no seu lugar. Mas Robert com certeza não dormiu a noite toda para poder estar comigo em seus dias realmente cheios. E havia alguma coisa que ele não tinha concluído, porque cheguei muito cedo. Ergui-me. Nos dias de regresso, de partida, são feitas descobertas que não são mais verdadeiras que a verdade cotidiana, eu sei. E é inútil saber, inútil situar as ciladas, porque a gente cai mesmo assim, tolamente. Mas, de fato, não bastava que eu dissesse isso a mim mesmo para que delas escapasse; não escapava. Como meu quarto estava vazio! E permaneceu também inteiramente vazio, enquanto eu vagava incerta entre a janela e o divã. Havia correspondência sobre a mesa. Perguntavam-me quando eu reabriria o consultório. Paule tinha saído da clínica, convidava-me a ir vê-la. Notei-lhe que a letra estava menos infantil do que antes e que ela não cometia mais erros de ortografia. Um recado de Mardrus me assegurava que ela estava curada. Fui beijar Nadine, que me acolheu com indulgência. Tinha mil histórias a contar-me e prometi-lhe passar a noite com ela. Robert, Nadine, amigos, trabalho: e, não obstante, eu permaneci imóvel na antessala, a perguntar-me com estupor: “Que faço aqui?”

— Você me esperava? — perguntou Robert. — Estou pronto.

Fiquei contente de deixar o apartamento, de passear pelas ruas, que não estavam nem cheias, nem vazias. Os cais, os Gobelins, a Place d’Italie: andamos longo tempo, parando aqui e ali, em terraços de café, e almoçamos no restaurante do Parque Montsouris.

Robert havia notado que eu não estava com vontade de falar. E ele tinha uma porção de coisas a contar-me: contava. Estava muito mais alegre do que antes de minha partida: não porque a situação internacional lhe parecesse brilhante, mas porque havia retomado gosto pela vida. Ter-se reconciliado com Henri era muito importante para ele. E seu livro havia despertado tantos ecos, que, contra toda lógica, ele tinha iniciado outro. A ação política continuava impossível. Mas, decididamente, ele não renunciava a pensar. Tinha mesmo a impressão de que começava a ver com um pouco de clareza. Eu o escutava. E ele estava tão imperiosamente vivo, que me impunha esse passado de que me falava: era meu passado, eu não tinha outro, nem qualquer outro futuro além daquele que ele anunciava. Logo eu veria Henri outra vez, e ficaria toda feliz, também eu. Essas cartas que Robert tinha recebido, a propósito de seu livro, logo eu as

leria com ele e, em consequência, ficaria satisfeita ou sensibilizada, como ele. Como ele, exultaria em partir para a Itália em breve.

— Não a aborrece viajar mais, depois de tantas viagens? — perguntou-me Robert.

— Não, absolutamente. Não tenho vontade alguma de permanecer em Paris.

E olhava os gramados, o lago, os cisnes. Um dia, breve, eu gostaria novamente de Paris. Teria aborrecimentos, prazeres, preferências, minha vida iria emergir da névoa, minha vida daqui, a verdadeira, e ela me ocuparia inteiramente. Tomei, bruscamente, a palavra. Era-me preciso afirmar que esse mundo de que um oceano, uma noite me separavam também tinha realidade. Contei-lhe minha última semana. Mas foi ainda pior do que ficar calada. Como no ano anterior, senti-me odiosamente culpada. Robert compreendia tudo, muito bem. Lá longe, Lewis acordava num quarto devastado pela minha ausência. Ficava quieto. Não tinha mais ninguém. Estava só, com a sua cama, e, nos seus braços, vazio o meu lugar. Nada resgataria jamais a tristeza dessa manhã: o mal que eu lhe causava era inexpiável.

Quando, à noite, voltamos para casa, Nadine me disse:

— Paule telefonou para saber se você estava aqui.

— É a terceira vez — disse Robert. — Você precisa ir vê-la.

— Irei amanhã. Mardrus afirma que ela se curou — acrescentei. — Mas vocês não sabem como ela está passando, realmente? Henri não a viu de novo?

— Não — disse Nadine.

— Mardrus não a teria deixado sair, se ela não estivesse recuperada — disse Robert.

Eu disse:

— Há curas e curas.

Antes de me deitar, conversei longamente com Nadine. Ela saía de novo com Henri e estava muito satisfeita com isso. Encheu-me de perguntas. No dia seguinte, telefonei a Paule, avisando-a de minha visita: sua voz era breve e calma. Cerca de dez horas da noite, cheguei àquela rua que, no último inverno, me parecera tão trágica e fiquei desconcertada com seu aspecto tranquilizador. As janelas estavam abertas para a doçura da noite, pessoas se chamavam de uma casa a outra, uma menina pulava corda. Sob

o letreiro QUARTOS MOBILIADOS apertei um botão e a porta se abriu, normalmente. Muito normalmente. Para que aqueles delírios, aquelas caras e bocas, se tudo havia entrado em ordem, se a razão e a rotina haviam triunfado? Para que meus remorsos apaixonados, se eu um dia devia acordar indiferente? Eu quase desejava ver Paule aparecer, na soleira do estúdio, hostil, selvagem.

Mas fui acolhida por uma mulher sorridente e gorda, que vestia um elegante vestido preto. Devolveu meu beijo sem entusiasmo e sem reticências. A sala estava numa ordem perfeita. Os espelhos tinham sido substituídos e, pela primeira vez, depois de anos, as janelas estavam inteiramente abertas.

— Como vai? Fez boa viagem? Bonita esta blusa! Comprou-a lá?

— Sim, no México. Aqueles lugares agradariam a você. — Pus-lhe um embrulho nos braços: — Olhe! Trouxe-lhe fazendas.

— Como você é gentil! — Ela desamarrou o pacote, abriu o papel: — Que cores maravilhosas!

Enquanto ela tirava do invólucro os tecidos bordados, aproximei-me da janela; era possível avistar, como de costume, Notre-Dame e seus jardins: através de uma cortina de seda que amarelecia e se desfazia, a pesada teimosia das pedras; ao longo do parapeito, as caixas de surpresas estavam fechadas a cadeado, uma música árabe subia do café de frente, um cão latia e Paule estava curada; era uma noite de outros tempos, eu nunca tinha visto Lewis; ele não podia fazer-me falta.

— Você precisa falar-me desses lugares — disse Paule. — Contará tudo para mim. Não vamos ficar, porém, aqui: Vou levá-la a uma boate muito divertida, Ange-Noir. Acaba de abrir, e a gente encontra todo o mundo lá.

— Todo o mundo quem? — perguntei com um pouco de receio.

— Todo o mundo — repetiu Paule. — Não é longe. A gente vai até lá a pé.

— Está bem.

— Você vê — disse Paule, quando descíamos a escada —, há seis meses eu me teria imediatamente perguntado: por que ela me disse “Todo o mundo quem?”, e teria achado uma porção de respostas.

Sorri com algum esforço:

— Você sente saudades?

— Seria exagerado dizer isso. Mas você não pode imaginar como o mundo era rico, naquele tempo. A menor coisa tinha dez mil facetas. Eu me teria interrogado sobre o vermelho de sua saia. Veja, aquele mendigo, eu o teria tomado por vinte pessoas ao mesmo tempo. — Havia uma espécie de nostalgia na voz de Paule.

— Neste caso, agora o mundo lhe parece sem graça?

— Oh!, não, absolutamente — respondeu ela, num tom incisivo. — Estou satisfeita com esta experiência atrás de mim, é tudo. Mas prometo-lhe que minha existência não vai ser sem graça. Os projetos estão formigando em mim.

— Diga-me quais, depressa.

— Para começar, vou deixar este estúdio. Aborreço-me. Claudie propôs que eu me instalasse em sua casa, e aceitei. Decidi tornar-me célebre. Vou sair, viajar, conhecer pessoas. Quero a glória e o amor, quero viver. — Ela havia proferido estas últimas palavras num tom solene, como se estivesse proferindo votos.

— Você pensa em cantar, ou em escrever? — perguntei.

— Em escrever. Não, porém, naquele gênero de frivolidades que eu lhe havia mostrado. Um livro autêntico, em que falarei de mim. Já refleti muito a respeito. Não terá nada de agradável, mas acredito que será uma sensação.

— Sim, você tem muitas coisas que dizer, deve dizê-las!

Eu havia falado com calor, mas estava cética. Paule se havia curado, sem dúvida alguma, mas sua voz, seus gestos, sua mímica inspiravam-me o mesmo constrangimento que esses rostos falsamente jovens, recortados em carnes velhas. Faria, provavelmente, até a morte, o papel de uma mulher normal, mas era um trabalho que deixaria a ela pouco espaço para a sinceridade.

— É aqui — disse Paule.

Descemos até um porão quente e úmido como a mata de Chichen-Itza. Estava cheio de ruídos, de fumaça, de moços e moças vestidos como operários e que não eram, absolutamente, de nossa idade. Paule escolheu perto da orquestra uma mesa exposta a todos os olhares e pediu com autoridade dois uísques duplos. Parecia não perceber que estávamos inteiramente desambientadas.

— Não quero recomeçar a cantar — disse ela. — Não tenho complexo de inferioridade. Fisicamente, se não disponho mais, no todo, dos mesmos trunfos de outrora, sei que disponho de outros. Apenas, na carreira de cantora, a gente depende de muitas pessoas. — Ela me olhou com alegria: — Nesse ponto, você tinha razão. A dependência é ignóbil. Quero uma atividade viril.

Mexi a cabeça. Na minha opinião, ela carecia das qualidades necessárias a cativar o público. Seria melhor que tentasse qualquer outra coisa.

— Você cogita de romancear sua história, ou de contá-la fielmente à realidade? — perguntei.

— No momento, estou à procura de uma forma — disse ela —, uma forma nova, o que Henri justamente não conseguiu jamais criar. Seus romances são terrivelmente clássicos.

Esvaziou o copo de um gole só:

— Esta crise foi dura. Mas, se você soubesse a alegria que sinto por me haver achado afinal!

Eu gostaria de dizer-lhe alguma coisa de afetuoso, que estava contente de vê-la feliz, qualquer coisa. Mas as palavras gelavam-me sobre os lábios. Era essa voz voluntariosa e esse rosto rígido que me gelavam. Paule me parecia mais estranha do que quando estava louca. Eu disse, com embaraço:

— Você atravessou momentos bastante difíceis.

— Mais ainda! — Ela olhou em derredor com uma espécie de assombro: — Em certos dias, tudo me parecia tão cômico! Morria de rir. Em outros momentos, era o horror. Precisaram meter-me em camisa de força.

— Aplicaram-lhe eletrochoques?

— Sim. Eu me achava num estado tão esquisito, que, no momento, nem tive medo. Mas, em outra noite, sonhei que me deram um tiro de revólver na têmpora, e senti uma dor intolerável. Mardrus me disse que se tratava, sem dúvida, de uma recordação.

— Ele é bom, Mardrus, não é? — perguntei, num tom incerto.

— Mardrus! É um grande homem! — respondeu Paule, com veemência. — Extraordinária a segurança com que achou a chave de toda essa história. É preciso dizer que, quanto a mim, resisti pouco — acrescentou ela.

— Está terminada a análise?

— Não inteiramente, mas o essencial foi feito.

Eu não ousava mais interrogar, porém, ela por si mesma continuou:

— Nunca lhe falei de meu irmão?

— Nunca. Não sabia que você tinha um irmão.

— Morreu com quinze meses, eu tinha quatro anos. É fácil compreender por que meu amor a Henri assumiu imediatamente um caráter patológico.

— Henri também tinha de dois a três anos menos que você.

— Exatamente. Meu ciúme infantil gerou, com a morte de meu irmão, um sentimento de culpa que explica meu masoquismo em relação a Henri. Fiz-me escrava desse homem, por ele renunciei a todo sucesso pessoal, escolhi a obscuridade, a dependência: para me resgatar; para que, através dele, meu irmão morto consentisse, afinal, em absolver-me. — Ela se pôs a rir: — E pensar que eu tinha feito dele um herói, um santo! Às vezes rio disso sozinha!

— Você o viu de novo? — perguntei.

— Ah!, não, e não o verei — respondeu ela, com ardor. — Henri abusou da situação.

Calei-me. Conhecia bem o gênero de explicações utilizado por Mardrus. Oportunamente também me servia desse gênero, apreciando-o em sua justa medida. Sim, para libertar Paule era necessário destruir o seu amor, até no passado. Mas eu pensava nesses micróbios que não se podem exterminar sem destruir o organismo que devoram. Henri estava morto para Paule, mas ela também estava morta. Eu não conhecia essa gorda mulher de rosto molhado de suor, de olhos inexpressivos e que bebia avidamente uísque a meu lado. Ela me olhou fixamente:

— E você? — perguntou.

— Eu?

— Que fez na América?

Hesitei:

— Não sei se você se lembra, mas disse-lhe que tinha um caso lá.

— Lembro-me. Com um escritor americano. Encontrou-o de novo?

— Passei esses três meses com ele.

— Ama-o?

— Sim.

— Que vai fazer?

— Irei revê-lo no próximo verão.

— E depois?

Encolhi os ombros. Com que direito ela me fazia essas perguntas, cujas respostas eu desejava tão desesperadamente ignorar? Ela apoiou o queixo sobre a mão fechada, e seu olhar se fez ainda mais insistente:

— Por que você não refaz a sua vida com ele?

— Não tenho nenhuma vontade de refazer minha vida — respondi.

— E, entretanto, você o ama?

— Sim. Mas minha vida é aqui.

— É você quem decide a este respeito. Nada a impede de refazer sua vida em outra parte.

— Você bem sabe o que Robert representa para mim — disse eu, asperamente.

— Sei que imagina não poder viver sem ele — disse Paule. — Mas ignoro de onde vem essa ascendência dele sobre você: e você também o ignora. — Ela continuava a investigar-me: — Você nunca pensou em deixar-se novamente analisar?

— Não.

— Tem medo?

Encolhi os ombros:

— Não, absolutamente. Mas para quê?

É certo que uma análise teria podido ensinar-me uma porção de coisas sobre mim, mas eu não via em que isso adiantaria. E, se ela houvesse pretendido ir mais longe, eu me teria rebelado. Meus sentimentos não são enfermidades.

— Você tem muitos complexos — disse Paule, num tom pensativo.

— Pode ser. Mas, enquanto eles não forem problema...

— Você nunca admitirá que eles lhe causam problemas: isso faz parte, precisamente, dos seus complexos. Sua dependência em relação a Robert vem de um complexo. Estou certa de que uma análise a libertaria.

Pus-me a rir:

— Por que você quer que eu abandone Robert?

O garçom tinha posto diante de nós dois outros copos de uísque, e Paule esvaziou a metade do seu:

— Nada é mais pernicioso do que viver à sombra de uma glória — disse ela. — A gente se enfraquece. É preciso que você também encontre a si mesma. Beba — disse Paule, bruscamente, mostrando o meu copo.

— Você não acha que bebemos demais? — perguntei.

— Por que demais?

De fato, por quê? Também eu gosto muito da perturbação que o álcool desencadeia em meu sangue. Um corpo é tão justo, é mesmo tão acanhado, que a gente tem vontade de fazer romper-lhe as costuras. Elas não rompem nunca, mas por instantes a gente tem a ilusão de que vai saltar fora da própria pele. Bebi ao mesmo tempo que Paule. Ela disse, fortemente:

— Nenhum homem merece a adoração que eles, os homens, exigem de nós! Nenhum! Você é tola também. Dê a Robert papel e tempo para escrever: e não lhe faltará nada.

Ela falava muito alto, a fim de sobrepor-se ao barulho da orquestra, e parecia-me que olhares se voltavam para nós, com surpresa. Felizmente, a maior parte das pessoas dançava, perdida num frenesi gelado.

Com irritação, murmurei:

— Não é por devoção que fico com Robert.

— Se é somente por hábito, não tem importância maior — disse ela. — Somos ainda moças demais para a resignação. — A voz se lhe exaltava, os olhos se lhe enchiam de lágrimas. — Vou ter minha revanche. Você não pode imaginar como me sinto feliz!

As lágrimas traçavam pesados sulcos em sua carne úmida. Ela as ignorava. Talvez houvesse derramado tantas, que a pele já estivesse insensível. Eu tinha vontade de chorar com ela esse amor que tinha sido, durante dez anos, o sentido e o orgulho de sua vida, e que acabava de se transformar numa chaga vergonhosa. Bebi um gole de uísque e apertei meu copo na mão, como se fosse um talismã: “Antes morrer de sofrimento”, dizia eu a mim mesma, “do que um dia espalhar ao vento, zombando, as cinzas de meu passado.”

Meu copo se chocou brutalmente contra o pires. Pensei: “Eu também terminarei assim. A gente mais ou menos ri zombeteiramente, mas acaba sempre assim, sem jamais salvar o passado todo. Quero ser fiel a Robert; então é Lewis que emergirá um dia de minhas recordações: a ausência me matará no seu coração e eu o enterrarei no fundo de minha memória.” Paule continuava falando e eu não ouvia mais nada: “Por que foi a Lewis que eu condenei?” “Não”, tinha-lhe eu respondido; e, no momento, uma outra resposta me parecia inconcebível; mas por quê? Paule havia dito: “Dê a Robert papel e tempo para escrever: e não lhe faltará nada.” Eu revia

aquele escritório, tão cheio sem mim. Às vezes, no ano passado, entre outros, eu quis dar-me importância. Mas mesmo então sabia que, em todos os domínios que contavam para Robert, eu não lhe era de nenhuma valia. Em face de seus verdadeiros problemas, ele estava sempre só. Longe, havia um homem com fome de mim. Eu tinha meu lugar entre seus braços, meu lugar que permanecia vazio: por quê? Eu me agarrava a Robert com todas as forças; teria dado minha vida por ele, mas ele não a pedia. No fundo, não me havia jamais pedido nada. A alegria que sua presença me trazia só a mim interessava. Ficar ou deixá-lo: minha decisão só a mim interessava. Esvaziei o copo. Instalar-me em Chicago, vir aqui de quando em vez... isso não era tão impossível, afinal. Robert sorria para mim a cada chegada, como se nunca nos houvéssemos separado. Mal notaria ele que não respirávamos mais o mesmo ar. Que gosto teria minha vida sem ele? Isso era difícil de imaginar. Mas eu conhecia muito o gosto de meus dias futuros, se os passasse aqui: um gosto de remorso e de absurdo, perfeitamente intolerável.

Voltei para casa muito tarde, tinha bebido muito, dormi mal. Enquanto fazíamos nossa refeição matinal, Robert me fitou com um ar severo:

— Você está com a feição abatida!

— Dormi mal; e bebi demais.

Ele veio por detrás de minha cadeira, colocou-me as mãos sobre os ombros.

— Lamenta ter regressado?

— Não sei — respondi. — Às vezes, parece-me absurdo não estar lá, onde alguém necessita de mim. Verdadeira necessidade, como ninguém jamais teve de mim. E eu não estou lá.

— Você acredita que poderia viver lá, tão longe de tudo? Acredita que seria feliz?

— Se você não existisse, eu tentaria. Certamente, tentaria.

As mãos se desprenderam de meus ombros. Robert deu alguns passos e me olhou com perplexidade:

— Você não teria mais ocupação, não teria mais amigos. Viveria cercada por pessoas que não possuem nenhuma de suas preocupações, que não falam sequer a sua língua. Você ficaria separada de todo o seu passado e de tudo o que é importante para você... Não creio que aguentasse por muito tempo.

— Talvez não — disse eu.

Sim, minha vida junto a Lewis teria sido muito limitada; estrangeira, desconhecida, não teria podido criar para mim uma existência pessoal, nem me incorporar àquele grande país, que nunca seria o meu. Não seria senão uma apaixonada, agarrada ao objeto de sua paixão. Não me sentia capaz de viver exclusivamente para o amor. Mas como eu andava fatigada de erguer todas as manhãs o tão inútil peso de um dia em que não era necessitada por ninguém! Robert não me havia respondido que precisava de mim. Nunca me havia dito. Apenas, antes, não havia problema. Minha vida não era nem necessária, nem gratuita: era minha vida. Agora Lewis me havia interrogado: “Por que não ficar, sempre? Por quê?” E eu, que a mim mesma havia prometido jamais decepcioná-lo, respondera: “Não.” Era necessário justificar esse não, e eu não achava justificativa. Por quê? Por quê? Sua voz me perseguia. Num sobressalto, pensei: “Todavia, nada é irreparável!” Lewis ainda vivia, eu também. Podíamos falar-nos através do oceano. Ele prometera escrever-me primeiro, daqui a uma semana. Se, nessa carta, ainda me chamasse, se seus lamentos tivessem a ênfase de um apelo, eu acharia força para renunciar à velha segurança. Responderia: “Sim, eu vou. Vou para ficar perto de você, tanto tempo quanto quiser ter-me.”

Robert e eu estabelecemos nossos planos de viagens, fiz cálculos cuidadosos e telegrafei a Lewis para que endereçasse sua carta, postar-restante, para Amalfi: durante doze dias meu destino estaria em suspenso. Ao cabo de doze dias eu decidiria, talvez, aventurar-me loucamente num futuro desconhecido. Ou então me instalaria de novo na ausência, na espera. Por enquanto, eu não estava nem aqui nem lá, não era nem eu mesma nem outra, somente uma máquina de matar o tempo, o tempo que ordinariamente morre tão depressa e que não acabava de agonizar. Tomamos um avião, ônibus, navios. Revi Nápoles, Capri, Pompeia, descobrimos Herculano, Ischia. Eu acompanhava Robert, ele me interessava naquilo que o interessava, eu evocava suas recordações; mas, assim que me via sozinha, que estupidez! Fingia apenas estar lendo ou olhando o cenário à minha frente. Por momentos fazia ressurgir, com precisão própria de uma esquizofrênica, minha chegada a Chicago, a noite de Chichicastenango, nossos adeuses; mais frequentemente dormia; nunca dormi tanto em minha vida.

Robert gostou de Ischia, demoramos ali além do previsto e chegamos a Amalfi três dias depois da data prefixada. “Pelo menos estou tranquila”, pensava eu, descendo do ônibus, “a carta está lá.” Deixei Robert e nossas malas na praça e encaminhei-me para o correio, procurando não correr. Como todos os correios, aquele cheirava a poeira, a cola, a tédio. Não era nem muito iluminado nem escuro. Os empregados mal se movimentavam em suas gaiolas. Era realmente um desses lugares em que os dias se repetem durante todo o ano e os mesmos gestos durante o dia todo, sem que nada aconteça. Eu mal compreendia que meu coração pudesse bater até romper-se, enquanto entrava na fila diante de um dos guichês. Uma jovem rasgou o envelope, um grande sorriso lhe movimentou o rosto: isso me encorajou. Mostrei meu passaporte, com um ar insinuante. O empregado, desprezando os pequenos compartimentos alinhados atrás de si, pegou num armário um pacote, folheou-o, entregou-me um envelope: uma carta de Nadine. Eu disse:

— Há outra.

— Nada mais.

A carta de Nadine provava que o correio funciona, que as cartas chegam quando são enviadas. Insisti:

— Sei que há outra.

Com um gentil sorriso italiano, ele colocou o pacote diante de mim: “Veja a senhora mesma.”

Denal, Dolincourt, Dellert, Despeux. Volto. Examino o pacote de A a Z. Todas essas cartas! Havia as que aguardavam fazia semanas, sem que ninguém as reclamasse. Por que não seria possível alguma confusão, alguma troca? Eu disse, com desespero:

— E no compartimento D? Não há nada em meu nome?

— Cartas para estrangeiros estão todas neste pacote.

— Olhe, mesmo assim.

Ele olhou, sacudiu a cabeça:

— Não, nada.

Saí do correio e permaneci sobre a calçada, os braços tremendo. Que escamoteação atroz. Eu não estava mais segura a respeito do chão sob os meus pés, nem do calendário, nem do meu próprio nome. Lewis tinha escrito, as cartas chegam; portanto, a sua devia estar aqui: e não estava. Era muito cedo para telegrafar: “Sem notícias, preocupada”, muito cedo

para derreter em lágrimas. Afinal, não se tratava senão de um atraso normal, não me cabia o recurso de um grande desespero. Eu havia calculado mal, é tudo: um erro de cálculo, é muito raro que se venha a morrer disso. Não obstante, enquanto eu jantava com Robert, num terraço florido avançando sobre o mar, certamente não estava viva. Ele me falava de Nadine, que saía assiduamente com Henri. Eu respondia, tomávamos vinho de Ravello; no rótulo, um senhor bigodudo sorria. Os faróis dos barcos pesqueiros brilhavam no mar. Em torno de nós, havia um forte cheiro de plantas amorosas. Nada faltava em parte alguma, senão sinais pretos sobre uma folha amarela, os quais teriam sido os sinais de uma ausência; a ausência de uma ausência: em verdade, não é nada; ela devorava tudo.

Uma carta estava lá no dia seguinte. Lewis escrevia de Nova York. Seus editores haviam promovido um grande *party* em honra de seu livro. Ele via muita gente, divertia-se muito. Oh! Não me havia esquecido, estava alegre, estava terno. Mas impossível decifrar nas entrelinhas o menor chamado. Sentei-me no terraço de um café, defronte do correio, à beira da água. Meninas com blusas azuis, chapéus redondos, brincavam na praia, e eu as olhei por longo tempo, o coração vazio. Durante quinze dias, eu havia disposto de Lewis, suas feições hesitavam entre a censura e o amor, ele me apertava contra si, dizia: “Nunca a ameí tanto.” Dizia: “Volte.” E se achava em Nova York com um rosto desconhecido, sorrisos não dirigidos a mim, tão real como aquele senhor que passava. Não me pedia que voltasse. Desejaria, ainda, minha volta? Esta dúvida era o bastante para tirar-me a força de o querer. Eu aguardaria, como no ano passado. Apenas não sabia mais por que me havia condenado aos horrores da espera.

Seguiram-se outras cartas: em Palermo, em Siracusa. Lewis enviava uma por semana, como antigamente. E, como antigamente, elas terminavam, todas, pela palavra “Love”, que quer dizer tudo e nada significa. Seria ainda uma palavra de amor, ou a mais banal das fórmulas? A ternura de Lewis tinha sido sempre tão discreta que eu não sabia mais quanto dela poderia ser considerado discrição. Antes, quando eu lia as frases que ele havia inventado para mim, reencontrava seus braços, sua boca: seria sua ou minha culpa, se elas não me acalentavam mais? O sol da Sicília me tostava a pele, mas no fundo de mim mesma fazia sempre frio. Sentava-me em minha sacada, ou me deitava na areia, olhava o céu ardente, o mar,

e arrepiava. Havia dias em que eu detestava o mar. Era monótono e infinito, como a ausência. Suas águas eram tão azuis, que me pareciam açucaradas. Eu fechava os olhos, ou me escondia.

Quando novamente me encontrei em Paris, em casa, com coisas a fazer, pensei: “Preciso recobrar forças.” Recobrar forças, como se recupera um molho desandado: isso se faz, é factível. A gente se afasta, analisa suas preocupações, seus aborrecimentos, num abrir e fechar de olhos de amator. Eu estaria sentada ao lado de Robert e teríamos conversado; ou eu teria bebido uísque com Paule, de coração aberto. Aliás, era capaz de fazer sozinha a lição. Lewis não representava em minha existência senão um episódio ao qual as circunstâncias me fizeram atribuir um valor excessivo. Depois de anos de abstinência, eu tinha desejado um novo amor; foi muito deliberadamente que havia provocado este. Eu exageradamente o exaltei, porque sabia que minha vida de mulher chegava ao fim. Mas, no fundo, poderia ter passado sem isso. Se Lewis se desligasse de mim, eu retomaria facilmente minha antiga austeridade; ou então procuraria outros amantes, e todos dizem que, quando a gente procura, acha. Meu erro consistia em levar muito a sério o meu corpo: tinha necessidade de uma análise que me ensinasse a desenvoltura. Ah!, é difícil sofrer sem trair-se. Uma ou duas vezes tentei dizer a mim mesma: “Um dia essa história acabará e eu me verei com uma bela recordação atrás de mim, o que equivale a resignar-me imediatamente.” Mas revoltei-me. Que comédia irrisória! Pretender prender nossa história só em minhas mãos: será o mesmo que substituir Lewis por uma imagem, será transformar-me em fantasma e nosso passado em recordações débeis. Nosso amor não é uma anedota que eu possa extirpar de minha vida, para contá-la a mim mesma. Existe fora de mim. Lewis e eu carregamo-lo juntos. Não basta fechar os olhos para eliminar o sol: renegar este amor significa apenas cegar-me. Não. Eu recusei a prudente reflexão, a falsa solidão e suas sórdidas consolações. Compreendi que essa recusa ainda era um fingimento: na verdade, eu não dispunha de meu coração. Era impotente contra esta angústia que tomava conta de mim, cada vez que abria uma carta de Lewis. Meus sensatos discursos não preencheriam o vazio existente no fundo de mim mesma. Não tinha recursos.

Que longa espera! Onze meses, nove meses, e sempre restava tanta terra, e água, e incerteza, entre nós. O verão dava lugar ao outono. Eis que

Nadine me disse, num dia de outubro:

— Tenho uma notícia a lhe dar.

Havia nos seus olhos uma inquietante mistura de desafio e de confusão.

— Que notícia?

— Estou grávida.

— Tem certeza?

— Absoluta. Fui a um médico.

Encarei Nadine. Ela sabia proteger-se e havia uma luz de astúcia em seu olhar. Eu disse:

— Foi de propósito?

— E daí? É crime querer um filho?

— Você ficou grávida de Henri?

— Acho que sim, pois é com ele que durmo — respondeu Nadine, troçando.

— E ele está de acordo?

— Ainda não sabe.

Insisti:

— Mas ele queria um filho?

Ela hesitou:

— Não lhe perguntei.

Houve um silêncio e eu disse:

— Neste caso, que é que você espera fazer?

— Que é que você quer fazer de uma criança? Pasteizinhos?

— Quero dizer: Você espera casar-se com Henri?

— Isso é com ele.

— Mas qual é a sua ideia?

— Minha ideia é ter um filho. Quanto ao resto, não peço nada a ninguém.

Nunca Nadine me havia dito uma palavra sobre esse seu desejo de maternidade. Será que a maldade me sugeriu que ela havia principalmente desejado, com esta manobra, obrigar Henri a se casar com ela?

— Você será forçada a pedir — disse eu. — Pelo menos por um tempo, será preciso que seu pai, ou Henri, suporte essa carga.

Ela se pôs a rir, com um ar de condescendência divertida.

— Vamos, dê-me um conselho. Bem vejo que você está morrendo de vontade de fazer isso.

— Você me censurará por muito tempo.

— Diga, assim mesmo.

— Não sugira a Henri que case com você, sem estar certa de que ele verdadeiramente o deseja, isto é, sem estar certa de que ele o deseja egoisticamente, para si mesmo e não apenas pela criança e por você. Sem isto, o casamento seria desastroso.

— Não lhe sugerirei nada — disse ela, com a mais aguda das vozes. — Mas quem lhe disse que ele não o deseja? É claro que, se você perguntar a um homem se quer um filho, ele fica com medo. Mas, a criança estando aí, fica encantado. Acho que para Henri seria muito bom casar, ter um lar. A vida de boêmio saiu de moda. — Ela parou de falar, por falta de ar.

— Você me pediu um conselho, eu lhe dei — disse eu. — Se acredita, sinceramente, que o casamento não ficará pesado nem a Henri, nem a você, casem.

Eu duvidava que Nadine pudesse achar a felicidade dentro de uma vida conjugal. Dificilmente poderia vê-la toda absorvida na dedicação a um marido e a um filho. E, se Henri a desposasse por obrigação, será que não lhe guardaria rancor? Eu não ousava interrogá-lo. Foi ele quem provocou um diálogo. Uma noite, em vez de entrar no escritório de Robert, como o fazia habitualmente, foi bater à porta de meu quarto:

— Estou incomodando?

— Claro que não!

Sentou-se no divã:

— É assim que você trabalha? — perguntou, com expressão divertida.

— Sim, quer experimentar?

— Quem sabe? Teria necessidade de que me explicasse por que me sinto tão desesperadamente normal. É estranho, não?

— Não há nada mais estranho! — respondi com tamanho ímpeto que ele me olhou mais ou menos surpreso.

— Então é realmente necessário que eu seja tratado — disse ele com bom humor. — Entretanto, não é sobre isso que eu gostaria de falar-lhe — acrescentou, sorrindo. — Vim de algum modo pedir-lhe a mão de sua filha.

Sorri também:

— Você dará um bom marido?

— Vou esforçar-me. Desconfia de mim?

Hesitei, disse francamente:

— Se você casar só porque isso convém a Nadine, desconfio um pouco.

— Compreendo o que quer dizer. Não tenha medo. O caso de Paule me serviu de lição. Não. Antes de tudo, gosto de Nadine. E, depois, vou talvez assustá-la, mas creio que tenho vocação para pai de família.

— Assusta-me ligeiramente — disse eu.

— Entretanto, é verdade. Eu mesmo fiquei surpreendido, mas, quando Nadine me contou que estava grávida, senti um choque esquisito no coração. Não sei como explicar-lhe. A gente tem tanta dificuldade para escrever livros que todos criticam, ou peças que escandalizam os outros: e, depois, deixando-me simplesmente conduzir pelo meu corpo, criei um ser vivo; não personagem de papel, pois será uma verdadeira criança de carne e osso. E tão facilmente...

— Espero descobrir logo uma vocação de avó — disse eu. — E suponho que vocês queiram casar o mais cedo possível. Como vão organizar-se? Precisarão de um apartamento.

— Não temos vontade de ficar em Paris. Gostaria mesmo de deixar a França durante algum tempo. Parece que em certos lugares da Itália se arranjam casas para alugar, e nada caras.

— E enquanto isso?

— Você sabe, não tivemos tempo para fazer muitos planos.

— Podem, contudo, instalar-se em Saint-Martin. A casa é bastante grande.

A ideia não desagradou a Nadine. Ela não quis morar no pavilhão, porque tinha, lá, suponho, más recordações. Mandou preparar dois grandes quartos no segundo andar. Abandonou o emprego de secretária, pôs-se a consultar livros sobre crianças e a tricotar enxovais de cores berrantes, rompendo alegremente com todas as tradições. Entretinha-se muito. Era, parecia, um período venturoso. Henri se felicitava por haver escapado aos tormentos da vida política, Robert não parecia sentir muita falta deles. Paule se declarava encantada com a sua nova vida. Habitava agora a mansão Belzunce, onde exercia as misteriosas funções de secretária. Claudie lhe emprestava vestidos e levava-a a toda parte. Ela me falava avidamente de suas saídas, de seus amantes e queria levar-me para a sua glória.

— Enfim! Mande fazer um vestido de noite — disse-me ela. — Você não tem vontade de arrumar-se, de mostrar-se?

— De mostrar-me a quem?

— Em todo caso, você precisa de um vestido para a tarde. Aquela maravilhosa fazenda indígena? Que você fez dela?

— Não sei. Está nas minhas caixas de papelão.

— Precisa achá-la.

Despropositadamente, ela se pôs a procurar no meu armário os farrapos principescos que, na outra extremidade do mundo e do tempo, tinham abrigado os ombros de uma velha índia.

— Ei-los. Com isto se poderia fazer uma blusa extraordinária!

Eu tocava com estupor o tecido de cores de vitral e de mosaico. Um dia, numa cidade longínqua, onde subiam fumaças de incenso, um homem que me amava o havia atirado em meus braços: como podia ele materializar-se aqui, hoje? Desse antigo sonho à minha vida real não havia passagem. Entretanto, o *huipil* ali estava. E, subitamente, eu não sabia mais onde eu estava de fato. Aqui, exposta a recordações delirantes? Ou em outra parte, sonhando que estava aqui, mas já a dois passos do despertar que me devolveria aos mercados indígenas e aos braços de Lewis?

— Deixe comigo — disse Paule. — Claudie mandará para um costureiro. Darei um jeito para que lhe tragam de volta antes de quinta-feira. Você jura que irá quinta-feira?

— Na verdade, isso não vai divertir-me.

— Prometi a Claudie que a levaria. Gostaria tanto de retribuir-lhe um pouco do que ela fez por mim! — A voz de Paule era tão patética como no tempo em que ela me pedia que a reconciliasse com Henri.

— Passarei rapidamente.

Para abrilhantar suas quintas-feiras, Claudie inventou de financiar um prêmio literário conferido por um júri feminino, a que ela presidiria, bem-entendido. Tinha pressa de anunciar este grande acontecimento à sociedade e, posto que o projeto ainda fosse vago, ela convocava para a quinta-feira seguinte jornalistas e o *Tout-Paris*. Passaria muito bem sem mim, mas um recado categórico de Paule acompanhava a caixa de papelão que recebi quarta-feira à noite e que continha, metamorfoseado, o velho *huipil*. Agora era uma blusa nas minhas medidas e na moda. Continha um cheiro do passado perdido e, quando a enfiei, senti infiltrar-se em meu

sangue alguma coisa semelhante à esperança. Com minha pele eu tocava a prova de que, entre a felicidade evanescente e o meu torpor de hoje, havia um traço de união: poderia haver, portanto, um retorno. No espelho, minha imagem, reanimada pela toaleta nova, era clemente: daqui a seis meses, eu não teria envelhecido muito. Reencontraria Lewis, ele ainda me amaria. Entrando no salão de Claudie, não estava longe de pensar:

— Afinal, ainda sou jovem!

— Tinha tanto medo de que você não viesse! — disse Paule. Levou-me ao fundo do vestibulo: — Preciso falar-lhe — disse enfaticamente, com um ar de ansiedade. — Queria que você fizesse uma coisa por mim.

— Que coisa?

— Claudie faz uma enorme questão de que você tome parte em nosso júri.

— Acontece que não sou competente. E não tenho tempo.

— Você não teria que fazer nada.

— Então por que ela faz questão de mim? — perguntei, rindo.

— Bem, por causa do nome — respondeu Paule.

— O nome de Robert, porque o meu não vale muito.

— É o mesmo nome — disse Paule, apressadamente. Levou-me ao pequeno salão: — Tenho medo de não lhe haver falado devidamente desse projeto. Não se trata de uma brincadeira de ricos.

Sentei-me com resignação: desde a cura, Paule discorria infinitamente sobre tolices. Era consternador vê-la apaixonar-se por essa história idiota, tanto quanto, antes, pelo destino de Henri. Louvou longamente as virtudes do número sete: seria preciso sete membros nesse júri. Tive um ímpeto de energia:

— Não, Paule, não tenho nada a ver com isso. Não.

— Ouça — disse ela, o ar preocupado —, diga pelo menos a Claudie que você vai refletir.

— Se você quiser. Mas já refleti.

Ela se ergueu e sua voz se fez leve:

— É verdade o que se anda dizendo, que Henri vai casar com Nadine?

— É verdade.

Paule se pôs a rir:

— Como é engraçado! — Retomou o ar sério: — Do ponto de vista de Henri, é engraçado. Mas lamento por Nadine. Você deveria intervir.

— Ela faz o que quer, você sabe.

— Ao menos uma vez, use de sua autoridade — disse Paule. — Ele vai destruí-la, como quis destruir-me. Evidentemente, para ela Henri é um substituto de Robert — acrescentou, pensativamente.

— É muito possível.

— Enfim, lavo as mãos! — Paule andou na direção da porta: — Não devo monopolizá-la! Venha depressa! — disse com súbita agitação.

O salão estava cheio de gente. Uma pequena orquestra tocava jazz sem entusiasmo. Alguns pares dançavam. A maior parte das pessoas estava ocupada em beber e em comer. Claudie dançava com um jovem poeta. Ele vestia uma calça de veludo lavanda, um *sweatshirt* branco e trazia numa orelha um brinco de ouro. Assustava um pouco, é preciso confessá-lo. Havia muitos rapazes: candidatos ao novo prêmio literário, sem dúvida, todos dando-se ares de embaixadores. Tive prazer em ver uma cara conhecida: a de Julien. Também se achava corretamente vestido e não parecia embriagado. Sorri-lhe. Julien se inclinou na minha presença:

— Posso convidá-la para dançar?

— Oh! Não! — respondi.

— E por quê?

— Sou muito velha.

— Não mais do que outras — disse ele, com uma olhadela na direção de Claudie.

— Não, mas quase tanto — disse eu, rindo.

Ele riu também, mas Paule disse, com uma voz séria:

— Anne está cheia de complexos! — Olhou para Julien com desdém: — Eu não.

— Que sorte a sua! — disse Julien, distanciando-se.

— Muito velha! Que ideia! — disse-me Paule, num tom descontente: — Nunca me senti mais moça.

— A gente se sente como se sente — disse eu.

A pequena sensação de mocidade que, por instantes, me havia perturbado, dissipara-se muito depressa. Os espelhos são demasiado indulgentes: o verdadeiro espelho era o rosto daquelas mulheres de minha idade, era aquela pele flácida, eram aqueles traços sem firmeza, era aquela boca que cai, eram aqueles corpos que a gente adivinha sob as cintas curiosamente inchadas de gordura. “São pessoas passadas”, pensava eu, “e

tenho a idade delas.” A orquestra calou-se, e Claudie se arremessou com vigor sobre mim:

— Foi gentileza você ter vindo. Parece que se interessa muito pelos nossos projetos. Eu ficaria muito feliz, se você se tornasse uma das nossas.

— Para mim seria um prazer. Só que tenho muito trabalho neste momento.

— Parece. Você se está tornando a psicanalista da moda. Deixe-me apresentar-lhe alguns de meus protegidos.

Eu estava contente, mas um pouco desconcertada com o fato de que ela não tivesse insistido mais: não estava tão interessada assim em minha participação. Paule havia exagerado. Apertei muitas mãos: de jovens, de outros menos jovens. Traziam-me taças de champanhe, salgadinhos, mostravam-se solícitos. Alguns praticavam os cumprimentos com delicadeza. Todos me confiavam, entre dois sorrisos, algum pequeno ideal: obter uma entrevista com Robert, um artigo dele para uma nova revista que estava sendo lançada, uma recomendação para Mauvanes, uma crítica amável na *Vigilance*; ou ainda desejavam muito ver o nome impresso nessa publicação. Alguns, mais ingênuos ou mais cínicos, me pediram conselhos: como fazer para obter um prêmio e, de modo geral, para triunfar? Na cabeça deles, eu devia conhecer as combinações necessárias. Duvidava do futuro desses jovens. Não se adivinha, só de olhar, se alguém tem ou não talento, mas logo se nota se tem razões verdadeiras para escrever. Todos esses frequentadores de salão só escreviam porque dificilmente pode-se fazer outra coisa, quando se decide levar uma vida literária. Mas nenhum deles gostava de dialogar com um papel branco. Desejavam o êxito sob a mais abstrata das formas e apesar de tudo não é a melhor maneira de obtê-lo. Eu os achava tão estéreis como a ambição que tinham. Um deles quase me disse: “Estou pronto a pagar.” Muitos havia a quem Claudie fazia pagar, em espécie. Ela estava radiante, ao mesmo tempo que conversava com jornalistas, no meio de um círculo de admiradores jovens. Paule aproveitava mal a boa sorte. Fixou sua escolha em Julien. Sentada a seu lado, as pernas cruzadas bem no alto, pernas ainda muito bonitas, ela havia posto nos olhos toda a alma e falava até perder o fôlego. Um novato, atordoado com tantas palavras, teria tido muita dificuldade em esquivar-se, mas Julien era homem escolado. Eu ouvia a voz insistente de um velho alto, cujo crânio desguarnecido imitava

a imagem tradicional do gênio. E eu jurava a mim mesma: se um dia perder Lewis, quando o tiver perdido, renunciarei imediatamente, e para sempre, a considerar-me ainda uma mulher; não quero parecer-me com elas.

— Veja, sra. Dubreuilh — dizia o velho —, não faço disso uma questão de ambição pessoal, mas as coisas que digo devem ser ouvidas; ninguém ousa dizê-las: é preciso haver um velho louco como eu para se arriscar a isso. E não há senão um homem com bastante coragem para apoiar-me: seu marido.

— Ele certamente ficará muito interessado.

— Mas é preciso que o interesse seja ativo — disse ele com veemência. — Todos me garantem: é notável, apaixonante, mas, no momento da publicação, ficam com medo. Se Robert Dubreuilh compreender a importância deste trabalho, a que consagrei, posso afirmá-lo sem mentir, anos de minha vida, será levado a apadrinhá-lo. Bastaria que lhe fizesse o prefácio.

— Falarei com ele a respeito — disse eu.

Esse velho punha-me nervosa, mas dava-me dó. Quando se triunfa, tem-se uma porção de problemas, mas também se os tem quando não triunfa. Deve ser triste falar e falar sem nunca despertar um eco. Ele havia publicado, anteriormente, dois ou três livros obscuros, e este representava sua última chance. Eu receava que também não fosse muito bom: desconfiava de todas as pessoas que estavam ali. Meti-me por entre aquela multidão e toquei no braço de Paule.

— Acho que fiz minha obrigação. Vou-me embora. Você me telefonará.

— Você dispõe de um segundo? — Agarrou-me pelo braço com ares de conspiradora: — Devo pedir-lhe um conselho, a propósito de meu livro. Tenho estado atormentada todas estas noites. Acredita que seria de boa política fazer aparecer o primeiro capítulo na *Vigilance*?

— Depende — disse eu. — Depende do capítulo e do conjunto do livro.

— Sem dúvida alguma, o livro está feito para ser atirado ao leitor de uma só vez. Seria preciso que ele o recebesse no estômago, sem ter tempo de se recuperar. Mas, por outro lado, uma publicação na *Vigilance* é uma garantia de seriedade. Não quero que me tomem por uma mulher que frequenta a alta roda e que faz trabalhos manuais...

— Dê-me o manuscrito. Robert lhe dará a opinião dele.

— Mandarei levar uma cópia à sua casa amanhã de manhã — disse ela. Deixou-me plantada no lugar e correu para Julien: — Já vai?

— Sinto muito, mas preciso ir.

— Não se esquecerá de me telefonar?

— Nunca me esqueço de coisa alguma.

Julien desceu a escada ao mesmo tempo que eu e me disse, com sua voz policiada:

— Uma mulher muito encantadora, Paule Mareuil. Só que ela gosta muito das filas de amantes; note que em si uma fila não é coisa má. Aborrecem-me, porém, os colecionadores de casos.

— Parece-me que você também tem suas coleções — disse eu.

— Não, o que define o colecionador é o catálogo, nunca mantive catálogos.

Quando deixei Julien, estava de mau humor: feria-me o fato de Paule dar motivo a que lhe comentassem a vida nesse tom. Mas, enquanto trocava meu vestido de cerimônia por um caseiro, perguntava a mim mesma: “Afinal de contas, por quê? Pouco lhe importa o que os outros pensam a seu respeito; sem dúvida ela tem razão.” Eu queria ser diferente dessas ostras demasiado maduras: na realidade, tinha outras manhas, em nada melhores do que as delas. Apresso-me a dizer: estou acabada, estou velha; assim, anulo os trinta ou quarenta anos que ainda viverei, velha e acabada, na saudade do passado perdido. Ninguém me privará de coisa alguma, porque já renunciei: minha austeridade é antes produto de prudência do que de orgulho; e, no fundo, dissimula uma grosseira mentira; nego a velhice, recusando seus regateios. Sob minha carne sem viço, afirmo a sobrevivência de uma mulher jovem e de exigências intatas, rebelde a todas as concessões e que desdenha as pobres quarentonas. Entretanto, esta mulher não existe mais, nunca renascerá, nem mesmo com os beijos de Lewis.

Na manhã seguinte, li o manuscrito de Paule: dez páginas tão vazias, tão insípidas como um texto das *Confidences*. Inútil afligir-me: no fundo, ela não fazia tanta questão de escrever, um fracasso não seria trágico. Tinha adquirido uma boa-fé contra o trágico, resignara-se a tudo. Eu, porém, me conformei mal com a sua resignação. Estava mesmo tão triste, que perdia, cada vez mais, o gosto pelo meu trabalho. Frequentemente tinha vontade de dizer aos meus enfermos: “Não procurem curar-se, a gente sempre se

cura em excesso.” Eu possuía muitos clientes e, justamente naquele inverno, consegui algumas curas difíceis. Mas meu coração não estava presente nisso. De fato, não compreendia mais por que é bom que se durma de noite, que se faça amor com facilidade, que se seja capaz de agir, de escolher, de esquecer, de viver. Antigamente, parecia-me haver urgência em libertá-los, a todos esses maníacos, emparedados em seus infortúnios mesquinhos, quando o mundo é tão vasto. Agora, já não fazia senão obedecer a normas antigas, quando experimentava arrancá-los às suas obsessões: e assim estava parecendo com eles! O mundo era sempre tão vasto e eu não conseguia mais interessar-me por ele.

“É terrível!”, pensei naquela noite. No escritório de Robert, discutiam, falavam do plano Marshall, do futuro da Europa, do futuro em geral, diziam que os riscos de guerra cresciam, Nadine escutava-os com um ar assombrado; a guerra concerne a nós todos e eu não esquecia aquelas vozes intranquilas. Entretanto, só pensava naquela carta, em uma das linhas que havia naquela carta: “Através do oceano, os braços mais ternos são muito frios.” Por que, confessando-me aventuras sem importância, Lewis me escrevia essas palavras tão hostis? Eu não lhe havia pedido que me fosse fiel, o que teria sido estúpido, com toda essa água e toda essa espuma entre nós. Evidentemente, ele estava bravo comigo por causa de minha ausência: será que me perdoaria um dia? Teria eu, um dia, seu verdadeiro sorriso de novo? À minha volta, interrogavam-se a respeito do destino que ameaçava milhões de homens; era também o meu destino. E eu não cuidava senão de um sorriso, de um sorriso que não paralisaria as bombas atômicas, que não tinha poder algum contra coisa alguma, poder algum em favor de ninguém: esse sorriso encobria tudo. “É terrível”, repeti a mim mesma. Realmente, eu não me compreendia. Afinal, ser amada não é um fim, nem uma razão de ser, não muda nada de nada e não adianta coisa alguma: não adianta nem mesmo a mim. Acho-me aqui, Robert fala com Henri; o que Lewis pensa, lá longe, em que me atinge? Fazer meu destino depender de um coração que não é senão um entre milhões de outros... é preciso que eu tenha perdido a razão! Procurava ouvir, mas em vão; dizia a mim mesma: meus braços estão frios. “Afinal”, pensei, “basta o espasmo de um coração, que não é senão um entre milhões de outros, para que este vasto mundo pare de me concernir para sempre.” O alcance de minha vida é tanto um único sorriso como o

universo todo; escolher uma ou outra coisa é também arbitrário. Aliás, eu não tinha alternativa.

Respondi a Lewis e devo ter encontrado palavras adequadas, porque sua carta seguinte foi calma e confiante. Daí por diante, foi num tom de amizade cúmplice que ele me manteve a par de sua vida. Vendera seu livro a Hollywood, tinha dinheiro, alugara uma casa às margens do lago Michigan. Parecia feliz. Era primavera. Nadine e Henri casaram: também pareciam felizes. Por que eu não? Reuni toda a minha coragem. Escrevi: “Gostaria muito de ver a casa do lago.” Ele podia passar por cima desta frase, ou dizer-me: “No ano que vem você verá a casa”, ou ainda: “Não acredito que a veja algum dia.” Quando segurei entre as mãos o envelope que encerrava a resposta dele, petrifiquei-me, como se tivesse enfrentado um pelotão de fuzilamento. “Não devo ter ilusões”, dizia a mim mesma. “Se ele não disser nada, é porque não quer rever-me.” Desdobrei o papel amarelo e as palavras me saltaram imediatamente aos olhos: “Venha no fim de julho, a casa estará completamente pronta.” Deixei-me cair sobre o divã: tinha sido agraciada no último instante. Fora tão grande o meu medo, que inicialmente não experimentei nenhuma alegria. E, depois, brutalmente, senti as mãos de Lewis sobre minha pele e sufoquei: Lewis! Sentada ao seu lado, no quarto de Nova York, eu havia dito: “Será que tornaremos a nos ver?” Ele respondera: “Venha.” Entre nossas duas respostas, nada se tinha passado, este ano fantasma estava terminado e eu achava novamente vivo o meu corpo. Que milagre! Festejei-o como um filho pródigo. Eu, que geralmente cuido tão pouco de meu corpo, durante todo um mês tratei dele; desejei-o limpo, brilhante, enfeitado. Mande fazer vestidos para a praia, para os banhos de sol; com os tecidos de algodão florido eu já possuía o lago azul, os beijos. Viam-se, neste ano, nas vitrines, anáguas absurdas, longas e sedosas: comprei. Aceitei que Paule me presenteara com o mais caro perfume de Paris. Desta vez acreditei nas agências de viagens, no passaporte, no visto e nas rotas aéreas. Quando subi ao avião, este me pareceu tão seguro como um trem de subúrbio.

Robert havia dado um jeito de me arranjar dólares em Nova York. Retornei ao hotel em que me tinha hospedado, na primeira viagem, e deram-me, com diferença de alguns andares, o mesmo quarto. Nos corredores cheirando a feltro e onde velava uma luzinha vermelha, achei o

mesmo silêncio do tempo em que a curiosidade era a minha única paixão durante algumas horas, conheci novamente o desinteresse. Paris não existia mais, Chicago também não, eu andava pelas ruas de Nova York e não pensava em nada. No dia seguinte de manhã, ocupei-me em escritórios e bancos, sossegadamente. Depois, subi ao meu quarto, à procura de minha mala. Olhei no espelho para a mulher que Lewis esta noite tomaria nos braços. Ele despentearia meus cabelos, eu arrancaria, sob os seus beijos, a blusa talhada num *hulpil* índio; a ela prendi a rosa que, logo, seria pisada; toquei minha nuca com o perfume que Paule me dera: tinha levemente a impressão de preparar para um sacrifício uma vítima que não era eu; pela última vez a contemplei: parecia-me que se podia amá-la, se me tivessem amado.

Aterrissei em Chicago quatro horas mais tarde. Tomei um táxi, e desta vez achei a casa sem dificuldades. A decoração estava perfeitamente arrumada. O anúncio SCHILTZ vermelhejava defronte ao grande cartaz. Lewis, sentado na sacada, diante de uma mesa, lia. Fez-me um sinal, sorrindo, desceu correndo, tomou-me nos braços, disse-me as palavras previstas: “Afinal, você voltou!” Talvez a cena se desenrolasse com uma fidelidade inevitável: não parecia completamente real, poderia se dizer que era uma cópia muito graciosa da do ano passado. Ou talvez estivesse eu apenas desconcertada com a nudez do quarto: nenhuma gravura, nenhum livro. Eu disse:

— Que vazio!

— Mande tudo para Parker.

— A casa está pronta? Como ela é?

— Você verá — disse ele. — Logo verá. — Ele me embalou contra si. — Que cheiro esquisito — disse, com um pequeno sorriso assustado. — É esta rosa?

— Não, sou eu.

— Mas você não tinha esse cheiro antigamente!

De súbito, fiquei com vergonha do mais caro perfume de Paris, do estudado corte de minha blusa e de minhas anáguas sedosas: para que todos esses artifícios? Ele não tivera necessidade disso para desejar-me. Procurei-lhe a boca. Eu não tinha muita vontade de ir com ele para a cama, mas queria estar segura de que ainda me desejava. Suas mãos

amarfanharam a seda das anáguas, a rosa caiu no chão, minha blusa também e não me questionei mais.

Dormi por longo tempo. Quando acordei, era mais de meio-dia. Enquanto almoçava, Lewis se pôs a falar dos vizinhos que tínhamos em Parker e, entre outros, de Dorothy, uma antiga amiga, divorciada após um casamento infeliz, e que vivia com os dois filhos, em casa da irmã e do cunhado, a duas ou três milhas de nossa casa. Não me interessei muito por Dorothy e talvez ele o tenha notado, porque me perguntou bruscamente:

— Você não ficaria aborrecida se eu acompanhasse pelo rádio uma partida de beisebol?

— De modo algum. Lerei os jornais.

— Guardei para você todos os *New Yorkers* — disse Lewis com solicitude — e assinalei os artigos interessantes.

Ele colocou sobre o criado-mudo uma pilha de revistas e ligou o rádio. Estendemo-nos sobre a cama e comecei a folhear os *New Yorkers*. Mas eu estava indisposta. Tinha-nos acontecido muitas vezes, nos anos anteriores, ler ou ouvir rádio juntos, sem falar: só que hoje eu acabava exatamente de chegar e achei esquisito que Lewis não pensasse senão no beisebol, eu deitada perto dele. No ano passado, consumimos todo o primeiro dia fazendo amor. Virei uma página, porém não conseguia ler. Nessa noite, antes de possuir-me, Lewis havia apagado a luz, não me dera seu sorriso, não pronunciara meu nome: por quê? Adormeci sem me questionar, mas passar por cima de uma pergunta não é dar-lhe resposta. “Talvez ele não me tenha reencontrado inteiramente”, pensava eu. “Reencontrar-se, um ano depois, é difícil. Paciência, ele ainda me encontrará.” Comecei um artigo e parei, com um nó na garganta. Não queria saber do último livro de Faulkner e de tudo o mais. Eu devia estar nos braços de Lewis, e não estava: por quê? A tal partida de beisebol não acabava. Passaram-se horas, Lewis sempre escutando. Se pelo menos eu pudesse dormir, mas havia dormido muito. Decidi-me:

— Sabe, Lewis, estou com fome — disse de bom humor. — Você não?

— Tenha paciência ainda dez minutos — disse ele. — Apostei três garrafas de *scotch* nos Giants: é importante, não, três garrafas de *scotch*?

— Muito importante.

Eu reconhecia bem o sorriso de Lewis e essa voz zombeteira e terna. Num outro dia, tudo isso teria sido muito normal. Afinal de contas, talvez

fosse normal que o dia de hoje se parecesse com qualquer outro dia. Mas o fato é que estes últimos minutos me pareceram horivelmente longos.

— Ganhei! — disse Lewis alegremente. Levantou-se, desligou o rádio:
— Pobre famintinha, vamos alimentá-la!

Levantei-me também e passei um pente nos cabelos:

— Aonde você me leva?

— Que acharia do velho restaurante alemão?

— É uma boa ideia.

Eu gostava muito daquele restaurante, guardava boas recordações dele. Conversamos alegremente, comendo salsichas com repolho roxo. Lewis me contou sua estada em Hollywood. Em seguida levou-me ao bar dos vagabundos e ao pequeno *dancing* negro, onde outrora Big Billy tocava. Ele ria, eu ria, o passado ressuscitava. De repente, pensei: “Sim, tudo isso está bem-reproduzido!” Por que pensei assim? Que é que estava errado? Nada, absolutamente nada. Devia ser eu quem estava imaginando coisas, a viagem de avião me havia fatigado, assim como a emoção da chegada. Evidentemente, eu estava delirando. Lewis me havia dito um ano antes: “Não tentarei mais deixar de amá-la; nunca a amei tanto!” Ele me dissera, foi ontem, e era sempre eu, e era sempre ele. No táxi que nos levava para a nossa cama, instalei-me em seus braços; era bem ele; eu reconhecia o áspero calor de seu ombro; não reencontrei sua boca, ele não me beijou; e, por cima de minha cabeça, ouvi um bocejo.

Não me mexi. Mas senti-me mergulhar no fundo da noite. Pensei: “Deve ser assim, quando se está louco.” Duas luzes cegantes rasgavam as trevas, duas verdades igualmente seguras e que não podiam ser verdadeiras conjuntamente: Lewis me ama; e, quando me toma em seus braços, boceja. Subi a escada, tirei a roupa. Era necessário que eu fizesse uma pergunta a Lewis, uma pergunta muito simples; antecipadamente, ela me dilacerava a garganta, mas tudo era preferível a este horror confuso. Deitei-me. Ele se deitou a meu lado e enrolou-se nos lençóis:

— Boa noite.

Já me dava as costas. Agarrei-me a ele:

— Lewis! Que está acontecendo?

— Absolutamente nada. Estou cansado.

— Quero dizer: que aconteceu, o dia todo? Você não me reencontrou?

— Reencontrei-a.

— Então? Você não me ama mais?

Houve um silêncio: um silêncio decisivo, e eu permaneci estupidificada. Toda a noite tive medo, mas não havia acreditado seriamente em que meu medo pudesse ser justificado. E, de súbito, nenhuma dúvida era mais possível. Repeti:

— Você não me ama mais?

— Continuo gostando de você, e muito. Tenho-lhe grande afeição — respondeu Lewis, com uma voz pensativa. — Mas não é mais amor.

Aí estava. Ele o dissera. Tinha ouvido aquelas palavras com meus ouvidos, e nada poderia destruí-las, nunca. Fiquei calada. Não sabia mais o que fazer de mim. Permanecera exatamente a mesma. E o passado, e o futuro, tudo tremia. Parecia-me que minha voz não me pertencia mais.

— Eu sabia! — disse eu. — Sabia que iria perdê-lo. Soube-o, desde o primeiro dia. Foi por isso que, no Clube Delisa, chorei: eu sabia. E, agora, aconteceu. Como aconteceu?

— Justamente porque nada aconteceu — disse Lewis. — Esperei-a sem impaciência, este ano. Sim, uma mulher é agradável. A gente conversa com ela, dorme com ela, e depois ela vai embora: não há motivo para perder a cabeça. Mas eu me dizia que, talvez, ao revê-la, alguma coisa acontecesse...

Ele falava com uma voz distante, como se esta história não se relacionasse comigo.

— Compreendo — disse eu, francamente. — E nada aconteceu...

— Não.

Pensei, confusa: “Foi por causa deste cheiro esquisito, destas sedas.” É começar tudo de novo: Vestirei a roupa do ano passado... Mas, evidentemente, minhas anáguas nada tinham a ver com o caso. Ouvi minha voz de muito longe:

— Assim sendo, que vamos fazer?

— Mas quero que passemos um agradável verão! — disse Lewis. — Não passamos um bom dia?

— Um dia de inferno!

— Verdade? — Ele parecia desconsolado: — Pensei que você não tivesse notado nada.

— Notei tudo.

Fiquei sem voz. Não podia falar. Aliás, falar para quê? No ano anterior, quando Lewis havia experimentado deixar de amar-me, eu sentira, pelos seus rancores e manifestações de mau humor, que ele teria dificuldades de chegar até lá: eu nunca havia perdido a esperança. Este ano, ele não se esforçava: não me amava mais, isto me saltava aos olhos. Por quê? Como? Desde quando? Pouco importava; todas as perguntas eram vãs; quando ainda se espera, é importante compreender, mas eu estava certa de que nada tinha a esperar.

Murmurei:

— Pois bem, boa noite.

Ele me reteve apertada contra si um instante, dizendo:

— Não queria que você ficasse triste. — Acariciou-me os cabelos: — Não vale a pena.

— Não se inquiete por minha causa. Vou dormir.

— Durma — disse ele. — Durma bem.

Fechei os olhos; sim, certamente eu iria dormir. Sentia-me mais esgotada do que depois de uma noite de febre. “Aí está”, pensei friamente, “nada aconteceu; é normal. O anormal é que um dia alguma coisa tenha acontecido. Que coisa? Por quê?” No fundo, eu jamais havia compreendido: o amor nunca é merecido. Lewis tinha-me amado sem razão plausível, o que não me surpreendeu. Agora, não me amava mais, o que também não me surpreendia, era mesmo muito natural. Repentinamente, as palavras me explodiram na cabeça. “Ele não me ama mais.” Tratava-se de mim, eu devia gritar infinitamente. Pus-me a chorar. Toda manhã ele dizia: “Por que você ri? Por que está tão rosada, tão quente?” Eu não ria mais. Ele dizia: “Anne!” Nunca mais o diria, com essa entonação. Nunca mais eu lhe veria aquele rosto cheio de prazer e ternura. “Será preciso restituir tudo”, pensei em meio aos meus soluços; “tudo o que me foi dado, sem que o pedisse, será necessário pagar-lhe o peso em lágrimas.” Ao longe gemia uma sirene, trens apitavam. Eu chorava. Grandes estremecimentos esvaziaram meu corpo de calor, tornei-me fria e mole como um velho cadáver. Se pudesse suprimir-me completamente! Pelo menos enquanto chorava, eu não tinha mais futuro, não tinha mais nada na cabeça: parecia-me que poderia soluçar, sem me aborrecer até o fim do mundo.

Foi a noite que se fatigou em primeiro lugar. A cortina da cozinha amareleceu, uma sombra densa se imprimiu ali em traços fortes. Logo seria preciso que eu estivesse de pé, articulasse palavras, ficasse diante de um homem que havia dormido sem lágrimas. Se ao menos eu tivesse podido aborrecê-lo, isso nos teria aproximado. Mas, não: tratava-se simplesmente de um homem a quem nada havia acontecido. Levantei-me. Na cozinha, a manhã era silenciosa e familiar, semelhante a tantas outras manhãs. Servi-me de um copo de uísque, que tomei com um comprimido de benzedrina.

— Dormiu? — perguntou Lewis.

— Não muito.

— Fez muito mal!

Ele começou a atarefar-se na cozinha, estava de costas, o que me ajudou a falar:

— Há uma coisa que não compreendo — disse eu. — Por que você me deixou vir? Deveria ter-me avisado.

— Mas eu tinha vontade de vê-la — disse Lewis vivamente. Voltou-se e sorriu para mim com inocência: — Estou contente com você aqui, estou contente de passar com você este verão.

— Uma coisa você esquece. Que eu o amo. Não é alegre viver ao lado de alguém que a gente ama e que não ama a gente.

— Você não me amará sempre — disse Lewis, num tom leve.

— Pode ser. Mas, por enquanto, amo-o.

Ele sorriu:

— Você tem bom senso demais para que isso dure muito tempo. Seriamente — continuou —, para amar alguém de verdade, a gente precisa exaltar-se. Quando somos dois a fazer o jogo, isso pode valer a pena. Mas, quando se joga sozinho, a coisa torna-se estúpida.

Olhei-o com perplexidade. Estaria ele realmente inconsciente, ou fingia estar? Pode ser que falasse com sinceridade: pode ser que o amor tivesse perdido aos seus olhos toda a importância, já que não me amava mais. Em todo caso, deliberado ou irrefletido, seu egoísmo me provava que eu não contava mais para ele. Estirei-me sobre a cama. Tinha dor de cabeça. Lewis pôs-se a encaixotar livros, e constatee de repente que não havia tocado o fundo da questão. Eu estava deitada sobre a colcha mexicana, olhava a cortina amarela, as paredes: não era mais amada, mas sentia-me

ainda em minha casa, e talvez isso tudo pertencesse a outra. Talvez Lewis amasse outra mulher. Tinha havido mulheres em sua vida, este ano. Ele falara a respeito e nenhuma me parecera poder preocupar. Mas talvez ele tivesse encontrado uma exatamente de quem não me houvesse falado. Chamei-o:

— Lewis!

Ele ergueu a cabeça:

— Sim?

— Devo fazer-lhe uma pergunta: existe outra mulher?

— Oh! Deus meu, não! — respondeu ele, impulsivamente. — Nunca mais me apaixonarei!

Suspirei. O pior me fora poupado! Esse rosto que eu não veria mais, essa voz que eu não ouviria mais não existiam para mais ninguém.

— Por que você diz isso? — perguntei. — Nunca se pode saber.

Lewis sacudiu a cabeça:

— Acho que não fui feito para o amor — disse ele, pondo na voz alguma hesitação. — Antes de você, nenhuma mulher tinha importância. Conheci-a num momento em que minha vida me parecia muito vazia: foi por isso que me lancei a este amor com tamanha precipitação. Depois, acabou. — Ele me encarou silenciosamente: — Todavia, se existia alguém feito para mim, era você — acrescentou ele. — Depois de você, não pode mais haver ninguém.

— Estou vendo.

A voz amiga de Lewis acabou de me despertar. Se ele tivesse sido agressivo, injusto, eu sem dúvida teria tentado defender-me. Mas, não. Ele parecia quase tão desolado como eu diante do que nos acontecia. A cabeça doía-me cada vez mais e renunciei a continuar interrogando-o. A única pergunta decisiva: “Lewis, se eu tivesse ficado, você teria continuado a amar-me?” era inútil, já que de fato eu não havia ficado.

Lewis foi comprar-me uns calmantes, tomei dois, dormi. Acordei sobressaltada. “Bem, acabou!”, disse a mim mesma, logo. Sentei-me perto da janela. Atrás de mim, Lewis embrulhava pratos. Já fazia muito calor. Crianças jogavam bola nas urtigas, uma menina balançava sobre um triciclo vermelho e eu apertava os lábios, para não explodir em lágrimas. Segui com os olhos um grande carro luxuoso que roçava a calçada e virei a cabeça: a mesma vista; o mesmo quarto; sobre a cortina amarela agitava-

se uma sombra preta. Lewis vestia uma de suas velhas calças remendadas. Assobiava baixo; o passado zombava de mim, eu não podia mais suportá-lo. Levantei-me:

— Vou dar uma volta — disse.

Tomei um táxi, fui até o Loop e andei longo tempo: andar ocupa quase tanto como chorar. As ruas pareciam-me hostis. Eu tinha gostado desta cidade, tinha gostado deste país: mas as coisas haviam mudado em dois anos e o amor de Lewis não me protegia mais. Agora, a América significava bomba atômica, ameaças de guerra, fascismo nascente; a maior parte das pessoas que eu encontrava era inimiga: achava-me sozinha, desdenhada, perdida. Perguntei-me: “Que estou fazendo aqui?” Ao fim da tarde, encontrei-me ao pé do anúncio SCHILTZ; no beco, latas de lixo fumegavam, com um cheiro bom de outono. Subi a escada de madeira, olhei fixamente o tabuleiro vermelho e branco, que escondia o reservatório de gás. Um trem passou ao longe e a sacada estremeceu. Foi exatamente assim no primeiro dia, nos outros dias. Eu disse a mim mesma: “Melhor faria se regressasse a Paris.” Observei a esquina da avenida, onde minha partida já me esperava. O táxi que me levaria rodava em algum lugar da cidade. Lewis o faria parar com um gesto que eu conhecia, a porta bateria, já tinha batido uma, duas, três vezes. Desta vez, bateria para sempre. Para que três meses de agonia? “Enquanto eu vir Lewis, enquanto ele me sorrir, nunca terei força para matar nosso amor em mim: mas todo mundo é capaz de matar, a distância.” Apoiei-me à balaustrada. “Não quero matá-lo.” Não, eu não queria que um dia Lewis fosse para mim tão morto como Diego.

— Espero que a casa das dunas lhe agrade! — disse-me Lewis, na manhã seguinte.

— Oh!, com certeza.

Ele amontoava em caixas os últimos livros, as últimas latas de conservas. Eu estava contente de deixar Chicago. Pelo menos em Parker as coisas não insistiriam em parodiar o passado, haveria um jardim, teríamos duas camas, o que seria menos sufocante. Pus-me a preparar a mala, no fundo da qual enterrei o *huipil* índio: nunca mais o vestiria, parecia haver alguma coisa de maléfico em seus bordados. Toquei com repugnância todas aquelas saias, aquelas blusas, aquelas roupas para banhos de sol,

escolhidas com tanto esmero. Fechei a mala, servi-me de um grande copo de uísque.

— Não deveria beber tanto! — observou Lewis.

— Por que não?

Engoli um comprimido de benzedrina. Tinha necessidade de ajuda para atravessar aqueles dias, em que devia lembrar, hora por hora, que ele não me amava mais. E hoje viriam amigos, encontrar-nos de automóvel. Eu não teria um minuto para ir chorar sossegadamente em algum canto.

— Anne. Evelyne, Ned.

Apertei as mãos. Sorri. O carro atravessou a cidade, depois os parques, os subúrbios. Evelyne me falava, eu respondia. Atravessamos uma planície imensa, apinhada de altos-fornos, terrenos loteados, bosques plantados com simetria, e paramos ao fim de uma estrada, obstruída por plantas gigantescas. Uma alameda de cascalho conduzia até uma casa branca. Havia em frente um gramado, que descia em suave inclinação para uma represa. Olhei com atenção as dunas faiscantes, a água florida de nenúfares, as cortinas de árvores cheias de galhos. Ia viver aqui pelo espaço de dois meses, como se estivesse em minha casa, e depois iria embora, para nunca mais voltar!

— Então? — disse Lewis.

— É magnífico!

Ao fim do gramado, ao lado de um forno de tijolos cuja chaminé fumegava, havia pessoas sentadas, gritando com alegria:

— Sejam bem-vindos os novos moradores!

Apertei mãos: Dorothy, sua irmã Virginia, seu cunhado Willie, que trabalhava nos altos-fornos vizinhos, e o gordo Bert, que era professor de escola em Chicago. Hambúrgueres tostavam sobre a chapa preta do forno, de onde vinha um cheiro bom de cebola frita e de fogo de lenha. Alguém me estendeu um copo de uísque. Esvaziei-o de um trago: tinha muita necessidade disso.

— A casa não é uma joia? — perguntou Dorothy. — O lago fica exatamente atrás das dunas; há uma pequena barca para a travessia da represa: em cinco minutos você está na praia.

Era uma mulher morena, o rosto duro e cansado, a voz exaltada. Tinha amado Lewis. Talvez ainda o amasse. Entretanto, havia um calor sincero no seu olhar.

— À tardinha, será maravilhoso preparar o jantar ao ar livre — disse ela —; os bosques estão cheios de galhos secos, é só juntá-los.

— Compro-lhe um machadinho — disse-me alegremente Lewis — e, quando não tiver juízo, será condenada a rachar lenha. — Agarrou-me pelo braço: — Venha ver a casa.

Revi em seu rosto o fogo alegre da impaciência; ele outrora me havia olhado com esse sorriso altivo.

— Os últimos móveis chegam amanhã. Aqui poremos as camas. A sala do fundo será para a biblioteca.

Parecíamos, na verdade, um casal de apaixonados preparando o seu ninho, e, quando voltamos ao jardim, eu sentia em todos os olhares uma curiosidade cúmplice:

— Vocês mantêm uma casa de reserva em Chicago? — perguntou Virginia.

— Sim, mantemos uma.

Os olhares deles nos confundiam; e eu dizia “Lewis e eu”, dizia “nós”. Ficaremos aqui todo o verão; não temos carro, esperamos que venham ver-nos. Lewis também dizia “nós”. Falava com animação. Tínhamos conversado muito pouco, desde a minha chegada, e era a primeira vez que eu o via alegre: agora, ele tinha necessidade dos outros para ficar alegre. Aqui era muito mais fresco do que em Chicago e o cheiro de mato me atordoava. Dava-me vontade de lançar fora esse peso que me esmagava o coração e ficar também alegre.

— Anne, quer dar uma volta de barco?

— Oh! Gostaria muito.

Vaga-lumes iluminavam-se no crepúsculo, enquanto descíamos a escadinha. Sentei-me no barco e Lewis empurrou a margem para longe de nós. Musgos gelatinosos enrolavam-se em torno dos remos. Sobre a represa, sobre as dunas, fazia uma verdadeira noite campestre. Mas, por cima da ponte, o céu era vermelho e violeta, um céu sofisticado de cidade grande: os fogos dos altos-fornos o incendiavam. Eu disse:

— É tão bonito como os céus do Mississippi.

— Sim. E, daqui a alguns dias, teremos lua cheia.

Uma fogueira de acampamento crepitava entre as dunas. De longe em longe, uma janela brilhava através das árvores. Uma delas era a nossa.

Como todas as janelas que luziam ao longe, na noite, ela prometia a felicidade.

— Dorothy é simpática — disse eu.

— Sim — disse Lewis. — Pobre Dorothy. Trabalha numa *drugstore* em Parker e o marido lhe dá uma pequena pensão; dois filhos, a vida toda aqui, sem sequer um lar: é duro.

Falávamos dos outros entre nós, a água escura nos isolava do mundo, a voz de Lewis era terna, seu sorriso, cúmplice. Perguntei-me, de súbito: “Estará tudo acabado, de fato?” Eu tinha caído imediatamente no desespero por orgulho, para não me parecer com todas as mulheres que mentem a si mesmas e também por prudência, para poupar-me os suplícios da dúvida, da espera, da decepção: eu me havia, talvez, apressado muito. A desenvoltura de Lewis, seus excessos de franqueza não eram naturais. Na verdade, ele não é nem leviano nem brutal, não exibiria cruamente sua indiferença, se ela não fosse o efeito de uma decisão. Decidira não mais amar-me, vá lá: mas tomar uma decisão e depois agarrar-se a ela são coisas diferentes.

— Precisamos batizar nosso pequeno barco — disse Lewis. — Que é que você diz de chamá-lo Anne?

— Eu ficaria muito orgulhosa!

Eis que ele me olhava com uma daquelas expressões de outrora. Fora ele quem propusera este passeio de namorados. Talvez comesasse a cansar-se de sua falsa prudência. Talvez hesitasse em expulsar-me do coração. Ganhamos de novo a terra e logo nossos convidados partiram. Deitamo-nos juntos na estreita cama armada provisoriamente no fundo da biblioteca. Lewis apagou a luz.

— Você acha que ficará bem aqui? — perguntou-me ele.

— Tenho certeza.

Apoiei minha face ao seu ombro nu. Ele me acariciou docemente o braço e me apertou contra si. Era sua mão sobre meu braço, era seu calor, seu odor, e eu não tinha mais orgulho nem prudência. Reencontrei-lhe a boca, meu corpo fundia-se em desejo, enquanto minha mão escorregava sobre o ventre morno. Ele também me desejava, e entre nós o desejo tinha sempre sido amor. Alguma coisa recomeçava essa noite, eu estava certa disso. Repentinamente, ele se deitou sobre mim, entrou em mim, possuiu-me

sem uma palavra, sem um beijo. Isso se passou tão depressa que fiquei embargada. Fui a primeira a dizer:

— Boa noite.

— Boa noite — disse Lewis, virando-se para a parede.

Uma raiva desesperada me assaltou a garganta. Murmurei: “Ele não tem esse direito.” Em nenhum instante ele me havia dado sua presença. Havia-me tratado como máquina de prazer. Ainda que não me amasse mais, não devia fazer isso. Levantei-me, odiava-lhe o calor. Fui sentar-me na sala de estar, chorei até não poder mais. Não compreendia nada disso. Como nossos corpos se tornaram estranhos a esse ponto, eles que se amaram tanto? Ele dizia: “Estou tão feliz, estou tão orgulhoso!” Ele dizia: “Anne!” Com as mãos, os lábios, o pênis, com toda sua carne ele me dava o seu coração: foi ontem. Todas aquelas noites cuja lembrança ainda me queimava: sob a colcha mexicana, sobre a caminha embalada pelo Mississippi, à sombra dos mosquiteiros, diante de um fogo cheirando a resina, todas aquelas noites... Não ressuscitariam nunca?

Quando voltei à cama, esgotada, Lewis se ergueu sobre um cotovelo, perguntando-me com irritação:

— É seu programa para o verão? Passar dias bons e depois chorar a noite toda?

— Ah! Não me fale nesse tom superior! — respondi, com violência. — Choro de raiva. Fazer amor assim, friamente, é horrível: Você não deveria...

— Não posso dar um calor que não sinto — disse Lewis.

— Então não devia fazer amor comigo.

— Você estava com tanta vontade — disse ele tranquilamente —; não quis recusar-me.

— Teria sido melhor que se recusasse. Prefiro que decidamos nunca mais dormir juntos.

— Certamente é preferível isso a depois você passar a noite chorando. Trate, então, de dormir.

Não havia hostilidade em sua voz, apenas indiferença. Sua tranquilidade me desconcertava. Mantive-me deitada de costas, os olhos fixos. O lago ribombava ao longe, com um barulho de fábrica. Lewis estaria dizendo a verdade? Seria eu a culpada? Sim, sem dúvida alguma, eu era culpada: não tanto por haver-lhe mendigado as carícias, mas por ter suscitado para mim

falsas esperanças. Certamente Lewis não estava cem por cento seguro a respeito dos próprios sentimentos, o que explicava suas mudanças de atitude. Mas, para um homem como ele, não há distância entre a recusa a amar e a ausência de amor. Ele havia resolvido não mais amar-me: o resultado é que não me amava mais. O passado estava completamente morto. Uma morte sem cadáver, como a de Diego: era o que tornava difícil acreditar nela. Se pelo menos eu pudesse chorar sobre um túmulo, isso me haveria ajudado muito.

— Uma temporada que começa muito mal! — disse-me Lewis na manhã seguinte, com um ar preocupado.

— Mas, não! — disse eu. — Não houve nada de muito grave. Deixe que me habitue e tudo correrá perfeitamente.

— Eu gostaria tanto que tudo corresse bem! — disse Lewis. — Parece que poderíamos passar bons tempos, juntos. Quando não está chorando, eu me entendo tão bem com você!

Seu olhar me interrogava. Havia má-fé no seu otimismo. Lewis fazia pouco de meus sentimentos. Entretanto, sua ansiedade era sincera. Desolava-o magoar-me.

— Estou certa de que passaremos um esplêndido verão — disse eu.

Parecia um esplêndido verão. Toda manhã atravessávamos de barca a represa de musgos gelatinosos, escalávamos as dunas de areia que me queimavam os pés. À direita, a praia deserta estendia-se até o infinito. À esquerda, ia morrer ao pé dos altos-fornos, empenachados de chamas. Nadávamos, bronzeávamo-nos ao sol, olhando aves brancas, empoleiradas sobre compridas pernas, que bicavam na areia à procura de alimento. Voltávamos para casa carregados, como índios, de pedaços de madeira velha. Passei horas no gramado, a ler, em meio a esquilos cinzentos, gaios azuis, borboletas e grandes pássaros marrons de peito vermelho; ouvia ao longe o ruído da máquina de escrever de Lewis. À tardinha, acendíamos o fogo no forno de tijolos, eu punha para derreter um bloco de gelo, que continha congelado um frango desossado, ou então Lewis cortava com serrote uma bisteca petrificada e assávamos na cinza espigas de milho envolvidas em folhas úmidas. Lado a lado, escutávamos discos, ou então víamos na televisão um filme antigo, uma luta de boxe. Nossa felicidade era tão bem-reproduzida que, frequentemente, me parecia que iria tornar-se real de um momento para outro.

Dorothy havia caído na mentira, que a fascinava. Muitas vezes, à noite, vinha em sua bicicleta vermelha, farejava o cheiro agradável dos hambúrgueres, aspirava a fumaça dos sarmentos:

— Que noite magnífica! Estão vendo os vaga-lumes? As estrelas? E as fogueiras de acampamento sobre as dunas? — Descrevia-me avidamente aquela vida que nunca seria a sua e que, realmente, não era a minha. Atordoavam-me os seus elogios, os seus conselhos, o seu devotamento. Fora ela quem mobiliara a casa; era ela quem nos abastecia; além disso, prestava-nos muitos favores desnecessários. Chegava sempre carregada de mensagens maravilhosas: uma receita de cozinha, um novo tipo de sabão, um prospecto em que era exaltada a máquina de lavar moderníssima, um artigo crítico em que se anunciava um livro sensacional. Era capaz de sonhar durante semanas com as vantagens de uma geladeira aperfeiçoada, suscetível de conservar fresca, por seis meses, uma tonelada de nata. Não tinha um teto próprio, mas assinava uma revista de arquitetura, cara, na qual contemplava, deliciada, as fabulosas moradias dos multimilionários. Eu lhe ouvia pacientemente os projetos não concretizados, os gritos de entusiasmo, toda a prosa arrebatada de mulher que já não espera coisa alguma. Lewis se amolava frequentemente com isto.

— Nunca poderia viver com ela! — dizia-me, então. Não, ele não poderia casar com Dorothy e eu não poderia casar com ele, que não me amava mais; este jardim, esta casa prometiam uma felicidade que não era para nenhum de nós.

Naturalmente foi Dorothy que nos arrastou um domingo à feira de Parker: ela adorava os passeios em grupo. Bert veio buscar-nos com o carro e Dorothy levou Virginia, Willie e Evelynne em seu velho automóvel. Lewis não tinha achado jeito de se recusar, mas faltava-lhe entusiasmo. Quanto a mim, a perspectiva dessa tarde alegre, a que deveria seguir-se um jantar na casa de Virginia, me preocupava. Eu sempre tinha medo, quando me achava muito tempo exposta aos olhares de outrem, de não sustentar até o fim meu papel de mulher feliz.

— Meu Deus! Quanta gente! Que poeira! — disse Lewis, entrando no parque de diversões.

— Ah! Não comece a achar ruim — disse Dorothy. Voltou-se para mim: — Quando ele fica mal-humorado, gostaria até de poder apagar o sol!

Brilhava-lhe o rosto, denunciando uma esperança um pouco louca, enquanto ela se precipitava ao encontro de um *stand* de tiro ao alvo com flechinhas. De barraca em barraca, parecia gozar, antecipadamente, de revelações extraordinárias. Quanto a mim, esforcei-me por sorrir; contemplei com toda a curiosidade de que dispunha os macacos sabidos, as dançarinas nuas, o homem-foca, a mulher-tronco; preferi os jogos que exigiam minha atenção total: foi com entusiasmo que derrubei quilhas e latas de conservas, que dirigi automóveis minúsculos sobre tapetes rolantes e que pilotei aviões através de céus pintados. Lewis me observava com malícia:

— É extraordinário como você pode levar as coisas a sério! Parece que você se joga de cabeça!

Seria preciso ver subentendidos em seu sorriso? Pensaria ele que eu tinha trazido no amor a mesma seriedade fútil, o mesmo falso ardor? Dorothy retorquiu com vivacidade:

— Antes isso do que ostentar, em todas as oportunidades, um ar totalmente entediado. — Tomou-me pelo braço com autoridade. Como passássemos diante do *stand* de um fotógrafo, acariciou, com a mão rude, a seda do meu vestido:

— Anne! Deixe-se fotografar com Lewis! Você tem um vestido tão lindo e esse penteado lhe assenta tão bem!

— Oh!, sim. Gostaríamos tanto de uma fotografia sua! — disse Virginia.

Eu hesitava. Lewis me agarrou pelo braço:

— Vamos imortalizá-la — disse jovialmente. — Já que parece que você é tão sedutora...

“Para outros”, pensei tristemente, “nunca mais para ele.” Sentei-me ao lado de Lewis, num aeroplano pintado, e tive muita dificuldade em sorrir. Ele não reparava em meus vestidos, aos seus olhos eu não tinha mais corpo; quando muito um rosto. Se pelo menos eu pudesse pensar que um cataclisma me tivesse desfigurado! Mas era a mim, tal como me havia amado, que ele não amava mais. O entusiasmo de Dorothy testemunhava isso e rompera, em consequência, todo o meu equilíbrio. Eu me derreteria, desmoronaria. E seria preciso que me mantivesse firme e sorrisse até o mais alto ponto da noite.

— Lewis, você deveria fazer companhia a Evelyne — disse Dorothy —, o sol cansa-a. Ela quer sentar-se à sombra. Ofereça-lhe alguma coisa para

beber, quando ela voltar dos toaletes enquanto vamos ver as figuras de cera.

— Ah! Eu não! — disse Lewis.

— Mas, para ocupar-se dela, é preciso um homem. Evelyne não conhece Bert e não tolera Willie.

— Mas eu não tolero Evelyne — disse Lewis.

— Bom, ficarei com ela — atalhou Dorothy, enraivecida. Fiz um gesto e ela disse: — Não, você não, Anne. Vá, vá: depois você me conta.

Quando nos distanciávamos, eu disse a Lewis:

— Por que você não é mais gentil com Dorothy?

— Mas foi ela que convidou Evelyne. Ninguém lhe pediu que a convidasse.

Renunciei a discutir e deixei-me absorver na contemplação dos assassinos paralisados no ato do crime e de suas vítimas, paralisadas no instante de morrer. Sentada em sua cama de parturiente, uma pequena mexicana de cinco anos embalava um recém-nascido. Goering agonizava sobre uma padiola e enforcados, trajando uniformes alemães, oscilavam em forcas. Atrás de arames farpados, cadáveres de cera amontoavam-se num enorme ossário. Contemplei-os, estupefata. Assim, Buchenwald e Dachau recuavam para o fundo da história, tão longe como os cristãos comidos pelos leões do museu Grévin. Quando me vi fora, no atordoamento do sol, a Europa inteira tinha ido para os confins do espaço. Eu olhava as mulheres de ombros nus, os homens de camisas floridas que comiam cachorros-quentes ou que lambiam sorvetes: ninguém falava minha língua, eu até a tinha esquecido. Perdi todas as minhas lembranças, até a da minha imagem: não havia, em casa de Lewis, um espelho à altura de meus olhos, eu me maquilava às cegas diante de um espelho de bolso. Mal me lembrava de quem eu era, e perguntava-me se Paris ainda existia.

Ouvi Dorothy dizer, com uma voz contrariada:

— Vocês decidem voltar e nem sequer pedem a opinião de Anne. Parece que às sete horas vão projetar velhos filmes mudos. E falaram-me de um vidente extraordinário.

A voz dela suplicava, mas todos os rostos a seu redor permaneciam fechados.

— Ah! Voltemos! — disse Willie. — Há martinis à nossa espera e todo o mundo está com fome.

— Os homens são tão egoístas! — murmurou ela.

Em seu velho automóvel, sentei-me entre ela e Willie. Dorothy estava tão desapontada, que não disse uma palavra durante todo o trajeto: eu também não. Descendo do carro, ela me agarrou pelo braço e disse abruptamente:

— Por que você não fica aqui? Deveria ficar.

— Não posso.

— Mas por quê? É uma pena mesmo!

— Não posso.

— Pelo menos você voltará? Volte na primavera: aqui, é a estação mais bonita.

— Tentarei.

“Com que direito ela me fala assim?”, perguntava a mim mesma, com irritação, ao entrar em casa. “Por que tanta gentileza à toa, quando Lewis não me havia dito, sequer uma vez: Você volta?” Aceitei apressadamente o copo de martíni que Willie me estendia. Tinha os nervos à flor da pele. Contemplava com aflição a mesa abarrotada de pastéis, de saladas, de bolos: custaria acabar isso tudo! Dorothy desaparecera; voltou, pó de arroz no rosto, um vestido comprido lamentável, florido. Bert, Virginia, Evelyne, Lewis chegaram por sua vez, rindo. Falavam todos ao mesmo tempo e não procurei seguir a conversa. Olhava para Lewis, que de novo se mostrava muito satisfeito, e me perguntava: “Quando estarei só, outra vez, com ele?” Foi assim que eu aguardava, antes, a partida de Teddy, a de Maria. Mas hoje, minha impaciência era estúpida: longe dos outros, nem por isso Lewis ficaria mais perto de mim. Bert colocou-me sobre os joelhos um prato de sanduíches. Sorria-me. Ouvi-o perguntar-me:

— Estava em Paris em 24 de agosto de 1944?

— Anne passou a guerra toda em Paris — disse Lewis, com uma espécie de orgulho.

— Que dia! — exclamou Bert. — Pensávamos encontrar uma cidade morta: e, por toda parte, mulheres de vestidos floridos, com bonitas pernas bronzeadas, muito diferentes das francesas que a gente imagina daqui!

— Sim — disse eu —, seus repórteres ficaram decepcionados com a nossa boa saúde.

— Oh! Alguns imbecis! — disse Bert. — Era fácil de compreender que os doentes e os velhos não estavam nas ruas: nem os deportados, nem os

mortos. — Seu rosto grande tornou-se pensativo: — Foi mesmo um dia extraordinário!

— Quando cheguei — disse Willie, com mágoa —, não gostavam de nós, absolutamente.

— Sim, logo nos fizemos detestar — notou Bert. — Comportamo-nos como brutos.

— De fato — revidou Lewis.

— Isso poderia ter sido evitado, bastaria alguma disciplina...

— Você acha que não enforcamos pessoas em número suficiente? — perguntou Lewis, com vivacidade. — Atiram-se homens na guerra e, depois, à primeira violação, eles são enforcados.

— Enforcou-se gente demais, concordo; mas, justamente: porque não se tomaram, desde o começo, as medidas necessárias — disse Bert.

— Que medidas? — perguntou Willie.

— Ah! Se eles se puserem a repisar a guerra que fizeram, a coisa não terá fim! — observou Dorothy.

O semblante dos três guerreiros brilhava de animação, eles falavam muito e depressa, tirando a palavra um do outro. A simpatia que tinham pela França não era duvidosa, e não tinham complacência alguma para com o seu próprio país. Todavia, eu os ouvia constrangida: era sua guerra que eles recapitulavam, uma guerra de que só fomos o pretexto, e um pretexto um pouco irrisório. Seus escrúpulos a nosso respeito eram semelhantes àqueles que um homem pode experimentar diante de uma mulher fraca ou de um animal passivo; e já fabricavam, com nossa história, figuras de cera. Quando, afinal, se calaram, Evelyne me perguntou, com voz lânguida:

— E como está Paris neste momento?

— Invadida por americanos — respondi.

— Isso parece não agradar a vocês — disse Lewis. — Que povo ingrato! Empanturramo-lo de leite em pó, vamos inundá-lo de Coca-Cola e de tanques, e ele não se ajoelha diante de nós! — Lewis se pôs a rir: — A Grécia, a China, a França: ajudamos, ajudamos, coisa louca: uma nação de escoteiros.

— Você acha isso engraçado? — perguntou Dorothy, com agressividade na voz. — Belo humor! — Ela encolheu os ombros: — Quando tivermos

atirado bombas atômicas sobre a Terra inteira, Lewis nos regalará ainda com algumas boas piadas de humor negro.

Lewis me olhou com satisfação:

— Não foi um francês que disse que é preferível rir das coisas a chorar por causa delas?

— O caso não é de chorar ou de rir, mas de agir — disse Dorothy.

O rosto de Lewis mudou:

— Voto em Wallace, defendo-o: que quer que eu faça mais?

— Você sabe o que penso de Wallace — disse Dorothy. — Esse homem nunca criará um verdadeiro partido de esquerda. Ele serve exatamente de álibi às pessoas que desejam comprar para si, a baixo preço, uma consciência limpa.

— Meu Deus! Dorothy — disse Willie —, não será Lewis, nem nenhum de nós, que poderá criar um verdadeiro partido de esquerda.

— Entretanto — disse eu —, vocês são muitos a pensar do mesmo modo: não há um meio capaz de uni-los?

— Em primeiro lugar, somos cada vez menos numerosos — observou Lewis —; e, em segundo lugar, estamos isolados.

— E, principalmente, você acha muito mais confortável fazer troça do que tentar alguma coisa — disse Dorothy.

Também a mim irritava, às vezes, a plácida ironia de Lewis. Ele era lúcido, crítico. Indignava-se, mesmo, muitas vezes. Tinha, porém, com os erros e as taras que censurava na América, a mesma intimidade que o doente tem com a doença, o mendigo com a miséria: isso era o bastante para que me parecesse levemente cúmplice dessas taras e erros. Disse a mim mesma, repentinamente, que ele se queixava de que eu não tivesse adotado seu país, mas que nunca ele se teria fixado no meu: era muita arrogância. “Por nada no mundo eu me tornaria americana!”, protestava comigo mesma. E, enquanto eles continuavam a discutir, eu me perguntava divertida de onde acabava de surgir em mim essa Colette Baudoche irritada.

O carro de Bert nos reconduziu para casa, e Lewis me tomou ternamente em seus braços:

— Você passou um bom dia?

Seu sorriso afetuoso me ditava a resposta. E meus estados de alma não interessavam a ninguém.

— Muito bom — respondi. Acrescentei: — Como Dorothy estava agressiva!

— Ela não é feliz — disse Lewis. Refletiu: — Virginia tampouco; nem Willie, nem Evelyne. É uma grande chance para nós nos sentirmos melhor por dentro.

— Eu não estou muito bem.

— Você tem maus momentos, como todo mundo: mas isso não é crônico. Ele falava com tanta segurança que eu não encontrei o que responder. Ele continuou:

— São todos mais ou menos escravos: dos maridos, das mulheres, dos filhos. Nisso está a infelicidade deles.

— No ano passado, você me disse que desejaria casar — lembrei.

— Às vezes penso nisso. — Lewis pôs-se a rir: — Mas, logo depois de encerrado numa casa com uma mulher e filhos, eu não teria mais que uma ideia: dar o fora.

Sua voz alegre deu-me coragem:

— Lewis, você pensa que jamais nos veremos de novo?

Bruscamente, contraiu-se-lhe o semblante.

— Por que não? — disse ele, num tom frívolo.

— Porque moramos muito longe um do outro.

— Sim. Moramos longe.

Ele desapareceu no banheiro. Era sempre assim: quando eu me aproximava de Lewis, ele se esquivava. Com certeza receava que lhe reclamasse calor, mentiras ou promessas que não podia dar-me. Comecei a despir-me. Havia previsto que o diálogo seria decepcionante; mas isso não me deixou menos decepcionada. Era ainda uma sorte o fato de que minha carne estivesse em sintonia tão perfeita com a de Lewis, que ela aceitasse sem dificuldades a indiferença dele: dormíamos em camas grudadas, separados por um abismo gelado, e eu nem compreendia mais o sentido da palavra desejo.

Eu desejaria que meu coração também fosse conciliador. Lewis afirmava que, para amar, a gente precisa exaltar-se: suponhamos que eu pare de exaltar-me? Lewis dormia, eu lhe ouvia a respiração igual e pela primeira vez tentei vê-lo com outros olhos que não os meus: com os malévolos olhos de Dorothy. É certo que ele era egoísta. Decidira tirar da nossa história o máximo de encanto e o mínimo de sabedoria possível, e o que eu

sentia era-lhe indiferente. Deixara-me que viesse a Chicago sem nada me avisar, porque ver-me lhe dava prazer; uma vez que dispôs de mim à vontade, anunciara-me, sem prudência, que não me amava mais. Como se tudo não bastasse, exigia que eu tivesse um semblante feliz. Na verdade, não se preocupava senão consigo mesmo. E, em suma, por que se defendia tão duramente contra as saudades, as emoções, os sofrimentos? Havia muita avareza nessa prudência. Tentei, na manhã seguinte, fortalecer-me na severidade. Observei Lewis regar, com ar de quem reflete, a grama do jardim. E disse a mim mesma: “É um homem, entre outros. Por que haveria de teimar em considerá-lo único?” Ouvi o barulho do carro dos correios. O carteiro arrancou a bandeirinha vermelha plantada na caixa de cartas, jogou-a dentro com a correspondência. Subi a alameda de cascalhos. Nenhuma carta, mas muitos jornais. Eu ia ler jornais, em seguida escolheria um livro na biblioteca, iria nadar, à tarde ouviria discos: podia fazer uma porção de coisas agradáveis, sem me torturar mais a cabeça, ou o coração.

— Anne! — gritou Lewis. — Venha ver: consegui um arco-íris. — Ele regava o gramado e um arco-íris dançava no jato de água. — Venha depressa.

Eu reconhecia aquela voz solícita e cúmplice, aquela fisionomia alegre: uma fisionomia que não se assemelhava a nenhuma outra. Era Lewis, era exatamente ele. Deixara de amar-me, porém permanecera ele mesmo. Por que teria eu, repentinamente, pensado mal dele? Não. Eu não podia sair-me dessa bem, facilmente. Na verdade, compreendia-o. Também detesto a infelicidade e repugnam-me os sacrifícios: compreendia que ele se recusasse ao mesmo tempo a sofrer por mim e a perder-me; compreendia que ele estivesse muito ocupado com seus próprios sentimentos para preocupar-se demais com o que se passava comigo. E, depois, lembrei-me do seu tom de voz, quando, crispando a mão sobre o meu ombro, me dissera: “Casaria com você na hora.” Nesse instante, tinha posto de lado, para sempre, todo rancor. Quando de fato não se quer mais amar, não se ama mais: mas o não querer não depende da vontade da gente.

Continuei, portanto, amando Lewis. Não havia tranquilidade, de forma alguma. Bastaria uma inflexão de sua voz para que, num impulso, eu o reencontrasse inteiramente. Um minuto mais tarde, tinha-o de novo perdido. Quando ele foi passar um dia em Chicago, no fim da semana,

senti-me aliviada: 24 horas de solidão seria uma trégua. Acompanhei-o ao ponto do ônibus e voltei lentamente para casa, ao longo da estrada margeada de jardins e de casas de veraneio. Sentei-me com livros sobre o gramado. Estava muito quente, nenhuma folha se movia. O lago, ao longe, emudecia. Tirei de minha bolsa a última carta de Robert. Ele me contava, com pormenores, o processo de Madagascar. Henri havia escrito um artigo que apareceria no próximo número da *Vigilance*, mas isso não bastava. Seria preciso ter em mãos um diário ou um semanário de grande tiragem para agir sobre a opinião. Eles pensaram em organizar um comício, mas faltava tempo. Tornei a dobrar a carta. Acompanhei com os olhos um avião que passava no céu: passavam aviões o tempo todo; aquele teria podido carregar-me até Paris. Para quê? Se eu estivesse perto dele, Robert me teria falado em vez de me escrever, mas isso não lhe adiantaria nada; eu não podia fazer nada por ele e ele não me reclamava. Não tinha razão alguma para ir embora dali. Olhei à minha volta, a vegetação estava bem-cuidada, o céu limpo, os esquilos e as aves pareciam animais domésticos. Eu também não tinha nenhuma razão para ficar. Peguei um livro: *A literatura na Nova Inglaterra*. Um ano antes, isso me teria apaixonado. No momento, porém, o país de Lewis, seu passado tinham deixado de interessar-me. Todos esses livros que jaziam sobre a grama estavam mudos. Estirei-me: que fazer? Eu não tinha absolutamente nada a fazer. Fiquei ali plantada, imóvel, durante um tempo que me pareceu muito longo e, de súbito, fui tomada de pânico. Ficar paralisada, cega, surda, com uma consciência alerta... muitas vezes me disse a mim mesma que não há sorte pior: era a minha. Acabei levantando-me e entrei na casa. Tomei um banho, lavei a cabeça, mas nunca soube ocupar-me muito tempo com o meu corpo. Abri a geladeira. Era só estender a mão: uma jarra de suco de tomate, outra cheia de suco de laranja, saladas prontas, carnes frias, leite. E os armários regurgitavam de conservas, de pós instantâneos, de arroz-minuto, que bastava aferventar: em um quarto de hora eu tinha jantado. Existe, seguramente, uma arte de matar o tempo, que, todavia, me era estranha. Que fazer? Ouvi alguns discos e, depois, liguei o televisor. Diverti-me em saltar de uma para outra emissora, entremeando filmes, comédias, aventuras, noticiários, dramas policiais, histórias fantásticas. Mas, em dado momento, alguma coisa se passou ao longe, no mundo. Inútil girar o seletor de canais, o vídeo permanecia branco. Pensei em

dormir. Mas, pela primeira vez na minha vida, tinha medo dos mendigos, dos ladrões, dos fugidos de hospícios; tinha medo do sono e medo da insônia. Agora retumbava o lago, animais faziam estalar galhos secos. Na casa, o silêncio era sufocante. Protegi todas as portas, fui procurar em meu quarto uma coberta e um travesseiro, deitei-me, toda vestida, sobre o divã, e deixei a luz acesa. Adormeci; então entraram homens pelas janelas fechadas, surraram-me. Quando acordei um pássaro gorjeava, outro auscultava as árvores a bicadas. Eu preferia ainda meus pesadelos à realidade. Fechei os olhos, mas fazia dia claro sob minhas pálpebras. Levantei-me. Como a casa estava vazia! Como o futuro estava nu! Outrora eu olharia com emoção o roupão branco atirado ao comprido sobre uma poltrona e os chinelos velhos, esquecidos sob a escrivaninha; agora não sabia mais o que esses objetos significavam. Pertenciam a Lewis, sim, Lewis existia, contudo; mas o homem que me amava tinha desaparecido, sem deixar vestígios. Era Lewis: não era ele. Eu me encontrava na sua morada, mas em casa de um estranho.

Saí. Subi a alameda de cascalhos. A bandeira da caixa de cartas tinha desaparecido, havia passado o carteiro. Peguei a correspondência. Havia uma carta para mim: Myriam viajava no México com Philipp, de volta esperavam parar em Chicago e queriam muito ver-me. Eu não os encontrava desde 1946, mas Nancy tinha ido a Paris no mês de maio último e eu lhe dera meu endereço na América. Não tinha nada de extraordinário o fato de que Myriam me houvesse escrito e, todavia, olhei a carta com estupor. Ela me trazia a lembrança de um tempo em que Lewis não existia para mim: como sua ausência se transformou nesse vazio devorador? Um vazio que a tudo tragava? O jardim estava morto, minhas recordações também estavam mortas. Impossível interessar-me um segundo por Myriam, por Philipp, por alguma coisa. Só importava esse homem que eu esperava e nem sabia quem era. Não sabia nem mesmo quem eu era. Dei uma volta pelo jardim, andei pela casa em todas as direções, chamei: “Lewis! Volte! Ajude-me!” Engoli uísque e benzedrina: em vão: sempre aquele vazio insuportável. Sentei-me perto da janela envidraçada, e aguardei.

“Lewis!” Eram cerca de duas horas, quando ouvi o passo dele sobre o cascalho. Corri. Ele tinha os braços carregados de pacotes: livros, discos,

chá-da-china, uma garrafa de *chianti*. Pareciam presentes, como se fosse um dia de festa. Tomei-lhe das mãos a garrafa:

— *Chianti*: que boa ideia! Você se divertiu muito? Ganhou no pôquer? Que quer comer? Um bife? Frango?

— Já almocei — respondeu Lewis. Ele se livrara dos pacotes, tirava os sapatos, calçava os chinelos.

— Tive medo a noite toda, sem você: sonhei que mendigos me assassinavam.

— Suponho que tenha bebido muito uísque.

Ele foi sentar-se à poltrona, perto da janela envidraçada, e eu me instalei no divã:

— Você vai contar-me tudo.

— Não aconteceu nada de extraordinário.

Eu o acolhera com o desagrado habitual às mulheres que não são mais amadas: excesso de calor, excesso de perguntas, excesso de zelo. Ele discorria, mas sem vontade. Sim, havia jogado pôquer, não havia nem ganhado nem perdido. Teddy estava preso, pelos motivos habituais. Não, ele não tinha visto Martha. Tinha visto Bert. Não conversaram, porém, sobre nada de especial. Parecia aborrecido, assim que eu reclamava um pormenor. Para terminar, pegou um jornal e eu abri um livro, que fingi ler. Eu não tinha almoçado, mas não podia comer.

“Mas que é que eu esperava?”, perguntava a mim mesma. Tinha renunciado à esperança de um dia reencontrar o passado. Neste caso, com o que é que eu contava? Com uma amizade capaz de substituir o amor perdido? Mas um amor não seria grande coisa, se algo pudesse preencher-lhe o lugar. Não, era tão definitivo como a morte. De novo eu pensava: “Se pelo menos me restasse nos braços um cadáver!” Quis aproximar-me de Lewis, pôr a mão sobre o seu ombro, perguntar-lhe: “Como tal amor pôde evanescer? Explique-me.” Mas ele me responderia: “Não há nada a explicar.”

— Você não quer dar uma volta pela praia? — propus.

— Não, não tenho vontade nenhuma — respondeu ele, sem erguer os olhos.

Passaram somente duas horas. Eu tinha ainda todo o fim da tarde para viver; depois, o anoitecer, a noite, outro dia, outros dias ainda. Como matá-los? Se pelo menos houvesse um cinema nas proximidades, ou então

um campo verdadeiro com florestas, prados, onde eu andasse até o esgotamento! Mas essas estradas retas, margeadas de jardins, eram como um pátio de cadeia. Enchi um copo. O sol brilhava e, todavia, a luz não tinha vigor bastante para manter as coisas à distância; elas me esmagavam. As letras de meu livro colavam-se aos meus olhos, cegavam-me. Nada de ler. Tentei pensar em Paris, em Robert, no passado, no futuro. Impossível. Eu estava encerrada nesse instante, presa, uma argola no pescoço. Meu peso me sufocava, minha respiração envenenava o ar: era de mim que eu teria gostado de escapar; e, justamente, era o que nunca mais me seria dado. “Quero renunciar a deitar-me numa cama com um homem”, pensava eu, “quero vestir-me de senhora idosa, ter cabelos brancos: mas nunca mais deixar-me, que tortura!” Minha mão tocou a garrafa, abandonou-a. Eu estava habituada demais. O álcool me assolava o estômago, sem me atordoar, sem me aquecer. Que iria acontecer? Era necessário que alguma coisa acontecesse: esse suplício imóvel não podia eternizar-se. Lewis lia continuamente e eu tive uma brusca inspiração: “Isto não é a mesma coisa!” O homem que me amava tinha desaparecido e Lewis também. Como havia eu podido enganar-me a respeito! Lewis! Recordava-me dele tão bem! Ele dizia: “Você tem uma bonita cabecinha, toda redonda... Sabe quanto a amo?” Dava-me uma flor, perguntava: “Comem-se flores na França?” Que fim teve ele? E quem me havia condenado a este fúnebre diálogo com um impostor? Repentinamente, ouvi o eco de uma lembrança detestada: um bocejo.

— Ah! Não boceje! — disse eu, desatando em lágrimas.

— Ah! — disse ele. — Não chore.

Tombei de comprido sobre o divã. Sentia-me cair verticalmente; discos alaranjados giravam diante de meus olhos e eu despencava nas trevas.

— Quando você começa a chorar, tenho vontade de ir embora, para nunca mais voltar — disse Lewis, enraivecido.

Percebi que ele abandonava a sala. Eu o exasperava, acabava de perdê-lo, deveria ter parado. Por instantes, lutei; e, depois, perdi-me. Muito ao longe, ouvi passos. Lewis andava no subsolo, regou o jardim, reentrou na casa. Eu continuava chorando.

— Você ainda não acabou?

Não respondi. Estava esgotada, mas chorava sem cessar. É enorme a quantidade de lágrimas que olhos de mulher podem conter. Lewis foi

sentar-se à sua mesa, a máquina de escrever se fazia ouvir. “Um cão ele não deixaria sofrer”, pensava eu. “Choro por causa dele, e não vai ter um gesto.” Cerrei os dentes. Tinha-me prometido nunca odiá-lo, a esse homem que me abrira sem reservas o seu coração. “Mas não se trata mais dele!”, repetia a mim mesma. Meus dentes batiam. Não teria sido difícil desencadear-se uma crise de nervos. Fiz um esforço, que me despedaçou da cabeça aos pés, abri os olhos, fixei meu olhar sobre a parede:

— Que você quer que eu faça? — gritei. — Estou presa aí, estou presa com você. Não posso ir deitar-me num fosso.

— Meu Deus! — disse ele, a voz um pouco mais amistosa. — Como você se faz sofrer!

— E você — disse eu. — Você nem sequer tenta ajudar-me.

— Que se pode fazer diante de uma mulher que chora?

— A qualquer uma outra você ajudaria.

— Detesto vê-la perder a cabeça.

— Acha que faço de propósito? Acha que é fácil viver com alguém que se ama e que não mais nos ama?

Lewis permanecia sentado em sua poltrona, não procurava mais fugir, mas eu sabia que ele não tiraria de si a palavra de que tínhamos necessidade para pôr fim a essa cena. Cumpria-me inventar um fim. Atirei palavras ao acaso:

— Só estou aqui por você, não tenho senão você! Quando lhe fico pesada, que posso fazer?

— Não há por que soluçar, quando não tenho vontade de conversar no momento exato em que você o deseja — disse ele. — Será que se devem fazer todas as suas vontades?

— Ah!, você é injusto demais! — disse eu. Enxuguei meus olhos: — Foi você que me convidou a passar o verão aqui, disse-me que ficaria contente de ver-me aqui. Por isso mesmo, não deveria assumir esses ares hostis.

— Não sou hostil. Quando você começa a chorar, tenho vontade de ir-me, é tudo.

— Não choro tão frequentemente. — Torci o lenço nas mãos: — Você não nota. Parece, em certos momentos, que sou uma inimiga, que você desconfia de mim; isso me é odioso.

Lewis teve um pequeno sorriso:

— Desconfio um pouco.

— Não tem o direito! Sei muito bem que você não me ama; nunca mais lhe peço coisa alguma que se assemelhe a amor; faço o possível para que tenhamos boas relações.

— Sim, você é muito gentil — disse Lewis. — Mas, justamente — acrescentou —, é por isso que desconfio de você. — A voz dele fortaleceu-se: — Sua gentileza é a mais perigosa das armadilhas! Foi assim que você me dominou o ano passado. Parece absurdo que nos defendamos contra alguém que não nos ataca; neste caso, não nos defendemos e, quando ficamos novamente sozinhos, temos outra vez o coração em pedaços. Não. Não quero que isto se repita.

Levantei-me, dei alguns passos para tentar acalmar-me. Censurar-me por ser gentil era mesmo o cúmulo!

— Não posso ser desagradável de propósito! Na verdade, você não me torna fáceis as coisas. Se assim é, não vejo senão uma solução: ir embora.

— Não desejo, porém, que você se vá! — disse Lewis. Encolheu os ombros: — As coisas não são fáceis também para mim.

— Eu sei — disse eu.

Decididamente, eu não podia ficar com raiva dele. Lewis desejara conservar-me ao seu lado para sempre e eu tinha recusado: se hoje seus estados de alma eram caprichosos e seus desejos incoerentes, eu não devia assustar-me com isso. A gente se contradiz obrigatoriamente, quando é obrigada a querer outra coisa que não aquilo que quer.

— Não tenho vontade de partir — disse eu. — Só que você não deve pôr-se a detestar-me.

Ele sorriu:

— Não estamos nesse ponto!

— Há pouco você me teria deixado morrer, sem erguer um dedo.

— É verdade — disse ele. — Não teria erguido um dedo. Não, porém, por culpa minha: achava-me paralisado.

Aproximei-me dele. Uma vez que começamos a falar, eu já queria aproveitar-me da oportunidade:

— Você está errado em desconfiar de mim. Existe uma coisa que devia saber: não lhe quero mal, nunca lhe quis mal pelo fato de não mais amar-me; não há razão para isto ser-lhe desagradável: pensar no que penso a seu respeito; não há nada em mim que lhe possa ser desagradável.

Interrompi-me. Ele me olhava com alguma preocupação. Tinha medo das palavras; eu também. Vi muitas mulheres tentarem acalmar com palavras as mágoas de sua carne. Conhecia muitas que conseguiram tristemente reconduzir ao leito um homem atordoado de frases. É horrível o fato de uma mulher procurar trazer ao seu corpo as mãos de um homem, dirigindo-se ao cérebro dele. Acrescentei, apenas:

— Somos amigos, Lewis.

— Certamente! — Ele me cercou com o braço e disse baixinho: — Sinto ter sido tão duro.

— Sinto ter sido tão idiota.

— Sim! E que idiota! Você teve, todavia, uma boa ideia: por que não foi deitar-se num fosso?

— Porque você não teria ido buscar-me lá.

Ele riu:

— Depois de amanhã, eu haveria prevenido a polícia.

— Você sairá sempre ganhando — disse eu. — Não é justo: nunca poderei fazer-me sofrer durante dois dias, nem tentar fazê-lo sofrer por uma hora.

— É verdade. Não há muita perversidade nesse pobre coração. Nem muito juízo nessa cabeça!

— Por isso é preciso ser gentil comigo.

— Tentarei — disse ele, apertando-me alegremente contra si.

Daí por diante, houve menos distância entre nós. Quando passeávamos na praia, quando nos deitávamos ao sol, ou então de noite, ouvindo discos, Lewis me falava sem barreiras. Nossa aliança ressuscitava. Ele não receava mais enlaçar-me, beijar-me. Até fizemos amor duas ou três vezes. Quando senti sua boca procurando a minha, meu coração pôs-se a bater descompassadamente: os beijos do desejo se parecem muito com os beijos do amor! Mas meu corpo recuperou-se depressa. Tratava-se somente de um breve coito conjugal, um ato tão insignificante que custa compreender como as grandes ideias de volúpia e de pecado puderam alguma vez estar-lhe associadas.

Os dias se passavam sem grandes dificuldades: sobretudo as noites é que me eram penosas. Dorothy havia-me dado de presente um estoque de pilulazinhas amarelas: ela possuía uma coleção de pílulas, de envelopes, de comprimidos, de cápsulas, para todos os usos. Antes de me deitar, eu

sempre engolia dois ou três narcóticos, mas dormia e tinha sonhos ruins. Logo comecei a sofrer de um novo mal: eis que, daí a um mês, a quinze dias, a dez dias, iria partir. Voltaria algum dia? Tornaria a ver Lewis? Sem dúvida ele mesmo não sabia a resposta: ele previa mal seu coração.

Decidimos passar a última semana em Chicago. Uma noite Myriam telefonou de Denver, para perguntar-me se podíamos ver-nos. Respondi afirmativamente e combinamos com Lewis que eu iria a Chicago um dia antes dele: eu o encontraria em casa no dia seguinte, por volta da meia-noite. No momento isso parecia muito simples. Mas, na manhã de minha partida, senti o coração baquear. Passeamos pela praia. O lago estava de um verde tão duro, que a gente teria podido andar-lhe sobre as ondas. Borboletas mortas jaziam sobre a areia. As pequenas moradas campestres estavam todas fechadas, salvo a cabana dos pescadores, que secavam suas redes ao lado de um barco preto. Eu pensava: “É a última vez que vejo o lago; a última vez de minha vida.” Olhava atentamente, não queria esquecer. Mas, para que o passado permaneça vivo, será preciso nutri-lo de saudades e de lágrimas. Como conservar minhas recordações e proteger meu coração? Eu disse bruscamente:

— Telefonarei a meus amigos, dizendo que não irei.

— Por quê? — disse Lewis. — Que ideia!

— Prefiro ficar aqui mais um dia.

— Mas você estava muito contente de vê-los — disse ele, com censura, como se nada no mundo lhe tivesse sido mais estranho do que uma mudança de humor.

— Já não estou com vontade.

Ele encolheu os ombros:

— Acho-a absurda.

Não telefonei. Com efeito, era absurdo ficar, se Lewis achava isso absurdo. Ver-me mais um dia, ou menos um dia, não tinha importância para ele. Então que é que me proporcionaria arrastar-me mais um dia por essa praia? Despedi-me de um por um. “Você volta?”, perguntou Dorothy e eu disse: “Sim.” Arrumei as malas, confiei-as a Lewis e não carreguei senão uma bolsinha para a noite. Quando ele fechou atrás de nós a porta da casa, perguntou-me:

— Você não quer despedir-se da represa? — Sacudi a cabeça e andei para o ponto do ônibus. Se ele me tivesse amado, não haveria um drama

em deixá-lo por 24 horas. Mas fazia muito frio em mim: eu precisava de sua presença para aquecer-me. Nessa casa eu havia preparado para mim um ninho desconfortável, mas, em todo caso, era um ninho, eu me acomodava. Tinha medo era de aventurar-me a céu aberto.

O ônibus parou. Lewis depositou sobre a minha face um beijo de rotina:

— Divirta-se bastante. — E a porta bateu. E ele desapareceu. Logo, outra porta bateria, e ele desapareceria para sempre: como iria eu suportar longe dele esta certeza? Quando me instalei no trem, caía a noite. Uma rosa-chá aparecia no céu e eu compreendia, agora, que pode-se desmaiar respirando o perfume de uma rosa. Atravessamos a pradaria. E, depois, o trem entrou em Chicago. Eu reconhecia as fachadas de tijolos pretos, ladeadas de escadas e de sacadas de madeira: era essa, numa tiragem de milhares de exemplares, a casa de meu amor, que não era mais minha casa.

Desci na estação central. As janelas dos edifícios se acendiam, os anúncios de néon começavam a brilhar. Os faróis, as vitrines em festa, o barulho enorme das ruas me atordoavam. Parei à beira do rio. As pontes estavam levantadas, um cargueiro de chaminés pretas fendia ao meio, solenemente, a cidade que o recebia. Lentamente, desci até o lago, ao longo das águas escuras, onde cintilavam fogos cativos. Essas pedras transparentes, esse céu pintado, essas águas de onde subiam as luzes e os rumores de uma cidade submersa não eram um sonho sonhado por outrem. Era humana, fervilhante, real, uma cidade da Terra por onde eu andava, em carne e osso. Como ela era bonita, sob os seus brocados de prata! Eu a olhava atentamente e alguma coisa zumbia, com timidez, em meu coração. Acredita-se que seja o amor que dá ao mundo todo o seu brilho: mas também o mundo enche o amor com suas riquezas. O amor estava morto e eis que a Terra ainda estava aí, intacta, com sua música secreta, seus odores, sua ternura. Eu me sentia emocionada, como o convalescente que descobre que, durante suas febres, o sol não se apagou.

Nem Myriam nem Philipp conheciam Chicago. Mas tinham achado um meio de marcar encontro comigo no mais sofisticado restaurante da cidade. Ao atravessar o luxuoso saguão, detive-me diante de um espelho. Era a primeira vez, depois de muitas semanas, que eu me via, de corpo inteiro. Eu me tinha penteado e maquilado como pessoa da cidade, havia desenterrado minha blusa de tecido indígena. Suas cores eram tão preciosas como em Chichicastenango, eu não envelhecera, não me achava

desfigurada; não me era desagradável rever minha imagem. Sentei-me no bar, e com surpresa me recordei, bebendo um martíni, de que existem esperas tranquilas e que a solidão pode ser suave.

— Querida Anne! — Myriam me beijava. Sob seus cabelos de ébano e prata ela parecia mais jovem e mais decidida do que nunca. O aperto de mão de Philipp estava carregado de inefáveis subentendidos. Ele havia engordado um pouquinho. Mas guardara o encanto de adolescente e a elegância distante. Falamos com incoerência da França, do casamento de Nancy, do México. E fomos mendigar uma mesa na grande sala de teto inundado de cristal e dirigida por um *maître d'hôtel* desdenhoso. Era — sabe Deus por que capricho — a reconstituição exata da sala de Bath chamada Pump-room, onde os ingleses elegantes do século XVIII iam tomar banho. Empregados pretos, travestidos de marajás indianos, brandiam, sobre pontas de lanças, pedaços de carneiros flamejantes; outros, trajados à laiaios do século XVIII, passeavam com peixes gigantescos.

— Que palhaçada! — disse eu.

— Gosto desses lugares ridículos — disse Philipp, sorrindo, com seu sorriso delicado. Foi-lhe, enfim, concedida a mesa que havia reservado, e ele organizou com cuidado os nossos cardápios. Quando começamos a conversar, notei com surpresa que estávamos de acordo a respeito de quase nada. Haviam lido o livro de Lewis, não o achavam tão hermético. No México, as touradas os tinham desagradado. Em compensação, as aldeias indígenas de Honduras e da Guatemala lhes pareciam édens poéticos.

— Poéticos para os turistas! — disse eu. — Mas vocês não viram todos aqueles jovens cegos e as mulheres com ventres inchados? Esquisito paraíso!

— Não se devem julgar os índios segundo os nossos padrões — disse Philipp.

— Quando se morre de fome, morre-se de fome. Isto é igual para todo o mundo.

Philipp levantou as sobrancelhas:

— É engraçado — disse. — A Europa acusa os americanos de serem materialistas. Mas vocês atribuem muito mais importância do que nós aos aspectos materiais da vida.

— É preciso talvez ter gozado do conforto americano para compreender a que ponto o conforto importa — observou Myriam.

Ela devorava, distante, sua porção de pato com cerejas; seu vestido, de um azul elétrico, descobria bonitos ombros maduros: era certamente capaz de dormir no reboque de um *trailer* e de seguir, durante certo tempo, um regime vegetariano cuidadosamente dosado.

— Não se trata de conforto — disse eu, mais ou menos interessadamente. — Estar privado do necessário é coisa importante. Nada mais importa.

Philipp me sorriu:

— O que é necessário a uns não é aos outros. Você sabe melhor do que eu como a felicidade é coisa subjetiva. — Sem dar-me tempo para responder, ele continuou: — Estamos tentados a ir passar um ano ou dois em Honduras, para trabalhar em paz. Estou certo de que essas velhas civilizações têm muito a nos ensinar.

— Não vejo, na verdade, o quê — disse eu. — Na medida em que vocês censuram o que se passa na América neste momento, melhor seria tentar fazer alguma coisa contra.

— Você também tem essa psicose! — disse Philipp. — Agir é a obsessão de todos os escritores franceses. Isto traz à tona curiosos complexos: porque eles sabem muito bem que não mudarão absolutamente nada.

— Todos os intelectuais americanos dão testemunho de impossibilidade — repliquei. — Isso é que parece um complexo curioso. Vocês não terão o direito de indignar-se, no dia em que a América se tornar completamente fascista e no dia em que desencadear a guerra.

Myriam deixou cair sobre o prato o croquete de arroz selvagem fixado na ponta de seu garfo:

— Você fala como uma comunista, Anne — disse ela, secamente.

— A América não quer a guerra, Anne — disse Philipp, fixando sobre mim um olhar cheio de reprovação. — Diga-o a seus amigos franceses. Se cuidamos dela ativamente, é precisamente para não termos que fazê-la. E jamais seremos fascistas.

— Não é o que vocês diziam há dois anos. Pensavam que a democracia americana estivesse seriamente ameaçada.

O semblante de Philipp tornou-se muito grave:

— O que eu compreendi depois é que é impossível defender a democracia por métodos democráticos. O fanatismo da URSS nos obriga a uma firmeza simétrica, o que acarreta excessos que sou o primeiro a lamentar, mas que não significam que tenhamos escolhido o fascismo: exprimem o drama geral do mundo moderno.

Encarei-o com admiração. Dois anos antes, entendíamos-nos bem. Então ele reivindicava firmemente a independência de seu pensamento: e tinha-se deixado convencer, com tanta facilidade, pela propaganda oficial! A razão sem dúvida estava com Lewis, quando dizia: “Somos cada vez menos numerosos...”

— Em outros termos, a atual política do departamento de Estado lhe parece exigida pela situação? — perguntei.

— Mesmo que a gente pudesse imaginar uma diferente, querida Anne — disse ele, com doçura —, eu é que não seria capaz de impô-la. Não, se a gente quiser recusar qualquer cumplicidade com esta época desoladora, a única solução é retirar-se para algum recanto perdido e lá viver, à margem do mundo.

Eles queriam continuar levando, sem preocupações, sua confortável vida de estetas. Nenhum argumento lhes penetraria no superior egoísmo. Decidi passar por cima:

— Creio que poderíamos discutir a noite toda, sem nos convencer — disse eu. — É tempo perdido. As discussões não conduzem a coisa alguma.

— Principalmente depois de termos ficado privados de você tão longo tempo e quando estamos tão felizes em revê-la! — disse Philipp, com um sorriso. Pôs-se a falar de um novo poeta americano.

— Anne, entregamos esta noite às suas mãos. Estou certo de que você é um guia admirável — disse Philipp, ao sair do restaurante.

Entramos no carro e levei-os à beira do lago. Philipp aprovou:

— É o mais bonito dos *skylines* da América, mais bonito que o de Nova York. Em compensação, os teatros burlescos se revelaram inferiores aos de Boston, os bares de vagabundos menos pitorescos que os de San Francisco. — Estas comparações me espantavam: a que se podiam comparar esses lugares que Lewis uma noite havia tirado do nada? Teriam eles, pois, sua localização na geografia? O fato é que eu descobria com facilidade, através de minhas recordações, os caminhos que conduziam para lá. O

Clube Delisa pertencia a um passado morto, não se situava em parte alguma da Terra: e eis que ele me aparecia à esquina de uma rua, que cruzava uma outra; ambas tinham um nome, estavam marcadas no mapa.

— O ambiente é excelente — disse Philipp, com ar satisfeito. E, olhando os malabaristas, os dançarinos, os acrobatas, eu me perguntava com mal-estar o que teria acontecido se, dois anos antes, pelo telefone, houvesse respondido: “Vou.” Com certeza teríamos tido algumas belas noites; mas eu não o haveria amado muito tempo, não o haveria jamais amado de verdade. Parecia-me muito estranho que o acaso tivesse decidido por mim com tanta segurança. Sem dúvida não foi por um acaso que Philipp preferiu um fim de semana em Cape Cod a mim, que por deferência para com sua mãe ele houvesse deixado de encontrar-me em meu quarto; mais exaltado, mais generoso, ele também teria pensado, sentido e vivido diferentemente: teria sido outro. Isto não impediria que as circunstâncias um pouco diferentes tivessem podido atirar-me em seus braços, me privado de Lewis. Esta ideia revoltava-me. Nossa história custara para mim muitas lágrimas. Entretanto, por nada no mundo eu consentiria em arrancá-la do meu passado. E era repentinamente um consolo pensar que, mesmo terminada, condenada, ela continuaria para sempre a viver em mim.

Quando saímos do clube, Philipp nos levou novamente ao lago. Os grandes edifícios se haviam evaporado nas brumas da madrugada. Ele parou o carro ao lado do planetário, descemos os pequenos degraus das pedras, para ouvir de mais perto o gemido das águas tendendo para o azul: como eram novas, sob um céu de reflexos de ardósia! “Também para mim”, disse-me eu, com esperança, “a vida vai recomeçar: será ainda uma vida, a minha vida.” No dia seguinte à tarde passei com Myriam e Philipp através dos parques, das avenidas, dos mercados, que pertenciam, com toda a evidência, a uma cidade terrestre, onde eu sabia orientar-me sem ajuda. Se o mundo me fosse devolvido, o futuro não seria mais inteiramente impossível.

Todavia, quando, ao crepúsculo, o carro vermelho rodou para Nova York, hesitei em voltar para casa: tinha medo do quarto abandonado e do luto de meu coração. Sentei-me num cinema. Depois andei pelas ruas. Nunca até então eu havia passeado só em Chicago, de noite. Sob os seus véus de paetês, a cidade perdera aquele ar hostil, mas eu não sabia o que fazer

dela. Rodava, desamparada, em meio a uma festa para a qual não tinha sido convidada, e meus olhos se embaçavam. Cerrei os lábios. Não, não quero chorar. Na verdade, não choro, disse a mim mesma. São as luzes da noite que tremem em mim, e sua cintilação se condensa em gotas salgadas à margem de meus cílios. Porque eu estou aí, porque não voltarei, porque o mundo é rico demais, pobre demais, o passado é pesado demais, é leve demais; porque não posso fabricar felicidade com este momento belo demais, porque meu amor morreu e eu sobreviverei a ele.

Tomei um táxi. Reencontrei-me na esquina da alameda pontuada por latas de lixo. Na imundície escura, tropecei contra o primeiro degrau da escada; ao redor do reservatório de gás, brilhava uma coroa vermelha e, ao longe, apitava um trem. Abri a porta; havia luz no quarto, mas Lewis dormia. Tirei a roupa, apaguei a luz, estendi-me naquela cama em que tanto havia chorado. Onde tinha eu encontrado todas aquelas lágrimas? Por que as chorara? De súbito, nada mais havia que merecesse um soluço. Deitei-me bem-encostada à parede. Fazia tanto tempo que não me deitava no calor de Lewis que tive a impressão de que um desconhecido me cedera por piedade um pedaço de seu colchonete. Lewis se mexeu, estendeu a mão:

— Você voltou? Que horas são?

— É meia-noite. Não quis chegar antes de você.

— Oh! Eu já estava aqui às dez horas. — Sua voz era a de quem estava completamente acordado: — Como esta casa é triste, não?

— Sim. Um saguão funerário.

— Um saguão funerário que perdeu a serventia — disse ele. — Está cheia de espectros: a pequena meretriz, a louca, o batedor de carteira, toda essa gente que não mais tornarei a ver. Eles não virão à casa de Parker: eu gosto muito dela, mas é muito ajuizada. Aqui...

— Aqui, havia magia — disse eu.

— Magia? Não sei. Mas ao menos vinham pessoas, aconteciam coisas.

No escuro, deitado de costas, Lewis evocava em voz alta os dias e as noites passadas neste quarto e meu coração sofria um aperto. Tinha-me parecido poética a sua vida, assim como parecera a Philipp a vida dos índios; para ele, entretanto, que existência austera! Quantas semanas, quantos meses sem um encontro, sem uma aventura, sem uma presença! Como ele deveria ter desejado uma mulher que fosse sua, inteiramente!

Por um instante, acreditara fugir à solidão, ousara desejar outra coisa além da segurança: ficara decepcionado, tinha sofrido, conseguira retomar a posse de si mesmo. Passei a mão sobre o rosto: daqui por diante meus olhos permaneceriam secos. Eu compreendia muito bem que ele não se pudesse ter dado ao luxo da saudade, nem ao da espera; eu não desejava ser um espinho em sua vida. Não me cabia sequer o direito a uma saudade; não me ficava nenhuma queixa; em mim não permanecia absolutamente nada. Repentinamente, Lewis acendeu a luz. Sorriu-me:

— Anne, você não passou um verão muito ruim?

Hesitei:

— Não foi o melhor da minha vida.

— Eu sei — disse ele —, eu sei. E há muitas coisas que lamento. Às vezes você pensava que eu me sentia superior ou hostil; não era verdade, absolutamente. Mas há instantes em que tenho um nó no peito. Deixaria, então, morrer todo o mundo e eu mesmo morreria, sem fazer um gesto.

— Sei também — respondi. — Suponho que isso remonte a muito longe; deve ter origem na sua juventude muito dura e, sem dúvida, na sua infância.

— Ah! Você não vai analisar-me! — disse ele, rindo, mas já na defensiva.

— Não, não tenha medo. Mas eu me lembro de quando, há dois anos, no Clube Delisa, lhe quis devolver meu anel e viajar para Nova York. Você me disse, passado o incidente: “Eu não teria podido arrancar-me uma palavra...”

— Eu disse? Que memória, a sua!

— Sim, tenho boa memória. Mas isso não ajuda. Você não se lembra de que, naquela noite, fizemos amor sem dizer uma palavra, você parecia hostil e eu perguntei: “Sente ao menos amizade por mim?” Então você se meteu bem no canto, contra a parede, e me respondeu: “Amizade? Mas eu a amo!”

Tinha-lhe imitado a voz arrogante e Lewis deu uma gargalhada:

— Parece absurdo!

— Você disse, e nesse tom.

O olhar fixo no teto, ele murmurou, com leve entonação:

— Pode ser que a ame ainda.

Algumas semanas antes, eu teria, avidamente, tomado conta desta frase, teria tentado fazer com que germinasse dela uma esperança; porém, não teve eco em mim. Era natural que Lewis se interrogasse sobre seus estados de alma. Pode-se sempre jogar com palavras. Entretanto, de qualquer modo, nosso caso chegara ao fim; ele sabia e eu também.

Não falamos nem do passado, nem do futuro, nem de nossos sentimentos, durante os últimos dias: Lewis lá estava, eu perto dele, e isto bastava. Como nada pedíamos, nada nos era recusado: poderíamos sentir-nos completamente satisfeitos. Talvez o estivéssemos. Na noite de minha partida, eu disse:

— Lewis, não sei se pararei de amá-lo; mas sei que por toda a minha vida você estará em meu coração.

Ele me apertou contra si:

— E você no meu, por toda a minha vida.

Tornaríamos a ver-nos? Eu não queria interrogar-me a respeito. Lewis me acompanhou ao aeroporto, deixou-me diante dos guichês com um beijo apressado e eu criei o vazio em mim. Pouco antes de subir ao avião, um empregado entregou-me uma caixa de papelão, em que repousava, sob um sudário de papel de seda, uma orquídea enorme. Quando cheguei a Paris, ela ainda não tinha murchado.

Capítulo XI

Uma abelha zumbia ao redor do cinzeiro. Henri levantou a cabeça e respirou o odor açucarado dos floxes. De novo sua mão deslizou sobre o papel, acabou de copiar a página rasurada. Gostava dessas manhãs à sombra da tília. Talvez porque não fizesse nada mais do que escrever: um livro lhe parecia outra vez algo importante. E, depois, estava contente que Dubreuilh tivesse gostado do seu romance. Certamente esta novela também lhe agradaria. Henri tinha a impressão de que pelo menos uma vez havia feito exatamente o que se propusera fazer: era agradável estar contente consigo mesmo.

A cabeça de Nadine apareceu a uma janela, entre duas venezianas azuis:

— Como você parece uma pessoa estudiosa! Lembra até um estudante fazendo os deveres de férias.

Henri sorriu. Sentia-se com uma feliz e limpa consciência de estudante:

— Maria está acordada? — perguntou ele.

— Sim, vamos descer — disse Nadine.

Ele arrumou seus papéis. Meio-dia. Era tempo de partir, se é que ele queria evitar Charlier e Méricaud. Eles iriam atacar Dubreuilh novamente, a propósito do tal semanário, e Henri estava cansado de repetir: “Não quero meter-me nisso.”

— Aqui estamos! — disse Nadine.

Em uma das mãos ela trazia uma sacola de compras e, na outra, algo de que estava muito orgulhosa: era o meio-termo entre uma mala e um berço. Henri pôs-lhe a mão:

— Cuidado! Não a sacuda! — disse Nadine.

Henri sorriu para Maria. Ele estava ainda enormemente admirado de haver tirado do nada uma menina novinha, uma menina de olhos azuis, de cabelos pretos, e que era dele. Ela olhava para o vazio com confiança, enquanto ele a instalava no fundo do carro.

— Vamos embora depressa! — disse Henri.

Nadine sentou-se ao volante: adorava dirigir.

— Passo primeiro pela estação, para comprar os jornais.

— Se fizer questão...

— Claro que faço questão. Principalmente porque hoje é quinta-feira.

Na quinta-feira saíam *L'Enclume* e *L'Espoir-Magazine*, que se havia fundido com *Les Beaux Jours*. Nadine não queria perder tão belas ocasiões de ficar indignada.

Compraram uma porção de jornais e rodaram para a floresta. Nadine não falava quando dirigia, era muito aplicada. Henri olhou-lhe amistosamente o perfil teimoso. Achava-a comovente, quando ela se deixava fascinar por uma tarefa com aquela seriedade ardorosa. Foi isso principalmente, essa sua boa vontade desordenada, o que o tinha sensibilizado quando recomeçara a encontrar-se com ela. No primeiro dia, ela lhe dissera: “Você sabe, eu mudei.” Não havia mudado tanto. Mas constatara que alguma coisa nela não estava certa e procurava reformar-se. Ele tinha querido ajudá-la. Dissera a si mesmo que, se a fizesse feliz, a libertaria desse ressentimento confuso que lhe envenenava a vida. Uma vez que ela queria muito que ele se casasse com ela, decidiu casar: tinha-lhe afeição bastante para isso. Moça esquisita! Precisava sempre arrancar com violência aquilo que a gente estava inteiramente disposto a dar-lhe. Henri tinha certeza de que ela havia maquinado a sua gravidez, sendo desonesta quanto às datas, para forçar a barra. E, depois disso, certamente, ela se convencera de que, pondo-o diante do fato consumado, havia-o apenas ajudado a tomar consciência de seus desejos verdadeiros. Ele a encarou com perplexidade. Ela possuía tesouros de má-fé, mas também muita lucidez. Com certeza, no fundo de si mesma, Nadine duvidava de que ele tivesse agido por livre vontade. Era por isso, em grande parte, que ele não tinha conseguido torná-la verdadeiramente feliz: ela dizia a si mesma que ele não a amava de verdade; por isso, queria-lhe mal. “Talvez eu agisse melhor”, dizia Henri a si mesmo, “explicando-lhe que sempre me senti livre, porque nunca fui tolo.” Mas isso humilharia penosamente Nadine, saber-se frustrada. Ficaria convencida de que Henri a desprezava e de que casou-se por piedade: nada poderia magoá-la mais. Ela detestava que a julgassem e também que a enchessem de presentes generosos. Não, de nada adiantaria dizer-lhe a verdade.

Nadine parou o carro à beira da represa.

— É realmente um bom lugar: durante a semana, não há ninguém, nunca.

— Vai ser agradável, dentro da água — disse Henri.

Ela verificou se Maria estava bem-acomodada e eles tiraram a roupa. Sob o vestido de algodão, Nadine trazia um biquíni verde, muito exíguo. Suas pernas eram menos pesadas do que antigamente e seus seios tão jovens como então. Ele disse bem-humorado:

— Você é uma bela meretriz!

— Oh! Você também está em forma — disse ela, rindo.

Correram para a represa. Ela nadava deitada sobre a barriga e mantinha a cabeça com majestade, ereta, acima da água. Parecia até que a levava numa bandeja. Ele gostava muito do seu semblante. “Gosto dela”, dizia a si mesmo. “Gosto mesmo muito dela: por que não será isto amor, inteiramente?” Alguma coisa em Nadine o gelava: sua desconfiança, seus rancores, sua má-fé, a solidão hostil em que se obstinava. Mas talvez se a amasse mais ela se tornasse mais aberta, mais expansiva, mais amável. Havia aí um círculo vicioso. O amor não se impõe. Nem a confiança. Nenhum dos dois podia começar.

Nadaram muito tempo e estenderam-se ao sol. Nadine tirou da sacola um pacote de sanduíches. Henri pegou um.

— Sabe — disse ele, depois de um momento —, pensei de novo naquilo que ontem você me contou sobre Sézenac. Não chego a acreditar. Trata-se mesmo de Sézenac? Vincent tem certeza disso?

— Absoluta — respondeu Nadine. — Levou um ano, mas ele acabou reencontrando pessoas e fazendo-as falar. Sézenac dava o golpe da passagem da linha. Entregou muitos judeus aos alemães. Foi ele mesmo.

— Mas por quê? — disse Henri.

Ele ouvia a voz entusiasta de Chancel: “Trago-lhe o meu melhor companheiro.” Via o belo rosto duro e puro, que inspirava confiança imediatamente.

— Por dinheiro, suponho — disse Nadine. — Ninguém desconfiava, mas ele já devia estar viciado em entorpecentes.

— E por que tomaria entorpecentes?

— A esse respeito nada sei.

— Onde está ele agora?

— Vincent gostaria muito de saber! Ele o escorraçou porta afora no ano passado, quando viu que se tratava de um traidor. Depois, perdeu-o de

vista. Mas há de achá-lo — acrescentou.

Henri mordeu seu sanduíche. Não desejava que achassem Sézenac. Dubreuilh lhe havia prometido que, em caso de reação forte, juraria ter conhecido muito bem Mercier. Ambos agiriam por si mesmos, é certo, com violência: mas seria preferível, mesmo assim, que aquela história não voltasse à tona.

— Em que você pensa? — perguntou Nadine.

— Em Sézenac.

Ele não havia contado a Nadine o caso Mercier. É certo que ela jamais trairia um segredo; entretanto, não encorajava confidências; demonstrava excessiva curiosidade e escassa simpatia. Era preciso ter muita simpatia para aceitar essa história: apesar da indulgência de Dubreuilh e de Anne, Henri nunca voltava a pensar nisso sem sentir um mal-estar. Enfim, obtivera o que queria. Josette não se tinha suicidado, tornara-se uma estrelinha, de quem se falava muito. Via-se-lhe a fotografia todas as semanas, num jornal ou outro.

— Sézenac será encontrado — repetiu Nadine.

Abriu um jornal. Henri também pegou um. Enquanto ele estivesse na França, não poderia deixar de vê-los. E, todavia, passaria muito bem sem eles. Penhora da Europa pela América, sucesso do RPF, retorno maciço dos colaboradores, inabilidade dos comunistas: era deprimente. Em Berlim, as coisas não tomavam jeito, a guerra poderia muito bem explodir numa destas manhãs. Henri deitou-se de costas e fechou os olhos. Em Porto Venere, não abriria mais um jornal. Para quê? Uma vez que não se pode impedir nada, é preferível aproveitar o resto da vida na maior despreocupação. “Isto escandaliza Dubreuilh: mas ele acha razoável viver como se a gente não fosse morrer nunca; é a mesma coisa”, disse Henri a si mesmo. “Para que se preparar? De qualquer modo, a gente nunca está pronto, e sempre o está, suficientemente.”

— É inacreditável a receptividade obtida por esse livro miserável de Volange! — disse Nadine.

— É claro: na hora atual, a imprensa toda é da direita — observou Henri.

— Mesmo na direita, nem todos são idiotas.

— Mas têm muita necessidade de uma obra-prima! — disse Henri.

O livro de Volange era uma grande miséria. Mas ele havia lançado um slogan muito engenhoso: “integrar o mal”. Havia sido colaboracionista;

era o mesmo que ter bebido nas fecundas fontes do erro; um linchamento no Missouri era o pecado, portanto, a Redenção; bendita seja a América por todos os seus crimes e viva o plano Marshall. Nossa civilização é culpada: é o seu mais alto título de glória. Querer realizar um mundo mais justo... Que grosseria!

— Diga-me, minha pobre alma: quando seu romance aparecer, como será recebido?...

— Desconfio!... — Henri bocejou. — Ah! Já perdeu a graça! Posso ver por antecipação o artigo de Volange e também o de Lenoir. Mesmo os outros, os que se dizem imparciais, sei o que dirão.

— O quê? — perguntou Nadine.

— Vão censurar-me por não ter escrito nem *Guerra e paz* nem a *Princesa de Clèves*. Observe que as bibliotecas estão cheias de todos os livros que não escrevi — acrescentou jovialmente. — Mas são sempre estes dois que me atiram na cara.

— Quando Mauvanes espera publicar o seu livro?

— Dentro de dois meses, no fim de setembro.

— Não estaremos longe de embarcar — disse Nadine. Estirou-se: — Gostaria de já estar lá.

— Eu também — disse Henri.

Não teria sido gentil deixar Dubreuilh só; ele compreendia que Nadine teria gostado de esperar a volta da mãe para, então, partir. Aliás, Henri achava agradável viver em Saint-Martin. Mas acharia muito mais agradável viver na Itália. Aquela casa à beira-mar, entre rochedos e pinheiros, era justamente o gênero de lugar com que sonhara muitas vezes, sem nele acreditar, quando, em outros tempos, pensava: abandonar tudo, ir embora para o sul, escrever.

— Levaremos um bom toca-discos e bastantes discos — disse Nadine.

— E também bastantes livros — acrescentou Henri. — Vamos levar uma vida boa, você verá.

Nadine levantou o busto e firmou-se no cotovelo:

— É engraçado. Vamo-nos instalar na casa de Pimienta e este vem a Paris. Langstone não quer mais pôr os pés na América...

— Estamos os três no mesmo caso — disse Henri. — Escritores que se meteram em política e que estão fartos dela. Ir para o estrangeiro é a melhor maneira de cortar as amarras...

— Fui eu quem teve a ideia daquela casa — disse Nadine com satisfação.

— Foi você. — Henri sorriu: — Acontece às vezes de você ter boas ideias.

O rosto de Nadine tornou-se sério; por um instante ela olhou o horizonte com expressão dura e, bruscamente, se levantou:

— Vou dar mamadeira a Maria.

Henri seguiu-a com os olhos. Que é que ela pensara, exatamente? O que era certo é que se resignava mal ao fato de não ser mais do que mãe de família. Com Maria nos braços, sentou-se sobre um tronco de árvore; deu-lhe a mamadeira com autoridade, com paciência, era um ponto de honra ser mãe competente, adquirira sólidos conhecimentos de puericultura e uma porção de objetos higiênicos; jamais Henri, entretanto, havia surpreendido em seus olhos uma ternura real quando ela se ocupava de Maria. Sim, era isso que tornava difícil amá-la: até em relação ao bebê guardava distância, permanecia sempre emparedada dentro de si mesma.

— Vai entrar de novo na água? — perguntou ela.

— Vamos lá.

Nadaram ainda por um momento, secaram-se, vestiram-se e Nadine retomou o volante.

— Espero que tenham ido embora — disse Henri, quando o carro parou diante do portão.

— Vou ver — respondeu Nadine.

Maria dormia. Henri levou-a até a casa, colocando-a sobre a arca do vestíbulo. Nadine colou o ouvido à porta do escritório; empurrou o batente:

— Está sozinho?

— Sim. Entrem, entrem logo — gritou Dubreuilh.

— Vou pôr a pequena para dormir — disse Nadine.

Henri entrou no escritório e sorriu:

— Pena você não ter podido ir conosco! A água estava boa.

— Irei um dia desses — disse Dubreuilh. Pegou de sua mesa uma folha de papel: — Tenho um recado para você. Um certo Jean Patureau, irmão do advogado que você conhece, telefonou pedindo que lhe ligue com urgência. O irmão dele enviou de Madagascar informações que deseja transmitir a você.

— Por que quererá ver-me? — perguntou Henri.

— Por causa dos seus artigos do ano passado, suponho. Você foi o único a pôr os pingos nos “is”. — Dubreuilh estendeu o papel a Henri: — Se o sujeito lhe der pormenores sobre o que se trama lá, você terá tempo de escrever um artigo para a *Vigilance*, se se atrasar um pouco a saída da edição.

— Vou telefonar logo — disse Henri.

— Méricaud me dizia que é sem precedentes o que eles fazem lá, julgando os acusados *in loco*. Em todos os casos análogos, os processos correram na França.

Henri sentou-se:

— Transcorreu bem o almoço?

— Esse pobre Charlier está-se acabando cada vez mais — disse Dubreuilh. — É triste envelhecer.

— Tornaram a falar no semanário?

— Foi por isso que vieram. Parece que Manheim quer me ver de qualquer modo.

— É mesmo engraçado — disse Henri. — Quando se teve necessidade de dinheiro, nunca se pôde obtê-lo. E, agora que não se pede nada a ninguém, aparece um sujeito que persegue você para forçá-lo a aceitar a grana.

Manheim era filho de um grande banqueiro morto no exílio; ele mesmo havia sido deportado e passara três anos num sanatório da Suíça. Lá escrevera um livro muito ruim, mas cheio de boas intenções. Metera na cabeça fundar um grande semanário esquerdista e queria que fosse Dubreuilh quem o dirigisse.

— Vou vê-lo — disse Dubreuilh.

— E que vai dizer-lhe? — perguntou Henri. Sorriu: — Você está começando a ficar tentado?

— Reconheça que é tentador — disse Dubreuilh. — Exceção feita aos jornalecos comunistas, não existe um semanário de esquerda. Se realmente se puder fazer um negócio de grande tiragem, com fotografias, reportagens etc., valerá a pena mesmo assim.

Henri levantou os ombros:

— Você se dá conta do trabalho que representa um grande semanário de sucesso? Nenhuma vinculação com a *Vigilance*. É preciso dedicar-se ao jornal dia e noite, sobretudo no primeiro ano.

— Sei — disse Dubreuilh. Procurou o olhar de Henri: — É por isso que não posso pensar em aceitar, a não ser que você tope também.

— Bem sabe que estou de partida para a Itália — disse Henri, com um pouco de impaciência. — Mas, se esta história lhe interessa realmente, você não custará a achar colaboradores — acrescentou.

Dubreuilh sacudiu a cabeça:

— Não tenho nenhuma experiência de jornalismo; se se fizer este semanário, terei necessidade de um especialista ao meu lado. Você sabe como as coisas se passam: será ele, praticamente, quem terá a principal influência em tudo. É preciso que eu possa confiar nele como em mim mesmo: só há você...

— Mesmo que eu não viajasse, jamais me encarregaria de tal trabalho — disse Henri.

— É uma pena! — disse Dubreuilh, censurando. — Porque esse gênero de trabalho se ajusta bem a nós. A gente poderia fazer uma boa coisa.

— E daí? — retrucou Henri. — Estamos ainda mais encurralados do que no ano passado. Que ação se pode ter? Nenhuma.

— Há, contudo, certas coisas que dependem de nós — respondeu Dubreuilh. — A América quer armar a Europa: eis aí um ponto a respeito do qual se pode organizar uma resistência; e para tal coisa o jornal é singularmente útil.

Henri se pôs a rir:

— Em suma, você não estará procurando uma ocasião para entrar novamente na política? Que saúde!

— Quem tem saúde? — perguntou Nadine, entrando no escritório.

— Seu pai: ele ainda não enjoou da política. Quer recomeçar.

— É bom ocupar-se — disse Nadine.

Ela se ajoelhou diante da coleção de discos e pôs-se a desarrumá-los. “Sim”, pensou Henri, “Dubreuilh se aborrece; é por isso que ele tem vontade de se mexer.”

— Nunca me senti tão feliz como depois que larguei a política — disse Henri. — Não me comprometerei de novo, por nada no mundo.

— É lamentável, todavia, este marasmo. A esquerda completamente desagregada, o partido comunista isolado: seria preciso cuidar de um reagrupamento.

— Você pensa num novo SRL? — perguntou Henri, com voz incrédula.

— Não especialmente! — respondeu Dubreuilh, que encolheu os ombros e acrescentou: — Não penso em nada de preciso. Constató que estamos em maus lençóis e desejo que saíamos daí.

Houve um silêncio. Henri recordava uma cena muito parecida: Dubreuilh o pressionava, ele se defendia e pensava que logo estaria longe de Paris, em algum lugar. Mas, àquela altura, ele ainda acreditava ter deveres. Hoje estava bastante convencido de sua impossibilidade de sentir-se absolutamente livre. “Quer eu diga sim, quer eu diga não, não é do destino da humanidade que se trata: apenas da maneira pela qual eu ligo meu destino ao dela. Dubreuilh gosta de confundi-los; isto é com ele. Eu não. De um modo ou de outro, não se trata senão dele, senão de mim, nada mais está em jogo.”

— Posso pôr um disco? — perguntou Nadine.

— Claro que sim — disse Dubreuilh.

Henri se levantou:

— Quanto a mim, vou trabalhar.

— Não se esqueça de telefonar para aquele sujeito — lembrou Dubreuilh.

— Não me esqueço — disse Henri.

Atravessou o saguão e tirou o fone do gancho. A pessoa que se achava do outro lado da linha parecia perdida de preocupação e de timidez. Sentia-se que havia recebido de lá uma mensagem imperiosa, que devia transmitir imediatamente ao seu destinatário, a qualquer preço. Disse com pompa:

— Meu irmão me escreveu; ninguém faz nada, mas estou certo de que Henri Perron fará alguma coisa.

Henri pensou: “Não farei mais de um artigo a respeito.” Marcou encontro com Patureau para o dia seguinte, em Paris, voltou para debaixo da tília, e sentou-se. Eis por que estava tão apressado em partir para a Itália. Aqui receberia ainda muitas cartas, muitas visitas, muitos telefonemas. Expôs diante de si seus papéis. O toca-discos tocava o quarteto de Franck, Nadine escutava, sentada sobre o parapeito da janela aberta. As abelhas zumbiam em torno dos ramos de flores. Um carro de boi passou pelo caminho, com seu ruído clássico. “Que paz!”, pensou Henri. Por que o obrigariam a ocupar-se do que se passava em Tananarive? Acontecem continuamente coisas horríveis sobre a Terra: entretanto, não se vive por toda a Terra. Meditar o tempo todo sobre desgraças longínquas,

que não podem ser remediadas, é um lúgubre deleite. Pensou: “Aqui é onde eu vivo, e aqui está a paz.” Olhou Nadine. Parecia recolhida, o que não lhe era habitual. Ela, que tinha dificuldades em concentrar-se sobre um livro, podia ouvir longo tempo a música de que gostava. E, nesses momentos, a gente sentia fazer-se nela um silêncio parecido com a felicidade. “É preciso”, disse Henri a si mesmo, “que eu a faça feliz; este círculo vicioso deve poder quebrar-se.” Fazer alguém feliz é concreto, é sólido e nos absorve bastante, se nos interessarmos por isso. Ocupar-se de Nadine, educar Maria, escrever seus livros: não era exatamente a vida a que ele antes aspirava. Antes, acreditava que a felicidade fosse um modo de possuir o mundo, ao passo que é sobretudo um modo de se proteger contra ele. Mas, apesar disso, era doce, e muito, ouvir essa música, olhar a casa, a tília e, sobre a mesa, as folhas manuscritas, dizendo a si mesmo: “Sou feliz.”

O artigo de Henri sobre Madagascar foi publicado no dia 10 de agosto. Ele o havia escrito com ardor. Execução ilegal da principal testemunha, atentados contra os advogados, suplícios infligidos aos acusados, a fim de lhes arrancar falsas confissões: a verdade era ainda muito mais monstruosa do que ele havia imaginado. E não era somente em Tananarive que tais coisas se passavam: era aqui, na França, com a cumplicidade de todo o mundo. Eram cúmplices as Câmaras, que haviam votado a abolição das imunidades, cúmplices o governo, o Tribunal de Cassação e o presidente da República, cúmplices os jornais, que se calavam, e os milhões de cidadãos que se acomodavam com este silêncio. “Pelo menos agora há alguns milhares deles que estão a par”, disse Henri a si mesmo, ao ter em mãos o número de *Vigilance*. E pensou, com mágoa: “Não é grande coisa.” Ele havia estudado este caso tão de perto, interessou-se de tal modo a respeito, que o mesmo passou a concernir-lhe pessoalmente. Toda manhã procurava nos jornais os magros artigozinhos dedicados ao processo e pensava nisso o dia todo. Tinha muita dificuldade em concluir sua novela. Quando escrevia à sombra da tília, o odor das flores, o burburinho da aldeia não tinham mais o mesmo sentido que antes.

Estava trabalhando naquela manhã, distraidamente, quando tocaram a campainha. Atravessou o jardim, para ir abrir: era Lachaume.

— Você! — exclamou Henri.

— Sim. Gostaria de falar-lhe — disse Lachaume, com tranquilidade de voz. — Você não parece contente de ver-me, mas deixe-me entrar, mesmo assim — acrescentou. — O que tenho a dizer vai interessar-lhe.

Lachaume envelhecera durante estes dezoito meses. E tinha olheiras.

— Sobre o que quer falar-me?

— Sobre o caso malgaxe.

Henri abriu a porta:

— Que é que você tem a ver com um fascista sujo?

— Oh!, deixe isso! — disse Lachaume. — Você sabe o que é a política. Quando escrevi aquele artigo, era necessário que o fizesse. É velha essa história.

— Tenho boa memória — disse Henri.

Lachaume o olhou com um ar incomodado:

— Guarde-me rancor, se faz questão disso. Embora, na verdade, você devesse compreender! — disse, com um suspiro. — Mas, por enquanto, não se trata nem de você, nem de mim: há vidas humanas a salvar. Sendo assim, você pode escutar-me cinco minutos.

— Escuto-o — disse Henri, designando-lhe uma das poltronas de vime. Na realidade, já não sentia nenhuma raiva contra Lachaume: todo esse passado estava extremamente longe dele.

— Você acaba de escrever um belíssimo artigo, direi mesmo um artigo de que provocaria agitação — disse Lachaume com decisão.

Henri encolheu os ombros:

— Infelizmente não agitou muita gente.

— Sim, a desgraça é essa — disse Lachaume, que procurou o olhar de Henri. — Suponho que, se oferecessem a possibilidade de uma ação mais ampla, você não a rechaçaria.

— De que se trata? — perguntou Henri.

— Em duas palavras. Estamos organizando um comitê de defesa dos malgaxes. Teria sido preferível que outros tomassem essa iniciativa, em vez de nós. Mas os idealistas pequeno-burgueses nem sempre têm uma consciência ativa; oportunamente, são capazes de fazer vistas grossas, sem protestar. O fato é que ninguém ergue o dedo.

— Até aqui vocês também não fizeram grande coisa — observou Henri.

— Não podemos — disse Lachaume, prontamente. — Todo este caso foi montado para liquidar o MDRM. Através dos parlamentares malgaxes,

visa-se o partido. Se os defendermos com excesso de barulho, a coisa se voltará contra eles.

— Admitamos — disse Henri. — Então?

— Então tive a ideia de um comitê, do qual fariam parte dois ou três comunistas e a maioria não comunista. Quando li seu artigo, convenci-me de que ninguém estava mais qualificado do que você para presidi-lo. — Lachaume interrogou Henri com o olhar: — Os companheiros não são contra. Apenas, antes de lhe ser feita uma proposta oficial, Lafaurie quer ter a certeza de que você aceitará.

Henri silenciou. Fascista, vendido, salafrário, duas caras: eles me haviam destinado todas as traições. E, de súbito, reapareciam, estendendo a mão, o que lhe dava um pequeno sentimento de triunfo muito agradável.

— Quem integrará, exatamente, esse comitê? — perguntou.

— Todos os indivíduos mais ou menos importantes que quiserem aderir — disse Lachaume. — Não formam legião. — Ele encolheu os ombros: — Eles têm tanto medo de se molhar! Deixariam que fossem torturados até a morte vinte inocentes, em vez de se comprometerem conosco. Se você tomar conta do caso, tudo mudará — acrescentou ele, com uma voz instantânea. — A você eles acompanharão.

Henri hesitou:

— Por que vocês não pedem antes a Dubreuilh? O nome dele tem mais peso que o meu, e ele com certeza dirá sim.

— Será bom ter Dubreuilh — disse Lachaume. — Mas o seu nome é que é necessário pôr na frente. Dubreuilh está muito perto de nós. É preciso, principalmente, que esse comitê não pareça de inspiração comunista. Ou estará perdido. Com você, não há equívoco.

— Estou vendo — disse Henri, secamente. — É na medida em que sou um socialista traidor que posso ser útil a vocês.

— Ser útil a nós! — disse Lachaume, a voz irritada. — Aos acusados é que você pode ser útil. Que é que está pensando? Que temos nós a ganhar com essa história? Você não percebe — continuou ele, observando Henri com reprovação. — Todos os dias, ainda na manhã de hoje, a gente recebe de Madagascar cartas e despachos desesperados: “Falem! Alertem a opinião. Digam ao pessoal da metrópole o que se passa aqui.” E temos as mãos atadas! Que nos resta fazer senão tentar agir pelas beiradas?

Henri sorriu. A veemência de Lachaume o tocava. É verdade que ele era capaz de executar baixas tarefas, não, porém, de aceitar tranquilamente que inocentes fossem torturados e massacrados à vontade.

— Que é que você quer? — perguntou, conciliatoriamente. — Tudo está tão misturado entre vocês, as mentiras políticas e os verdadeiros sentimentos, que a gente tem dificuldade em orientar-se!

— Se vocês não tivessem começado logo por acusar-nos de maquiavelismo, poderiam se orientar melhor — disse Lachaume. — Vocês sempre parecem acreditar que o partido não trabalha senão para si mesmo! Você se lembra, em 1946, de quando interviemos em favor de Cristino Garcia: censuraram-nos por haver tornado inevitável a execução dele. Hoje, agimos na surdina, e então você vem dizer-me: “Vocês não fazem grande coisa.”

— Não se exalte — disse Henri. — Você parece ter-se tornado muito suscetível.

— Você não percebe: essa desconfiança que a gente encontra em toda parte... Acaba por exasperar!

Henri teve vontade de lhe responder: “Culpa de vocês!” Nada disse, porém. Não se sentia com direito de assumir superioridades fáceis. Na verdade, não estava mais sentido com Lachaume. Lachaume lhe havia dito, um dia, no bar Rouge: “Engolirei seja o que for, antes de deixar o partido.” Henri pensava que, diante dos interesses em jogo, a pessoa de Lachaume não pesasse muito: por que daria esse valor maior à de Henri? Indubitavelmente, nestas condições, a amizade não era mais possível. Mas nada impedia que trabalhassem juntos.

— Ouça, não desejo nada mais do que trabalhar com você — disse ele. — Não acho que tenhamos muitas chances de alcançar êxito, mas, enfim, vamos tentar.

O rosto de Lachaume desanuviou-se:

— Posso dizer a Lafaurie que você aceitará?

— Sim. Mas explique-me um pouco o que vocês têm em vista.

— Vamos discutir isso juntos — disse Lachaume.

“Aí está”, disse Henri a si mesmo, “mais uma vez isso se verifica: cada coisa correta que se faz é paga com novas obrigações.” Os editoriais que fizera em 1947 o haviam levado a escrever o artigo da *Vigilance*, o que o

impelia a organizar esse comitê: tinha-se deixado pegar novamente. “Mas não por muito tempo”, pensou.

* * *

— Você deveria ir deitar-se, parece fatigada — disse Nadine, com uma voz entediada.

— Foi a viagem de avião que me cansou — disse Anne, como que se desculpando. — E, depois, há a diferença de horas: dormi mal a noite passada.

O escritório apresentava um ar festivo. Anne voltara na véspera e Nadine tinha colhido todas as flores do jardim, para encher a casa com elas. Entretanto, ninguém estava muito alegre. Anne havia adquirido um sério toque envelhecido e bebia uísque em excesso; Dubreuilh, que se sentia reanimado tanto nos últimos tempos, parecia preocupado: sem dúvida, por causa de Anne. Nadine andava mais ou menos amuada, tricotando alguma coisa de cor vermelho-viva. A narrativa de Henri deixará a noite ainda mais sombria.

— O que houve, afinal? Acabou-se? — perguntou Anne. — Já não há mais esperança alguma de salvar aqueles sujeitos?

— Não vejo nenhuma — respondeu Henri.

— Dizia-se que a Câmara ia dar o golpe decisivo — disse Dubreuilh.

— Se você houvesse assistido à sessão, teria ficado admirado — disse Henri. — Eu pensava estar protegido por uma blindagem, mas em certos momentos tive desejos de matar.

— Sim, foram fortes — disse Dubreuilh.

— Da parte dos políticos, isso não me admirava — observou Anne. — O que não consigo compreender é que, de um modo geral, o povo tenha reagido tão pouco.

— Para isso, eles não reagiram — explicou Henri.

Gérard Patureau e os outros advogados tinham vindo a Paris, decididos a remover céu e terra. O comitê os tinha auxiliado na medida do possível. Mas eles se defrontaram com a indiferença geral.

Anne olhou para Dubreuilh:

— Você não acha isso desanimador?

— Não — respondeu ele. — Tudo o que prova é que a ação não se improvisa. A gente partiu de zero; então, evidentemente...

Dubreuilh havia entrado no comitê, porém não se ocupava dele realmente. O que o interessara nessa história é que retomara contatos políticos. Havia-se inscrito no movimento dos Combatentes da Liberdade. Tomou parte em um de seus comícios e ia recomençar dali a alguns dias. Não insistia para que Henri o acompanhasse, não tocava mais, com ele, no assunto do semanário, mas às vezes deixava escapar uma censura mais ou menos disfarçada.

— Improvisada ou não, ação alguma conduz a parte alguma, no momento atual — disse Henri.

— É você quem o diz — disse Dubreuilh. — Se tivéssemos tido atrás de nós um grupo já organizado, um jornal, fundos, talvez conseguíssemos sensibilizar a opinião pública.

— Isto nada tem de certo.

— Em todo caso, convença-se de que, para nosso empreendimento ter chances de triunfar um pouco mais, se voltar a ocasião, é preciso que seja preparado antecipadamente.

— Para mim, a ocasião não voltará a apresentar-se — disse Henri.

— Vamos! Você me faz rir quando afirma que morreu para a política. É como eu. Preocupou-se muito com isso para não se preocupar mais. Será novamente empolgado.

— Não, porque vou abrigar-me — disse Henri, alegremente.

Os olhos de Dubreuilh se iluminaram:

— Faço uma aposta: Você não ficará um ano na Itália.

— Aceito a aposta — replicou Nadine, vivamente. Voltando-se para a mãe: — Que é que você acha?

— Não sei — respondeu Anne. — Depende da maneira como vocês se derem lá.

— Como quer que a gente não se dê bem lá? Você viu a fotografia da casa: não é bonita?

— Parece muito bonita — respondeu Anne, que se levantou bruscamente: — Peço desculpas. Estou caindo de sono.

— Subo com você — disse Dubreuilh.

— Trate de dormir esta noite — disse Nadine, beijando a mãe. — Juro-lhe que você está com uma péssima aparência.

— Dormirei — disse Anne.

Quando ela fechou a porta, Henri procurou o olhar de Nadine:

— É verdade que Anne está com uma expressão de cansaço.

— Está com ar fatigado e sombrio — disse Nadine com rancor. — Se sente tanta falta de sua América, devia ter ficado lá.

— Ela não lhe contou como foram as coisas na América?

— Que é que você pensa! Ela é toda cheia de segredos. Aliás, a mim nunca me dizem nada — acrescentou Nadine.

Henri a encarou com curiosidade:

— Você tem relações estranhas com sua mãe.

— Por que estranhas? — perguntou Nadine, como que aguçada. — Amo-a muito, mas frequentemente ela me irrita. Suponho que com ela se dê o mesmo. Isso nada tem de raro: são assim as relações de família.

Henri não insistiu. Mas sempre o havia surpreendido este fato: cada uma dessas mulheres se mataria pela outra e, todavia, entre elas existia alguma coisa que não colava. Nadine ficava muito mais agressiva e muito mais teimosa na presença da mãe. Anne se esforçou por parecer alegre, nos dias seguintes, e Nadine se tornou risonha. Mas sempre se tinha a impressão de que poderia desabar uma tempestade de uma hora para outra.

Naquela manhã, Henri as viu de seu quarto, quando saíam do jardim de braços dados, rindo. Ao atravessarem de novo o gramado, duas horas depois, Anne trazia um pão comprido sob o braço, Nadine trazia jornais, e pareciam discutir.

Era hora do almoço. Henri arrumou seus papéis, lavou as mãos e desceu à sala de estar. Anne achava-se sentada em uma cadeira, com uma expressão de ausente. Dubreuilh lia *L'Espoir-Magazine* e Nadine, a seu lado, o espiava.

— Olá! Que há de novo? — perguntou Henri, sorrindo a todos.

— Isto! — respondeu Nadine, mostrando o jornal. — Espero que você vá quebrar a cara de Lambert — acrescentou ela, secamente.

— Ah! Começou? Lambert me joga na lama? — disse Henri, com um sorriso.

— Se ele só jogasse você!

— Veja — disse Dubreuilh, passando o jornal a Henri.

Chamava-se “Autorretratos”. Lambert começava por lamentar, mais uma vez, a nefasta influência exercida por Dubreuilh: era culpa sua se, depois de um brilhante começo, Henri havia perdido todo o talento. Em seguida, Lambert resumia o romance de Henri, ajudado por citações truncadas e

ajustadas de maneira burlesca. Com o pretexto de fornecer as chaves de um livro que este não tinha, ele exibiu sobre a vida particular de Henri, de Dubreuilh, de Anne, de Nadine, uma porção de detalhes, meio verdadeiros e meio falsos, selecionados de modo a torná-los tão odiosos quanto ridículos.

— Que patife! — exclamou Henri. — Eu me lembro dessa conversa sobre nossas relações com o dinheiro. E eis o que ele tirou daí: esse miserável parágrafo sobre “a hipocrisia dos privilegiados da esquerda”. Que patife! — repetiu Henri.

— Você não vai deixar passar isto! — disse Nadine.

Henri interrogou Dubreuilh com o olhar:

— Gostaria muito de quebrar-lhe a cara, o que aliás não seria difícil. Mas o que é que a gente vai ganhar com isso? Um escândalo, repercussões em todos os jornais, um novo artigo, pior ainda do que este...

— Bata bem forte, e ele calará a boca — aconselhou Nadine.

— Não, seguramente — disse Dubreuilh. — Tudo o que ele pede é que se fale a seu respeito: agarrará a oportunidade. Sou de opinião que Henri deve relevar — concluiu.

— E, assim, no dia em que lhe aprouver, nada o impedirá de fazer novo artigo e de ir ainda mais longe nesse terreno — ponderou Nadine. — Se ele meter na cabeça que nada tem a temer, soltará as rédeas.

— É assim, sempre que a gente se põe a escrever — disse Henri. — Todo o mundo tem o direito de cuspir na gente: muitos o consideram mesmo como um dever.

— Quanto a mim, não escrevo — disse Nadine. — Ninguém tem o direito de cuspir em mim.

— Isso no princípio indigna — disse Anne. — Você verá: a gente se habitua. — Ela se ergueu: — E se almoçássemos?

Sentaram-se em silêncio em torno da mesa. Nadine fisgou na travessinha uma rodela de salame e seu rosto se descontraiu.

— Irrita-me pensar que ele vai triunfar em paz — disse ela, num tom perplexo.

— Não triunfa tanto assim — disse Henri. — Fazia questão de escrever narrativas, romances: e, fora seus artigos, Volange não publicou nada dele, depois daquela famosa novela, que era tão ruim!

Nadine voltou-se para Anne:

— Disseram-lhe o que ele se atreveu a escrever na semana passada?

— Não.

— Declarou que os partidários de Pétain haviam gostado da França à sua maneira e que estão muito mais perto dos gaullistas do que um resistente separatista. Ninguém até agora tinha chegado a tanto! — disse Nadine, parecendo satisfeita. — Ah! Eles mudaram muito de opinião, os velhos companheiros — acrescentou. — Leu a crítica de Julien sobre o livro de Volange?

— Robert me mostrou — disse Anne. — Julien! Quem haveria de dizer!

— Não é de admirar tanto — interveio Dubreuilh. — Um anarquista, hoje... Que quer que ele venha a ser? Os pequenos jogos de destruição, na esquerda, não divertem a ninguém.

— Não vejo por que um anarquista se tornaria inevitavelmente um RPF — disse Nadine.

Toda explicação ela tomava por uma escusa, e muitas vezes se recusava a compreender para não estragar o seu prazer de indignar-se. Houve um silêncio. A conversa deles a quatro nunca tinha sido fácil, e agora era menos. Henri se pôs a falar com Anne de um romance que ela trouxera da América e que ele acabava de ler. Dubreuilh pensava em outra coisa, Nadine também. Todo o mundo ficou aliviado, quando a refeição acabou.

— Posso usar o carro? — perguntou Nadine, saindo da mesa. — Se alguém quisesse cuidar de Maria, bem que eu iria dar uma volta.

— Eu cuidarei dela — disse Anne.

— Não me leva? — perguntou Henri, sorrindo.

— Em primeiro lugar, você não tem nenhuma vontade de ir — disse Nadine. — Em segundo, prefiro ficar só — acrescentou, também sorrindo.

— Está bem, não insisto! — disse Henri. Ele a beijou: — Passeie bastante, e seja prudente.

Ele não tinha vontade de ir passear, mas tampouco de trabalhar. Dubreuilh afirmava que sua primeira novela era boa, a que queria escrever no momento o interessava muito. Mas ele se sentia um pouco desanimado esses dias. Já não estava na França e ainda não estava na Itália. O processo de Tananarive tinha acabado sem acabar, uma vez que os acusados se negavam a defender-se e o veredicto era previsto por antecipação. As atividades de Dubreuilh o aborreciam e, todavia, ele invejava levemente as alegrias que lhe advinham daí. Pegou um livro. Graças a Deus, suas horas

e seus dias não eram mais contados, ele não tinha a obrigação de forçar-se. Esperaria até estar instalado em Porto Venere para começar seu novo livro.

Por volta das sete horas, Anne o chamou para tomar o aperitivo, na forma de um rito que ela havia instaurado. Dubreuilh estava ainda escrevendo, quando Henri entrou no escritório. Afastou seus papéis:

— Aí está uma boa coisa pronta.

— Que é? — perguntou Henri.

— O planejamento do que direi sexta-feira, em Lyon.

Henri sorriu:

— Realmente, você tem coragem: Nancy, Lyon... que cidades sinistras!

— Sim, Nancy é sinistra — disse Dubreuilh —, e, todavia, guardo uma boa recordação daquela noite.

— Eu suspeito de que está um pouquinho viciado.

— Talvez. — Dubreuilh sorriu: — Não saberia explicar-lhe. Após o *meeting*, fomos a um barzinho comer chucrute e beber cerveja. O lugar nada tinha de especial, eu mal conhecia os indivíduos que estavam comigo. Quase não conversávamos. Mas havíamos feito uma coisa juntos, e uma coisa com que todos se achavam contentes: estava bom.

— Eu sei, conheci isso — disse Henri. Na guerra, durante a Resistência, no jornal, em seu primeiro ano, ele tinha tido desses momentos: — Isso nunca me aconteceu no SRL — acrescentou.

— Nem a mim. — Dubreuilh tomou às mãos de Anne um copo de martíni e bebeu um gole: — Não éramos tão modestos. Para desfrutar essas pequenas aventuras, é preciso trabalhar diretamente.

— Diga-me, não me parece tão modesto querer impedir a guerra! — exclamou Henri.

— É modesto, porque não tornamos a apresentar-nos com ideias preconcebidas, que queríamos impor ao mundo — disse Dubreuilh. — O SRL tinha um programa construtivo: era, de fato, utopia. O que faço agora se parece muito mais com o que fiz em 1936. A gente procura defender-se contra um dado perigo, utilizando os meios disponíveis. É muito mais realista.

— É realista, se serve a alguma coisa — disse Henri.

— Pode servir.

Seguiu-se um silêncio. Henri pensou: “Que será que ele tem exatamente na cabeça?” Tinha aceitado, com muita facilidade, o ponto de vista de

Nadine. “Ele se agita, porque se aborrece.” Esse cinismo era insuficiente. Henri havia aprendido a não levar Dubreuilh cegamente a sério, o que não autorizava a considerá-lo como um louco.

— Há uma coisa que não compreendo — disse Henri. — Você afirmava, no ano passado, que pessoalmente não podia admitir o que chamava de “novo humanismo”, e eis que está marchando a sério com os comunistas. O que o incomodava não o incomoda mais?

— Você sabe — disse Dubreuilh —, esse humanismo é exatamente a expressão do mundo atual. Não se pode mais recusá-lo, como não se pode recusar o mundo. A gente pode abster-se, é tudo.

Henri disse a si mesmo: “Eis o que ele pensa de mim: abstenho-me.” Até a morte Dubreuilh continuaria a mostrar superioridade sobre seu próprio passado e sobre o dos outros. Henri pensou: “Enfim, fui eu quem o procurou.” Queria compreendê-lo, não defender-se contra ele. Inútil defender-se: sabia-se seguro. Sorriu:

— Por que você deixou de abster-se?

— Porque um dia me senti novamente envolvido — respondeu Dubreuilh. — Oh! é muito simples — continuou. — No ano passado, eu pensava: “Tudo é mau, e o menor mal é ainda duro demais de engolir para que eu o considere um bem.” Só que a situação se agravou ainda mais. O pior mal se tornou de tal maneira ameaçador, que minhas reticências em relação à URSS e ao comunismo me pareceram muito secundárias. — Dubreuilh olhou para Henri: — O que me espanta é que você não sinta isso como eu.

Henri encolheu os ombros:

— Vi muitos comunistas este mês, trabalhei com Lachaume. Compreendo muito o ponto de vista deles: mas não dá certo, com eles nunca dá certo.

— Não se trata de entrar no partido — disse Dubreuilh. — Mas não é preciso estar de acordo em tudo para lutar juntos contra a América e contra a guerra.

— Você é mais devotado do que eu. Não vou sacrificar a vida que tenho vontade de levar por uma causa em que creio apenas pela metade.

— Ah!, não me venha com esse gênero de argumento! — disse Dubreuilh. — Faz-me pensar em Volange, quando disse: “O homem não merece que se tenha interesse por ele.”

— Não é absolutamente a mesma coisa — redarguiu Henri, vivamente.

— Mais do que você acredita. — Dubreuilh interrogou Henri com o olhar: — Você está bem-convencido de que, entre a URSS e a América, é necessário escolher a URSS?

— Evidentemente.

— Pois bem, isso basta. Há uma coisa de que a gente precisa convencer-se — disse ele com ardor. — É que não há outra adesão senão a escolha, outro amor senão a preferência. Se, para comprometer-se, espera-se encontrar a perfeição absoluta, nunca se amará ninguém e jamais se fará coisa alguma.

— Mesmo sem exigir a perfeição, a gente pode achar más as coisas e não ter vontade de se meter — disse Henri.

— Mas em relação a quê? — perguntou Dubreuilh.

— Em relação ao que poderiam ser.

— Isto é, a ideias que você concebe. — Dubreuilh encolheu os ombros: — A União Soviética tal como deveria ser, a revolução sem lágrimas, tudo isso são puras ideias, isto é, zero. Evidentemente, comparada à ideia, a realidade sempre é torta. Desde que a ideia se encarne, deforma-se. Apenas, a superioridade da URSS sobre todos os socialismos possíveis é que ela existe.

Henri olhou para Dubreuilh interrogativamente:

— Se o que existe tem sempre razão, só resta cruzar os braços.

— De nenhum jeito. A realidade não é cristalizada. Tem um futuro, tem possibilidades. Apenas, para agir sobre ela e para pensar nela, é preciso instalar-se nela e não perder tempo com sonhos pequenos.

— Você sabe, eu não sonho — disse Henri.

— Quando a gente diz: “As coisas são más”, ou como eu, no ano passado: “Tudo é mau”, é que a gente pensa, calmamente, num bem absoluto. — Dubreuilh olhou Henri nos olhos: — A gente não o percebe, mas é preciso uma singular arrogância para colocar os sonhos acima de tudo. Se fôssemos modestos, compreenderíamos que existe, de um lado, a realidade, de outro, nada. Não conheço erro pior do que preferir o vazio ao pleno — acrescentou ele.

Henri voltou-se para Anne, que tomava silenciosamente um segundo martíni:

— Que pensa a respeito?

— Pessoalmente, sempre tive dificuldades em considerar um mal menor como um bem — respondeu ela. — Mas é que, durante muito tempo, acreditei em Deus. Penso que Robert tem razão.

— Pode ser — disse Henri.

— Falo com conhecimento de causa — disse Dubreuilh. — Também tentei justificar minha má vontade com a indignidade do mundo.

Henri encheu de novo o seu copo. Será que Dubreuilh não estava justamente justificando suas más disposições a golpes de teorias? Pensou: “Mas, se se vai por aí, é também por má disposição que procuro desvalorizar o que ele me diz.” Decidiu dar-lhe um crédito, pelo menos até o final da conversa.

— Mesmo assim — disse ele —, parece-me antes pessimista essa sua maneira de ver as coisas.

— Ainda aí, não é pessimista senão em relação a ideias que antigamente eu formulava; ideias muito mais risonhas. A história não é risonha. Mas, como não há meio algum de escapar-lhe, é necessário procurar a melhor maneira de vivê-la: na minha opinião, não é a abstenção.

Henri tinha querido fazer-lhe outras perguntas, mas ouviu no vestíbulo um rumor de passos. Nadine empurrou a porta:

— Olá, bando de beberrões! — disse ela alegremente. — Vocês podem beber à minha saúde: mereço um brinde de honra! — Ela os olhou com ar triunfante: — Adivinhem o que fiz!

— Que foi? — perguntou Henri.

— Fui a Paris e vinguei vocês: esbofetei Lambert.

Houve um silêncio curto.

— Onde o encontrou? Como aconteceu? — perguntou Henri.

— Bem, subi até *L'Espoir* — disse Nadine, com soberba. — Cheguei à redação. Estavam todos lá: Samazelle, Volange, Lambert e uma porção de novos, gente de má cara. Faz um efeito engraçado imaginar isso! — Nadine se pôs a rir: — Lambert pareceu respirar com dificuldade, resmungou coisas, porém não o deixei falar. Eu lhe disse: “Tenho uma velha dívida com você: estou contente com o fato de que me haja dado oportunidade de reembolsá-lo.” E meti-lhe a mão na cara.

— Que fez ele? — perguntou Henri.

— Oh! Representou a dignidade, assumiu ares importantes. Eu tratei de sair.

— Ele não disse que eu mesmo poderia cumprir minhas obrigações? Era o que, em seu lugar, eu diria — disse Henri, que não queria repreender Nadine, mas que estava muito descontente.

— Não ouvi o que ele disse — continuou Nadine. Olhou um por um, um pouco desafiadoramente: — Então? Não me felicitam?

— Não — disse Dubreuilh. — Não acho que tenha sido uma proeza o que você fez.

— Quanto a mim, eu acho — disse Nadine. — Vi Vincent ao sair de lá: disse-me que eu era extraordinária — acrescentou, num tom vingativo.

— Se você deseja publicidade, acertou em cheio — disse Dubreuilh. — Os jornais vão divertir-se à larga.

— Não ligo para os jornais — disse Nadine.

— Provou que liga!

Eles se entreolharam com animosidade.

— Se lhes agrada que os cubram de merda, melhor para vocês — disse Nadine, encolerizada. — A mim não agrada. — Ela se voltou para Henri: — Tudo por culpa sua — disse bruscamente. — Por que você foi contar nossas histórias a todo o mundo?

— Ora, não falei de nós — respondeu Henri. — Você bem sabe que os personagens são todos inventados.

— Vamos! Há cinquenta coisas em seu romance que se aplicam a papai e a você. E reconheci três frases minhas.

— São proferidas por pessoas que não têm nenhuma relação com você — disse Henri. Encolheu os ombros: — É evidente que mostrei tipos de nossos dias e em situação parecida com a nossa: mas há milhões assim; os que descrevi não representam, particularmente, nem a seu pai, nem a mim. Pelo contrário, com relação à maioria dos pontos, meus personagens não se parecem absolutamente conosco.

— Não protestei porque ainda achariam que eu estava inventando histórias — disse Nadine com amargura. — Mas acredita que isso é agradável? Conversa-se com você tranquilamente, sente-se de igual para igual e, enquanto isso, você observa, vai anotando as coisas na memória e, zás!, um belo dia encontramos, preto no branco, palavras que dissemos para que fossem esquecidas, gestos que não tinham importância. Chamo a isso abuso de confiança!

— Não se pode escrever um romance sem apanhar as coisas que nos rodeiam — disse Henri.

— Pode ser — disse Nadine com raiva —; e, neste caso, não nos deveríamos dar com escritores!

Henri sorriu-lhe:

— Você está bem mal-arranjada!

— Caçoe de mim agora — disse ela, tornando-se rubra.

— Não caçoo de você — disse ele, passando-lhe o braço em volta dos ombros: — Não vamos fazer um drama com esta história.

— São vocês que o estão fazendo! Ah! Vocês têm boa aparência, aí, os três, a me olhar com ares de juiz!

— Vamos, ninguém a julga — disse Anne em tom conciliador. Ela procurou o olhar de Dubreuilh: — Contudo, satisfaz pensar que Lambert levou uma boa bofetada.

Dubreuilh não respondeu. Henri tentou interromper bruscamente aquela conversa desagradável:

— Você viu Vincent? Que é feito dele?

— Que quer você que seja feito dele? — disse Nadine, com entonação arrogante.

— Ele continua no rádio?

— Sim. — Ela hesitou: — Eu tinha uma bela história para lhe contar, mas já não tenho vontade.

— Vamos, conte! — disse Henri.

— Vincent encontrou Sézenac! — tornou Nadine. — Um hotelzinho, do lado de Batignolles. Assim que obtive o endereço, foi bater-lhe à porta, queria comunicar-lhe sua maneira de pensar. Sézenac recusou-se a abrir-lhe a porta. Vincent postou-se diante do hotel e o outro escapou por uma escada de emergência. Há três dias que não aparece: nem no hotel, nem no restaurante que costuma frequentar, nem nos bares onde se abastece de drogas, em nenhuma parte. — Acrescentou com voz triunfante: — É uma confissão, não? Se ele nada tivesse na consciência, não se esconderia.

— Isso depende do que Vincent lhe tenha dito através da porta — disse Henri. — Mesmo inocente, é possível que Sézenac ficasse com medo.

— Claro que não. Um inocente teria tentado explicar-se — observou Nadine. Voltou-se para a mãe e disse, em tom agressivo: — Isto não parece interessar-lhe. Não obstante, você conheceu Sézenac.

— Sim — disse Anne. — Pareceu-me estar viciado no mais alto grau. Quando se chega a esse ponto, é-se capaz de tudo.

Houve um pesado silêncio. Henri, inquieto, pensava: “Vincent tornará a encontrar Sézenac. E então? Se Sézenac falasse, se Lambert estivesse suficientemente furioso contra mim para confirmar a história contada por aquele... que aconteceria?” Talvez Anne e Dubreuilh estivessem a formular a si próprios a mesma pergunta.

— Muito bem, se é este todo o efeito que minha história produz em vocês, eu teria feito melhor guardando-a para mim! — disse Nadine, despeitada.

— Não, não — acudiu Henri. — É uma história esquisita, e é por isso que estamos refletindo.

— Não se dê ao trabalho de ser educado! — replicou Nadine. — Vocês são gente grande e eu não passo de uma criança. O que me diverte não os diverte; isso é normal. — Encaminhou-se para a porta: — Vou subir, para ver Maria.

Durante toda a noite permaneceu calada. “Esta vida a quatro não lhe serve”, pensou Henri. “Na Itália, as coisas irão melhor.” E, com alguma angústia, ainda pensou: “Mais dez dias!” Tudo estava arranjado. Nadine e Maria partiriam em vagão-leito, ele as precederia de carro. Daí a dez dias. Às vezes já sentia sobre o rosto um vento tépido, cheirando a sal e a cera, e uma onda de felicidade lhe invadia o coração. Em outros momentos, experimentava um ressentimento semelhante ao rancor: como se o tivessem exilado contra a vontade.

* * *

Durante todo o dia seguinte, Henri refletiu sobre a conversa que tivera com Dubreuilh e que se havia prolongado até tarde da noite. A única questão, afirmava Dubreuilh, é decidir quais as coisas que preferimos, entre as que existem. Não se trata de resignação: resigna-se quando, de duas coisas reais, aceita-se a que tem menor valor; mas, acima da humanidade, tal qual ela é, não há nada. Sim, relativamente a certos planos, Henri estava de acordo. Preferir o vazio ao pleno é o que havia censurado em Paule: ela se agarrava a velhos mitos, em vez de tomar a ele, Henri, tal como era. Inversamente, ele nunca procurara em Nadine a “mulher ideal”; tinha decidido viver com ela, conhecendo-lhe os defeitos.

Era sobretudo quando se pensava nos livros e nas obras de arte que a atitude de Dubreuilh parecia justificar-se. Nunca se escreve os livros que se quer, e pode entreter-se olhando qualquer obra-prima como um fracasso. Entretanto, não pensamos numa arte supraterrrestre: as obras que preferimos, amamo-las com amor absoluto. No plano político, Henri sentia-se menos convencido, porque aí intervém o mal; ele não é somente um bem menor, é o absoluto da desgraça, da morte. Unicamente, se se atribui importância à desgraça, à morte, aos homens, cada um em si, não basta que se diga: “De qualquer maneira, a história é deplorável”, para se sentir autorizado a abster-se de qualquer ação: é importante que ela seja mais ou menos deplorável. A noite caía. Henri ruminava seus pesamentos à sombra da tília, quando Anne apareceu no alto da escadaria:

— Henri! — Ela o chamava com voz calma, mas premente, e ele pensou, amolado: “Mais um drama com Nadine.” Dirigiu-se para a casa.

— Às ordens.

Dubreuilh achava-se sentado ao lado da lareira e Nadine, de pé, diante dele, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, com ar resolutivo.

— Sézenac acaba de chegar — disse Anne.

— Sézenac?

— Afirma que procuram matá-lo. Há cinco dias que se esconde, mas não aguenta mais: com cinco dias sem drogas, chegou ao extremo. — Ela mostrou a porta da sala de jantar: — Ele está lá, deitado sobre o divã, doente como um cão. Vou dar-lhe uma injeção.

Anne tinha à mão uma seringa. Sobre a mesa, havia uma caixa de remédios.

— Você lhe dará a injeção depois que ele tiver falado — disse Nadine, a voz dura. — Ele esperava que mamãe fosse ingênua o bastante para ajudá-lo, sem lhe fazer perguntas. Só que não teve chance, eu estava lá.

— Ele falou? — perguntou Henri.

— Vai falar — respondeu Nadine. Ela se dirigiu vivamente para a porta e abriu-a. Com voz quase amável, chamou: — Sézenac!

Henri postou-se na soleira, ao lado de Anne, enquanto Nadine se aproximava do divã. Sézenac não se mexia, jazia de costas, gemia. Suas mãos se abriam e crispavam espasmodicamente:

— Depressa! — disse ele. — Depressa!

— Você vai ter a sua injeção — disse Nadine. — Mamãe traz-lhe morfina, olhe.

Sézenac girou a cabeça, o rosto inundado de suor.

— Só que antes você vai responder-me — tornou Nadine. — Em que ano começou a trabalhar para a Gestapo?

— Vou morrer — disse Sézenac. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces, ele dava pontapés no espaço. Era um espetáculo difícil de suportar e Henri gostaria de que Anne pusesse fim a isso, imediatamente. Ela, porém, parecia paralisada. Nadine se aproximou do divã:

— Responda e tomará a injeção. — Nadine inclinou-se sobre Sézenac: — Responda, ou isso vai acabar mal. Em que ano?

— Nunca — murmurou ele, num sopro. Deu mais um pontapé, e recaiu sobre a cama, inerte. Via-se-lhe um pouco de espuma branca, no canto da boca.

Henri deu um passo na direção de Nadine:

— Deixe-o!

— Não — disse ela com violência. — Quero que ele fale. Falará, ou morrerá. Você compreende — continuou ela, voltando-se para Sézenac —, se você não falar, deixaremos que morra.

Anne e Dubreuilh permaneciam petrificados no lugar. O fato é que, se quisessem informar-se a respeito de Sézenac, esse era o momento ou nunca de interrogá-lo. Preferível procurar saber.

Nadine agarrou Sézenac pelos cabelos:

— Sabemos que você entregou judeus, muitos judeus. Quando começou com isso? Diga. — Ela lhe sacudia a cabeça, ele gemia:

— Você está me machucando.

— Responda: quantos judeus você entregou? — disse Nadine.

Ele soltou um pequeno grito de dor:

— Eu os ajudava — disse —, eu os ajudava a passar.

Nadine o soltou:

— Você não os ajudava, entregava-os. Quantos você entregou?

Sézenac pôs-se a soluçar de encontro ao travesseiro.

— Você os entregava, confesse! — disse Nadine.

— Um de vez em quando, para salvar os outros. Era preciso — disse Sézenac. Ergueu-se, olhou ao redor com uma expressão selvagem: — Vocês são injustos! Salvei judeus. Salvei muitos deles.

— O contrário — tornou Nadine. — Você salvava um em cada vinte, para que ele lhe mandasse clientes. E entregava os outros. Quantos você entregou?

— Não sei — respondeu Sézenac. De súbito, ele gritou: — Não me deixem morrer!

— Oh! Basta — disse Anne, andando na direção do divã. Debruçou-se sobre Sézenac, repuxou-lhe a manga. Nadine voltou para o lado de Henri: — Está convencido?

— Sim. Entretanto, ainda não chego a acreditar.

Muitas vezes, Henri tinha visto Sézenac com o olhar vidrado, com as mãos úmidas. Agora o via prostrado sobre o divã. Tudo isso, porém, não apagava a imagem do jovem herói de gravata vermelha, o qual, de barricada em barricada, passeava com um grande fuzil sobre o ombro. Eles voltaram ao escritório, sentaram-se, e Henri perguntou:

— E então, que vamos fazer?

— Não há o que perguntar — disse Nadine, prontamente —, ele merece uma bala na cabeça.

— É você que vai atirar essa bala? — perguntou Dubreuilh.

— Não, mas vou telefonar à polícia — respondeu Nadine, estendendo a mão para o aparelho.

— Polícia! Você não sabe o que está dizendo! — contraveio Dubreuilh.

— Você entregaria um indivíduo à polícia? — perguntou Henri.

— Vá à merda! Um tipo que entregou dezenas de judeus à Gestapo... Você acha que vou ter pena!

— Largue esse telefone e sente-se — disse Dubreuilh, com impaciência.

— Não se trata de chamar a polícia. Dito isso, é preciso tomar uma decisão: não podemos cuidar dele, abrigá-lo e restituí-lo tranquilamente à sua bela ocupação.

— Isso seria lógico! — disse Nadine. Ela se encostou à parede, de onde olhava os outros com um ar sombrio.

Houve um silêncio. Quatro anos antes, tudo teria sido simples: quando a ação é uma realidade viva, quando se acredita em objetivos, a palavra justiça tem um sentido: um traidor é abatido. Que fazer de um velho traidor, quando nada mais se espera?

— Conservemo-lo aqui dois ou três dias, o tempo de pô-lo novamente de pé — disse Anne —; na verdade, ele está muito doente. Depois, será

mandado a alguma colônia distante: à AOF, por exemplo; conhecemos pessoas lá. Ele nunca voltará: tem muito medo de ser morto.

— E o que acontecerá com ele? A gente não vai lhe dar cartas de recomendação — disse Dubreuilh.

— E por que não? Arranjem-lhe uma renda, enquanto vocês estão aí — disse Nadine, cuja voz tremia de raiva.

— Você sabe — explicou Anne —, ele não se desintoxicará, é um verdadeiro farrapo. De qualquer modo, a vida que tem diante de si é demasiado horrível.

Nadine bateu o pé:

— Ele não sairá disso assim!

— Há tantos outros que saíram! — disse Henri.

— Não é uma razão. — Ela olhou para Henri com desconfiança: — Será que você não estaria com medo dele?

— Eu?

— Ele parecia saber coisas a seu respeito.

— Supõe que Henri fizesse parte do bando de Vincent — disse Dubreuilh.

— Não — retrucou Nadine. — Você o ouviu. Ele me disse: “Se eu falasse, seu marido se arriscaria aos mesmos aborrecimentos que eu.”

Henri sorriu:

— Você pensa que eu fui um agente duplo?

— Não sei o que pensar — respondeu ela. — Nunca me contam nada. Não ligo — acrescentou. — Vocês podem guardar seus segredos. Mas quero que Sézenac pague! Vocês têm ideia do que ele fez, não?

— Temos ideia — disse Anne. — Mas que adiantaria a você que ele pagasse? Os mortos não serão ressuscitados.

— Você fala como Lambert! Eles não serão ressuscitados, mas isso não é uma razão para que a gente os esqueça. Não estamos mortos, ainda podemos pensar neles e não beijar os pés dos que os assassinaram.

— Mas nós os esquecemos — disse Anne, bruscamente. — Talvez não seja culpa nossa. Mas isto faz com que não tenhamos mais nenhum direito sobre o passado.

— Eu nada esqueci — disse Nadine —; eu não.

— Você é como os outros; tem sua vida, tem uma filhinha, esqueceu. E, se faz tanta questão de que Sézenac seja punido, é para provar o contrário

a si mesma; é má-fé.

— Não querer participar dos pequenos arranjos de vocês é má-fé — disse Nadine, que andou na direção da porta. — Pois bem, aos seus escrúpulos eu chamo covardia! — gritou ela com violência, batendo a porta atrás de si.

— Compreendo-a — disse Anne. — Quando penso em Diego, compreendo-a. — Anne levantou-se: — Vou preparar para Sézenac uma cama no pavilhão; está dormindo; vocês só precisarão transportá-lo... — Ela saiu bruscamente. Henri teve a impressão de que Anne estava perto das lágrimas.

— Antigamente eu próprio teria sido capaz de matá-lo — disse Henri. — Hoje isso não faria sentido. E, todavia, é escandaloso ajudar semelhante tipo a viver — acrescentou.

— Sim, qualquer solução será, de qualquer jeito, má — disse Dubreuilh. Ele olhou para Sézenac: — O único momento em que os problemas comportam uma solução é quando não se apresentam. Se estivéssemos metidos na história, não haveria problema. Só que agora a gente está de fora; nossa decisão será inevitavelmente arbitrária. — Ele se levantou: — Deitemo-lo.

Sézenac dormia, o rosto calmo. Com os olhos fechados, recuperava algo de sua antiga beleza. Não era muito pesado. Transportaram-no até o pavilhão e deitaram-no vestido sobre a cama. Anne estendeu-lhe uma coberta sobre as pernas.

— Parece tão inofensivo, alguém que dorme! — murmurou ela.

— Talvez não seja tão inofensivo assim — disse Henri. — Ele sabe, com certeza, muitas coisas sobre Vincent e seus companheiros. E, neste momento, são muitos os que de boa vontade liberariam um antigo membro da Gestapo para poderem livrar-se de velhos resistentes.

— Você não acha que, se ele soubesse coisas, Vincent já teria sido abordado? — perguntou Anne.

— Ouça — disse Dubreuilh —, ao ocupar-se dele, tente entender: os viciados em drogas falam com facilidade; saberemos, talvez, o que ele traz consigo. — Dubreuilh refletiu: — Penso que, de qualquer modo, o melhor será embarcá-lo.

— Por que aconteceu que ele viesse aqui? — disse Anne.

Ela parecia tão transtornada, que Henri pensou ser preciso deixá-la a sós com Dubreuilh. Subiu ao seu quarto, dizendo haver perdido o apetite e que comeria alguma coisa um pouco mais tarde, com Nadine.

Encostou-se à janela. Divisava ao longe a massa escura de uma colina e, muito perto, o pavilhão onde Sézenac dormia: era assim que ele dormia no estúdio de Paule, numa alegre noite de Natal. Eles riam uns aos outros, felicitavam-se pela vitória, gritavam com Preston: “Viva a América”, e bebiam à saúde da URSS. E Sézenac era um traidor, a serviço da América se preparava para escravizar a Europa e, quanto ao que se passava na URSS, seria melhor não olhar muito de perto... Esvaziado das promessas que nunca encerrara, o passado não era mais do que uma fraude. Na colina negra, os faróis de um carro abriram um largo sulco brilhante. Por muito tempo, Henri permaneceu imóvel, olhando serpentear dentro da noite essas estradas de luz. Sézenac dormia, seus crimes dormiam com ele. Nadine percorria o campo; ele não tinha a mínima vontade de uma explicação. Deitou-se, sem esperar o retorno dela.

Através de um sonho confuso, Henri acreditou ouvir, de súbito, um barulho insólito, um barulho de granizo. Abriu os olhos. Uma réstia de luz se filtrava sob a porta: Nadine tinha entrado e sua cólera continuava acesa, mas o barulho não vinha de seu quarto. Houve uma chuva de pequenos cascalhos contra a vidraça. “Sézenac!”, pensou Henri, saltando do leito. Abriu a janela, debruçou-se: Vincent. Vestiu-se apressadamente e desceu ao jardim.

— Que é que você faz aqui?

Vincent achava-se sentado sobre o banco de madeira, verde, encostado à parede da casa. Seu rosto estava calmo, mas o pé esquerdo batia no chão com um movimento compulsivo; a perna de sua calça tremia.

— Estou precisando de você. Está com seu carro?

— Sim. Por quê?

— Acabo de matar Sézenac: preciso tirá-lo daqui.

Henri olhou Vincent com estupor:

— Você o matou?

— Não houve alternativa — respondeu Vincent. — Ele dormia, utilizei minha arma silenciosa. Não se fez barulho algum. — A voz com que Vincent falava era clara e rápida. Ele acrescentou: — Só que este salafrário não quis pegar fogo.

— Pegar fogo?

— Roubamos pastilhas de fósforo aos alemães, na Resistência. Isso em geral funciona muito bem. Mas talvez agora estejam muito velhos. Todavia, tive o cuidado de guardá-los em lugar seco. Esperei três horas, e a custo o ventre foi destruído. Começa a ficar tarde. A gente o embarcará no carro.

— Por que você fez isso? — murmurou Henri, que se sentou sobre o banco. Sabia que Vincent era capaz de matar, que havia matado; mas tratava-se de um saber abstrato. Até aqui, Vincent era um matador sem vítima. Sua mania, como a bebida ou a droga, só a ele punha em perigo. E eis que havia entrado no pavilhão, empunhando um revólver, cujo cano colocou sobre uma têmpera viva; e Sézenac estava morto. Durante três horas, Vincent havia permanecido a sós com um companheiro que ele acabava de matar e que não queria pegar fogo:

— A gente o teria despachado para uma floresta de onde ele nunca voltaria!

— Nunca mais! — disse Vincent, cuja perna sossegava, mas cuja palavra parecia menos segura. — Sézenac! Um delator! Veja quanto ele nos fez! Chancel, que dizia: “É meu irmãozinho!”, e a mim, pobre estúpido! Se eu não houvesse desconfiado, pela questão das drogas, ele me teria entregado aos tiras. Fiz por ele coisas que nunca fiz por ninguém. Mesmo que eu tivesse certeza de que isto vai custar-me a cabeça, arrancaria a dele para mim.

— Como você soube que ele estava aqui?

— Eu lhe havia seguido a pista — disse Vincent, com ar vago, acrescentando: — Vim de bicicleta; teria metido os restos num saco, prendido ao saco uma pedra e jogado tudo no rio; eu me teria saído bem, sozinho. Não compreendo porque ele não queimou! — repetiu Vincent, com uma expressão de perplexidade. Meditou em silêncio um instante e levantou-se: — A gente faria melhor apressando-se.

— Que você quer fazer?

— A gente o levará a tomar um banho, um pequeno banho de eternidade; marquei um lugar perfeito.

Henri não se mexeu. Tinha a impressão de que lhe pediam que matasse Sézenac com suas próprias mãos.

— Que é que não está certo? — perguntou Vincent. — Aí é que não podemos deixá-lo, não é? Agora, se você não quer me auxiliar, de acordo, empreste-me apenas o carro e resolvo isso sem você.

— Vou ajudá-lo — disse Henri. — Mas peço-lhe uma coisa, em compensação: prometa-me deixar esse bando.

— O que acabo de fazer aí é trabalho isolado — disse Vincent. — E, quanto ao meu bando, repito-lhe o que já lhe disse antes: Você nada tem de melhor para oferecer-me. Que é que você faz contra todos estes salafrários que aparecem? Nada. Neste caso, deixe que nos defendamos.

— Esse não é um modo de se defenderem.

— Você não tem coisa melhor para propor-me. Venha ou não venha — acrescentou Vincent —, mas decida-se.

— De acordo — disse Henri. — Eu vou.

O momento não comportava discussões. Ademais, ele não sabia de que falava, nada parecia real. Um vento brando brincava com os ramos da tília, o cheiro das rosas que envelheciam subia até a casa de venezianas azuis. Era uma dessas noites como todas as noites, em que nada acontece. Acompanhou Vincent até o interior do pavilhão, e foi o mundo cotidiano que tombou dentro do nada. O cheiro era irrefutável: espesso, triunfante, um cheiro que enche as cozinhas, quando a gente chamosca a penugem de um frango. Henri olhou a cama e reteve uma exclamação: um negro! O homem deitado sobre o lençol branco tinha o rosto completamente preto.

— É do fósforo — disse Vincent. Jogou o lençol: — Olhe para isto!

O pequeno orifício na têmpora estava obturado com algodão, não havia traço de sangue. Vincent era meticoloso. O corpo, de costelas salientes, tinha a cor de pão queimado, e o fósforo havia cavado no meio do ventre uma profunda fenda. Não existia semelhança alguma entre Sézenac e o homem deitado, enegrecido.

— E as roupas? — perguntou Henri.

— Ponho-as nas minhas sacolas, encarrego-me delas. — Pegou o cadáver por baixo dos braços: — Cuidado para que ele não se quebre em dois; ficaria chato — disse Vincent com voz de entendido, de enfermeiro. Henri pegou o cadáver pelos pés e transportaram-no até a garagem.

— Espere que eu pegue meus apetrechos — disse Vincent.

Ele havia escondido a bicicleta atrás de uma moita; trouxe de lá uma corda e um saco, dentro do qual havia uma pedra, para torná-lo mais

pesado.

— Não caberá no saco, mas eu me arranjurei — disse Vincent. Ligou solidamente à barriga de Sézenac a pedra envolvida no saco, que amarrou em volta do corpo, por meio de um nó corrediço: — Assim, ele vai para o fundo na certa — disse com satisfação.

Os dois deitaram o embrulho no banco de trás e o cobriram com um pano de lã xadrez. A casa parecia dormir; só a janela de Nadine permanecia iluminada: desconfiaria de alguma coisa? Empurraram o carro até a estrada e Henri esforçou-se por dar a partida sem barulho. A aldeia também parecia dormir, mas haveria, aí, certamente, maníacos insones, que espionavam quaisquer ruídos.

— Ele entregou muitos judeus? — perguntou Henri. A justiça não tinha grande coisa a ver com essa história; entretanto, Henri precisava convencer-se dos crimes de Sézenac.

— Centenas; era um trabalho em grande escala estas passagens de fronteira. Sujo! Quando penso que quase me escapou! — disse Vincent. — Culpa minha, fui desajeitado; quando encontrei a pista, fiz a estupidez de correr até o hotel dele; poderia matá-lo no próprio quarto, o que não seria muito mau. Ele se negou a abrir-me e fugiu-me por entre os dedos. Mas eu o apanhei!

A voz com que Vincent falava era meio atordoada e pouco distinta, enquanto o carro deslizava sobre a estrada adormecida. Custava a crer, sob aquele céu silencioso, que homens, um pouco por toda parte, estavam morrendo, matando, e que a presente história fosse verdadeira.

— Por que ele trabalhava com a Gestapo? — perguntou Henri.

— Necessidade de dinheiro — respondeu Vincent. — Eu achava que ele tomava entorpecentes apenas a partir da morte de Chancel, depois que tudo começou a tornar-se repugnante. Mas, não. Vem de mais longe. Pobre Chancel! Dizia que Sézenac gostava de viver perigosamente e ele admirava isso, não desconfiava que queria dizer droga e dinheiro, a qualquer preço.

— Mas por que Sézenac se entregava ao vício? Era um jovem burguês de boa origem.

— Era um transviado — disse Vincent com ar de puritano —, um transviado que se transformou num sujo. — Calou-se. Ao cabo de um instante, fez um sinal:

— Lá está a ponte.

A estrada estava deserta; o rio, deserto. Em um segundo, jogaram por sobre o parapeito a coisa que tinha sido Sézenac. Houve um barulho de água, um redemoinho, algumas ondulações ligeiras, e de novo um rio ingênuo, a estrada deserta, o céu, o silêncio. Henri pensou: “Jamais saberei quem acaba de submergir.” Esta ideia o atormentava, como se pelo menos devesse a Sézenac uma justa oração fúnebre.

— Agradeço-lhe — disse Vincent, quando fizeram meia-volta.

— Guarde seus agradecimentos — disse Henri. — Ajudei-o porque era preciso. Mas sou contra, mais do que nunca.

— Um salafrário a menos é um salafrário a menos.

— Compreendo que você tenha feito questão de acertar contas com Sézenac — disse Henri. — Mas tipos que você não conhece... não me diga que tem boas razões para matá-los; você achou nisso uma espécie de droga, você também; um vício.

— Engana-se — replicou Vincent, com vivacidade. — Não gosto de matar, não sou um sádico, detesto sangue. Havia na Resistência indivíduos para os quais matar milicianos era uma partida prazerosa. Recortavam-nos em rodela, com suas metralhadoras. Eu tinha horror disso. Sou um indivíduo normal, você bem sabe.

— Deve haver alguma coisa errada — disse Henri. — Não é normal matar por matar.

— Não mato por matar, mas para que certos salafrários morram.

— E por que faz tamanha questão de que morram?

— Um rapaz que você realmente detesta... é normal que deseje vê-lo morrer. Caso contrário, seria poupado. — Vincent encolheu os ombros: — São tolices estas histórias de que os matadores não passam de obcecados sexuais, com suas loucuras. Não digo que não haja no bando um ou dois malucos. Mas os mais desvairados são bons pais de família que têm vida sexual normal, com satisfação e sem problemas.

Rodaram em silêncio, durante um momento.

— Você compreende — continuou Vincent. — É preciso saber de que lado se está.

— Para isso não há necessidade de matar — disse Henri.

— É preciso tomar partido.

— Gérard Patureau, quando vai defender malgaxes, com risco de ser linchado, toma partido, e isso tem um sentido. Procure tomar partido, fazendo alguma coisa útil.

— Que é que você quer fazer de útil quando vamos todos morrer na próxima guerra? A gente pode acertar contas, é tudo.

— Talvez não haja guerra.

— Você ainda fala isso! As pessoas são como os ratos! — disse Vincent.

Chegaram diante do jardim. Vincent acrescentou:

— Ouça, se um dia surgir alguma coisa, você nada sabe, nada viu, nada ouviu. Sézenac desapareceu e vocês pensaram que ele deu cabo da vida. Se lhe disserem que eu falei, esteja certo e seguro de que se trata de um blefe. Negue tudo.

— Se surgir alguma coisa, não o denunciarei — disse Henri. — Por enquanto, dê o fora, quietinho.

— Dou o fora.

Henri guardou o carro na garagem. Quando a deixou, Vincent havia desaparecido. Era possível supor, com efeito, que Sézenac fugira; Vincent não pusera os pés em Saint-Martin. Nada se passara.

Passara-se alguma coisa. Na névoa cinzenta da madrugada, estavam sentados, os três, no meio da sala de estar: Anne e Dubreuilh envoltos em roupões e Nadine, totalmente vestida. Ela chorava. Ergueu a cabeça e disse, com voz selvagem:

— De onde você vem?

Henri sentou-se ao lado dela, passou um braço em torno de seus ombros.

— Por que você está chorando?

— A culpa foi minha! — gemeu Nadine.

— Que é que foi culpa sua?

— Fui eu quem telefonou a Vincent. Telefonei do café. Espero que ninguém tenha ouvido nada!

Anne disse vivamente:

— Ela só queria que Vincent denunciasse Sézenac à polícia.

— Supliquei-lhe que não viesse — disse Nadine. — Não adiantou, porém. Esperei-o na estrada, estava com medo. Ele me jurou que queria conversar com Sézenac, mandou-me que fosse para o quarto. Muito depois, atirou pedrinhas contra minha vidraça, perguntou-me qual era a sua. Que aconteceu? — interrogou ela, a voz aterrorizada.

— Sézenac está no fundo do rio, com uma grande pedra no pescoço — respondeu Henri. — Não será encontrado tão cedo.

— Oh! Meu Deus! — Nadine chorava, com soluços que agitavam todo o seu corpo vigoroso.

— Sézenac merecia uma bala na testa, você mesma o disse — observou Dubreuilh. — E acredito que foi o que poderia acontecer-lhe de melhor.

— Estava vivo, e agora está morto! — disse Nadine. — É tão horrível!

Durante um longo momento, deixaram-na chorar, sem dizer palavra. Ela ergueu a cabeça:

— Que vai haver agora?

— Absolutamente nada.

— Se ele for encontrado?

— Não será encontrado — disse Henri.

— Seu desaparecimento vai causar inquietação. Quem sabe se ele não disse à sua companheira, ou a amigos, que viria aqui? Será que ninguém na aldeia notou as suas idas e vindas, ou as de Vincent? E se houver, ao lado de Vincent, um outro espião, que descubra tudo?

— Não se preocupe. Se acontecer o pior, eu me defenderei.

— Você é cúmplice num assassinato.

— Estou certo de que, com um bom advogado, serei absolvido — disse Henri.

— Não, não é coisa certa! — disse Nadine.

Ela chorava, atormentada de remorsos que consternavam Henri. Foi por rancor contra seus pais e contra ele próprio que ela havia entrado na cabine telefônica. Seria mesmo impossível arrancar-lhe pela raiz o ressentimento pertinente de que estava sendo a primeira vítima? Como ela mesma se tornava infeliz!

— Você será metido na cadeia durante anos! — disse Nadine.

— Claro que não! — disse Henri.

Ele tomou Nadine pelo braço:

— Venha descansar. Você não dormiu a noite inteira.

— Não conseguirei dormir.

— Vai tentar. Eu também.

Subiram a escada e entraram no quarto de Henri. Nadine enxugou os olhos e assoou o nariz ruidosamente:

— Você me detesta, não é?

— Você está maluca! Sabe o que eu acho? Que você detesta todo o mundo, um pouco. Quanto aos outros, isso me é indiferente. Mas você não deve detestar a mim: porque eu a amo, e ponha isso dentro de sua cabeça.

— Não, não, você não me ama — disse Nadine. — E tem razão: não mereço ser amada.

— Sente-se aí — disse Henri, que se sentou ao lado dela, pondo a mão sobre a sua. Tinha vontade de ficar só, mas não podia abandonar Nadine a seus remorsos. Ele também tinha remorsos, porque não conseguira ganhar-lhe a confiança: — Olhe para mim! — disse ele.

Nadine voltou para Henri um pobre rosto de olhos embaraçados, e ele sentiu um grande impulso em relação a ela. Sim, a gente ama aquilo que prefere a tudo. Gostava dela mais do que de qualquer pessoa; amava-a, e precisava convencê-la disso.

— Pensa, de fato, que não a amo? É sério?

Ela encolheu os ombros:

— Por que você haveria de amar-me? Que é que lhe ofereço? Nem sou bonita.

— Ah! Acabe com esses complexos idiotas — disse Henri. — Gosto de você, tal como é. E o que me oferece é você mesma: tudo o que lhe peço, porque a amo.

Nadine olhou-o, triste:

— Gostaria muito de acreditar em você.

— Tente.

— Não — disse ela. — Conheço-me bem demais.

— Eu também a conheço, você sabe disso.

— Exatamente.

— Conheço-a e só penso bem de você: então?

— Então é que me conhece mal.

Henri pôs-se a rir:

— Aí está um belo raciocínio!

— Sou errada! — disse Nadine. — Sempre faço coisas erradas.

— Claro que não. Esta noite você estava com raiva, e isto se compreende. Não previu o que iria acontecer. Pare, portanto, de se martirizar.

— Você é gentil. Mas eu não mereço sua gentileza. — Ela se pôs a chorar novamente. — Por que sou assim? Tenho nojo de mim mesma.

— Está muito errada — disse Henri, ternamente.

— Tenho nojo de mim mesma! — repetiu ela.

— Não deve, minha querida. Olhe, tudo iria muito melhor, se você não tivesse decidido que ninguém lhe quer bem: Você está sentida com os outros por causa da suposta indiferença deles a seu respeito. Então, de vez em quando, lhes mente, ou lhes prega uma peça, em represália. Mas isto nunca vai muito longe e não vem de uma alma muito má.

Nadine sacudiu a cabeça:

— Você não sabe de que sou capaz.

Henri sorriu:

— Sei-o, e muito bem.

— Não — disse ela com voz tão desesperada que Henri tomou-a nos braços.

— Escute — disse ele. — Você tem alguma coisa que lhe pesa. Faria melhor se a revelasse a mim. Parecerá menos terrível, quando a tiver contado.

— Não posso — disse Nadine. — É horrível demais!

— Se não quiser, não conte — disse Henri. — Mas, se for o que penso, não é assim tão grave.

Nadine olhou-o com inquietação:

— Que é que você pensa?

— Trata-se de alguma coisa que diz respeito a nós dois?

— Sim — disse Nadine, sem desviar os olhos dele. Os lábios lhe tremiam.

— Você ficou grávida de propósito? É isso que a atormenta?

Nadine abaixou a cabeça:

— Como é que adivinhou?

— Era preciso que você tivesse trapaceado: seria a única explicação.

— Você tinha adivinhado! Não me diga que não lhe causo repugnância!

— Mas, Nadine, jamais você teria aceitado que eu casasse com você a contragosto, jamais faria chantagem comigo! Foi só um pequeno jogo que você jogou consigo mesma.

Ela ergueu os olhos para Henri com ar de súplica:

— Não, eu nunca teria feito chantagem.

— Bem sei. Você deve ter tido uma crise de hostilidade contra mim, por uma razão ou por outra, e então arquitetou essa história. Divertia-a impor-

me uma situação que eu não tinha desejado. Entretanto, arriscava mais do que eu, pois nunca alimentou seriamente o propósito de me forçar a fazer algo.

— Mesmo assim, foi horrível!

— Claro que não. Foi, sobretudo, inútil: um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, a gente casaria e teria um filho.

— É verdade, isso? — perguntou Nadine.

— Evidentemente. Casamos porque isso agradava a ambos. Eu me sentia menos com deveres para com você do que desconfiava de que você havia forçado o que lhe estava acontecendo.

Nadine hesitou:

— Suponho que, se lhe tivesse sido desagradável viver comigo, você não se teria disposto a isso.

— Faça um esforçozinho a mais — disse Henri, jovialmente. — Compreenda que viver com você me seria desagradável, se eu não a amasse.

— Isso é outra coisa — disse Nadine. — Pode-se gostar da companhia de alguém, sem amá-lo.

— Eu não. Enfim! Por que não quer acreditar que a amo? — perguntou ele, com alguma impaciência.

— Não é culpa minha — disse Nadine, suspirando. — Sou desconfiada.

— Você não o foi sempre. Com Diego não era.

Nadine empertigou-se:

— Era diferente.

— Em quê?

— Diego era meu.

— Não mais do que eu sou — disse Henri, vivamente. — A diferença está em que ele era uma criança: mas teria amadurecido. E, se você não decidisse, *a priori*, que todo adulto é um juiz, portanto um inimigo, minha idade não a atrapalharia.

— Com você nunca será como com Diego — disse Nadine, firmemente.

— Não há dois amores que sejam iguais — revidou Henri. — Mas por que comparar? Evidentemente, se você procura em nosso caso alguma coisa que ele não apresenta, não a achará.

— Nunca esquecerei Diego.

— Não o esqueça. Mas não se valha de suas recordações contra mim. É o que você está fazendo — acrescentou ele. — Por muitas razões, você se indispõe contra a sua vida presente; então se refugia no passado; em nome desse passado, assume ar de superioridade a tudo quanto lhe acontece.

Nadine olhou-o com certa hesitação:

— Sim, estou presa ao meu passado.

— Eu a compreendo bem — disse Henri. — Unicamente, é preciso ver uma coisa: não é de suas fortes recordações que lhe vem essa má vontade de viver. Pelo contrário, você se utiliza de suas lembranças para justificar-se.

Por um momento Nadine ficou silenciosa. Mordia o lábio inferior, parecendo concentrada:

— Por que será que tenho essa má vontade?

— Por ressentimento, por desconfiança. Estabelece-se um círculo vicioso — disse Henri. — Você duvida de meu amor. Então, quer-me mal. E, para punir-me, desconfia de mim, emburra. Mas reflita — disse ele, com voz insistente: — se a amo, mereço a sua confiança e, se você não a dá, é injusta.

Nadine encolheu os ombros, com uma expressão de desolação:

— Se se trata de um círculo vicioso, não se pode sair dele.

— Você pode — disse Henri. — Se quiser sair, sairá. — Apertou-a contra si: — Decida confiar em mim, mesmo sem estar segura de que eu o mereço. A ideia de ser enganada causa-lhe horror: isso ainda é melhor, porém, que ser injusta. E você verá — acrescentou ele: — hei de merecê-la.

— Acha que sou injusta com você? — perguntou Nadine.

— Sim. É injusta quando se queixa de eu não ser Diego. Injusta quando me considera um juiz, ao passo que sou um homem que a ama.

— Não quero — disse Nadine, com ansiedade na voz —, não quero ser injusta.

Henri sorriu:

— Não o seja mais. Se você fizer isso com alguma boa vontade, acabarei por convencê-la — disse ele, beijando-a.

Nadine atirou os braços em torno do pescoço de Henri:

— Peço-lhe perdão — disse.

— Nada tenho a perdoar-lhe. Venha — acrescentou Henri. — Agora você vai procurar dormir. Amanhã falaremos de tudo isso novamente.

Ajudou-a a deitar-se, ajeitou-a na cama. Foi para o seu próprio quarto. Nunca havia falado tão francamente com Nadine, e parecia-lhe que alguma coisa nela se tinha dobrado. Era preciso perseverar. Ele suspirou. E então? Para fazê-la feliz, seria necessário que ele próprio o fosse. Nessa manhã, Henri não sabia, absolutamente, o que tal palavra pudesse significar.

* * *

Dois dias depois, os jornais não haviam assinalado o desaparecimento de Sézenac. Henri acreditava sentir ainda, em torno do pavilhão, um cheiro de coisa queimada; a imagem do rosto inchado, da barriga aberta, não se desvanecia. Mas esse pesadelo já estava dissimulado sob outra angústia: os Três acabaram de romper com Moscou; a situação entre o Leste e o Ocidente era tão tensa, que a guerra parecia iminente. Henri e Nadine, naquela tarde, levaram Dubreuilh de carro até a estação de Lyon: ele estava triste e sombrio, como tanta gente. Henri o viu de longe, apertando mãos no saguão da estação: Dubreuilh devia achar irrisório hoje, justamente, defender a paz com discursos. Entretanto, quando se dirigiu para as plataformas, em companhia de três outros indivíduos, Henri os acompanhou com os olhos, experimentando certo ressentimento. Tinha a impressão de estar excluído.

— Que é que a gente faz? — perguntou Nadine.

— Primeiro, vamos ver sua passagem, e o tríptico.

— A gente vai, assim mesmo?

— Sim — disse Henri. — Se virmos que a situação se agrava, adiaremos nosso embarque. Mas talvez a tensão diminua. Fixamos uma data: por enquanto, a gente não muda.

Deram umas voltas, compraram discos, passaram pela *Vigilance* e, depois, por *L'Enclume*, para ver Lachaume: os comunistas haviam decidido tomar conta, oficialmente, do caso malgaxe, assim que a sentença fosse proferida; o escritório político faria uma declaração, petições circulariam, comícios seriam organizados. Lachaume entregava-se, visivelmente, ao otimismo, mas bem sabia que não se obteria nada. No tocante à situação internacional, também não estava satisfeito. Henri levou Nadine ao cinema. De volta, quando rodavam pela autoestrada, através de

um úmido crepúsculo, ela o importunou com perguntas a que ele não podia responder. “Se quiserem mobilizá-lo, que fará você? Que acontecerá, se os russos ocuparem Paris? Que fim levaremos, se a América vencer?” O jantar transcorreu sem graça e logo após Anne subiu para o seu quarto. Henri ficou no escritório com Nadine. Ela tirou de sua bolsa dois envelopes bojudos e seu bilhete de vagão-leito:

— Quer ver sua correspondência?

— Sim, dê-me.

Nadine lhe entregou um dos envelopes; examinou sua passagem:

— Veja! Vou viajar em vagão-leito: ficarei com vergonha.

— Não está contente? Antigamente você queria tanto viajar em vagão-leito!

— Quando eu viajava de terceira classe, invejava as pessoas dos vagões-leitos. Não gosto, porém, de pensar que agora é a mim que vão invejar — disse Nadine. Pôs de novo na bolsa o bilhete. — Desde que peguei esta passagem, o embarque tem-me parecido terrivelmente real.

— Por que você diz: terrivelmente?

— Um embarque é sempre um pouco terrível, não?

— A mim o que me aflige é a incerteza — disse Henri. — Gostaria de estar certo de que poderemos partir.

— De qualquer maneira, a data da partida poderia ser adiada. Não sente não tomar parte nesse comício, de que falava Lachaume?

— Uma vez que os comunistas vão atacar a fundo, não há mais necessidade de mim. Se se começar a adiar essa partida, não haverá razão para fixá-la — acrescentou Henri, vivamente. — Dia 14 começa um novo processo. E, quando se tiver acabado com o caso de Madagascar, outras coisas ocorrerão. É preciso pôr um ponto final.

— Oh! Isso é com você — disse Nadine.

Ela se pôs a folhear o *Argus* e ele abriu uma carta: carta de um jovem, e muito amável. Havia muitas cartas amáveis. Geralmente isso lhe causava prazer. Mas, naquela noite, sem que ele soubesse muito bem por quê, irritava-o pensar que aos olhos de certas pessoas ele passava por um belo espécime humano. Soaram dez horas no relógio de parede. Dubreuilh estava falando contra a guerra. Henri pensou, repentinamente, que gostaria de estar em seu lugar. Dissera muitas vezes a si mesmo: “A guerra é como a morte, não adianta preparar-se para ela.” Mas, quando um avião cai, é

preferível ser o piloto que tenta reerguê-lo a ser um passageiro aterrorizado. Fazer alguma coisa, ainda que só fosse falar, seria melhor do que ficar sentado no seu canto, com um peso obscuro no coração. Henri imaginou a sala cheia de gente, os rostos estendidos para Dubreuilh, Dubreuilh estendido para eles, lançando-lhes palavras; nenhum lugar, neles, para o medo, para a angústia; juntos, esperavam. À saída, Dubreuilh iria comer salames, tomar vinho Beaujolais: seria num barzinho qualquer, ninguém teria grande coisa a dizer aos outros, mas todos se sentiriam bem. Henri acendeu um cigarro. Não se detém uma guerra com palavras. Mas a palavra não pretende, sempre, mudar a história; é também uma certa maneira de vivê-la. No silêncio desse escritório, abandonado aos seus íntimos pesadelos, Henri sentia que a vivia mal.

— No último número, há uma boa crítica — disse Nadine. — Fala-se muito bem de seu livro.

— Essa revista se mantém — disse Henri, com indiferença.

— Seu único defeito é ser uma revista. Evidentemente, quanto à atualidade, seria outra coisa se se tivesse um semanário.

— Por que seu pai não se decide? — perguntou Henri. — Está morrendo de vontade. O pessoal do movimento dele ficaria encantado, e os comunistas veem o projeto com muito bons olhos. Que é que o detém?

— Você bem sabe — disse Nadine. — Ele não quer meter-se nisso sem você.

— É absurdo. Ele encontrará os colaboradores que quiser.

— Não é a mesma coisa — revidou Nadine, prontamente. — Ele teria necessidade de alguém em quem pudesse confiar de olhos fechados. Mudou, você sabe — acrescentou ela. — Deve ser a idade. Crê-se incapaz de tudo.

— Acho que, mesmo assim, acabará por decidir-se. Todo o mundo o empurra nessa direção.

Nadine procurou o olhar de Henri.

— Se não fôssemos para a Itália, você gostaria de ocupar-se nisso?

— A gente vai justamente fugir desse tipo de coisas.

— Não eu — disse ela. — Vou viver ao sol, num belo lugar.

— Certamente, há isso também.

Nadine estendeu a mão para as cartas.

— Posso ler?

— Se lhe dá prazer!

Henri pôs-se a folhear os exemplares do *Argus*, mas sem convicção. Não iria mais ocupar-se da *Vigilance*, isso tudo não lhe dizia mais respeito.

— É gentil a carta do estudantezinho — disse Nadine.

Henri começou a rir:

— Aquele que diz que minha vida lhe serve de exemplo?

— A gente segue os exemplos que pode seguir — disse Nadine, sorrindo.

— Falando sério — continuou ela —, o rapaz compreendeu certas coisas.

— Sim. Mas aquela ideia do homem total é idiota. De fato, sou um escritor pequeno-burguês que dá seu jeito mais ou menos, antes menos do que mais, quanto às suas obrigações e seus gostos: nada além disso.

O semblante de Nadine anuviou-se:

— E eu? Que é que eu sou?

Henri encolheu os ombros:

— A verdade é que a gente não deve preocupar-se com o que é. Nesse plano, a gente nunca se sai muito bem.

Nadine o olhou, com ar de indecisão:

— Em que outro plano você quer que eu me coloque?

Henri nada respondeu. E ele: em que plano iria colocar-se, quando estivesse na Itália? Recomeçaria a apaixonar-se pelo que escrevesse; então, não seria mais tentado a discutir a respeito de si próprio como escritor. Que fosse. Mas ser um escritor não justifica tudo. Tinha dificuldade em ver uma maneira de evitar pensar em si.

— Você tem Maria, tem sua vida, tem coisas que a interessam — disse ele, francamente.

— Tenho também muito tempo. Em Porto Venere a gente terá tempo de sobra.

Henri encarou Nadine:

— Isso lhe causa medo?

— Não sei — respondeu ela. — Percebo que, antes de ter esta passagem no bolso, nunca acreditara realmente nessa viagem. Você acreditava?

— Evidentemente.

— Não é tão evidente — tornou Nadine, a voz um tanto agressiva. — A gente fala, troca correspondência, faz preparativos. Mas, enquanto não sobe ao trem, poderia muito bem não passar de uma brincadeira. —

Acrescentou: — Será que você ao menos está certo de que tem vontade de ir?

— Por que me pergunta isso?

— Uma impressão minha.

— Pensa que tenho medo de aborrecer-me com você?

— Não. Você me disse vinte vezes que eu não o aborrecia, decidi acreditar em suas palavras — respondeu Nadine, num tom grave. — Penso no todo...

— Que todo? — perguntou Henri.

Ele estava um pouco irritado. Isso era bem Nadine: ela queria coisas mais avidamente do que qualquer um, e, quando as obtinha, perturbava-se. Foi ela quem teve a ideia dessa casa. Parecia apegar-se tão fortemente à ideia que nem por um instante Henri tornou a discutir o projeto. Subitamente, ela o deixava só, em face de um futuro que já não era determinado.

— Você diz que não lerá mais os jornais: mas vai lê-los — disse Nadine. — Será engraçado, quando recebermos a *Vigilance*, ou esse semanário, se sair algum dia.

— Escute — disse Henri —, quando a gente se ausenta, assim, por muito tempo, há sempre um mau momento a passar. Não é uma razão para mudar bruscamente todos os planos.

— Seria estúpido partir só para não mudarmos nossos planos — disse Nadine, gravemente.

— Você ouviu o que dizia seu pai outro dia? Se eu ficasse, tudo recomeçaria, como antigamente, quando você me censurava por não arranjar tempo para viver.

— Eu disse muitas asneiras antigamente.

— Este ano arranjei tempo e fui muito feliz — declarou Henri. — Vou para a Itália, a fim de que isto continue.

Nadine olhou-o hesitante:

— Se você realmente pensa que será feliz lá...

Henri não respondeu. Feliz: o fato era que esta palavra não tinha mais sentido. O mundo, nunca a gente o possui; também não podemos nos proteger contra ele. Está-se dentro dele, é tudo. Em Porto Venere, como em Paris, toda a Terra lhe estaria presente à volta, com suas misérias, seus crimes, suas injustiças. Ele podia empregar o resto da vida em fugir;

jamais estaria a salvo do mundo. Leria os jornais, ouviria o rádio, receberia cartas. Tudo o que lucraria seria poder viver: “Nada posso contra isso.” Bruscamente, alguma coisa explodiu em seu peito. Não. A solidão que o abafava esta noite, essa impotência muda, não era o que ele queria. Não. Não aceitaria dizer a si mesmo, para sempre: “Tudo acontece sem mim.” Nadine tinha enxergado bem: nem por um instante ele havia realmente escolhido esse exílio. Repentinamente, verificou que fazia dias aquela ideia lhe causava horror.

— Você ficaria contente, se permanecêssemos aqui? — perguntou ele.

— Estarei contente em toda parte, se você o estiver — disse ela, com arrebatamento.

— Você desejaria viver ao sol, num belo lugar?

— Sim. — Nadine hesitou: — Você sabe, as pessoas que sonham com o paraíso, quando são encostadas à parede, não têm tanta pressa de ir para lá.

— Em outras palavras, você lamentaria partir?

Nadine olhou-o com expressão séria:

— Peço-lhe uma coisa! Faça o que for do seu agrado. Penso que ainda sou tão egoísta como antes — acrescentou —, porém menos teimosa. Se eu me convencesse de haver-lhe forçado a algo, isso me envenenaria a vida.

— Já não sei mais o que desejo — disse Henri. Levantou-se e pôs, na vitrola, um dos discos que acabara de comprar. Se não partisse, não teria muito tempo para escutá-los. Olhou ao seu redor. Se não partisse, sabia o que esperava; desta vez, estava prevenido: “Pelo menos, evitarei certas armadilhas”, disse a si mesmo. E pensou, com resignação: “Cairei em outras.”

— Quer ouvir um pouco de música? — perguntou. — Não temos necessidade de resolver nada esta noite.

Entretanto, ele sabia que já tinha sido resolvido.

Capítulo XII

Será que eu já pressentia que iria até esse ponto? Quando roubei aquele frasquinho da bolsa de Paule, esperava jogá-lo fora: e escondi-o no fundo de minha caixa de luvas. Basta subir ao meu quarto, basta um gesto, e terei acabado com tudo. Tranquiliza-me pensar assim. Apoio minha face sobre a relva quente, digo em voz baixa: “Quero morrer.” E minha garganta se desfoga, sinto-me, de súbito, muito calma.

Não é por causa de Lewis. Faz quinze dias que a grande orquídea murchou, que eu a joguei fora; um caso acabado. Já em Chicago, comecei a curar-me: ficarei curada, não poderei deixar de me curar. Não é por causa desses homens que são assassinados um pouco por toda parte, nem por causa da ameaça de guerra: ser morto ou morrer não faz tanta diferença, e todo o mundo morre, quase com a mesma idade, em torno de quarenta anos. Não. Nada disso me toca. Se as coisas me tocassem, eu me sentiria viva, não desejaria deixar de estar viva. Mas de novo, como naquele dia de meus quinze anos, em que gritei de medo, a morte me acua. Não tenho mais quinze anos. Não tenho mais forças para fugir. Por causa de alguns dias de espera, o condenado à morte enforca-se na cela: e gostariam de que eu tivesse paciência, durante anos! Para quê? Estou cansada. A morte parece muito menos terrível, quando se está cansado. Se posso morrer do desejo que tenho por ela, que isso seja aproveitado.

Faz quase quinze dias que dura esta situação: desde o momento em que desembarquei em Paris. Robert me esperava na estação dos Invalides. Ele não me viu imediatamente. Andava ao longo da calçada, a passinhos de velho, e eu pensei num relâmpago: “Ele está velho!” Sorriu-me, seu olhar era sempre tão jovem! Mas seu semblante começou a desfazer-se, e se desfazá até o dia em que se decompuser. Desde então, não deixei mais de pensar: “Ele tem ainda dez ou quinze anos pela frente, talvez vinte; vinte anos é pouco! E depois, morrerá. Morrerá antes de mim.” À noite, desperto sobressaltada, digo a mim mesma: “Ele morrerá antes de mim.”

Esta manhã, ele falava com Henri, diziam que era necessário recomeçar, que a gente sempre recomeça, que não se pode agir de outro modo, traçavam planos, discutiam. E eu lhe olhava os dentes. Só isso é leal num corpo: os dentes, nos quais o esqueleto se descobre. Eu olhava o esqueleto de Robert, e dizia a mim mesma: “Ele aguarda a sua hora.” A hora virá. Deixam-nos arrastar por um tempo mais ou menos longo, porém não há, jamais, perdão. Verei Robert estirado numa cama, a cútis cor de cera, um sorriso falso nos lábios. Estarei sozinha diante do seu cadáver. Que mentira: os tranquilos mortos de pedra, dormindo juntos nas criptas, e esses esposos enlaçados, sobre as urnas funerárias! Nossas cinzas podem ser misturadas: nossas mortes não serão confundidas. Durante vinte anos acreditei que vivíamos juntos. Mas, não. Cada um está só, encerrado no seu corpo, com suas artérias endurecendo sob a pele dessecante, com seu fígado, seus rins, que se desgastam, e seu sangue, que empalidece; com sua morte que amadurece surdamente em si e o separa de todos os outros.

Sei o que Robert me diria, ele já me disse: “Não sou um morto em *sursis*, sou um vivo.” Ele me havia convencido. É que então ele falava a uma viva, e a vida é a verdade dos vivos. Eu brincava com a ideia de morte: somente com a ideia; ainda era deste mundo. Hoje, a coisa é outra. Não brinco mais. A morte está aí. Mascara o azul do céu, submergiu o passado e devorou o futuro; a Terra é gelada, o nada a retomou. Um sonho mau flutua ainda através da eternidade, uma bolha, que vou estourar.

Ergo-me sobre um cotovelo. Olho a casa, a tília, o berço em que dorme Maria. É um dia como os outros. E, aparentemente, o céu é azul. Mas que deserto! Tudo silencia. Talvez este silêncio seja apenas o silêncio do meu coração. Não há mais amor em mim: por ninguém, por nada. Eu pensava: “O mundo é vasto, inesgotável, a gente não tem uma existência que baste para saciar-nos dele!” E eu o vejo com indiferença, não é mais do que um imenso exílio. Que me importam as longínquas galáxias e os bilhões de homens que me ignoram para sempre? Não tenho senão minha vida, só ela conta e, justamente, não conta mais. Já não vejo nada para fazer na Terra. Meu trabalho... que brincadeira! Como ousaria eu impedir uma mulher de chorar, obrigar um homem a dormir? Nadine ama Henri, nada mais represento para ela. Robert foi feliz comigo como o teria sido com outra, ou sozinho. “Dê-lhe papel, tempo, e nada lhe faltará.” Ele terá saudades de mim, certamente. Mas não é dotado para saudades. E, ademais, logo estará

debaixo da terra, ele também. Lewis tinha necessidade de mim. Pensei: “É muito tarde para começar, muito tarde para recomeçar.” Arranjei razões; todas elas me abandonaram; ele já não tem necessidade de mim. Esforço-me por escutar: nem um apelo, em parte alguma. Coisa alguma me defende contra este frasquinho que espera por mim, lá no fundo de minha caixa de luvas.

Levantei-me. Olhei para Maria. No seu rostinho fechado, é ainda minha morte que vislumbro. Um dia, ela terá minha idade e eu já não existirei. Ela dorme, respira, é bem real: é a realidade do futuro e do esquecimento. Será outono, e ela passeará, talvez neste jardim, ou em outra parte. Se, por acaso, pronunciar meu nome, ninguém lhe responderá: meu silêncio se perderá no silêncio universal. Todavia, ela não o pronunciará: minha ausência será tão perfeita, que todos vão ignorá-la. Este vazio causa-me vertigens.

Entretanto, lembro-me, a vida às vezes foi bela como um parque de diversões e o sono, suave como um sorriso. Em Gao, dormíamos no terraço do hotel; de madrugada, a brisa se engolfava nos mosquiteiros e a cama balouçava como um barco. Foi sobre o convés de um navio cheirando a alcatrão que uma grande lua cor de laranja se levantou por detrás de Egina. O céu e a terra se confundiam nas águas do Mississippi, a rede balançava no pátio, onde coaxavam sapos, e eu via as constelações empurrarem-se, acima de minha cabeça. Dormi na areia das dunas, no feno das granjas, sobre o musgo, sobre os espinhos secos dos pinheiros, sob barracas, no estádio de Delfos e no teatro de Epidauro, tendo o céu por teto; sobre o chão de salas de espera, sobre banquetas de madeira, em velhas camas com dosséis, em grandes camas rústicas, recheadas com plumas, e sobre terraços, sobre bancos, sobre telhados. Também dormi em braços.

Basta! Cada recordação desperta uma agonia. Quantos mortos trago em mim! Morta a menininha que acreditava no paraíso, morta a mocinha que achava imortais os livros, as ideias e o homem a quem amava, morta a mulher jovem, que passeava, satisfeitíssima, num mundo destinado à felicidade, morta a amante que despertava rindo nos braços de Lewis. Estão tão mortas como Diego e como o amor de Lewis; também elas não têm túmulo: por isso, é-lhes vedada a paz dos infernos; recordam-se,

ainda, fracamente; e reclamam, gemendo, o sono. Piedade para elas. Enterremo-las todas de uma vez.

Fui para casa. Passei silenciosamente diante da janela de Robert. Está sentado à sua mesa, trabalhando. Como ele está perto! Como está longe! Bastaria chamá-lo, e sorriria para mim: e depois? Sorriria à distância: uma distância intransponível. De sua vida para minha morte não há passagem. Subi para o meu quarto, abri a caixa de luvas: peguei o frasquinho. A morte que está dentro de mim, eu a detenho na minha mão: exatamente um frasquinho marrom. De repente, ela não me ameaça mais, ela depende de mim. Deitei-me na cama, apertando o frasquinho. Fechei os olhos.

Sentia frio e, entretanto, estava suando; tinha medo. Alguém iria envenenar-me. Era eu, já não era mais eu, a noite era escura, tudo se achava muito longe. Apertei o frasquinho. Tinha medo. Mas queria vencer o medo, com toda a minha alma. Eu o vencerei. Beberei. Do contrário, tudo recomeçará. Eu não quero. Tudo recomeçará; tornarei a encontrar minhas ideias em ordem, sempre na mesma ordem, e também as coisas, e as pessoas, Maria em seu berço, Diego em parte alguma, Robert marchando tranquilamente para a morte, Lewis para o esquecimento, eu para a razão, a razão que mantém a ordem: o passado pelas costas, o futuro à frente, invisível, a luz separada das trevas, este mundo emergindo vitoriosamente do nada, e meu coração precisamente lá, onde ele está batendo: nem em Chicago, nem perto do cadáver de Robert, mas na sua caixa, sob minhas costelas. Tudo recomeçará. Direi a mim mesma: “Tive uma crise de depressão.” O motivo que me prega a esta cama, eu o explicarei por depressão. Não! Reneguei bastante, esqueci bastante, fugi bastante, menti bastante; uma vez, uma só vez e para sempre, quero fazer a verdade triunfar. A morte venceu: no momento, ela que é verdadeira. Basta um gesto, e esta verdade se tornará eterna.

Abri os olhos. Era dia. Entretanto, não havia mais diferença entre o dia e a noite. Eu flutuava por cima do silêncio: um grande silêncio religioso, como no tempo em que me deitava sobre meu edredom, à espera de um anjo que me buscasse. O jardim, o quarto estavam quietos. Eu também. Já não tinha medo. Tudo consentia em minha morte. Eu consentia. Meu coração não bate mais por ninguém: é como se já não batesse absolutamente, como se os outros homens já se tivessem desfeito em pó.

Ruídos subiram do jardim: passos, vozes; entretanto, não perturbavam o silêncio. Eu via e estava cega, ouvia e estava surda. Nadine disse muito alto, e com voz irritada:

— Mamãe não deveria ter deixado Maria sozinha! — As palavras passaram por sobre a minha cabeça, sem tocar-me; as palavras deles já não podiam atingir-me. De súbito, houve em mim um eco mais fraco: um ruídozinho atormentador. Algo aconteceu? Maria só no gramado: um gato poderia arranhá-la; um cachorro mordê-la. Não: ria-se no jardim; mas o silêncio não se fechou de novo. O eco repetiu: “Eu não deveria.” E imaginei a voz de Nadine, excessiva e indignada: “Você não deveria! Não tinha o direito!” O sangue subiu-me ao rosto e algo vivo me queimou o coração: “Não tenho o direito!” A queimadura me acordou. Reapruisei-me. Olhei as paredes estupidamente. Conservava na mão o frasquinho. O quarto estava vazio, mas eu não me encontrava só. Eles entrarão no quarto. Não verei nada, não me verão. Como não pensei nisso? Não posso impor-lhes meu cadáver e tudo o que conseqüentemente ocorrer em seus corações: Robert debruçado sobre a cama, Lewis na sua casa de Parker, com palavras a dançar diante dos olhos, os furiosos soluços de Nadine. Não posso. Levantei-me, dei alguns passos, caí sentada diante da penteadeira. É estranho! Morrerei só: entretanto, minha morte... são os outros que a viverão.

Muito tempo permaneci diante do espelho, olhando para o meu semblante de pessoa salva. Os lábios se teriam tornado azuis; as narinas, afiladas; não, porém, para mim: para eles. Minha morte não me pertence. O frasquinho ainda está aí, ao alcance de minha mão, e a morte sempre presente: mas os vivos estão-no ainda mais. Pelo menos, enquanto Robert viver, não poderei escapar-lhes. Arrumo o frasquinho. Condenada à morte; mas também condenada a viver. Por quanto tempo? Dez anos? Vinte anos? Eu dizia: Vinte anos é pouco. Agora, dez anos me parecem infinitos, um longo túnel negro.

— Você não vai descer?

Nadine bateu, entrou, está de pé ao meu lado. Sinto que empalideço. Ela teria entrado, veria a mim na cama, o corpo em convulsões: que horror!

— Que é que você tem? Está doente? — perguntou ela, com voz inquieta.

— Estava com dor de cabeça. Subi para tomar aspirina.

Minha voz sai sem esforço da boca, parece-me normal.

— E deixou Maria sozinha! — disse Nadine, num tom repreensivo.

— Eu teria descido imediatamente, mas ouvi você. Então fiquei descansando um momento. — Acrescento: — Estou bem melhor.

Nadine me olhou, desconfiada: mas tudo o que ela suspeita é que eu tenha aborrecimentos sentimentais.

— É verdade? Sente-se melhor?

— A aspirina me fez bem. — Levanto-me para escapar daquele olhar inquiridor: — Vamos descer.

Henri estendeu-me um copo de uísque. Ele examinava papéis em companhia de Robert, que se pôs a explicar-me coisas, com alegria. Perguntei a mim mesma, com assombro: “Como pude ser tão irrefletida? Como não pensei nos remorsos sem fim que lhe preparava?” Não, não tinha havido irreflexão. Durante um momento, eu havia realmente passado para o lado de lá, lá onde coisa alguma tem valor, onde tudo é igual a nada.

— Está-me ouvindo? — perguntou Robert. Sorriu para mim: — Onde você está?

— Aqui — respondi.

Estou aqui. Eles vivem, falam comigo, estou viva. De novo, saltei na vida de cabeça. As palavras me entram nos ouvidos, ganham pouco a pouco uma significação. Aí estão os estudos detalhados do semanário e os projetos que Henri propõe. Será que eu não tenho uma ideia para o nome? Nenhum daqueles em que pensaram até agora agrada. Procuro um nome. Digo a mim mesma que, uma vez que eles foram fortes o bastante para arrancar-me da morte, talvez saibam ajudar-me a viver de novo. Com certeza o saberão. Ou a gente desvanece na indiferença, ou a terra se repovoa. Não desvaneci. Já que meu coração continua batendo, será preciso que bata por alguma coisa, por alguém. Já que não sou surda, ouvirei chamarem-me de novo. Quem sabe? Talvez um dia eu seja novamente feliz. Quem sabe?

Sobre a autora

Simone de Beauvoir nasceu em Paris em 9 de janeiro de 1908, numa típica família burguesa da França. Criada de forma bastante tradicional por pais extremamente católicos, ainda na adolescência rejeitou os valores morais e religiosos de sua família. Formou-se em filosofia na Sorbonne, onde conheceu Jean-Paul Sartre, em 1928, tornando-se sua companheira e maior crítica.

Entre 1941 e 1943, Simone lecionou filosofia na mesma universidade que estudou, sendo demitida pelos nazistas. Em 1943, lançou seu primeiro livro, o romance *A convidada*, e, em 1949, os dois volumes de *O segundo sexo*. Depois da guerra, junto com Sartre e Merleau-Ponty, fundou a revista *Les Temps Modernes*, que durante 25 anos foi uma das maiores arenas do debate político e filosófico mundial.

Entre romances, ensaios e livros de memória, Simone de Beauvoir lançou mais de vinte obras. Morreu em 14 de abril de 1986, em Paris, e foi enterrada junto a Sartre.

DIREÇÃO GERAL
Antônio Araújo

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Mariana Teixeira

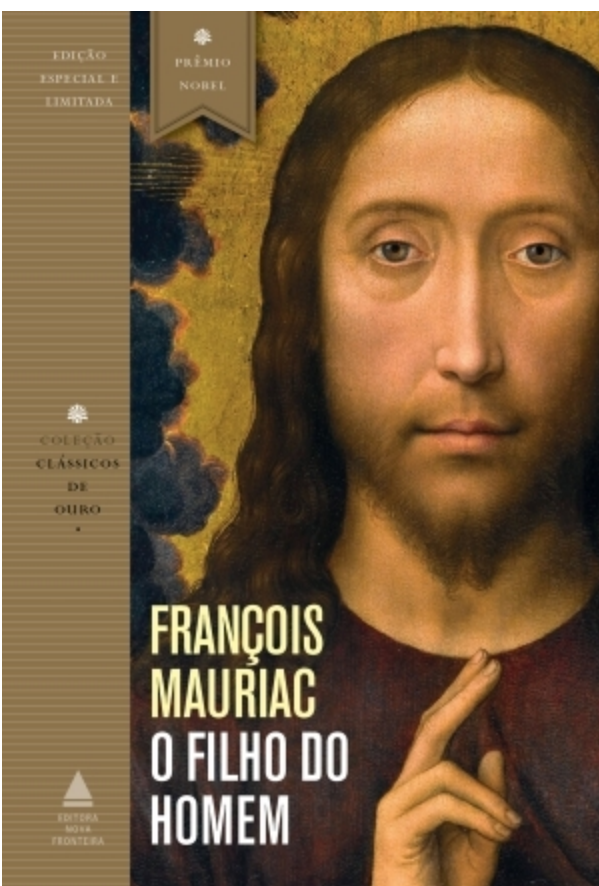
REVISÃO
Fernanda Mello

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

CAPA
Victor Burton

PRODUÇÃO DE EBOOK
[S2 Books](#)

Este livro foi impresso em 2017
para a Nova Fronteira.



O filho do homem

Mauriac, François

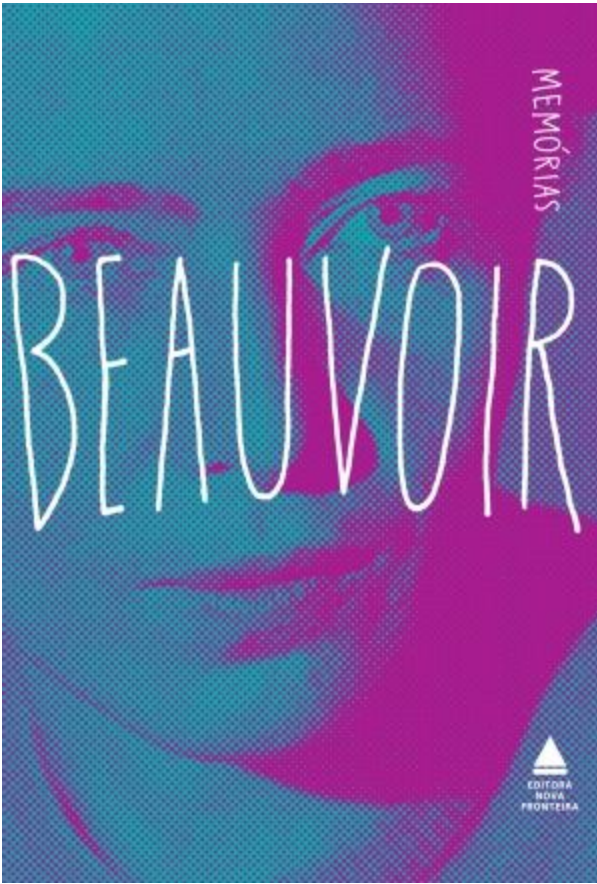
9788520943090

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição especial e limitada Em 1952, o Prêmio Nobel de Literatura foi concedido a François Mauriac pela "intensidade artística com que, em seus romances, ele penetrou o drama da vida humana". De fato, cada frase sua é capaz de levar o homem ao encontro de seus anseios e suas fraquezas mais profundos — em poucas palavras, ao que ele possui de mais universal. A leitura de O Filho do Homem torna evidente por que Mauriac conquistou não somente o Prêmio Nobel, mas também um lugar certo no rol dos maiores escritores do século xx. Tanto seu discernimento espiritual quanto a intensidade de sua escrita resultam, não há dúvidas, do princípio contemplativo com que se relacionava com a figura de Jesus Cristo — uma relação que, nestas páginas, transborda em algumas das mais belas linhas da literatura mundial. Conduzidos pelas palavras de Mauriac, observamos a vida de Cristo como se a testemunhássemos, o que inviabiliza uma postura indiferente diante do convite de identificar, com a d'Ele, a nossa própria vida.

[Compre agora e leia](#)



Box Memórias de Simone de Beauvoir

de Beauvoir, Simone

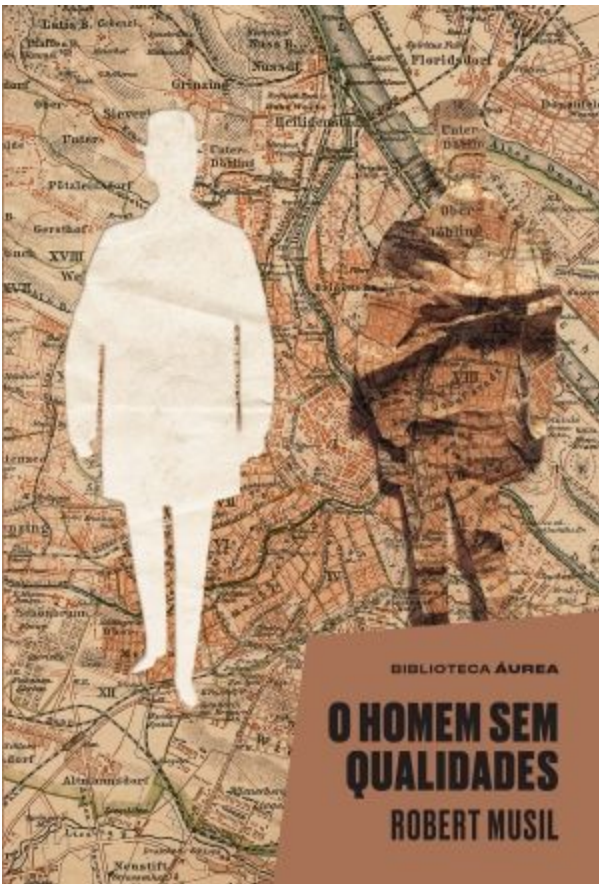
9788520942376

1416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ícone do pensamento filosófico feminista e uma das principais representantes do movimento existencialista francês do século XX, Simone de Beauvoir completaria 110 anos em 2018. Em sua homenagem, a Nova Fronteira lança o box especial Memórias, com a trilogia autobiográfica da escritora e filósofa. No primeiro volume, Memórias de uma moça bem-comportada, Simone nos mostra sua infância religiosa numa família de classe média parisiense, a adolescência rebelde e a posterior devoção à literatura. Ela evoca vividamente suas amizades, seus interesses amorosos, seus mentores e o início da duradoura relação com o escritor e filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Já A força da idade compreende um período particularmente fecundo de sua trajetória, de 1929 a 1944, constituindo-se num relato dos anos decisivos na formação literária, filosófica e política da intelectual francesa. O terceiro volume, A força das coisas, inicia-se na Paris da Libertação, com a abordagem de acontecimentos políticos, relatos de viagens, pessoas e filmes que marcaram sua vida.

[Compre agora e leia](#)



O Homem Sem Qualidades

Musil, Robert

9788520943595

1248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta que é considerada uma das obras literárias mais importantes do século XX, o autor Robert Musil tece uma intrincada trama centralizada em Ulrich. O personagem vive diversas experiências, viaja ao exterior e, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, retorna a Viena, convivendo com os mais diversos tipos humanos. Este romance-ensaio mostra a decadência dos valores vigentes até o início do século passado, marcando a perda de posição da Europa na decisão dos rumos políticos e econômicos mundiais.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" "Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)